UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Letras
Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários

Maíra Borges Laranjeira

A REPRESENTAÇÃO DAS BRUXAS E DA BRUXARIA NA LITERATURA LATINA DA ANTIGUIDADE CLÁSSICA

Belo Horizonte
2025

Maíra Borges Laranjeira

A REPRESENTAÇÃO DAS BRUXAS E DA BRUXARIA NA LITERATURA LATINA DA ANTIGUIDADE CLÁSSICA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Letras, na área de Literaturas Clássicas e Medievais; Literatura Latina. Linha de Pesquisa: Literatura, História e Memória Cultural.

Orientadora: Prof.ª Dr.ª Sandra Maria Gualberto Braga Bianchet

Belo Horizonte

2025

Laranjeira, Maíra Borges.
O96.Yl-r A representação das bruxas e da bruxaria na literatura latina da antiguidade clássica [manuscrito] / Maíra Borges Laranjeira. – 2025.
1 recurso online (398 f.: il.) : pdf.

Orientadora: Sandra Maria Gualberto Braga Bianchet.

Área de concentração: Literaturas Clássicas e Medievais; Literatura Latina.

Linha de pesquisa: Literatura, História e Memória Cultural.

Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 238-242.

Anexos: f. 243-409.

Exigências do sistema: Adobe Acrobat Reader.

1. Ovídio – Crítica e interpretação – Teses. 2. Sêneca, ca.4 a.C.-ca. 65 d.C. – Crítica e interpretação – Teses. 3. Virgílio, 70 a.C.-19 a.C. – Crítica e interpretação – Teses. 4. Horácio – Crítica e interpretação – Teses. I. Bianchet, Sandra Maria Gualberto Braga. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD: 870.9

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Priscila Oliveira da Mata - CRB/6- 2706
Biblioteca Professor Rubens Costa Romanelli - FALE/UFMG

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS: ESTUDOS LITERÁRIOS

FOLHA DE APROVAÇÃO

Tese intitulada *A representação das bruxas e da bruxaria na literatura latina da antiguidade clássica*, de autoria da Doutoranda MAÍRA BORGES LARANJEIRA, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da Faculdade de Letras da UFMG, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Letras: Estudos Literários.

Área de Concentração: Literaturas Clássicas e Medievais/Doutorado

Linha de Pesquisa: Literatura, História e Memória Cultural

Aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:

Profa. Dra. Sandra Maria Gualberto Braga Bianchet (POSLIT/FALE/UFMG) - Orientadora

Profa. Dra. Heloísa Maria Moraes Moreira Penna (POSLIT/FALE/UFMG)

Prof. Dr. Matheus Trevizam (POSLIT/FALE/UFMG)

Profa. Dra. Renata Cazarini de Freitas (UFF)

Profa. Dra. Semíramis Corsi Silva (UFU)

Belo Horizonte, 23 de junho de 2025.

Documento assinado eletronicamente por **Matheus Trevizam**, **Professor do Magistério Superior**, em 24/06/2025, às 12:12, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **Renata Cazarini de Freitas**, **Usuária Externa**, em 24/06/2025, às 13:34, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **Heloisa Maria Moraes Moreira Penna**, **Professora do Magistério Superior**, em 24/06/2025, às 22:53, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **Semíramis Corsi Silva**, **Usuária Externa**, em 25/06/2025, às 09:34, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **Sandra Maria Gualberto Braga Bianchet**, **Professora do Magistério Superior**, em 26/06/2025, às 15:57, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4310441** e o código CRC **B6D4141A**.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, pelo amor e apoio incondicionais.

Aos meus avós, especialmente às minhas avós Maria e Laurinda, pelo afeto e por serem presenças constantes em minha vida.

À minha orientadora, Sandra Bianchet, pela dedicação, paciência, incentivo e confiança depositada em mim ao longo da jornada de elaboração deste trabalho.

A todos, meu mais profundo agradecimento.

“Ela colhe as ervas mortíferas, espreme/ o veneno das serpentes e mistura, com aves agoirentas,/ o coração de um bufo aziago e as vísceras de uma rouca estrige,/ extirpadas enquanto estava viva. A artífice de delitos/ separa-os por ordem: umas têm a força voraz do fogo,/ outras contêm o glacial gelo de um frio entorpecedor./ Junta aos venenos palavras não menos temíveis/ do que aqueles. Ouçam, é o seu andar tresloucado que ressoa/ e as suas canções! O universo estremece às suas primeiras palavras.” (Sêneca, séc. I d.C.) Tradução de Ana Alexandra Alves de Souza. *Medeia*. Tradução do Latim, introdução e notas. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013.

RESUMO

Este trabalho demonstra a presença da magia na literatura latina da antiguidade clássica e elabora interpretações sobre a representação das bruxas e da bruxaria nesse período. Nossa proposta consiste em analisar o modo como os agentes mágicos e suas práticas foram retratados em Roma a partir de um *corpus* literário que abrange desde o final da República até 161-180 d.C., aproximadamente. Temos o intuito de investigar retratos literários que transitam ao redor da construção cultural de gênero, repressão religiosa, entre outras questões, que frequentemente orbitam a temática da bruxaria. Para explicar a prática mágica como uma realidade social, nos apoiamos em bases historiográficas, epigráficas e antropológicas com o objetivo de compreender a correlação entre o fenômeno dos rituais de feitiçaria e suas representações na literatura. Os textos escolhidos, em poesia e prosa, tratam das artes mágicas desempenhadas por magas mitológicas como Medeia, descrita por Ovídio e Sêneca, e de outras personagens criadas por escritores latinos, como as feiticeiras e feiticeiros de Virgílio, Horácio, Lucano, Petrônio e Apuleio.

Palavras-chave: magia; bruxas; alteridade; Antiguidade Clássica; personagens femininas.

ABSTRACT

This work demonstrates the presence of magic in Latin literature of classical antiquity and elaborates interpretations on the representation of witches and witchcraft during this period. Our proposal consists of analyzing how magical agents and their practices were portrayed in Rome based on a literary corpus that spans from the end of the Republic to approximately 161-180 AD. We intend to investigate literary portrayals that revolve around the cultural construction of gender, religious repression, and other issues that frequently orbit the theme of witchcraft. To explain magical practice as a social reality, we rely on historiographical, epigraphical, and anthropological bases in order to understand the correlation between the phenomenon of witchcraft rituals and their representations in literature. The selected texts, in poetry and prose, deal with the magical arts performed by mythological sorceresses such as Medea, described by Ovid and Seneca, and other characters created by Latin writers, such as the sorceresses and sorcerers of Virgil, Horace, Lucan, Petronius, and Apuleius.

Keywords: magic; witches; otherness; classical antiquity; female characters.

SUMÁRIO

I. Introdução **12**

1. CAPÍTULO 1. As práticas religiosas na Roma antiga

1.1. A religião oficial em Roma **21**

1.2. A religião votiva **23**

1.3. Seitas e cultos mistéricos **26**

2. CAPÍTULO 2. Práticas mágicas em Roma

2.1. A Magia como prática proibida **28**

2.2. A influência cultural egípcia no mediterrâneo: As fórmulas mágicas egípcias **37**

2.3. As origens do termo 'magia' **41**

2.4. Epigrafia latina: as *tabellae defixionum* **48**

3. CAPÍTULO 3. A feitiçaria do ponto de vista antropológico

3.1. Identificando a feitiçaria a partir de estudos antropológicos **57**

4. CAPÍTULO 4. Feitiçaria e feiticeiros na literatura latina

4.1. Bucólica VIII (excerto) – Virgílio **65**

4.2. Epodo V – Horácio **75**

4.3. Epodo XVII – Horácio **85**

4.4. Sátira 8.1 – Horácio **93**

4.5. *Eneida*: Canto IV (excerto) – Virgílio **101**

4.6. *Amores*: 1.8 – Ovídio **106**

4.7. *Metamorfoses*: Canto VII (excerto) – Ovídio **112**

4.8. *Medeia* (excerto) – Sêneca **128**

4.9. *Farsália*: Canto VI (excerto) – Lucano **150**

4.10. *Satyricon* (excerto) – Petrônio **182**

4.11. *Metamorfoses* (excerto) – Apuleio **199**

5. Considerações finais 232

Referências bibliográficas 238

Anexo – Textos 243

Bucólica VIII (excerto) – Virgílio 243

***Eneida*: Canto IV (excerto) – Virgílio 250**

Epodo V – Horácio 254

Epodo XVII – Horácio 262

Sátira 8.1 – Horácio 269

***Amores*: 1.8 – Ovídio 274**

***Metamorfoses*: Canto VII (excerto) – Ovídio 282**

***Medeia* (excerto) – Sêneca 305**

***Farsália*: Canto VI (excerto) – Lucano 318**

***Satyricon* (excerto) – Petrônio 345**

***Metamorfoses* (excerto) – Apuleio 362**

I. Introdução

A partir da análise da representação literária e da pesquisa teórica sobre magia na antiguidade, propomos uma abordagem sobre as práticas mágicas que dialogasse também com estudos antropológicos sobre o tema. Demonstraremos, a partir das considerações de diferentes estudiosos, que a feitiçaria existiu como um costume real e muito próximo dos indivíduos na sociedade romana, mas que possui várias formas de representação nos textos literários da época.

Verifica-se nos estudos realizados por antropólogos a apresentação da magia como um fenômeno global, que se manifesta em todas as civilizações, normalmente explorando os aspectos históricos, sociais e culturais. Há diversas tentativas de definir a magia em termos universais ou mais específicos, contrastando-a com outras categorias mais amplas e potencialmente fluidas, como a religião e a ciência. Observa-se, frequentemente, o exame de diferentes formas de práticas mágicas e os propósitos para os quais têm sido utilizadas, bem como o debate sobre sua eficácia, sua realidade e sua moralidade. Outro ponto importante é a associação da magia a certos fatores sociais como gênero, etnia, *status* social, entre outros.

Compreendemos que tentar definir o conceito de "magia", e, principalmente de "feitiçaria" ou "bruxaria", que são as práticas mágicas com conotações negativas ou ambíguas, seria tarefa quase impossível no espaço limitado de uma tese. A definição de "feitiçaria" ou de "bruxaria" consiste em um tema aporético, ou seja, resultará em um impasse ou contradição lógica, tendendo sempre ao estado de dúvida. Este é um assunto que terminaria sem uma conclusão nítida, deixando o problema em aberto.

Devido à constatação da complexidade de definição do termo "magia" e seus correlatos, buscamos algumas diretrizes para nos guiar no decorrer deste estudo, com o intuito de organizar nossa análise. Nos primeiros capítulos do trabalho explanaremos as evidências históricas e arqueológicas que apontam para o uso real e cotidiano de rituais mágicos na antiguidade romana. Nos capítulos posteriores, demonstraremos, a partir dos textos literários, como as práticas mágicas foram descritas na poesia e na prosa latina.

Os textos selecionados para a análise foram escolhidos por descreverem práticas mágicas e agentes mágicos que preenchem certos requisitos, como: o exercício do oráculo fora dos círculos oficiais de sacerdócio ou qualquer outro ritual mágico ilícito que seja considerado criminoso; o uso da magia para fins pessoais; e a prática escusa, de caráter intimista, longe dos olhos do público. No universo romano, soma-se a esses o uso de coação ou ameaça contra os

deuses durante os encantamentos. Supõe-se que este costume possa ter origens no Egito e na Grécia antigos, como demonstra o conteúdo epigráfico de alguns papiros.

Dessa forma, justificamos também a ausência de alguns personagens que esperava-se compor este trabalho. A Sibila de Cumas, presente no Canto VI da *Eneida*, não será considerada uma bruxa, pois, embora tenha a cooperação de forças ctônicas, sua atuação como oráculo é lícita e se relaciona com o sagrado. Não citaremos igualmente os oráculos ocorridos nas épicas de Estácio e Silio Itálico, uma vez que esses autores seguiram o mesmo modelo de Virgílio e Homero, apresentando oráculos realizados por uma sacerdotisa sagrada.

Porém, iremos considerar a Sibila de Virgílio como uma das fontes para a composição imagética das bruxas na literatura latina pois, como veremos, certas características e gestos da profetisa foram emprestados às feiticeiras, especialmente à Ericto. A aparência das Fúrias (Erínias) – Tisífone, Megera e Alecto – também contribuíram para a representação das bruxas, assim como a deusa latina Fama, presente no Canto IV da *Eneida* e nas *Metamorfoses* de Ovídio. No entanto, a Sibila, as Fúrias e a Fama, embora tenham legado atributos físicos e psicológicos às bruxas latinas, suas personagens não convergem como feiticeiras. Em síntese, algumas bruxas latinas possuem características de personagens mitológicas, mas as figuras mitológicas não poderiam ser consideradas bruxas no contexto da literatura romana.

O *corpus* deste trabalho consiste em textos sobre bruxas e bruxaria produzidos na antiguidade em territórios romanos. Todos os autores que integram a pesquisa escreveram em língua latina e publicaram nos domínios de Roma, incluindo Apuleio, que exercia cargos públicos em uma importante província romana na África.

Os poemas e excertos analisados estão dispostos em ordem cronológica de sua publicação ou divulgação na época em que ocorreram. Para estabelecer essa ordem temporal utilizamos como base os dados fornecidos pelo estudioso Gian Biagio Conte (1999) em seu compêndio *Latin literature: a history*, uma obra de referência para os estudos clássicos.

Selecionamos de Virgílio o Livro VIII das *Bucólicas*, em que há uma narrativa sobre a fabricação de uma poção de amor feita por Alfesibeu para reconquistar seu amado Dafnis, sendo este o único personagem masculino que realiza um feitiço descrito em nosso *corpus*. O poema mostra em detalhes como se faz um encantamento amoroso utilizando-se de ervas e outros elementos. Também de Virgílio, temos alguns versos do Canto IV da *Eneida*, em que Dido descreve um ritual mágico encomendado por ela em seu palácio.

Alguns poemas de Horácio são imprescindíveis para esta pesquisa pois a forma escarnecedora com que trata a bruxaria em seus versos nos serve de referência sobre como a

prática poderia ser marginalizada no contexto político da época de Augusto. O autor se dedica ao tema da feitiçaria em seus Epodos V e XVII, e na Sátira 1.8.

Vários excertos do livro VII das *Metamorfoses* de Ovídio integram a nossa seleção pois descrevem Medeia como uma notável feiticeira. Em *Amores*, Livro I.8, também de Ovídio temos Dipsas, uma espécie de bruxa cafetina, que tira proveito financeiro dos homens ricos manipulando-os com seus artifícios mágicos através do agenciamento de moças jovens.

A tragédia *Medeia* de Sêneca retrata uma protagonista douta nas artes ocultas, conhecedora da ciência das poções mágicas, e poderosa canalizadora das forças da natureza. O autor dedica uma centena de versos para o ritual mágico de Medeia no qual ela prepara sua vingança contra Creonte e Creúsa.

Lucano, no Canto VI da *Farsália*, nos traz a personagem Ericto, a temida necromante com poderes de adivinhação. No poema épico, Sexto Pompeu procura a feiticeira para conhecer o desfecho da guerra civil.

No *Satyricon* de Petrônio, é narrada, em prosa, a saga de Encólpio. Em suas aventuras, o protagonista se depara com três bruxas que tentam curá-lo de suas moléstias: uma velha sem nome, e Enótia, sacerdotisa de Priapo, com sua ajudante, Proselenos. Além dessas temos uma quarta feiticeira não citada, mas que, subentende-se, seria a responsável pelos infortúnios do herói.

Apuleio, nas *Metamorfoses* ou *O asno de ouro*, assim como Petrônio, nos traz em prosa, as narrativas pitorescas de um homem, Lúcio, que foi transformado em asno por meio da bruxaria. Méroe e Pântia são descritas como bruxas cruéis que cometeram assassinatos utilizando-se de magia, e Pânfila é descrita como uma matrona feiticeira que utiliza suas artes para conquistar seus amantes e fugir para encontros amorosos. Além dessas, há menção de outras feiticeiras anônimas que fazem parte das lendas da Tessália, cidade grega misteriosa conhecida por seu misticismo. Ao longo da narrativa surgem também um adivinho charlatão e um mago necromante egípcio chamado Zatclas.

Optamos por utilizar traduções das obras latinas para o português de autores variados. Portanto as traduções utilizadas para os textos que compõem o *corpus* da tese são as seguintes:

1. Virgílio – *Bucólicas* (Livro VIII): CARVALHO, Raimundo. 2005.
Eneida – (Canto IV): NUNES, Carlos Alberto. 1983.
2. Horácio – Epodo V: SCHEID, José Ewaldo. 1997.
Epodo XVII: DURIENSE, Elpino. 1941.
Sátira 1.8: SCHEID, José Ewaldo, 1997.

3. Ovídio – *Amores* 1, 8: DUQUE, Guilherme Horst. 2015.
Metamorfoses, livro VII: JARDIM-JÚNIOR, David Gomes. 1983.
4. Sêneca – *Medeia* (Quarto episódio): SOUZA, Ana Alexandra Alves de. 2013.
5. Lucano – *Farsália* (Livro VI): GOUVÊA-JÚNIOR, Márcio Meirelles. 2025. Em fase de elaboração.
6. Petrônio – *Satyricon*: BIANCHET, Sandra Braga. 2004.
7. Apuleio – *Metamorfoses*: BIANCHET, Sandra Braga. 2020.

Na composição teórica dos capítulos, quando se fez necessário, realizamos nossa própria tradução de pequenos fragmentos do latim para o português, que está devidamente indicada com os dizeres "tradução nossa". Optamos por apresentar os textos em língua latina tendo como fonte as publicações da edição *Les Belles Lettres* da coleção de obras de literatura clássica.

Do ponto de vista antropológico, sabemos que a feitiçaria, como costume ou crença, era efetivamente praticada em Roma tanto por homens quanto por mulheres. No entanto, a maior parte das personagens retratadas na literatura como agentes mágicos são mulheres. Neste estudo, encontraremos sujeitos masculinos praticando magia em apenas três situações: quando são pastores, estrangeiros, ou anti-heróis contratando os serviços de uma feiticeira. E, enfatizamos, constituem minoria no universo literário latino.

Alguns trabalhos nas áreas da arqueologia e história que tratam sobre feitiços no mundo antigo, nos mostram, surpreendentemente, participação considerável dos homens na prática da magia. O tipo de vestígio arqueológico mais relevante para os estudos deste fenômeno, e da crença em feitiços de forma geral, são as *defixiones*, papiros e tabletes de pedra ou chumbo nos quais eram escritas maldições contra um rival ou adversário.

Por ser a feitiçaria aparentemente difundida em todas as classes sociais no mundo antigo, e ter praticantes de ambos os gêneros, segundo Freitas (2022), em seu estudo sobre as *defixiones*, podemos supor que a representação das bruxas como personagens predominantemente femininos na literatura latina denota uma distinção de valores e preconceitos relacionados ao gênero, como ficará explícito nas análises dos textos.

Entendemos ser importante também compreender, ainda que de forma suscinta, as semelhanças e diferenças entre religião oficial e feitiçaria. No contexto romano, não há apenas a dualidade 'religião *versus* magia', propostas por muitos antropólogos e historiadores, mas temos, a princípio, quatro categorias de crenças que devem ser levadas em consideração: a religião oficial, a religião votiva, os cultos mistéricos e a feitiçaria.

Além da religião votiva, comumente praticada pela população, os cultos mistéricos foram adotados sobretudo pela classe intelectual de filósofos, escritores, poetas, oradores etc. Em algumas épocas, as práticas dos cultos foram associadas a figuras políticas importantes como Sexto Pompeu, e aos próprios imperadores, como Nero.

Realizaremos o estudo sobre a representação da bruxaria na literatura latina, abrangendo obras desde o século I a.C. a meados do século II d.C. O tema será desenvolvido através da análise dos textos literários em poesia e prosa com o intuito de elucidar e interpretar a expressão dos escritores em relação às feiticeiras e suas práticas. Observaremos de que forma os autores escolheram retratar a bruxaria e a feitiçaria dentro dos limites do gênero literário por eles. É indispensável também a descrição de bruxas e feiticeiras, pois seria incoerente a dissociação entre o agente e a ação mágica.

Na antiguidade, como nos mostra Silva (2006), a legislação romana abordou com rigidez a prática de feitiçaria. A *Lei das XII Tábuas* já previa pena capital para aqueles que usassem conjuros para causar danos a alguém ou às lavouras. Em 81 a.C., Sila instituiu a *Lex Cornelia de sicariis et veneficiis* que se mostrava mais detalhista em relação à proibição do uso de encantamentos. Em 33 a.C., Agripa, edil e homem de confiança de Otávio, proíbe a permanência de magos e adivinhos no território de Roma, o que sugere a preocupação das autoridades em conter as práticas de feitiçaria, percebidas como uma espécie de exercício de poder paralelo.

Mais tarde, no século II d.C., a questão política em relação à magia se tornará evidente na obra *Apologia*, de Apuleio, na qual o autor se defende da acusação de utilizar feitiçaria para seduzir uma viúva rica, que viria a se tornar sua esposa.

É importante destacar que a magia está presente nas religiões, bem como há resquícios de ritos religiosos em vários tipos de práticas mágicas. A separação, e ao mesmo tempo a coexistência entre magia e religião, revela-se um problema para filósofos e antropólogos desde o final do século XIX, quando surgiram os primeiros estudos direcionados para a compreensão do pensamento religioso. Estes problemas permanecem insolúveis até os dias atuais, embora haja quantidade considerável de trabalhos sobre o assunto no âmbito da antropologia e história.

Umas das formas de separar o ato religioso do ato mágico é observar como cada cultura lida com os dois fenômenos dentro de seu próprio sistema de organização social. Normalmente, a magia é vista com suspeição ou criminalizada, enquanto os ritos religiosos são aceitos e realizados publicamente. Em Roma, houve tentativas de marginalização da feitiçaria e de seus praticantes, portanto o critério de magia como ação clandestina e privada nessa sociedade nos parece plausível como ponto de partida para a delimitação entre bruxaria e religião.

Para compreendermos o conceito de feitiçaria e sua definição, faremos uma aproximação com a antropologia. O estudo *Esboço de uma teoria geral da magia* (1902) de Marcel Mauss e Henri Hubert, é particularmente relevante para a nossa área de interesse, pois discute dois aspectos importantes: o caráter metafórico, metonímico e simbólico da magia. Esses aspectos são fundamentais pois, enquanto a metáfora e a metonímia podem ser generalizadas em diversas sociedades, os símbolos são representações singulares em cada cultura. Além disso, Mauss e Hubert dedicaram atenção considerável ao paganismo greco-romano no estudo, tendo como fonte principal a literatura clássica.

O que não trataremos como feitiçaria será o oráculo realizado por sacerdotes ou sacerdotisas no exercício de suas funções dentro da religião oficial, uma vez que estão ligadas às práticas lícitas e coletivas no contexto da civilidade romana. Os oráculos dos sacerdotes, profetas e adivinhos sagrados demonstram como a magia está inserida no rito religioso sem ser repreendida, especialmente no paganismo antigo.

Bailey (2009) em seu estudo lexicológico[1], nos mostra a diferenciação entre as palavras *sorcery* – empréstimo do francês *sorcellerie*, que, na língua de origem designa tanto feitiçaria quanto bruxaria – e *witchcraft*, ambos utilizados pelos falantes do inglês como sinônimos para designar atos mágicos. Para o autor, no entanto, ao examinarmos os dois termos é possível estabelecer sutis diferenças semânticas na língua inglesa. Em resumo, a palavra *sorcery*, que corresponderia ao nosso vocábulo 'feitiçaria' é usada para descrever magia nociva e vulgar, de baixo nível. No entanto, esse tipo de magia pode ser aprendido por qualquer indivíduo, diferente de *witchcraft*, correspondente à 'bruxaria' em português, que só pode ser realizada por alguém nascido bruxo.

> O termo '*sorcery'* é frequentemente usado como sinônimo ou quase sinônimo de magia ou '*witchcraft'*. Embora os significados dessas palavras sejam vagos e certamente se sobreponham, algumas distinções podem ser feitas. Primeiro, feitiçaria é frequentemente usada para descrever magia inferior, isto é, magia comum ou não aprendida. A feitiçaria é supostamente realizada por meio de palavras ou ações simples, enquanto formas de magia superior ou erudita são supostamente realizadas por fórmulas e cerimônias verbais complexas e altamente ritualizadas. Na Europa, durante os períodos medieval e moderno, a magia demoníaca complexa e ritualizada era frequentemente chamada de necromancia e considerada bastante distinta da feitiçaria ou bruxaria comuns. A feitiçaria também pode ter implicações negativas ou de magia nociva. Nesse sentido, ao conotar magia simples (ou baixa) e nociva, o termo feitiçaria se aproxima muito do termo bruxaria. Vale ressaltar que a palavra inglesa *sorcery* deriva do francês *sorcellerie*, que significa tanto feitiçaria quanto bruxaria. Da mesma forma, o termo latino comum para descrever a feitiçaria nociva durante a Idade Média e o início do período moderno, *maleficium*, também passou a significar bruxaria (Tradução nossa).[2]

[1] BAILEY, Michael D. *The A to Z of Witchcraft*. The Scarecrow Press, inc.: Lanham, Toronto, Plymouth. 2009.
[2] Bailey, 2009, p. 196. The term 'sorcery' is frequently used as a synonym or near-synonym for magic or 'witchcraft'. While the meanings of these words are often vague and certainly overlap, some distinctions can be drawn. First, sorcery is often used to describe low magic, that is, common or unlearned magic. Sorcery is

Há, entretanto, outras gradações para as práticas mágicas a partir de fontes históricas. Na idade média, o autor nos diz que a alta feitiçaria, em cerimônias complexas e sofisticadas, era exercida pelos chamados necromantes. Ou seja, a necromancia foi, durante algum tempo, considerada a mais poderosa habilidade mágica, se diferenciando da simples feitiçaria.

Ainda segundo Bailey (2009) existem outros aspectos que ajudam a diferenciar feitiçaria e bruxaria. A feitiçaria possui um valor ambíguo, podendo ser maléfica ou benéfica, enquanto a bruxaria é essencialmente prejudicial:

> No entanto, o conceito de feitiçaria pode ser distinguido da bruxaria de várias maneiras. Primeiro, a feitiçaria nem sempre carrega a conotação de magia negativa ou nociva. A feitiçaria às vezes pode ser usada para descrever formas positivas de magia, como cura mágica ou meios mágicos de prognóstico e adivinhação. Alguns estudiosos, notadamente antropólogos que estudam bruxaria africana, distinguem feitiçaria de bruxaria, argumentando que a feitiçaria envolve certas ações realizadas (palavras ou gestos falados), juntamente com o uso de certos objetos materiais para obter efeitos sobrenaturais desejados, enquanto a bruxaria se baseia em algum poder inerente encontrado na própria bruxa. Segundo essa definição, qualquer um pode aprender a ser feiticeiro, mas é preciso nascer bruxo. Essa distinção, embora útil quando aplicada a sociedades africanas e outras, não é tão útil quando aplicada à Europa medieval ou moderna. Durante o período das grandes caças às bruxas, acreditava-se que as bruxas aprendiam ativamente a praticar bruxaria com demônios ou com o diabo, e qualquer um podia se tornar um bruxo. Mas as bruxas também eram consideradas, de certa forma, inerentemente más e corruptas devido aos pactos que faziam com o diabo e à sua apostasia da verdadeira fé (Tradução nossa).[3]

Como justificado pelo autor, alguns antropólogos distinguem a feitiçaria da bruxaria argumentando que a feitiçaria inclui o aprendizado ou exercício de uma prática que envolve objetos, amuletos, palavras e gestos especiais para se alcançar um determinado fim, enquanto

---

supposedly performed by simple words or actions, whereas forms of high or learned magic are supposedly performed by complex and highly ritualized verbal formulas and ceremonies. In Europe during the medieval and early-modern periods, complex, ritualized demonic magic was often termed necromancy and was thought to be quite distinct from common sorcery or de gwitchcraft. Sorcery can also carry implications of negative or harmful magic. In this sense, of connoting simple (or low) and harmful magic, the term sorcery is very close to the term witchcraft. It is worth noting that the English word sorcery derives from the French sorcellerie, which means both sorcery and witchcraft. Likewise, the common Latin term to describe harmful sorcery during the Middle Ages and early-modern period, maleficium, also came to mean witchcraft.

[3] Idem, p. 197-198. Nevertheless, the concept of sorcery can be usefully distinguished from witchcraft in several ways. First, sorcery does not always carry the connotation of negative or harmful magic. Sorcery can sometimes be used to describe positive forms of magic, such as magical healing or magical means of prognostication and divination. Some scholars, notably anthropologists studying African witchcraft, have distinguished sorcery from witchcraft by arguing that sorcery involves certain performed actions (spoken words or gestures) along with the use of certain material objects to obtain desired supernatural effects while witchcraft draws on some inherent power found in the witch herself. Under this definition, anyone can learn to be a sorcerer, but one must be born a witch. This distinction, while useful when applied to African and other societies, is not as helpful when applied to medieval or early-modern Europe. During the period of the great witch-hunts, witches were believed actively to learn how to perform witchcraft from demons or from the devil, and anyone could become a witch. But witches were also regarded as being in certain ways inherently evil and corrupt because of the pacts they made with the devil and their apostasy from the true faith.

a bruxaria é a ação de um agente que nasce bruxo, ou seja, é intrínseco ao indivíduo dotado naturalmente desses poderes.

Outro exemplo da possibilidade de distinção semântica entre os dois termos, que corrobora as ideias de Bailey, é o estudo do antropólogo britânico Evans-Pritchard (1937) sobre o povo Azande, que habita a África Central. Em seu trabalho de campo sobre os Azande, o pesquisador observou e propôs a separação entre bruxaria, feitiçaria, magia e oráculo naquela cultura específica. Nesta tribo, os indivíduos reconhecem claramente a separação entre os quatro fenômenos, tornando-se imprescindível descrevê-los como elementos distintos. Nesta comunidade, a bruxaria é vista como um ato psíquico, proveniente dos poderes do indivíduo identificado como bruxo. Em muitos casos, um feiticeiro é chamado para desfazer a magia ou o "mau-olhado" de um bruxo.

Ainda sobre o termo *witchcraft* (em português, 'bruxaria') Bailey nos diz ser amplamente utilizado para designar magia nociva e comum, em oposição à feitiçaria erudita, circunscrita às elites intelectuais[4]. A palavra *witchcraft* foi sinônimo do termo em latim *maleficium* durante a idade média e início da idade moderna na Europa:

> O termo bruxaria pode ser, e historicamente tem sido usado para denotar uma variedade de supostas práticas. De forma mais ampla, bruxaria refere-se a formas relativamente simples de magia comum ou inferior (em oposição à magia erudita ou superior, que é tipicamente muito complexa e ritualística, e limitada a uma elite instruída) usadas com efeitos nocivos. Nesse sentido, de forma geral, bruxaria é sinônimo de feitiçaria. Na Europa, durante os períodos medieval e moderno, o termo latino para feitiçaria nociva, *maleficium* também era o termo mais comum para bruxaria (Tradução nossa).[5]

Sendo assim, optamos por fazer sutis diferenciações entre aqueles que executam rituais mágicos nas obras latinas, nomeando separadamente 'feiticeiros' e 'bruxos'. Medeia, tanto nas *Metamorfoses* de Ovídio, quanto na peça homônima de Sêneca pode ser considerada uma feiticeira por ser uma personagem detentora de poder, enquanto os agentes mágicos dos gêneros satíricos (como epodos, sátiras, e fábulas milesianas) devem ser consideradas 'bruxas' por serem desprovidas de poder. Será demonstrado que as 'bruxas' e 'bruxos' desta segunda

[4] É importante ressaltar que, segundo o autor, essa distinção não se aplica à bruxaria conforme definida durante o período das principais caças às bruxas europeias. Isso se deve ao fato de que, perante os tribunais, qualquer pessoa poderia vir a ser condenada por bruxaria, sejam acusados de ser bruxos natos ou feiticeiros que adquiriram seus poderes por aprendizado ou pacto diabólico.

[5] Bailey, 2009, p. 223-224. The term witchcraft can be, and historically has been, used to denote a variety of supposed practices. Most broadly, witchcraft refers to relatively simple forms of common or low magic (as opposed to learned or high magic, which is typically very complex and ritualistic, and is limited to an educated elite) used to harmful effect. In this sense, witchcraft is largely synonymous with sorcery. In Europe during the medieval and early-modern periods, the Latin term for harmful sorcery, maleficium, was also the most common term for witchcraft.

categoria, são, majoritariamente, descritos como indivíduos marginalizados ou de baixíssimo *status* social.

Como as civilizações greco-romanas nos legaram, além de relíquias arqueológicas, textos escritos, não podemos desconsiderar a literatura como uma forma auxiliar de documentação. Embora possua contornos muitas vezes exagerados ou fantásticos, as descrições dos testemunhos literários nos ajudam a elucidar a visão de mundo do povo romano sobre suas crenças e sua forma de elaborar o pensamento mágico.

1. CAPÍTULO 1. As práticas religiosas na Roma Antiga

1.1. A religião oficial em Roma

Antes de iniciarmos a discussão sobre o uso da feitiçaria, apresentaremos alguns pontos importantes sobre as práticas religiosas na Roma Antiga, pois servem como plano de fundo para entendermos as convergências e divergências entre magia e religião.

Na Roma Antiga, o sistema religioso possui grande importância na vida política e social da Urbe. No calendário cívico da cidade, havia inúmeros cultos públicos que muitas vezes se mesclavam às festas oferecidas ao povo, e era dever dos cidadãos ilustres e notáveis comparecer a essas cerimônias. A variedade de deuses e festividades em Roma foi registrada principalmente por Ovídio em seus *Fasti*, e por outros historiadores da Antiguidade.

A enorme lista de divindades veneradas pelos romanos nos dá a noção da magnitude da religião pagã nesta região da península itálica, além do papel agregador do sincretismo religioso. Para Grimal (2009), no contexto romano, a palavra *religio* não designa apenas o culto prestado às divindades, mas um sentimento de ordem instintiva, uma impressão confusa de se estar diante de um perigo de ordem sobrenatural. Esta impressão era sentida pelos romanos em seu cotidiano, já que "imaginavam demônios por toda a parte, poderes sobrenaturais muitas vezes inominados que vinham do além para ajudar os homens e para os atormentar (Grimal, 2009, p. 73)". Segundo o autor, o sentimento de insegurança diante do sobrenatural era tão elevado que nem os antepassados da família cultuados como *manes* se mantinham nos túmulos. Em certos dias do ano, os fantasmas saíam pelas portas do inferno. Diante dessa crença, o pai de família era incumbido de sair sozinho à noite e lançar favas cozidas ao solo para apaziguar as almas familiares (Grimal, 2009, p. 73-74).

A *pietas* dos cidadãos está intimamente ligada à vida da cidade, e é dever de todos prestar as devidas homenagens aos deuses: "(...) a minúcia das práticas religiosas é respeitável na medida em que cabe à ordem da cidade e contribui para manter a coesão social" (Grimal, 2009, p. 82). Na mesma medida, alguns cultos, em geral estrangeiros, provocaram a desconfiança das autoridades por causarem perturbação da ordem, sendo posteriormente permitidos desde que realizados por pequenos grupos. Este é o caso dos cultos a Baco, porém, o mesmo ocorreu com o culto à deusa egípcia Ísis, muito embora seus seguidores fossem imensamente mais comedidos do que os que cultuavam a Baco. Notamos, portanto, que existe

uma relação direta entre a *pietas*, a religião oficial e a crença de que esses fatores influenciavam a boa ordem na cidade:

> A religião oficial não era diferente deste animismo espontâneo, pelo menos no seu objetivo prático. Visava manter a ordem estabelecida pelo cumprimento das cerimônias sem as quais o equilíbrio sempre instável, sempre ameaçado, entre o humano e o divino teria sido rompido. Os romanos designavam por *pietas* a atitude que consistia em observar escrupulosamente não só os ritos, mas relações existentes entre os seres no interior do universo: a *pietas* começa por ser uma espécie de justiça do imaterial que mantém as coisas espirituais no seu lugar, ou que as remete para o seu lugar sempre que um acidente revela alguma perturbação. O termo está intimamente relacionado com o verbo *piare*, que designa a ação de apagar uma mancha, um mau presságio, um crime.[6]

A Urbe se revela como um lugar que protege e valoriza os cultos religiosos oficiais, além de, ocasionalmente, acolher novas divindades e religiões estrangeiras. O homem do campo, sofrendo com todas as intempéries da natureza, também possuía forte compromisso religioso, pois era sua responsabilidade realizar os ritos necessários para apaziguar o mundo natural e o sobrenatural. Isso inclui festividades agrícolas e ritos particulares de cada família, associados à colheita, ao nascimento, à morte, à proteção da casa. A obra *De agri cultura*, de Catão (séc. III-II a.C.), nos fornece boas fontes sobre preces, sacrifícios e purificações prescritas para o bom andamento das colheitas e da criação dos animais, assim como para a harmonia entre o homem campestre e seu meio.

Um dos exemplos mais notáveis da abrangência do politeísmo antigo é o culto aos deuses Lares[7], difundido largamente em toda a península. Os deuses Lares viviam no entorno da casa ou propriedade, e a sua existência afastava os agouros e garantia a segurança e prosperidade dos domínios. Adorados dentro do *domus*, sobre a lareira, eram representados por dois jovens com as mãos cheias de frutos. Mensalmente, recebiam oferendas de bolos, leite, vinho, flores e incenso para recompensá-los pelo bom trabalho. As árvores, pedras, rios e bosques também possuíam seus espíritos, e as divindades estavam presentes em toda parte.

O paganismo romano, portanto, é impregnado de animismos e superstições[8], questões estas que atraíram a atenção de antropólogos desde o surgimento desta disciplina no ocidente. Outro ponto que devemos enfatizar nesse tipo de sistema religioso é o sincretismo. No contexto romano, os deuses de outras sociedades possuem o mesmo *status* de divindade e são igualmente prestigiados:

---

[6] Grimal, 2009, p. 74-75.
[7] Coulanges, 1975.
[8] Conf. TREVIZAM, M. **O bosque na Literatura latina**: respeito ou violações ao sagrado? Codex, Rio de Janeiro, vol. 11, n. 1, p. 1-17, 2023.

> Segue-se que os deuses de todos os povos são verdadeiros. Duas possibilidades: ou os povos estrangeiros têm conhecimento de deuses cuja existência os greco-romano ainda ignoravam, ou adoram deuses já conhecidos, mas traduzem-lhes os nomes para sua língua: Júpiter é Júpiter em toda parte, assim como um leão é um leão onde quer que seja, porém chama-se Zeus em grego, Taranis em gaulês, Yaô em hebraico; os nomes dos deuses se traduzem de uma língua para outra, como os nomes comuns e os nomes dos planetas.[9]

Conquanto houvesse limites para adoção de cultos de divindades estrangeiras, praticava-se majoritariamente a liberdade religiosa, em que diversas crenças coexistiam:

> Só se deixava de acreditar nos deuses estrangeiros se eram produto de alguma superstição ridícula, a mesma que leva a crer nos bestiários fantásticos; ria-se dos deuses com corpo de animais que o Egito adorava. Os crentes da Antiguidade viveram na mesma tolerância que as seitas hinduístas entre elas: interessar-se particularmente por um deus não significa negar os outros deuses.[10]

Apesar da aparente frieza da religião oficial, os relatos dos historiadores antigos nos revelam que os romanos, além de cultivarem antigas crenças e superstições, adotavam frequentemente novas práticas místicas ou religiosas. A astrologia, por exemplo, aparece como uma novidade muito apreciada na Antiguidade ocidental e continuará sendo até a Idade Média, mesmo com o surgimento do cristianismo e o endurecimento das leis sobre as artes divinatórias. Outros indícios de como a cultura itálica se mostrava permeável a influências estrangeiras são as diversas seitas orientais e gregas que passam a ser adotadas em Roma, principalmente a partir da República.

1.2. A religião votiva

Além da religião oficial – adotada pela cidade e seguida pelos habitantes muitas vezes como um dever civil – existia também a religião votiva, que representava uma forma de expressão religiosa privada e individual, distinta da religião pública. Essa prática permitia que os indivíduos venerassem os deuses de sua escolha, de acordo com suas necessidades e crenças pessoais.

Conforme destacado por Veyne (1994), a religião romana era caracterizada pela livre iniciativa religiosa, de forma que cada um podia fundar seu próprio templo e pregar o deus de sua preferência. Essa liberdade de escolha permitia que os indivíduos estabelecessem uma

[9] Veyne, 1994, p. 202.
[10] Ibdem.

relação pessoal com os deuses, buscando tranquilização e proteção em momentos de necessidade.

> O paganismo greco-romano é uma religião sem além nem salvação, mas não necessariamente fria nem indiferente à conduta moral dos homens: a tal respeito pode enganar o fato de que essa religião sem teologia nem Igreja é, se assim ousamos dizer, uma religião à la carte: cada um venera particularmente os deuses que quiser e imagina-os como pode. Em lugar do "partido único" que é uma Igreja, trata-se de "livre imprensa" religiosa: cada um fundava o templo que desejasse e pregava o deus que bem entendesse, como abriria um hotel ou lançaria um produto novo, e cada um se tornava o cliente de seu deus favorito, não necessariamente o mesmo que a cidade elegera como tal: a escolha era livre.[11]

A prática da religião privada, muito semelhante ao que ocorrerá na Europa na Idade Média, consistia em poderosas ferramentas psicossociais que traziam conforto às pessoas comuns diante das adversidades do cotidiano:

> Todas essas práticas da religião privada, que lembram o culto popular dos santos na Idade Média, eram duplamente tranquilizadoras. Os temperamentos pouco religiosos, que teriam sido descrentes em outra sociedade, procuravam nas relações com os deuses uma semitranquilização mágica contra os perigos e as dores de uma vida real; as práticas piedosas equivaliam para eles a um talismã. Os espíritos religiosos nelas encontravam essa presença de uma realidade "outra".[12]

Destacamos a seguinte afirmação de Veyne, muito importante para este trabalho:

> (...) **As duas tranquilizações, a mágica e a divina, não se distinguiam**, pois gestos ou símbolos indistintamente as lembravam por toda a parte (a "religião" é uma das coisas paradoxais que têm como essência o próprio confuncionismo); uma capela na paisagem evocava a possibilidade de um recurso; a mais simples conduta piedosa – derramar no altar doméstico as primeiras gotas da taça que se vai beber (*libatio*) – atestava que nem tudo se limita ao útil.[13]

A declaração de Veyne sobre a magia e a religião serem indistinguíveis em sua aplicação prática na vida dos indivíduos nos fornece uma justificativa da difícil tarefa de discriminar o ato religioso do ato mágico em sociedades pagãs.

A devoção implicava em depositar confiança no bom caráter das divindades. No entanto, nem todos os homens transcendiam a esfera mundana, e alguns se limitavam apenas a estabelecer contratos com os deuses, dando-lhes oferendas em troca de benefícios:

---

[11] Veyne, 1994, p. 202.
[12] Idem, p. 206.
[13] Ibdem.

> A verdadeira devoção consiste em imaginar os deuses benfazejos e justos, benévolos, providencias: super-homens do bem. Nem todos os homens se elevam a esse nível, pois cada qual se comporta com os deuses segundo seu próprio caráter. Alguns se limitam a achar que bons negócios fazem bons amigos: propõem um contrato a um deus ("cura-me e receberá uma oferenda"), pagam se ficam satisfeitos e oferecem um ex-voto como quitação da dívida. Alguns julgam os deuses indelicados como eles mesmos: "tornai-me mais rico que meu vizinho"; não ousam pronunciar o pedido em voz alta, diante de outros fiéis, e escrevem-no num papel que depositam lacrado sobre o altar.[14]

Burkert comenta sobre o aspecto psicológico que a religião votiva desempenhava no cotidiano das pessoas comuns, muito semelhante ao lugar que o pensamento mágico ocupa em outras sociedades:

> A prática dos votos pode ser considerada uma estratégia humana fundamental para antecipar o futuro. Faz com que o tempo seja manejável mediante contrato. Da depressão paralisante, o homem pode levantar-se para imprimir a estrutura de <se-então> sobre as incertezas do futuro. Se tem lugar a salvação da preocupação e a aflição presente, se o êxito ou o benefício esperado se recebe, então terá lugar uma renúncia especial e circunscrita, uma perda finita pelo interesse de uma ganância maior. Existe uma tendência natural à perpetuação; quando se estabelece a oferenda votiva, o adorador reza pedindo uma ajuda posterior: "Que te agrade e dê-me a ocasião de fazer outra". *da ut dem* (Tradução nossa).[15]

Embora a religião votiva tenha sido praticada principalmente pela grande massa plebeia, as elites econômicas também faziam seus votos em situações que lhes causavam inquietude:

> Para a classe dominante, o risco maior é a guerra; se faziam tantos votos espetaculares para tratar de controlá-la, como mostram alguns dos monumentos artísticos mais celebrados dos santuários gregos, ou quase todos os templos de Roma. Para homens e mulheres médios, estavam as incertezas do trabalho ou o comércio, especialmente os perigos de viagem por mar, os riscos incalculáveis do nascimento e a criação dos filhos, e os recorrentes sofrimentos da enfermidade individual. As navegações e a cura de enfermidades eram ocasiões preeminentes para fazer oferendas votivas e privadas em quase todo santuário do mundo antigo (Tradução nossa).[16]

---

[14] Veyne, 1994, p. 205.

[15] The practice of vows can be seen as a major human strategy for coping with the future. It makes time manageable by contract. From crıppling depression, man can rise to Impress the structure of "if-then" upon the uncertainties of the future. If salvation from present anxiety and distress occurs, the success or profit hoped for is attained, then a special and circumscribed renunciation wıll be made, a finite loss ın the interest of larger gain. T'here is a natural tendency toward perpetuation; when setting up the votive gift the worshiper prays for further heip: "Be pleased and give occasıon to set up another one": *da ut dem*. (Burkert, 1987, p. 32).

[16] For the ruling class, the major risk was war; spectacular vows were therefore made to try to control it—as evidenced by some of the most celebrated art monuments in Greek sanctuaries, or nearly all the temples of Rome." For the average man or woman there were the uncertainties of craft or trade, especially the dangers of a sea voyage, the incalculable risks of birth and child rearing, and the recurrent sufferings of individual illness. Both seafaring and healing from illness were prominent occasıons for setting up private votive gifts in nearly every sanctuary of the ancient world. (Burkert, 1987, p. 32).

Ainda de acordo com Burkert, o fenômeno da religião votiva é tão comum que raramente é estudado em profundidade. A prática tem durado muito mais que o Mundo Antigo e sobreviveu até a atualidade. Mesmo no cristianismo, a expurgação protestante ou racionalista não conseguiu suprimi-la[17].

Portanto, a religião votiva na Antiguidade Greco-Romana representava uma forma de expressão religiosa privada, que permitia aos indivíduos estabelecer uma relação pessoal com os deuses. Esse tipo de manifestação oferecia tranquilização e proteção em momentos de necessidade e escassez, e reflete a diversidade de crenças presentes na sociedade romana.

1.3. Seitas e cultos mistéricos

Adicionando mais uma categoria às práticas religiosas, faremos uma breve descrição da coexistência de seitas esotéricas na Antiguidade, simultaneamente à religião oficial e à religião votiva, sendo esta última de grande apelo popular. A compreensão desses costumes é significativa para este estudo, pois eles mesclam princípios religiosos e mágicos, constituindo uma área cinzenta, de intersecção, entre a religião e a magia.

O que devemos destacar sobre os cultos mistéricos é que, diferente da religião votiva, possui maior aderência entre a classe erudita e a elite econômica, como nos diz Veyne:

> Os deuses, dizíamos, são uma fauna divina: seres masculinos e femininos, cujas genealogias e aventuras estão na mitologia e que se situam numa época anterior e heterogênea à nossa, e à época das fábulas; pois agora já nada lhes acontece e eles não envelhecem mais, assim como os heróis de nossas histórias em quadrinhos. Ora, esses seres de ficção desempenham também o papel de divindade metafísica, de Providência e de Bem ético; era assim desde os poemas homéricos. Aqui se separam, desde vários séculos, a religião popular, que acabamos de descrever, e a religião da classe culta, da elite proprietária, que podia acreditar num divino metafísico, mas não nos deuses do panteão mitológico, sem chegarem, porém, a separar-se claramente destes.[18]

Para Walter Burkert, a distinção entre religião votiva e os mistérios é menos evidente, mas o autor define de forma suscinta os cultos esotéricos:

> Os mistérios são uma forma de religião pessoal que depende de uma decisão privada e aspira a alguma forma de salvação pela aproximação com o divino. Esta descoberta tem movido frequentemente aos pesquisadores a buscar uma dimensão espiritual mais profunda, "verdadeiramente religiosa", e não se pode dizer que estejam totalmente equivocados. No entanto, existe o perigo de que a busca por algo mais acabe por ignorar o que é mais próximo e mais óbvio. Existe outra forma de religião pessoal –

[17] Burkert, 1987, p. 31-32.
[18] Veyne, 1994, p. 208.

> elementar, muito difundida e bastante prosaica – que constitui o plano de fundo para a prática dos mistérios: é a prática dos votos, "religião votiva", como se tem chamado (Tradução nossa). [19]

Enquanto Burkert indica a religião votiva como base para os mistérios, outros acrescentam que o que difere as duas práticas são os objetivos dos devotos, bem como fatores de estratificação social. Veyne enfatiza o interesse das classes dominantes ou eruditas por divindades mais complexas, que suportassem questões metafísicas ou que oferecessem um modo de vida mais próximo dos ideais filosóficos.

> Ora, entre os antigos, normas de vida e exercícios espirituais formavam a essência da filosofia, não da religião, e a religião estava mais ou menos separada das ideias sobre a morte e o além. Havia seitas, mas eram filosóficas, pois a filosofia era matéria de seitas que propunham convicções e normas de vida a quem tal pudesse interessar; um indivíduo se tornava estóico ou epicurista e se conformava mais ou menos a suas convicções, assim como entre nós se é cristão ou marxista, com o dever moral de viver a própria fé e militar.[20]

Alguns cultos tiveram adesão expressiva e foram documentados de forma consistente pela literatura, pela arte e arquitetura, além de serem descritos a partir de objetos arqueológicos, não restando dúvidas a respeito de suas práticas. Podemos citar como exemplo os cultos a Baco (Dioniso), Ísis e Mitra, dentre os principais. As seitas epicuristas, estoicas, pitagóricas e órficas, de origens gregas, também podem ser incluídas nessa categoria de manifestação filosófica-religiosa.

Muitos desses cultos possuíam uma característica comum, também mencionada por Mauss, que é o caráter de exclusividade. A maior parte das seitas ou mistérios desta época exigiam um rito iniciático para que os membros fossem aceitos no grupo. Ou seja, a iniciação dos adeptos é o principal traço de diferenciação entre os cultos fechados e outras práticas religiosas.

---

[19] Mysteries are a forma of personal religion,' depending on a private decision and aiming at some form of salvatiıon through closeness to the divine. This finding has often prompted scholars to look for a deeper, "truly religious," spiritual dimension, and they cannot be said to be totally mistaken. Yet there ıs a danger that searching for the beyond means overlooking what nearest and most obvious. There is another form of personal religion—elementary, widespread, and quite down-to-earth—that constitutes the background for the practice of mysteries: it is the practice of making vows, "votive religion," as ıt has been called. (Burkert, 1987, p. 31).

[20] Veyne, 1994, p. 201.

2. CAPÍTULO 2. Práticas mágicas em Roma

2.1. A Magia como prática proibida

Podemos tentar compreender a oposição entre religião e magia no mundo romano por alguns caminhos já percorridos anteriormente por autores de outras disciplinas, sejam historiadores, antropólogos ou filósofos. O primeiro deles é através da identificação daquilo que era passível de punição ou proibido perante as leis de uma sociedade, ou seja, daquilo que se opõe à religião oficial.

Tomando como exemplo outros povos mediterrâneos, como os helênicos, Cândido (2006/2007) endossa a teoria de que na Grécia, a magia se desprendeu da religião oficial a qual integrava num primeiro momento, passando, posteriormente, a imitá-la:

> Partimos do princípio de que a magia integrava o ritual de cerimônias da religião *poliades* e dos cultos de mistérios, entretanto, começamos a perceber que, a partir do V século, ocorria uma gradual separação da sua prática em relação ao conjunto de preceitos tradicionais, tornando-se inclusive, alvo de críticas dos defensores do sistema *poliade*. Portanto, as críticas endereçadas à magia neste período se devem à sua especificidade em ser uma ação praticada no espaço urbano, visando atender a interesse individual, efetuada de maneira oculta, apresentando uma relação direta de interação com as potências sobrenaturais.[21]

No âmbito da antropologia, Malinowski, em seu estudo sobre os habitantes das ilhas Trobriand, na Nova Guiné, demonstra como, mesmo em uma sociedade tribal, a feitiçaria também pode ser identificada em contraste com a religião, uma vez que permite ao indivíduo colocar suas ambições pessoais acima dos benefícios coletivos da tribo:

> Os principais interesses sociais – como a ambição de sucesso na agricultura, a ambição de êxito no *Kula*[22], a vaidade pessoal e a demonstração de encantos individuais na dança –, todos encontram sua expressão na magia. Há um tipo de magia da beleza, executada cerimonialmente sobre os dançarinos, e há também um tipo de magia de segurança nas danças, cuja finalidade é evitar a magia maligna de feiticeiros invejosos. A magia agrícola privada, realizada por um indivíduo sobre suas plantações e sementes, assim como a magia maligna que lança sobre as plantações de seus rivais, expressam a ambição pessoal quanto à agricultura, em contraste com os interesses da aldeia como um todo, os quais são atendidos pela magia agrícola comunitária.[23]

[21] Cândido, 2006/2007, p.62.
[22] Kula é um sofisticado sistema de trocas de alimentos e manufaturas entre os habitantes das ilhas da polinésia que se tornou referência para a reflexão sobre reciprocidade e organização social nas ciências humanas.
[23] Malinowski, 2015, p. 519.

No Brasil, algumas pesquisas na área da história cultural fornecem indícios importantes sobre o *status* da magia na sociedade romana. Em sua obra *Magia e Poder no Império Romano*, Silva (2012) investiga, a partir da *Apologia* de Apuleio e outros documentos históricos, os argumentos que levaram o autor a ser acusado de bruxaria. Apuleio foi levado a comparecer frente a um tribunal na cidade de Sabrata, no norte da África Romana, no século II d.C. Apesar de ter se tornado réu por praticar magia, fica evidente, ao analisar sua defesa, que a acusação se tratava de um subterfúgio para limitar alguns direitos do filósofo, principalmente aqueles adquiridos depois de se casar com uma abastada viúva. Paul Veyne sugere que a obsessão por punir os praticantes de magia não era incomum, e o caso de Apuleio não deve ser considerado exceção. Sua acusação está diretamente ligada à questão da herança de sua esposa, que tornou o casamento um ultraje à família da mulher:

> Para além da lesa-majestade, uma outra psicose era a da magia e do envenenamento: são-lhes feitas alusões suficientes para que o processo de Apuleio não deva ser considerado uma exceção e, portanto, também a sua Apologia é um texto característico; quando as esperanças de uma sucessão se frustravam, acusava-se o feliz vencedor de ter envenenado o herdeiro oficial ou, ainda, de não ter perseguido a envenenadora que, sem dúvida, tinha mandado para debaixo da terra o herdeiro; neste caso, o fisco tomava posse da herança e o delator era recompensado, sem contar com o prazer da vingança; vemos, de fato, neste mesmo livro, que a avidez do fisco, pronto a acreditar em todas as acusações e em todas as suspeitas, tinha um efeito desmoralizador sobre as populações: qualquer acusação que lhe pudesse oferecer o pretexto para confiscar uma herança encontrava crédito a seus olhos, de tal forma que o próprio fisco julgava os processos deste tipo (*causae fiscales*), nos quais era juiz e parte interessada.[24]

A *Apologia* consiste em uma obra autobiográfica posterior ao julgamento de Apuleio, na qual ele expõe as acusações do caso. A partir das alegações utilizadas para acusar Apuleio de bruxaria, Silva (2012) analisa como a magia era percebida na sociedade romana, o receio dos poderosos em relação a tais práticas e as conexões entre magia e poder.

> Verificamos, igualmente, que grande parte das acusações de magia em Roma estava diretamente ligada ao poder, tanto que, ao analisarmos o marco legal sobre o crime de magia, podemos perceber que nem sempre era a prática em si que estava em questão, mas também o poder, a hierarquia social e as posses.[25]

Destacamos que Apuleio já possuía cargos públicos de prestígio na província africana, mas, ao contrair bodas com uma mulher rica, entra em conflito com interesses econômicos e

[24] Veyne, 1993, p. 209.
[25] Silva, 2012, p. 26.

políticos de famílias influentes daquela região do império, incluindo os parentes da própria esposa:

> Partimos da ideia de que tal acusação dissimula uma ameaça de Apuleio às estruturas de poder da cidade onde é acusado. O que nos remeteu a tal situação foi o fato de o acusado ser orador e filósofo e ter, nesse sentido, recebido uma educação para exercer cargos públicos.[26]

A partir desse estudo constatamos que, apesar da magia ser amplamente praticada e conhecida em Roma e seus territórios, ela ainda poderia ser estigmatizada a depender do contexto em que ocorria. Essa questão nos leva a outra, também relevante: apesar da prática ser atestada entre homens e mulheres, os homens representam a maioria dos acusados de praticar magia na era do Principado:[27]

> Por meio da leitura bibliográfica, percebemos que os homens são especialmente mencionados nos processos judiciários relativos ao crime de práticas mágicas. Ainda pudemos conferir que os homens também foram os maiores praticantes da magia em si, o que é mostrado pelas fontes arqueológicas, enquanto que no campo literário as mulheres são, em geral, mais citadas. Acreditamos que esse fato esteja relacionado às próprias relações de influência no mundo antigo que estavam limitadas à participação feminina direta. Assim, constatamos que se processavam mais homens no Principado Romano porque havia uma preocupação maior com as possíveis ligações destes com a magia. Já as mulheres eram representadas como praticantes de magia na literatura porque os escritores daquele período consideravam essas práticas desviantes e temidas, devendo ser ridicularizadas e jamais podendo ser algo masculino, principalmente para a elite detentora do poder político da qual faziam parte os poetas. Nesse sentido, ao representarem a magia como algo essencialmente feminino, os poetas moldavam um diálogo com os homens romanos, estabelecendo o que lhes era proibido, digno apenas de mulheres e que, ainda assim, deveria ser punido.[28]

Os indivíduos do sexo masculino, devido a seu papel social, transitavam mais frequentemente pelas esferas de poder da sociedade romana, como líderes políticos, proprietários de terras, ou representantes legais da família. Por essa razão, havia maior probabilidade de sofrerem esse tipo de acusação, uma vez que estavam propensos a escrever tábuas de imprecação ou encomendar feitiços para prejudicar seus inimigos. Sendo assim, notamos que mesmo sem haver comprovação da eficácia de tais ações, a simples suposição do uso das artes mágicas poderia ser usada para acusar e penalizar judicialmente.

A primeira lei que visava controlar a realização de rituais mágicos surgiu a partir da República romana, que tem sua origem após o ano de 509 a.C., quando o último rei etrusco é

---

[26] Silva, 2012, p. 27.
[27] O Principado Romano foi a primeira fase do Império Romano, que durou de 27 a.C. a 284 d.C.
[28] Silva, 2012, p. 26.

deposto e o Senado assume as funções de governo. Da época dos triunviratos ou de períodos anteriores, não temos documentação que indique o interesse do poder público sobre o tema.

Podemos estabelecer um resumo cronológico das leis criadas ou aplicadas com o intuito de reprimir a feitiçaria e outras práticas consideradas perigosas para a ordem do estado[29]. A primeira medida oficial conhecida com o intuito de coibir as práticas mágicas ocorreu logo após a instauração da República, no ano de 451 a.C., quando foi criada a Lei das Doze Tábuas.

Alguns séculos depois, em 82 a.C. foi promulgada a *Lex Cornelia de sicariis et veneficis* (Lei Cornélia sobre apunhaladores e envenenadores) por advento da guerra civil entre Sylla e Mário. Ainda no período da República, no ano de 33 a.C., Agripa, general de confiança de Augusto, expulsa magos e adivinhos de Roma, e no ano de 27 a.C., ordena que se edifique o panteão. Esta não é uma medida diretamente ligada ao cerceamento das práticas mágicas, mas indica uma tendência de restauração e fortalecimento da religião adotada pelo Estado. Este movimento político restaurador fica evidente em 21 a.C., quando Agripa ordena a exclusão dos cultos egípcios da cidade de Roma.

No início do Principado, em 12 a.C., Augusto, como sumo pontífice, confisca, em todo o império, os *libri fatidici* e escritos premonitórios não oficiais, destruindo-os a seguir. O imperador também realiza o expurgo dos livros sibilinos.

No ano de 11 d.C., ainda sob domínio de Augusto, os adivinhos foram proibidos de realizar premonições sobre a morte de algum indivíduo, e em 19 d.C., durante o governo de Tibério, inicia-se a perseguição ao culto de Ísis.

Já na segunda metade do primeiro século, no ano de 52 d.C., sob o regimento do imperador Cláudio, astrólogos e magos foram expulsos da cidade. No regime de Vespasiano, que governou entre os anos 69 e 79 d.C., ocorre, no ano de 74 d.C., a expulsão de filósofos e astrólogos.

Observamos que as autoridades romanas tomaram providências contra o uso da feitiçaria desde tempos recuados, como a criação da *Lei das Doze Tábuas* em 451 a.C., até o ano de 74 d.C., com o banimento de astrólogos e filósofos da Urbe. Algumas medidas podem ser interpretadas como uma tentativa de reprimir práticas místicas nos domínios de Roma, enquanto outras parecem uma estratégia para reestabelecer os antigos costumes religiosos e aumentar o poder do estado sobre os cidadãos.

Além da criação de leis que coibissem a bruxaria, parece haver, sobretudo após o principado de Augusto, uma propaganda de difamação contra os praticantes de magia. Com o

[29] Cabeceiras, 2002, p. 93.

intuito de direcionar o comportamento dos cidadãos para a abstenção de tais atos, foi atribuído especialmente às mulheres o papel de agente mágico na literatura:

> As praticantes de magia são mulheres idosas na poesia horaciana. No entanto, os rituais de magia erótica atestados nos documentos da cultura material que chegaram para nós, demonstram que a questão de gênero no que tangia à prática mágica era muito mais complexa do que a literatura romana demonstrava. Um número extenso de *defixiones*, placas geralmente de chumbo com imprecações mágicas (*tabellae defixionum*), foi encontrado nas regiões do Império Romano. Grande parte desse material tem o desejo erótico como sua principal motivação em feitiços muitas vezes projetados para atrair ou controlar um amante em potencial sem seu conhecimento ou consentimento. A maioria dessas placas mágicas apelava para uma espécie de sofrimento físico e mental da/do amada/o, expressando o desejo do/a praticante em ter outra pessoa sob seu poder. Outro elemento que chama atenção dos pesquisadores é que grande parte das *defixiones* eróticas mostram homens buscando o controle de mulheres, mais do que o contrário. Para se ter uma ideia desse elemento, basta vermos que "das 301 tábuas mágicas catalogadas por Audollent em seu corpus, apresentadas segundo a província do Império Romano em que foram encontradas, somente 57 estão vinculadas com mulheres, das quais somente 28 relacionam os conceitos de mulher e práticas amorosas"[30]

Além do terror que a bruxaria por si só despertava, muitas vezes atrelada ao sujeito feminino, a necromancia, que consiste em invocar magicamente os espíritos dos mortos, foi uma prática oracular comum na Antiguidade Greco-Romana.

De acordo com Ogden (2004), a necromancia não era apenas um rito marginal, mas sim uma parte integrante da cultura e da sociedade da época. O historiador investiga por que as pessoas acreditavam na necromancia no Mundo Antigo, tanto no nível psicosociológico quanto no nível prático da vida privada. Em sua opinião, seria inevitável o surgimento de rituais necromânticos devido à centralidade que a morte desempenhava nas sociedades antigas:

> A morte, os mortos, e a escatologia eram assuntos de interesse e reflexão infinitos, e, consequentemente, tema de muitas atitudes contraditórias. Em tal contexto, era inevitável que a necromancia ou algo parecido prosperasse, e que ela própria fosse, por sua vez, um tópico subjetivo de muita contradição. Consequentemente, a necromancia não nos ajuda na geração de conclusões simplistas ou reducionistas sobre a natureza da sociedade antiga. [31]

As cerimônias fúnebres foram amplamente relatadas em textos e eternizadas na arte e arquitetura de cemitérios antigos, preservados até os dias de hoje em sítios arqueológicos. Os

---

[30] Reglero *In*: Silva, 2024, p. 301-302.

[31] Death, the dead, and eschatology were subjects of infinite interest and reflection and, consequently, subjects of many contradictory attitudes. In such a context, it was inevitable that necromancy or something like it should thrive, and that it should itself in turn be a topic of much thought and of much contradiction. Accordingly, necromancy does not help us in the generation of simplistic or reductive conclusions about the nature of ancient society. (Ogden, 2004, p. 7).

ritos funerários, que também fazem parte do costume religioso, servem de exemplo do fascínio que a morte e suas reflexões exerciam naquela cultura. Grimal (2009) exemplifica a relação próxima dos povos do Lácio com este tema ao descrever as características peculiares de um velório na época do governo de Augusto:

> Em certas circunstâncias, os mortos voltavam oficialmente. Assim, apareciam nos cortejos que acompanhavam os defuntos à pira, figurados por atores disfarçados dos seus antepassados e por vezes também de antepassados de famílias aliadas. Eram os mortos que acolhiam o recém-chegado; este, de resto, também se encontrava presente. Era costume – pelo menos desde o tempo de Augusto, mas também, certamente, e de certa forma, desde épocas mais recuadas – que um ator, disfarçado com uma máscara do defunto, precedesse a liteira em que transportava o cadáver, imitando o andar do morto, os seus modos e, de algum modo, prolongando-lhe a vida até à destruição final do corpo.[32]

Um dos principais motivos que levavam as pessoas a recorrerem à necromancia era a busca de informações sobre o futuro. Acreditava-se que os mortos tinham acesso a conhecimentos que os vivos não possuíam. Além disso, a necromancia também poderia ser utilizada com o intuito de localizar tesouros escondidos ou descobrir segredos úteis aos vivos:

> A prática necromântica, argumentar-se-á, era a evocação de fantasmas e o seu apaziguamento, certamente conceitualmente, e talvez também historicamente. Então o ímpeto para consultar um fantasma, muitas vezes derivaria do fato de que alguém estava sendo atacado ou incomodado por ele em sua inquietação. A revelação buscada através dele, seria então a causa e o remédio dessa insatisfação, que era tipicamente ocasionada pela falta de sepultamento perfeito ou pela falta de vingança contra um assassino. Frequentemente, também, alguém invocaria o fantasma de uma determinada pessoa porque esse indivíduo tinha informações em vida que agora eram necessárias. Onde ela enterrou o tesouro? Qual foi o motivo da Guerra de Tróia? Mas também se poderia invocar fantasmas conhecidos ou não, e consultá-los sobre questões mais amplas sem relevância especial para a pessoa de quem eles derivaram. Em tais casos, por que alguém recorreria à necromancia entre as inúmeras formas de adivinhação disponíveis? A necromancia poderia ser escolhida porque a adivinhação necessária era aquela que os mortos em geral estavam bem-posicionados para fornecer, como o momento das mortes daqueles que ainda estavam vivos, ou a natureza da vida após a morte ou o universo: Quando eu morrerei? Quando o imperador morrerá? Como a guerra terminará? Como a dispensação da justiça no submundo dita que alguém deve conduzir melhor sua vida? (Tradução nossa).[33]

---

[32] Grimal, 2009, p. 74.

[33] At the core of necromantic practice, it will be argued, was ghost-laying and ghost-placation, certainly conceptually, and perhaps also historically (chapter 1). So the impetus for consulting a ghost would often derive from the fact that one was being attacked or troubled by it in its restlessness. The revelation then sought from it would be the cause and remedy of this dissatisfaction, which was typically occasioned by want of perfect burial or want of revenge upon the killer. Often, too, one would call up a given person's ghost because that person had had information in life that one now needed to access: Where had she buried the treasure? What had been the truth of the Trojan War? But one could also call up ghosts, known or not, and consult them on wider issues of no special relevance to the person from whom they had derived. In such cases, why should one turn to necromancy at all among the myriad forms of divination available? Necromancy could be chosen because the divination required was one that the dead in general were well placed to provide, such as the timing of the deaths of those still living, or the nature of the afterlife or the universe: When will I die? When will the emperor die? How will the war turn

Dentre as mais variadas formas de previsão que os antigos utilizavam, a necromancia parece estar entre as mais eficientes, pois acessa diretamente a fonte de sabedoria dos mortos. Além disso o oráculo necromante poderia ser escolhido para perguntas de qualquer tipo por ser a mais poderosa forma de adivinhação disponível.

Uma questão levantada por Ogden seria sobre a razão pela qual os mortos possuíam tanta sabedoria, e, sobretudo, porque entidades presas ao passado podiam enxergar o futuro:

> Pode parecer inicialmente um paradoxo intrigante que alguém tenha se voltado para seres tão fortemente associados ao passado para obter conhecimento do futuro. (...) Mas deve-se ter em mente que a revelação do futuro constitui apenas uma pequena parte do material arcano revelado em consultas necromânticas. (...) Os mortos podiam transmitir a sabedoria de suas próprias experiências, particularmente daquelas que o levaram à própria morte. Os mortos em seus túmulos podiam testemunhar tudo o que acontecia ao redor deles. O congresso dos mortos no submundo reunia seu conhecimento e entendimento de todas as coisas. As raízes do futuro estavam no passado, de modo que as pessoas do passado de alguém eram mais capazes de perceber o futuro de alguém. O futuro em si era preparado no submundo, seja na reunião de almas em preparação para a encarnação, ou fiação dos destinos. Almas separadas de seus corpos sobrecarregados tinham uma percepção mais clara de todas as coisas e processos. Talvez os fantasmas também extraíssem algum poder da própria terra fértil (Tradução nossa). [34]

De acordo com o autor, uma das razões para os falecidos serem sábios, é o fato de passarem a existir no submundo, lugar onde o futuro dos homens é preparado pelas Parcas, principalmente durante a fiação dos destinos. Portanto, de acordo com a concepção de mundo mitológica dos antigos, a origem do futuro está no passado.

A necromancia, no entanto, não era vista como uma prática inofensiva, e era frequentemente associada a práticas supersticiosas e rituais sinistros. Os necromantes, assim como os bruxos, eram tidos como figuras suspeitas e perigosas. Além disso, pode-se inferir que, no contexto romano, os bruxos em geral eram necromantes, de maneira que os termos muitas vezes são sinônimos, como ficará evidente na maioria dos textos selecionados para este trabalho.

---

out? How does the dispensation of justice in the underworld dictate that one should best conduct one's life? (Ogden, 2004, p. 8)

[34] It may initially seem an intriguing paradox that one should have turned to beings so strongly associated with the past for knowledge of the future. (...) But it should be borne in mind that revelation of the future constitutes only a small part of the arcane material revealed in necromantic consultations. (...) The dead could impart the wisdom of their own experiences, particularly of those that had led to their own death. The dead in their graves could witness all that went on around them. The congress of the dead in the underworld pooled their knowledge and understanding of all things. The roots of the future lay in the past, so that the people of one's past were better able to perceive one's future. The future was itself prepared in the underworld, be it in the marshaling of souls in preparation for incarnation, or in the spinning of the Fates. Souls detached from their encumbering bodies had a clearer perception of all things and processes. Perhaps the ghosts also drew some power from the fertile earth itself. (Ogden, 2004, p. 8-9)

Por despertar a desconfiança na comunidade, existe uma associação da prática da necromancia a certos grupos sociais, como as mulheres em geral e os homens na condição de estrangeiro. O que não quer dizer que outros segmentos da sociedade não praticassem a necromancia, mas isso explicaria a abundância de personagens femininos na condição de agentes mágicos e necromantes, ao passo que, quando são masculinos, se restringem a estrangeiros, charlatões ou pastores:

> Os termos-chave aqui são *psuchagogos*, "evocador", *goēs*, "feiticeiro", e uma série de palavras que denotam ventriloquismo. A atitude em relação àqueles a quem tais termos eram aplicados era geralmente desdenhosa, e isso se torna particularmente claro nas observações de Platão e Aristófanes. (...) Também havia uma tendência crescente de associar uma especialização em necromancia à estrangeiros – persas, babilônios e egípcios – e a mulheres ou bruxas. O auge dessa tendência foi o período imperial, mas a primeira grande sequência de necromancia da literatura antiga, a da *Odisseia*, já nos fornece nossa primeira bruxa em Circe, e a segunda grande sequência de necromancia, a dos *Persas*, de Ésquilo, já nos fornece nossos primeiros necromantes persas (Tradução nossa).[35]

Os termos gregos usados para designar necromantes como *psuchagogos* (evocador), e *goēs*, (feiticeiro) eram tidos como pejorativos, o que denota pouco prestígio social na caracterização de tais agentes mágicos. No universo cultural greco-romano, havia a tendência a se associar a prática necromântica aos persas, babilônios, egípcios e às mulheres.

Além disso, Ogden sugere que a identificação de estrangeiros e mulheres com a necromancia constitui um ato de "distanciamento cultural" e, portanto, corrobora outras indicações de que a necromancia era percebida como bizarra. Ainda sobre a caracterização de mulheres como necromantes, o autor afirma que:

> Algumas dessas mulheres necromantes são fortemente caracterizadas como perversas, mas isso não é verdade para todas elas. A tendência para tal caracterização é explicável pelo fato de que a maioria das evidências para mulheres necromantes deriva da tradição literária latina das bruxas más. Esta tradição, da qual a necromancia propriamente dita forma uma parte pequena, tem sua própria dinâmica. As atitudes negativas focadas sobre a bruxaria não estavam fora de lugar na sociedade romana, que em geral era muito mais ansiosa em relação à magia e adivinhação do que a sociedade grega jamais fora (Tradução nossa).[36]

---

[35] The key terms here are *psuchagōgos*, "evocator"; *goēs*, "sorcerer"; and a series of words denoting ventriloquism. The attitude toward those to whom such terms were applied was usually disdainful, and this becomes particularly clear in the remarks of Plato and Aristophanes. (...) There was also a developing tendency to associate a specialization in necromancy with aliens—Persians, Babylonians, and Egyptians—and with women or witches. The heyday of this tendency was the imperial period, but ancient literature's first great necromancy sequence, that of the Odyssey, already provides us with our first witch in Circe, and the second great necromancy sequence, that of Aeschylus's Persians, already provides us with our first Persian necromancers. (Ogden, 2004, p. 64).

[36]. Some of these women necromancers are strongly characterized as wicked, but this is by no means true of all of them. The tendency toward such a characterization is explicable by fact that most of the evidence for women necromancers derives from the Latin literary wicked-witch tradition. This tradition, of which necromancy proper forms a relatively small part, has its own dynamics. The negative attitudes focused upon witchcraft were not out

Essa afirmação em particular nos auxilia em nossa busca pela formação dos conceitos de bruxa e de bruxaria em Roma. Seguindo essa hipótese, percebemos que o receio dos romanos pelas práticas necromantes as relacionaram com grupos sociais menos favorecidos.

Em Roma, a prática também foi associada aos próprios imperadores, especialmente Nero, provavelmente porque essa especulação gerava uma série de estereótipos negativos. Os imperadores foram frequentemente acusados de usar oráculos necromânticos para obter informações sobre o futuro e resolver problemas políticos:

> A atribuição da necromancia a eles era uma maneira conveniente de expressar sua insanidade displicente, seu apego a costumes bizarros não romanos, seu abuso de riqueza e poder, sua ansiedade sobre sua própria posição, sua crueldade homicida e culpa resultante, e seu desejo de competir com os deuses (Tradução nossa).[37]

Assim como a bruxaria, a necromancia também era atribuída a culturas estrangeiras, como a persa e a egípcia. Segundo Ogden (2004), os persas eram conhecidos por suas habilidades mágicas e necromânticas, e os egípcios eram vistos como especialistas em rituais funerários e comunicação com os mortos. Graf (1994) também corrobora essa afirmação.

Embora as evidências revisadas até agora tenham indicado que os profissionais necromânticos na Antiguidade eram normalmente de etnia grega e do sexo masculino, a alta literatura frequentemente poderia representá-los como bárbaros (notavelmente como persas, babilônicos ou egípcios), ou como mulheres (especialmente como bruxas), ou mesmo como ambos. O apogeu de tais representações foi o período imperial, mas suas raízes remontam ao período arcaico.

Um sociólogo moderno que observa a Antiguidade poderia explicar este fenômeno como uma forma de "distanciamento cultural", ou seja, a projeção de atributos considerados indesejáveis ou assustadores em outros povos ou no outro sexo. Necromantes estrangeiros imaginários foram fornecidos largamente pelo Oriente Próximo e pelo Egito.

---

of place in Roman society, which was in general far more anxious about magic and divination than Greek society ever had been, as we shall see in the next chapter. (Ogden, 2004, p. 246).

[37] The attribution of necromancy to them was a convenient way of expressing their distracted insanity, their attachment to bizarre un-Roman customs, their abuse of wealth and power, their anxiety about their own position, their homicidal cruelty and ensuing guilt, and their desire to compete with gods. (Ogden, 2004, p. 251).

2.2. A influência cultural egípcia no mediterrâneo: As fórmulas mágicas egípcias

Graf (1994) destaca a importância dos influxos místico-religiosos egípcios em Roma, seja de forma direta, ou indireta, através do contato dos romanos com os gregos. Veremos brevemente alguns aspectos sobre a prática da religião cívica egípcia.

Gralha (2009) afirma haver indícios que demonstram que todas as classes sociais egípcias praticavam algum tipo de religião em suas casas, de forma que toda residência possuía um nicho para um altar:

> O culto popular é mais difícil de ser identificado, já que esse segmento não deixou artefatos que perdurassem como os da realeza e da nobreza egípcia. De todo modo, podemos inferir que o culto era realizado no lar (toda casa tinha um nicho para a divindade) e em capelas nas cidades e pequenas localidades. Em alguns casos, como no culto ao faraó Amenhetep I, a projeção foi tal que um pequeno grupo sacerdotal foi constituído. O culto oficial e o popular se encontravam nos grandes festivais e procissões que aconteciam ao longo do ano egípcio. Nos festivais de caráter oficial, a barca que continha os deuses e possivelmente o faraó saía em procissão pelo Nilo. Em outros, uma divindade de um templo visitava outra. É o caso de Hathor de Dendera e Hórus de Edfu. Nessas festividades, a população tinha cesso à parte do cerimonial e aos mitos através de algum tipo de encenação, pois a esmagadora maioria não sabia ler.[38]

Sobre os ritos funerários, restaram apenas vestígios das classes sociais mais altas, mas que sugerem ter havido também ritos fúnebres populares menos elaborados:

> Por fim, existiam as práticas funerárias, que de um modo geral tinham a função de preparar a pessoa para a outra vida. Quanto mais abastado fosse o egípcio mais complexo seria o seu funeral. Aquele desprovido de recursos infelizmente não deixou vestígios claros e não temos como saber ao certo que tipo de rito era praticado no sepultamento. Todavia, por mais pobre que fosse, é provável que um simples culto e funeral se realizasse para que ele pudesse também chegar ao reino de Osíris.[39]

Semelhante à cultura romana, existiam cultos restritos às famílias, em que cada núcleo realizava sua própria cerimônia, como demonstram os nichos e altares encontrados nas habitações mais modestas.

No entanto, vários cultos oficiais conduzidos por sumo-sacerdotes eram realizados secretamente, sem a participação popular, e a presença nesses ritos estava limitada à classe clerical e aos membros da realeza. Um exemplo era o culto diário ao deus Sol:

---

[38] Gralha, 2009, p. 17.
[39] Idem, p. 18.

> O culto era realizado diariamente por um grupo de sacerdotes que possuía funções específicas no decorrer da cerimônia, como preparar as oferendas, em boa parte alimentos, e o cuidado com os materiais ritualísticos, por exemplo, o que denota uma hierarquia no segmento sacerdotal. Nessa prática religiosa, o templo era o principal local e poderia servir tanto para o culto aos deuses quanto para o culto ao faraó (nos templos em memória do faraó falecido).[40]

Como foi discutido nos capítulos anteriores deste trabalho, os limites entre magia e religião podem ser tênues. Os costumes fúnebres ilustram esse fenômeno: "os ritos e oferendas aos deuses constituem também um tipo de prática mágica. O ritual de abertura dos olhos e da boca do morto no ato funerário pode ser um exemplo dessa prática". (Gralha, 2009, p. 18-19).

Em contrapartida, temos os rituais de magia, que podem ser classificados como uma espécie de religião privada e individualizada, assim como ocorre entre os gregos e romanos. A cultura material também comprova práticas de bruxaria amplamente difundidas em todas as classes sociais egípcias.

Segundo Gralha (2009), as práticas mágicas estão claramente inseridas nos cultos religiosos e na mitologia. Como vimos, o rito funerário é repleto de encantamentos e gestos simbólicos, como a abertura dos olhos e da boca do cadáver embalsamado para que este possa ver e falar em sua nova vida após a morte. A magia também se relaciona com a medicina uma vez que papiros médicos prescrevem encantamentos que devem ser administrados junto aos medicamentos. A população tinha acesso à magia por meio de magos, curandeiros, sacerdotes ou através do conhecimento popular. Muitos dos feitiços sobreviveram à passagem do tempo, sendo encontrados em papiros oriundos do Egito dos séculos IV ao VIII d.C.

> Os encantamentos são os mais diversos, mas questões ligadas ao amor, às enfermidades, à concepção ou não-concepção, ao combate do mal e à aniquilação de um inimigo são os mais visíveis. Entre todos, os feitiços relativos ao amor dominam o cenário. Dessa forma, a relação entre deuses e homens na questão popular torna-se mais clara uma vez que a magia, ao que tudo indica, pretende conceder desejos, necessidades e oferecer solução para os diversos dilemas e desafios da vida.[41]

Gralha nos mostra a tradução de alguns testemunhos epigráficos encontrados em papiros. O primeiro é um exemplo de encantamento de amor:

> Saúdo a ti O Ra-Harakhty, Pai dos Deuses!
> Saúdo a ti O "Sete Hathors" Aquela que é adornada com contas vermelhas! Saúdo a ti Deuses senhores do céu e da terra!
> Venham [façam] [fulana] filha de sicrano vir atrás de mim, como um cervo atrás da grama. Como um servo atrás da criança. Como um pastor atrás de seu rebanho!

[40] Gralha, 2009, p. 17.
[41] Idem, p.20.

> Se vocês não a fizerem vir atrás de mim, então eu colocarei fogo em Busiris e queimarei [Osíris]
>
> (Escrito em um fragmento de cerâmica – 20ª dinastia, por volta de 1100 a.C.)[42]

Sublinhamos o fato de que aquele que faz o encantamento no fragmento de cerâmica ameaça um dos deuses caso não obtenha sucesso em sua demanda. O segundo exemplo consiste em um encantamento de amor por magia contagiosa:

> Toma um escaravelho solar e cozinha-o em azeite cremoso de mirra
> e logo toma o escaravelho e tritura-o juntamente com ervilhas; joga-
> lo em uma taça de cristal e diz duas vezes a fórmula que se segue:
> "thóbarrabau, Miguel Miguel; Osiris phor, phorba, Abriel; sesengen barpharangés, Iao, Sabaot, Adnáis, Laïlam, obriga a fulana, filha de sicrana, a me seguir se eu a tocar.
> (Papiro PMG – séculos IV-VII d.C)[43]

Vemos que, depois de realizar o rito oral, o requerente da fórmula mágica do *Papiro PMG* precisa ativar o feitiço tocando a vítima fisicamente. Percebe-se uma mistura de cultos religiosos de diversas origens, mas essencialmente centrados na antiga magia egípcia.

A feitiçaria também foi utilizada pelos reis, e, portanto, era realizada de forma legítima por aqueles que exerciam o poder na sociedade:

> As práticas religiosas e mágicas também serviram à monarquia divina dos faraós, pois estabeleciam a legitimidade de ações através do desejo ou permissão dos deuses. Ou seja, eram utilizadas como forma de controle social e "propaganda" de governo. Nessa mesma linha, encontramos os "deuses dinásticos" (divindades associadas a uma dinastia de monarcas reinantes) podendo atingir grande importância no reino como um todo.[44]

O que nos parece peculiar, é o fato da feitiçaria ser utilizada pelo próprio Faraó em assuntos de Estado. Logo, no contexto social egípcio, o governante não sofre proibição jurídica ou moral ao realizar magia, pois resume-se a uma ação secreta, mas não necessariamente ilícita.

Segundo Ribeiro (2018), o campo de atuações da magia egípcia era bastante vasto e pode ser dividido em quatro grandes categorias: defensiva, produtiva, prognóstica e malevolente. Ele nos diz ainda que a feitiçaria produtiva, usada para transformações e mudanças de estado, é mais comumente destinada ao uso póstumo, o que permite dizer que há uma diferenciação entre os encantamentos direcionados aos vivos e aos mortos (Ribeiro, 2018, p. 74).

---

[42] Gralha, 2009, p. 20.
[43] Ibdem.
[44] Gralha, 2009, p.21.

> Dentre os vivos, além das questões da esfera da fertilidade que já foram pontuadas, a maior parte da atenção parece se voltar para a cura de males e doenças, assim como se proteger dos perigos que pudessem causar tais adversidades. Encantamentos caracterizáveis como "magia de amor" são raros antes da Época Tardia, mas abundam aqueles que visam afastar animais perigosos como cobras, escorpiões e crocodilos, ou que buscam combater venenos e dores corporais. A profusão de fórmulas profiláticas e curativas, muitas vezes mescladas com descrições de prescrições de remédios, é de tal tamanho que muitos estudiosos afirmam ser difícil ou mesmo impraticável buscar distinguir magia de medicina, de modo que a prática de ambas é apontada para a mesma pessoa.[45]

Ribeiro (2018) também nos informa que, na religião egípcia, a magia consiste em uma dádiva entregue aos homens pelo criador.

Ainda sobre a utilidade prática da magia, a maioria dos egiptólogos, como Alan Gardiner, François Lexa, Joris Borghouts e Christiane Zivie-Coche[46], nos diz que a feitiçaria é uma ferramenta usada em momentos críticos, quando os conhecimentos técnicos falham ou se mostram insuficientes. Porém, temos argumentos mais arrojados como os de Geraldine Pinch, afirmando que:

> (...) os egípcios às vezes empregavam magia para lidar com problemas de saúde que sua tecnologia médica era capaz de tratar (...). Eles também utilizavam magia contra inimigos estrangeiros que eles poderiam e de fato derrotavam com sua tecnologia militar.[47]

A soma de ações reais a ações ritualísticas paralelas que visavam solucionar o mesmo problema parece ser frequentes na sociedade egípcia. Esperava-se que esses dois tipos de ação funcionassem em diferentes planos de existência.

> Assim, Pinch propõe que ações mágicas não serviam como uma espécie de última saída, mas sim como um dos recursos disponíveis para enfrentamento de uma situação. Isto está de acordo com o princípio de multiplicidade de explicações do pensamento egípcio que debatemos ao falar da cosmogonia, de forma que ambos os meios de lidar com uma questão ou problema (por exemplo, magia e ações militares sendo executadas contra inimigos estrangeiros) fossem eficazes. Não obstante, Pinch não descarta que a magia fosse uma forma de lidar com crises, mas ela lembra que não apenas a religião egípcia envolvia a concepção de momentos de crise (graças à constante ameaça cósmica do caos) como a magia possuía um caráter profilático que visava impedir que uma ocorrência problemática se instaurasse.[48]

Na disciplina da antropologia, Malinowski observou algo semelhante em seus estudos etnográficos nas ilhas Trobriand. Nesta comunidade, a tecnologia e as habilidades humanas são

---

[45] Ribeiro, 2018, p. 74-75.
[46] Idem, p. 73.
[47] Pinch *In:* Ribeiro, 2018, p. 73.
[48] Ribeiro, 2018, p. 73-74.

aliadas ao uso da magia como uma ferramenta psicológica que otimiza todas as atividades econômicas e artísticas:

> A magia comunitária da agricultura e da pesca, realizada em certas aldeias, evidencia – com mais clareza do que os casos descritos – o aspecto que nos pareceu tão importante na magia da canoa, a saber: que os ritos e fórmulas não são simples apêndices que ocorrem em paralelo aos esforços econômicos, sem os influenciar. Ao contrário, pode-se dizer que a crença na magia é uma das principais forças psicológicas que possibilitam a organização e a sistematização dos esforços econômicos nas ilhas Trobriand. A capacidade para a arte, bem como sua inspiração também é atribuída à magia.[49]

De forma geral, observamos certas semelhanças entre as práticas mágicas populares egípcias e romanas. É importante ressaltar que, embora o contato com os gregos tenha sido importante para a absorção de costumes orientais na Urbe, as trocas culturais e comerciais do Mediterrâneo com o Oriente e a Ásia são muito antigas e nunca cessaram.

2.3 As origens do termo 'magia'

Fritz Graf propõe que a feitiçaria em Roma consistiu, essencialmente, na importação de rituais estrangeiros. Para o romano, os rituais de bruxaria significavam a magia ou a religião advinda de terras estrangeiras. Graf (1994) identifica duas etapas na evolução histórica da magia em Roma: a primeira, que se estende até o período da República, e a segunda, chamada de fase júlio-claudiana.

A primeira compreende uma fase em que a palavra *magia*, de origem grega, ainda não havia sido registrada em latim, mas existiam outros vocábulos de raiz latina para designar rituais condenáveis como *malum carmen*, *incantare*, *excantare*, *malum venenum* e *veneficium*, que compreendiam práticas usadas para prejudicar pessoas ou propriedades.

No período da república, um dos poucos relatos da literatura latina sobre o uso de magia é encontrado na prosa de Catão (234 – 149 a.C.) em seu manual *De Agri Cultura*, escrito por volta de 160 a.C. Em dado momento de seu tratado, Catão ensina um rito oral, chamado por ele de *cantio* para curar uma luxação:

> Luxum si quod est, hac cantione sanum fit: harundinem prende tibi viridem p(edes) iiii aut v longam, mediam diffinde, et duo homies teneant ad coxendices. incipe cantare:

[49] Malinowski, 2015, p. 520.

> in alio s(ic) f(lertur): MOETAS UAETA DARIES DARDARIES ASIADARIES UMA PETES usque dum coeant
> MOTAS UAETA DARIES DARDARES ASTATARIES DISSUNAPITTER
> Usque dum coeant. Ferrum insuper iactato. ubi coierint et
> altera alteram tetigerint, id manu prehende et dextra sinis-
> tra praecide; ad luxum aut ad fracturam alliga; sanum fiet.
> et tamen cotidie cantato
> in alio s(ic) f(ertur) vel luxato vel hoc modo HUAT HAUAT
> HUAT ISTA PISTA SISTA DANNABO DANNAUSTRA et luxato vel hoc modo HUAT HAUT HAUT ISTASIS TARSIS ARDANNABOU DANNAUSTRA[50]

> Se ocorre uma luxação, ela será curada através desse encantamento: prenda um junco verde de quatro ou cinco pés, corte-o em dois pela metade, e que dois homens o segurem contra o quadril; comece o encantamento até que as metades se encontrem: moetas... dissunapiter (...), até que as duas metades se encontrem. Erga um ferro embaixo. Depois que as duas metades estiverem reunidas e em contato, prenda um junco na mão e corte a extremidade à direita e à esquerda, amarre-a com uma ligadura sobre a luxação ou fratura: ela se curará. Enquanto isso, dia após dia, faça o encantamento para a melhora da luxação: huat... dannaustra. (Tradução nossa).

A simplicidade do ritual demonstra o que Mauss postula em seu *Esboço para uma teoria geral da magia* sobre os encantamentos nas culturas populares de todo o mundo: que a feitiçaria popularmente praticada é muito mais modesta e objetiva, e que os ritos mágicos reais se mostram bem menos sofisticados e detalhados. O que o torna semelhantes a outros ritos de qualquer sociedade humana é o fato de reunirem todas ou quase todas as características mencionadas anteriormente (agente, fórmulas simpáticas, ritos orais, ritos manuais, manipulação de entidades). No entanto, a complexidade dos rituais que veremos descritos na literatura latina se distancia desse exemplo de 'encantamento auxiliar' dado por Catão. Infelizmente, como destaca Graf, há pouquíssimos documentos ou textos epigráficos que descrevam a magia antes da época republicana. O trecho presente na prosa didática é um raro testemunho sobre feitiçaria (ou simpatia) popular na península itálica. Nos próximos capítulos, demonstraremos através dos textos literários em latim, como a magia de cura registrada por Catão em torno do ano de 160 a.C. se difere, em termos de estilo e complexidade, dos rituais apresentados nos poemas e romances entre os séculos I a.C. e II d.C.

Lembremos que Catão, como censor, se destacou pela defesa das tradições romanas e contra o luxo e a frivolidade originária do contato cada vez maior de Roma com o Oriente, que se deu, dentre outras formas, através da corrente cultural helenística. Se foi necessário defender as tradições itálicas da influência grega em sua época, provavelmente Roma já começava a ser invadida culturalmente por costumes estrangeiros.

---

[50] Texto em latim retirado de CATO, Marcus Porcius. **On agriculture**. Cambridge, Mass. : London : Harvard University Press ; W. Heinemann, 1934.

A criação de leis específicas para coibir tais práticas começou com a guerra civil entre Mário e Sylla, quando foi criada a *Lex Cornelia de sicariis et veneficis* (Lei Cornélia sobre agressores e envenenadores), promulgada no ano 82 a.C. para reprimir a violência armada, pois, nesse mesmo período, havia crescido o número de envenenamentos e a produção de *defixiones*, que consistem em tábuas de chumbo ou argila usadas para entalhar maldições. Não há até o momento, registro arqueológico de *defixiones* em latim preservadas anteriores à República. Estudos recentes sobre a história das *defixiones* no continente europeu e o conteúdo de seus textos pode ser encontrado em Freitas (2022) e Campos (2022). Trataremos brevemente sobre o assunto das tábuas de imprecações nos capítulos seguintes, pois constituem objetos arqueológicos de valor imensurável para a compreensão da magia na cultura latina.

Na segunda fase, júlio-claudiana (27 a.C. – 68 d.C.), na qual a palavra magia já havia sido registrada, o crime de *veneficium* continua a existir, mas não está mais associado a práticas mágicas. Segundo Graf, a magia nessa época é vista pelos romanos como uma combinação de medicina e astrologia, e sua principal função é prever o futuro. Além disso, consiste em um conceito estrangeiro, sem dúvida, como indica sua terminologia grega.

Plínio, o Velho, em sua *História Natural* (77 d.C.) faz a reconstrução histórica da difusão da feitiçaria no mundo antigo e critica as crenças tolas em magia. No século I d.C., a alta sociedade, por influência da cultura helênica, já havia adotado as práticas místicas estrangeiras e passou a utilizar o vocábulo grego *magia*, o qual foi associado parcialmente às velhas crenças de *veneficium* e à medicina tradicional e, sobretudo, à nova técnica divinatória da astrologia, que nessa época, se apresentava mais sofisticada que aquela dos Caldeus, já conhecida nos tempos de Catão. Essa arte atendeu às exigências de uma elite individualizada, desligada há muito de suas tradições e de seus antigos sistemas de adivinhação.

No início do volume XXX da *História Natural*, Plínio critica aqueles que acreditam em magia usando os termos *magicas vanitates*, tolices mágicas (em tradução livre). Ele também explica a história da palavra *magicus*, de origem grega e conotação negativa, registrada anteriormente em Heráclito e Sófocles.

Para Plínio, a magia é a fusão de três artes: medicina, religião e astrologia; sendo a magia, uma forma de medicina ligada ao charlatanismo. Contraditoriamente, o autor defende que a magia tradicional itálica é lícita e sobrevive junto aos ritos dos pontífices; ou seja, ela é legítima e regular.

Graf (1994) defende que o estudo sobre magia e religião nas civilizações da Antiguidade deve recorrer a todas as fontes possíveis, incluindo literatura, textos em papiros e inscrições, e documentos figurados. Fora esses documentos, comuns a toda história das religiões antigas,

existem os textos específicos sobre feitiçaria que são os papiros mágicos e as *defixiones* epigráficas (gravadas principalmente sobre finas plaquinhas de chumbo), textos encontrados em todo o mundo antigo, desde a Grécia clássica até o Egito greco-romano.[51]

Os livros sobre magia conservados nos papiros egípcios são certamente os mais impressionantes e eles constituem, graças a seus cenários rituais bastante detalhados, a fonte de informação histórica mais importante a respeito desse tema naquela região.

Entre os textos mágicos reunidos nos dois volumes dos *Papyri Graecae Magicae* de *Presendanz*, é preciso destacar pequenos pedaços de papiro que comportam os textos de magia aplicada – amuletos contra doenças, fórmulas de encantamentos.

Há, sobretudo, *defixiones* escritas em papiros, o que aponta para a prática da imprecação também no Egito greco-romano. Outros textos análogos, bem mais numerosos, que os epigrafistas chamam *tabellae defixionum*, gravados sobre pequenas tábuas de metal, foram encontrados espalhados por toda parte no mundo antigo, ao contrário dos papiros. Supõe-se que devem ter existido textos mágicos parecidos, também em papiros, fora do Egito, mas, salvo exceções muito raras, é somente no solo extremamente seco no entorno do Vale do Nilo que os papiros antigos foram conservados.

Uma das questões importantes comentadas por Graf (1994), é a relevância dada ao assunto da magia por eruditos da Antiguidade. Os longos textos em papiros são de interesse considerável, pois constituem verdadeiros tratados de magia, de coletâneas de receitas e de instruções de todo gênero: exorcismos, prescrições contra a cólera de um superior, formas de ganhar o coração de uma mulher, passando por ritos que permitem entrar em contato com o deus supremo. Esses livros datam do Alto Império e vieram da mão de escribas extremamente eruditos que normalmente possuíam comprovada formação filológica. Cinco ou seis dos livros provinham da biblioteca de um especialista egípcio que viveu no Alto Egito, versado em língua copta, que nutria verdadeiro interesse pela magia e teologia secreta. Provindos de sua biblioteca, também foram conservados os livros de magia escritos em copta e um livro de alquimia. É óbvio que em tais condições, de uma tradição pouco controlada, os textos foram submetidos a alterações consideráveis, como adjunções e reduções, segundo o capricho do colecionador.

Os papiros também constituem fonte de informações sobre o pensamento e a prática da magia greco-romana na época imperial. É verdade que esses textos são plenos de elementos

[51] O chamado "Egito romano" refere-se à época em que a região – que abrangia quase todo o território do país atualmente – estava sob controle do Império Romano. A província foi criada em 30 a.C. depois que Otaviano derrotou Marco Antônio e destronou a rainha egípcia Cleópatra, colocando fim à dinastia ptolomaica. Essas terras foram anexadas à Roma, e, posteriormente, a península do Sinai foi conquistada por Trajano.

egípcios: uma primeira leitura superficial mostra a importância das divindades egípcias e seus mitos, e a análise mais acurada tem revelado os detalhes da ideologia e do ritual que não podem ser entendidos sem a luz do contexto sociocultural do Vale do Nilo.

Mas precisa-se insistir sobre a larga difusão desses mesmos ritos mágicos fora do Egito: existe uma série de imprecações (de *defixiones*) que se referem ao deus Seth, inimigo primordial de Isis, e que proveem de Roma, assim como de Chipre ou de Atenas.

A respeito da distinção entre magia e religião e as terminologias usadas para diferenciá-las, Graf chega a três conclusões principais:

> (I) Os atos religiosos não deveriam ser confundidos com o que nós designamos sob o nome de magia. A magia refere-se aos cultos à mistérios privados, com seus sacrifícios iniciáticos, bem como a adivinhação e a magia nociva. Todos os fenômenos têm em comum não pertencer à religião coletiva da *polis* grega.
>
> (II) Aparentemente, todas essas práticas poderiam ter conotações negativas. Seguramente Platão, e depois Heráclito, fazem comentários depreciativos sobre a prática da magia e dos mistérios.
>
> (III) A dicotomia entre religião e magia, constitutiva do modelo frazeriano, já está presente em Heráclito e encontra-se sobretudo em Platão. Nas *Leis*, Platão distingue a magia da religião naquilo que aquela se esforça em persuadir os deuses, enquanto o comportamento verdadeiramente religioso é o de deixar a livre escolha, pois os deuses sabem melhor o que é bom para nós. Esse ponto de vista se encontra próximo da ideia que será revisitada em Frazer, a saber que a magia força os deuses, enquanto a religião se submete às suas vontades. [52]

A documentação epigráfica e literária sobre a feitiçaria na Grécia é curiosamente mais lacunar na época helenística. Antes do início do Império Grego, há não mais que um conjunto de textos poéticos, dos quais a autenticidade e o valor documental são muito difíceis de avaliar, e que são, por outro lado, superestimados. No que concerne à epigrafia, as *defixiones* em grego apresentam valor inestimável para o nosso entendimento sobre da magia.

O paralelismo mais surpreendente, é que tanto em Roma como na Grécia os termos *magus* e *magia* apareceram tardiamente, somente quando uma reflexão consciente sobre a magia se desenvolveu no cerne dessas culturas. Apesar das semelhanças culturais, a situação sobre a feitiçaria em Roma se difere da Grécia do ponto de vista jurídico: em Roma as práticas de sortilégios sempre foram combatidas pelas autoridades civis, e as acusações sobre o uso da magia foram bem mais graves que nos territórios gregos.

No contexto linguístico romano, temos a seguinte situação para o uso de termos para designar 'magia' e suas derivações. Da República até o século I d.C., as palavras usadas para designar "bruxo" ou "bruxaria" procediam de empréstimos de palavras estrangeiras, como o

[52] Graf, 1994, p. 37-38.

grego. Temos uma amostra em Catulo (87 ou 84 a.C. – 57 ou 54 a.C.), no Epigrama 90 (v.1-6), do uso do substantivo *magus* para designar "bruxo", como destaca Graf:

> *Nascatur* ***magus*** *ex Gelli matrisque nefando*
> *coniugio et discat Persicum aruspicium:*
> *nam magus ex matre et gnato gignatur oportet,*
> *si vera est Persarum impia religio,*
> *gratus ut accepto veneretur carmine divos*
> *omentum in flamma pingue liquefaciens.*[53]
>
> Que um mago nasça da união abominável entre Gélio e sua mãe,
> e que ele aprenda os haruspícios dos Persas!
> Porque é necessário que a mãe e os filhos deem à luz um mago,
> se há alguma verdade na religião ímpia dos persas,
> para que os deuses acolham de bom grado a sua oração e o seu canto,
> quando ele derreter nas chamas as entranhas gordurosas das vítimas.[54]

Há ainda, palavras que eram usadas com outros significados, como é o caso de *saga*, que significa "sábia" e que é usada também para se referir às feiticeiras, como ocorre na poesia elegíaca de Tibulo (I, 2, 44) no final do século I a C. Porém a palavra *saga* não significava "bruxa" exclusivamente; o termo alcançava este significado por extensão a depender do contexto, como no caso de Tibulo, em que ele descreve outras características da personagem, o que nos dá pistas de que se trata de uma feiticeira.

Já a palavra *magus*, empréstimo grego, utilizada na sua forma masculina em Catulo, ocorrerá como substantivo feminino nas *Metamorfoses* de Ovídio, no livro VII, v.195, capítulo no qual é narrado o mito dos argonautas e de Medeia.

O termo *strix*, também um empréstimo grego, originalmente significava "estrige" ou "vampiro", mas ao ser incorporado ao léxico do latim, se especializou semanticamente para designar "bruxa". O vocábulo ocorre na literatura em momentos distintos, mas há um longo intervalo em que não foi utilizada pelos escritores. Em Plauto, séculos III-II a.C., encontramos a palavra com o sentido de "vampiro", no verso 820 de *Pseudulus*. Após esta ocorrência, *strix* – e suas declinações – surgirá novamente apenas nos Fastos de Ovídio (F. 6, 133), depois em Plínio (11,232); Tibulo 1, 5, 52 e nos Festi[55] (314,33).

[53] Catulo. Epigrama 90.
[54] Tradução nossa. Grifo nosso.
[55] *Festi breuiarium rerum gestarum populi romani*.

O lexema *striga*, uma variação vernácula de *strix*[56], significando espírito maléfico ou vampiro, é encontrado em Petrônio (63, 4).[57] Esta variação do latim vulgar, com o passar do tempo se tornou a forma padrão:

> O tema em –i/consoante, apesar de se ter mantido, sofreu algumas alterações, principalmente no que se refere à normalização de algumas formas de nominativo singular que tinham aspecto de anomalia. Tal normalização se efetuou através de formações analógicas, algumas vezes com mudança de tema (do tipo **strix**- tema em consoante, que passa a **striga**, tema em –a), outras vezes dentro do próprio tema em –i/consoante (ex.: Iouis, como nominativo singular, ao lado de Iuppiter).[58]

O termo reaparecerá em São Tomás de Aquino (3, 503), no século XIII d.C., já consolidado como vocábulo para designar "bruxa" durante a Idade Média.[59]

É evidente o vínculo etimológico entre os vocábulos *strix* e *striga* em latim, significando "bruxa". Do mesmo modo, é facilmente detectável a relação etimológica entre o léxico latino *striga* e a palavra do italiano moderno *strega*, que também designa "bruxa".

Cronologicamente, o *corpus* do nosso estudo se inicia a partir do governo de Augusto, pois, como vimos, no final da República, os atos mágicos na literatura latina raramente são mencionados, como no caso de Cícero e Catulo. De testemunhos sobre a prática da magia que sobreviveram ao tempo, temos somente o encantamento de cura despretensiosamente recomendado por Catão no manual *De Agri Cultura*.

A partir da consolidação do principado de Augusto e a abundante produção literária desse período, terá início a publicação de uma série de obras que retratam minuciosamente as práticas mágicas, porém, em termos de desenvolvimento linguístico, parece-nos que tanto na Grécia quanto em Roma, o desenvolvimento de um léxico específico para sinônimos de "bruxo/bruxa" e "bruxaria" se mostrou conservador e lento em suas variações para produzir vocábulos neste campo semântico.

---

[56] Forma escrita clássica do vocábulo. Conferir GAFFIOT, Felix. **Dictionnaire illustre latin français**. Paris: Hachette, 1957. e GLARE, P. G. W. **Oxford Latin Dictionary**. Oxford: Clarendon Press, 1982.
[57] Glare, 1982.
[58] Bianchet, 2002, p.47.
[59] Gaffiot, 1957.

2.4. Epigrafia latina: as *tabellae defixionum*

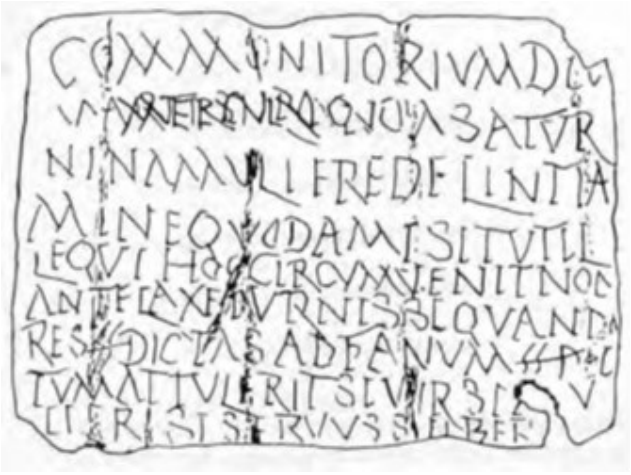
Temos conhecimento da assimilação das *tabellae defixionum* através dos gregos. Os habitantes do Império Romano não apenas absorveram o costume das tábulas, como as propagaram em quase todos os territórios, incluindo as províncias do Norte. Em Roma, e isso compreende os registros em latim, as placas de conjuros são praticamente inexistentes antes do período da República, mas tornam-se abundantes durante as guerras civis e com o início dos principados (Graf, 1994).

Segundo Freitas a falta de confiança do povo no sistema de justiça romano, levava os indivíduos de diferentes classes sociais a recorrerem ao uso das tábuas de imprecações para resolverem problemas cotidianos, especialmente litígios e questões amorosas: "A literatura e as placas de imprecação revelam a crença na força da palavra e no ritmo encantatório, mas, acima de tudo, a convicção de que se tinha o direito de pleitear a intervenção dos deuses por meio de um ritual mágico para reparar uma injustiça." (Freitas, 2022, p. 297).

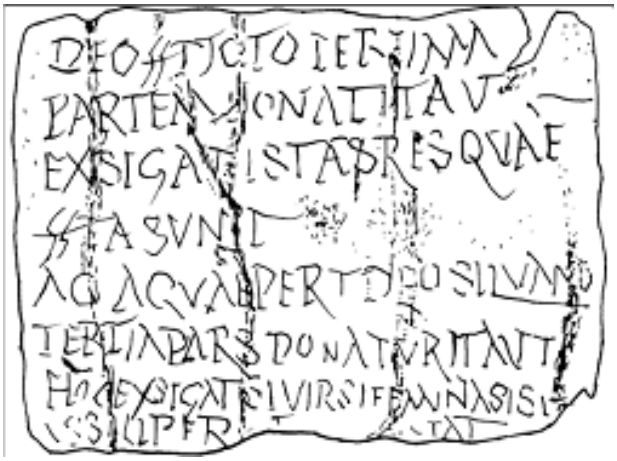
As placas de maldição constituem patrimônio da cultura material. Fabricadas entre os séculos V a.C. e VIII d.C., foram encontradas em várias regiões da Europa, desde o Mediterrâneo até a Britânia. Somam-se ao todo 1.600 placas, estando a maioria redigida em grego, as *katádesmoi*. As 500 placas em latim são chamadas *defixio*, *deuotio*, *donatio*, sendo *defixio* a mais usual na literatura acadêmica. A palavra é derivada do verbo *defigo*, podendo significar pregar, prender, imobilizar, encantar, enfeitiçar, amaldiçoar. Parte das tábuas foram perfuradas por pregos e afixadas publicamente, enquanto outras foram depositadas em túmulos, poços ou fontes de água. (Freitas, 2022, p. 307).

Como regra para todo ritual mágico, as placas não eram deixadas em qualquer lugar. Além das termas, casas de banho, fontes naturais, cemitérios, entradas de grutas, sarcófagos e locais dedicados a alguma divindade específica, serviam de depósito para os artefatos. Temos algumas figuras para exemplificar o que eram essas placas de imprecação:

1. Ilustração e transcrição da placa Uley 2 (lado A e lado B):



Transcrição	Tradução
Lado A commonitorium deo Mercurio a Satur(- nina muliere de linia(- mine quod amisit ut il(- le qui ho[c] circumuenit non ante laxeturnis<s>i quand[o] res s(upra)dictas ad fanum s(upra)d[ic](- tumatul[e]rit si uir si [m]u(- lier si seruus si liber	Lado A Memorando ao deus Mercúrio: de Saturnina, uma mulher, acerca da veste de linho que perdeu. Que aquele que a surrupiou não seja liberado antes, a não ser quando as coisas supracitadas tiver levado ao templo supracitado. Se homem, se mulher; se escravo, se livre.



Trancrição	Tradução
Lado B deo s(upra)dictoteriam partem [d]onat ita ut ex<s>igaistas res quae s(upra)s(scrip)ta(e) sunt ac a quae per(didi)t deo Siluano teriaparsdonatur ita ut hoc ex<s>igat si uir si feminasi s[eru](- us si liber ...tat	Lado B Para o deus supracitado, ela oferta uma terça parte de modo que ele cobre essas coisas que foram descritas acima. E do que perdeu, ao deus Silvano, é ofertada uma terça parte de modo que ele cobre isso. Se homem, se mulher; se escravo, se livre...

Fonte: Centre for the Study of Ancient Documents[60].

A placa acima foi encontrada em 1977 em Uley, condado de Gloucestershire, sudoeste da Inglaterra, onde escavações – realizadas até 1979 – trouxeram à tona um santuário anterior à ocupação romana que alcançou o início da Idade Média. Embora a cabeça de uma estátua de Mercúrio tenha sido resgatada no local, a redação da placa catalogada como Uley 2 é endereçada também ao deus romano das matas, Silvano. O texto é um pouco diferenciado porque, em geral, os rogos eram dirigidos a uma só divindade, ainda que ela representasse simultaneamente outra, esta, autóctone, num processo de identificação de um deus romano com um deus local que é chamado *interpretatio*. A identificação MARTI-SILVANO foi rasurada no lado A da placa, toda em letras capitais romanas, com a sobreposição de MERCVRIO, enquanto no lado B foi mantido SILVANO (Freitas, 2022, p. 300).

A *interpretatio* é o termo dado à aglutinação ou tradução de deuses em diferentes culturas, uma espécie de sincretismo religioso, como ocorreu em todo o panteão romano, grego e egípcio, e ainda ocorre no mundo contemporâneo, a exemplo das Américas, quando duas ou mais religiões entram em contato. Nas províncias romanas da Britânia não foi diferente, e encontramos a fusão simbólica de Minerva com a deusa celta Súlis, que se transformaram em destinatárias de várias *tabellae*, depositadas em uma terma:

> O melhor exemplo de *interpretatio* ocorre, no entanto, em Bath, condado de Somerset, no sudoeste da Inglaterra, onde ainda se encontra uma casa de banhos dos tempos romanos, erguida em torno de uma fonte de água quente. A cabeça de uma estátua de Minerva foi recuperada em 1727, mas a deusa lá cultuada é identificada com a divindade celta Súlis, sendo conhecida, então, como Súlis-Minerva, a quem foram endereçadas várias placas de imprecação.[61]

[60] Desenho de HASSALL, M. W. C.Centre for the Study of Ancient Documents. Disponivel em: <htp://curses.csad.ox.ac.uk/tablets/img/uley-2.html>. *In*: Freitas, 2022, p. 284.
[61] Freitas, 2022, p. 301.

A placa Uley 72, devido a seu bom estado de conservação, foi usada como modelo para a transcrição de outras placas encontradas na mesma região:

> Para analisar as placas traduzidas, tomou-se como paradigma Uley 72, preservada com texto integral, representativa do universo investigado em diversos quesitos e de fácil leitura na sua grafia original. Encontrada em 1978 no templo de Mercúrio em Uley, a placa de chumbo (76 mm x 131 mm) foi inscrita em letra cursiva romana antiga (ORC), entre 150 d.C. e 275 d.C. aproximadamente. Se o primeiro documento, Uley 2, era denominado "memorando", o segundo é uma "petição", revelando ambos a intenção de estabelecer uma comunicação formal, de caráter oficial, com Mercúrio.[62]

2. Ilustração e transcrição da placa Uley 72:

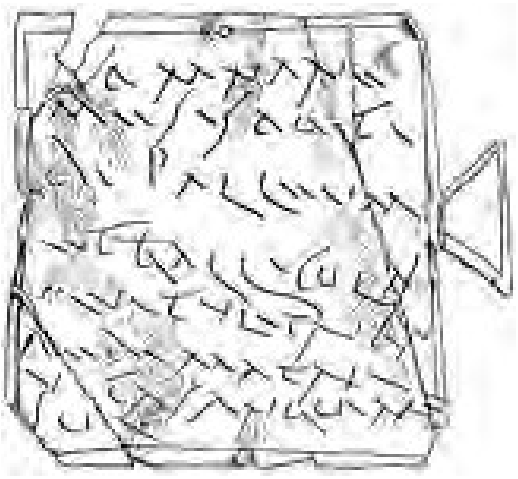
[62] Freitas, 2022, p. 304.

Transcrição	Tradução
Deo sanc‘to’ Mercurio Honoratus. Conqueror numini tuo me per(- didisse rotas duas et uaccas quat(- tuor et resculas plurimas de hospiiolo meo. Rogauerim genium nu(- minis ‘tu<u>i’ ut ei qui mihi fraudem fecerit sanitatem ei non per(- mitas nec iacere nec sedere nec bibere nec manducare si baro si mulier si puer si puella si seruus si liber nis<s>i meam rem ad me pertulerit et meam concordiam habuerit. Iterais pr<a>ecibus ro(- go numen tuum ut peiio mea staim pareat me uindica(- tum esse a maiestate tua.	Para o sagrado deus Mercúrio. De Honorato. Reclamo à tua divindade que perdi duas rodas e quatro vacas e diversas coisinhas de minha casa. Venho rogar ao gênio da tua di- vindade que, a esse que me defraudou, a ele não concedas saúde, nem deitar nem sentar, nem beber nem mastigar – se homem, se mulher; se rapaz, se moça; se escravo, se livre – a não ser que me entregue minha propriedade e obtenha minha anuência. Com repetidas preces, rogo à tua divindade que minha petição de imediato consiga que eu seja vingado pela tua majestade.

Fonte: Centre for the Study of Ancient Documents[63].

O próximo documento contém uma imprecação dirigida à Nêmesis, deusa da vingança. Novamente temos o relato de um roubo e um pedido de reparação.

3. Ilustração, transcrição e tradução da placa RIB 323:



[63] Desenho de Tomlin, R. S. O. Centre for the Study of Ancient Documents. Disponível em: <htp://curses.csad.ox.ac.uk/tablets/img/uley-72.html>. *In:* Freitas, 2022, p. 290.

Transcrição	Tradução
DOM(I)NA NE(- MESIS DO TI(- BI PALLEUM ET GALLICULAS QUI TULIT NON REDIMAT NI(SI) U[I]TA SANGUINE SUA	Senhora Nêmesis, te dou o manto e as botas. Quem pegou não possa se redimir a não ser com sua vida, seu sangue.[64]

Fonte: <http://curses.csad.ox.ac.uk/tablets/tablet-notes/caerleon-notes.html>.[65]

A tradução da placa de Londinium[66] também pede justiça com a ajuda de Diana, mas oferece o próprio ladrão como recompensa à deusa.

4. Ilustração, transcrição e tradução de Londinium TQ 324 813:

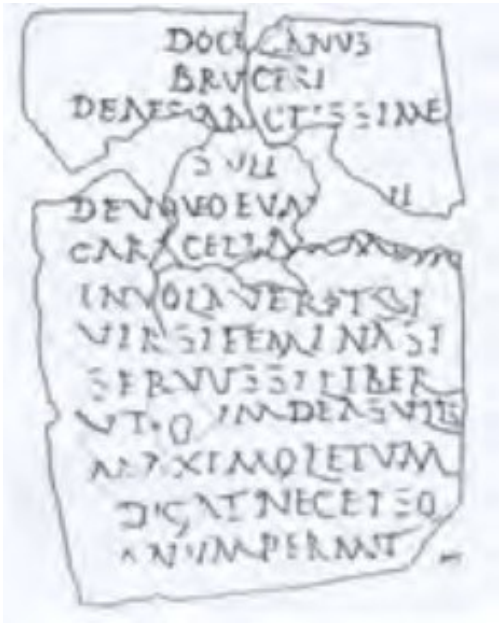
[64] Freitas, 2022, p. 299.
[65] Freitas, 2022, p. 299.
[66] Londinium foi o nome em latim dado à cidade de Londres, estabelecida no local onde hoje se encontra a capital britânica. Foi fundada pelos romanos no século I d.C. e rapidamente se tornou a capital da Britânia Romana.

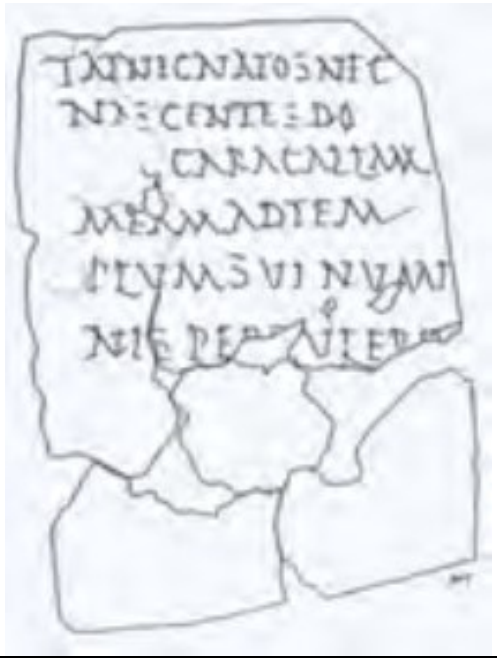
Transcrição	Tradução
[D]EAE DEA[NA]E DONO CAPITVLAREM ET FAS(- [C]IAM MINVS PARTE TERTIA SI QVIS HOC FECI[T] [S]I P[V]ER SI [P]UELLA S[I] [S]ER[]S S[I LIBER] DON[O EVM] NEC P[ER] ME [VI]V[ERE] POSSIT	Para a deusa Diana. Oferto o enfeite de cabeça e a faixa menos uma terça parte, se quem fez isso – se rapaz, se moça; se escravo, se livre – eu o oferto e não possa, por minha causa, viver.

Fonte: Roman Britain in 2002.[67]

A tábua de Bath 10 também se trata do relato de um furto, e o solicitante pede ajuda à deusa celta Súlis, que foi sincretizada com a deusa romana Minerva. Súlis, além de ser uma deusa mãe nutriz, também cuidava da eficácia das maldições, agindo como uma divindade ligada à justiça.

5. Ilustração, transcrição e tradução da placa Bath 10:





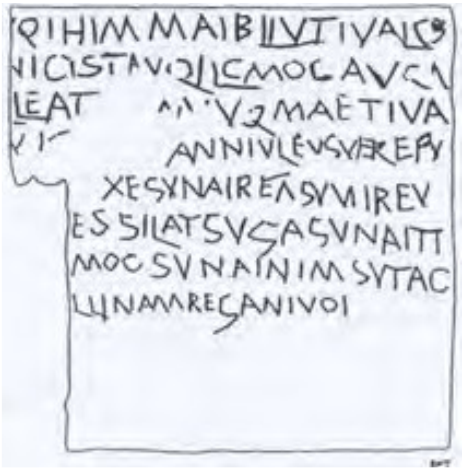
[67] Freitas, 2022, p. 300. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/3558552>.

Transcrição	Tradução
DOCILIANVS BRVCERI DEAE SANCTISSIM(A)E SVLI DEVOVEO EVM [Q]VI CARACELLAM MEAM INVOLAVERIT SI VIR SI FEMINA SI SERS SI LIBER VT [ ]VM DEA SVLIS MAXIMO LETVM [A]DIGAT NEC EI SO(- MNVM PERMIT TAT NEC NATOS NEC NASCENTES DO(- [NE]C CARACALLAM MEAM AD TEM(- PLVM SVI NVMI(- NIS PERTVLERIT	Dociliano, filho de Brucero. Para a sagradíssima deusa Súlis. Amaldiçoo esse que roubou meu casaco – se homem, se mulher; se escravo, se livre. Que a deusa Súlis o conduza à pior morte e não conceda a ele sono, nem filhos, nem os por nascer, até que entregue meu casaco ao templo de sua divindade.

Fonte: The temple of Sulis Minerua at Bath, vol.2: The inds from the Sacred Spring, 1988, p. 122-123.[68]

Notamos nas placas escolhidas por Freitas que praticamente todas estão relacionadas a furtos de objeto e sua recuperação ou o castigo do ladrão. A última placa também é um pedido de devolução e justiça, porém o tesouro roubado consiste em uma mulher, sobre a qual desconhecemos a posição social, podendo tratar-se de uma escrava ou de uma pessoa livre.

8. Ilustração, transcrição e tradução da placa Bath 4 (RIB 154)



[68] Freitas, 2022, p. 302-303.

Transcrição	Tradução
qu[i] mihiVilbiamin[u]olauit sic liquat com[o](do) aqua… quieam [inuol]avit [ ] Veluinna Ex[s]upereus VerianusSeuerinus A(u)gustalisComiianus Minianus Catus Germanill[a] Iouina	Quem roubou Vilbia de mim se dissolva como água... quem a roubou... Velvina, Exsupero, Veriano, Severino, Augustal, Comiciano, Miniano, Cato, Germanila, Jovina.

Fonte: The temple of Sulis Minerua at Bath, vol.2: The inds from the Sacred Spring, 1988, p. 112-113.[69]

As *tabellae defixionum* retratam a relação cotidiana de homens e mulheres romanos (ou das províncias) com determinadas práticas mágicas. Embora não sejam um retrato fiel da realidade, elas podem se aproximar muito dela, uma vez que as tábuas são registros sem filtro e sem elaboração poética ou estética. Por outro lado, os textos literários sofrem a inevitável influência de outros elementos, como questões políticas e morais, além da simples continuidade de determinada tradição literária.

[69] Freitas, 2022, p. 304.

3. CAPÍTULO 3. A feitiçaria do ponto de vista antropológico

3.1. Identificando a feitiçaria a partir de estudos antropológicos

A utilização de estudos antropológicos para a análise da bruxaria na literatura latina é relevante para que possamos entender a correlação entre a realidade cultural e a expressão literária. A partir do século XIX até o século XXI, surgem vários estudos em sociologia e antropologia sobre a prática mágica em diversas culturas. As teorias mais recentes (a partir da segunda metade do século XX) e menos generalistas que buscam compreender como a magia é aceita e utilizada em cada cultura isoladamente se mostram mais adequadas para discutir as relações e diferenças entre magia e religião. Porém, mesmo os estudos mais antigos, iniciados no século XIX, quando a antropologia ainda carecia de métodos robustos para a pesquisa de campo, trazem importantes reflexões sobre o tema e não devem ser subestimados:

> Norberto Guarinello (2013) destacou que a Antropologia, a Sociologia e a Economia foram fundamentais para renovar a percepção e as interpretações sobre a Antiguidade Clássica. Além da necessidade dessa convergência de saberes, Guarinello afirmou que desde o século XIX os pesquisadores de outras ciências, passaram a dialogar com os Estudos da Antiguidade, assim nos legando conceitos e chaves de análise inovadoras. Sendo assim, afirmamos que a Filosofia, a Ciência Política, a Geografia, os Estudos Culturais e de Gênero, somados aos que foram citados acima, são centrais para a transformação da análise dos historiadores, epigrafistas, arqueólogos e estudiosos da literatura em suas abordagens da Antiguidade Clássica, o que impacta nas pesquisas acadêmicas. Marcel Detienne (2004, p. 10) destacou que o potencial cultural da Antropologia é considerável, em virtude de seu olhar sincrônico ou diacrônico, pela lógica da convergência ou da divergência, sendo estes dispositivos importantes para desnaturalizarmos a nossa visão do Mundo Antigo e para que possamos edificar novas perspectivas de análises.[70]

O teórico britânico Edward Burnett Tylor (1832-1917), considerado por alguns como o fundador da antropologia cultural, foi o primeiro pesquisador na área das ciências sociais a se aprofundar nos estudos sobre religião. Seu primeiro interesse foi pela organização social humana, e através de suas viagens independentes e observando povos originários da América Central, chegou à teoria do animismo, o que o levou à teoria da religião. Em 1871 publicou sua obra magistral *Cultura primitiva*, em dois extensos volumes, que se tornaria referência para o estudo das origens da civilização.

Para Tylor, assim como para outros evolucionistas posteriores, o animismo, do qual faz parte o pensamento mágico, foi o primeiro estágio de elaboração cultural primitiva, evoluindo

[70] Campos, 2022, p. 17-18.

num segundo estágio para o desenvolvimento das religiões. Seu trabalho influenciou diretamente as teorias de seu discípulo James Frazer. (Pals, 2019, p. 29-30)

James Frazer (1854-1941), em seu compêndio intitulado *O Ramo de Ouro* (1890), foi o primeiro teórico a se interessar sobre a magia nas culturas ditas primitivas. Seu livro é considerado um marco para os estudos antropológicos. Um dos objetivos de Frazer era provar que havia, nessas sociedades, características universais relativas às manifestações religiosas e mágicas. Com ele inicia-se também o debate sobre a distinção entre religião e magia. A partir de seu estudo sobre o mito do sacerdócio de Nemi, o autor afirma que as mesmas motivações religiosas operam amplamente nas sociedades humanas e que a religião primitiva deu início a outras instituições.

Frazer comparou dados etnográficos já catalogados e compilou uma variedade de mitos criando sua extensa obra. Para ele, o "selvagem" raramente distingue entre o natural e o sobrenatural. Seu desenvolvimento teórico foi baseado neste postulado, o que fez com que suas teorias fossem bastante criticadas nas décadas seguintes à sua publicação. O compêndio *O Ramo de Ouro* é repleto de conclusões evolucionistas e projeção de valores ocidentais na análise da sociedade de povos não ocidentais. As críticas fizeram com que este modo de se fazer estudos antropológicos caísse em desuso, sendo rapidamente substituído por diretrizes que empregam o trabalho empírico como principal modelo.

Apesar de seus equívocos de ordem metodológica, Frazer contribuiu para o estudo sobre a magia e foi um pioneiro ao descrever particularidades dessas práticas. Em sua obra, o autor define dois tipos gerais de magia: a imitativa e a simpática. A magia imitativa, também chamada homeopática, baseia-se no princípio da similaridade. O mago emula os fenômenos que ele deseja que ocorram, como, por exemplo, soprar fumaça aos céus para que apareçam nuvens. Essa é a já conhecida lei alquímica que determina que "semelhante afeta o semelhante". Já a magia simpática baseia-se na crença de que tudo que se faça a um determinado objeto afetará a pessoa a quem ele pertence ou a quem tem ligação. Acredita-se que cabelos, sangue, fluidos corporais, possuem relação direta com o indivíduo. Essa lei postula que a parte está ligada ao todo.

Émile Durkheim, em sua obra *As Formas Elementares da Vida Religiosa* (1917), debate as origens do fenômeno religioso analisando o sistema totêmico encontrado na Austrália. A religião totêmica é aquela que se organiza em torno de um totem; animal, planta, objeto ou ser artificial cultuado por um grupo, que se torna símbolo da ancestralidade daquele povo. Sendo assim, o totemismo é tanto uma forma de organização do grupo quanto um sistema de crenças. O autor acredita que o totemismo é o sistema religioso mais elementar, indissociável da

formação social dos clãs. Para ele: “As representações religiosas são representações coletivas que exprimem realidades coletivas; os ritos são formas de agir que surgem unicamente no seio dos grupos reunidos e que se destinam a suscitar, a manter, ou a refazer certos estados mentais desses grupos”. (Durkheim, 1989, p. 38).

Durkheim constrói sua tese a partir da crítica às teorias de Tylor (*Primitive Culture*, 1872), por este situar a origem dos fenômenos religiosos na incapacidade do homem primitivo em distinguir o real e o sobrenatural, e a Müller (*Comparative Mythology*, 1856), que estabelece o surgimento do pensamento religioso como uma confusão linguística. Diferente desses dois teóricos, Durkheim eleva o pensamento religioso a uma categoria constitutiva da sociedade, na qual a religião tem a evidente função de estreitar os laços entre o indivíduo e o grupo. Os ritos são o meio pelo qual o grupo se reafirma periodicamente, e a aglomeração de indivíduos nas cerimônias faz surgir a efervescência social que eleva o sentimento religioso. Nessa dinâmica social, a coesão do grupo depende dos ritos e os ritos dependem da reunião do grupo.

Embora tenha dado especial atenção à religião em sua obra, o autor não se ocupa em fazer distinções claras entre magia e religião, pois, para ele, a magia nada mais é do que a própria religião primitiva dos homens “selvagens”. Ou seja, seria a magia, um protótipo rudimentar da religião.

O antropólogo Marcel Mauss (1872-1950), em colaboração com H. Hubert, em seu ensaio *Esboço de uma Teoria Geral da Magia*, publicado nos *I´Année Sociologique* (1902-1903), propõe elaborar uma noção clara do que é a magia, distinguindo-a da religião. Com isso, se propõe a elaborar uma questão não discutida por seu tio, Émile Durkheim. Mauss compara sistemas religiosos, os mais heterogêneos possíveis – algo parecido com o que foi feito por Frazer – mas limita a quantidade de sociedades analisadas. Em uma tentativa de profissionalizar a etnografia, ele considera apenas documentos os quais julga verossímeis e que descrevam sistemas completos de magia.

Mauss cita os rituais mágicos praticados por algumas tribos australianas, algumas sociedades melanésias, duas nações iroquesas, a Cherokee e a Huron, o povo Ojibway (nativos que habitam o sul do Canadá e o norte do meio-oeste dos Estados Unidos), a magia do Antigo México, dos malaios dos estreitos e da Índia Antiga dos vedas, assim como a magia popular contemporânea ainda existente naquela região em sua época. Sobre a Antiguidade, o autor cita o misticismo de povos semitas, magia grega, magia latina e feitiçaria na Europa da Idade Média. Também utiliza fontes do folclore francês, germânico, céltico e finlandês às quais obteve acesso.

O autor é modesto em sua proposta; embora ele almeje realizar uma distinção clara entre magia e religião, ele próprio admite ser uma tarefa complexa. O que de fato realizou, contribuindo grandemente para o estudo nessa área, foi um ensaio sobre como identificar a prática mágica em uma determinada cultura a partir de categorias pré-estabelecidas. Segundo o antropólogo, esse seria um ponto de partida para uma futura definição do que é magia, e, consequentemente, separá-la do rito religioso.

No entanto, para ele, as práticas mágicas, mesmo quando executadas solitariamente, não são uma criação absoluta do sujeito e encontram-se fundamentadas em crenças coletivas. Isso explica satisfatoriamente a permanência da crença na magia mesmo diante de sua falha, atribuído à imperícia do oficiante e não à ineficácia do rito. Veremos esses argumentos também em Levi-Strauss. Cumpre observar, no entanto, que, segundo Mauss, a magia era uma experiência alheia aos cultos institucionalizados, razão pela qual tenderia ao malefício, o que reforça a posição teórica de seu tio, Durkheim, para quem a religião seria uma fonte de coesão social, e a magia, de divisão. Para ambos os autores, a magia seria assim uma ferramenta de desestabilização da comunidade, o que incitava a intervenção dos poderes públicos ou dos chefes tribais para coibi-la.

Uma das premissas que ajudam a traçar limites entre magia e religião, é a constatação de a primeira estar atrelada à medicina em diversas sociedades. Fato este que será confirmado em outros estudos, incluindo o do filólogo Fritz Graf, que irá discutir a relação da magia e da ciência no Mundo Antigo e como, em dado momento histórico, a ciência se distanciou da magia na Grécia republicana. A Mauss não interessa a interseção entre magia e ciência, como nos casos que se trata de medicina popular, conhecimento físico-químico sobre as substâncias ou ciência experimental como a manipulação de venenos e a transformação dos materiais. Para ele, interessa saber a simbologia que envolve o rito mágico, bem como sua organização e categorização, ou seja, sua coerência interna.

Influenciado por uma antropologia totalmente voltada para os estudos empíricos, Bronislaw Malinowski (1884-1942) apresenta relatos etnográficos detalhados em seus principais estudos *Argonautas do Pacífico Ocidental* (1922) e *Magia, Ciência e Religião* (1948). Neles, o autor desenvolve ideias sobre a função e forma da magia no cotidiano da sociedade das Ilhas Trobriand.

Polonês radicado em Londres, Malinowski foi o primeiro antropólogo com repertório teórico-científico e metodologia definidos a permanecer por um longo período em meio a uma população não ocidental, na época considerada “selvagem”. Suas expedições somam quase três anos, entre 1914 e 1918, na região da Melanésia, onde compartilhou e aprendeu a língua dos

nativos das ilhas Trobriand, na Nova Guiné. Malinowski realizou o que ficou conhecido como "observação participante", amplamente utilizada em pesquisas posteriores. Ao buscar compreender como os trobriandeses dão sentido ao mundo, aproximando-se ao máximo do ponto de vista dos nativos, o autor desfez definitivamente a visão que o ocidente cultivava sobre as sociedades tribais como fósseis vivos do passado dotados de crenças e costumes irracionais.

A descrição do *Kula*, um sofisticado sistema de trocas de alimentos e manufaturas entre ilhas da região, tornou-se referência para a reflexão sobre reciprocidade e organização social nas ciências humanas. Malinowski resume habilmente o que a magia representa para os habitantes das ilhas Trobriand:

> Assim, naquilo que é mais essencial a um indivíduo, isto é, saúde e bem-estar físico, o ser humano é apenas um joguete das forças da feitiçaria, de espíritos malignos e de outros seres controlados pela magia negra. A morte, em quase todas as suas formas, é o resultado de um desses agentes. Com exceção de indisposições facilmente explicáveis, como cansaço físico e resfriados leves, pode-se dizer que todas as doenças crônicas e agudas e a morte, em quase todas as suas formas, são sempre atribuídas à magia. (...) Sem dúvida alguma, o medo mais profundo e a preocupação mais constante dos nativos referem-se aos *bwaga'u*, feiticeiros inteiramente humanos, que executam suas obras apenas pela magia. Em segundo lugar, na quantidade de magia realizada e na frequência de suas proezas, estão as *mulukwausi*, as bruxas voadoras já descritas com pormenores no capítulo X. Elas constituem um bom exemplo de como toda a crença num poder superior é, no fundo, uma crença na magia.[71]

As observações feitas por Malinowski sobre a magia são de grande relevância para este estudo, uma vez que ele desmistifica uma série de conceitos até então estabelecidos sobre as organizações tribais de povos nativos, usando métodos de análise científica em uma sociedade viva. As considerações do autor muitas vezes dialogam com o tema deste estudo.

Claude Lévi-Strauss (1908-2009), nascido na Bélgica, foi um dos grandes intelectuais do século XX e fundador da antropologia estruturalista. Desenvolveu trabalhos como antropólogo, filósofo e sociólogo. Muito embora sua descrição sobre os indígenas brasileiros ainda esteja atrelada a uma visão colonialista e eurocêntrica, sua abordagem rompe com a ideia de que povos originários são primitivos, discordando com a divisão entre homens selvagens e civilizados.

Na obra *O feiticeiro e sua magia* (1949), o autor discute a função do mago na sociedade do ponto de vista psicológico, enfatizando seu poder de intervir no mundo real por meio de um pacto coletivo. Neste caso específico, o antropólogo analisa a atuação de curandeiros, sendo a magia de cura o seu foco principal. Sua teoria é a de que existem três elementos complementares

[71] Malinowski, 2018, p.518.

que fazem com que o rito mágico se torne eficaz: primeiramente existe a crença do próprio feiticeiro em suas técnicas, seguida da crença do doente sobre o poder do mago e, por fim, a confiança e a exigência da opinião coletiva sobre o trabalho do feiticeiro.

Lévi-Strauss contribuiu de forma significativa para a renovação da perspectiva sobre a magia. Enquanto a escola clássica julgava a feitiçaria inútil e simplória, o autor se inspirou nas pesquisas de Mauss e reafirmou a eficácia simbólica da magia, defendendo que a crença nos atos mágicos era capaz, em determinados contextos, de interferir sobre a realidade física.

Evans-Pritchard (1902-1973), discípulo de Malinowski e Radcliffe-Brown, analisa a religião dos Azande, um povo do Sudão, como o cerne de sua cultura. Sem a preocupação de distinguir magia e religião, o autor descreve as crenças dessa tribo nas forças sobrenaturais. Uma longa pesquisa realizada no Sudão anglo-egípcio durante a década de 1920 é o ponto de partida para sua análise. O fato mais importante para a nossa pesquisa é que, em sua obra *Bruxaria, Oráculos e Magia entre os Azande*, o antropólogo estabelece quatro tipos diferentes de augúrios: bruxaria, feitiçaria, magia e oráculos, cada qual possuindo características e situações próprias e sendo efetuadas por agentes distintos. Essas categorias, em conjunto, formam um sistema de crenças coerente que serve como base de toda a sociedade Zande.

Clifford Geertz (1926-2006), antropólogo cultural americano, de 1970 até a sua morte no início do século XXI, foi uma figura dominante entre os pesquisadores dos Estados Unidos. Assim como o autor britânico Evans-Pritchard, Geertz demonstrou acentuado interesse pela religião, mesmo sendo este apenas um dos muitos termos tratados em suas análises.

Desde o início do século XX, um estilo verdadeiramente técnico de se elaborar estudos antropológicos havia surgido nos Estados Unidos, a partir da liderança do pesquisador imigrante alemão Franz Boas (1858-1942) e outros contemporâneos mais jovens, como Alfred Louis Kroeber (1876-1960) e Robert Lowie (1883-1957). Na Inglaterra, Tylor e Frazer ainda estavam tecendo grandes teorias baseadas no método comparativo, enquanto em solo americano, os teóricos já haviam percebido o erro do comparativismo e o abandonado. Como fez Evans-Pritchard, Gertz também partilhava a visão de Branislaw Malinowski (1884-1942) sobre o valor das pesquisas de campo. Estes três autores defendiam que qualquer teoria geral deve estar baseada em uma etnografia particular robusta. Nos Estados Unidos, esses pesquisadores tinham acesso a várias culturas dos povos americanos nativos, aprendendo línguas tribais e realizando trabalhos de campo em suas comunidades. Além disso, eram favoráveis a uma etnografia menos preconceituosa, afetada pela visão evolucionista e eurocêntrica dos antropólogos vitorianos.

Geertz absorveu as ideias de Boas, Kroeber, Lowie e Benedict. Além do importante trabalho de campo, esses estudiosos que influenciaram Geertz acreditavam ser a cultura a unidade-chave do estudo antropológico. Em seus estudos de campo, estavam investigando não apenas uma sociedade, mas um sistema mais amplo de ideias, costumes, atitudes, símbolos e instituições, das quais a sociedade representa apenas uma parte, sendo esse sistema amplo abarcado pela cultura. Geertz partilhava dessa corrente de pensamento norte-americana, segundo a qual a cultura consiste em um sistema objetivo de símbolos. Alguns críticos preferem chamar a abordagem de Geertz de antropologia simbólica em vez de interpretativa (Pals, 2019, p. 329).

Ademais, o pesquisador utilizava o método da "descrição densa", no qual deve-se detalhar não apenas o que ocorre em uma sociedade, mas também qual a intenção das pessoas em relação ao que ocorre. Assim, "seu objetivo nunca é descrever a mera estrutura de uma tribo ou clã, ou os elementos básicos de um ritual. Sua tarefa é discernir significados, descobrir intenções, detectar a significação que as pessoas atribuem aos seus rituais, instituições e crenças" (Pals, 2019, p. 331). Segundo Geertz, as ciências sociais não devem estabelecer como objetivo alguma "teoria geral da interpretação cultural", pois a análise da cultura não é uma ciência experimental em busca de uma lei, mas uma ciência interpretativa em busca de significados.

Para identificar as práticas mágicas no universo cultural romano, utilizaremos as teorias propostas por Marcel Mauss como instrumento auxiliar. Este antropólogo preocupou-se em descrever o sistema mágico em si, comparando rituais de diferentes sociedades. Desta abordagem surgiu uma tentativa de sistematizar a feitiçaria, descrevendo-a como um organismo: seus componentes, seus agentes, suas leis internas. Portanto o estudo de Mauss possibilita identificar a magia não apenas em oposição à religião, mas por si mesma. Além disso, o autor dispensou atenção considerável ao paganismo greco-romano em sua obra, baseando-se especialmente nos textos clássicos.

Para a nossa área de interesse, que abrange a literatura clássica, Mauss surge como um suporte teórico satisfatório, pois o autor discute dois aspectos fundamentais para a nossa análise literária: tanto o caráter metafórico e metonímico da magia quanto o caráter simbólico. Como veremos, além dos ritos simpáticos e de contágio, a mitologia de uma determinada cultura consiste em uma parte considerável do ritual mágico.

Justifica-se o uso da teoria de Mauss pois, além de propor uma categorização minuciosa do sistema mágico, também realiza uma revisão historiográfica comparativa da magia entre várias culturas ao redor do mundo e em diferentes épocas, o que inclui as antigas civilizações

greco-romanas. Seu intento de produzir uma teoria geral para explicar o pensamento mágico nas sociedades resultou também em um panorama sobre a temática da magia. Embora o próprio autor reconheça ser apenas o início de uma missão ambiciosa, seu estudo se transformou em um manual basilar para o assunto, tanto para antropólogos quanto para aqueles que desconhecem a disciplina da sociologia cultural.

Marcel Mauss realizou um trabalho semelhante ao de Frazer ao coletar informações sobre diferentes culturas e compará-las entre si, especialmente no âmbito da religião. Porém, é consenso que Mauss inicia um processo de sistematização – ainda incipiente na antropologia e que se concretizará apenas com Malinowski – ao reduzir o número de sociedades estudadas. Para o estudo da magia, o autor é especialmente importante uma vez que propõe categorias que compõem o ritual mágico e tenta elaborar divergências e congruências entre magia e religião.

É evidente que devemos nos atentar para o fato de que tanto Frazer quanto Durkheim e Mauss estiveram sob influência das escolas vitorianas, portanto ainda fizeram antropologia nos moldes colonialistas e eurocêntricos. Para eles, qualquer grupo social que não se vincula à Europa da Era Moderna, sejam os povos da Ásia, África, Oceania e Américas, além de indígenas e aborígenes, são estudados como sociedades em estado evolutivo inferior, em maior ou menor grau.

4. CAPÍTULO 4. Feitiçaria e feiticeiros na literatura latina

4.1. Bucólica VIII – Virgílio

Um dos períodos mais proeminentes da literatura latina refere-se às últimas décadas do século I a.C. até o início do século I d.C. A partir do principado de Augusto, temos também, em um curto espaço de tempo, a produção de variados testemunhos que apresentam a magia como elemento narrativo ou plano de fundo. Vale lembrar que antes disso parece não ter havido interesse na exploração do tema, devido à ausência de textos literários que corroborem essa ideia. Conforme Graf (1994), a helenização dos costumes, que havia começado séculos atrás, se mostra já consolidada em Roma no século I a.C. Os escritores, acompanhando a tendência cultural da época, contribuem para a recepção dos estilos e temas gregos na literatura. Além disso, a Bucólica VIII consiste claramente em uma *aemulatio* do Idílio II de Teócrito, demonstrando a influência helênica na estética dos gêneros poéticos latinos.

O governo de Augusto foi um dos mais pacíficos e estáveis da história do império, não havendo intercorrência de grandes conflitos ou guerras civis. Resguardados pelos círculos de Mecenas e de Messala, os autores mais notáveis, de acordo com a tradição historiográfica, viveram e criaram suas obras nesse período. Dentre eles, Virgílio, Horácio e Ovídio trataram primorosamente sobre o tema da feitiçaria, havendo uma produção considerável de textos nos quais a narrativa se concentra no uso da magia, sendo este o primeiro momento na literatura latina em que o tema ganha relevância.

Virgílio (70 a.C[72]. – 19 a.C.[73]), em suas *Bucólicas*, sua primeira obra consagrada, escrita entre os anos 42 e 39 a.C.[74], reserva o oitavo poema das *Éclogas* para demonstrar o exercício dos encantamentos. Como sabemos, a maior parte das personagens que fazem feitiços retratados na literatura latina são femininas, porém, o agente mágico mais antigo registrado, na ordem cronológica, consiste em um sujeito masculino.

Na Bucólica VIII, Virgílio cria o diálogo entre dois pastores ocupados de um ritual de magia amorosa. O tema do poema consiste no lugar-comum do "amor não correspondido" e suas consequências para os amantes rejeitados. O pastor Dâmonis lamenta sua debilidade e angústia diante da amada para Alfesibeu, que também conta sua própria história de amor malsucedida com um rapaz chamado Dafnis. Alfesibeu, no entanto, não apenas lamenta, mas

[72] CONTE, Gian Biago. **Latin literature:** a history. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1999.
[73] CARDOSO, Zélia de Almeida. **A literatura latina**. São Paulo: M. Fontes, 2003.
[74] CONTE, Gian Biago. **Latin literature:** a history. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1999.

incita seu amigo a ajudá-lo no preparo de um feitiço com o objetivo de que Dafnis volte para ele.

Depois do prólogo e do encômio, o trecho que nos interessa é o diálogo entre Dâmonis e Alfesibeu, mais especificamente a partir do verso 64, quando se iniciam os preparativos para o rito. Temos então o início do ritual, narrado em primeira pessoa por Alfesibeu (64-71):

> *"Effer aquam, et molli cinge haec altaria uitta,*
> *uerbenasque adole pinguis et mascula tura,*
> *coniugis ut magicis sanos auertere sacris*
> *experiar sensus: nihil hic nisi carmina desunt.*
> *Ducite ab urbe domum, mea carmina, ducite Daphnim.*
> *Carmina uel caelo possunt deducere lunam;*
> *caminibus Circe socios mutauit Vlixi;*
> *frigidus in pratis cantando rumpitur anguis.*
>
> [Alf] "Traze água e cinge o altar com fita maleável,
> queima grassa verbena e um incenso forte,
> pois, com um ritual, perverter o juízo
> do amado tentarei. Só me faltam encantos.
> Encantos meus, trazei da cidade o meu Dáfnis.
> Encanto pode até tirar lua do céu,
> com cantos mudou Circe os parceiros de Ulisses;
> cantando arrebentou no prado a fria cobra.[75]

Alfesibeu começa dando ordens à sua ajudante, que se revelará como Amarílis nos próximos versos. Ele ordena que os altares sejam cingidos com fitas e que se queime verbenas e olíbanos perfumados. O rapaz deixa claro a intenção de usar a feitiçaria para reconquistar Dafnis: <*coniugis ut magicis sanos auertere sacris*/ *experiar sensus: nihil hic nisi carmina desunt*> "pois, com um ritual, perverter o juízo/ do amado tentarei. Só me faltam encantos." (v.66-67). Virgílio também utiliza associações com o mito de Circe para ilustrar a eficácia dos encantamentos: "com cantos mudou Circe os parceiros de Ulisses" (v.70).

O pastor intercala o uso de verbos em primeira pessoa do presente no modo indicativo com verbos no imperativo, sendo estes predominantes no poema. O imperativo ocorre repetidamente quando o pastor atribui tarefas à Amarílis durante a realização do feitiço e na forma de comando mágico, no rito oral[76] (verbal) que direciona o objetivo da cerimônia. Vemos

---

[75] Tradução de CARVALHO, Raimundo. **Bucólicas**. Belo Horizonte: Crisálida, 2005.

[76] Para compreendermos o conceito de feitiçaria e sua definição, recorremos ao estudo antropológico de Marcel Mauss e Henri Hubert, *Esboço de uma teoria geral da magia* (1902-03), que demonstra ser particularmente relevante para a nossa área de interesse, pois discute dois aspectos importantes para a análise literária e linguística: o caráter metafórico, metonímico e simbólico da magia. Esses aspectos são fundamentais pois, enquanto a metáfora e a metonímia podem ser generalizadas em diversas sociedades, os símbolos são representações singulares em cada cultura. Além disso, Mauss e Hubert dedicaram atenção considerável ao paganismo greco-romano no estudo, tendo como fonte principal a literatura clássica. No *Esboço de uma Teoria Geral da Magia*, publicado nos *I´Année Sociologique* nos anos de 1902-1903, Mauss e Hubert procuram estabelecer uma categorização dos elementos que compõem os feitiços, bem como um conjunto de regras que organizam essas categorias. Essencialmente, as

que o refrão do poema é a ordem mágica: <*Ducite ab urbe domum, mea carmina, ducite Daphnim*> (v. 68) "Encantos meus, trazei da cidade o meu Dáfnis." Virgílio utiliza a repetição do modo verbal imperativo como recurso rítmico e poético para ilustrar o ritual mágico:

> Tal como no primeiro episódio, um estribilho (v.69) acompanha toda a ação. Neste segundo movimento (v. 65-110), a magia atua como instrumento para reatar o que está desligado. Através de palavras encantatórias e de rituais mágicos, busca-se reaver o objeto amado, num movimento que vai de uma angustiada espera ao ódio declarado. [77]

Comecemos por analisar a simbologia presente no ritual: as três fitas em três cores diferentes e a imagem do amado replicada três vezes demonstram a relevância do número três para o ritual (v. 73-75):

> *Terna tibi haec primum triplici diuersa colore*
> *licia circumdo, terque haec altaria circum*
> *effigiem duco: numero deus impare gaudet*.
>
> Primeiro, com os três laços de cores tríplices
> te circundo e, em torno ao altar, por três vezes,
> conduzo tua efígie: ao deus apraz o ímpar.[78]

Não há uma indicação clara de qual deus se compraz com o número ímpar, mas conjecturamos a possibilidade de ser o próprio Amor (Eros).

Virgílio nos mostra os elementos materiais utilizados no feitiço, ou, segundo Mauss, as Propriedades do rito. Na Bucólica VIII, as fitas parecem ser o objeto de maior importância simbólica. No verso 64, temos <*Effer aquam, et molli cinge haec altaria uitta*> "Traze água e cinge o altar com fita maleável". Nos versos seguintes, os fios surgem como material indispensável do feitiço (v. 73-78):

> *Terna tibi haec primum triplici diuersa colore*
> *licia circumdo, terque haec altaria circum*
> *effigiem duco: numero deus impare gaudet.*
> *Ducite ab urbe domum, mea carmina, ducite Daphnim.*
> *Necte tribus nodis ternos, Amarylli, colores;*
> *necte, Amarylli, modo et "Veneris" dic "uincula necto".*
>
> Primeiro, com os três laços de cores tríplices
> te circundo e, em torno ao altar, por três vezes,
> conduzo tua efígie: ao deus apraz o ímpar.

categorias que compõem o fenômeno mágico são três: I. O agente (feiticeiro); II. Atos (ritos orais e manuais); III. Representações (substâncias/objetos/manipulação de entidades).

[77] Carvalho, 2005, p. 135-136.

[78] Carvalho, 2005.

> Encantos meus, trazei da cidade o meu Dáfinis.
> Ata, Amarílis, três nós no terno de cores;
> e, Amarílis, dize: "ato os laços de Vênus".[79]

Os atos manuais de circundar o altar com as fitas e a fabricação de uma cadeia de fios coloridos feita por Amarílis, fundamentam-se em uma metáfora para o desejo de se formar vínculos inquebráveis com a pessoa amada. A presença da Efígie (imagem) de Dáfnis obedece à Lei mágica da Similaridade e da Contiguidade[80]. Carvalho faz observações semelhantes a partir das Leis propostas por Frazer em *O Ramo de Ouro*:

> Frazer descreve dois tipos de magia: magia *homeopática* ou imitativa, que fazendo uso da lei de semelhança, crê poder atingir alguém, através de um objeto substituto que guarde com ele uma relação de semelhança; e magia *contaminante*, que fazendo do uso da lei do contágio, crê poder atingir alguém por meio de um objeto substituto que tenha tido com ele uma relação de contiguidade. À junção dos dois tipos, denomina-se magia *simpatética*. No poema, ambos recursos são utilizados, a efígie de Dáfnis e um objeto por ele deixado como penhor de seu retorno. Fica evidente aqui a estreita ligação entre magia e poesia, pois ambas se utilizam dos mesmos esquemas mentais para se constituírem como linguagens simbólicas eficazes. Ambas operam com metáforas e metonímias e, não é arbitrariamente que, em latim, a palavra *carmen* ora significa poesia, canto, ora significa palavras mágicas, encantamento.[81]

Segue-se outro rito manual e que obedece à Lei da Similaridade, neste caso um uso metafórico: <*Limus ut hic durescit, et haec ut cera liquescit/ uno eodemque igni, sic nostro Daphnis amore*> "como limo endurece e cera liquefaz-se/ sob mesmo fogo, assim Dáfnis no meu amor." (v. 80-81). Infere-se que Alfesibeu está cozinhando algum tipo de argila; não sabemos se consiste em um artefato como uma escultura ou apenas uma porção de barro. O mesmo ocorre com a cera, pois não é possível dizer se tratar-se-á apenas de uma vela acesa ou uma figura de resina sendo levada ao fogo para derreter. Estatuetas de cera, barro e outros materiais moldáveis eram frequentemente utilizados na prática da religião votiva e em rituais mágicos, e seu uso também está documentado em outros textos latinos. Virgílio optou pela síntese e não ofereceu ao leitor uma descrição detalhada.

---

[79] Carvalho, 2005.

[80] James Frazer (1854-1941) contribuiu para o estudo sobre a magia e foi um pioneiro, ao, não apenas pensar a respeito, mas também descrever particularidades dessas práticas. Em sua obra *O ramo de Ouro*, o autor define dois tipos gerais de magia: a imitativa e a simpática. A magia imitativa, também chamada homeopática, baseia-se no princípio da similaridade. O mago emula os fenômenos que ele deseja que ocorram, como por exemplo, soprar fumaça aos céus para que apareçam nuvens. Essa é a já conhecida lei alquímica que determina que "semelhante afeta o semelhante". Já a magia simpática, baseia-se na crença de que tudo que se faça a um determinado objeto afetará a pessoa a quem ele pertence ou a quem tem ligação. Acredita-se que cabelos, sangue, fluidos corporais etc., possuem relação direta com o indivíduo. Essa lei postula que a parte está ligada ao todo.

[81] Carvalho, 2005, p. 136.

Outro ingrediente importante utilizado no ritual são as folhas de louro: “Polvilha a farinha e acende com betume os flácidos ramos de loureiro: <*Sparge molam et fragilis incende bitumine laurus./ Daphnis me malus urit; ego hanc in Daphnide laurum.*> “Frágil louro em betume acende e esparge o farro./ Dáfnis cruel me queima; e eu louros em Dáfnis.” (v. 82-83). As folhas do loureiro possuem um significado específico, e, portanto, simbólico nas culturas greco-romanas, uma vez que se relacionam com o mito de Apolo.

Em outro momento, Alfesibeu deposita na terra os pertences de Dafnis, deixados como lembrança pelo amante (v 91-93):

> *Has olim exuuias mihi perfidus ille reliquit,*
> *pignora cara sui; quae nunc ego limine in ipso,*
> *terra, tibi mando: debent haec pignora Daphnim.*
>
> O pérfido deixou-me estas coisas, um dia,
> como um caro penhor; sob umbral as deponho
> em ti, terra; que tal penhor me traga Dáfnis.[82]

Há no poema mais uma personagem que se introduz na narrativa, citado por Alfesibeu como um agente mágico: Méris, seu colega de ofício, que parece ter demasiada familiaridade com o uso de ervas mágicas e que também realiza proezas sobre-humanas (v. 95-99):

> *Has herbas atque haec Ponto mihi lecta uenena*
> *ipse dedit Moeris (nascuntur pluruma Ponto);*
> *his ego saepe lupum fieri et se condere siluis*
> *Moerim, saepe animas imis excire sepulcris,*
> *atque satas alio uidi traducere messis.*
>
> As plantas com veneno encontradas no Ponto,
> o próprio Méris deu-me (o Ponto é cheio delas);
> Méris, eu vi, mudar-se em lobo selva adentro,
> as almas evocar do fundo dos sepulcros,
> transpor de um campo a outro a messe semeada.[83]

O pastor Méris também está presente na Bucólica IX, poema seguinte na ordem antológica, mas que apresenta um tema completamente diferente da oitava. Na nona Bucólica, Méris, em um diálogo lamurioso com Lícida, ambos desalojados de suas terras, conversam sobre a impotência do camponês diante dos conflitos armados para os quais estão partindo. Na Bucólica VIII, no entanto, Méris ocorre como um personagem coadjuvante que pratica bruxaria, e, além disso, é um necromante, pois traz de volta as almas dos sepulcros.

[82] Carvalho, 2005.
[83] Idem.

É relevante notar a proximidade dos pastores com os assuntos mágicos, pois, embora não sejam chamados de bruxos nesse poema, estão suscetíveis a realizar ou testemunhar certos eventos sobrenaturais. Ao traçar o perfil dos agentes mágicos em seu *Esboço de uma Teoria Geral da Magia* (1902-03), Mauss conclui que os pastores, entre outras profissões, são apontados em diversas culturas como magos de nascença ou feiticeiros ocasionais:

> Todos os médicos, todos os pastores, todos os ferreiros são, ao menos virtualmente, mágicos. Os médicos, porque sua arte está misturada à magia e, em todo caso, porque é demasiado técnica para não parecer oculta e maravilhosa; os barbeiros, porque tocam em resíduos corporais, regularmente destruídos ou escondidos por temor de encantamento; os ferreiros, porque manipulam uma substância que é o objeto de superstições universais e porque seu ofício difícil, cercado de segredos, é acompanhado de prestígio; os pastores, porque estão em relação constante com os animais, as plantas e os astros; os coveiros, porque estão em contato com a morte. A vida profissional dessas pessoas as separa do comum dos mortais, e é essa separação que confere a todas a autoridade mágica. [84]

Sobre as condições temporais e espaciais, supomos, a partir das poucas referências, que o ritual está sendo feito dentro da residência ou nas dependências da casa. Temos essas indicações nos seguintes versos: <*Fer cineres, Amarylli, foras, riuoque fluenti/ transque caput iace, nec respexeris*> "Leva, Amarílis, cinza e lance-a no riacho, / para trás da cabeça e sem olhar." (v. 101-102) e <*Nescio quid certe est, et Hylax in limine latrat*> "Não sei bem quem será, Hílax ladra no umbral." (v. 107). A ordem de carregar as cinzas para fora, transmitida a Amarílis, indica a ambientação doméstica, assim como o latido de Hílax na soleira da porta indica que os participantes se encontram dentro do recinto. Mauss nos fala sobre as condições espaciais do rito, e a feitiçaria de Alfesibeu se encaixa nesses requisitos:

> Pratica-se a magia nos limites das aldeias e dos campos, nas soleiras, nas lareiras, nos telhados, nas vigas centrais, nas ruas, nas estradas, nas pegadas, em todo lugar que tenha uma determinação qualquer. O mínimo de qualificação que se pode exigir é que o lugar tenha uma correlação suficiente com o rito; para enfeitiçar um inimigo, cospe-se sobre sua casa ou diante dele. Na falta de outra determinação, o mágico traça um círculo ou um quadrado mágico, um *templum*, em torno de si, e é aí que ele trabalha.[85]

Ou seja, nota-se que esse não é um ritual feito ao relento ou na floresta, como encontraremos em outros textos. Não existem indicações sobre a hora do dia em que o ato mágico ocorre, porém, podemos inferir que o feitiço é realizado durante a noite devido ao ladrar do cão Hílax, que avisa sobre a suposta presença de um estranho na porta da casa.

---

[84] Mauss; Hubert. 2018, p. 23.
[85] Idem, p. 44.

Virgílio torna o desfecho do poema mais intrigante ao questionar a eficácia do ritual, comparando os sinais recebidos com devaneios ou miragens. Mas, por fim, a efetividade é comprovada com a chegada de Dáfnis (v. 105-109):

Aspice: corripuit tremulis altaria flammis
sponte sua, dum ferre moror, cinis ipse. Bonum sit!
Nescio quid certe est, et Hylax in limine latrat.
Credimus? an qui amant ipsi sibi somnia fingunt?
Parcite, ab urbe uenit, iam parcite, carmina, Daphnis."

Encantos meus, trazei da cidade o meu Dáfnis.
Vê: sem querer encheu o altar de chamas trêmulas
a mesma cinza que eu levava. Isto é bom!
Não sei bem quem será, Hílax ladra no umbral.
É verdade? Ou quem ama inventa os próprios sonhos?
Chega de encantos já, vem da cidade Dáfnis."[86]

Não poderíamos analisar a Bucólica VIII sem compará-la ao segundo idílio de Teócrito. A emulação do poeta grego feita por Virgílio é nítida, como o uso de refrãos e a execução do feitiço, mas com algumas sutis diferenças. O Idílio II é mais extenso, contendo 166 versos, e pode ser dividido em quatro partes: o exórdio (v.1-16), o ritual mágico (v. 17-63), o monólogo de Simeta (v. 64-162) e o epílogo (v. 163-166). O drama amoroso é desvelado em meio à descrição do rito, e a personagem que prepara o filtro é uma mulher – tendo um homem como alvo do feitiço – com a ajuda de sua criada.

Destacaremos algumas estrofes do Idílio II que possuem correspondência semântica e imagética na Bucólica VIII. No início do poema, a agente mágica Simeta ordena sua escrava Téstilis que lhe traga os ingredientes para o encantamento (v.1-16), e, em seguida, profere a ordem mágica que consiste no refrão: "Ó torcicolo, me traz aqui para casa o meu homem." (v.17):

Onde meus louros estão – Téstiles, pega! – onde os filtros?
Vai, este vaso engrinalda de púrpura lã de ovelha
pra eu amarrar meu amado, o homem que é um fardo pra mim,
que, desraçado, faz doze dias que nem me visita,
nem tampouco sabe se vivo ou se já morri,
nem, monstruoso, bate a esta porta. Decerto alhures
Amor e Afrodite se foram, levando-lhe o ânimo instável.
Vou amanhã até o ginásio de Timageto,
para que o veja e reprove por tudo quanto me faz.
Agora com este feitiço irei amarrá-lo. Ó Lua,
fulge formosa, deusa; a ti cantarei baixinho –
e à ínfera Hécate, a qual amedronta até mesmo os cães,
e anda por entre o sepulcro dos mortos e o sangue negríssimo.

[86] Carvalho, 2005.

> Salve, terrível Hécate, até o fim me acompanha,
> fazendo os meus fármacos nada mais fracos que aqueles de Circe,
> ou de Medeia, ou da tal Perimeda de cachos de ouro.
> Ó torcicolo, me traz aqui para casa o meu homem. [87]

Observamos a mesma estrutura em outros encantamentos descritos na literatura. Primeiro temos a reunião dos elementos usados no feitiço, como as folhas de louro, o vaso, a lã de ovelha na cor púrpura e o "torcicolo", tradução em português para a palavra grega *Iynx*. O vocábulo *Iynx* refere-se tanto à ave chamada *Iynx* como ao objeto, uma roda, na qual a ave era amarrada[88]. No contexto do poema, esse objeto converte-se em um instrumento mágico. Veremos que, ao lado dos fios e fitas, fusos e rocas constituem ferramentas importantes nos feitiços amorosos, pois serão mencionados posteriormente por outros poetas latinos. Devemos lembrar também que os nomes do pássaro e do instrumento se relacionam através do mito da ninfa Iynx[89].

Após o elenco dos ingredientes, temos a invocação de Eros, Afrodite, divindades ctônicas e a Lua. Depois, o rito é iniciado com o lançamento dos ingredientes no fogo. Assim como no feitiço de Alfesibeu, grãos (cevada) e folhas de louro são utilizados (v.18-27):

> Cevada no fogo, então, se consuma primeiro: polvilha,
> Téstilis; para onde voou, infeliz, essa tua cabeça?
> Tornei-me até para ti, miserável, razão de chacota?
> Polvilha e diz junto assim: "Os ossos de Délfis polvilho".
> Ó torcicolo, me traz aqui para casa o meu homem.
> Délfis causou-me aflição; em vez de Délfis eu queimo
> louro: e assim como, no meio do fogo, ele estala bem alto,
> e súbito irrompe e logo não vemos mais nem suas cinzas,
> assim também Délfis a sua carne aniquile na chama.
> Ó torcicolo, me traz aqui para casa o meu homem.[90]

Em Teócrito também temos os sinais supostamente recebidos dos deuses pela agente mágica. Simeta escuta o ladrar das cadelas pela cidade e manda soar o bronze:

> Agora ofereço farelo: Ártemis, tu, que o adamante
> do Hades movias, e o mais ferrenho que houvesse –
> pela cidade, Téstilis, ladram pra gente as cadelas:
> a deusa se encontra nos trívios; o bronze, vai rápido, soa!
> Ó torcicolo, me traz aqui para casa o meu homem.

[87] Nogueira, 2012.
[88] Nogueira, 2012, p. 95.
[89] Iynx era uma ninfa, uma divindade associada à natureza, especialmente fontes, rios e florestas. Segundo a mitologia, Iynx usou sua própria invenção, o *iynx* para lançar um feitiço em Zeus, fazendo com que ele se apaixonasse por Io. A ação de Iynx irritou Hera, que a transformou em um pássaro, o torcicolo (*Jynx torquilla*), que passou a simbolizar o amor inquieto e apaixonado. O *iynx* era um amuleto composto por uma roca de fiar e um pássaro torcicolo amarrado a ela.
[90] Nogueira, 2012.

> Olha, o mar se cala, também se calam os ventos,
> dentro do peito, porém, não se cala a minha aflição,
> mas por ele eu ardo inteirinha, e a mim, desgraçada,
> ele me fez, não esposa, senão ex-donzela somente.
> Ó torcicolo, me traz aqui para casa o meu homem.[91]

Além disso, Simeta percebe o silêncio do vento e do mar como sinais das divindades. O derretimento da cera, material importante para o rito na Bucólica VIII, já havia ocorrido em Teócrito (v.38-42):

> Qual esta mesma cera com a graça da deusa eu derreto,
> tal derreta de amor agorinha Délfis de Mindo,
> e como, por mão de Afrodite, gira este rombo de bronze,
> assim ele gire outrossim bem junto do meu portão.
> Ó torcicolo, me traz aqui para casa o meu homem. [92]

O feitiço, no entanto, não se mostra eficaz, ao contrário do que ocorre na oitava Bucólica, em que há um desfecho favorável ao desejo de Alfesibeu, demonstrando a eficácia da magia. No idílio, Simeta, a agente mágica, não é recompensada com o retorno de Délfis.

Essa breve referência a Teócrito nos mostra como a bruxaria descrita na literatura grega influenciou diretamente os escritores latinos do início do Principado, sobretudo Virgílio. Esse exemplo comprova a hipótese de que a feitiçaria da tradição literária romana herdou, inicialmente, alguns traços do imaginário grego. Veremos, no entanto, que, especialmente a partir de Horácio, mesmo sob influência da cultura helênica, os autores passam a criar seus próprios modelos de descrição da magia e dos agentes mágicos, de acordo com a mensagem que desejam transmitir para o público.

De modo geral, a Bucólica VIII de Virgílio consiste em uma *aemulatio* do Idílio II de Teócrito. Por essa razão, consideramos que a obra analisada se aproxima das fontes literárias gregas ao descrever os atos mágicos.

Sobre o ritual, concluímos que o uso de fios, linhas e fusos na literatura latina relaciona-se intrinsecamente com a magia erótica, pois os mesmos instrumentos mágicos serão citados alguns anos mais tarde nos *Amores* (1.8) de Ovídio, no mesmo contexto da sedução amorosa.

Além da ocorrência na Bucólica VIII e nos *Amores*, conjecturamos que na Sátira 1.8 de Horácio, um artefato semelhante às fitas usadas por Alfesibeu também faça parte dos objetos de um feitiço, chamado pelo poeta de "vínculos dos encantamentos" <*incantata uincula*>

[91] Nogueira, 2012.
[92] Idem.

(Sátira 1.8. v.49-50). Veremos que a bruxa Ericto, de Lucano, também sabe realizar magia erótica com esses mesmos instrumentos (*Farsália*. Canto VI, v.458-460):

> *quos non concordia mixti*
> *alligat ulla tori blandaeque potentia formae*
> *traxerunt torti magica uertigine fili.*
>
> (...) Aqueles, que a Concórdia
> e a beleza não prendem ao tálamo, os fios
> em dança mágica torcidos arrastaram.[93]

No contexto da *Farsália*, do gênero épico, no entanto, a magia erótica é uma habilidade pouco explorada por Lucano, uma vez que a especialidade de Ericto é a necromancia e outros rituais de sangue para fins maléficos.

O poema pastoril nos revela o uso de elementos simbólicos como números mágicos, encantamentos, entrelaçamentos, figuras humanas e ingredientes – como louro, cevada, cera e argila –, para a realização do feitiço. Destacamos as fitas e fios como instrumentos icônicos na magia erótica greco-romana.

Virgílio, em sua Bucólica VIII, apresenta uma descrição detalhada de um ritual mágico de amor, inspirado no Idílio II, de Teócrito. Além disso, o texto evidencia a influência da cultura helênica e da poesia bucólica de raízes gregas na literatura latina. Observaremos que, a partir da publicação dos poemas de Horácio e Ovídio, especialmente dos gêneros elegíacos e satíricos, a temática da magia desenvolverá contornos mais caricatos, se distanciando do lirismo dos poemas gregos pastoris e épicos, tomados como modelo até então.

[93] Gouvêa-Júnior, 2025.

4.2. Epodo V – Horácio

Horácio (65 a.C.[94] – 8 a.C.[95]), célebre poeta do círculo de Mecenas, fez descrições minuciosas sobre bruxas no mesmo período que as obras de Virgílio também ganhavam notoriedade.[96] Enquanto Virgílio delineou personagens que realizam feitiços na poesia pastoril e na épica, Horácio cria suas feiticeiras em dois gêneros: epodos e sátiras. Destacamos para nosso estudo os Epodos V e XVII e a Sátira 1.8.

É importante situarmos cronologicamente os poemas selecionados para entendermos o desenvolvimento das personagens e da prática mágica na obra de Horácio. Os dois volumes das sátiras foram publicados entre 35 e 30 a.C., sendo o Livro I publicado primeiro, e o livro que reúne os Epodos, publicado no ano 30 a.C. Embora saibamos as datas de publicação, é plausível que o autor tenha escrito alguns dos Epodos antes das Sátiras, sendo este o caso do Epodo V[97]. Para Paule[98] o fato de o Epodo V ter sido ambientado em um cemitério no monte Esquilino indica sua elaboração antes das reformas na paisagem urbana realizadas por Mecenas, que transformaram o cemitério do bairro das Esquílias em um jardim. Isso explicaria por que, na Sátira 1.8, o antigo lugar de sepultamento já é descrito como um horto. E todos esses dados históricos apontam para o fato de o Epodo V ter sido elaborado antes da Sátira 1.8.

Os epodos seguem propósitos e finalidades semelhantes aos das sátiras, porém comentaremos algumas especificações relevantes no contexto literário greco-romano:

> Epodos ou Livro dos Epodos (*Epodon Liber*) é o nome trazido pelos manuscritos para um livro de Horácio que contém dezessete poemas escritos em gênero iâmbico, estilo que remete ao poeta Arquíloco de Paros (século VI a.C.). Por conta disso, o nome dado pelo próprio Horácio aos seus versos nesse livro é *Iambi*. A escrita de Horácio é única para esse tipo de livro em latim, não havendo nada anterior e nem tradição posterior.[99]

Utilizando versos jâmbicos em seus Epodos, Horácio emula alguns traços da poesia de Arquíloco, acrescentando o estilo romano de humor cáustico:

---

[94] CONTE, Gian Biago. **Latin literature**: a history. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1999.
[95] CARDOSO, Zélia de Almeida. **A literatura latina**. São Paulo: M. Fontes, 2003.
[96] Seguindo a datação proposta por Conte (1999), Virgílio publicou as *Bucólicas* entre 42 e 39 a.C., em 29 a.C. apresentou as Geórgicas para Otávio Augusto, e nesse mesmo ano (29 a.C.), o poeta iniciou a criação da *Eneida*, publicada em 19 a.C.
[97] Silva, 2024, p. 282.
[98] Paule *In:* Silva, 2024, p. 73.
[99] Silva, 2024, p. 283.

> Sendo um estilo de gênero baixo, a principal característica dos iambos e epodos é a invectiva imprecatória que, ao ser cantada em forma de versos, intencionava produzir o ritual de encantamento e o maldizer contra alguém. A partir disso, podemos ver que os Epodos se relacionam tanto com a poesia lírica quanto com a satírica.[100]

Os *Iambi* de Horácio abrangem conteúdos moralistas e invectivos, portanto as feiticeiras presentes nesses poemas são mostradas de forma caricata e grotesca. No Epodo V, Horácio nos apresenta Canídia, Veia, Sagana e Fólia em um ritual para a fabricação de uma poção do amor. O principal ingrediente do elixir é a medula de uma criança, a qual elas obterão mediante seu sacrifício. Temos nessa situação duas vítimas potenciais: o alvo do feitiço, Varo, um "velho adúltero" <*senem adulterum*> e a criança que será utilizada para a fabricação do filtro.

A história se inicia em primeira pessoa, do ponto de vista do menino sequestrado (v.1-12), depois se alterna para a terceira pessoa na voz do narrador onisciente que descreve Canídia, Sagana e Veia realizando o ritual (v.13-54). Canídia assume a narrativa e, além de evocar as divindades ctônicas, revela os seus propósitos (v.55-66). A partir do verso 67, no entanto, há uma quebra de expectativa quando a própria bruxa admite que o seu feitiço não está funcionando e promete vingança através de um filtro mais poderoso, e sua fala se encerra (v. 67-94). A narração finalmente retorna para o menino preso, que reage ameaçando as bruxas (v.100-119).

Poderíamos inferir que a retórica do poema se dá de maneira circular: a primeira parte consiste nas falas de súplica do infante sequestrado, seguido do narrador que descreve cada uma das bruxas praticando magia, depois as falas da própria Canídia, e, por fim, encerra-se com a afronta do menino contra as feiticeiras.

A narrativa se inicia do ponto de vista da criança, que pede ajuda dos deuses: (v.1-4):

> *'At o deorum quidquid in caelo regit*
> *terras et humanum genus,*
> *quid iste fert tumultus aut quid omnium*
> *uoltus in unum me truces?*
>
> Mas, por todos os deuses,
> que governam do alto do céu a terra e o gênero humano,
> que significa este tumulto?
> Que significam estes olhares cruéis
> de vós todas, fitos em mim só?[101]

A criança clama também por Júpiter: <*per inprobaturum haec Iouem*> "Em nome de Júpiter/ que detesta estas ações" (v.8).

---

[100] Frazão *In:* Silva, 2024, p. 283.
[101] Tradução de SCHEID, José Ewaldo. **Obras seletas**. Canoas: Ed. da ULBRA, 1997.

Sobre a caracterização das bruxas, uma frase nos chama atenção. Ao implorar por piedade, a vítima diz: <*per liberos te, si uocata partubus*/ *Lucina ueris adfuit*> "Em nome dos teus filhos, se é que Lucina te assistiu em algum parto verdadeiro" (v.5-6). Vemos que a vítima julga o caráter de uma das bruxas pela ausência de filhos criados. Horácio, em tom de censura, frequentemente critica costumes que a moral vigente em sua época deseja coibir. Talvez o poeta pretendesse criticar a conduta de mulheres que praticassem infanticídio (de seus próprios filhos), abandono ou contracepção, mesmo sendo práticas amplamente difundidas e aceitas pela sociedade da época. Ou apenas construir o estereótipo de que bruxas são assassinas de crianças.

O garoto se apresenta não como uma simples criança, mas um futuro cidadão romano: <*per hoc inane purpurae decus precor*> "Em nome desta púrpura/ ornamento inútil para ti que a não respeitas" (v. 7). O uso da vestimenta púrpura indica o status social da família à qual ele pertence. O sequestro de um menino pertencente à alta classe econômica, além de ser um crime premeditado, demonstra a ousadia das bruxas e o perigo que representam para as famílias patrícias, raptando seus herdeiros legítimos para usar em fórmulas mágicas.

O narrador passa a descrever Canídia e seus gestos: <*Canidia, breuibus illigata uiperis/ crinis et incomptum caput*> "Canídia desgrenhada, / com o cabelo enlaçado com pequenas víboras" (v.15-16). Tratando-se da cronologia das obras, se o Epodo V foi realmente escrito antes das *Sátiras*, essa é a primeira descrição das características físicas de uma feiticeira; ela é desalinhada e adorna seus cabelos com cobras. Canídia, que está no comando da cerimônia, ordena o rito manual (v. 15-24):

Canidia, breuibus illigata uiperis
crinis et incomptum caput,
iubet sepulcris caprificos erutas,
iubet cupressos funebris
et uncta turpis oua ranae Sanguine
plumamque nocturnae strigis
herbasque, quas Iolcos atque Hiberia
mittit uenenorum ferax,
et ossa ab ore rapta ieiunae canis
flammis aduri Colchicis.

Canídia desgrenhada,
com o cabelo enlaçado com pequenas víboras,
manda pôr no fogo mágico:
figueiras brabas arrancadas das sepulturas,
ramos de ciprestes fúnebres.
ovos untados com sangue de torpe sapo,
penas de noturna coruja,
e ossos arrancados das fauces de esfomeada cadela...[102]

[102] Scheid, 1997.

Cada um dos ingredientes utilizados, ou propriedades mágicas, possui uma simbologia e associa-se através da Lei da Simpatia com suas fontes. Aqui, todas as substâncias estão conectadas ao mundo dos mortos, como ervas e árvores de cemitérios, ou com animais noturnos e agourentos, como sapos, corujas e cães. No âmbito mitológico, os caninos, em geral, especialmente as cadelas, são manifestações de Hécate. A menção ou a presença de cães em cenas de bruxaria consiste em um clichê encontrado em vários textos literários da Antiguidade latina.

Outro detalhe nos chama atenção. Os "ossos arrancados das fauces de esfomeada cadela" parece ser um elemento tradicional na bruxaria latina, uma vez que reaparecerá em Lucano, no século I d.C., como ingredientes para a feitiçaria de Ericto (Lucano. *Farsália*, Canto VI, v.550-553)

> antes das feras e aves fica. Com suas mãos,
> não quer cortar a ferro os membros, e as mordidas
> de um lobo espera, p'ra os tomar das fauces secas.[103]

A única diferença é que Horácio utiliza a imagem da cadela, enquanto Lucano escolhe o lobo. Em ambos os casos, a simbologia é a mesma: espera-se as feras abocanharem os ossos ou as partes do corpo da vítima, para então tomá-los de um animal que sente fome. O alimento arrancado de um animal faminto parece adquirir propriedades mágicas uma vez que se associa à ânsia por alimento. Lembremos que Canídia quer suscitar o desejo ardente em seu amante.

A descrição de Sagana é feita de maneira ridícula (v.25-28):

> *at expedita Sagana, per totam domum*
> *spargens Auernalis aquas,*
> *horret capillis ut marinus asperis*
> *echinus aut Laurens aper.*
>
> Entretanto, Sagana
> de manga arregaçada,
> borrifa a casa com água do lago Averno
> e inspira horror por seus cabelos eriçados
> à maneira de ouriço marinho
> ou de javali perseguido.[104]

Novamente surge a imagem da bruxa como uma mulher descabelada, e neste caso de forma animalesca, semelhante a um ouriço ou javali assustado. Percebemos ainda que quem

[103] Gouvêa-Júnior, 2025.
[104] Scheid, 1997.

executa as tarefas de fato são as ajudantes de Canídia: Sagana borrifa água numa espécie de preparação do ambiente no interior da casa.

Não se trata, portanto, de um ritual feito ao relento, e, sim, na privacidade de um aposento. A escolha de uma casa como local ritualístico é coerente, especialmente neste caso, por se tratar do sequestro de uma criança.

Não temos a descrição da aparência de Véia, sabemos apenas que ela faz o trabalho braçal do grupo, cavando um buraco na terra (v.29-33):

> *abacta nulla Veia conscientia*
> *ligonibus duris humum*
> *exhauriebat, ingemens laboribus,*
> *quo posset infossus puer*
> *longo die bis terque mutatae dapis*
>
> Véia, insensível a qualquer remorso,
> abria uma cova com pesado enxadão,
> soltando gemido com esforço
> onde o menino fosse enterrado vivo[105]

Subentende-se que a moradia em que as personagens se encontram é precária, pois é possível abrir uma cova no chão, provavelmente sem assoalho.

Há ainda uma quarta bruxa (v.42-46):

> *Ariminensem Foliam*
> *et otiosa credidit Neapolis*
> *et omne uicinum oppidum,*
> *quae sidera excantata uoce Thessala*
> *lunamque caelo deripit.*
>
> E acreditou a curiosa Nápoles,
> acreditaram as cidades vizinhas
> que não faltou a Folia de Arimino
> que arranca dos céus com a sua voz téssala
> a lua e os astros evocados por suas feitiçarias.[106]

Fólia certamente é a maga mais poderosa, com atributos épicos, devido a seus dons <*quae sidera excantata uoce Thessala/ lunamque caelo deripit*.> "que arranca dos céus com a sua voz téssala/ a lua e os astros evocados por suas feitiçarias" (v.45-46). Ela possui o "canto téssalo", da região da Tessália, terra dos feiticeiros mais temidos. Veremos ao longo deste trabalho que a menção a essa cidade consiste em um clichê sobre a crença mágica no imaginário

[105] Scheid, 1997.
[106] Idem.

latino. Embora ela possua o talento para encantamentos advindo de terras gregas distantes, Fólia é natural de Arimino, nome em latim para a atual comuna de Rimini, situada na Emília-Romanha, no norte da Itália.

Resta mais uma descrição de Canídia (v.47-49):

> *hic inresectum saeua dente liuido*
> *Canidia rodens pollicem*
> *quid dixit aut quid tacuit?*
>
> Então a cruel Canídia,
> roendo com dente amarelo
> a unha do polegar não cortada,
> que foi que disse? E que meditou então?[107]

O menino então testemunha o monólogo de Canídia invocando as divindades do submundo para auxiliá-la na perseguição de seus desafetos (v.49-60):

> *"o rebus meis*
> *non infideles arbitrae,*
> *Nox et Diana, quae silentium regis,*
> *arcana cum fiunt sacra,*
> *nunc, nunc adeste, nunc in hostilis domos*
> *iram atque numen uertite.*
> *formidulosis cum latent siluis ferae*
> *dulci sopore languidae,*
> *senem, quod omnes rideant, adulterum*
> *latrent Suburanae canes*
> *nardo perunctum, quale non perfectius*
> *meae laborarint manus.*
>
> "Fiéis testemunhas de minhas obras,
> ó Noite e ó Diana,
> que mantendes o silêncio,
> quando se celebram os nossos sagrados mistérios,
> é tempo já, aparecei agora!
> voltai agora contra os meus inimigos
> a vossa cólera e o vosso poder!
> Enquanto as temíveis feras, escondidas nas matas,
> ladrem as cadelas de Subura
> atrás daquele adúltero velho,
> ungido de essência, qual minhas mãos jamais prepararam melhor,
> e que todos se riam dele, sem parar...[108]

Ela inicia o rito oral evocando a deusa primordial Noite (Nix) e Diana, algo recorrente em quase todos os feitiços descritos na literatura greco-romana. No poema, as horas noturnas são o tempo propício para o ritual, pois é favorecido pelo silêncio guardado pelas deusas

[107] Scheid, 1997.
[108] Idem.

ctônicas. Para completar a perseguição ao seu inimigo, Canídia manda as cadelas de Suburra no encalço de Varo. Lembremos que o bairro de Suburra era famoso por abrigar lupanares e pessoas socialmente desfavorecidas que se envolviam em todo tipo de atividades suspeitas. O perfume usado pelo velho adúltero também foi fabricado pela bruxa, o que parece ser uma tentativa anterior de prejudicá-lo. Mas a feiticeira se surpreende com a ineficácia de seu fármaco (v.61-72):

quid accidit? cur dira barbarae minus
uenena Medeae ualent,
quibus Superbam fugit ulta paelicem,
magni Creontis filiam,
cum palla, tabo munus imbutum, nouam
incendio nuptam abstulit?
atqui nec herba nec latens in asperis
radix fefellit me locis.
indormit unctis omnium cubilibus
obliuione paelicum?
a, a, solutus ambulat ueneficae
scientioris carmine.

No entanto, o que está acontecendo?
por que nada podem esses venenos terríveis da bárbara Medeia
com os quais se vingou da soberba rival,
da filha do poderoso Creonte,
quando o manto, dádiva impregnada deste veneno,
consumiu pelo fogo a noiva recente?
Todavia não houve erva, nem raiz mais escondida
nos quais íngremes lugares
que me escapasse!
E ele dorme sossegado
no leito embebido com o esquecimento
de todas as suas amantes!
Ah! Uma feiticeira mais hábil do que eu
o salvou por seus feitiços![109]

A poção fabricada anteriormente, inspirada nos venenos de Medeia, não surtiu o efeito desejado em Varo. Canídia então se dá conta que existe outra bruxa atuante que bloqueou seus augúrios. Ela prossegue as ameaças jurando vinganças piores (v.73-82):

non usitatis, Vare, potionibus,
o multa fleturum caput,
ad me recurres nec uocata mens tua
Marsis redibit uocibus.
maius parabo, maius infundam tibi
fastidienti poculum
priusque caelum Sidet inferius mari
tellure porrecta super

[109] Scheid, 1997.

quam non amore sic meo flagres uti
bitumen atris ignibus."

Ó Varo,
cabeça voltada às lágrimas,
hás de voltar a mim,
forçado por filtros até hoje não conhecidos
nem a tua mente,
atraída por meus venenos,
há de voltar ao juízo,
nem que seja por feitiços dos marsos,
Vou preparar-te e servir-te um elixir mais poderoso,
que triunfará dos teus desdéns.
E os céus antes afundarão no mar
e a terra se erguerá acima dos céus antes
de tu não arderes por mim,
como o betume arde em negras labaredas!"[110]

A feiticeira promete um novo filtro erótico superior àquele já testado e o prepara às custas da vida da criança. Encerrando a argumentação cíclica do texto, o poema termina com a invectiva do menino contra as bruxas (v.83-102):

sub haec puer iam non, ut ante, mollibus
lenire uerbis inpias,
sed dubius unde rumperet silentium,
misit Thyesteas preces:
'uenena maga non fas nefasque, non ualent
conuertere humanam uicem.
diris agam uos: dira detestatio
nulla expiatur uictima.
quin, ubi perire iussus exspirauero,
nocturnus occurram Furor
petamque uoltus umbra curuis unguibus,
quae uis deorum est Manium,
et inquietis adsidens praecordiis
pauore somnos auferam.
uos turba uicatim hinc et hinc saxis petens
contundet obscaenas anus;
post insepulta membra different lupi
et Esquilinae alites
neque hoc parentes, heu mihi superstites,
effugerit spectaculum.

Ouvindo estas palavras,
o menino não mais tenta abrandar estas fúrias
com meigas súplicas,
mas, incerto de como romperia o silêncio,
lançou estas imprecações, dignas de Tiestes:
Os vossos feitiços
podem transformar a justiça mais poderosa em injustiça
mas não podem inverter o castigo humano
eu vos perseguirei com minhas maldições...

[110] Scheid, 1997.

> Ouvi mais ainda:
> quando eu tiver morrido,
> depois de me condenardes,
> aparecerei qual fúria noturna,
> e meu fantasma
> vos rasgará o rosto com unhas recurvadas:
> este é o poder dos Manes.
> Sentar-me-ei sobre o vosso peito ofegante,
> tirando-vos o sono por meio do terror!
> A gentalha vos há de correr a pedradas,
> de rua em rua... à esquerda e à direita...
> e vos despedaçará, bruxas imundas!
> Depois os lobos e os abutres do monte Esquilino
> hão de dilacerar os vossos membros insepultos
> E meus pais, ah! sobreviventes a mim,
> assistirão a este espetáculo.[111]

Esse pode ser considerado o poema mais importante na antologia horaciana a respeito da prática da bruxaria. O texto também apresenta uma descrição satisfatória sobre o ritual mágico segundo a teoria de Mauss: nos mostra as condições temporais e espaciais adequadas ao feitiço, bem como as substâncias utilizadas e escolhidas cuidadosamente para a finalidade. Além disso, temos a caracterização explícita dos agentes mágicos, que não são leigos, e, sim, apontados como bruxas.

Canídia conduz toda a ação. Sagana, Veia e Fólia seguem suas ordens e executam a maior parte dos ritos manuais e tarefas que exigem esforço físico, enquanto aquela atua como mestre e realiza os ritos orais necessários para a evocação das divindades e manes. É importante notar que, dentre as quatro bruxas, somente Canídia fala, demonstrando a sua relevância como personagem. Isso ficará mais evidente nos outros poemas, pois Horácio continuará a dar-lhe voz e destaque nas narrativas.

Temos neste epodo a demonstração de dois tipos de magia: a fabricação de uma poção do amor, mote do poema, e em segundo plano, uma poção venenosa anteriormente produzida e testada em Varo, sendo ineficaz.

Sobre a cena, vemos que se trata de um ritual macabro, que viola as leis romanas e que terminará em um homicídio:

> Com a magia erótica do Epodo 5, Horácio cria uma imagem totalmente estereotipada dessa prática, remetendo-a exclusivamente ao universo feminino, cruel e criminoso, fruto do desejo amoroso desenfreado próprio das mulheres[112].

[111] Scheid, 1997.
[112] Silva, 2024, p. 301-302.

As quatro bruxas envolvidas no feitiço são descritas como desgrenhadas, usam adereços grotescos de serpentes, têm cabelos arrepiados como ouriços e javalis, conservam as unhas exageradamente grandes e têm dentes amarelados. Somando a aparência horrenda das bruxas ao ambiente em que se encontram – uma casa no bairro de Suburra – constata-se que essas mulheres são identificadas como pobres, sujas, livres (não-escravas ou libertas), criminosas e marginalizadas. O único dado que nos escapa é a faixa-etária dos agentes mágicos, o que será suprido nos outros dois poemas, como veremos. De forma geral, o Epodo V nos fornece vários dados sobre os atos e a aparência física das bruxas no imaginário poético, informações que são relativamente raras na literatura da Antiguidade.

Esse epodo, em especial, oferece uma visão detalhada sobre a representação das bruxas de baixa estratificação social na literatura latina. O poeta constrói uma imagem caricata e grotesca dessas figuras, destacando suas características físicas, seus rituais e suas ações mágicas, associadas ao mundo dos mortos e às práticas proibidas. Além disso, Horácio critica aspectos morais de sua época, como a conduta de mulheres que praticavam infanticídio ou abandonavam seus filhos, revelando uma visão moralista e, ao mesmo tempo, humorística sobre o tema.

A descrição minuciosa dos ingredientes mágicos, o ambiente privado da cerimônia e a personificação das bruxas como figuras marginalizadas reforçam a ideia de que a bruxaria era vista como uma prática perigosa, associada ao crime e à transgressão. Assim, o estudo dessa obra nos permite compreender não apenas a visão cultural e social da magia na Roma Antiga, mas também a forma como Horácio emprega o humor e a sátira para abordar temas considerados tabus, contribuindo para o entendimento do imaginário e das crenças daquele período.

4.3. Epodo XVII – Horácio

O Epodo XVII consiste em uma palinódia, poema com estética epistolar que contém um diálogo fictício entre o eu-lírico e seu interlocutor. O texto pode ser dividido em duas partes: a primeira equivale à provocação de Horácio, e a segunda, à resposta de Canídia, destinatária de seus versos jâmbicos. O poeta inicia a epístola rogando à sua ex-amante para que suspenda os malefícios lançados contra ele e que se abstenha de todos os rituais de feitiçaria.

A missiva começa com a súplica e a rendição do próprio poeta. Utilizando-se de ironia, o eu-lírico invoca as divindades infernais, ao gosto das feiticeiras, imitando os ritos orais ou os *carmina* com os quais se iniciam os rituais mágicos (v.1-10):

> *'Iam iam efficaci do manus scientiae,*
> *supplex et oro regna per Proserpinae,*
> *per et Dianae non mouenda numina,*
> *per atque libros carminum ualentium*
> *refixa caelo deuocare sidera,*
> *Canidia: parce uocibus tandem sacris*
> *citumque retro solue, solue turbinem.*
> *mouit nepotem Telephus Nereium,*
> *in quem superbus ordinarat agmina*
> *Mysorum et in quem tela acuta torserat.*
>
> Canídia, eu cedo enfim, e as mãos entrego
> Vencido os conjuros.
> Humilde, eu te suplico pelo horrendo
> Trono de Prosérpina;
> Por Diana também, tremendo nume;
> Pelos mágicos versos
> Que podem despenhar dos céus os astros,
> Que nunca mais profiras
> Místicas vozes de fatais encantos,
> Que abandones de todo
> A veloz roda de infernais feitiços.[113]

Em seguida, a retórica muda para os *exempla* inspirados nos heróis das épicas *Ilíada* e *Odisseia*, de Homero (v.12-30). Primeiro cita Télefo e Aquiles[114] (v.12-16). Depois o episódio da guerra de Troia no qual o corpo de Heitor é devolvido para o justo sepultamento (v.17-24). Da *Odisseia*, o narrador cita o episódio dos companheiros de Ulisses na ilha de Circe (v.25-30).

Após os *exempla* mitológicos, segue o lamento do eu-lírico, que descreve a si mesmo como alguém de cabelos brancos e rosto esquelético, coberto de pele murcha (v.31-38):

---

[113] Tradução de DURIENSE, Elpino. **Obras completas: odes, epodos, carme secular, satiras e epistolas**. São Paulo: Ed. Cultura, 1941.
[114] Herói que herdou o trono dos Teutras, que se uniram aos troianos durante o ataque dos gregos.

dedi satis superque poenarum tibi,
amata nautis multum et institoribus.
fugit iuuentas et uerecundus color
reliquit ossa pelle amicta lurida,
tuis capillus albus est odoribus,

Assaz punido estou, Canídia, amada
Até dos nautas duros,
Findou ligeira a minha mocidade,
E macilenta pele
Cobre os ossos do rosto onde algum tempo
A púrpura brilhara.
De teus perfumes mágicos à força
Já me alveja o cabelo.[115]

A aparência explicita o sofrimento da vítima dos feitiços, que sofre de insônia, falta de ar, depressão e fadiga. Por fim ele reconhece a eficácia da feitiçaria de Canídia (v.39-49):

nullum a labore me reclinat otium;
urget diem nox et dies noctem neque est
leuare tenta spiritu praecordia.
ergo negatum uincor ut credam miser,
Sabella pectus increpare carmina
caputque Marsa dissilire nenia.
quid amplius uis? o mare et terra, ardeo,

Não tem pausa as desgraças que me oprimem.
Volve-se o dia, e noite,
E não posso com um férvido suspiro
Desafogar o peito.
Tinha negado teu poder, mas vejo,
E miserável creio
Que os magos versos, e as canções têm força
De agrilhoar vontades,
De enlouquecer de todo: Ó terra, Ó! mares!
Ah! Suspende a vingança,
Que mais queres de mim? Eis-me abrasado.[116]

Ao final de suas súplicas, Horácio dá exemplos de atos mágicos e costumes bizarros das bruxas que não devem ser imitados por outras mulheres idosas (v.43-48):

(...) uicti prece,
adempta uati reddidere lumina:
et tu, potes nam, solue me dementia,
o nec paternis obsoleta sordibus
neque in sepulcris pauperum prudens anus
nouendialis dissipare pulueres.

Eu te conjuro pelo sangue ilustre
Que te gira nas veias,
Que não desfeches contra mim teus golpes,
Da loucura me livra
Já que, velha prudente, nunca imitas
Infames feiticeiras,

[115] Duriense, 1941.
[116] Idem.

Que vão tirar dos túmulos dos pobres
As cinzas taciturnas,
Depois do nono dia em que pagaram
Tributo a Libitina.[117]

A importância do Epodo XVII neste trabalho se dá mais pela ampliação da descrição de Canídia do que pela encenação mágica, que quase não ocorre. Porém, temos o acréscimo do atributo de ser velha, que não havia sido demonstrado no Epodo V.

Encerrando suas falas com ironia o poeta elogia sua adversária (v.49-52):

tibi hospitale pectus et purae manus
tuosque uenter Pactumeius et tuo
cruore rubros obstetrix pannos lauit,
utcumque fortis exsilis puerpera.'

Tens meigo coração, as mãos tens puras;
És mãe terna, e fecunda;
Depois de dar à luz penhores de alma,
Surges forte, e robusta.[118]

No Epodo V, o papel materno de Canídia já havia sido questionado pelo menino sequestrado pelas bruxas[119]: "Em nome dos teus filhos, se é que Lucina te assistiu em algum parto verdadeiro" (v.5-6), sendo retomada questão no Epodo XVII com o mesmo tom de censura.

Canídia inicia sua resposta às provocações e jura vingança contra Horácio por causar sua difamação (v.53-81):

'quid obseratis auribus fundis preces?
non saxa nudis surdiora nauitis
Neptunus alto tundit hibernus salo.
inultus ut tu riseris Cotytia
uolgata, sacrum liberi Cupidinis,
et Esquilini pontifex uenefici
inpune ut Vrbem nomine inpleris meo?
quid proderat ditasse Paelignas anus
uelociusue miscuisse toxicum?
sed tardiora fata te uotis manent:
ingrata misero uita ducenda est in hoc,
nouis ut usque suppetas laboribus.
optat quietem Pelopis infidi pater,
egens benignae Tantalus semper dapis,
optat Prometheus obligatus aliti,
optat supremo collocare Sisyphus
in monte saxum; sed uetant leges Iouis.
uoles modo altis desilire turribus,

[117] Duriense, 1941.
[118] Idem.
[119] No Epodo V, Horácio mostra Canídia, Veia, Sagana e Fólia realizando um ritual para a fabricação de um filtro amoroso. O principal ingrediente da poção do amor é a medula de um garoto, a qual pretendem obter mediante seu sacrifício.

frustraque uincla gutturi innectes tuo
modo ense pectus Norico recludere
fastidiosa tristis aegrimonia.
uectabor umeris tunc ego inimicis eques
meaeque terra cedet insolentiae.
an quae mouere cereas imagines,
ut ipse nosti curiosus, et polo
deripere lunam uocibus possim meis,
possim crematos excitare mortuos
desiderique temperare pocula,
plorem artis in te nil agentis exitus?'[120]

Para que ínvias súplicas inúteis
A cerrados ouvidos?
As duras pedras que no mar negrejam,
Quando Netuno irado
Com as turvas ondas se enfurece, e berra,
Nunca foram tão surdas
Aos lastimosos lúgubres gemidos,
Dos náufragos, que expiram.
Deves acaso escarnecer impune
Os sagrados mistérios,
A que preside Amor? Foste creado
Pontífice supremo
Dos profundos, e mágicos segredos?
E depois que teus versos
Me tornaram a fábula do povo,
Morrerei não vingada?
Embora com mil dádivas procures,
Mais mil poderosas magas,
Que mais sutil veneno te preparem
Ó socorros baldados!
Será mais tarda a morte, que teus votos,
Viverás desgraçado.
Teus dias crescerão, porque se aumentem
As mágoas com teus dias.[121]

Nessa palinódia, vemos o diálogo entre o eu-lírico e sua amada, suplicando o perdão de Canídia por toda difamação que ele mesmo promovera em seus versos. O poema baseia-se nas consequências dos encantamentos da bruxa em sua vítima, que sofre de males de saúde, envelhecimento e calvície. Se por um lado, o texto contém poucas informações sobre os processos mágicos – ao contrário do Epodo V e da Sátira 1.8 – por outro, temos a confirmação de que a personagem Canídia é uma senhora idosa que realiza encantamentos contra seus amantes e desafetos.

Veremos que o *topos* da mulher velha representada como uma bruxa, e vice-versa, é recorrente na obra horaciana. Para complementar esta análise, podemos comparar as feiticeiras de Horácio com outras mulheres descritas negativamente em outros poemas. Nos livros das Odes, por exemplo, a respeito dos personagens femininos, observamos a predominância dos

[120] HORACE. **Odes et epodes**. Texte etabli et traduit par François Villeneuve. Paris: Les Belles Lettres, 1954.
[121] Duriense, 1941.

retratos de mulheres libertinas ou cortesãs, e todas são atacadas em seus versos pela mesma característica: pertencem a uma determinada faixa-etária.

Comecemos por Lídia (Ode I, 25). A moça, que outrora provocava ciúmes no jovem amado, agora é injuriada por ele:

> Mais raramente assediam suas janelas fechadas
> Os jovens libertinos com insistentes golpes
> Nem te tiram o sono, e no marco
> Permanece à porta.
>
> Porta que antes movia facilmente
> os gonzos. Agora menos e menos ouves:
> "consumindo longas noites por ti,
> Lídia, dormes?"
>
> Velha, por sua vez, chorarás
> Os devassos arrogantes, no beco solitário
> Desamparada como o vento Trácio mais delirante
> Sob a lua nova,
>
> O amor e a libido ardem em ti,
> Como a mãe dos eqüinos costuma se tornar furiosa
> O fígado ulcerado arderá em toda parte,
> Não sem gemidos,
>
> Pois a aprazível juventude contenta-se
> Mais com a hera fresca que com o mirto escuro,
> E consagre as folhas secas ao Euro
> Companheiro do inverno. (I, 25)[122]

A forma mais comum de ofensa dirigida às mulheres na obra horaciana é relativa à velhice. No caso de Lídia, testemunhamos o despeito do eu-lírico pela antiga amante que provavelmente o desprezara. Como forma de vingança, o poeta a amaldiçoa com o triste fim da solidão, abandonada pelos clientes que já não a procuram: "Velha, por sua vez, chorarás / Os devassos arrogantes, no beco solitário (...)". A causa desse abandono é a velhice e a decrepitude que afastam os rapazes.

O desejo sexual das mulheres idosas é comparado ao cio das éguas: "O amor e a libido ardem em ti, / Como a mãe dos eqüinos costuma se tornar furiosa (...)". A juventude é associada à hera fresca, enquanto a velhice, ao mirto escuro. Lídia representa as folhas secas e a estação invernal, simbolizando esterilidade e frigidez: "E consagre as folhas secas ao Euro / Companheiro do inverno". Nos Epodos, Horácio não só censura os poetas medíocres e os charlatões da Roma boêmia, mas também as mulheres velhas impudicas, e condena

[122] Tradução de FERRAZ, Bento Prado de Almeida; PRADO, Anna Lia Amaral de Almeida. Odes e Epodos. São Paulo: M. Fontes, 2003.

severamente o corpo feminino que, para o eu-lírico, com a chegada da velhice, mostra sinais de decadência:

> Que queres tu, mulher digníssima dos negros elefantes?
> Por que a mim, nem jovem, nem robusto, nem de nariz obstruído
> Envias presentes e bilhetes?
> A verdade é que cheiro o forte pólipo ou o bode
> que repousa nas axilas peludas, mais sutilmente
> que o cão de faro aguçado o lugar onde o javali se esconde.
> Que suor! E que mau cheiro se espalha por toda parte,
> Vindo dos flácidos membros, quando o pênis amolecido
> Se precipita a acalmar o furor desenfreado e para ele
> A argila úmida já não permanece, nem a cor
> Artificial do estrume do crocodilo
> Que quando no cio
> Rompe os dosséis e os leitos resistentes!
> Ou quando com palavras furiosas censura meus fastios:
> "Definhas por Inácia, mas por mim quase nada;
> Tens potência por três noites com Inácia, mas sempre indisposto para mim
> És capaz de apenas um ato. Que infeliz pereça
> Lésbia, que te trouxe inerte, para aquela que procurava um touro,
> Quando recorria a mim, Amintas de Cós,
> Cujo nervo na indomável virilha está mais rígido
> Que a árvore nova nas colinas.
> Para quem, repetidas vezes os tosões de lã
> Eram mergulhados na púrpura de Tiro?
> Para ti certamente, não fosses igual entre os convivas,
> a quem sua mulher amasse mais que a ti.
> Ó como sou infeliz, de quem tu foges, como a ovelha atenta
> Teme os lobos, ou as cabras, os leões. (XII)[123]

Temos ainda a associação da ostentação material (hábito malvisto pelo poeta epicurista) com a deformidade da velhice. Para ele, o excesso de adornos serve como artifício para esconder as imperfeições físicas, como no Epodo VIII:

> Rogar-me, tu corrompida pelo longo tempo
> Que esgota as minhas forças
> Já que, idosa, tenhas dentes escuros e a velhice
> Escava tua face com rugas
> Como o ânus disforme se escancara aos filhotes
> Da vaca precoce durante as secas.
> Mas me excita as mamas e os seios caídos
> Iguais às tetas da égua.
> O ventre flácido e a coxa magra
> Juntos às pernas inchadas.
> Hás de ser rica, e as imagens triunfais
> Conduzam teus funerais, nem exista matrona que
> Passeie carregada de perfeitas Pérolas.
> Por quê? Por que os escritos estóicos gostam de se deitar
> Entre as almofadas de Seres,
> Por acaso o falo iletrado se enrijece menos?

[123] Tradução de FERRAZ, Bento Prado de Almeida; PRADO, Anna Lia Amaral de Almeida. Odes e Epodos. São Paulo: M. Fontes, 2003.

Ou o falo se enfraquece menos?
Pois, para que provoques o soberbo órgão,
A favor de ti, é necessário trabalhar com a boca. (VIII)[124]

Portanto, na poesia satírica horaciana, a boa medida deve ser observada igualmente na idade, e o descompasso do comportamento de uma mulher em relação à sua faixa-etária é inaceitável.

Uma antiga paixão do eu-lírico denominada Lice também é chamada de velha pelo eu-lírico na Ode XIII, do quarto livro:

Audiuere, Lyce, di mea uota, di
audiuere, Lyce: fis anus, et tamen
uis formosa uideri
ludisque et bibis impudens
et cantu tremulo pota Cupidinem
lentum sollicitas. Ille uirentis et
doctae psallere Chiae
pulchris excubat in genis.
Importunus enim transuolat aridas
quercus et refugit te quia luridi
dentes, te quia rugae
turpant et capitis niues.
Nec Coae referunt iam tibi purpurae
nec cari lapides tempora, quae Semel
notis condita fastis
inclusit uolucris dies.
Quo fugit Venus, heu, quoue color, decens
quo motus? Quid habes illius, illius,
quae spirabat amores,
quae me surpuerat mihi,
felix post Cinaram notaque et artium
gratarum facies? Sed Cinarae breuis
annos fata dederunt,
seruatura diu parem
cornicis uetulae temporibus Lycen,
possent ut iuuenes uisere feruidi
multo non sine risu
dilapsam in cineres facem.

Ouviram, Lice, os deuses os meus votos, os deuses
Ouviram, Lice: tornas-te velha,
e contudo queres parecer formosa
E brincas e bebes impudente
E bêbada, com canto trêmulo procuras
O Amor indiferente
Ele monta guarda nas belas faces
De Quia em flor, e douta em tocar
Cítara.
Quão desfavorável voa atravessando os secos
Carvalhos e foge, porque tornam-te feia os dentes
Amarelados, as rugas e a brancura
De sua cabeça.
Nem as púrpuras de Cós, nem

[124] Tradução de FERRAZ, Bento Prado de Almeida; PRADO, Anna Lia Amaral de Almeida. Odes e Epodos. São Paulo: M. Fontes, 2003.

as preciosas pedras te restituem mais os momentos passados
que o tempo veloz incluiu de uma vez por todas
nos famosos Anais.
Oh! Para onde fugiu Vênus, tua beleza, e teus gestos
Graciosos? Que tens daquela, daquela
que inspirava amores,
Que arrebatara a mim,
Após Cínara, a mais bela face, e mais famosa
Nos gratos talentos? Mas à Cínara breves
Anos deram os fados
Durante muito tempo há de ser mantida Lice,
Igual à velha gralha pelas eras,
Para que os jovens férvidos possam ver
com muitas risadas
O archote apagado em cinzas. (IV, 13)[125]

Devemos examinar com cuidado os versos "Mas à Cínara breves/ anos deram os fados;/ durante muito tempo há de ser mantida, Lice,/ igual à velha gralha pelas eras (...)" pois encontraremos a ideia de que a morte é mais digna que o comportamento obsceno, e ainda pior, o argumento de que a morte prematura cai bem às mulheres devassas, para que não acabem velhas, ridículas e indecentes.

Lice surge anteriormente na Ode III, 10, na qual o poeta, diante da porta fechada, se queixa sobre seu desprezo, situação típica do *paraklausíthyron*, comum na poesia grega e na elegia erótica romana. Rejeitado, compara Lice às serpentes mauritanas <*nec mauris mitior anguibus*> e ao rígido carvalho <*nec rigida mollior aesculo*>. Na Ode IV, 13 o poeta se vê vingado: Lice envelheceu sem se dar conta. O desprezo outrora sentido pelo eu-lírico agora é devolvido à Lice pelos jovens que a rejeitam. A censura do poeta do *carpe diem* recai sobre a mulher que, sem a medida do ridículo, comporta-se de maneira inadequada à idade.

A insistência com a qual Horácio aborda a velhice feminina em vários poemas pode ser transposta para a caracterização das suas bruxas, que serão retratadas principalmente como velhas. São igualmente criticadas por praticarem magia e perambularem pelos cemitérios à noite.

A relevância do Epodo XVII reside no fato de compor, juntamente com o Epodo V e a Sátira 1.8, uma espécie de saga das bruxas na obra horaciana. Além disso, nessa palinódia temos hipoteticamente o encerramento da relação romântica entre o eu-lírico e a personagem Canídia.

[125] Tradução de FERRAZ, Bento Prado de Almeida; PRADO, Anna Lia Amaral de Almeida. Odes e Epodos. São Paulo: M. Fontes, 2003.

4.4. Sátira 1.8 – Horácio

Nesta sátira, o ritual mágico realizado em um antigo cemitério é narrado pela estátua de Priapo, o deus romano da fertilidade e proteção. Ao molde de uma fábula, Horácio dá voz à estatueta de madeira, que conta, aterrorizada, os pormenores do rito que presencia.

O poema constitui-se inteiramente no monólogo de Priapo. Após se apresentar como protetor do parque, espantando aves e ladrões, ele lamenta ser incapaz de assustar as feiticeiras que lá frequentam. O texto apresenta uma referência importante para os estudos de história, pois fala da transformação do antigo cemitério do monte Esquilino, em um jardim, local onde se passa o ritual. Este também é um dado importante para este trabalho, pois indica cemitérios e terrenos públicos como locais de predileção para as práticas mágicas no ambiente urbano:

> Os cemitérios, as encruzilhadas e a floresta, os pântanos e as fossas de detritos, todos os lugares onde habitam as almas do outro mundo e os demônios, são para a magia lugares de predileção.[126]

A narrativa ocorre em primeira pessoa, na voz de Priapo, corporificado em uma estátua. Ele se apresenta como o deus, que também atua como guardião dos jardins, segundo os costumes romanos. (v.1-7)

> *Olim truncus eram ficulnus, inutile lignum,*
> *cum faber, incertus scamnum faceretne Priapum,*
> *maluit esse deum. deus inde ego, furum auiumque*
> *maxima formido; nam fures dextra coercet*
> *obscaenoque ruber porrectus ab inguine palus,*
> *ast inportunas uolucres in uertice harundo*
> *terret fixa uetatque nouis considere in hortis.*
>
> Antes eu era apenas um tronco de figueira,
> um lenho inútil,
> quando um carpinteiro tomou uma das alternativas:
> ou fazer de mim um simples banco,
> ou então uma estátua de Priapo.
> Preferiu fazer de mim um deus.
> Desde então eu sou um deus,
> o terror máximo para os ladrões e para as aves nocivas.
> Com a cana no topete,
> espanto pardais e pássaros atrevidos,
> impeço que façam estragos em hortas e jardins novos.[127]

[126] Mauss; Hubert, 2018, p. 44.
[127] Tradução de SCHEID, José Ewaldo. **Obras seletas**. Canoas: Ed. da ULBRA, 1997.

Entre os versos 8 e 16, Priapo nos informa sobre o jardim no monte Esquilino, um antigo cemitério plebeu, local onde ocorrerá o rito mágico:

huc prius angustis eiecta cadauera cellis
conseruus uili portanda locabat in arca;
hoc miserae plebi stabat commune sepulcrum;
Pantolabo scurrae Nomentanoque nepoti
mille pedes in fronte, trecentos cippus in agrum
hic dabat, heredes monumentum ne sequeretur.
nunc licet Esquiliis habitare salubribus atque
aggere in aprico spatiari, quo modo tristes
albis informem spectabant ossibus agrum,

Neste lugar fui colocado,
um escravo trazia outrora e amontoava aqui
os cadáveres de seus companheiros e co-servos
em caixões improvisados.
Este era o cemitério comum para o povo sem recursos.
Aqui viriam parar o truão Pantolabo e o esbanjador Nomentano.
Mil pés de frente e trezentos de fundo:
com a inscrição H.M.H.N.S.
Agora é permitido morar com saúde no Esquilino
passear despreocupado em campo aberto.
Mas há pouco se via com tristeza
este campo coberto e deformado com ossos brancos...[128]

Chegamos nos versos em que Priapo descreve a aparência das bruxas (v. 24-26):

Canidiam pedibus nudis passoque capillo,
cum Sagana maiore ululantem: pallor utrasque
fecerat horrendas adspectu.

Eu pessoalmente vi a Canídia
aparecer aqui envolta em manto negro,
de pés descalços,
de cabelos desgrenhados,
uivando com a irmã mais velha, Sagana,
sua palidez dava-lhe um aspecto horrendo.[129]

Os atributos são parecidos com os já encontrados nos epodos, acrescentando o fato de Canídia andar descalça e uivar, e Sagana ostentar uma palidez assustadora. Outro ponto importante é a descrição de suas capacidades mágicas (v. 17-20):

cum mihi non tantum furesque feraeque suetae
hunc uexare locum curae sunt atque labori
quantum carminibus quae uersant atque uenenis
humanos animos: (...)

[128] Scheid, 1997.
[129] Idem.

Não me preocupam aqui somente
ladrões e feras
acostumados a assaltarem este lugar,
mas preocupam-me também as bruxas
que transtornam os espíritos humanos
com encantamentos e elixires peçonhentos.[130]

Sobre as condições temporais do rito, Priapo nos diz que o horário predileto para a ação das bruxas naquele local são as noites enluaradas (v. 20-22):

has nullo perdere possum
nec prohibere modo, simul ac uaga luna decorum
protulit os, quin ossa legant herbasque nocentis.

A estas bruxas eu não consigo espantar...
Tão logo a vaga lua ostenta a sua face prateada,
não consigo impedir que as bruxas venham aqui
colher ossos e ervas venenosas.[131]

O horário é favorável para a colheita de ervas venenosas e ossos, materiais de trabalho das feiticeiras, que constituem as propriedades do rito. Nota-se, mais uma vez, a referência à necromancia, devido ao uso de restos humanos. Sobre os atos mágicos, temos os seguintes ritos manuais (v. 26-29):

scalpere terram
unguibus et pullam diuellere mordicus agnam
coeperunt; cruor in fossam confusus, ut inde
manis elicerent animas responsa daturas.

Começaram ambas a escavar o chão com as unhas,
e a dilacerar com os dentes uma negra ovelhinha.
Derramaram o sangue quente numa cova,
para chamarem do outro mundo as almas dos defuntos,
obrigando-as a profetizarem...[132]

O ritual tem como objetivo evocar as almas dos mortos para que obtenham um oráculo. O sacrifício da ovelha e a oferta do sangue da vítima em uma cova demonstra o direcionamento dos pedidos para divindades ctônicas.

Sobre os ritos orais, temos primeiro a evocação das divindades infernais: <*Hecaten uocat altera, saeuam/ altera Tisiphonen*> "Uma das bruxas chamava por Hécate/ a outra

[130] Scheid, 1997.
[131] Idem.
[132] Idem.

chamava por Tísifone". (v. 33-34). Mais adiante Priapo nos diz que Sagana conversa com as almas do outro mundo (v. 40-41):

> *singula quid memorem, quo pacto alterna loquente*
> *umbrae cum Sagana resonarint triste et acutum*
>
> Não preciso entrar em pormenores:
> como por exemplo, as sombras dialogavam com Sagana,
> como emitiam sons tristes e lúgubres,[133]

Chamaremos atenção agora para os objetos mágicos utilizados, ou propriedades rituais. Canídia e Sagana usam duas bonecas no feitiço (v. 30-33):

> *lanea et effigies erat altera cerea: maior*
> *lanea, quae poenis conpesceret inferiorem;*
> *cerea suppliciter stabat, seruilibus ut quae*
> *iam peritura modis.*
>
> Havia ali uma efígie de lã e outra efígie de cera:
> A efígie de lã era maior, destinada a infligir castigos à mais fraca.
> A menor estava aí em atitude suplicante,
> como alguém que já estivesse diante da morte.[134]

Usa-se a palavra efígie para se referir às duas bonecas, mas entendemos que não se tratava apenas de rostos, mas representações humanas de corpo inteiro. Esses objetos são comumente usados em rituais simpáticos. A boneca maior, feita de lã, representa o autor da magia ou o beneficiário do ato mágico. Já a boneca feita de cera representa a vítima do feitiço. Vimos a utilização de objetos com formas humanas nos rituais amorosos em Virgílio (na Bucólica VIII e no Canto IV da *Eneida*) e veremos que o mesmo ocorrerá em Ovídio. Notamos que o uso de bonecos, efígies e estatuetas, é constantemente descrito na literatura latina.

Priapo prossegue com a descrição do ritual, elencando mais ingredientes (v. 42-44):

> *utque lupi barbam uariae cum dente colubrae*
> *abdiderint furtim terris et imagine cerea*
> *largior arserit ignis et ut non testis inultus*
>
> como escondiam secretamente debaixo da terra:
> a barba de um lobo
> ao lado de um dente de colorida víbora,
> como a boneca de cera aumentava as chamas do fogo.[135]

---

[133] Scheid, 1997.
[134] Idem.
[135] Idem.

No ritual manual realizado por Canídia e Sagana, enquanto a barba de lobo e o dente de cobra são enterrados, a estatueta de cera, que representa a vítima, é queimada na fogueira. As Fúrias, ao serem evocadas, também participam do rito (v. 45-46):

> *horruerim uoces furiarum et facta duarum?*
> *nam, displosa sonat quantum uesica, pepedi*
> *diffissa nate ficus; at illae currere in urbem.*
>
> Não preciso dizer como fiquei horrorizado
> diante das vociferações das Fúrias
> e diante das ações destas duas bruxas...[136]

O desfecho do poema é cômico, quando Priapo obtém sua revanche contra as frequentadoras impertinentes do cemitério (v. 46-47):

> *nam, displosa sonat quantum uesica, pepedi*
> *diffissa nate ficus; at illae currere in urbem.*
>
> Mas por fim consegui vingar-me:
> Mais alto do que o estrondo de uma bexiga que explode,
> meu ventre deu um tiro,
> rachando-me o tronco de figueira
> lá onde as costas perdem seu honrado nome...
> As bruxas se mandaram para a cidade,[137]

Depois do estrondo causado pela estátua, o deus consegue finalmente espantar as bruxas (v. 47-50):

> *(...) at illae currere in urbem.*
> *Canidiae dentis, altum Saganae caliendrum*
> *excidere atque herbas atque incantata lacertis*
> *uincula cum magno risuque iocoque uideres.*
>
> As bruxas se mandaram para a cidade,
> Canídia perdeu a dentadura,
> Sagana perdeu a peruca,
> perdeu as ervas enfeitiçadas e os vínculos dos encantamentos...
> Se assistisses àquele espetáculo,
> não cairias em gargalhadas e zombarias?[138]

A partir dessa sátira, tomamos conhecimento de mais características físicas das bruxas. Canídia não tem dentes e Sagana é careca. Mais uma vez vimos que Sagana é a ajudante de

[136] Scheid, 1997.
[137] Idem.
[138] Idem.

Canídia; no momento da fuga, é Sagana quem carrega os ingredientes, utensílios, as ervas e as correntes.

Como dito anteriormente, o Epodo V pode ter sido escrito antes da Sátira 1.8, mas de qualquer modo, devido não somente ao tema, mas também à forma e à argumentação retórica presente nos dois poemas, entendemos que apresentam semelhanças importantes entre si.

A Sátira 1.8, assim como o Epodo V, são riquíssimos em referências ritualísticas. Em consonância com os estudos de Mauss, temos a indicação precisa do local dos atos mágicos – o cemitério desativado – bem como o momento ideal para a sua realização – a noite de lua cheia.

Os materiais e substâncias usados são listados com esmero pelo poeta, contendo uma simbologia específica e um significado que se identifica com o objetivo do ritual. Chamamos atenção especial para o uso de bonecos como representações humanas. A descrição das feiticeiras é primorosa e sabemos especialmente que Canídia é velha e desdentada, e Sagana, calva.

Depois de analisarmos os três poemas, chegamos à conclusão de que juntos formam um retrato a respeito da prática mágica e dos agentes mágicos na obra lírica e satírica de Horácio. Do seu ponto de vista, as bruxas, incluindo Canídia, são mulheres horrendas e marginalizadas socialmente, que são representadas de forma cômica e, ao mesmo tempo, aterrorizante. A eficácia de seus feitiços é questionável. No Epodo V, a própria Canídia admite que um de seus filtros não surtiu efeito em Varo e que há uma outra bruxa bloqueando seus augúrios. Na Sátira 1.8, o ritual é interrompido pelo estrondo da estátua de Priapo, extinguindo toda a performance de terror encenada pelas bruxas.

As ações ridículas, criminosas e vexatórias praticadas pelas feiticeiras de Horácio adequam-se perfeitamente aos versos jâmbicos dos epodos e aos hexâmetros datílicos das sátiras.

A caracterização das bruxas na obra de Horácio certamente é revolucionária, pois inaugura uma nova fase na literatura latina em que as magas tendem a ser representadas de forma grotesca. Além de ser uma conclusão baseada no empirismo, pois basta verificarmos a evolução das personagens, outros estudiosos corroboram essa hipótese:

> É preciso considerar que as praticantes de magia da literatura latina são muito mais negativas e horrendas do que as gregas, essas descritas como jovens, bonitas e sedutoras. Neste sentido, Horácio, com Canídia e suas companheiras, pode ser considerado precursor na criação de um novo modelo de mulher praticante de magia que será, a partir de então, comum em Roma, o da mulher velha, feia, pobre e suja. Embora tenhamos, depois de Horácio, exemplos que fujam desse padrão, como a rica

> Pânfília de Apuleio (O asno de ouro), o perfil da praticante de magia idosa seguirá influenciando no desenvolvimento de um imaginário que acabou ultrapassando as fronteiras do antigo Império Romano. [139]

Veyne (1993) também tece comentários semelhantes, ao associar esse estereótipo negativo, criado principalmente por Horácio, a uma guinada cultural que visava moralizar a participação das mulheres na sociedade romana, sobretudo na corte imperial. Esse movimento reacionário que hoje chamamos de antipetrarquismo (baseado no petrarquismo, movimento contrário), parece ter ganhado força no início do império de Augusto:

> O século I teve, pois, uma vida galante, cortês, passional, com festas de corte, enfeitadas pelas conversas das damas que o imperador amava; (...) Daqui provém também uma reação que não nos surpreende, semelhante àquela do *Parnasse Satyrique*, quero dizer, o antipetrarquismo, a misoginia, quando a submissão cavaleiresca às damas se tornou demasiado pesada para os homens. O aspecto mais violento de tal antipetrarquismo é o terror carregado de ódio da feitiçaria, mulher pérfida, inquietante e obscura: é a Canídia de Horácio, negra como *woman coloured ill*, do soneto CXLIV de Shakespeare, ou como a fêmea da aranha castradora, do psicanalista Abraham; feiticeira, porque possui o dom de fazer vacilar as defesas do macho e suscitar nele o terror da inquietante diferença (*Unheimliches*) de que fala Freud.[140]

Através do monólogo de Priapo, o poeta constrói uma narrativa repleta de referências ritualísticas, materiais simbólicos e descrições físicas exageradas das bruxas, reforçando a ideia de que essas figuras eram vistas como marginais, grotescas e, ao mesmo tempo, objeto de medo e zombaria. A ambientação no antigo cemitério, a escolha do horário noturno de lua cheia e os ingredientes utilizados nos rituais evidenciam a importância do espaço e do tempo na magia, além de refletirem as ansiedades sociais e culturais da época.

A representação das bruxas como mulheres idosas, desdentadas e desleixadas reforça o estereótipo de figuras perigosas e marginalizadas, que, apesar de suas ações criminosas, são retratadas de forma cômica e ridícula. Assim, a obra de Horácio não apenas oferece uma visão satírica das práticas mágicas, mas também funciona como um espelho das emoções, medos e preconceitos do mundo romano, contribuindo para a compreensão do imaginário social acerca da bruxaria e das mulheres consideradas perigosas.

Em seu *Esboço de uma Teoria Geral da Magia*, Mauss comenta a respeito das narrativas geradas sobre o agente mágico nas culturas:

> Se a imagem do feiticeiro vai aumentando exponencialmente de conto em conto, de contador em contador, é porque certamente o feiticeiro é um dos heróis preferidos da

[139] Silva, 2024. p. 301-302.
[140] Veyne, 1993, p.171-172.

> imaginação popular, seja em razão das preocupações, seja em razão dos interesses romanescos de que a magia é também objeto. Enquanto os poderes do sacerdote são diretamente definidos pela religião, a imagem do feiticeiro faz-se fora da magia. É formada por uma infinidade de rumores, e o feiticeiro nada mais tem a fazer senão conformar-se ao retrato que fazem dele. Por estas razões, não devemos nos espantar se quase todos os traços literários dos heróis de romances mágicos estiverem presentes entre os caracteres típicos do feiticeiro real.[141]

Neste capítulo, ficou evidente que a Sátira 1.8, assim como o Epodo V e XVII, revela uma visão crítica e, ao mesmo tempo, caricata das práticas mágicas e das figuras femininas associadas à bruxaria na Roma Antiga. Essa análise reforça a importância de reconhecer na literatura antiga uma reflexão complexa sobre o medo, o poder e a marginalização de determinados grupos sociais.

[141] Mauss; Hubert, 2000, p. 35-36.

4.5. *Eneida*: Canto IV – Virgílio

A *Eneida*, *magnum opus* de Virgílio (70 a.C. – 19 a.C.), foi publicada por Vário Rufo a pedido de Augusto. A publicação foi feita em 21 de setembro de 19 a.C., logo após a morte do autor, que falecera em dois de setembro, em um vilarejo da Calábria, ao retornar de uma viagem à Grécia. Porém, o sucesso de seu poema épico já havia sido anunciado nos círculos literários antes mesmo do ano de 19 a.C.[142].

Para situarmos adequadamente a posição da *Eneida* na cronologia das nossas obras escolhidas, seguiremos a datação proposta por Conte (1999). O estudioso nos diz que Virgílio publicou as *Bucólicas* entre 42 e 39 a.C., e que em 29 a.C. havia lido as *Geórgicas* para Otávio Augusto em pessoa, quando ele retornara de suas campanhas no Oriente. Nesse mesmo ano (29 a.C.), o poeta inicia a criação da *Eneida*. As Sátiras e Epodos de Horácio, portanto, antecederam a épica virgiliana por terem sido publicados a partir dos anos 35 a.C. e 30 a.C., respectivamente[143].

O fragmento da *Eneida* que nos interessa consiste em um excerto do Canto IV (v.478-521), considerado o capítulo de maior lirismo do poema épico. Isso se dá porque no Canto IV é narrada a história de amor entre Dido e Eneias, que começa com a hospedagem do herói em Cartago e termina de maneira trágica para a rainha.

Ao descobrir os planos de Eneias de seguir viagem abandonando Cartago, Dido toma medidas desesperadas. Para disfarçar seus planos suicidas, ela anuncia à sua irmã Ana, de forma dissimulada, que contratará os serviços de uma bruxa para solucionar seus conflitos amorosos. Notamos que Virgílio usou habilmente um estereótipo para forjar uma feiticeira que fosse convincente para Ana.

A bruxa idealizada por Dido vem de lugares distantes (v.478-484):

> *Oceani finem iuxta solemque cadentem*
> *ultimus Aethiopum locus est, ubi maximus Atlas*
> *axem umero torquet stellis ardentibus aptum:*
> *hinc mihi Massylae gentis monstrata sacerdos,*
> *Hesperidum templi custos, epulasque draconi*
> *quae dabat et sacros servabat in arbore ramos,*
> *spargens umida mella soporiferumque papaver.*
>
> Os parabéns, cara irmã! Descobri o remédio mais fácil

[142] CONTE, Gian Biago. **Latin literature:** a history. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1999.
[143] Os dois volumes das sátiras foram publicados entre 35 e 30 a.C., sendo o *Livro I* publicado primeiro, e o livro que reúne os Epodos publicado no ano 30 a.C.

> de conquistá-lo ou curar-me da louca paixão que lhe voto.
> Lá para o fim do Oceano e do curso do sol, no poente,
> entre os etíopes últimos há um lugar onde o Atlante
> máximo faz sobre os ombros girar o edifício estrelado.
> Recomendada, me veio de lá uma velha massília,
> sacerdotisa do altar das Hespéridas, guarda dos ramos
> sacros, que tem a incumbência de dar ao dragão alimentos
> com dormideiras e mel preparados, calmante de preço.[144]

Cartago está localizada na costa africana, onde hoje encontra-se a capital da Tunísia, Túnis. Nas palavras de Dido, rainha cartaginesa, o extremo Ocidente, que ultrapassa o lar dos etíopes, se mostra como um lugar exótico "onde o Atlante máximo faz sobre os ombros girar o edifício estrelado." (v.679-680). Então nesse caso é o poente, a oeste, que se mostra repleto de mistérios. A feiticeira vem da Massília, ou Massália, antiga colônia grega, onde hoje se localiza a cidade francesa de Marselha. Vale lembrar que a Massília foi fundada aproximadamente em 600 a.C. pelos gregos, muitos séculos antes de se aliar ao Império Romano.

A mulher estrangeira é chamada primeiramente de <*sacerdos, Hesperidum templi*> "sacerdotisa do altar das Hespérides" (v. 483) e possui a função de administrar soníferos ao dragão que guarda o templo sagrado.

Dido, depois de apresentar a velha Massília como sacerdotisa, agora nos diz que ela é igualmente capaz de realizar magia amorosa além de outras proezas, incluindo necromancia (v. 487-491):

> *haec se carminibus promittit solvere mentes*
> *quas velit, ast aliis duras immittere curas,*
> *sistere aquam fluviis et vertere sidera retro,*
> *nocturnosque movet Manis: mugire videbis*
> *sub pedibus terram et descendere montibus ornos.*

> Essa mulher com seus carmes promete sarar os tormentos
> do peito amante, ou deixá-lo num pronto de amor tresvariado,
> deter o curso dos rios e os astros forçar de tornada,
> Sabe evocar dos sepulcros os manes noturnos; a terra
> geme a seus pés, ouvirás; das montanhas os olmos despencam.[145]

A rainha diz explicitamente que está se envolvendo com práticas obscuras ao solicitar os ofícios de uma feiticeira <*testor, cara, deos et te, germana, tuumque*/ *dulce caput, magicas invitam accingier artis*.> "O testemunho dos deuses invoco, de tua cabeça, / querida irmã, de

[144] Tradução de NUNES, Carlos Alberto. **Eneida**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1983.
[145] Idem.

que contra a vontade a tais artes recorro.” (v.492-493). A fala de Dido denuncia o caráter ilícito da feitiçaria.

Temos agora as recomendações da suposta bruxa sobre as condições do rito, ou seja, o local em que será realizado (v.494-498):

> *tu secreta pyram tecto interiore sub auras*
> *erige, et arma viri thalamo quae fixa reliquit*
> *impius exuviasque omnis lectumque iugalem,*
> *quo perii, super imponas: abolere nefandi*
> *cuncta viri monimenta iuvat monstratque sacerdos.'*
>
> Secretamente levanta no pátio de casa, ao ar livre,
> pira para isso adequada, e sobre ela deponhas as armas
> desse infiel e os despojos deixados por ele no quarto,
> junto do leito fatal. Abolir ora intento os nefandos
> rastros desse homem. Tal foi o mandado da maga vidente.[146]

Dido cumpre as recomendações da maga e faz os preparativos no pátio do palácio, a céu aberto (v.504-509):

> *At regina, pyra penetrali in sede sub auras*
> *erecta ingenti taedis atque ilice secta,*
> *intenditque locum sertis et fronde coronat*
> *funerea; super exuvias ensemque relictum*
> *effigiemque toro locat haud ignara futuri.*
> *stant arae circum (...)*
>
> Mas a Rainha, tão logo no pátio, ao ar livre, elevou-se
> pira adequada, com achas de pinho e azinheira decora
> lodo o recinto, com ramos funéreos, vistosas guirlandas.
> No alto da pira o seu leito coloca a roupagem, a espada,
> e mais a efígie de Eneias; bem sabe o futuro que a espera.
> Vários altares a pira rodeiam; (...)[147]

Os elementos utilizados, ou propriedades do rito, que compõem a cena são guirlandas de ramos fúnebres, lascas de pinho e azinheira, e uma pira. Na pilha da fogueira, encontram-se os pertences de Eneias, suas roupas e sua espada. É importante nos atentarmos para a presença da efígie de Eneias, pois, além de ser um artefato mágico que representa o alvo do feitiço, também é encontrado comumente nos funerais. Neste caso, para o termo efígie, interpretamos como uma imagem que reproduz o rosto do indivíduo. A pira está rodeada de vários altares.

Não podemos deixar de notar as semelhanças entre os altares ritualísticos que Dido prepara com os altares fúnebres, comuns na Antiguidade Greco-Romana. Gombrich (2000) nos

[146] Nunes, 1983.
[147] Idem.

diz que descobertas arqueológicas confirmam a existência de máscaras mortuárias feitas através do molde do rosto do falecido, que, após a cerimônia, eram cuidadosamente guardadas nas casas como relíquias familiares.

Seguem algumas descrições da bruxa e seus atos (v.509-511):

> *stant arae circum et crinis effusa sacerdos*
> *ter centum tonat ore deos, Erebumque Chaosque*
> *tergeminamque Hecaten, tria virginis ora Dianae.*
>
> Vários altares a pira rodeiam; a maga, os cabelos
> soltos, evoca três vezes as cem divindades do Érebo,
> o Caos, a tríplice Hécate, Diana também de três faces.[148]

A maga usa cabelos soltos, uma característica que se repetirá em outras feiticeiras analisadas nos textos, porém ainda não se fala sobre nenhum aspecto horrendo da agente mágica. Nota-se o uso da palavra "*sacerdos*" que significa, literalmente, "sacerdotisa". Embora Nunes tenha escolhido traduzir o termo como "maga", é importante enfatizar que na época de laboração da *Eneida*, não se usavam vocabulários vulgares na literatura de prestígio que designassem bruxas. O léxico no campo semântico das artes mágicas e seus agentes era bastante restrito, normalmente com o uso de palavras de origem grega como "*magus*" e, neste caso, "*sacerdos*".

Sublinhamos a relevância dos números nas práticas mágicas. A bruxa "evoca três vezes as cem divindades do Ébero" e as deusas tríplices Hécate e Diana. Além delas, o Caos também é chamado. A lista de ingredientes, ou propriedades mágicas, é a seguinte (v.512-516):

> *sparserat et latices simulatos fontis Averni,*
> *falcibus et messae ad lunam quaeruntur aenis*
> *pubentes herbae nigri cum lacte veneni;*
> *quaeritur et nascentis equi de fronte revulsus*
> *et matri praereptus amor.*
>
> Líquido asperge, alegando ser água das fontes do Averno,
> bem como o sumo violento de certas plantinhas lanudas,
> com podadeiras de cobre cortadas em noite de lua.
> A isso ela o hipómane ajunta, arrancado de um potro à nascença,
> antes de a mãe o apanhar.[149]

Primeiro ela borrifa no ambiente um líquido com propriedades especiais: água do Averno. A água de fontes do Averno consiste em um elemento tradicional na magia romana, reaparecendo alguns anos depois em Horácio. O Averno, bem como suas nascentes, se localiza

[148] Nunes, 1983.
[149] Idem.

na cratera de um vulcão na região da Campânia, no Sul da Itália, sendo um lugar não-fictício. Nesse local, ainda hoje restam ruínas do templo de Apolo, um dos vários construídos durante a Antiguidade. Além disso, o Averno é identificado na tradição mitológica como um dos rios que desaguam no Hades.

Sobre as substâncias utilizadas, o agente asperge água termal e "o sumo violento de certas plantinhas lanudas". As ervas usadas são podadas com ferramentas de cobre em noite de luar, ou seja, durante as fases claras da lua (crescente ou cheia).

Há mais uma substância utilizada em filtros de amor que surgirá também nos poemas de Horácio e Ovídio: o hipómane, ou o fluido liberado pelas éguas. Neste caso parece ser o líquido da placenta do animal: <*quaeritur et nascentis equi de fronte revulsus/ et matri praereptus amor*.> "A isso ela o hipómane ajunta, arrancado de um potro à nascença, / antes de a mãe o apanhar." (v.515-516).

O trecho selecionado do *Canto IV* nos revela a complexidade do amor trágico entre Eneias e Dido, além de ilustrar as práticas mágicas e os estereótipos presentes na cultura da Antiguidade. A descrição da feiticeira Massília e seus rituais evidencia a importância das crenças e das representações mágicas na narrativa, bem como a relação entre o mundo real e o simbólico. Virgílio, ao retratar esses elementos, não apenas constrói uma atmosfera de mistério e tragédia, mas também reflete sobre os limites entre o poder divino, o humano e o oculto.

Além da narrativa trágica, o trecho destaca de forma marcante a presença da feitiçaria e das práticas mágicas na cultura da Antiguidade. A bruxa, descrita como uma sacerdotisa do altar das Hespérides, utiliza rituais obscuros e ingredientes místicos para tentar interferir nas decisões tomadas por Eneias. Os atos da feiticeira, como a invocação de divindades tríplices como Hécate e Diana, e a preparação de poções com elementos como água do Averno, ervas venenosas e os fluidos da placenta de um potro recém-nascido, estão em ressonância com as teorias propostas por Mauss para compreender os elementos que compõem um feitiço.

4.6. *Amores* 1.8 – Ovídio

Públio Ovídio Naso, autor de *Amores* e *Metamorfoses*, dentre outras obras, nasceu em 20 de março de 43 a.C., em Sulmona, onde hoje se localiza a cidade de Abruzos, ao leste de Roma. Filho de uma abastada família equestre frequentou escolas de retórica visando uma carreira em direito, além de estudar na Grécia. Depois de desempenhar vários cargos públicos menores, ele abandonou a ocupação política para se juntar ao círculo de Messala e se dedicou inteiramente à poesia. Após seus precoces sucessos literários e uma trajetória brilhante como poeta, recebeu uma punição inesperada de Augusto no ano 8 d.C., sendo relegado ao Mar Negro, em Tomi, hoje Costanza. As causas de seu isolamento – que se difere do exílio por não incluir a perda de cidadania e posses – nunca foram totalmente esclarecidas. Ovídio morreu em Tomi em 17 ou 18 d.C[150]. Uma parte importante de sua biografia, escrita pelo próprio autor, pode ser encontrada na elegia 4.10 de seus *Tristia*, sendo, portanto, uma fonte de referência confiável.

A datação de sua extensa produção literária, porém, tornou-se um desafio para os historiadores. Conte (1999) nos diz que os *Amores* foram escritos entre 15 e 16 a.C. e as *Metamorfoses* vieram a ser conhecidas pelo público em 8 d.C. Resumidamente, essas são as datas que nos interessam para estabelecermos a ordem cronológica entre as duas obras a serem analisadas. Analisaremos primeiro a *Elegia 1.8* e, nos capítulos seguintes, trataremos das *Metamorfoses*.

Para a Elegia 8 do primeiro livro de seus *Amores*, Ovídio criou Dipsas, ou Dípsade, na tradução, uma *Lena* que também é uma bruxa. A *Lena*, no contexto cultural do império, consiste em uma cafetina, figura explorada também por Propércio e Tibulo, mostrando-se um lugar comum na elegia erótica romana.

A oitava elegia do primeiro livro pode ser dividida em três partes distintas que evidenciam a estrutura retórica: a primeira (exórdio), na qual o poeta descreve e apresenta Dipsas ao leitor; a segunda (narração-*flash-back*), na qual Dipsas, em primeira pessoa, aconselha sua pupila; e a terceira parte (confirmação), quando o eu-lírico recobra a narrativa e a encerra, retomando o assunto principal – os vícios de Dipsas – condenando o comportamento da velha alcoviteira.

---

[150] CONTE, Gian Biago. **Latin literature**: a history. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1999.

Deixa-se entender que a *Lena* é uma feiticeira, uma vez que é descrita primeiramente por suas proezas sobrenaturais e seus conhecimentos mágicos (v.1-12):

Est quaedam—quicumque volet cognoscere lenam,
audiat!—est quaedam nomine Dipsas anus.
ex re nomen habet—nigri non illa parentem
Memnonis in roseis sobria vidit equis.
illa magas artes Aeaeaque carmina novit
inque caput liquidas arte recurvat aquas;
scit bene, quid gramen, quid torto concita rhombo
licia, quid valeat virus amantis equae.
cum voluit, toto glomerantur nubila caelo;
cum voluit, puro fulget in orbe dies.
sanguine, siqua fides, stillantia sidera vidi;
purpureus Lunae sanguine vultus erat.

"Existe (quem quiser saber de alcoviteira
ouça) uma velha cujo nome é Dípsade.
Tem nome do que é: jamais viu sóbria a mãe
do negro Mêmnon nos corcéis rosados.
Ela aprendeu encantos e as artes de Eeia,
com a qual faz voltar a água à fonte."
Bem sabe que erva e quais os fios agitados
por fuso usar; e o sumo de égua em cio.
Quando quer, nuvens se aglomeram em todo o céu;
quando quer, raia o dia ao puro orbe.
Sangue, se podes crer, eu vi pingar de estrelas;
e a face lunar rubra como o sangue.[151]

O autor refere-se à ilha mítica de Eeia[152] como o lugar de aprendizado das práticas mágicas de Dipsas. Depois, a *Lena* é descrita por suas características físicas (v.13-16):

Hanc ego nocturnas versam volitare per umbras
suspicor et pluma corpus anile tegi.
Suspicor, et fama est. Oculis quoque pupula duplex
fulminat, et gemino lumen ab orbe venit.

"Transformada suspeito que voe por sombras
da noite, o corpo velho envolto em penas;
suspeito e é o que se diz; pupilas duplas fulgem
nos olhos, brota luz das gêmeas órbitas." [153]

Ovídio primeiro nos diz que ela é velha e possui pupilas duplicadas que soltam raios, o que seria um estigma de bruxa, uma marca no corpo ou diferencial que sinaliza seus poderes:

[151] Tradução de Duque, Guilherme Horst. **Do pé à letra: Os amores de Ovídio em tradução poética**. Dissertação. UFES, 2015.
[152] Eeia (ou Aeaea) é uma ilha da mitologia grega, famosa por ser o lar da feiticeira Circe, descrita na Odisseia, de Homero. É um lugar de magia, onde animais selvagens se comportam como domesticados e onde Circe tem o poder de transformar pessoas em animais.
[153] Duque, 2015.

> Afirma-se que o mágico é reconhecido por certos caracteres físicos, que o designam e o revelam se ele se oculta. Dizem que, em seus olhos, a pupila comeu a íris, que a imagem se produz invertida. Creem que ele não tem sombra. Na Idade Média, buscava-se em seu corpo o *signum diaboli*. (...) Quanto às crenças relativas ao olhar particular do mágico, elas repousam, em parte, sobre observações reais. Em toda parte, há pessoas cujo olhar vivo, nervoso, pisco e falso, o "mau olhado", em suma, faz que elas sejam temidas e malvistas.[154]

Além disso, Dipsas possui a habilidade de se metamorfosear em pássaro noturno. É interessante notar, como afirma Mauss, que as feiticeiras normalmente possuem a capacidade de se transformar em algum animal, e que, geralmente, a simbologia da própria cultura limita as possibilidades. Ou seja, elas não se transformam em qualquer criatura; há animais de predileção que quase não variam de uma cultura para outra, como serpentes, pássaros noturnos ou aves de rapina, morcegos, lobos, tigres, leões. Poderíamos nos alongar um pouco mais, porém as categorias se restringem a feras, bichos venenosos, pássaros ou algum animal com características incomuns. Este é um exemplo preciso, uma vez que Dipsas adota um pássaro noturno como animal totêmico, o que, para Mauss, é uma ocorrência comum em várias sociedades praticantes de magia:

> As feiticeiras europeias, em suas metamorfoses, não assumem indiferentemente todas as formas animais. Elas se transformam regularmente, uma em jumento, outra em rã, outra ainda em gato etc. Esses fatos nos levam a pensar que a metamorfose equivale a uma associação regular com uma espécie animal. Encontram-se tais associações um pouco em toda parte.[155]

O narrador nos informa sobre outra aptidão mágica de Dipsas, tão importante no contexto da literatura latina, que consiste na habilidade necromântica (v.17-20):

> *evocat antiquis proavos atavosque sepulcris*
> *et solidam longo carmine findit humum.*
> *Haec sibi proposuit thalamos temerare pudicos;*
> *nec tamen eloquio lingua nocente caret.*
>
> Evoca bisavós, tataravós dos túmulos
> e a dura terra fende com seu canto.
> A si mesma dispôs a violar leitos castos,
> mas não falta palavra má à língua.[156]

[154] Mauss e Hubert, 2018, p. 21.
[155] Ibdem.
[156] Duque, 2015.

Quando o eu-lírico retoma a narrativa, ao final do poema, para censurar o comportamento da *Lena*, ele confirma se tratar de uma mulher velha (v.109-114):

> *Vox erat in cursu, cum me mea prodidit umbra,*
> *at nostrae vix se continuere manus,*
> *quin albam raramque comam lacrimosaque vino*
> *lumina rugosas distraherentque genas.*
> *Di tibi dent nullosque Lares inopemque senectam,*
> *et longas hiemes perpetuamque sitim!*[157]

> Falava, quando a minha sombra me entregou,
> mas por pouco contive as minhas mãos
> de lhe arrancarem a rala coma alva, os úmidos
> olhos ébrios e as rugas da sua face.
> Que os deuses lar nenhum te deem; velhice pobre
> tenhas, inverno longo e eterna sede.[158]

Por ser a caricatura de uma cafetina, Dipsas tem fama de bêbada, como denunciam seus "olhos ébrios". Na sátira não há a descrição de um ritual, mas de vários prodígios realizados pela bruxa. O narrador demonstra ser a noite o momento em que Dipsas pratica seus feitiços de forma costumeira. Como já foi dito nos primeiros versos, a *lena* passa as noites em claro se embebedando, e vê o dia nascer sempre ébria: *<ex re nomen habet – nigri non illa parentem Memnonis in roseis sobria vidit equis>* "Tem nome do que é: jamais viu sóbria a mãe/ do negro Mêmnon nos corcéis rosados." (v.3-4). O poeta também desconfia que ela possui a capacidade de se metamorfosear em pássaro durante a noite: *<hanc ego nocturnas versam volitare per umbras/ suspicor et pluma corpus anile tegi>* "Transformada suspeito que voe por sombras/ da noite, o corpo velho envolto em penas; (v.13-14).

Adiante, a própria Dipsas, ao aconselhar a jovem, versa sobre astrologia e nos indica que, em determinada época do ano, o movimento dos planetas torna favoráveis as conquistas amorosas (v.29-32):

> *Stella tibi oppositi nocuit contraria Martis.*
> *Mars abiit; signo nunc Venus apta suo.*
> *prosit ut adveniens, texto adspice! Dives amator*
> *te cupiit; curae, quid tibi desit, habet.*

> Prejudicou-te a estrela contrária de Marte,
> Marte se foi; tens Vênus favorável.
> Chegando te é propícia, veja! Um amante rico
> te desejou: o inquieta o que te falta.[159]

---

[157] OVIDE; BORNECQUE, HENRI. **Les amours**. 3e èd. Paris: Les Belles Lettres, 1961.
[158] Duque, 2015.
[159] Idem.

Temos mais uma indicação temporal sobre as condições dos ritos, mas não apenas o horário do dia, como também a época do ano mais auspiciosa. Sabendo que Dipsas prepara encantamentos e poções de amor, supomos que a posição de Vênus no céu favorece também a magia erótica, já que esta é uma das especialidades da feiticeira.

Não são muitas as indicações sobre a natureza dos ritos que aparecem no poema, mas fica claro o rito manual feito por Dipsas ao utilizar fitas e fusos em um feitiço de amor: <*scit bene, quid gramen, quid torto concita rhombo/ licia, quid valeat virus amantis equae*> "Bem sabe que erva e quais os fios agitados/ por fuso usar; (...)" (v.7-8). Além disso, realizando ritos orais, a bruxa é capaz de abrir o chão com seus encantamentos: <*et solidam longo carmine findit humum*> "e a dura terra fende com seu canto." (v.18).

Vejamos todas as habilidades de Dipsas descritas por Ovídio (v.5-18):

> *illa magas artes Aeaeaque carmina novit*
> *inque caput liquidas arte recurvat aquas;*
> *scit bene, quid gramen, quid torto concita rhombo*
> *licia, quid valeat virus amantis equae.*
> *cum voluit, toto glomerantur nubila caelo;*
> *cum voluit, puro fulget in orbe dies.*
> *sanguine, siqua fides, stillantia sidera vidi;*
> *purpureus Lunae sanguine vultus erat.*
> *hanc ego nocturnas versam volitare per umbras*
> *suspicor et pluma corpus anile tegi.*
> *suspicor, et fama est. oculis quoque pupula duplex*
> *fulminat, et gemino lumen ab orbe venit.*
> *evocat antiquis proavos atavosque sepulcris*
> *et solidam longo carmine findit humum.*
>
> Ela aprendeu encantos e as artes de Eeia,
> com a qual faz voltar a água à fonte.
> Bem sabe que erva e quais os fios agitados
> por fuso usar; e o sumo de égua em cio.
> Quando quer, nuvens se aglomeram em todo o céu;
> quando quer, raia o dia ao puro orbe.
> Sangue, se podes crer, eu vi pingar de estrelas;
> e a face lunar rubra como o sangue.
> Transformada suspeito que voe por sombras
> da noite, o corpo velho envolto em penas;
> suspeito e é o que se diz; pupilas duplas fulgem
> nos olhos, brota luz das gêmeas órbitas.
> Evoca bisavós, tataravós dos túmulos
> e a dura terra fende com seu canto.[160]

A bruxa é descrita em suas características físicas e psicológicas como <*anus*> "velha" (v.1); " <*non illa sobria*> "nunca sóbria" ou "bêbada (v.3-4); possui <*gemino lumen ab orbe*>

[160] Duque, 2015.

“olhos luminosos” (v.16) e <*pupula duplex*> “pupilas duplicadas” (v.15); além de ser <*eloquio língua nocente caret*> “fofoqueira” (v.20).

Em relação aos materiais usados pela *Lena* em seus feitiços, ou propriedades mágicas, temos apenas três, mas de suma importância: <*gramen*> ervas, <*licia*> fitas, <*torto rhombo*> fuso de bronze retorcido e os <*virus amantis equae*> fluidos da égua no cio.

A análise da Elegia 1.8, de Ovídio, revela uma obra rica em elementos culturais, simbólicos e mágicos. A caracterização física e comportamental de Dipsas reforça sua condição de figura marginal, associada ao vício, à embriaguez e ao poder oculto, aspectos que contribuem para a crítica social presente na sátira. A descrição minuciosa das habilidades da bruxa, como a metamorfose em pássaro noturno, a necromancia e o domínio de encantamentos, ilustram o arquétipo da feiticeira que, a partir de Horácio, começa a se destacar na literatura latina. Ademais, através dessa elegia, Ovídio reflete sobre o conhecimento mágico e suas implicações na sociedade de seu tempo. Esse poema se mostra uma fonte valiosa para compreender as representações culturais e as percepções sobre magia, velhice e moralidade na Roma Antiga.

4.7. *Metamorfoses*; Livro VII: Medeia – Ovídio

O poema épico *Metamorfoses*, de Ovídio (Públio Ovídio Naso, 42 a.C. – 18 d.C.), ficou conhecido pelo público a partir de 8 d.C., sendo considerado a obra prima do autor, muito embora o poeta tenha se tornado célebre ainda na juventude através de outros poemas como *Amores*, *Heroides*, *Ars Amatoria* e *De Medicamine Faciei*.

As *Metamorfoses* consiste em um poema épico escrito em hexâmetros datílicos composto de 15 cantos e mais de 12.000 versos. São narradas duzentas e quarenta e seis fábulas dispostas cronologicamente desde a criação do mundo, o caos, à apoteose de Júlio César, compreendendo essencialmente mitos gregos e alguns itálicos. As histórias são contadas por ordem topográfica, cronológica ou genealógica.

Escolhemos trechos do Livro VII, em que constam, além de outros mitos, a história de Jasão e Medeia. A estrutura narrativa de Ovídio é complexa e não linear. Enquanto narra a saga de Jasão e Medeia, o autor cria contextos que proporcionam a inserção de outras histórias curtas. Dessa seção selecionamos os trechos a seguir, em que a feitiçaria de Medeia se destaca[161].

(I) Medeia auxilia Jasão na Cólquida usando magia

Ao chegar na Cólquida, Jasão precisa de auxílio para conseguir ter acesso ao velocino de ouro e isso se torna possível graças à afeição de Medeia pelo chefe dos Argonautas. A partir do verso 115 até o 158, o autor descreve os feitos de Medeia, ainda na Cólquida, para auxiliar Jasão nos seus trabalhos impostos pelo rei Eetes.

> *Deriguere metu Minyae; subit ille nec ignes*
> *sentit anhelatos (tantum medicamina possunt!)*
>
> Os descendentes de Mínias ficam hirtos de medo. Jasão, porém, investe, sem sentir o bafo ígneo – tanto podem as ervas mágicas![162]

O primeiro comentário pertinente ao uso da feitiçaria ocorre na frase <*tantum medicamina possunt*> "tanto podem as ervas mágicas" (v.115-116). A palavra "medicamina", traduzida nesse caso como ervas mágicas, possui um campo semântico bastante vasto, podendo ser interpretada também como fármaco ou poção.

---

[161] Para auxiliar o leitor na compreensão do mito de Jasão e Medeia contado no Livro VII das *Metamorfoses*, de Ovídio, separamos os excertos em tópicos para indicar o assunto dos trechos escolhidos.
[162] Tradução de JARDIM-JÚNIOR, David Gomes. **As Metamorfoses**. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1983.

No momento em que Jasão precisa enfrentar o exército de homens que brotam do chão, provenientes dos dentes de dragão semeados, Medeia o ajuda para que, ao menor movimento hostil, os soldados ataquem uns aos outros (137-142):

> *neve parum valeant a se data gramina, carmen*
> *auxiliare canit secretasque advocat artes.*
> *ille gravem medios silicem iaculatus in hostes*
> *a se depulsum Martem convertit in ipsos:*
> *terrigenae pereunt per mutua vulnera fratres*
> *civilique cadunt acie.*
>
> E receando que as ervas que dera não valessem bastante, recorre a um encantamento e apela para sua arte secreta. Jasão atirou uma pesada pedra no meio dos inimigos e afastou de si a fúria belicosa dos mesmos, que se voltou de uns contra os outros.[163]

Além de ter utilizado ervas mágicas, e, desconfiando que estas não seriam suficientes para o combate, Medeia realiza um rito oral com cantos. Desta vez o autor se refere às "ervas mágicas" por <*gramina*>. Então, usando um encantamento por meio de palavras <*carmen*> ela "canta e invoca as artes secretas" <*canit secretasque advocat artes*>.

Por não poder comemorar a vista de todos a vitória de Jasão sobre o exército mágico de Eetes, ela homenageia secretamente os deuses que lhe foram favoráveis <*Quod licet, adfectu tacito laetaris agisque/ carminibus grates et dis auctoribus horum*> "É lícito, porém, regozijar-te intimamente e renderes graças aos encantamentos e aos deuses que te inspiram." (v.147-148). Notamos que o *status* sacerdotal de Medeia é demonstrada pelo sentimento de *pietas* às divindades cultuadas. Ela não pode demonstrar sua afeição a Jasão, mas pode agradecer aos deuses pelo sucesso de seus encantamentos. Este é um exemplo do estreito limiar entre a religião e o uso da magia para fins pessoais.

Chega o momento em que Medeia fará o dragão que guarda o velocino de ouro dormir. Jasão se apodera do velo dourado e, depois de navegar pelos mares, aporta em Iolco tendo Medeia como esposa (149-158):

> *Pervigilem superest herbis sopire draconem,*
> *qui crista linguisque tribus praesignis et uncis*
> *dentibus horrendus custos erat arboris aureae.*
> *hunc postquam sparsit Lethaei gramine suci*
> *verbaque ter dixit placidos facientia somnos,*
> *quae mare turbatum, quae concita flumina sistunt,*
> *somnus in ignotos oculos sibi venit, et auro*
> *heros Aesonius potitur spolioque superbus*
> *muneris auctorem secum, spolia altera, portans*
> *victor Iolciacos tetigit cum coniuge portus.*

[163] Jardim-Júnior, 1983.

> Depois de espalhar sobre ele o suco de uma erva soporífera e por três vezes ter pronunciado palavras que induzem a um sono profundo, que tranquiliza o mar agitado e o curso impetuoso dos rios, e de ter o sono fechado pela primeira vez aqueles olhos, o herói, filho de Easão, apodera-se do velocino de ouro. Orgulhoso com esse troféu, levando consigo outra presa, a autora do seu triunfo, o vencedor chega, com a esposa, ao porto de Iolco.[164]

A princesa, portanto, "depois de espalhar sobre ele o suco de uma erva soporífera" <*hunc postquam sparsit Lethaei gramine suci*> e "por três vezes pronunciado palavras que induzem o sono profundo < *verbaque ter dixit placidos facientia somnos*> seda o dragão. Ela utiliza seivas de uma erva que induz o sono ou a morte <*Lethaei gramine suci*> juntamente com palavras que induzem o sono, repetidas três vezes. Veremos que o número três aparecerá em outras passagens na descrição das cenas de rituais. Especialmente os gestos e os cantos se repetirão por três vezes. A mesma técnica que Medeia utiliza para adormecer o monstro também "tranquiliza o mar agitado e o curso impetuoso do rio" <*quae mare turbatum, quae concita flumina sistunt*>.

(II) Medeia rejuvenesce Easão

Ao chegar em Iolco e conhecer seu sogro, após o pedido de Jasão para rejuvenescê-lo, a esposa acata de bom grado a solicitação e recorre à Hécate para que possa ajudá-la. Medeia reafirma que apenas seu encantamento será suficiente e que não será necessário subtrair os anos de Jasão para que Easão viva mais (v.175-177):

> *'arte mea soceri longum temptabimus aevum,*
> *non annis revocare tuis, modo diva triformis*
> *adiuvet et praesens ingentibus adnuat ausis.'*
>
> Com a minha arte, tentarei remoçar a avançada velhice de meu sogro, sem os teus anos; possa, tão-somente, ajudar-me a deusa tríplice e, com sua presença, aprovar a ingente tarefa a que vou me atrever.[165]

Por se tratar de uma tarefa audaciosa, Medeia pretende evocar a "deusa tríplice" <*diua triformis*> para que esta permita tal prodígio. A representação triforme da deusa Hécate compõe toda a simbologia envolvendo o número três no poema.

---

[164] Jardim-Júnior, 1983.
[165] Idem.

O trecho de maior extensão selecionado para análise do Livro VII das *Metamorfoses*, compreende os versos 179 ao 293, que narra somente um acontecimento: o ritual de rejuvenescimento de Easão. Essa seção nos fornece informações abundantes sobre os rituais mágicos, pois apresenta versos riquíssimos em detalhes e de grande elaboração imagética.

Temos a primeira descrição de Medeia atuando como feiticeira na obra. Antes de chegar a Iolco, apesar de seus importantes feitos mágicos, sua ação era discreta, pois agia nos bastidores para auxiliar seu amado. Agora, no reino de Pélias, os seus dons são requisitados por seu esposo e ela poderá realizar prodígios ainda maiores. Para isso, recorre aos rituais mais primitivos, e suas ações se refletem também em sua indumentária e em seu gestual (179-191):

> *Tres aberant noctes, ut cornua tota coirent*
> *efficerentque orbem; postquam plenissima fulsit*
> *ac solida terras spectavit imagine luna,*
> *egreditur tectis vestes induta recinctas,*
> *nuda pedem, nudos umeris infusa capillos,*
> *fertque vagos mediae per muta silentia noctis*
> *incomitata gradus: homines volucresque ferasque*
> *solverat alta quies, nullo cum murmure saepes,*
> *inmotaeque silent frondes, silet umidus aer,*
> *sidera sola micant: ad quae sua bracchia tendens*
> *ter se convertit, ter sumptis flumine crinem*
> *inroravit aquis ternisque ululatibus ora*
> *solvit et in dura submisso poplite terra*
>
> Faltavam três noites para que a Lua completasse o seu ciclo. Depois que ela apareceu bem cheia e contemplou a Terra sem que nenhuma sombra a obscurecesse, Medeia sai de casa, trazendo uma veste em cinto, descalça, de ombros nus, sobre os quais caíam os cabelos soltos; caminha só, com passos incertos, na calada da noite. Um sono profundo dominava os homens, as aves e os animais selvagens; nenhum murmúrio nas sebes, calam-se as frondes imóveis, cala-se o úmido ar. Somente os astros cintilam. Estendendo para eles os braços, três vezes ela se voltou, três vezes molhou os cabelos com a água que apanhara no rio; três vezes abriu a boca, para lançar gritos agudos, depois, ajoelhando-se, na terra dura, exclama: (...)[166]

Seguindo os preceitos de Mauss, temos a indicação temporal e espacial das condições dos ritos: no ápice da lua cheia, a feiticeira sai ao relento para dar início à preparação do ritual de rejuvenescimento de Easão:

> O momento em que o rito deve se efetuar é cuidadosamente determinado. Certas cerimônias devem se fazer à noite ou em horas escolhidas da noite, à meia-noite, por exemplo; outras, em certas horas do dia, quando o sol se põe ou quando nasce; os dois crepúsculos são especialmente mágicos. Os dias da semana não são indiferentes; (...) Do mesmo modo, o rito é datado no mês, mas o é sobretudo, e talvez preferencialmente, pelo curso e pela fase minguante da lua. As datas lunares são aquelas cuja observância é a mais geralmente fixada. Na Índia antiga, teoricamente, todo rito mágico estava ligado a um sacrifício da lua nova e da lua cheia. Inclusive,

[166] Jardim-Júnior, 1983.

> parece resultar dos textos antigos e consta de textos mais modernos que a quinzena clara era reservada aos ritos de bom augúrio, a quinzena obscura aos ritos de mau augúrio.[167]

No momento propício ao ritual, "Medeia sai de casa, trazendo uma veste em cinto, descalça, de ombros nus, sobre os quais caíam os cabelos soltos;" <*egreditur tectis vestes induta recinctas,/ nuda pedem, nudos umeris infusa capillos*>. Ela usa uma túnica cintada, está descalça, com ombros nus, e cabelos soltos, ou seja, exibe uma aparência despojada e sem recato, completamente oposta aos modos preconizados a uma mulher aristocrática. Temos a descrição de Medeia não como uma princesa, mas como agente mágico, quando se prepara para realizar o feitiço. Descrição semelhante será feita por Sêneca, mais tarde no século I d.C., em sua peça *Medea*. Na tragédia, a protagonista é apresentada de cabelos soltos e os seios desnudos, (v.807-809). Ovídio, assim como Sêneca, não nos oferece detalhes sobre os atributos físicos de Medeia, mas sim, de sua indumentária no momento de realização do ritual.

O rito se inicia com Medeia invocando a Noite (filha do Caos), a Lua, os astros, Hécate e a Terra (192-208):

> *'Nox' ait 'arcanis fidissima, quaeque diurnis*
> *aurea cum luna succeditis ignibus astra,*
> *tuque, triceps Hecate, quae coeptis conscia nostris*
> *adiutrixque venis cantusque artisque magorum,*
> *quaeque magos, Tellus, pollentibus instruis herbis,*
> *auraeque et venti montesque amnesque lacusque,*
> *dique omnes nemorum, dique omnes noctis adeste,*
> *quorum ope, cum volui, ripis mirantibus amnes*
> *in fontes rediere suos, concussaque sisto,*
> *stantia concutio cantu freta, nubila pello*
> *nubilaque induco, ventos abigoque vocoque,*
> *vipereas rumpo verbis et carmine fauces,*
> *vivaque saxa sua convulsaque robora terra*
> *et silvas moveo iubeoque tremescere montis*
> *et mugire solum manesque exire sepulcris!*
> *te quoque, Luna, traho, quamvis Temesaea labores*
> *aera tuos minuant;*

> "Ó Noite, fidelíssima confidente dos segredos, e vós que, com a Lua, sucedeis ao clarão do dia, ó astros, e tu, Hécate de três cabeças, que conheces os meus intuitos e que trazes tua ajuda aos encantamentos e às artes dos mágicos, e tu, Terra, que forneces aos mágicos ervas poderosas; brisas e ventos, montes, rios e lagos, todos os deuses dos bosques, todos os deuses da noite, favorecei-me! Vós, com cuja ajuda, quando eu quis, os rios voltaram às suas nascentes, para espanto das margens; gralhas a quem, acalmo, com meus encantamentos, as ondas agitadas e agito as ondas calmas, espalho as nuvens e as reúno, expulso os ventos e os chamo; sufoco as fauces das víboras com minhas palavras mágicas; animo os rochedos, os carvalhos e as florestas arrancadas do chão e os ponho em movimento, mando que os montes estremeçam e o solo mugir, e os mortos saírem dos sepulcros. Também a ti, Lua, tu, também, Lua,

[167] Mauss e Hubert, 2018, p. 42-43.

> também te arrasto, apesar do que fazem os bronzes de Temese para diminuir teu sofrimento.[168]

É possível notar o tom de reverência e piedade de Medeia para com as divindades ctônicas. Ademais, a feiticeira deixa claro que, além do conhecimento do uso das ervas, substâncias e das palavras mágicas, a eficácia do rito depende também da atuação favorável dos deuses. Podemos observar o uso de lugares-comuns para descrever as habilidades sobrenaturais das feiticeiras (v.199-202):

> Vós, com cuja ajuda, quando eu quis, os rios voltaram às suas nascentes, para espanto das margens; gralhas a quem, acalmo, com meus encantamentos, as ondas agitadas e agito as ondas calmas, espalho as nuvens e as reúno, expulso os ventos e os chamo;[169]

Outro ponto importante é a menção do costume das bruxas tessálias de "arrastar" a lua (v.207-208): "Também a ti, Lua, tu, também, Lua, também te arrasto, apesar do que fazem os bronzes de Temese para diminuir teu sofrimento." Medeia segue uma tradição mágica ao emular as bruxas da Tessália, ao mesmo tempo que Ovídio se liga a uma tradição literária no modo de descrever a feitiçaria.

Nos próximos versos, Medeia recorda as proezas realizadas por ela na Cólquida e a ajuda que concedeu aos argonautas na busca do velocino de ouro (v.209-219):

> *pallet avi, pallet nostris Aurora venenis!*
> *vos mihi taurorum flammas hebetastis et unco*
> *inpatiens oneris collum pressistis aratro,*
> *vos serpentigenis in se fera bella dedistis*
> *custodemque rudem somni sopistis et aurum*
> *vindice decepto Graias misistis in urbes:*
> *nunc opus est sucis, per quos renovata senectus*
> *in florem redeat primosque recolligat annos,*
> *et dabitis. neque enim micuerunt sidera frustra,*
> *nec frustra volucrum tractus cervice draconum*
> *currus adest.'*
>
> Meus encantamentos empalidecem mesmo o brilho do carro de meu avô, Aurora empalidece com os meus venenos. Para mim, tornaste inofensivas as chamas dos touros, impuseste-lhes no dorso rebelde a todo o jugo o peso do arado de relha recurvada. Fizestes com que os nascidos da serpente lutassem uns contra os outros, adormecestes o guardião imune ao sono e, mais uma vez enganado, trouxestes o ouro às cidades gregas. Agora, careço de sucos que remocem a velhice levando-a à flor da idade e lhes devolvendo os primeiros anos. E vós os dareis. Não é à toa, com efeito, que os astros se agitam e que um carro tirado por dragões alados se acha aqui, perto de mim."[170]

[168] Jardim-Júnior, 1983.
[169] Idem.
[170] Jardim-Júnior, 1983.

Ela lembra aos deuses o que já lhe foi concedido com o intuito de obter mais ajuda para rejuvenescer Easão. Medeia tem a certeza de que alcançará o resultado desejado, pois recebe sinais das divindades (v.217-219): "E vós os dareis. Não é à toa, com efeito, que os astros se agitam e que um carro tirado por dragões alados se acha aqui, perto de mim."

Com o carro puxado por dragões, Medeia sai para colher os ingredientes que serão usados no preparo de um filtro para seu sogro. Ela inicia sua viagem sobrevoando a região da Tessália, terra sempre associada a segredos mágicos, e outras regiões gregas de importância mitológica (219-240):

> *aderat demissus ab aethere currus.*
> *quo simul adscendit frenataque colla draconum*
> *permulsit manibusque leves agitavit habenas,*
> *sublimis rapitur subiectaque Thessala Tempe*
> *despicit et certis regionibus adplicat angues:*
> *et quas Ossa tulit, quas altum Pelion herbas,*
> *Othrysque Pindusque et Pindo maior Olympus,*
> *perspicit et placitas partim radice revellit,*
> *partim succidit curvamine falcis aenae.*
> *multa quoque Apidani placuerunt gramina ripis,*
> *multa quoque Amphrysi, neque eras inmunis, Enipeu;*
> *nec non Peneos nec non Spercheides undae*
> *contribuere aliquid iuncosaque litora Boebes;*
> *carpsit et Euboica vivax Anthedone gramen,*
> *nondum mutato vulgatum corpore Glauci.*
> *Et iam nona dies curru pennisque draconum*
> *nonaque nox omnes lustrantem viderat agros,*
> *cum rediit; neque erant tacti nisi odore dracones,*
> *et tamen annosae pellem posuere senectae.*
> *constitit adveniens citra limenque foresque*
> *et tantum caelo tegitur refugitque viriles*
> *contactus, (...).*
>
> Havia, com efeito, junto dela, um carro descido do céu. Logo que subiu acariciou o pescoço dos dragões atrelados e pegou as leves rédeas, foi levada às alturas, e avista, embaixo, o vale de Tempe, na Tessália, e encaminha os dragões para uma região determinada. Examina com cuidado as ervas que nascem no Ossa, no alto Pélio, no Ótris, no Pindo e no Olimpo maior que o Pindo, e, das raízes escolhidas, arranca uma parte com as raízes e outra parte corta com a lâmina de uma foice de bronze. Escolheu muita coisa entre as ervas das margens do Apidano, e muita nas do Anfriso, e tu, também, Enipeu, não foste deixado de lado; e o Peneu e as águas do Espérquio deram a sua contribuição, assim como as margens do Beba, cobertas de junco. Também colheu, em Atedom, na Eubéia, a erva vivificante não célebre ainda pela mudança do corpo de Glauco. E já o nono dia e a nona noite a tinham visto percorrendo os campos, graças ao carro e às asas dos dragões, quando voltou. Os dragões só tinham sido tocados pelo odor das plantas, e, no entanto, a sua pele rejuvenesceu muitos anos. Parou, ao chegar, diante da soleira da porta, não tendo acima da cabeça senão o céu, e foge de todo contacto com um homem (...).[171]

[171] Jardim-Júnior, 1983.

As referências geográficas neste trecho são várias. A bruxa sobrevoa o Vale do Tempe, na Tessália, o Ossa, o Ótris e o Olimpo. Nestes lugares ela colhe ervas especiais e o autor dá detalhes sobre o procedimento da colheita: "das raízes escolhidas, arranca uma parte com as raízes e outra parte corta com a lâmina de uma foice de bronze.". Ela visita as margens do Apidano, Anfriso, Enipeu, Peneu, Espérquio e do rio Beba, e "Também colheu, em Atedom, na Eubéia, a erva vivificante não célebre ainda pela mudança do corpo de Glauco." Há não apenas referências geográficas, mas também a menção ao mito de Glauco[172]. Temos aqui um exemplo oportuno da ação das leis simpáticas, explicadas tanto por Frazer quanto por Mauss, em que as mesmas ervas usadas para metamorfosear Glauco, que também lhe concedem imortalidade, serão usadas para rejuvenescer Easão.

Nos versos 239-240, notamos a seguinte sentença: "e foge de todo contacto com um homem." <*refugitque viriles*/ *contactus*>, que pode significar tanto o afastamento de Medeia de outras pessoas, ou, em um sentido mais específico, que ela evita o contato com qualquer indivíduo do sexo masculino, em sinal de castidade e abstinência. De toda forma, o fato de ela se isolar representa o que Mauss chama de rito negativo:

> Os mais simples dos ritos mágicos possuem uma forma, tanto quanto os que são o objeto do maior número de determinações. Até aqui falamos da magia como se ela consistisse apenas em atos positivos. Mas ela comporta também ritos negativos, que são precisamente os ritos muito simples de que falamos. Já os encontramos na enumeração dos preparativos da cerimônia mágica, quando mencionamos as abstinências a que se prestavam o mágico e o interessado. Mas esses ritos são igualmente recomendados ou praticados isoladamente. São eles que constituem a grande massa dos fatos chamados superstições. Consistem sobretudo em não fazer uma certa coisa, para evitar um certo efeito mágico.[173]

Mauss compreendeu, assim como os antigos, que um ritual mágico também se compõe de atos negativos, ou seja, aquilo que se deve evitar antes ou durante a realização de um feitiço. Nesses casos, o agente mágico pratica a abstinência de certos hábitos como interações sociais e relações sexuais ou de necessidades mais básicas como o sono, consumo de alimentos, bebidas. Tais costumes também podem ser observados em ritos de caráter religioso nas mais diversas culturas, até mesmo nas grandes religiões monoteístas do mundo atual.

Como vimos nos versos acima, o lugar escolhido para a realização do feitiço é a soleira da porta da casa de Easão, e, sublinhamos, ao ar livre. O ritual se inicia (v.240-257):

---

[172] Glauco foi um pescador que, ao comer uma planta mágica, transforma-se em uma divindade marinha, adquirindo imortalidade. A erva com poderes mágicos, utilizada para reviver os peixes, desencadeou a sua transformação.

[173] Mauss e Hubert, 2018, p. 57.

statuitque aras de caespite binas,
dexteriore Hecates, ast laeva parte Iuventae.
has ubi verbenis silvaque incinxit agresti,
haud procul egesta scrobibus tellure duabus
sacra facit cultrosque in guttura velleris atri
conicit et patulas perfundit sanguine fossas;
tum super invergens liquidi carchesia mellis
alteraque invergens tepidi carchesia lactis,
verba simul fudit terrenaque numina civit
umbrarumque rogat rapta cum coniuge regem,
ne properent artus anima fraudare senili.
Quos ubi placavit precibusque et murmure longo,
Aesonis effetum proferri corpus ad auras
iussit et in plenos resolutum carmine somnos
exanimi similem stratis porrexit in herbis.
hinc procul Aesoniden, procul hinc iubet ire ministros
et monet arcanis oculos removere profanos.
diffugiunt iussi;

Levantou dois altares de terra coberta de relva, o da direita para Hécate e o da esquerda para Juventa. Depois de colocar em torno ramos e folhagens agrestes, fez um sacrifício, perto dali, em duas covas abertas na terra, e enfia a faca no pescoço de um carneiro preto e espalha o sangue nas fossas abertas. Depois, enquanto derramava em cima copos de vinho depois copos de bronze cheios de leite tépido, ao mesmo tempo pronuncia palavras mágicas, invoca as divindades da Terra e implora ao deus dos mortos e à esposa que raptou que não se apressem a retirar a alma do corpo do velho. Quando os tornou propícios com preces e prolongados murmúrios, mandou levar para o ar livre o corpo combalido de Easão, e depois de tê-lo mergulhado em um sono profundo, com os seus encantamentos, deitou-o na relva, parecendo um morto. Ordena que se afaste o filho de Easão, ordena que se afastem os servos, saindo daquele lugar que deve ficar oculto aos olhos profanos. Eles se dispersam, como lhes foram ordenado.[174]

Ovídio descreve com detalhes os atos mágicos da feiticeira, começando pelos ritos manuais: ela levanta dois altares cobertos de relva à esquerda e à direita, uma para Hécate e outro para Juventa, a deusa romana da juventude e do rejuvenescimento, equivalente à Hebe grega. Depois, em duas covas abertas na terra, realiza o sacrifício de um carneiro preto, derramando o sangue do animal nas fossas juntamente com copos de vinho e leite fresco. Ao mesmo tempo, a bruxa realiza os ritos orais, pronunciando palavras mágicas e invocando divindades ctônicas. Ela pede ajuda especialmente a Plutão e Prosérpina (Hades e Perséfone), uma vez que são responsáveis pelo acolhimento das almas no submundo.

Depois desses atos mágicos, Medeia manda trazer Easão para fora de casa, ao ar livre, onde se inicia o preparo da poção (v.257-274):

passis Medea capillis
bacchantum ritu flagrantis circuit aras
multifidasque faces in fossa sanguinis atra
tinguit et infectas geminis accendit in aris

[174] Jardim-Júnior, 1983.

terque senem flamma, ter aqua, ter sulphure lustrat.
Interea validum posito medicamen aeno
fervet et exsultat spumisque tumentibus albet.
illic Haemonia radices valle resectas
seminaque floresque et sucos incoquit atros;
adicit extremo lapides Oriente petitos
et quas Oceani refluum mare lavit harenas;
addit et exceptas luna pernocte pruinas
et strigis infamis ipsis cum carnibus alas
inque virum soliti vultus mutare ferinos
ambigui prosecta lupi; nec defuit illis
squamea Cinyphii tenuis membrana chelydri
vivacisque iecur cervi; quibus insuper addit
ova caputque novem cornicis saecula passae.

Medeia, de cabelos soltos, à moda das bacantes, caminha em torno dos altares, onde crepitam as chamas, toma as tochas que mergulha na fossa negra de sangue e, uma vez impregnadas, as acende nos dois altares. Três vezes purifica o velho com as chamas, três vezes com água, três vezes com o enxofre. Enquanto isso, um filtro poderoso, colocado no caldeirão de bronze, ferve e referve, e sua superfície se embranquece com a espuma. Ali, Medeia cozinha as raízes colhidas no vale da Hemônia, sementes de flores e sucos azedos. Ajunta pedras apanhadas no Extremo Oriente e areia lavada pelo refluxo da maré do Oceano; acrescenta orvalho recolhido em uma noite de plenilúnio, as amaldiçoadas asas de uma estrige com a própria carne, e as entranhas de um lobisomem que costuma mudar em humana a sua forma ferina; não faltou a membrana escamosa da cobra anfíbia de Cinipes, nem um fígado do longevo veado, aos quais acrescenta o bico e a cabeça de uma gralha que passara pela prova de nove séculos.[175]

Medeia é caracterizada como uma bacante de cabelos soltos. Essa mesma descrição reaparecerá algumas décadas depois no drama de Sêneca, no qual a bruxa será descrita como uma mênade (bacante).

Este trecho possui apenas ritos manuais: ela começa acendendo tochas impregnadas do sangue dos animais sacrificados nos altares. O número três surge novamente como símbolo místico, pois os gestos para purificar Easão são triplamente repetidos: “Três vezes purifica o velho com as chamas, três vezes com água, três vezes com o enxofre.”. As propriedades, ou substâncias utilizadas para a purificação são o fogo, a água e o enxofre.

No caldeirão de bronze Medeia adiciona mais elementos, e cozinha as raízes do vale da Hemônia, sementes de flores e sucos azedos. Acrescenta também pedras do Extremo Oriente, areia do Oceano e orvalho recolhido em uma noite de lua cheia. De animais, temos asas de estrige[176], entranhas de lobisomem, membrana de cobra anfíbia, fígado de um veado velho e a cabeça com o bico de uma gralha que viveu nove séculos.

Após reunir os ingredientes, a poção é finalizada e inicia-se o processo de rejuvenescimento de Easão (v.275-293):

[175]Jardim-Júnior, 1983.
[176] Ave noturna semelhante à coruja que os antigos associavam com vampiros ou bruxas.

his et mille aliis postquam sine nomine rebus
propositum instruxit mortali barbara maius,
arenti ramo iampridem mitis olivae
omnia confudit summisque inmiscuit ima.
ecce vetus calido versatus stipes aeno
fit viridis primo nec longo tempore frondes
induit et subito gravidis oneratur olivis:
at quacumque cavo spumas eiecit aeno
ignis et in terram guttae cecidere calentes,
vernat humus, floresque et mollia pabula surgunt.
quae simul ac vidit, stricto Medea recludit
ense senis iugulum veteremque exire cruorem
passa replet sucis; quos postquam conbibit Aeson
aut ore acceptos aut vulnere, barba comaeque
canitie posita nigrum rapuere colorem,
pulsa fugit macies, abeunt pallorque situsque,
adiectoque cavae supplentur corpore rugae,
membraque luxuriant: Aeson miratur et olim
ante quater denos hunc se reminiscitur annos.

Depois de ter, por meio dessas coisas e de mil outras sem nome, se preparado para levar a cabo uma façanha além da capacidade de um mortal, a bárbara, mexeu tudo, de alto a baixo, com o ramo de há muito seco de uma oliveira. Eis que o velho galho agitado no caldeirão fervente, primeiro enverdece, logo depois se cobre de folhas e, de súbito, fica carregado de azeitonas maduras. E, em toda parte em que o fogo expulsa a espuma para fora do caldeirão, e gotas ferventes caem no chão, a terra, como na primavera, se cobre de flores e de verdes pastagens. Logo que viu tal coisa, Medeia, desembainhando uma espada, corta o pescoço do velho, e, depois de deixar escorrer o sangue antigo, enche-o com os sucos. Mal Easão os absorvera, pela boca ou pelo ferimento, a barba e o cabelo, de brancos que eram se tornam negros. Expulsa, foge a magreza, desaparecem a lividez e a decrepitude, os sulcos das rugas se enchem de nova carnadura e os membros se revigoram. Easão admira-se, e se revê tal como era há muito tempo, como era há quarenta anos.[177]

Medeia mistura os ingredientes no caldeirão sobre o fogo. A eficácia da poção é imediatamente comprovada, uma vez que o galho seco de oliveira utilizado para mexer a mistura se torna verde e dá frutos. Da mesma forma, as gotas do líquido fervente que caem no chão fazem a terra vicejar.

Depois segue-se outro rito manual: ela corta o pescoço do velho com uma espada para drenar seu sangue e o substitui pela poção mágica. O ritual se mostra inteiramente eficaz, pois o próprio Easão percebe as mudanças milagrosas e retoma sua juventude.

(III) Medeia induz o assassinato de Pélias

Medeia rejuvenesce o pai de Jasão, e depois repete o processo com um carneiro velho, transformando-o em um cordeirinho na frente das filhas de Pélias. Ou seja, os atos de Medeia

[177] Jardim-Júnior, 1983.

são mágicos uma vez que, além de eficazes, eles se repetem, estando, portanto, de acordo com uma das regras propostas por Mauss:

> Os ritos mágicos, e a magia como um todo, são, em primeiro lugar, fatos de tradição. Atos que não se repetem não são mágicos. Atos em cuja eficácia todo um grupo não crê não são mágicos. A forma dos ritos é eminentemente transmissível e é sancionada pela opinião. Donde se segue que atos estritamente individuais, como as práticas supersticiosas particulares dos jogadores, não podem ser chamados de mágicos.[178]

No entanto, sabemos que, apesar de eficaz, a demonstração de rejuvenescimento do carneiro não passa de um ardil para enganar as filhas de Pélias e induzir o assassinato do rei (v.309-323):

> *mox ubi pollicita est, 'quo sit fiducia maior*
> *muneris huius' ait, 'qui vestri maximus aevo est*
> *dux gregis inter oves, agnus medicamine fiet.'*
> *protinus innumeris effetus laniger annis*
> *attrahitur flexo circum cava tempora cornu;*
> *cuius ut Haemonio marcentia guttura cultro*
> *fodit et exiguo maculavit sanguine ferrum,*
> *membra simul pecudis validosque venefica sucos*
> *mergit in aere cavo: minuunt ea corporis artus*
> *cornuaque exurunt nec non cum cornibus annos,*
> *et tener auditur medio balatus aeno:*
> *nec mora, balatum mirantibus exsilit agnus*
> *lascivitque fuga lactantiaque ubera quaerit.*
> *Obstipuere satae Pelia, promissaque postquam*
> *exhibuere fidem, tum vero inpensius instant.*
>
> Não tarda, porém, a prometer: "Para que tenhais mais confiança em meu favor, o carneiro mais velho que houver em vossos rebanhos será transformado em cordeiro com os meus filtros". É trazido logo para junto dela um carneiro lanoso, abatido pela extrema velhice, de chifres recurvados em torno das têmporas fundas; Medeia corta-lhe o flácido pescoço com uma faca da Hemônia, cujo ferro se manchou apenas com um pouquinho de sangue, depois coloca no caldeirão de bronze, misturados, o corpo do carneiro e os sucos revigorantes: diminuem as proporções do corpo, destroem-se os chifres, e, com os chifres, os anos; ouve-se um fraco balido no meio do caldeirão de bronze. Sem demora, diante das mulheres já admiradas com o balido, sai um cordeiro, que foge pulando, à procura de ubres repletos de leite. Pasmam as filhas de Pélias; e, depois de ter a promessa cumprida provado a sinceridade, pedem realmente com mais insistência.[179]

No trecho a seguir, fica claro que o ritual que Medeia realizará para Pélias não passa de uma encenação (v.324-338):

> *ter iuga Phoebus equis in Hibero flumine mersis*
> *dempserat et quarta radiantia nocte micabant*
> *sidera, cum rapido fallax Aeetias igni*

[178] Mauss e Hubert, 2018, p. 11.
[179] Jardim-Júnior, 1983.

imponit purum laticem et sine viribus herbas.
iamque neci similis resoluto corpore regem
et cum rege suo custodes somnus habebat,
quem dederant cantus magicaeque potentia linguae;
intrarant iussae cum Colchide limina natae
ambierantque torum: 'quid nunc dubitatis inertes?
stringite' ait 'gladios veteremque haurite crurorem,
ut repleam vacuas iuvenali sanguine venas!
in manibus vestris vita est aetasque parentis:
si pietas ulla est nec spes agitatis inanis,
officium praestate patri telisque senectam
exigite, et saniem coniecto emittite ferro!'

Por três vezes Febo retirara o jugo dos cavalos que haviam mergulhado no rio da Ibéria, e os astros cintilavam com todo o seu brilho, no decorrer da quarta noite, quando a pérfida filha de Eetes leva ao fogo ardente água pura e ervas sem virtude. E já, semelhante à morte, o sono se apossara do rei, relaxando-lhe o corpo, e, com o rei os seus guardas, graças aos encantamentos e ao poder das palavras mágicas. Convidadas por Medeia, as filhas do rei transpuseram o limiar do aposento e se aproximaram do leito. "Por que hesitais, inertes?", pergunta Medeia. "Desembainhai as espadas e derramai esse sangue velho, a fim de que as veias possam se encher de sangue jovem. Está em vossas mãos a vida e a idade de vosso pai. Se tendes amor filial, se a esperança não vos é uma vã cogitação, prestai esse favor a vosso pai, expulsai a velhice à força das armas e fazei correr com o ferro o sangue enfraquecido".[180]

Para o falso ritual, Medeia "leva ao fogo ardente água pura e ervas sem virtude". Outro detalhe importante é o fato de Pélias estar deitado em seu aposento, portanto dentro de casa. Lembremos que o ritual de rejuvescimento de Easão, o velho é carregado para fora de casa, ao relento, para que a execução seja perfeita e se obtenha o resultado desejado. Finalmente a farsa termina com a indução do assassinato de Pélias (v.339-351):

his, ut quaeque pia est, hortatibus inpia prima est
et, ne sit scelerata, facit scelus: haud tamen ictus
ulla suos spectare potest, oculosque reflectunt,
caecaque dant saevis aversae vulnera dextris.
ille cruore fluens, cubito tamen adlevat artus,
semilacerque toro temptat consurgere, et inter
tot medius gladios pallentia bracchia tendens
'quid facitis, gnatae? quid vos in fata parentis
armat?' ait: cecidere illis animique manusque;
plura locuturo cum verbis guttura Colchis
abstulit et calidis laniatum mersit in undis.
Quod nisi pennatis serpentibus isset in auras,
non exempta foret poenae: fugit alta superque

Aquela cujo amor filial era maior foi a que primeiro se deixou convencer e, para não ser criminosa, cometeu um crime. Nenhuma, entretanto, teve coragem de olhar, enquanto feria, e, cegamente, com o rosto virado, é que golpeiam, com as ferozes destras. Ele, esvaindo-se em sangue, ergue-se, no entanto, apoiado ao cotovelo, e, semimutilado, tenta levantar-se e, no meio de tantas espadas, estende os braços

[180] Idem.

> exangues: "Que fazeis, minhas filhas? O que vos incita contra a vida de vosso pai?" Elas perdem o ânimo e a força. Pélias quis ainda falar, mas Medeia lhe cortou a palavra juntamente com o pescoço, e mergulhou seu corpo na água fervendo. Se não tivesse sumido aos ares com seus dragões alados, não teria escapado ao castigo.[181]

Vimos que, além de induzir o ataque das filhas ao próprio pai, Medeia finaliza o crime cortando o pescoço de Pélias. Ela foge novamente no carro dos dragões alados.

(IV) Medeia tenta matar Teseu

Depois de fugir de Corinto, após assassinar os próprios filhos, destruir o palácio de Creonte e abandonar Jasão, Medeia se casa com Egeu, rei de Atenas. Com o regresso de Teseu ao palácio do pai, que ainda desconhece o filho, Medeia, por desconfiança, tenta matar o herói envenenado (v.404-419):

> *Iamque aderat Theseus, proles ignara parenti,*
> *qui virtute sua bimarem pacaverat Isthmon:*
> *huius in exitium miscet Medea, quod olim*
> *attulerat secum Scythicis aconiton ab oris.*
> *illud Echidnaeae memorant e dentibus ortum*
> *esse canis: specus est tenebroso caecus hiatu,*
> *est via declivis, per quam Tirynthius heros*
> *restantem contraque diem radiosque micantes*
> *obliquantem oculos nexis adamante catenis*
> *Cerberon abstraxit, rabida qui concitus ira*
> *inplevit pariter ternis latratibus auras*
> *et sparsit virides spumis albentibus agros;*
> *has concresse putant nactasque alimenta feracis*
> *fecundique soli vires cepisse nocendi;*
> *quae quia nascuntur dura vivacia caute,*
> *agrestes aconita vocant.*
>
> Já regressara Teseu, filho ainda desconhecido pelo pai, que, pelo seu valor, pacificara o istmo entre dois mares. Para matá-lo, Medeia prepara uma bebida com o acônito que outrora trouxera das plagas citas. Segundo se diz, esse veneno saiu dos dentes do cão nascido de Ecdinéa. Há uma caverna escura de cuja tenebrosa abertura parte uma ladeira pela qual o herói de Tirinto, um dia, apesar de sua resistência com os olhos afastados da luz e dos raios brilhantes do Sol, arrastou Cérbero, preso a cadeias mais sólidas que o ferro, e que, incitado por uma ira furiosa, encheu os ares com seus tríplices e simultâneos latidos e espalhou pelos campos verdejantes sua espuma esbranquiçada. Essa, dizem, solidificou-se e, encontrando alimento em um solo rico e feraz, adquiriu virtudes nocivas. E, crescendo vivaz no duro chão rochoso, os camponeses a chamam de "acônito".[182]

[181] Jardim-Júnior, 1983.
[182] Idem.

Ovídio intercala o desfecho da história de Medeia com o mito do surgimento do acônito, uma erva utilizada para a fabricação do veneno homônimo. Para nós, esse mito é relevante pois associa-se diretamente com Medeia, que o utiliza na tentativa de matar Teseu (v.419-424):

> *[...] ea coniugis astu*
> *ipse parens Aegeus nato porrexit ut hosti.*
> *sumpserat ignara Theseus data pocula dextra,*
> *cum pater in capulo gladii cognovit eburno*
> *signa sui generis facinusque excussit ab ore.*
> *effugit illa necem nebulis per carmina motis;*
>
> Foi esse veneno que, por malícia da esposa, Egeu, sendo pai, ofereceu ao filho, como a um inimigo. Ignorando o perigo, Teseu erguera a taça oferecida, quando seu pai notou, nos copos de marfim da espada, o emblema de sua estirpe, e evitou que o crime se consumasse. Medeia escapou da morte graças a uma nuvem que formou com os seus encantamentos.[183]

Ao analisar a narrativa envolvendo Medeia no Livro VII das *Metamorfoses* de Ovídio, percebemos a complexidade das representações mágicas e o preciosismo dos rituais presentes na obra. Medeia é apresentada não apenas como uma personagem envolvida em ações de feitiçaria, mas também como uma sacerdotisa que domina rituais primitivos envolvendo elementos como ervas mágicas, cantos, gestos repetidos e momentos específicos de alinhamento astronômico, como a fase da lua cheia. Essas ações reforçam a ideia de que a magia, na obra, é uma prática de eficácia comprovada e reconhecida socialmente, conforme os princípios de Mauss, ao contrário do que ocorre em Horácio, por exemplo, em que as bruxas têm suas habilidades mágicas frequentemente postas em dúvida.

Esses detalhes demonstram que a magia na narrativa de Ovídio faz parte de uma tradição literária de raízes gregas, sancionada também por um pacto social muito antigo que relaciona a personagem de Medeia com a feitiçaria.

A descrição minuciosa dos rituais, desde a preparação do caldeirão até os sacrifícios e encantamentos, corrobora a conexão estreita entre magia e religião na Antiguidade. Além disso, a personagem exemplifica a função ambígua da magia, que, ao mesmo tempo, atua como agente benéfico de transformação e rejuvenescedor, utilizando seus conhecimentos para retardar a morte, no caso de Easão, ou como agente aniquilador, que provoca a morte, como no caso de Pélias.

---

[183] Jardim-Júnior, 1983.

Por fim, a narrativa de Medeia revela uma visão complexa da magia como uma prática que transcende o mero ato individual, envolvendo rituais elaborados, símbolos, e uma forte ligação com o mundo divino e natural. Sua atuação como feiticeira, aliada ao seu sentimento de *pietas* às divindades ctônicas, demonstra o limiar tênue entre religião e magia, sugerindo a importância do contexto cultural na compreensão desses atos. Assim, o texto de Ovídio não apenas retrata a magia como uma ferramenta de poder, mas também como uma expressão cultural profundamente enraizada na tradição e na crença coletiva, cuja eficácia depende da transmissão e da fé do grupo. Portanto, Medeia não apenas possui o poder de realizar feitos sobre-humanos, como também a sociedade a seu redor endossa e acredita em suas habilidades.

4.8. *Medeia*; Quarto episódio – Sêneca

O mito de Medeia, muito antigo e bastante difundido ao longo dos séculos na cultura ocidental, serviu como base para uma personagem feminina singular no teatro clássico. Nos capítulos anteriores, vimos a Medeia descrita por Ovídio, em suas *Metamorfoses*, cantada como heroína épica em versos hexâmetros. Veremos agora a feiticeira retratada no drama de Sêneca. Citaremos alguns trechos de sua biografia para situarmos a produção literária, uma vez que a datação das peças é incerta.

Lúcio Aneu Sêneca ou Sêneca, o Jovem, nasceu entre os anos 4 a.C.[184] e I d.C. em Córdoba, província da Hispânia, e morreu no ano de 65 d.C.[185]. Filho de Aneu Sêneca – membro da ordem equestre e de família abastada – chegou em Roma em sua juventude para completar seus estudos, dedicando-se nos primeiros anos à filosofia estoica. Por volta do ano 31, Sêneca, que havia se retirado no Egito para tratar de uma doença crônica, retorna a Roma e se torna questor, ainda sob o reinado de Tibério. Em 41, já no principado de Cláudio, foi exilado na Córsega por oito anos. O motivo foi a acusação de ter cometido adultério com a irmã de Calígula, Júlia Livila, mas a real motivação seria o afastamento da Urbe de um homem culto que incomodava a família imperial com sua sagacidade.

Em 49, a segunda esposa de Cláudio, Agripina, ordena que Sêneca retorne do exílio para ser tutor de seu filho Nero, que, pouco depois, é declarado imperador, em 54. Em 59, Nero arquiteta o assassinato de sua própria mãe, mas registra-se a morte como suicídio. Nero havia obrigado Sêneca a escrever uma carta enviada ao senado, na qual Agripina era acusada de conspiração. Agripina teria cometido suicídio para não sofrer as consequências de seus crimes. Após este episódio, Sêneca tem a sua reputação abalada, pois todos reconheceram a autoria da carta. Tentou se retirar da cidade de forma voluntária, oferecendo o seu patrimônio, mas o imperador não permitiu.

Em 64, após o incêndio de Roma, Sêneca ofertou novamente os seus bens em troca de seu banimento. Dessa vez sua oferta foi aceita, pois Nero precisava arrecadar a maior quantidade possível de tesouros para os seus projetos soberbos. Em 65, Sêneca é acusado de envolvimento na conspiração de Pisão, recebendo ordens para suicidar-se. Como resultado da perseguição de Nero aos membros da corte, morreram seus dois irmãos, seu sobrinho Lucano, também poeta, entre outros familiares e amigos.

---

[184] CONTE, Gian Biago. **Latin literature:** a history. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1999.
[185] CARDOSO, Zélia de Almeida. **A literatura latina.** São Paulo: M. Fontes, 2003.

Alguns especialistas afirmam que a maior parte das peças dramáticas do autor tenham sido produzidas durante o período de exílio na Córsega (41-49); outros, com base em estudos estilísticos e métricos, distribuem-nas por uma extensão de tempo considerável, à semelhança das obras em prosa, que vão desde os anos 30 até 65.[186]

Em *Medeia*, Sêneca segue o modelo aristotélico da tragédia grega ática utilizando uma estrutura em cinco atos intercalados pelo coro. Apesar de manter a forma canônica das tragédias clássicas, o autor inova em vários outros aspectos. Em resumo, a peça se organiza em nove segmentos distintos, da seguinte forma:

I. Primeiro episódio (1-55)
II. Primeira ode coral (56-115)
III. Segundo episódio (116-300)
IV. Segunda ode coral (301-379)
V. Terceiro episódio (380-578)
VI. Terceira ode coral (579-669)
VII. Quarto episódio (670-848)
VIII. Quarta ode coral (849-878)
IX. Quinto episódio (879-1027)

Ao examinarmos o comportamento de Medeia em Corinto, vemos sua insubordinação perante as leis. Com Creonte, tenta negociar a sua permanência na cidade mesmo em condições humilhantes, mas que garantiriam a sua segurança, bem como a proximidade de seus filhos. De Jasão, exige fidelidade a um compromisso declarado mutuamente. Creonte a condena ao exílio, e Jasão a recorda de que o casamento celebrado entre eles, em plena fuga, não possui nenhuma validade em terras gregas. Ela tenta, sem sucesso, fazer valer a sua condição de ser humano, reivindicando direitos semelhantes aos dos homens.

Objetivamente, podemos afirmar que a protagonista é temida por ser uma feiticeira poderosíssima e uma assassina impiedosa, pois, ao chegar em Corinto, o seu passado de crimes já é conhecido. Mas, de forma subjetiva, o medo que Medeia provoca entre aqueles que a hospedam simboliza algo mais profundo do inconsciente coletivo: ela representa a força subversiva, desagregadora e destruidora de parâmetros sociais. [187]

[186] Souza, 2013, p.17.
[187] Vasconcellos, 1991, p. 149-150.

Uma das inovações notórias na peça de Sêneca em comparação à de Eurípedes é o fato de Medeia se apresentar deliberadamente como uma feiticeira. No quarto episódio (v.670-848), Medeia realiza seus feitiços em uma longa cena que se estende por 174 versos. Primeiramente, a ama introduz a ação descrevendo o início dos rituais e o estado mental transtornado de sua senhora dos versos 670 a 739. O autor faz com que a Ama parafraseie as palavras da própria Medeia, quando enfim, inicia o seu monólogo, dos versos 740 a 844. A cena termina quando as crianças são chamadas para levarem os presentes envenenados ao palácio de Creonte.

Dessa forma, podemos afirmar que, após alguns séculos de tradição, a recepção do mito de Medeia por Sêneca, proveniente de fontes literárias greco-romanas, resultou em uma protagonista dotada de poderes mágicos implacáveis:

> De tudo quanto se viu, Medeia chegou à Roma como uma fábula, um modelo literário herdado da inserção da própria *Urbs* no contexto cultural do mundo helenístico. E, como tal, foi homogeneizada a maioria das versões primordiais do mito, em um processo de síntese e de redução das variantes que culminou com o estabelecimento dos traços fundamentais de seu caráter e de sua imagem artística, enrijecidos em poucas e marcantes peculiaridades. Assim, afastando-se do estatuto divino cujos resquícios talvez persistissem apenas em algumas poucas cidades gregas, Medeia tornou-se um protótipo da feiticeira invencível, ao mesmo tempo bela como Circe, poderosa como Canídia e cruel como Sagana, impassível como Veia – ainda que, embora sofrendo por amor, não se mostrasse jamais licenciosa ou lúbrica como suas pares.[188]

Em todo o poema, assim como nas *Metamorfoses* de Ovídio, a mitologia é parte fundamental para a construção do ritual mágico. São muitos os trechos em que há referência a mitos que serão associados por similaridade ao objetivo que Medeia deseja alcançar. Quando ela tem em mãos, por exemplo, o sangue do centauro Nesso, que será usado como um veneno inflamável contra Creusa, o autor descreve a história de Hércules e Dejanira, na qual a esposa, ingenuamente, aplica o sangue de Nesso nas roupas de Hércules. Este fluido faz com que o herói queime infinitamente, sem haver possibilidade de extinguir o fogo. Medeia planeja o mesmo fim para a futura esposa de Jasão, logo, temos a alegoria de um mito para expressar a finalidade de tal ingrediente: incendiar Creusa e seu palácio assim como Hércules no monte Eta.

Outros mitos estão presentes em todos os elementos do rito, desde as localidades mencionadas até os materiais usados e a invocação das almas condenadas a suplícios. Todas essas categorias são permeadas de símbolos míticos, o que nos mostra a importância da associação dos elementos da feitiçaria com a longa tradição mitológica grega.

---

[188] Gouvêa-Júnior, 2013, p. 102.

Evidentemente que toda a erudição presente no texto traz também certa artificialidade que distancia a cena de bruxaria de Medeia das tradições mágicas populares. Isso indica que o tema da feitiçaria certamente despertava interesse no público, que, por sua vez, possuía afinidade com o assunto. Porém, devemos levar em conta que, a forma como a magia se apresenta no drama de Sêneca é elaborada a partir da forte influência da cultura helênica na classe intelectual romana e nas classes dirigentes da sociedade que financiavam os espetáculos teatrais, além da proximidade do autor com a corte de Nero.

A encenação da bruxaria que ocorre no quarto episódio da tragédia de Sêneca merece destaque, pois se mostra como fonte abundante de várias referências históricas, geográficas, mitológicas, culturais e religiosas.

A partir do verso 670, a cena do feitiço é narrada pelo ponto de vista da Ama. De uma certa distância, discretamente, ela observa Medeia e informa ao leitor-espectador sobre seu estado mental de angústia e fúria. A feiticeira vai ao seu "funesto refúgio" para buscar os materiais para a fabricação do filtro mortal (v. 670-679):

> *[Nutrix] Pauet animus, horret: magna pernicies adest.*[189]
> *immane quantum augescit et semet dolor*
> *accendit ipse uimque praeteritam integrat.*
> *uidi furentem saepe et aggressam deos,*
> *caelum trahentem: maius his, maius parat*
> *Medea monstrum. namque ut attonito gradu*
> *euasit et penetrale funestum attigit,*
> *totas opes effundit et quidquid diu*
> *etiam ipsa timuit promit atque omnem explicat*
> *turbam malorum, arcana secreta abdita,*[190]
>
> [AMA] "A minha alma alvoraça-se e horroriza-se: uma grande catástrofe se aproxima.
> É assustador ver como cresce a angústia desta mulher e como se inflama
> a si própria e recupera a energia de outrora
> Vi-a muitas vezes a enfurecer-se e a atacar os deuses,
> fazendo baixar o céu: um horror maior do que estes,
> um horror maior está a ser preparado por Medeia. Quando se afastou
> com um andar desvairado e chegou ao seu funesto refúgio,
> serviu-se de todos os seus recursos, exibindo aquilo que
> até ela própria por muito tempo temera e desenrolando todo
> o acervo de malefícios — mistérios, segredos, coisas ocultas."[191]

O primeiro ato mágico que Medeia realiza, é um rito manual (v. 680-691):

---

[189] Devido a longa extensão do poema trágico e da variedade de narrativas e diálogos intercalados, usaremos apenas fragmentos do texto que compõem a temática sobre magia.
[190] SÉNÈQUE. **Tragédies**. Texte établi et traduit par: François-Régis Chaumartin. Paris: Les Belles Lettres, 1996.
[191] Tradução de SOUZA, Ana Alexandra Alves de. **Medeia**. Tradução do Latim, introdução e notas. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013.

et triste laeua comparans sacrum manu
pestes uocat quascumque feruentis creat
harena Libyae quasque perpetua niue
Taurus coercet frigore Arctoo rigens,
et omne monstrum. tracta magicis cantibus
squamifera latebris turba desertis adest.
hic saeua serpens corpus immensum trahit
trifidamque linguam exertat et quaerit quibus
mortifera ueniat: carmine audito stupet
tumidumque nodis corpus aggestis plicat
cogitque in orbes. 'Parua sunt' inquit 'mala
et uile telum est, ima quod tellus creat:

"E, preparando um ritual sinistro com a mão esquerda,
invoca as pragas, todas as que a areia
da ardente Líbia origina e que o Tauro, enregelado
com o frio do Ártico, encerra numa neve eterna,
e todos os monstros. Atraída pelos cantos de magia,
uma multidão de répteis deixa o covil e aproxima-se.
Uma aterradora serpente arrasta para aqui o corpo imenso,
mostra a língua trifurcada e procura perceber para quem
se vai tornar mortífera: ao ouvir os cantos, fica paralisada,
enrosca o corpo intumescido com um amontoado de nós
e enrola-os em espirais. " "Ínfimos são os males", diz ela,
"e vis as armas que as profundezas da terra produzem:[192]

Depois de atrair serpentes da terra, ela chama pelas serpentes que habitam o espaço sideral (v. 692-704):

caelo petam uenena. iam iam tempus est
aliquid mouere fraude uulgari altius.
huc ille uasti more torrentis patens
descendat anguis, cuius immensos duae,
maior minorque, sentiunt nodos ferae
(maior Pelasgis apta, Sidoniis minor),
pressasque tandem soluat Ophiuchus manus
uirusque fundat; adsit ad cantus meos
lacessere ausus gemina Python numina,
et Hydra et omnis redeat Herculea manu
succisa serpens caede se reparans sua.
tu quoque relictis peruigil Colchis ades,
sopite primum cantibus, serpens, meis.'

procurarei venenos vindos do céu. Agora, agora é tempo
de preparar algo mais sublime do que um sortilégio
habitual! Que desça aqui a famosa serpente que
se estende como uma enorme torrente, cujos imensos
anéis sentem as duas Ursas, a Maior e a Menor,
(a Maior é útil aos Pelasgos; aos Sidónios, a Menor); que o Ofiúco alivie, por fim, a pressão das suas mãos/
e deixe o veneno espalhar-se; que, aos meus cantos,
venha Píton que ousou atacar os gémeos divinos;
e que regresse a Hidra e todas as serpentes que eram cortadas

[192] Souza, 2013.

> pela mão de Hércules e renasciam da sua própria destruição.
> E tu, deixa a Cólquida e aproxima-te de mim, serpente
> sempre vigilante, adormecida pela primeira vez graças
> [aos meus encantamentos."[193]

Ela faz descer a constelação que se encontra entre as duas Ursas, designada Dragão, sinuosa como um rio[194]. Essa constelação, assim como as Ursas Maior e Menor, é importante tanto para os povos Gregos (Pelasgos) quanto para os Fenícios (Sidônios) que se orientavam no mar por meio desses astros[195].

Em seguida, ela se dirige à Ofiúco, constelação extensa do hemisfério norte também designada Serpentário. Essa constelação é representada como um homem lutando com uma serpente enrolada no corpo enquanto segura-lhe a cabeça e a cauda[196]. Medeia pede que o animal seja libertado para que possa usar suas toxinas. Esse conjunto de estrelas representa o deus da medicina, Asclépio, que mantém seguro o veneno da serpente apertando-lhe o pescoço. É importante lembrar que, na Antiguidade, quando o conhecimento sobre química ainda era limitado, certas substâncias podiam matar ou curar dependendo da quantidade ou da forma de uso. Ela, como conhecedora dos elementos da natureza, possui as características do demiurgo, que transmite os segredos dos deuses aos homens, como no caso da medicina.

Como dito nos capítulos anteriores, a magia e a ciência no Mundo Antigo possuíam uma relação intrínseca. É fato que algumas práticas mágicas continham processos físico-químicos que só seriam atestados pela ciência nos séculos futuros. Mauss inicia seu *Esboço para uma teoria geral da magia* reforçando que o uso de práticas mágicas, serviu, muitas vezes, como um ensaio para a ciência empírica e a medicina moderna. Graf (1994) também reafirma esse mesmo conceito ao dizer que, na Grécia, desde os tempos da república, o pensamento científico começa a se desprender da magia, relegando a feitiçaria ao misticismo e às crenças populares. Ainda assim, por muito tempo, os dois tipos de conhecimento permaneceram indistinguíveis no restante do Ocidente.

A personagem de Medeia simboliza, sem a menor dúvida, o conhecimento médico através do uso das ervas, dos venenos e de substâncias para intervir no curso da vida natural. Gouvêa-Júnior (2013) faz uma analogia entre a heroína e Prometeu que corrobora essa hipótese.

Em seguida, as serpentes mais célebres dos mitos são chamadas. Ela evoca a serpente gigantesca Píton, que, ao tentar matar Apolo e Diana (os gêmeos) foi morta por Apolo[197]. A

---

[193] Souza, 2013, p.81.
[194] Ibdem.
[195] Ibdem.
[196] Souza, 2013, p.82.
[197] Ibdem.

Hidra de Lerna[198], morta por Hércules, também é chamada por Medeia. As duas serpentes acima são praticamente indestrutíveis, sendo derrotadas somente pelo poder dos deuses. A Hidra possui a capacidade de se multiplicar à medida que suas cabeças são cortadas, o que a torna um monstro quase invencível e de imensa capacidade de destruição. As características de regeneração e reatividade da Hidra serão emprestadas ao filtro utilizado pela feiticeira. Ela deseja utilizar o veneno do monstro para que o efeito de sua poção se torne incontrolável. Como sabemos, o fogo que arruinará Creusa e o palácio de Creonte nos episódios seguintes do drama não poderá ser apagado. Por fim, a bruxa chama a Serpente "sempre vigilante" que guardava o velo de ouro na Cólquida.

Observamos que o rito manual iniciado com a mão esquerda serviu para evocar serpentes do céu e da terra com a finalidade de se extrair seus venenos.

Medeia começa a reunir as substâncias necessárias para o filtro. Dentre as propriedades mágicas do rito, estão os venenos das serpentes e as ervas tóxicas (v.705-719):

> *Postquam euocauit omne serpentum genus,*
> *congerit in unum frugis infaustae mala:*
> *quaecumque generat inuius saxis Eryx,*
> *quae fert opertis hieme perpetua iugis*
> *sparsus cruore Caucasus Promethei,*
> *et quis sagittas diuites Arabes linunt*
> *pharetraque pugnax Medus aut Parthi leues,*
> *aut quos sub axe frigido sucos legunt*
> *lucis Suebae nobiles Hyrcaniis;*
> *quodcumque tellus uere nidifico creat*
> *aut rigida cum iam bruma decussit decus*
> *nemorum et niuali cuncta constrinxit gelu,*
> *quodcumque gramen flore mortifero uiret,*
> *dirusue tortis sucus in radicibus*
> *causas nocendi gignit, attrectat manu.*
>
> "Depois de invocar todo o género de serpentes,/
> reúne os malefícios das ervas malfazejas num só montão:/
> todos os que o inacessível Érice gera nos seus penhascos,/
> todos os que o Cáucaso, aspergido com o sangue de/
> Prometeu, produz, nos seus cimos envoltos em brancura permanente;/
> todas as plantas com que untam as setas os opulentos Árabes,/
> os Medos, com seus arcos belicosos, ou os ágeis Partos;/
> ou todas as seivas que, sob um clima gélido, as nobres/
> mulheres suevas recolhem nas florestas da Hircânia;/
> tudo o que a terra produz na primavera cheia de ninhos,/
> ou quando o frio rigoroso sacode o atavio/
> dos bosques e envolve tudo num gelo glacial;/
> todas as ervas que florescem com flores letais,/
> toda a seiva medonha que, nas suas raízes retorcidas,/
> gera meios para matar, tudo isso ela manuseia."[199]

[198] Souza, 2013, p.82.
[199] Ibdem.

Seguindo a lógica do pensamento mágico, observamos que as ervas escolhidas se ligam ao rito através de uma tradição mitológica, que, por sua vez, se liga ao objetivo de Medeia através de uma relação de similaridade (v.720-727):

> *Haemonius illas contulit pestes Athos,*
> *has Pindus ingens, illa Pangaei iugis*
> *teneram cruenta falce deposuit comam;*
> *has aluit altum gurgitem Tigris premens,*
> *Danuuius illas, has per arentis plagas*
> *tepidis Hydaspes gemmifer currens aquis,*
> *nomenque terris qui dedit Baetis suis*
> *Hesperia pulsans maria languenti uado.*
>
> "Algumas destas pestíferas plantas vêm da montanha do Atos da Hemónia,/
> outras do imenso Pindo; nos cimos do Pangeu, aquela/
> entregou a folhagem macia à foice ensanguentada;/
> a estas alimentou-as o Tigre, ao estreitar o seu leito profundo;/
> àquelas, o Danúbio; a estas, o Hidaspes de águas quentes,/
> que corre por regiões ressequidas, levando gemas;/
> àquelas, o Bétis, que deu nome ao seu território,/
> desaguando nos mares da Hespéria, com as suas águas indolentes."[200]

Algumas localidades mencionadas merecem observação. A Hemônia é uma região da Tessália, mas os poetas referem-na de forma metonímica para designar toda a Tessália, que aparece, na tradição literária latina, sempre associada à feitiçaria e como domicílio de grandes feiticeiras. Contudo, o monte Atos não fica na Tessália, mas situa-se entre a Macedônia e a Trácia[201].

Os cursos d'água também requerem atenção na magia de Sêneca. O Tigre e o Eufrates são os dois grandes rios da Mesopotâmia e os antigos acreditavam que uma parte do curso do rio Tigre corria por debaixo da terra[202]. O fato de os antigos entenderem o rio Tigre como um rio subterrâneo adiciona qualidades místicas a ele por estar em contato com o mundo inferior. Além disso, Sêneca utiliza os rios para indicar os pontos cardeais. O rio Danúbio nasce na Floresta Negra da Alemanha e desagua no Mar Negro, atravessando a Europa de oeste a leste. O rio Hidaspes nasce no leste e, na poesia antiga, é sinônimo de oriente, enquanto o Bétis, rio do sul da Espanha, desagua no oceano Atlântico, simbolizando o ocidente[203]. Em outro momento, o autor utiliza a Líbia e a constelação de Touro para situar o norte e o sul. Todas essas alegorias servem para demonstrar o poder universal de Medeia:

---

[200] Souza, 2013.
[201] Souza, 2013, p.83.
[202] Ibdem.
[203] Souza, 2013, p.84.

haec passa ferrum est, dum parat Phoebus diem,
illius alta nocte succisus frutex;
at huius ungue secta cantato seges.
Mortifera carpit gramina ac serpentium
saniem exprimit miscetque et obscenas aues
maestique cor bubonis et raucae strigis
exsecta uiuae uiscera. haec scelerum artifex
discreta ponit: his rapax uis ignium,
his gelida pigri frigoris glacies inest.
addit uenenis uerba non illis minus
metuenda.++Sonuit ecce uesano gradu
canitque. mundus uocibus primis tremit.

"Uma submeteu-se ao ferro, enquanto Febo preparava o dia;/
daquela outra foi a haste cortada a altas horas da noite;/
mas o caule desta foi unha gadanha que o cortou."/
"Ela colhe as ervas mortíferas, espreme/
o veneno das serpentes e mistura, com aves agoirentas,/
o coração de um bufo aziago e as vísceras de uma rouca estrige/
extirpadas enquanto estava viva. A artífice de delitos/
separa-os por ordem: umas têm a força voraz do fogo,/
outras contêm o glacial gelo de um frio entorpecedor./
Junta aos venenos palavras não menos temíveis/
do que aqueles. Ouçam, é o seu andar tresloucado que ressoa/
e as suas canções! O universo estremece às suas primeiras
palavras.[204]

Na sequência temos a indicação temporal do momento em que as ervas foram colhidas: ao amanhecer, "*enquanto Febo preparava o dia*" e de madrugada "*a altas horas da noite*". A erva ceifada no raiar do dia é retirada com uma ferramenta, enquanto a colhida à noite é arrancada com as unhas falciformes.

A bruxa mescla os venenos das serpentes com as ervas e adiciona outros elementos de origem animal, como aves inteiras e partes de pássaros. O uso de animais ou seus substratos demonstra a importância da simbologia para o ritual. O bufo é uma ave noturna, de maior porte que os mochos e as corujas. Na cultura antiga, foi associado à morte e à feitiçaria, pois acreditava-se que as feiticeiras se transformavam em bufos[205]. Como vimos na teoria de Mauss, as categorias de animais escolhidos pelas bruxas ao se metamorfosearem são poucas, havendo tradicionalmente opções limitadas para esse fim. Neste caso, Sêneca optou por uma ave noturna, que está no mesmo campo semântico das corujas e corvos.

A estrige, espécie de coruja, é uma ave lendária noturna, também associada à bruxaria, que os antigos consideravam uma espécie de vampiro ou demônio infanticida.[206] Este vocábulo

[204] Souza, 2013.
[205] Souza, 2013, p.84.
[206] Ibdem.

é especialmente importante, pois consiste na origem do termo *striga* (variação vernácula da norma culta *strix*), que será registrado por Petrônio no *Satyricon* como sinônimo de bruxa. Medeia também coloca em sua mistura aves agourentas, ao que parece inteiras, o coração do bufo e as vísceras da estrige.

A protagonista possui a sua própria forma de organizar as substâncias, reunindo-as em categorias que obedecem à Lei da Similaridade. Alguns elementos queimam como fogo, outros, paralisam como o gelo. O autor parece estar ciente da relação entre o objeto e o propósito que a bruxa deseja alcançar. O que está relacionado ao fogo possui a propriedade de consumir; o que está relacionado ao gelo possui a capacidade de entorpecer.

Após sair do esconderijo com seus ingredientes, Medeia retorna para a entrada da casa, onde a Ama espreita, demonstrando que o ritual será realizado ao ar livre. Nas *Metamorfoses* de Ovídio, ao rejuvenescer Easão, ela também realiza o prodígio na soleira da porta do sogro. Uma das regras sugeridas por Mauss é que o local de realização de um ritual sempre é relevante, e a entrada da casa ou soleira é um dos locais que as tradições mágicas elegeram como espaço propício aos ritos. Em Sêneca, Medeia, sob o céu aberto, começa a evocar todo o tipo de entidade originária do submundo (v.740-749):

> *[Medea] Comprecor uulgus silentum uosque ferales deos*
> *et Chaos caecum atque opacam Ditis umbrosi domum,*
> *Tartari ripis ligatos squalidae Mortis specus.*
> *supplicis, animae, remissis currite ad thalamos nouos:*
> *rota resistat membra torquens, tangat Ixion humum,*
> *Tantalus securus undas hauriat Pirenidas,*
> *[grauior uni poena sedeat coniugis socero mei]*
> *lubricus per saxa retro Sisyphum soluat lapis.*
> *uos quoque, urnis quas foratis inritus ludit labor,*
> *Danaides, coite: uestras hic dies quaerit manus.++*

> "Suplico à multidão de almas silentes e a vós, deuses infernais,/
> ao tenebroso Caos e à negra morada do sombrio Dite,/
> às cavernas da esquálida Morte, confinadas às margens/
> do Tártaro. Almas, dispensados os suplícios, corram, céleres, para o novo casamento:/
> detenha-se a roda que retorce os membros de Ixíon, toque ele o chão;/
> sacie-se Tântalo, sem sobressaltos, nas águas de Pirene;/
> [mantenha-se o castigo — mais severo ainda — apenas para o sogro de meu marido,]/
> que a rocha, deslizando para trás entre os penedos, [derrube Sísifo./
> Vós também, de quem zomba o esforço gasto em vão [com as vasilhas crivadas de furos,/
> filhas de Dánao, vinde em grupo: este dia precisa das vossas mãos."[207]

[207] Souza, 2013.

Além dos elementos materiais mencionados, que se relacionam com as leis ou fórmulas mágicas, Medeia também manipula as entidades espirituais e as almas dos mortos. Sendo assim, segundo Mauss, ela utiliza as "representações pessoais" – também chamadas pelo autor de "demonologia" – para auxiliá-la.

> Uma primeira categoria de espíritos mágicos é constituída pelas almas dos mortos. Há mesmo magias que, seja por redução, seja originalmente, não conhecem outros espíritos. Na Melanésia ocidental, tanto na cerimônia mágica como na religião recorreu-se a espíritos, chamados *tindalos*, que são, todos eles, almas. Todo morto pode tornar-se *tindalo*, se manifesta seu poder por um milagre, uma maleficência etc. Mas, em princípio, só são *tindalos* os que tiveram, em vida, poderes mágicos ou religiosos. (...) Na Grécia, uma outra classe de defuntos fornece auxiliares mágicos, é a dos heróis, isto é, dos mortos que são também o objeto de um culto público; todavia, não é certo que todos os heróis mágicos tenham sido heróis oficiais. Nesse ponto, o *tindalo* melanésio é inteiramente comparável ao herói grego, pois pode jamais ter sido um morto divinizado e, no entanto, é concebido obrigatoriamente sob essa forma.[208]

A feiticeira inicia seu monólogo invocando espíritos infernais de forma genérica para que acompanhem o casamento de Creusa. Depois, ela evoca espíritos específicos, personalizados, como Ixíon, Tântalo, Sísifo e as "filhas de Dánao".

Medeia convoca os deuses infernais e as almas que habitam o Hades para que venham ao casamento de Creúsa. Ela clama principalmente pelas almas atordoadas por castigos eternos: Ixíon, que foi amarrado a uma roda em chamas girando sem cessar; Tântalo, condenado à fome e sede eternas, pois a água e as árvores frutíferas afastavam-se sempre que ele lhes tentava tocar; e Sísifo, que foi condenado a puxar uma pedra colina acima eternamente. É interessante notar que Sísifo é um antepassado de Creonte, e, por isso, ela deseja que a rocha que sempre rola colina abaixo finalmente o atinja. Medeia também menciona "as filhas de Dánao", as Danaides, que mataram os respectivos maridos (com exceção de Hipermnestra) e por isso são obrigadas, no Hades, a encherem de água uma jarra com furos, por onde a água sempre escapa.

Sendo assim, os infelizes que se encontram em castigo eterno, juntamente com as "filhas de Dánao", representam grupo especial de almas sofredoras que podem ser direcionadas para a realização de malefícios:

> (...) Os mortos são espíritos mágicos, seja em virtude de uma crença geral em seu poder divino, seja em virtude de uma qualificação especial dos fantasmas, lhes dá, em relação aos seres religiosos, um lugar determinado. Uma segunda categoria de seres mágicos é a dos demônios. Obviamente, a palavra demônio não é, para nós, sinônimo da palavra diabo, mas das palavras gênio, *djinn* etc. São espíritos um pouco distintos

[208] Mauss e Hubert, 2018, p. 84-85.

> das almas dos mortos, por um lado, e que, por outro, ainda não chegaram à divindade dos deuses.[209]

A tradição religiosa grega preconiza que os deuses olímpicos geralmente devem ser reverenciados em seus templos ou junto a seus monumentos. As divindades ctônicas ou aquelas ligadas à terra, rios ou bosques são obrigatoriamente evocadas ao ar livre. Além dos deuses infernais, a feiticeira chama também por Diana, a manifestação terrestre de Hécate.

Medeia não desce ao submundo para realizar o feitiço, mas evoca todo tipo de alma, fantasma e demônio que lá habita, sendo o Hades, portanto, um espaço geográfico responsável por abrigar entidades espirituais, além de ser a morada dos deuses ctônicos. A bruxa parece permanecer na antessala do inferno, abrindo o portal entre os dois mundos. Algo semelhante ocorrerá na *Farsália*, de Lucano, e, em ambos os casos, a referência para tal gesto é, indubitavelmente, a Sibila de Cumas. Em seguida Medeia, evoca a Lua:

> *nunc meis uocata sacris, noctium sidus, ueni*
> *pessimos induta uultus, fronte non una minax.*
> *Tibi more gentis uinculo soluens comam*
> *secreta nudo nemora lustraui pede*
> *et euocaui nubibus siccis aquas*
> *egique ad imum maria, et Oceanus graues*
> *interius undas aestibus uictis dedit,*
> *pariterque mundus lege confusa aetheris*
> *et solem et astra uidit et uetitum mare*
> *tetigistis, ursae. temporum flexi uices:*
> *aestiua tellus horruit cantu meo,*
> *coacta messem uidit hibernam Ceres;*
> *uiolenta Phasis uertit in fontem uada*
> *et Hister, in tot ora diuisus, truces*
> *compressit undas omnibus ripis piger;*
> *sonuere fluctus, tumuit insanum mare*
> *tacente uento; nemoris antiqui domus*
> *amisit umbras uocis imperio meae.++*
> *die relicto Phoebus in medio stetit,*
> *Hyadesque nostris cantibus motae labant:*

> "Convidada para os meus rituais, vem agora, astro noturno,/
> trazendo um aspecto horrível, ameaçando com cada uma das tuas faces./
> Para ti, soltando o laço dos cabelos, conforme o costume/
> do meu povo, percorri os bosques recônditos/
> de pés descalços e fiz jorrar água de nuvens secas,/
> e empurrei o mar para os seus abismos: o Oceano produziu/
> forte ondulação nas suas profundezas, vencidas as marés.
> Subverteram-se as leis do firmamento; e o mundo viu,
> ao mesmo tempo, o sol e os astros; e vós, Ursas, tocastes
> no mar proibido. Alterei a ordem das estações:
> no Verão a terra arrepiou-se com o meu canto
> e Ceres foi obrigada a assistir a uma colheita no Inverno.
> O Fásis fez refluir o seu impetuoso caudal até à nascente,

[209] Mauss e Hubert, 2018, p.85.

> e o Histro, que se ramifica em tão numerosas
> embocaduras, conteve as águas ameaçadoras, deslizando
> [serenamente em todos os seus canais
> As vagas ressoaram, o mar enfurecido intumesceu,
> ainda que não se ouvisse o vento. A morada do antigo
> bosque perdeu a sua sombra por ordem da minha voz.
> Ao abandonar o dia, Febo parou em pleno curso,
> e as Híades vacilam, perturbadas pelos meus cantos.[210]

Sêneca nos mostra Medeia caracterizada como agente mágico, de cabelos soltos e pés descalços. Assim como em Ovídio (*Metamorfoses*; VII), na tragédia sequeniana, não há descrições sobre as características físicas da protagonista. Sabemos apenas como ela se apresenta durante a execução do ritual.

Medeia, na Cólquida, obedecia às tradições ritualísticas em lugares específicos: "*Para ti, soltando o laço dos cabelos, conforme o costume/ do meu povo, percorri os bosques recônditos* (...)". (v.753). As florestas escondidas, como sugere Mauss, é o local de predileção para a prática, iniciação ou aprendizagem da magia. A feiticeira descreve um costume das mulheres dos Colcos, seu povo, de soltar os cabelos e tocar o chão com os pés descalços em determinados rituais religiosos. Segundo Souza (2013) é mais improvável a hipótese de se tratar de feiticeiras, pois estas não se consideravam a si próprias como um grupo específico[211]. Há, portanto, uma situação ambígua, que pode significar tanto um ato religioso quanto um ato mágico. Existe, nesse caso, um obstáculo para a distinção entre religião e feitiçaria. Optamos por endossar a tese de Souza (2013) de que a princesa descreve simplesmente a tradição de seu povo.

Ao se dirigir à Lua (astro noturno), Medeia cita todas as suas façanhas alcançadas com a ajuda da deusa, especialmente aquelas relativas ao controle da natureza. Essa ostentação de prodígios nos parece uma forma de negociação com a divindade, em que ela tenta ganhar sua benevolência ao lembrá-la de todos os auxílios que já prestara à feiticeira.

Medeia descreve o imenso poder que possui no comando dos elementos: sol, lua, estrelas, marés, cursos dos rios e do tempo, ventos, a fertilidade da terra. Ela se mostra como um ser capaz de interromper ou suspender o fluxo da vida e a ordem natural. As Híades são estrelas que formam uma constelação, cujo movimento incomum contrasta com a imobilidade do sol[212].

A identificação da protagonista com o mundo natural, especialmente com o mar, é uma constante ao longo do poema.

---

[210] Souza, 2013.
[211] Souza, 2013. p. 86.
[212] Souza, 2013, p. 87.

No trecho a seguir, Medeia evoca o deus olímpico Apolo: "É altura, Febo, de celebrar os teus rituais./ São para ti estas grinaldas (...)" (v.770-771). Apesar de ser um deus olímpico, Apolo é frequentemente chamado pelas feiticeiras na literatura latina por ser a divindade que viabiliza os oráculos. Por ser também irmão de Diana, os dois formam uma importante dicotomia na manipulação da natureza por simbolizarem forças opostas, e, quando as bruxas interferem no movimento dos astros, ocorrem os mais diversos fenômenos, como eclipses e alterações no curso do dia e da noite (v.770-784):

adesse sacris tempus est, Phoebe, tuis.
Tibi haec cruenta serta texuntur manu,
nouena quae serpens ligat,
tibi haec Typhoeus membra quae discors tulit,
qui regna concussit Iouis.
uectoris istic perfidi sanguis inest,
quem Nessus expirans dedit.
Oetaeus isto cinere defecit rogus,
qui uirus Herculeum bibit.
piae sororis, impiae matris, facem
ultricis Althaeae uides.
reliquit istas inuio plumas specu
Harpyia, dum Zeten fugit.
his adice pinnas sauciae Stymphalidos
Lernaea passae spicula.++

É altura, Febo, de celebrar os teus rituais.
São para ti estas grinaldas que mãos ensanguentadas
entretecem (nove serpentes as enlaçam),
para ti estes membros que pertenciam ao rebelde
Tifeu, o qual abalou o reino de Júpiter.
Aqui está o sangue do pérfido barqueiro,
que Nesso me ofereceu ao expirar.
A pira do Eta, que bebeu o veneno de Hércules,
ficou reduzida a esta cinza.
Eis o facho da piedosa irmã e da desnaturada mãe,
a vingadora Alteia.
A Harpia[213] deixou para trás estas penas numa gruta
sem acesso, enquanto fugia de Zetes.
Acrescenta-lhes as penas de uma ave ferida do Estinfalo
vítima das setas de Lerna.[214]

Ao evocar Febo, a heroína lista uma série de propriedades mágicas de origem mitológica derivadas dos corpos de heróis e monstros. Os membros que compõem a grinalda sangrenta ofertada a Febo são serpentes tiradas de Tifeu, monstro representado com cem cabeças de cobras que brotavam por todo seu corpo. [215]

[213] As Harpias eram seres com corpo de ave e cabeça de mulher que atormentaram o profeta cego Fineu e foram afugentadas por Zetes e Cálais.
[214] Souza, 2013.
[215] Souza, 2013, p. 87.

O sangue do centauro Nesso, usado erroneamente em Hércules como poção de amor por Dejanira, se mostra um poderoso veneno. Ao que parece, o próprio Nesso o ofereceu à Medeia. Altéia, rainha de Calidão, vinga o assassinato de seus irmãos, matando seu próprio filho. Ela mata Meléagro jogando a brasa que o mantém vivo em uma fogueira. Notamos que a história de Altéia aparece como um prelúdio ao que Medeia irá fazer em seguida: matar os próprios filhos.

A feiticeira usa também penas de Harpia e as penas das aves de Estínfalo, que eram como flechas lançadas pelos pássaros. Atirando as penas como armas, aterrorizavam os habitantes de Estínfalo, lago da região da Arcádia. Um dos trabalhos de Hércules consistiu em matar essas aves com setas embebidas pelo veneno da Hidra de Lerna.

Finalizando a evocação da Lua, temos a descrição do carro de Hécate, a deusa tríplice (v.785-796):

> *sonuistis, arae, tripodas agnosco meos*
> *fauente commotos dea.*
> *Video Triuiae currus agiles,*
> *non quos pleno lucida uultu*
> *pernox agitat,*
> *sed quos facie lurida maesta,*
> *cum Thessalicis uexata minis*
> *caelum freno propiore legit.*
> *sic face tristem pallida lucem*
> *funde per auras,*
> *horrore nouo terre populos*
> *inque auxilium, Dictynna, tuum*
> *pretiosa sonent aera Corinthi.*
>
> Altares, ressoastes; reconheço o estremecer das minhas
> trípodes, quando a deusa se mostra favorável.
> Estou a ver o carro veloz de Trívia[216],
> não aquele que ela impele pela noite fora,
> luminosa em toda a sua face,
> mas o que ela impele, lívida, com expressão consternada,
> quando, atormentada pelas ameaças tessálicas,
> atravessa o céu com rédeas mais curtas.
> Assim, com um facho pálido, espalha pelos ares
> uma luz sombria, aterroriza os povos
> com uma nova ameaça e em teu auxílio, Dictina[217],
> vibrem os preciosos bronzes de Corinto.[218]

Após realizar os ritos orais e manuais que compõem seu feitiço, Medeia aguarda a manifestação das divindades e espíritos evocados. O primeiro sinal é o estremecer do tripé, que assinalava a presença da divindade, neste caso a irmã de Apolo, Diana ou Hécate[219]. Esse tripé,

[216] Trívia refere-se a Hécate, a deusa triforme.
[217] Dictina refere-se à Diana.
[218] Souza, 2013.
[219] Souza, 2013, p. 88.

mais comumente chamado na poesia de 'trípode', consiste em um banco alto com três pés no qual as sacerdotisas de Apolo permaneciam sentadas quando realizavam os oráculos sagrados, enquanto inalavam os vapores provenientes do subsolo dos templos. Vemos nesta cena a imitação de um ritual religioso na execução de um feitiço, ou seja, Medeia emula os ritos e os gestos de uma pitonisa sagrada.

Medeia nota o aspecto diferente do luar como um indício de que Hécate responde às suas preces. As "ameaças tessálicas" fazem alusão às bruxas da Tessália, que têm o costume de ameaçar os deuses. A divindade lunar guia de forma diferente quando está sendo atacada pelas bruxas. Nas noites de lua cheia, Trívia guia o seu carro, desde o pôr-do-sol até à alvorada, sendo visível toda a noite. Quando as bruxas, que têm o poder de puxar a lua para baixo e provocar um eclipse, a atacam, ela guia mais devagar.[220]

Nesta parte somos desafiados a refletir sobre o poder que as bruxas possuem, uma vez que são capazes de atacar uma deusa. O clangor dos pratos de bronze servia para desfazer a magia das bruxas, ajudando a lua a voltar ao seu lugar durante o eclipse.[221]

Lembremos que nas Bucólica VIII, de Virgílio, o pastor Alfesibeu também aguarda os sinais dos deuses para confirmar a eficácia de seu feitiço. De maneira caricata, o mesmo ocorre no Epodo V, de Horácio, quando Canídia recebe amostras da ineficácia de seus conjuros.

O ritual prossegue com um sacrifício, no qual Medeia oferta o próprio sangue no altar (v.797-811):

> *Tibi sanguineo caespite sacrum*
> *sollemne damus,*
> *tibi de medio rapta sepulcro*
> *fax nocturnos sustulit ignes,*
> *tibi mota caput flexa uoces*
> *ceruice dedi,*
> *tibi funereo de more iacens*
> *passos cingit uitta capillos,*
> *tibi iactatur tristis Stygia*
> *ramus ab unda,*
> *tibi nudato pectore maenas*
> *sacro feriam bracchia cultro.*
> *manet noster sanguis ad aras:*
> *assuesce, manus, stringere ferrum*
> *carosque pati posse cruores++*
> *sacrum laticem percussa dedi.*
>
> "Para ti, num altar de erva ensanguentada, fazemos um sacrifício ritual;
> para ti, arrebatado do meio de uma pira fúnebre,
> o archote desencadeia fogos noturnos; para ti,
> movendo a cabeça e flectindo o pescoço, eu proferi
> fórmulas; para ti, colocada segundo o costume fúnebre,
> uma faixa cinge os meus cabelos soltos;

[220] Souza, 2013, p. 88.
[221] Ibdem.

para ti brando este ramo sinistro,
vindo das águas do Estige;
para ti, com o peito nu, como uma Mênade[222],
golpearei os braços com uma faca sagrada.
Jorre o meu sangue sobre o altar."
Acostuma-te, mão, a desembainhar a espada
e a conseguir suportar as golfadas do teu próprio sangue:
lacerando-me, ofereci o sagrado líquido.[223]

A tocha utilizada por Medeia provém de uma pira funerária (v.799-800). Neste momento, ela prende novamente os cabelos com uma faixa (v.803-804). Ela também imita os gestos da Sibila de Cumas, agitando o ramo de ouro que abre as portas do inferno (v.805-806).

Finalmente, a feiticeira oferta o seu sangue como sacrifício, ferindo os próprios braços. O visual de cabelos soltos e os seios desnudos (v.807-809) que a fazem parecer uma Mênade – correspondente grego das bacantes – consiste em uma comparação corriqueira nas descrições das bruxas greco-romanas.

Os ferimentos autoinfligidos por uma arma consagrada <*sacro cultro*> revelam o estado de transe da feiticeira. Ao fazer oferendas à Diana (Dictina), Medeia agita o ramo sagrado do rio Estige e oferece o próprio sangue como sacrifício.

Em seguida, Medeia se desculpa com Hécate, filha de Perses, por invocá-la demasiadamente (v.812-815):

Quodsi nimium saepe uocari
quereris uotis, ignosce, precor:
causa uocandi, Persei, tuos
saepius arcus
texto atque eadem est semper, Iason.

"Mas, se te queixares de seres invocada demasiadas vezes
pelas minhas preces, perdoa-me, eu te imploro.
Filha de Perses[224], a razão por que invoco
tão amiúde o teu arco
é só uma e sempre a mesma: Jasão."[225]

Esse gesto de deferência demonstra a proximidade da feiticeira com a divindade tríplice, numa relação de intimidade semelhante ao que as pessoas comuns experimentavam na prática da religião votiva.

[222] As Mênades, também conhecidas como Bacantes, Tíades ou Bassárides, são as ninfas adoradoras do culto de Dioniso. Eram conhecidas como selvagens e endoidecidas, e, por isso, Medeia se compara a uma Mênade ao preparar seu autoflagelo com os seios nus.
[223] Souza, 2013.
[224] A filha de Perses refere-se à Hécate, única filha do titã Perses.
[225] Souza, 2013.

Outro ponto importante é que, segundo Mauss, Hécate também compõe a categoria de "representações pessoais". Medeia se desculpa por invocar a deusa repetidamente, e isso aponta para o uso frequente de uma tradição mágica:

> As representações pessoais possuem, na magia, uma consistência suficiente para ter formado mitos. Os feitiços míticos que acabamos de mencionar contêm mitos próprios à magia. Há outros que explicam a origem da tradição mágica, a das relações simpáticas, a dos ritos etc. Mas, se a magia conhece mitos, ela conhece apenas mitos rudimentares, muito objetivos, que visam somente às coisas e não às pessoas espirituais. A magia é pouco poética, ela não quis fazer a história de seus demônios. Estes são como soldados de um exército, formam tropas, ganas, bandos de caçadores, cavalgadas; não possuem uma verdadeira individualidade. Mais ainda: quando os deuses entram na magia, eles perdem sua personalidade e deixam, por assim dizer, seu mito à porta. A magia não considera neles o indivíduo, mas a qualidade, a força, seja genérica, seja específica, sem contar que as deforma à vontade e as reduz com frequência a não serem mais que simples nomes[226].

Mauss sublinha novamente a intersecção entre magia e religião, bem como o fato de ambas serem, em algumas ocasiões rituais, codependentes:

> Assim como vimos as encantações produzirem demônios, os deuses acabam por se reduzir a encantações. O fato de a magia dar um lugar aos deuses mostra que ela soube tirar partido das crenças obrigatórias da sociedade. Como eles eram objeto de crenças para a sociedade, ela os fez servir a seus propósitos.[227]

Medeia prossegue descrevendo sua vingança e o efeito da poção quando entrar em contato com a pele de Creusa, através de suas roupas embebidas em veneno (v.817-832):

> *Tu nunc uestes tinge Creusae,*
> *quas cum primum sumpserit, imas*
> *urat serpens flamma medullas.*
> *Ignis fuluo clusus in auro*
> *latet obscurus, quem mihi caeli*
> *qui furta luit uiscere feto*
> *dedit et docuit condere uires*
> *arte, Prometheus; dedit et tenui*
> *sulphure tectos Mulciber ignes,*
> *et uiuacis fulgura flammae*
> *de cognato Phaethonte tuli.*
> *habeo mediae dona Chimaerae,*
> *habeo flammas usto tauri*
> *gutture raptas,*
> *quas permixto felle Medusae*
> *tacitum iussi seruare malum.*
>
> Tu, tinge agora as vestes de Creúsa,
> e, assim que ela as vestir, a chama

[226] Mauss e Hubert, 2018, p. 87-88.
[227] Idem, p. 88.

> serpenteando queime-lhe os ossos até à medula.
> Fechado num ouro fulvo, dissimulado,
> esconde-se o fogo que me deu
> aquele que, com o fígado sempre refeito, expiou
> o que aos céus roubou e me ensinou a ocultar com arte
> o poder do fogo, Prometeu. Mulcíbero[228] também me
> deu o fogo coberto com um ténue manto de enxofre[229]
> e foram relâmpagos de chama inextinguível
> que recebi do meu parente Faetonte[230]
> Tenho dádivas tiradas do meio do corpo da Quimera[231],
> tenho chamas arrancadas às goelas
> igníferas do touro[232],
> que misturei com o fel de Medusa,
> ordenando que mantivessem escondido o seu malefício.[233]

A referência a Prometeu é recorrente. Existem algumas semelhanças simbólicas entre os mitos de Medeia e Prometeu, como afirma Gouvêa-Júnior:

> Nos feitiços de Medeia, as ervas nascidas do sangue de Prometeu são comuns. E Prometeu, que roubara de Zeus o fogo, era o detentor do saber, da *metis* antecipada, tornando-se o símbolo do filantropo, do instigador da humanidade e da cultura humana, enquanto Medeia – que também detinha o saber e cujo nome tinha igualmente o sentido original de sabedoria – era, porém, selvagem e indomável, transformando-se, em oposição, no símbolo de misantropia. (2013: 38)

Todo o conhecimento mágico de Medeia se alia ao selvagem e primitivo, ao contrário do conhecimento originário de Prometeu, de viés civilizatório. Ao mesmo tempo, a analogia entre os dois semideuses nos permite associar a magia com a ciência experimental que lentamente se desenvolvia na Antiguidade Greco-Romana (v.832-848):

> *Adde uenenis stimulos, Hecate,*
> *donisque meis semina flammae*
> *condita serua:*
> *fallant uisus tactusque ferant,*
> *meet in pectus uenasque calor,*
> *stillent artus ossaque fument*
> *uincatque suas flagrante coma*
> *noua nupta faces.*
> *Vota tenentur: ter latratus*
> *audax Hecate dedit et sacros*
> *edidit ignes face luctifera.*
> *Peracta uis est omnis: huc gnatos uoca,*
> *pretiosa per quos dona nubenti feram.*

[228] Mulcíbero corresponde à Vulcano, deus do fogo.
[229] O enxofre, na Antiguidade, era associado ao fogo.
[230] Faetonte é filho do Sol, e o Sol é avô de Medeia.
[231] Segundo a descrição homérica, a Quimera "à frente tem forma de leão, atrás de dragão, no meio de cabra; o seu sopro é a fúria terrível do fogo ardente." É provável que Sêneca tenha interpretado a descrição homérica da Quimera como exalando fogo da parte central.
[232] Os mesmos touros que expeliam fogo, usados por Jasão, na Cólquida, para semear os dentes de dragão.
[233] Souza, 2013.

Ite, ite, nati, matris infaustae genus,
placate uobis munere et multa prece
dominam ac nouercam. uadite et celeres domum
referte gressus, ultimo amplexu ut fruar.

Reforça os meus venenos, Hécate, e preserva
as sementes das chamas ocultas nas minhas dádivas:
passem despercebidas à vista e ao tacto sejam
insensíveis, penetre o calor no peito e nas veias,
liquefaçam-se os membros e fumeguem os ossos,
e com a cabeleireira a arder sobressaia
sobre os fachos nupciais a nova noiva.
As minhas preces foram ouvidas: três vezes ladrou
a feroz Hécate e cuspiu fogos
sagrados o seu facho sinistro.

A poderosa mistura está acabada. Chama para aqui
as crianças, para, por seu intermédio, eu entregar
à nubente as preciosas oferendas.

Entram os filhos de Medeia

Ide, ide, queridos filhos, de uma mãe infausta a criação,
aplacai com esta dádiva e muitas preces
a vossa senhora e madrasta. Abalai e regressai, céleres,
a casa, para eu desfrutar de um derradeiro abraço.

[Medeia, a Ama e as crianças saem][234]

Do ponto de vista formal do texto, quando Medeia realiza o seu feitiço (exceto a descrição feita pela Ama), entre os versos 740-848, existe uma variação métrica acentuada. Temos a seguinte distribuição de metros durante a fala de Medeia:

(I) 752-770: trímetros jâmbicos;
(II) 771-786: trímetros jâmbicos com dímetros jâmbicos;
(III) 787-842: dímetros e monômetros anapésticos;
(IV) 843-848: trímetros jâmbicos;

Vemos que, entre os versos 787 e 842, a heroína entoa uma sequência de dímetros e monômetros anapésticos, com o seguinte ritmo:

^^_ ^^_ (breve, breve, longa)

Esse metro, a depender do contexto, pode ser chamado de "canto anapéstico". Como nos diz Lohner (1999):

[234] Souza, 2013.

> O dímetro anapéstico é um metro tradicionalmente empregado nos cantos corais da tragédia. É um ritmo de caráter vivaz, próprio também das marchas militares e religiosas. A presença desse *canticum*, portanto, gera um efeito contrastante em relação ao tom sombrio frequentemente encontrado na abertura de uma tragédia.[235]

A métrica das falas apontadas acima se difere do restante da peça. O metro utilizado nos monólogos e diálogos da obra de Sêneca foi o trímetro jâmbico (breve-longa), típico da maioria dos discursos dramáticos, que segue um padrão semelhante a este:

ĭ nc ē rt ă v ā ec ŏ rs m ē nt ĕ v ā es ă n ā f ĕ r ō r.

Por causa da diferença acentuada entre o trímetro jâmbico utilizado nos diálogos e monólogos na peça, e o monólogo de Medeia, notamos que, ao iniciar o seu feitiço, ela está cantando, e não apenas recitando. Além disso, trata-se de uma melodia vivaz, como nos diz Lohner (1999). Isso demonstra a intenção de Sêneca de destacar esta cena em sua tragédia, além de reproduzir ou imitar um canto mágico.

Vimos todos os elementos do ritual mágico propostos por Mauss descritos em Sêneca, porém, descritos de maneira hiperbólica. Tudo é minunciosamente detalhado e abundante. A lista de elementos com propriedades parece não cessar, assim como parece não haver limites para a atuação de Medeia sobre as forças da natureza.

A análise da encenação da bruxaria no quarto episódio da tragédia senequiana nos revela uma mistura complexa de elementos mágicos, mitológicos, culturais e religiosos. Medeia emerge como uma figura que encarna o conhecimento oculto, a manipulação dos elementos naturais e a invocação de entidades espirituais, demonstrando a profunda conexão entre magia e ciência na Antiguidade.

A presença de elementos mitológicos, como monstros, serpentes, constelações e o chamado de deuses como Apolo, Hécate e Diana, reforçam a simbologia do poder de Medeia sobre a natureza. A escolha de locais específicos, o uso de objetos sagrados e a realização de rituais ao ar livre também evidenciam a importância do espaço na prática mágica, conforme apontado por Mauss. A invocação de semideuses como Prometeu e Esculápio, patrono da medicina clássica, juntamente com a manipulação de elementos naturais, demonstra uma compreensão do mundo que transcende o mero misticismo, aproximando-se de uma proto-ciência, onde o conhecimento empírico e a magia se confundem e se mesclam.

---

[235] Lohner, 1999, p. 164.

O ritmo métrico da sequência de dímetros e monômetros anapésticos utilizados entre os versos 787 e 842 destaca a teatralidade e o caráter ritualístico da cena, substanciando a ideia de que Medeia não apenas recita, mas canta seus feitiços, elevando-os a um nível sagrado. Essa teatralização intensifica o efeito dramático e simbólico da cena, e evidencia a força do canto mágico como instrumento de poder.

A hipérbole presente na descrição das propriedades mágicas reforça a ideia de que, na obra de Sêneca, a magia é apresentada como uma força quase ilimitada, capaz de alterar a ordem natural e invocar forças do submundo. Assim, a tragédia não apenas retrata um feitiço, mas também reflete a visão antiga de que o conhecimento oculto, quando manipulado com destreza, possui um potencial desmedido de transformação e destruição.

4.9. *Farsália*: Canto VI (excerto) – Lucano

Marco Aneu Lucano nasceu na Hispânia, em Córdoba, no dia 3 de novembro de 39 d.C.[236]. Lucano é filho de Aneu Mela, irmão de Sêneca e, portanto, sobrinho do filósofo. Em 40 d.C., mudou-se com a família para Roma, onde foi educado por seu professor, o estoico Aneu Cornuro, em cuja escola conheceu Pérsio[237], que se tornou seu amigo.

Devido ao seu talento e brilhantismo intelectual, ainda muito jovem integrou-se na corte de Nero, chegando a figurar entre seus amigos íntimos. Por concessão especial do príncipe, Lucano assumiu o cargo de *questor* antes da idade mínima especificada por lei. Nesta mesma época, também por influência do imperador, ingressou no colégio de áugures.[238]

Algumas fontes antigas afirmam que o poeta publicou os três primeiros livros da *Farsália* ainda no ano de 60 d.C. Por razões que não são claras, nos anos seguintes houve um rompimento abrupto com o imperador. Caindo em desgraça com o príncipe e afastado da corte, Lucano juntou-se à conspiração de Pisão. Quando a conspiração foi descoberta, ele, como muitos outros, incluindo seu tio Sêneca, receberam a ordem de tirar a própria vida. Morreu por suas próprias mãos em 30 de abril de 65, com menos de 26 anos. Sua principal obra foi preservada, o poema épico *Bellum Civile* ou *Pharsalia* (*Farsália*). *Bellum Civile* é o título obtido das biografias antigas e dos manuscritos; o próprio Lucano chama sua obra de *Pharsalia*, local da batalha decisiva entre César e Pompeu.

Os motivos que levaram à inimizade entre Lucano e Nero nunca foram esclarecidos, mas testemunhos antigos referem-se à inveja literária por parte do imperador, além da possível desconfiança sobre as ideias expressas no poema épico, as quais eram explicitamente marcadas por um republicanismo nostálgico.

O poema, em dez livros, com um total de 8.060 hexâmetros, foi deixado inacabado devido à morte do autor. Nota-se que o livro 10, muito mais curto que os outros, foi subitamente interrompido.

A *Farsália*, escrita em meados do século I d.C., consiste em uma epopeia de tipo histórico[239], estilo que dominou o gosto literário em Roma por quase três séculos antes das grandes obras de Virgílio e Ovídio. Sendo assim, Lucano (39-65 d.C.), além de conceber uma

---

[236] Conte, 1999.
[237] Aulo Pérsio Flaco (34 d.C. — 62 d.C.), poeta satírico do período neroniano.
[238] Escola mística que formava videntes e oráculos para exercer a arte da adivinhação.
[239] Névio (271 a.C. – 202 a.C.) e Ênio (239 a.C. – 169 a.C.) são exemplos de autores de outras epopeias centradas em relatos históricos adornados com mitos.

poesia épica que narra feitos ocorridos cem anos antes de seu nascimento, retoma uma tradição latina anterior à obra de Virgílio.

Uma das principais características de *Bellum Civile* é o distanciamento da fórmula da epopeia homérica, excluindo os deuses que determinam as ações humanas. O próprio autor afirma no primeiro livro da *Farsália* que "Nero o inspira", e não Apolo ou Dioniso, e que seus versos seriam "*romana carmina*", ou "cantos romanos". Outros escritores do mesmo século, como Estácio (45 – 96 d.C.), denominaram sua obra como *carmen togatum* (*Silvae*, II.7.53), ou seja, de caráter romano, por tratar de assuntos históricos[240]. Houve, portanto, no século I a.C., a epopeia homérico-nacionalista de Virgílio, e a épica mítica de Ovídio. Já no século I d.C., Lucano recria um outro estilo, remodelando a tradição latina da épica histórica. Sua obra concentra-se em uma temporalidade sucinta, remove a interferência divina e evita os mitos de fundação:

> A épica de Lucano apresenta as ações grandiosas da história movidas apenas por agentes humanos, sem um plano divino ou destino maior previamente traçados, mas apenas a Fortuna, personificação da sorte e do azar, a guiar os homens, cegos por suas próprias ambições, no turbilhão da vida.[241]

Isso não significa que a epopeia de Lucano seja exclusivamente um relato de fatos verídicos. Um exemplo oportuno das contradições históricas encontradas no poema é a presença de Cícero (106 a.C. – 43 a.C.), que convenceu Pompeu (67 a.C. – 35 a.C.) em uma discussão na qual o orador certamente não participou.

Devemos lembrar que o nosso entendimento contemporâneo de um texto histórico se difere significativamente do que era concebido como "história" pelos povos antigos. Portanto, não se pode exigir o mesmo rigor metodológico de um texto histórico romano, pois ele apenas "obedece às leis do gênero e ao que é adequado à sua construção enquanto texto literário".[242]

Existem duas abordagens principais sobre a *Farsália*. A primeira diz respeito ao contexto político e a biografia de Lucano – incluindo sua relação com Nero – e a segunda sobre a construção de seu texto, sua linguagem e seu estilo exagerado. Podemos resumir o tema central da obra como a degeneração da República e seu paralelo com os valores tradicionais romanos, tais como coragem, piedade e integridade. Estes estariam em declínio juntamente à dissolução do governo republicano, sendo a guerra civil uma forma corrompida da liberdade e

[240] Leite, 2016, p. 50.
[241] Ibdem.
[242] Leite, 2016, p. 51.

de seus ideais. Para nós, leitores, torna-se difícil identificar heróis na trama sobre a luta fratricida, uma vez que quase todas as personagens se mostram desvirtuosas:

> Mesmo a figura do herói se dilui: quando muito há um anti-herói, César, que representa um feixe de características pouco romanas e principalmente, pouco republicanas: a impiedade, a tirania, a cobiça. Pompeu também não pode ser considerado um herói, nem como aquele que simboliza qualidades positivas – Pompeu é tão ambicioso quanto César – nem como aquele que define e conduz a narrativa, que se desmembra, seguindo ora César, ora Pompeu, ora outros grupos. Talvez a personagem mais próxima de um herói seja Catão, que luta pelos ideais republicanos; (...).[243]

No trecho que analisaremos, é possível verificar a forma irônica e pouco nobre com a qual a feiticeira Ericto se dirige a Sexto Pompeu.

Outra inovação importante realizada pelo autor é ausência de deuses no poema, ou melhor, a ausência de ação das divindades:

> Os seres sobrenaturais que eventualmente aparecem na narrativa não são personagens, como Zeus, Apolo ou Vênus, mas personificações de conceitos abstratos: a Fortuna, a República, Roma. As próprias personagens são quase estereotipadas, porque corporificam ideais – liberdade, ambição, tirania, covardia – mais do que pessoas[244].

A *Farsália*, por ser desprovida de interferência divina, é tida por alguns como uma obra avessa aos aspectos sobrenaturais[245]. Esse desinteresse pelo domínio religioso e sagrado se explica pela pretensão dos autores antigos de aproximar a épica *togata* da produção historiográfica:

> Um segundo aspecto da textura do poema lucaniano que compõe um fazer historiográfico dentro do campo literário no qual o autor se movimenta é considerado típico da historiografia pelos próprios romanos e também pela história oitocentista: o comprometimento com explicações naturais, ou ao menos o desapreço pelo sobrenatural. A ausência de deidades no *De Bello Civili* é citada como uma das suas características mais marcantes; não está, porém, em qualquer descompasso com o que se esperaria encontrar em um historiador[246].

Para Vieira (2016), a composição dos personagens de César e Pompeu exigem certo realismo para que a *Farsália* possa se aproximar de uma obra historiográfica, o que também é coerente com a ausência das divindades:

---

[243] Leite, 2016, p. 51.
[244] Ibdem.
[245] BARTSCH, Shadi. **Ideology in Cold Blood**: a reading of Lucan's civil War. Cambridge: Harvard University, 1997, p. 63.
[246] Leite, 2019, p. 67.

> Já que fica patente a recusa de se misturarem história e mito, Lucano rejeita sistematicamente a tratar as escaramuças de César e Pompeu com o subterfúgio da intervenção dos deuses, ou seja, com o aparato que os antigos denominavam *deorum ministeria* (cf. Petr. 118). O panteão olímpico vai ter, portanto, na *Farsália*, um rol secundário na superfície da narrativa, embora sua presença como dado de cultura religiosa e literária não se encontre de modo algum banida (especialmente em alguns momentos mais etiológicos, como são o mito de Hércules e Anteu – 4.589-665 – e o da Medusa – 9.624-699)[247]. (p.52)

A inação dos deuses é substituída por outros acontecimentos fantásticos, mas de iniciativa humana. Temos na obra, portanto, a atuação indispensável de uma feiticeira que realiza todo tipo de proeza sobrenatural. Devemos nos perguntar então, qual seria o lugar de Ericto e da feitiçaria nessa epopeia? Vieira (2016) sugere que Lucano busca outras formas de expressão para o que é sobre-humano sem recorrer à mágica dos deuses:

> No lugar desses *deorum ministeria*, digamos, mais convencionais, ou, em termos de tradição épica, mais homérico-virgilianos, Lucano instaura um outro tipo de fabuloso, aproveitando-se de elementos da adivinhação (especialmente de práticas oraculares ou augurais comuns em Roma) ou de um fantástico supersticioso (tais como sonhos, visões, vaticínios, prodígios cósmicos, catástrofes naturais, ou, no caso de Ericto, necromancia). O que importa em ambos os casos é o fato de a intervenção/interpretação humana ser fundamental.

Poderíamos tentar explicar que Pompeu, como anti-herói (assim como César), busca auxílio na magia clandestina, e, por isso, a prática se mostraria condenável, assim como o próprio temperamento do general. Porém, apesar de proibido, o ritual é narrado de forma a enaltecer os poderes da bruxa quanto à sua capacidade de manipular as forças da natureza e a vontade dos deuses. Seria a bruxa, em Lucano, uma personagem que, apesar de detestável, permanece como uma aliada conveniente dos homens poderosos na descoberta dos segredos dos Fados? Entendemos que essa pode ser uma interpretação válida, uma vez que as previsões de Ericto ocupam o mesmo espaço dos oráculos sagrados presentes em outras epopeias, como as de Homero ou Virgílio.

Na *Farsália*, o autor opta por deixar a cargo de uma feiticeira, e não de uma sacerdotisa ordenada, a incumbência pela visão do futuro que irá determinar as ações de um homem da nobreza. Esse fator também seria o indício de que o público romano, já na segunda metade do século I d.C., estivesse bastante familiarizado com a narrativa de grandes performances mágicas. Podemos ainda arriscar dizer que a ação mágica, no contexto poético, substitui o rito religioso, tradicionalmente presente em Homero e Virgílio.

---

[247] Vieira, 2016, p. 52.

Apesar de a magia lidar com elementos sobrenaturais, como vimos até agora, ela também pode ser interpretada como uma técnica, uma ferramenta a serviço dos seres humanos através da arte dos magos. A magia, compreendida como método no contexto da *Farsália*, diminui o alcance dos deuses nas ações terrenas, pois ameaça e constrange as divindades, fazendo-as obedecer aos desejos dos feiticeiros. Entendemos que o ato de moderar o poder dos deuses nas ações humanas está totalmente de acordo com esta épica, que visa contar a história sob o ponto de vista do livre-arbítrio das classes dominantes de Roma.

O trecho pertinente ao uso da feitiçaria se inicia no verso 413 do livro VI, com a instalação do exército de Pompeu nos arredores da Tessália, região onde o chefe militar encontrará Ericto (v.413-437):

hac ubi damnata fatis tellure locarunt[248]
castra duces, cunctos belli praesaga futuri
mens agitat, summique grauem discriminis horam
aduentare palam est, propius iam fata moueri.
degeneres trepidant animi peioraque uersant;
ad dubios pauci praesumpto robore casus
spemque metumque ferunt. turbae sed mixtus inerti
Sextus erat, Magno proles indigna parente,
cui mox Scyllaeis exul grassatus in undis
polluit aequoreos Siculus pirata triumphos.
qui stimulante metu fati praenoscere cursus,
inpatiensque morae uenturisque omnibus aeger,
non tripodas Deli, non Pythia consulit antra,
nec quaesisse libet primis quid frugibus altrix
aere Iouis Dodona sonet, quis noscere fibra
fata queat, quis prodat aues, quis fulgura caeli
seruet et Assyria scrutetur sidera cura,
aut siquid tacitum sed fas erat. ille supernis
detestanda deis saeuorum arcana magorum
nouerat et tristis sacris feralibus aras,
umbrarum Ditisque fidem, miseroque liquebat
scire parum superos. uanum saeuumque furorem
adiuuat ipse locus uicinaque moenia castris
Haemonidum, ficti quas nulla licentia monstri
transierit, quarum quidquid non creditur ars est.

Quando, naquele chão maldito, os generais
puseram seus quartéis, prevendo adiante a guerra,
a mente a todos turba. Eis que chega a hora grave
do derradeiro risco – o Fado se aproxima.
Tremem as almas vis e as piores coisas pensam.
Uns poucos, com valor perante a dúbia sina,
medo e esperança têm. Porém, na turba inerte
estava Sexto – u'a prole indigna de seu pai,
Magno, de quem, depois, no mar de Cila errando,
o síclo pirata estragou os triunfos.
Por medo estimulado a perscrutar o Fado,
impaciente co' o atraso e enfermo co' o porvir,

[248] Devido à longa extensão do poema épico, selecionamos apenas o trecho contendo a temática sobre magia.

> a Pítia não consulta, ou a trípode em Delos.
> Não deseja buscar o que Dodona soou
> no bronze jóveo, ou a quem pode saber
> na entranha o Fado, a quem augure, a quem no céu
> observe os raios e, co' assírio zelo, os astros;
> ou um segredo qualquer – mas lícito. Os arcanos
> do sevos magos, detestados pelos deuses,
> ele aprendera, e o triste altar dos sacrifícios,
> a fé nas sombras e em Plutão. Claro é p'ra o mísero
> que sabem pouco os céus. Ao sevo e vão furor
> ajudam o lugar e as muralhas hemônias
> vizinhas, que nenhum prodígio fabuloso
> podia ultrapassar na arte do que é incrível.[249]

Primeiro descreve-se o ânimo dos soldados (v. 413-417):

> *hac ubi damnata fatis tellure locarunt*
> *castra duces, cunctos belli praesaga futuri*
> *mens agitat, summique grauem discriminis horam*
> *aduentare palam est, propius iam fata moueri.*
> *degeneres trepidant animi peioraque uersant;*

> Quando, naquele chão maldito, os generais
> puseram seus quartéis, prevendo adiante a guerra,
> a mente a todos turba. Eis que chega a hora grave
> do derradeiro risco – o Fado se aproxima.
> Tremem as almas vis e as piores coisas pensam.[250]

Sexto é conceituado como filho desonroso de Magno Cneu Pompeu (v. 419-422)[251]:

> *(...) turbae sed mixtus inerti*
> *Sextus erat, Magno proles indigna parente,*
> *cui mox Scyllaeis exul grassatus in undis*
> *polluit aequoreos Siculus pirata triumphos.*

> (...) Porém, na turba inerte
> estava Sexto – u'a prole indigna de seu pai,
> Magno, de quem, depois, no mar de Cila errando,
> o síciulo pirata estragou os triunfos.[252]

O receio dos horrores da guerra e suas consequências faz com que Sexto busque por adivinhações. Mas fica explícito, porém, que ele recorrerá a meios proibidos para sondar o futuro. Dentre as práticas lícitas que poderiam ser adotadas por Pompeu, o narrador cita os

[249] Traduzido por GOUVÊA-JÚNIOR. Márcio Meirelles. **Farsália**. Livro VI. Em fase de elaboração. 2025.
[250] Gouvêa-Júnior, 2025.
[251] Pompeu Magno, como pessoa histórica, pai de Sexto Pompeu, foi um importante político da *gens Pompeia*, e ocupou o cargo de cônsul nos anos 70, 55 e 52 a.C.
[252] Gouvêa-Júnior, 2025.

diversos recursos religiosos disponíveis para o alcance de previsões. O primeiro deles é a consulta à Pítia ou à "trípode" de Delos (v. 425), referências à sacerdotisa de Apolo em Delfos, ou pitonisa, que, em transe, recebia as previsões apolíneas. O antiquíssimo oráculo de Zeus – ou, aqui, romanizado como Jove – (v.426-427), realizado em Dodona, na Grécia, também é descartado. Em seguida, são citados rituais tradicionais, presentes em muitas liturgias públicas, como a leitura do futuro nas entranhas dos animais (v.428) ou a interpretação dos raios (v.428-429). Curiosamente, a astrologia, prática atribuída no poema aos assírios, é tratada como um ritual lícito (v.429-430). Ainda assim, o General subestima tais fontes de informação divina: "Claro é p'ra o mísero que sabem pouco os céus.", preferindo então "Os arcanos de sevos magos, detestados pelos deuses, (...)".

Antes de prosseguirmos para os próximos versos, devemos destacar o fato de que Sexto Pompeu é descrito como conhecedor de ritos proibidos:

> (...) Os arcanos
> do sevos magos, detestados pelos deuses,
> ele aprendera, e o triste altar dos sacrifícios,
> a fé nas sombras e em Plutão. Claro é p'ra o mísero
> que sabem pouco os céus.

O narrador nos diz que "ele aprendera (...) os arcanos dos sevos magos" e "a fé nas sombras e em Plutão"; ou seja, o sintagma indica que ele sabe executar esses rituais, que, nesse contexto, interpretamos como necromancia. Portanto, podemos concluir de antemão que ele não apenas solicitará os serviços de Ericto, como ele próprio possui afinidade e prática com ritos necromânticos.

Lucano descreve com detalhes a Tessália das lendas, muito bem estabelecida ao longo dos séculos nas literaturas grega e latina. A região é um território não fictício, mas, na tradição literária, é tida como um lugar místico (v.438-460):

> *Thessala quin etiam tellus herbasque nocentes*
> *rupibus ingenuit sensuraque saxa canentes*
> *arcanum ferale magos. ibi plurima surgunt*
> *uim factura deis, et terris hospita Colchis*
> *legit in Haemoniis quas non aduexerat herbas.*
> *inpia tot populis, tot surdas gentibus aures*
> *caelicolum dirae conuertunt carmina gentis.*
> *una per aetherios exit uox illa recessus*
> *uerbaque ad inuitum perfert cogentia numen,*
> *quod non cura poli caelique uolubilis umquam*
> *auocat. infandum tetigit cum sidera murmur,*
> *tum, Babylon Persea licet secretaque Memphis*
> *omne uetustorum soluat penetrale magorum,*
> *abducet superos alienis Thessalis aris.*

carmine Thessalidum dura in praecordia fluxit
non fatis adductus amor, flammisque seueri
inlicitis arsere senes. nec noxia tantum
pocula proficiunt aut cum turgentia suco
frontis amaturae subducunt pignora fetae:
mens hausti nulla sanie polluta ueneni
excantata perit. quos non concordia mixti
alligat ulla tori blandaeque potentia formae
traxerunt torti magica uertigine fili.

A Tessália, ainda mais produz ervas nocivas
sobre os rochedos, e, em suas pedras, magos ouvem
os segredos ferais. Nascem coisas ali
que aos deuses forçam – estrangeira em terra hemônia,
a colca ali colheu ervas que não levara.
O ímpio canto da cruel gente atrai os ouvidos
dos deuses surdos para os povos e as nações.
Só aquela voz chega aos recôncavos etéreos
e leva a fala imposta ao descontente deus
que não descuida do eixo e das voltas do céu.
Quando o murmúrio infame alcançou as estrelas,
então, embora a Babilônia, a Pérsia e Mênfis
os penetrais de antigos magos patenteassem,
da ara estranha, a Tessália os deuses afastou.
Co' encantos da Tessália, ao duro cor afluiu
um amor que não do Fado. Arderam graves velhos
na chama ilícita. As poções daninhas não
funcionam tanto, nem o inchaço retirado
co' a água, da fronte, garantindo o amor à cria.
Não corrompida por veneno algum sorvido,
morreu a alma encantada. Aqueles, que a Concórdia
e a beleza não prendem ao tálamo, os fios
em dança mágica torcidos arrastaram.[253]

Observa-se que uma das principais características da bruxaria descrita na literatura latina é a coação dos deuses. Em solo téssalo, "Nascem coisas ali que aos deuses forçam" (v. 440-441); em seguida, "O ímpio canto da cruel gente atrai os ouvidos dos deuses surdos para os povos e nações" (v. 443-444). Tal é o poder que essa terra exerce sobre a vontade divina. Além disso, diferentemente do que ocorre em outras épicas de inspiração homérico-virgiliana, Lucano evidencia o distanciamento dos deuses diante das questões humanas, isto é, dos povos e das nações.

Interpretamos que, no contexto da *Farsália*, devido a essa distância voluntária, torna-se necessário que o canto dos magos perturbe a placidez das divindades, o que nos conduz ao seguinte questionamento: as liturgias, homenagens e sacrifícios religiosos realizados pelos sacerdotes e acompanhados pelos cidadãos não seriam suficientes para comover os deuses?

[253] Gouvêa-Júnior, 2025.

Talvez Lucano tencionasse apenas deslocar o foco da vontade dos deuses para a iniciativa dos homens.

Ainda sobre a descrição da Tessália, com todas as suas particularidades, destaca-se a extraordinária capacidade de seus bruxos (e bruxas) de bloquear a ação de outros feiticeiros: “então, embora a Babilônia, a Pérsia e Mênfis os penetrais de antigos magos patenteassem, da ara estranha, a Tessália, os deuses afastam”. (v.449-451).

É importante notar que, nesse trecho do poema, Lucano cita Medeia: “estrangeira em terra hemônia, a colca ali colheu ervas que não levara.” (v.441-442). A feiticeira mítica será citada em outros versos adiante, sempre como padrão de potência mágica. Os versos 441-442 da obra remetem ao trecho das *Metamorfoses*, de Ovídio (Livro VII), em que, montada no dragão alado, a princesa da Cólquida realiza sua viagem pelo mundo para recolher ingredientes especiais para uma poção. Esses versos também aludem à peça *Medeia,* de Sêneca, na qual a Ama e a protagonista descrevem uma exaustiva lista de substâncias recolhidas em diversas partes do planeta, usadas para fabricar o filtro mortal que irá aniquilar Creúsa, o rei Creonte e seu palácio.

Em terras tessálas, a ordenação e o fluxo da natureza podem ser alterados, como indica uma série de fenômenos antinaturais (v.461-484):

cessauere uices rerum, dilataque longa
haesit nocte dies. legi non paruit aether,
torpuit et praeceps audito carmine mundus,
axibus et rapidis inpulsos Iuppiter urguens
miratur non ire polos. nunc omnia conplent
imbribus et calido praeducunt nubila Phoebo,
et tonat ignaro caelum Ioue: uocibus isdem
umentis late nebulas nimbosque solutis
excussere comis. uentis cessantibus aequor
intumuit, rursus uetitum sentire procellas
conticuit turbante Noto; puppemque ferentes
in uentum tumuere sinus. de rupe pependit
abscisa fixus torrens, amnisque cucurrit
non qua pronus erat. Nilum non extulit aestas,
Maeander derexit aquas, Rhodanumque morantem
praecipitauit Arar. summisso uertice montes
explicuere iugum, nubes suspexit Olympus,
solibus et nullis Scythicae, cum bruma rigeret,
dimaduere niues. inpulsam sidere Tethyn
reppulit Haemonium defenso litore carmen.
terra quoque inmoti concussit ponderis axes,
et medium uergens titubauit nisus in orbem.
tantae molis onus percussum uoce recessit
perspectumque dedit circum labentis Olympi.

> Cessou o devir de tudo. Alongando-se a noite,
> deteve o dia; às leis o éter não acatou
> e, ouvindo o encanto, o mundo, afoito, entorpeceu,
> e Júpiter, que empurra os polos no eixo rápido,
> vê que não vão. Agora, as nuvens enchem tudo
> de chuva e se antepõem ao quente Febo. O céu,
> sem que Júpiter saiba atroa; co' essas vozes
> dissiparam-se a névoa e os encomados nimbos.
> Cessando o vento, o mar se inchou, e, por sua vez,
> proibido de sentir as procelas, calou-se,
> turbando-o o Noto. As velas, naus levando ao vento,
> inflaram-se. Pendeu de uma rocha partida
> a cachoeira parada, e águas p'ra trás correram.
> O verão não verteu o Nilo; endireitou
> o Meandro as águas; atirou-se o Arar ao Ródano.
> Montes, o alto perdendo, os cumes desprenderam;
> o Olimpo viu debaixo as nuvens e, sem sol,
> embora o inverno, derreteu-se a neve cita.
> O encantamento hemônio, a praia defendendo,
> afastou Tétis, empurrada por u'a estrela.
> A terra sacudiu o eixo do peso imóvel,
> e o esforço por manter-se no orbe vacilou.
> Golpeada pela voz, retrocedeu a massa
> que foi vista librando a circundar o Olimpo.[254]

O narrador lista alguns animais tradicionalmente associados à feitiçaria e mostra como a magia daquele lugar é capaz de domar feras e serpentes (v.485-491):

> *omne potens animal leti genitumque nocere*
> *et pauet Haemonias et mortibus instruit artes.*
> *has auidae tigres et nobilis ira leonum*
> *ore fouent blando; gelidos his explicat orbes*
> *inque pruinoso coluber distenditur aruo;*
> *uiperei coeunt abrupto corpore nodi,*
> *humanoque cadit serpens adflata ueneno.*
>
> Todo animal letal, p'ra o malfazer nascido,
> teme a arte hemônia e ajuda as mortes. Tigres ávidos
> e a nobre fúria dos leões, co' a boca mansa
> acariciam-na. Por ela, os anéis frios
> abre a cobra e se estende em um campo com geada.
> Os nós da víbora, rompido o corpo, ajuntam-se
> e a serpe por veneno humano cai soprada.[255]

Um indício de que a bruxaria, em meados do século I d.C., era um tema conhecido pelo público romano e bastante explorado na literatura é o fato de que Lucano pôde induzir a imaginação de seus interlocutores, propondo questionamentos acerca de certas práticas mágicas. Havia espaço não apenas para o discurso de condenação, mas também para a reflexão

[254] Gouvêa-Júnior, 2025.
[255] Idem.

a respeito da crença na feitiçaria. No trecho a seguir, o narrador indaga por que os deuses temem as ameaças feitas pelos feiticeiros tessálos (v.492-506):

quis labor hic superis cantus herbasque sequendi
spernendique timor? cuius commercia pacti
obstrictos habuere deos? parere necesse est,
an iuuat? ignota tantum pietate merentur,
an tacitis ualuere minis? hoc iuris in omnis
est illis superos, an habent haec carmina certum
imperiosa deum, qui mundum cogere quidquid
cogitur ipse potest? illis et sidera primum
praecipiti deducta polo, Phoebeque serena
non aliter diris uerborum obsessa uenenis
palluit et nigris terrenisque ignibus arsit,
quam si fraterna prohiberet imagine tellus
insereretque suas flammis caelestibus umbras;
et patitur tantos cantu depressa labores
donec supposita propior despumet in herbas.

Que esforço é, para os céus, servir a encantos e, ervas
temendo, os desprezar? Prendeu que pacto os deuses?
Gostam de obedecer ou necessitam dele?
Por piedade insabida, eles tanto o merecem
ou vale a muda ameaça? A todos deuses manda,
ou esse canto impera sobre um certo deus
que obriga o mundo, ao que ele mesmo é constrangido?
Ele primeiro fez as estrelas descerem
do céu pendente. A mansa Fêbea, obsedada
pelos venenos do esconjuro, empaleceu
e, co' os terrenos fogos negros, se queimou,
qual se a imagem fraterna a terra lhe vedasse
e, co' as chamas do céu, inserisse as suas sombras;
e, caída por encanto, aguenta tanto esforço
até que perto espuma as ervas sotopostas.[256]

Como recurso retórico, o narrador questiona se todos os deuses estão sujeitos às ameaças dos feiticeiros ou se há apenas um deus suscetível às coações mágicas, que faz com que os fenômenos sobrenaturais ocorram: <*hoc iuris in omnis/ est illis superos, an habent haec carmina certum/ imperiosa deum, qui mundum cogere quidquid/ cogitur ipse potest?*> "A todos deuses manda,/ ou esse canto impera sobre um certo deus/ que obriga o mundo, ao que ele mesmo é constrangido?" (v.496-498).

Dentre as ameaças aos deuses, está a ação de obscurecer a noite, obrigando a lua a se apagar: <*Phoebeque serena/ non aliter diris uerborum obsessa uenenis/ palluit*> "A mansa Fêbea, obsedada/ pelos venenos do esconjuro, empaleceu" (v.500-502). Em Sêneca (*Medeia*, v.785-796), também encontramos a mesma referência ao fenômeno quando Medeia fabrica sua

[256] Gouvêa-Júnior, 2025.

poção. No entanto, a heroína não o realiza; apenas comenta o costume das feiticeiras tessálicas de açoitar a Lua para fazê-la mudar de curso:

> Estou a ver o carro veloz de Trívia,
> não aquele que ela impele pela noite fora,
> luminosa em toda a sua face,
> mas o que ela impele, lívida, com expressão consternada,
> quando, atormentada pelas ameaças tessálicas,
> atravessa o céu com rédeas mais curtas.
> Assim, com um facho pálido, espalha pelos ares
> uma luz sombria, aterroriza os povos
> com uma nova ameaça e em teu auxílio, Dictina,
> vibrem os preciosos bronzes de Corinto.[257]

A atitude de Medeia no drama senequiano tende mais à reverência do que à coação, pois, naquela cena, não há nenhum tipo de afronta à divindade; ao contrário, seguem-se os sacrifícios em honra à Diana. No quesito "ameaça aos deuses", Ericto, na obra de Lucano, demonstra uma postura muito mais desafiadora do que Medeia em seus atos.

Na *Farsália*, encontramos imagens construídas de forma detalhada. A descrição sobre Ericto é minuciosa e nos parece ser a síntese de várias das características físicas e psicológicas trazidas de outras feiticeiras e entidades infernais pela tradição literária precedente (v.506-530):

> *donec suppositas propior despumet in herbas.*
> *hos scelerum ritus, haec dirae crimina gentis*
> *effera damnarat nimiae pietatis Erictho*
> *inque nouos ritus pollutam duxerat artem.*
> *illi namque nefas urbis summittere tecto*
> *aut laribus ferale caput, desertaque busta*
> *incolit et tumulos expulsis obtinet umbris*
> *grata deis Erebi. coetus audire silentum,*
> *nosse domos Stygias arcanaque Ditis operti*
> *non superi, non uita uetat. tenet ora profanae*
> *foeda situ macies, caeloque ignota sereno*
> *terribilis Stygio facies pallore grauatur*
> *inpexis onerata comis: si nimbus et atrae*
> *sidera subducunt nubes, tunc Thessala nudis*
> *egreditur bustis nocturnaque fulmina captat.*
> *semina fecundae segetis calcata perussit*
> *et non letiferas spirando perdidit auras.*
> *nec superos orat nec cantu supplice numen*
> *auxiliare uocat nec fibras illa litantis*
> *nouit: funereas aris inponere flammas*
> *gaudet et accenso rapuit quae tura sepulchro.*
> *omne nefas superi prima iam uoce precantis*
> *concedunt carmenque timent audire secundum.*
> *uiuentis animas et adhuc sua membra regentis*
> *infodit busto, fatis debentibus annos*

[257] Souza, 2013, *Medeia*, v.785-796

> Tais ritos criminais, cantos da dira gente,
> Ericto por demais piedosos condenara.
> E aplicara a arte impura a novos ritos, pois
> para ela é crime entrar em casa ou lar da urbe
> a cabeça feral. Mora em tumbas vazias,
> obtém os túmulos as sombras expelindo.
> É grata aos deuses infernais. Ouvir os mudos,
> conhecer as mansões estígias e os arcanos
> não lhe impedem os céus nem a vida. Da ímpia
> tem podre o magro rosto, ínscio do céu sereno,
> marcado pela palidez do Estige horrendo.
> Sua cabeleira é desgrenhada: se atras nuvens
> tampam os rostos, a tessália, então, das tumbas
> desnudas sai e vai colher raios noturnos.
> Queimou na fértil messe as sementes pisadas
> e, expirando, estragou os ares não mortíferos.
> Não reza aos céus ou chama um deus com cantos súplices,
> e não conhece as vísceras propiciatórias.
> Alegra-se por pôr nas aras[258] chamas fúnebres
> e em tumbas pega o incenso aceso. À prima fala
> de seu rogo já os céus todos crimes concedem-lhe,
> temendo ouvir segundo encanto. Induz ao túmulo
> vivas almas que ainda os membros seus conduzem
> e, anos devendo ao Fado, a ínvita morte chega.[259]

Embora as ações de Ericto imitem os gestos da Sibila de Cumas virgiliana na cena da catábase, ela agrega características físicas e psicológicas de várias feiticeiras anteriores na tradição literária grega e latina, além de outras figuras mitológicas:

> Como bem compreendia Dinter (2012: 68), à personagem Ericto têm sido atribuídos vários possíveis modelos: a Medeia de Ovídio e Sêneca; a Inveja de Ovídio; Hécate e Gaia; a bruxa Canídia de Horácio; e a fúria Alecto de Virgílio. O próprio Dinter propõe uma aproximação bastante produtiva entre Ericto e a figura da Fama ovidiana (Met. 12.39-63). Todavia, se se levar em conta a tradição épica romana, devido ao paralelo evidente com a Sibila de Cumas da Eneida, tanto em relação à dispositio – os dois episódios estão no centro dos dois poemas – quanto à matéria – uma consulta oracular infernal –, o episódio de Ericto emula, isto é, "rivaliza e tenta superar" a descida aos infernos da epopeia latina canônica.[260]

Os ritos da Tessália são considerados modestos por Ericto, demonstrando a amplificação das práticas da bruxa de Lucano em relação às tradições literárias anteriores.

> *hos scelerum ritus, haec dirae crimina gentis*
> *effera damnarat nimiae pietatis Erictho*
> *inque nouos ritus pollutam duxerat artem.*

[258] Uma 'ara' consiste em uma mesa de pedra adequada para a realização de sacrifícios.
[259] Gouvêa-Júnior, 2025.
[260] Vieira, 2016, p. 57.

> Tais ritos criminais, cantos da dira gente,
> Ericto por demais piedosos condenara.
> e aplicara a arte impura a novos ritos,[261]

O trecho subsequente nos chama atenção para a misantropia absoluta dessa feiticeira, chegando ao extremo de habitar os túmulos e abster-se do convívio em sociedade (v.510-512):

> *illi namque nefas urbis summittere tecto*
> *aut laribus ferale caput, desertaque busta*
> *incolit et tumulos expulsis obtinet umbris*

> (...) pois/ para ela é crime entrar em casa ou lar da urbe
> a cabeça feral. Mora em tumbas vazias,
> obtém os túmulos as sombras expelindo.[262]

Outra habilidade marcante de Ericto é a de ter livre acesso ao submundo, de maneira semelhante à Sibila (v.513-515):

> *grata deis Erebi. coetus audire silentum,*
> *nosse domos Stygias arcanaque Ditis operti*
> *non superi, non uita uetat. tenet ora profanae*

> É grata aos deuses infernais. Ouvir os mudos,
> conhecer as mansões estígias e os arcanos
> não lhe impedem os céus nem a vida. (...)

Vislumbramos agora os aspectos físicos da bruxa (v.515-520):

> *(...) tenet ora profanae*
> *foeda situ macies, caeloque ignota sereno*
> *terribilis Stygio facies pallore grauatur*
> *inpexis onerata comis: si nimbus et atrae*
> *sidera subducunt nubes, tunc Thessala nudis*
> *egreditur bustis nocturnaque fulmina captat.*

> (...) Da ímpia
> tem podre o magro rosto, ínscio do céu sereno,
> marcado pela palidez do Estige horrendo.
> Sua cabeleira é desgrenhada: se atras nuvens
> tampam os rostos, a tessália, então, das tumbas
> desnudas sai e vai colher raios noturnos.[263]

[261] Gouvêa-Júnior, 2025.
[262] Idem.
[263] Idem.

Lucano também reforçou a personalidade de sua personagem, dando-lhe o poder de ameaçar as divindades. Como já vimos, a coação dos deuses pelo agente mágico é um importante traço presente também nas culturas grega e egípcia, alcançando um nível superlativo na literatura latina a partir do período imperial. Todas as feiticeiras latinas ameaçam os deuses, mas Ericto demonstra essa capacidade potencializada (527-528):

> *omne nefas superi prima iam uoce precantis*
> *concedunt carmenque timent audire secundum*
> (...) À prima fala
> de seu rogo já os céus todos crimes concedem-lhe,
> temendo ouvir o segundo encanto[264]

Na continuação, demonstram-se as práticas funestas de Ericto; como ela recolhe e viola os cadáveres para seus rituais (v. 531-553):

> *mors inuita subit; peruersa funera pompa*
> *rettulit a tumulis, fugere cadauera letum.*
> *fumantis iuuenum cineres ardentiaque ossa*
> *e mediis rapit illa rogis ipsamque parentes*
> *quam tenuere facem, nigroque uolantia fumo*
> *feralis fragmenta tori uestesque fluentis*
> *colligit in cineres et olentis membra fauillas.*
> *ast, ubi seruantur saxis, quibus intimus umor*
> *ducitur, et tracta durescunt tabe medullae*
> *corpora, tunc omnis auide desaeuit in artus*
> *inmergitque manus oculis gaudetque gelatos*
> *effodisse orbes et siccae pallida rodit*
> *excrementa manus. laqueum nodosque nocentis*
> *ore suo rupit, pendentia corpora carpsit*
> *abrasitque cruces percussaque uiscera nimbis*
> *uolsit et incoctas admisso sole medullas.*
> *insertum manibus chalybem nigramque per artus*
> *stintis tabi saniem uirusque coactum*
> *sustulit et neruo morsus retinente pependit.*
> *et, quodcumque iacet nuda tellure cadauer,*
> *ante feras uolucresque sedet; nec carpere membra*
> *uolt ferro manibusque suis, morsusque luporum*
> *expectat siccis raptura e faucibus artus.*

> Pervertendo o ritual, afastou dos sepulcros
> os funerais, e à morte os corpos escaparam.
> Em meio às piras, pega as brasas fumegantes;
> ossos quentes de um moço, as tochas dos parentes,
> de um leito fúnebre, os pedaços que revoavam
> no fumo negro; as vestimentas desmanchadas
> entre as cinzas e a brasa, a reacender os membros.
> Quando, nas pedras, põe-se um corpo e extrai-se a linfa,
> e da medula o podre sai, ele endurece.
> Ela, então, se ira avidamente contra os membros,
> nos olhos mete a mão e de arrancar se alegra

[264] Gouvêa-Júnior, 2025.

os globos frios. Rói pálidos excrementos
de uma mão seca. Com sua boca, rompe os laços
e os nós mortais, e colhe os corpos pendurados.
Raspa as cruzes e apanha as vísceras batidas
pela chuva, e no sol as entranhas queimadas.
O aço enfiado nas mãos e o atro podre do pus
que sai dos membros, co' o veneno, recolheu
e, no nervo retido, a mordida pendeu.
Junto a qualquer corpo que jaza em terra nua,
antes das feras e aves fica. Com suas mãos,
não quer cortar a ferro os membros, e as mordidas
de um lobo espera, p'ra os tomar das fauces secas.[265]

Mais um exemplo dos traços hiperbólicos incorporados à personagem de Lucano é sua ferocidade e crueza: "nos olhos mete a mão e de arrancar se alegra/ os globos frios" (v.541-542). A lista de suas ações violentas segue nos versos seguintes. Observa-se a predileção da feiticeira em usar as próprias mãos ao invés de ferramentas para vilipendiar os mortos, e, ainda, o hábito de disputar os pedaços dos corpos humanos com as feras (v.550-553).

Entre os versos 554 e 569, temos um claro exemplo do que Vieira (2016) chama de poética do terror (v.554-569):

nec cessant a caede manus, si sanguine uiuo
est opus, erumpat iugulo qui primus aperto,
[nec refugit caedes, uiuum si sacra cruorem]
extaque funereae poscunt trepidantia mensae.
uolnere sic uentris, non qua natura uocabat,
extrahitur partus calidis ponendus in aris;
et quotiens saeuis opus est ac fortibus umbris
ipsa facit manes. hominum mors omnis in usu est.
illa genae florem primaeuo corpore uolsit,
illa comam laeua morienti abscidit ephebo.
saepe etiam caris cognato in funere dira
Thessalis incubuit membris atque oscula figens
truncauitque caput conpressaque dentibus ora
laxauit siccoque haerentem gutture linguam
praemordens gelidis infudit murmura labris
arcanumque nefas Stygias mandauit ad umbras.

Não cessam de matar as mãos: se vivo sangue
é preciso, que irrompa o primeiro da gorja.
Não foge à morte, se os rituais um vivo cruor
e as funerárias essas pendem órgãos trépidos.
Por ferida no ventre, e não por onde chama
a natureza, extrai e queima na ara o feto.
Quando precisa das mais fortes e cruéis sombras,
faz ela os manes. Usa todas mortes de homens.
Ela arrancou a flor da face a um corpo jovem
e, co' a canhota, a um moribundo efebo a coma.
Amiúde, se velando um querido parente,
a tessália inclinou-se aos membros, e o beijando,

[265] Idem.

> destroncou a cabeça. Apertando-a co' os dentes,
> abriu a boca; e a língua seca na garganta
> remordendo, infundiu um murmurar nos lábios,
> mandando à sombra estígia um segredo nefasto.[266]

Ericto também é capaz de matar para obter os corpos de que necessita, como evidenciam os seguintes versos (v.560-563):

> *et quotiens saeuis opus est ac fortibus umbris*
> *ipsa facit manes. hominum mors omnis in usu est.*
> *illa genae florem primaeuo corpore uolsit,*
> *illa comam laeua morienti abscidit ephebo.*
>
> Quando precisa das mais fortes e cruéis sombras,
> faz ela os manes. Usa todas mortes de homens.
> Ela arrancou a flor da face a um corpo jovem
> e, co' a canhota, a um moribundo efebo a coma.[267]

Para enviar mensagens ao submundo, a bruxa utiliza cadáveres recentes e não se acanha em aterrorizar os velórios (v.564-569):

> *saepe etiam caris cognato in funere dira*
> *Thessalis incubuit membris atque oscula figens*
> *truncauitque caput conpressaque dentibus ora*
> *laxauit siccoque haerentem gutture linguam*
> *praemordens gelidis infudit murmura labris*
> *arcanumque nefas Stygias mandauit ad umbras.*
>
> Amiúde, se velando um querido parente,
> a tessália inclinou-se aos membros, e o beijando,
> destroncou a cabeça. Apertando-a co' os dentes,
> abriu a boca; e a língua seca na garganta
> remordendo, infundiu um murmurar nos lábios,
> mandando à sombra estígia um segredo nefasto.[268]

Veremos situações semelhantes nas *Metamorfoses*, de Apuleio, porém narradas no gênero do proto-romance ou da sátira, portanto em outro contexto literário. Na obra de Apuleio, também são descritas bruxas que violam cadáveres em funerais e roubam partes dos corpos.

Até o momento, fomos apenas apresentados à figura da feiticeira, numa espécie de introdução dentro da narrativa; em seguida, porém, teremos mais detalhes sobre sua atuação. A apresentação que precede a chegada da bruxa em cena permite-nos estabelecer uma analogia

[266] Gouvêa-Júnior, 2025.
[267] Idem.
[268] Idem.

com a tragédia de Sêneca, na qual a Ama anuncia os dons da feiticeira ao público antes que estes sejam demonstrados e narrados em primeira pessoa pela própria Medeia.

Já é tarde da noite quando Pompeu, depois de instruído sobre a reputação de Ericto, vai ao seu encontro (v.570-588):

> *hanc ut fama loci Pompeio prodidit, alta*
> *nocte poli, Titan medium quo tempore ducit*
> *sub nostra tellure diem, deserta per arua*
> *carpit iter. fidi scelerum suetique ministri*
> *effractos circum tumulos ac busta uagati*
> *conspexere procul praerupta in caute sedentem,*
> *qua iuga deuexus Pharsalica porrigit Haemus.*
> *illa magis magicisque deis incognita uerba*
> *temptabat carmenque nouos fingebat in usus.*
> *namque timens, ne Mars alium uagus iret in orbem*
> *Emathis et tellus tam multa caede careret,*
> *pollutos cantu dirisque uenefica sucis*
> *conspersos uetuit transmittere bella Philippos,*
> *tot mortes habitura suas usuraque mundi*
> *sanguine: caesorum truncare cadauera regum*
> *sperat et Hesperiae cineres auertere gentis*
> *ossaque nobilium tantosque adquirere manes.*
> *hic ardor solusque labor, quid corpore Magni*
> *proiecto rapiat, quos Caesaris inuolet artus.*
>
> Quando a fama local revelou-a a Pompeu,
> noite alta, na hora em que o Titã conduz debaixo
> da terra o meio dia, ele, através dos ermos,
> toma rumo. De Ericto, os serviçais dos crimes
> vagando em volta de quebradas sepulturas,
> a viram assentada em u'a rocha distante,
> onde, a correr p'ra baixo, o Hemo alarga a Farsália.
> Palavras não sabidas por magos e deuses
> ela ensaiava e achava um novo uso p'ra o encanto.
> Pois, temendo que Marte errante a alhures fosse
> e que, de u'a tal matança, a Hemácia se privasse,
> manchado pelo encanto e rociado de extratos,
> ela a Filipos proibiu mudar a guerra
> p'ra tantas mortes ter por suas e servir-se
> do cruor do mundo. Espera os corpos dos reis mortos
> cortar e revirar cinzas da gente hespéria,
> e conseguir ossos e tantos manes nobres.
> Só um ardor e o labor: pegar de Magno o corpo
> jogado e se atirar sobre os membros de César.[269]

A construção das imagens feita pelo poeta é primorosa, permitindo ao leitor captar a cena de forma panorâmica. No meio da noite, primeiro avista-se Ericto à distância, sentada em uma rocha, enquanto o grupo de homens caminha pelo que parece ser um cemitério abandonado, "vagando em volta de quebradas sepulturas" (v.574).

[269] Gouvêa-Júnior, 2025.

É relevante tomar nota sobre a avidez de Ericto pela guerra. Além de manipular o local onde ocorreria a batalha – deslocando-o para as proximidades de sua terra – para que pudesse servir-se dos corpos, ela ainda espera obter os cadáveres de Magno e César. A ela interessam, sobretudo, os restos mortais da nobreza. Pompeu pergunta à feiticeira sobre o resultado da batalha que se aproxima (v.589-603):

quam prior adfatur Pompei ignaua propago.
'o decus Haemonidum, populis quae pandere fata
quaeque suo uentura potes deuertere cursu,
te precor ut certum liceat mihi noscere finem
quem belli fortuna paret. non ultima turbae
pars ego Romanae, Magni clarissima proles,
uel dominus rerum uel tanti funeris heres.
mens dubiis perculsa pauet rursusque parata est
certos ferre metus: hoc casibus eripe iuris,
ne subiti caecique ruant. uel numina torque
uel tu parce deis et manibus exprime uerum.
Elysias resera sedes ipsamque uocatam,
quos petat e nobis, Mortem mihi coge fateri.
non humilis labor est: dignum, quod quaerere cures
uel tibi, quo tanti praeponderet alea fati.'

A ignava prole de Pompeu primeiro diz:
"Ó glória hemônia, que o destino abrir consegues
aos povos e desviar o curso do porvir.
Peço me deixes conhecer que fim p'ra guerra
a Fortuna prepara. Eu, da plebe romana
parte ínfima não sou. Nobre filho de Magno,
dono das coisas e senhor de tantas mortes.
Minha alma incerta freme, e outra vez está pronta
para temer. Tira o direito aos infortúnios
de caírem súbitos e cegos. Verga os deuses
ou os poupa tu, e arranca a verdade dos manes.
Abre a elísia mansão. Chamando a própria morte,
obriga-a a me dizer por qual de nós procura.
Grande é o esforço, digno até de ti. Pergunta-lhe
de que lado cairão os dados do destino".[270]

Ericto responde que precisa consultar os Fados para obter segredos mais obscuros, portanto terá de recorrer à necromancia (v.604-623):

inpia laetatur uulgato nomine famae
Thessalis, et contra 'si fata minora moueres,
pronum erat, o iuuenis, quos uelles' inquit 'in actus
inuitos praebere deos. conceditur arti,
unam cum radiis presserunt sidera mortem,
inseruisse moras; et, quamuis fecerit omnis
stella senem, medios herbis abrumpimus annos.

[270] Gouvêa-Júnior, 2025.

at, simul a prima descendit origine mundi
causarum series, atque omnia fata laborant
si quicquam mutare uelis, unoque sub ictu
stat genus humanum, tum, Thessala turba fatemur,
plus Fortuna potest. sed, si praenoscere casus
contentus, facilesque aditus multique patebunt
ad uerum: tellus nobis aetherque chaosque
aequoraque et campi Rhodopaeaque saxa loquentur.
sed pronum, cum tanta nouae sit copia mortis,
Emathiis unum campis attollere corpus,
ut modo defuncti tepidique cadaueris ora
plena uoce sonent, nec membris sole perustis
auribus incertum feralis strideat umbra.'

A ímpia tessália, satisfeita co' o renome,
responde: "Se Fados menores procurasses,
seria fácil, moço, aos atos que desejas
os deuses obrigar. Concede-se à minha arte,
quando co' os raios u'a só morte os astros calcam,
criar demoras. E, embora um velho estrelas façam,
co' ervas lhe tirarei a metade dos anos.
Como a série, porém, das coisas vem da origem
do mundo, e todo Fado sofre se desejas
algo mudar, e a raça humana se submete
a u' único golpe, então – tessálios confessamo-nos –,
pode a Fortuna mais. Porém, se te contentas
em conhecer o acaso, abrir-se-ão à verdade
muitos caminhos, que dirão p'ra nós a terra,
o éter, o caos, o mar e os rochedos do Ródope.
Mas é fácil, pois há tantas mortes recentes,
no campo emácio recolher um corpo só,
p'ra que da boca do cadáver ainda morno
plena ressoe a voz, e, co' os membros ao sol,
aos ouvidos atroe o incerto a sombra fúnebre".[271]

Nota-se que Ericto sente orgulho de sua fama, mas explica que, apesar de todos os poderes que lhes são concedidos ao manipular o Cosmos, ela não consegue alterar o destino dos homens. Embora possa retardar a morte de um indivíduo, a Fortuna ainda impera sobre o curso dos acontecimentos. Ao ostentar suas proezas, diz que "embora um velho estrelas façam,/ co' ervas lhe tirarei metade dos anos." (v.609-610)[272]. Mas, logo em seguida explica que "Como a série, porém, das coisas vem da origem/ do mundo, e todo Fado sofre se desejas/ algo mudar, e a raça humana se submete/ a u' único golpe, então – tessálios confessamo-nos –,/ pode a Fortuna mais." (v.611-615). A falta de poder sobre o destino humano parece ser o único interdito para a magia da bruxa.

[271] Gouvêa-Júnior, 2025.
[272] Esta é uma clara referência às *Metamorfoses*, de Ovídio, sobre o mito de Medeia, nos versos em que ela rejuvenesce o pai de Jasão.

Inicia-se a preparação do ritual mágico para o oráculo, e Ericto vai para o campo de batalha escolher um cadáver adequado à tarefa:

dixerat, et noctis geminatis arte tenebris
maestum tecta caput squalenti nube pererrat
corpora caesorum tumulis proiecta negatis.
continuo fugere lupi, fugere reuolsis
unguibus inpastae uolucres, dum Thessala uatem
eligit et gelidas leto scrutata medullas
pulmonis rigidi stantis sine uolnere fibras
inuenit et uocem defuncto in corpore quaerit.
fata peremptorum pendent iam multa uirorum,
quem superis reuocasse uelit. si tollere totas
temptasset campis acies et reddere bello,
cessissent leges Erebi, monstroque potenti
extractus Stygio populus pugnasset Auerno.
electum tandem traiecto gutture corpus
ducit, et inserto laqueis feralibus unco
per scopulos miserum trahitur per saxa cadauer
uicturum, montisque caui, quem tristis Erictho
damnarat sacris, alta sub rupe locatur.

Disse e, após redobrar com sua arte o breu da noite,
co' atra nuvem cobrindo a cabeça infeliz,
vaga entre os corpos estendidos sem sepulcro.
Logo fugiram lobos e aves esfomeadas,
as garras recolhendo. Enquanto escolhe um vate
a tessália, escrutando as medulas geladas,
encontra as fibras de um pulmão sem chaga e rígido,
e busca u'a voz no corpo morto. Muitos Fados
de finados varões dependem de a quem ela
aos vivos quer chamar. Se intentasse levar
todas tropas ao campo e as devolver à guerra,
deixá-lo-iam as leis do Érebo, e lutaria
co' o prodígio, do Averno o povo retirado.
Depois de atar a gorja, leva o corpo eleito.
Fincando um gancho no sinistro laço, arrasta
nas penas o infeliz cadáver destinado
a viver, e o depõe sob u'a gruta no monte
que a triste Ericto condenara aos sacrifícios.[273]

Primeiro a feiticeira escurece a noite fazendo com que uma nuvem negra paire sobre sua cabeça enquanto anda por entre os corpos no chão. Os animais fogem de sua presença. A minúcia dos métodos ritualísticos é demonstrada também na escolha do cadáver (v.628-631):

unguibus inpastae uolucres, dum Thessala uatem
eligit et gelidas leto scrutata medullas
pulmonis rigidi stantis sine uolnere fibras
inuenit et uocem defuncto in corpore quaerit.

[273] Gouvêa-Júnior, 2025.

> as garras recolhendo. Enquanto escolhe um vate
> a tessália, escrutando as medulas geladas,
> encontra as fibras de um pulmão sem chaga e rígido,
> e busca u'a voz no corpo morto. Muitos Fados[274]

Por precisar de um corpo que seja capaz de produzir voz, ela seleciona um falecido com os pulmões intactos. Essa espécie de autópsia realizada por Ericto também demonstra que os antigos possuíam conhecimentos básicos sobre a função dos órgãos e o mecanismo da fala. A bruxa então deposita o cadáver dentro de uma gruta (v.637-641):

> *electum tandem traiecto gutture corpus*
> *ducit, et inserto laqueis feralibus unco*
> *per scopulos miserum trahitur per saxa cadauer*
> *uicturum, montisque caui, quem tristis Erictho*
> *damnarat sacris, alta sub rupe locatur.*
>
> Depois de atar a gorja, leva o corpo eleito.
> Fincando um gancho no sinistro laço, arrasta
> nas penas o infeliz cadáver destinado
> a viver, e o depõe sob u'a gruta no monte
> que a triste Ericto condenara aos sacrifícios.[275]

Inicia-se a descrição da porta do inferno (v.624-653):

> *haud procul a Ditis caecis depressa cauernis*
> *in praeceps subsedit humus, quam pallida pronis*
> *urguet silua comis et nullo uertice caelum*
> *suspiciens Phoebo non peruia taxus opacat.*
> *marcentes intus tenebrae pallensque sub antris*
> *longa nocte situs numquam nisi carmine factum*
> *lumen habet. non Taenariis sic faucibus aer*
> *sedit iners, maestum mundi confine latentis*
> *ac nostri, quo non metuant admittere manes*
> *Tartarei reges. nam, quamuis Thessala uates*
> *uim faciat fatis, dubium est, quod traxerit illuc*
> *aspiciat Stygias an quod descenderit umbras.*
>
> Não longe da caverna escura de Plutão,
> presa no abismo fica u'a terra. Escura mata
> copada a oprime e, sem mirar o céu acima,
> um teixo, a Febo impenetrável, a ensombrece.
> Nas débeis trevas, sob a grota, escurecido
> pela noite, o lugar, a não ser por encanto,
> nunca tem luz. Assim, no Tênaro não fica
> o ar tão parado – triste fim do mundo oculto
> e do nosso, para onde os reis tartáreos não
> temem enviar os manes. Pois, embora a bruxa
> tessália force o fado, incerto é que olhe a sombra
> estígia, ou por de lá trazê-la ou lá descer.[276]

[274] Gouvêa-Júnior, 2025.
[275] Idem.
[276] Idem.

Os versos acima constituem um detalhamento sobre a localização do vestíbulo infernal. Encontramos mais uma descrição importante da aparência da bruxa (v.654-656):

discolor et uario furialis cultus amictu
induitur, uoltusque aperitur crine remoto,
et coma uipereis substringitur horrida sertis.

Com variegado manto, igual às Fúrias veste-se.
Afastado o cabelo, aparece seu rosto;
e prende a horrível coma u'a grinalda de cobras.[277]

Dirigindo-se aos companheiros de Pompeu com sarcasmo, a bruxa revela seu cinismo: (v.657-666):

ut pauidos iuuenis comites ipsumque trementem
conspicit exanimi defixum lumina uoltu,
'ponite' ait 'trepida conceptos mente timores:
iam noua, iam uera reddetur uita figura,
ut quamuis pauidi possint audire loquentem.
si uero Stygiosque lacus ripamque sonantem
ignibus ostendam, si me praebente uideri
Eumenides possint uillosaque colla colubris
Cerberus excutiens et uincti terga gigantes,
quis timor, ignaui, metuentis cernere manes?'

Ao ver tremer o moço e os companheiros pávidos
e exânimes, co' o olhar preso no chão, falou:
"Afastai o temor nascido na alma trépida.
Já nova vida voltará com vera forma
para que, embora temerosos, o ouvir possam.
Se eu vero mostro o lago estígio e as crepitantes
margens de fogo, se, eu presente, dão-se a ver
Eumênides, gigantes presos pelas costas,
e a juba de serpentes sacudindo, o Cérbero,
por que temeis olhar, ó vis, os manes tímidos"?[278]

Ericto empreende o ritual de necromancia. Primeiro ela despeja as misturas mágicas no falecido (v.667-684):

pectora tum primum feruenti sanguine supplet
uolneribus laxata nouis taboque medullas
abluit et uirus large lunare ministrat.
huc quidquid fetu genuit natura sinistro
miscetur: non spuma canum quibus unda timori est,
uiscera non lyncis, non durae nodus hyaenae
defuit et cerui pastae serpente medullae,
non puppem retinens Euro tendente rudentis
in mediis echenais aquis oculique draconum
quaeque sonant feta tepefacta sub alite saxa,

[277] Idem.
[278] Gouvêa-Júnior, 2025.

non Arabum uolucer serpens innataque rubris
aequoribus custos pretiosae uipera conchae
aut uiuentis adhuc Libyci membrana cerastae
aut cinis Eoa positi phoenicis in ara.
quo postquam uiles et habentis nomina pestis
contulit, infando saturatas carmine frondis
et, quibus os dirum nascentibus inspuit, herbas
addidit et quidquid mundo dedit ipsa ueneni.

Então, primeiro, onde de sangue quente o peito
é aberto por novas feridas, limpa o pus
e aplica uma poção lunar. Mistura ali
tudo o que em parto esquerdo a natura criou.
Não faltam babas de um raivoso cão, nem vísceras
de um lince ou vértebras de u'a hiena, nem tutano
de cervos por cobra nutridos, nem a rêmora
que prende a popa em meio às águas, quando os cabos
o Euro retesa, nem os olhos de um dragão,
nem as pedras que soam chocadas por aves,
nem a árabe serpente alada, ou a nascida
no mar vermelho, ou a guardiã da rara concha,
nem de u'a cerasta líbia ainda vivente a pele,
nem, de um altar do oriente, os despojos da Fênix.
Após mesclar pestes comuns e as que têm nome,
juntou, de infame encanto impregnadas, madeiras,
as ervas que, ao nascer, co' a boca ela apanhara,
e os venenos que ao mundo ela mesma havia dado.[279]

Com sua voz, a feiticeira consegue acessar o submundo (v.685-718):

tum uox Lethaeos cunctis pollentior herbis
excantare deos confundit murmura primum
dissona et humanae multum discordia linguae.
latratus habet illa canum gemitusque luporum,
quod trepidus bubo, quod strix nocturna queruntur,
quod strident ululantque ferae, quod sibilat anguis;
exprimit et planctus inlisae cautibus undae
siluarumque sonum fractaeque tonitrua nubis:
tot rerum uox una fuit. mox cetera cantu
explicat Haemonio penetratque in Tartara lingua.
'Eumenides Stygiumque nefas Poenaeque nocentum
et Chaos innumeros auidum confundere mundos
et rector terrae, quem longa in saecula torquet
mors dilata deum; Styx et quos nulla meretur
Thessalis Elysios; caelum matremque perosa
Persephone, nostraeque Hecates pars ultima, per quam
manibus et mihi sunt tacitae commercia linguae,
ianitor et sedis laxae, qui uiscera saeuo
spargis nostra cani, repetitaque fila sorores
tracturae, tuque o flagrantis portitor undae,
iam lassate senex ad me redeuntibus umbris,
exaudite preces. si uos satis ore nefando
pollutoque uoco, si numquam haec carmina fibris
humanis ieiuna cano, si pectora plena
saepe deo laui calido prosecta cerebro,
si quisquis uestris caput extaque lancibus infans

[279] Gouvêa-Júnior, 2025.

inposuit uicturus erat, parete precanti.
non in Tartareo latitantem poscimus antro
adsuetamque diu tenebris, modo luce fugata
descendentem animam; primo pallentis hiatu
haeret adhuc Orci, licet has exaudiat herbas,
ad manes uentura semel. ducis omnia nato
Pompeiana canat nostri modo militis umbra,
si bene de uobis ciuilia bella merentur.'

Então, a voz, mais forte do que todas ervas
p'ra invocar os leteus, primeiro, une murmúrios
dissonantes, e muito à língua humana estranhos.
Ela tem o ladrar dos cães, o uivo dos lobos,
os pios da coruja e do trépido mocho,
o estridular de u'a fera e o sibilo das cobras;
exprime o pranto da onda ao quebrar-se na rocha,
o soar das matas e o trovão da rota nuvem –
tudo de uma só vez. Logo, co' o canto hemônio,
expõe o resto e, com sua língua, entra no Tártaro:
"Ó punição, ó estígio nefas, vós, ó Eumênides,
ó caos que anseias por fundir mundos inúmeros,
retor da terra, a quem dói a morte dos deuses,
ó Estige, ó Elísio, que as tessálias não merecem,
ó Perséfone, odiosa ao céu e à mãe, ó parte
última de Hécate, por quem se dá entre mim
e os manes o comércio entre as línguas secretas;
porteiro da mansão, atiras nossas vísceras
ao sevo cão, ó irmãs que repuxais os fios,
e ó tu, barqueiro da água em chamas, ó ancião
já fatigado de trazer p'ra mim as sombras,
ouvi meus rogos. Se com voz nefanda e impura
bastante invoco-vos, se canto nunca inane
de carne humana eu canto, se do deus, amiúde,
o peito enchi e lavei as vísceras com cérebros,
se o menino, que pôs a cabeça e as entranhas
em vosso prato, viveria, obedecei-me.
Não pedimos uma alma oculta no antro tártaro,
há muito afeita ao breu; mas uma que, fugindo
há pouco à luz, desceu e, na primeira fenda
do Orco detém-se e, embora as ervas ouça, aos manes
vai-se u'a vez só. Que a sombra do nosso soldado
há pouco feita conte as coisas de Pompeu
ao filho, se as guerras civis vos são benquistas".[280]

O trecho acima é de suma importância, pois Lucano faz alusões específicas à *Eneida* e podemos notar a imitação da Sibila por Ericto:

> Antes de adentrar no submundo infernal, a Sibila de Virgílio (6.256-7) faz o sacrifício de quatro touros, ofertando-os às divindades do Averno, seguida por Eneias que imola uma ovelha às Eumênides e uma vaca a Prosérpina. Após esse rito, há uma alteração da ordem natural que se evidencia através de três sinais, testemunhas da força das preces e do seu efeito no universo sobrenatural: ecce autem primi sub lumina solis et ortus, sub pedibus mugire solum et iuga coepta moueri siluarum, uisaeque canes ululare per umbram [...] (A. 6. 256-7) Eis que, aos raios primeiros do dia, começa o

[280] Gouvêa-Júnior, 2025.

> terreno a mugir, a se mover no cume o arvoredo, e aparecem cães uivando à sombra. Depois dessa reação da natureza, Sibila rechaça o séquito de Eneias em discurso direto (A. 6.258-61) e, enfim, tem lugar a famosa invocação do poeta pedindo vênia às divindades infernais para sua catábase (A. 6.264-7). Tudo em Lucano se coloca em paralelo. Após uma longa sequência de 17 versos em que o narrador enumera os mais terríveis unguentos da bruxa que são introjetados, ritualmente, no peito do defunto, não é a natureza que reage como em Virgílio, mas Ericto que imita o som de todas as coisas.[281]

Vieira aponta que Ericto simula os sons da natureza na entrada para o submundo:

> Além da sua disposição vestibular, no sentido que tem uestibulum, em latim, ou seja, na entrada do inferno, três são os índices verbais da alusão lucaniana: a referência aos cães (canum 257//canes 688, mesma sedes métrica), ao seu uivo (ululare 257//ululant 690), e ao movimento das selvas (iuga...moueri/siluarum // siluarumque sonum 692, mesma sedes métrica). Há, contudo, no rebelde Lucano, uma intensa amplificação desse motivo vestibular. A sugestão de ruídos da natureza em Virgílio (o mugido da terra, o crepitar do movimento das selvas, o uivo de cães) que conotam a intervenção sobrenatural bem-sucedida da bruxa Sibila, transformam-se em Lucano na incorporação dos sons pela própria Ericto. Ascende ao texto o terror de uma língua estranha (dissona), encoberta (murmura), sobre-humana (humanae multum discordia linguae) em uma sequência de dez sons de claro teor amplificatório.[282]

A referência a Virgílio é explícita, porém, Ericto atua como um gravador que reproduz os sons do ambiente selvagem. A bruxa imita os ruídos da natureza numa espécie de canalização.

Depois de entrar no submundo, a bruxa encontra a alma do morto. Como as entidades infernais demoram a atender seus pedidos, Ericto ameaça os espíritos e os deuses ctônicos (v.719-749):

> *haec ubi fata caput spumantiaque ora leuauit,*
> *aspicit astantem proiecti corporis umbram,*
> *exanimis artus inuisaque claustra timentem*
> *carceris antiqui. pauet ire in pectus apertum*
> *uisceraque et ruptas letali uolnere fibras.*
> *a miser, extremum cui mortis munus inique*
> *eripitur, non posse mori. miratur Erictho*
> *has fatis licuisse moras, irataque morti*
> *uerberat inmotum uiuo serpente cadauer,*
> *perque cauas terrae, quas egit carmine, rimas*
> *manibus inlatrat regnique silentia rumpit.*
> *'Tisiphone uocisque meae secura Megaera,*
> *non agitis saeuis Erebi per inane flagellis*
> *infelicem animam? iam uos ego nomine uero*
> *eliciam Stygiasque canes in luce superna*
> *destituam; per busta sequar per funera custos,*
> *expellam tumulis, abigam uos omnibus urnis.*
> *teque deis, ad quos alio procedere uoltu*
> *ficta soles, Hecate pallenti tabida forma,*

[281] Vieira, 2016, p. 58.
[282] Idem, p. 59.

ostendam faciemque Erebi mutare uetabo.
eloquar inmenso terrae sub pondere quae te
contineant, Hennaea, dapes, quo foedere maestum
regem noctis ames, quae te contagia passam
noluerit reuocare Ceres. tibi, pessime mundi
arbiter, inmittam ruptis Titana cauernis,
et subito feriere die. paretis, an ille
conpellandus erit, quo numquam terra uocato
non concussa tremit, qui Gorgona cernit apertam
uerberibusque suis trepidam castigat Erinyn,
indespecta tenet uobis qui Tartara, cuius
uos estis superi, Stygias qui perierat undas?'

Disse e ergueu a cabeça e a boca que espumava.
Olha p'ra sombra em pé junto ao corpo estendido,
temendo os membros dessangrados e a odiosa
prisão antiga. Teme entrar no peito aberto,
nas vísceras, por corte assassino rompidas.
Ah, pobre, a quem se toma iníquo o extremo dom
da morte, sem poder morrer. Pasma-se Ericto
de o Fado assim tardar. Irada pela morte,
co' u'a cobra viva chicoteia o corpo imóvel.
Pelos buracos que na terra fez o encanto,
ladra aos manes e rompe o silêncio do reino:
"Tisífone e Megera, à minha voz imunes,
não moveis pelo inane Érebo, com chicotes,
a alma infeliz? Vos chamarei co' o vero nome
e as cadelas do Estige eu deixarei à luz
do dia. Vigilante, irei por entre as tumbas
e vos expulsarei das urnas e dos túmulos.
E tu, que aos deuses soeis, fingida, co' outro rosto
avançar, Hécate, co' a forma podre e pálida
mostrarei, sem deixar mudar a face do Érebo.
Falarei do manjar que te prende, ó Heneia,
sob o peso da terra; e do trato de amares
o rei da noite; ou do contato que, ao sofreres,
Ceres não quis te reclamar. Ó pior dos árbitros
do mundo, meterei a Titana em tuas fendas
e a luz te ferirá. Atendereis, senão
será chamado aquele que, ao ser invocado,
a terra treme, que contempla ao claro a Górgona,
que com chicotes pune a Erínia e habita o Tártaro,
por vós não visto, p'ra quem sois os deuses súperos
e falsamente jura pela água do Estige".[283]

O oráculo necromante se inicia, e o cadáver do jovem soldado volta à vida. Ericto, antes de indagar sobre o destino da guerra, negocia com o morto as vantagens de atender a seu pedido (v.750-779):

protinus astrictus caluit cruor atraque fouit
uolnera et in uenas extremaque membra cucurrit.
percussae gelido trepidant sub pectore fibrae,
et noua desuetis subrepens uita medullis
miscetur morti. tunc omnis palpitat artus,

[283] Gouvêa-Júnior, 2025.

tenduntur nerui; nec se tellure cadauer
paulatim per membra leuat, terraque repulsum est
erectumque semel. distento lumina rictu
nudantur. nondum facies uiuentis in illo,
iam morientis erat: remanet pallorque rigorque,
et stupet inlatus mundo. set murmure nullo
ora astricta sonant: uox illi linguaque tantum
responsura datur. 'dic' inquit Thessala 'magna,
quod iubeo, mercede mihi; nam uera locutum
inmunem toto mundi praestabimus aeuo
artibus Haemoniis: tali tua membra sepulchro,
talibus exuram Stygio cum carmine siluis,
ut nullos cantata magos exaudiat umbra.
sit tanti uixisse iterum: nec uerba nec herbae
audebunt longae somnum tibi soluere Lethes
a me morte data. tripodas uatesque deorum
sors obscura decet: certus discedat, ab umbris
quisquis uera petit duraeque oracula mortis
fortis adit. ne parce, precor: da nomina rebus,
da loca; da uocem qua mecum fata loquantur.'
addidit et carmen, quo, quidquid consulit, umbram
scire dedit. maestum fletu manante cadauer
'tristia non equidem Parcarum stamina' dixit
'aspexi tacitae reuocatus ab aggere ripae;
quod tamen e cunctis mihi noscere contigit umbris

Logo o cruor coagulado aqueceu as feridas,
pelas veias correndo ao extremo dos membros.
Tremem no peito frio as fibras sacudidas
e a nova vida, se inserindo nas medulas,
mescla-se à morte. Então, todas juntas palpitam.
Tesam-se os nervos. Não se eleva o corpo aos poucos,
membro a membro do chão. Repulso pela terra,
de pronto ergueu-se. Abrindo, os olhos se desnudam.
Nele, ainda não tem o aspecto de um vivente,
mas já o de um morto. A rigidez e o palor ficam.
Pasma, trazido ao mundo. E, sem murmúrio, a boca
fechada, soa. A voz e a língua lhe são dadas
só p'ra resposta: "Por favor", fala a tessália,
"dize o que ordeno; pois, se a verdade contares,
pelo tempo do mundo imune eu te farei
à arte da Hemônia. Queimar-te-ei co' o encanto estígio
em tumba e lenhas tais que a tua sombra encantada
não ouça os magos. Seja assim por reviveres.
Palavras e ervas não ousarão desprender
de ti o sonho leteu quando à morte eu te der.
Convém às trípodes e aos vates dos celícolas
a sorte obscura: ensine certo quem às sombras
pede a verdade e para o oráculo da morte
valente vai. Peço: não poupes. Diz das coisas
os nomes e o lugar – dá a voz que o fado diga-me".
E um encanto ajuntou p'ra que a sombra soubesse
o que se lhe indagava. O cadáver, chorando,
disse: "Das Parcas eu não vi, decerto, os fios,
rechamado que sou da atingida ribeira.
Isso me faz saber sobre todas as sombras.[284]

[284] Gouvêa-Júnior, 2025.

A bruxa promete ao morto imunidade contra o feitiço de outros necromantes. Uma vez que ele atenda às suas exigências, a alma e o corpo do falecido não poderão ser usados novamente em outro oráculo. O soldado concorda e conta o que sabe sobre o destino da batalha e de Pompeu[285]. Termina o oráculo (v.820-21):

> *'sic postquam fata peregit,*
> *stat uoltu maestus tacito mortemque reposcit.*
>
> Após assim vaticinar,
> de pé, co' o rosto triste e mudo, pede a morte.[286]

Temos o encerramento da necromancia para enviar a alma do morto de volta ao mundo das sombras. Ericto cumpre a promessa feita ao espírito do soldado e realiza um ritual fúnebre específico que o faz retornar à morte e torná-lo imune a eventuais feitiços necromânticos. Ericto e Pompeu retornam ao acampamento (v.822-830).

> *carminibus magicis opus est herbisque, cadauer*
> *ut cadat, et nequeunt animam sibi reddere fata*
> *consumpto iam iure semel. tunc robore multo*
> *extruit illa rogum; uenit defunctus ad ignes.*
> *accensa iuuenem positum strue liquit Erictho*
> *tandem passa mori, Sextoque ad castra parentis*
> *it comes; et caelo lucis ducente colorem,*
> *dum ferrent tutos intra tentoria gressus,*
> *iussa tenere diem densas nox praestitit umbras.*
>
> Ervas e encantos são precisos p'ra que o corpo
> caia. O Fado não pode a alma recuperar,
> u'a só vez gasto o jus. Então, com muita lenha,
> ela ergue u'a pira. Vem o defunto p'ras chamas.
> Na pilha acesa, Ericto, põe o moço, e, enfim,
> deixa-o morrer. Vai p'ra os quartéis do pai com Sexto.
> E, quando o céu ganhou a cor da luz, a noite,
> enquanto às tendas vão seguros, ordenada
> a segurar o dia, aprestou densas sombras.[287]

Observemos alguns pontos de interesse do poema, começando com a descrição da Tessália, logo quando Pompeu instala seu exército. Notamos, em todos os capítulos de nosso estudo, a referência a diversos lugares reais, sejam territórios, reinos, cidades, montanhas, vulcões, mares, rios, ou até locais e bairros (de Roma, principalmente). Como nos diz Tupet (1972), mais importante que a identificação geográfica dos lugares no mundo físico, é o seu significado no imaginário dos latinos antigos.

---

[285] Conferir texto na íntegra que se encontra no anexo ao final da tese (*Farsália*, VI, v.780-819.)
[286] Gouvêa-Júnior, 2025.
[287] Idem.

A Tessália, como dissemos, se localiza na região de Larissa, na Grécia. Mas, para o imaginário da Antiguidade Clássica, significa uma terra exótica que abriga os mais temíveis feiticeiros e as mais terríveis substâncias originárias de ervas venenosas, serpentes e feras. Além disso, a própria paisagem tessálica inspira o misticismo, e seus montes, precipícios e escarpas também possuem atributos mágicos. Em Lucano, a Tessália assume também a característica de cenário de dois acontecimentos monstruosos: a guerra de Pompeu e César e o ritual de necromancia de Ericto.

A região foi citada por todos os autores que tratam sobre feitiçaria na literatura latina até o século I d.C. e reaparecerá também em Apuleio, já no século II d.C. A única exceção será a obra de Petrônio, em que não encontramos alusão à Tessália. Não podemos deixar de lembrar, porém, que o texto do *Satyricon* não sobreviveu ao tempo de maneira integral, faltando um número considerável de fragmentos, não sendo possível afirmar com segurança que Petrônio não tenha citado a localidade grega em sua obra.

Além da Cólquida, terra natal de Medeia, e do Oriente próximo, a Tessália é certamente a localidade de maior apelo imaginativo para os poetas da Antiguidade Greco-Romana. Em Virgílio (*Eneida*, IV) temos também Marselha, no sul da França, como um território mágico habitado por uma poderosa bruxa.

Alguns dados da biografia de Lucano são relevantes para compreendermos a presença de Ericto como personagem de destaque na epopeia, bem como a representação de rituais mágicos e o protagonismo da necromancia. Um deles é a proximidade entre o poeta e Nero:

> Para Plínio, Nero era obcecado por magia em geral e ansiava por dar ordens aos próprios deuses. Nenhum rito, por mais estranho ou selvagem que fosse, era menos gentil do que seus pensamentos. Apesar de dedicar todo o poder e riqueza do mundo à busca de necromancia, ele não obteve nada através ela e, por isso, acabou abandonando-a. Plínio nomeia o mago armênio Tíridates como seu principal instrutor em necromancia. Ele veio a Roma em 66 d.C., muito depois da morte de Agripina, mas logo depois da de Popéia. Plínio zomba das desculpas que Tirídates deu a Nero para o fracasso, a saber, a falta de uma ovelha negra perfeita e a falta de sacrifício humano. Alguns críticos acreditam que Nero tenha sido o modelo para o necromântico Sexto Pompeu do poeta Lucano. É significativo que Tessalo tenha dedicado seu livro com sua introdução quase necromântica a Nero[288].

Não buscamos confirmações dos fatos nas obras dos historiadores antigos, mas nos interessam os relatos a respeito dos imperadores. Ogden (2005) comenta o ponto de vista de Plínio sobre Nero, que atribui ao imperador uma obsessão fervorosa por magia. Ele destaca a figura do mago Trídates, que teria vindo a Roma no ano de 66, depois da morte de Agripina,

[288] Ogden, 2005, p. 253.

mãe de Nero, e de Popéia[289], sua ex-esposa, para realizar ritos necromânticos. Independentemente do encontro clandestino entre Nero e o necromante ter ocorrido, há o relato de Plínio que associa a imagem do regente à essas práticas, satisfazendo o imaginário popular ou contribuindo para o folclore criado em torno dos poderosos.

A amizade entre os jovens Nero e Lucano pode nos fornecer justificativas sobre a presença acentuada de rituais mágicos na *Farsália*. Como no diz Conte (1999), Lucano, que encontrou seu fim por volta dos 26 anos de idade de forma trágica, frequentava assiduamente a corte e dispunha do entusiasmo do imperador em relação à sua produção literária. Ironicamente, foi condenado à morte por seu próprio mecenas.

> Nero (governou de 54 a 68 d.C.) é o imperador a quem as tradições mais elaboradas de necromancia se ligam. Depois de matar sua mãe Agripina em Baiae em 59 d.C., ele se sentiu perseguido por seu fantasma e pelas Fúrias, que o seguiam com chicotes e tochas, como aprendemos com Suetônio. Ele se voltou para magos persas para conjurar o fantasma para que pudesse implorar seu perdão. Antes do assassinato, Nero nunca tinha sonhado, mas depois foi atormentado por sonhos carregados de desgraças que incluíam as portas de um mausoléu abrindo-se sozinhas e ordenando-lhe que entrasse. Sua consciência de sua condição ímpia após o assassinato, da visão da costa de Baiae e dos sons dos toques de trombeta de colinas próximas e dos lamentos do local inadequado de sepultamento de Agripina. Ele não conseguiu escapar deles nem mesmo mudando de casa, e então fugiu para Nápoles.[290]

Em resumo, o trecho pertinente à cena mágica começa descrevendo o cenário de guerra, com generais preparando seus quartéis e o sentimento de medo e apreensão entre os soldados. O receio diante dos horrores que se aproximam com a batalha faz com que Pompeu, personagem pouco virtuoso na visão de Lucano, busque as práticas proibidas de adivinhação na Tessália, com as quais ele mesmo possui familiaridade. Vemos, mais uma vez, a feitiçaria sendo utilizada como ferramenta de apoio para as situações em que os resultados não são garantidos. Em uma guerra, mesmo com um exército organizado, sempre há o receio da derrota e as baixas, que ocorrem dos dois lados no campo de batalha, dentre vencedores ou derrotados.

A bruxa usa rituais proibidos e necromancia para prever o futuro. Sua prática de invocar os mortos e manipular os manes mostra uma busca por poder além dos limites permitidos pela natureza, revelando a arrogância humana diante do destino. Porém, a soberba e livre iniciativa dos generais aliados ao uso da feitiçaria, com o intuito de alterar o curso dos acontecimentos, é plenamente coerente com a proposta de uma épica *togata* na qual os deuses não governam as ações humanas.

---

[289] Popeia Sabina (Pompeia, 30 d.C. – Roma, 65 d.C.) foi uma imperatriz-consorte romana, segunda esposa do imperador Nero.

[290] Ogden, 2004, p. 251-2.

Quanto aos atributos concernentes ao agente mágico, Ericto reúne três características principais: a misantropia, a prática da necromancia e a ameaça aos deuses. Ela caracteriza uma personagem do mais alto grau de marginalidade, uma vez que vive apartada da sociedade e habita as tumbas dos mortos. A segunda característica emblemática de Ericto é o domínio da necromancia, elucidada em todo o poema, e a terceira é a capacidade de ameaçar os deuses.

Outro aspecto importante é a reflexão sobre a relação entre os deuses, o destino e a humanidade. O poema, como um todo, sugere que o Fado é uma força inexorável, que nem mesmo os deuses podem alterar completamente. A magia e os rituais, embora poderosos, parecem ser insuficientes para mudar o curso dos acontecimentos, confirmando a crença de que o destino é uma força superior e imutável, sendo a única interdição para o poder de Ericto. No entanto, a feitiçaria e os oráculos necromantes no Canto VI serão usados por Pompeu em uma tentativa de burlar o destino.

4.10. *Satyricon* – Petrônio

Ainda no século I d.C., temos o proto-romance *Satyricon*, atribuído a Petrônio (27 – 66 d.C.[291]), contemporâneo de Sêneca e Lucano. Ao lado das *Metamorfoses*, de Apuleio (séc. II d.C.), as duas obras constituem os principais exemplares do referido "romance" latino, como é convenientemente chamado.

A respeito do *Satyricon*, porém, existem obstáculos documentais que não nos permitem afirmar sem dúvidas sua autoria e a época exata de sua escrita. Seguimos a datação da existência de Petrônio proposta por Conte (1999), que sugere alguns critérios como base para o estabelecimento de um período aproximado de criação e divulgação da obra. O principal deles é a menção de Tácito sobre um cortesão de Nero chamado Petrônio, descrito como "*elegantiae arbiter*" em seus *Anais* (Livro XVI). Embora o registro nos *Anais* ocorra algumas décadas depois da morte do autor, Tácito dedica-se a escrever principalmente a respeito dos governos de Tibério e Nero, o que se encaixa na cronologia da existência de Petrônio.[292]

Para Conte, é possível ainda que a *Captura de Troia* cantada pelo poeta Eumolpo em *Satyricon* seja uma alusão ao poema de Nero sobre a Guerra de Troia; porém, essa hipótese é controversa[293].

Além disso, todas as indicações internas de data, isto é, aquelas derivadas do próprio texto do romance, se encaixam com uma datação contemporânea ao principado de Nero; as referências a figuras históricas, os nomes de todos os personagens do romance e o contexto social da trama, são todos compatíveis com esse período, e não há indícios que apontam para uma data posterior. De qualquer modo, a hipótese de que Petrônio tenha vivido entre os anos 17 e 66 de nossa era é razoavelmente aceita entre os críticos.

Bianchet (2013) afirma que tanto *Satyricon* quanto *Metamorfoses* inauguram na Antiguidade Clássica um novo modo de contar histórias, uma vez que a estrutura de ambas intercala várias narrativas curtas que contrastam com a linha diegética central, normalmente com episódios de anedotas eróticas ou mágicas.

Uma das principais características desse tipo de "romance" é a constante transferência do foco narrativo, que passa do narrador homodiegético para outro personagem coadjuvante por diversas vezes. O protagonista conta as suas próprias peripécias em primeira pessoa, mas

---

[291] CONTE, Gian Biago. **Latin literature**: a history. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1999.
[292] Conte, 1999, p. 456.
[293] Ibdem.

quando interage com outro contador de história ou quando é testemunha ocular da experiência vivida por outros, ele as reproduz como citação, mantendo a primeira pessoa no discurso. Além disso, o texto em prosa é sempre intercalado com poemas, em momentos oportunos, com a intenção de produzir efeitos cômicos. Essas estratégias narrativas estão presentes tanto em Petrônio quanto em Apuleio. Os séculos I e II d.C., portanto, nos trazem a novidade da prosa ficcional na literatura latina.

A obra *Satyricon* é célebre pelo capítulo chamado tradicionalmente de *Cena Trimalchionis*, em que o rico emergente Trimalquião oferece um lauto jantar no qual estão presentes também o protagonista e seus dois amigos. Durante o jantar, são contadas várias fábulas, e os convivas são estimulados pelo anfitrião a contribuírem com anedotas ou contos de terror. A estas histórias curtas, dá-se o nome de 'fábulas milesianas'[294]. Esta mesma forma de composição está presente nas *Metamorfoses*, escrita quase um século depois, e Apuleio também se refere à própria obra como 'milesiana'. Porém, é consenso entre os estudiosos que os dois romances são muito extensos para serem considerados apenas como *fabulae milesiae*.

Fora as particularidades de sua estrutura e a originalidade literária de *Satyricon*, devemos destacar sua importância para os estudos sobre o latim vulgar anterior à Idade Média, fornecendo material significativo para a pesquisa em várias áreas da linguística e filologia românica[295].

Além do uso da linguagem vulgar (ou falada), a obra também evidencia a intenção do autor de retratar as classes populares de Roma. Para Conte (1999) é legítimo interpretar alguns aspectos do *Satyricon* relacionando-os à corte de Nero:

> Tem sido pensado que o gosto de Petrônio pela vida das classes sociais mais baixas tem alguma relação sutil com os gostos do imperador; os historiadores anti-neronianos atribuem a Nero uma vida noturna intensa e secreta na qual ele frequenta locais de bebida barata e bordéis além de se envolver em brigas.[296]

Nesta obra, Petrônio narra a saga de Encólpio e seus dois principais companheiros, Ascilto e Gitão, em suas aventuras, que envolvem todo tipo de delito e confusão, incluindo a fuga de Roma para o sul da Itália e um naufrágio. Em dado momento da história, o protagonista

[294] Fábulas milesianas são contos curtos, frequentemente eróticos ou de aventura, com raízes na literatura grega e romana antiga. Elas são conhecidas por suas narrativas intricadas, envolvendo múltiplas histórias dentro de uma história principal, e frequentemente apresentam temas como amor e viagens, com um estilo narrativo pensado para entreter os ouvintes ou leitores.

[295] Para estudos detalhados a respeito do latim vulgar na antiguidade clássica conferir Bianchet, 2002 e Coutinho, 2004.

[296] Conte, 1999, p. 456.

se depara com três bruxas que tentam curá-lo de sua impotência sexual: a primeira, uma velha sem nome; a segunda, Enótia, a sacerdotisa de Priapo; e a terceira, sua ajudante Proselenos.

A primeira menção sobre bruxas e seus feitos em *Satyricon* ocorre no capítulo 63, quando Encólpio e Ascilto já se encontram no jantar de Trimalquião. O dono da casa narra aos seus convidados uma fábula milesiana interposta à história principal, que trata sobre um grupo de bruxas assustadoras:

> *[LXIII] Attonitis admiratione universis: "Salvo, inquit, tuo sermone, Trimalchio, si qua fides est, ut mihi pili inhorruerunt, quia scio Niceronem nihil nugarum narrare: immo certus est et minime linguosus. Nam et ipse vobis rem horribilem narrabo. Asinus in tegulis. "Cum adhuc capillatus essem, nam a puero vitam Chiam gessi, ipsimi nostri delicatus decessit, mehercules margaritum, <sacritus> et omnium numerum. Cum ergo illum mater misella plangeret et nos tum plures in tristimonio essemus, subito <stridere> strigae coeperunt; putares canem leporem persequi. Habebamus tunc hominem Cappadocem, longum, valde audaculum et qui valebat: poterat bovem iratum tollere. Hic audacter stricto gladio extra ostium procucurrit, involuta sinistra manu curiose, et mulierem tanquam hoc loco — salvum sit, quod tango! — mediam traiecit. Audimus gemitum, et — plane non mentiar — ipsas non vidimus. Baro autem noster introversus se proiecit in lectum, et corpus totum lividum habebat quasi flagellis caesus, quia scilicet illum tetigerat mala manus. Nos cluso ostio redimus iterum ad officium, sed dum mater amplexaret corpus filii sui, tangit et videt manuciolum de stramentis factum. Non cor habebat, non intestina, non quicquam: scilicet iam puerum strigae involaverant et supposuerant stramenticium vavatonem. Rogo vos, oportet credatis, sunt mulieres plussciae, sunt Nocturnae, et quod sursum est, deorsum faciunt. Ceterum baro ille longus post hoc factum nunquam coloris sui fuit, immo post paucos dies freneticus periit."*
>
> *[LXIV] Miramur nos et pariter credimus, osculatique mensam rogamus Nocturnas, ut suis se teneant, dum redimus a cena.*

> LXIII. Enquanto todos estavam paralisados pelo espanto, Trimalquião disse: 'Eu dou crédito a sua palavra, se alguém duvida que haja verdade no que você contou, pois eu fiquei todo arrepiado, porque eu sei que Nicerote não fica contando lorotas por aí. Muito pelo contrário, ele é de confiança e não é tagarela. E agora eu também contarei uma história horripilante para vocês, tão inacreditável como um asno no telhado. Quando eu ainda tinha cabelos compridos, pois desde criança levei uma vida mansa, o queridinho do senhor de nossa casa morreu, por Hércules, ele era uma pérola, + perfeito + * em todos os sentidos. Então, quando sua pobre mãezinha chorava por ele e muitos de nós também compartilhavam de sua tristeza, subitamente, bruxas começaram a fazer um barulho estridente; a gente podia pensar que era um cachorro perseguindo uma lebre. Naquela época, nós tínhamos um homem da Capadócia, alto, muito corajoso e que era forte: conseguia carregar um touro bravo. Ele corajosamente avançou para fora, espada em punho, com a mão esquerda cuidadosamente protegida, e atravessou uma daquelas mulheres bem no meio, como se fosse neste lugar aqui – que o meu que eu estou mostrando esteja a salvo! – Nós ouvimos um gemido, mas – é claro que eu não vou mentir – ver as bruxas nós não vimos. Porém, nosso corajoso imbecil, acuado, projetou-se sobre uma cama e seu corpo estava todo da cor de chumbo, como se tivesse sido ferido por chicotadas, evidentemente porque uma mão funesta tinha tocado nele. Nós, com a porta fechada, retomamos novamente nossas obrigações, mas, no momento em que a mãe quis abraçar o corpo de seu filho, ela tocou e viu um feixe de palha. Não tinha coração, nem intestino, nem nada: é claro que as bruxas já se tinham apoderado do menino e posto em seu lugar um boneco de palha. Por favor, vocês precisam acreditar em mim, existem mulheres que sabem

> demais, existem feiticeiras que agem nas trevas e, o que está em cima, elas põem abaixo. De resto, aquele imbecil grandalhão, depois do acontecido, jamais recuperou sua cor, muito pelo contrário, poucos dias depois, morreu debatendo-se'.
>
> LXIV. Nós ficamos assombrados e igualmente acreditamos e, beijando a mesa, pedimos às feiticeiras que ficassem em casa, até que nós voltássemos do jantar.[297]

Não temos uma descrição sobre as bruxas, uma vez que o próprio Trimalquião admite que, na situação que presenciou, apenas ouviu os barulhos quando as bruxas são feridas: "é claro que eu não vou mentir – ver as bruxas nós não vimos." Porém sabemos sobre a atuação dessas mulheres. Após a morte do menino, as bruxas atacam a casa para roubar o corpo da criança, substituindo-o por um boneco de palha. Conjecturamos tratar-se novamente de bruxas necromantes, como ocorre em diversos textos latinos.

Situação semelhante observamos no Epodo V, de Horácio, quando Canídia e suas amigas sequestram um garoto para extrair sua medula e seu fígado com o objetivo de fabricar uma poção do amor. Da mesma forma, podemos citar Ericto, de Lucano, que rouba fetos das mães e qualquer tipo de cadáver em velórios, sejam adultos ou crianças, para realizar seus feitiços necromânticos. O horror das bruxas associado ao rapto de crianças parece povoar o imaginário popular.

Além de roubar o corpo da criança na história de Trimalquião, as bruxas também causam a morte do "homem da Capadócia" apenas pelo toque de suas mãos:

> Porém, nosso corajoso imbecil, acuado, projetou-se sobre uma cama e seu corpo estava todo da cor de chumbo, como se tivesse sido ferido por chicotadas, evidentemente porque uma mão funesta tinha tocado nele.[298]

A obra de Petrônio constitui uma fonte importante sobre o latim vulgar, e neste trecho específico, temos amostras do vernáculo utilizado para designar as bruxas. Na fábula de Trimalquião, primeiramente ele utiliza a palavra <*strigae*>, <*striga*> em sua forma plural:

> *Cum ergo illum mater misella plangeret et nos tum plures in tristimonio essemus, subito <stridere> strigae coeperunt;*
>
> Então, quando sua pobre mãezinha chorava por ele e muitos de nós também compartilhavam de sua tristeza, subitamente, bruxas começaram a fazer um barulho estridente;[299]

---

[297] Tradução de BIANCHET, Sandra Braga. **Satyricon**: edição bilíngüe. Belo Horizonte: Crisálida, 2004.
[298] Bianchet, 2004.
[299] Idem.

E, ao alertar seus ouvintes sobre a existência de feiticeiras, ele utiliza dois vocábulos em sua forma plural, um adjetivo superlativo <*plussciae*> ou "que sabem demais" e a palavra <*Nocturnae*>, literalmente "Noturnas" ambos significando "bruxas":

> *Rogo vos, oportet credatis, sunt mulieres* ***plussciae****, sunt* ***Nocturnae****, et quod sursum est, deorsum faciunt.*
>
> Por favor, vocês precisam acreditar em mim, existem mulheres que sabem demais, existem feiticeiras que agem nas trevas e, o que está em cima, elas põem abaixo.[300]

Encólpio também utiliza a palavra <*Nocturnas*>, flexionada no acusativo plural:

> *[LXIV] Miramur nos et pariter credimus, osculatique mensam rogamus Nocturnas, ut suis se teneant, dum redimus a cena.*
>
> LXIV. Nós ficamos assombrados e igualmente acreditamos e, beijando a mesa, pedimos às feiticeiras que ficassem em casa, até que nós voltássemos do jantar.[301]

Os trechos de maior importância no *Satyricon* para nosso estudo se iniciam a partir do capítulo 126 (CXXVI). Depois de sua chegada à Crotona, cidade do sul da Itália, Encólpio, chamado agora de Polieno[302], é abordado por Críside, escrava de Circe, para que conheça sua senhora. Após o encontro amoroso malsucedido entre Encólpio e Circe, devido à impotência recém adquirida do rapaz, Críside entrega a ele uma carta escarnecedora de sua senhora. Depois de ler a missiva com atenção, o protagonista é advertido pela escrava sobre a fama das mulheres da cidade, que, subentende-se, praticam magia:

> *129 (CXXIX) "Vt intellexit Chrysis perlegisse me totum convicium: "Solent, inquit, haec fieri, et praecipue in hac civitate, in qua mulieres etiam lunam deducunt. <. . .> Itaque huius quoque rei cura agetur. Rescribe modo blandius dominae, animumque eius candida humanitate restitue. Verum enim fatendum: ex qua hora iniuriam accepit, apud se non est". Libenter quidem parui ancillae, verbaque codicillis talia imposui:*
>
> 129 (CXXIX) Quando Críside percebeu que eu havia lido do princípio ao fim todo esse insulto, disse: 'Isto costuma acontecer, principalmente nesta cidade, onde as mulheres fazem descer até a lua do céu... Assim, é a cura deste seu mal que está em jogo. Apenas escreva de volta a minha dona muito docemente e devolva a ela a razão de viver, num sincero ato humanitário. Você deve confessar a verdade: desde aquela hora em que recebeu de você a ofensa, ela não está normal'. Com prazer eu me submeti às ordens da escrava e coloquei na carta as seguintes palavras: [...][303]

---

[300] Bianchet, 2004.
[301] Idem.
[302] O personagem principal, Encólpio, troca de nome propositalmente durante a narrativa.
[303] Bianchet, 2004.

Dado o recado, Encólpio, comprometido em procurar uma solução antes do próximo encontro com sua amada Circe, no dia seguinte, encontra-se com Críside e uma velha em um bosque, que vêm para tentar curar sua enfermidade.

> *131 (CXXXI) Postero die, cum sine offensa corporis animique consurrexissem, in eundem platanona descendi, etiam si locum inauspicatum timebam, coepique inter arbores ducem itineris expectare Chrysidem. Nec diu spatiatus consederam, ubi hesterno die fueram, cum illa intervenit comitem aniculam trahens. Atque ut me consalutavit: "Quid est, inquit, fastose, ecquid bonam mentem habere coepisti?" Illa de sinu licium prolulit varii coloris filis intortum, cervicemque vinxit meam. Mox turbatum sputo pulverem medio sustulit digito, frontemque repugnantis signavit. <. . .> Hoc peracto carmine ter me iussit expuere terque lapillos conicere in sinum, quos ipsa praecantatos purpura involuerat, admotisque manibus temptare coepit inguinum vires. Dicto citius nervi paruerunt imperio, manusque aniculae ingenti motu repleverunt. At illa gaudio exultans: "Vides, inquit, Chrysis mea, vides, quod aliis leporem excitavi?"*

> 131 (CXXXI) No dia seguinte, como eu me levantei intacto de corpo e alma, dirigi-me àquela mesma plantação de plátanos, ainda que estivesse com receio de que fosse um lugar mal agourado, e resolvi esperar que Críside me servisse como guia do caminho por entre as árvores. Depois de caminhar por algum tempo, fiquei parado no lugar onde estivera no dia anterior, quando ela apareceu, trazendo uma velha em sua companhia. E, logo que me cumprimentou, disse: 'Como é que é, magnífico, você está com mais disposição hoje? Ela retirou de seu seio um cordão retorcido com fios de cores variadas e amarrou em meu pescoço. Logo depois, com o dedo médio, pegou um pouco de poeira misturada com cuspe e fez um sinal em minha testa, apesar de minha resistência... Terminada esta fórmula mágica, ela ordenou que eu cuspisse três vezes e arremessasse três vezes em meu peito umas pedrinhas que, previamente encantadas, ela própria envolvera em um tecido cor de púrpura e, aproximando suas mãos de meu membro viril, testou as forças dele. Pronunciado o comando, meus nervos obedeceram muito prontamente e encheram as mãos da velha com seu enorme levante. E ela, pulando de alegria, disse: 'Você está vendo, minha querida Críside, você está vendo que eu despertei uma lebre para as outras?'[304]

Encólpio descreve um rito muito simples, semelhante às simpatias populares analisadas por Mauss. O que mais se aproxima dos rituais de feitiçaria vistos até agora nos textos latinos, é o uso intencional do número "três" (número místico) e um encantamento verbal. De resto, não podemos apreender um significado para os elementos presentes nesse rito. As relações de contágio, similaridade e contrariedade não estão claras, nem encontramos símbolos que nos remetem a alguma tradição ou mito. Porém, ao fim do ato, sua eficácia mágica é comprovada, num primeiro momento, com a reação positiva do membro viril do rapaz. Sugerimos que, por se tratar de uma obra satírica, Petrônio não esteja preocupado em descrever com detalhes os feitiços, e sim, provocar o riso com uma bruxaria malfeita e com resultados questionáveis, como veremos a seguir.

[304]Bianchet, 2004.

A próxima cena ocorre depois de mais um fracasso de Encólpio, que percebeu que o encantamento da velha bruxa não havia funcionado e por isso continuava lutando contra sua impotência sexual. O conteúdo do início do capítulo 133 é incerto, pois falta um fragmento do texto original. Porém, devido às cenas subsequentes, infere-se que o protagonista chega à porta do templo de Priapo em busca de cura e recita uma prece em versos.

133 (CXXXIII)
<. . .> positoque in limine genu sic deprecatus sum numen aversum:

Nympharum Bacchique comes, quem pulcra Dione
divitibus silvis numen dedit, inclita paret
cui Lesbos viridisque Thasos, quem Lydus adorat
septifluus, templumque tuis imponit Hypaepis:
huc aedes et Bacchi tutor Dryadumque voluptas,
et timidas admitte preces. Non sanguine tristi
perfusus venio, non templis impius hostis
admovi dextram, sed inops et rebus egenis
attritus facinus non toto corpore feci.
Quisquis peccat inops, minor est reus. Hac prece, quaeso,
exonera mentem culpaeque ignosce minori,
et quandoque mihi fortunae arriserit hora,
non sine honore tuum patiar decus. Ibit ad aras,
Sancte, tuas hircus, pecoris pater; ibit ad aras
corniger et querulae fetus suis, hostia lactens.
Spumabit pateris hornus liquor, et ter ovantem
circa delubrum gressum feret ebria pubes."

Dum haec ago curaque sollerti deposito meo caveo, intravit delubrum anus laceratis crinibus nigraque veste deformis, extraque vestibulum me iniecta manu duxit. <. . .>

133 (CXXXIII)
. . . e, ajoelhado na soleira da porta, supliquei à divindade inimiga da seguinte maneira:

Companheiro das Ninfas e de Baco, a quem a bela Dione
deu o poder de comandar as ricas florestas, a cujas ordens a célebre
Lesbos se submete, e também a verdejante Tasos,
a quem o rio de sete braços da Líbia adora e, em Hipepa, dedica um templo:
aproxime-se de mim, você que é protetor de Baco e prazer das Driades,
e receba minhas tímidas súplicas. Eu não venho coberto de sangue criminoso,
nem direciono minha mão direita a seus templos, como um inimigo ímpio,
mas, fraco e massacrado pela falta de forças,
cometi um atentado contra uma parte de meu corpo.
Qualquer um que, sem recursos, comete um erro é menos acusado.
Por esta súplica, peço-lhe, alivie minha mente e perdoe minha pequena falha,
e, quando, algum dia, o momento de sorte vier a me favorecer,
prestarei as devidas homenagens a sua glória. Irá até seus altares,
venerável divindade, um bode, o chefe do rebanho, irá até seus altares
um cornígero e uma vítima lactente, o filhote de uma ruidosa porca.
O vinho da estação espumará nas páteras e, festejando a vitória três vezes,
minha mocidade ébria caminhará em volta de seu santuário'.

[...] Enquanto fazia estas súplicas e cuidava de encontrar um tratamento eficaz para meu arquivo-morto, entrou no santuário aquela velha toda descabelada e feia, com um

> vestido negro, e, agarrando-me pela mão, conduziu-me para fora da varanda do templo.[305]

O gesto de Encólpio, de se ajoelhar e declamar uma súplica, ilustra a prática da religião votiva, mencionada em nosso trabalho nos capítulos anteriores. O protagonista recorre a Priapo que, tradicionalmente, interfere na vida dos humanos de forma benevolente nas esferas da fecundidade, abundância, proteção e virilidade. O herói pede a sua ajuda sem nenhum tipo de ritual específico, apenas lhe dirigindo a palavra e prometendo homenagens e oferendas, caso o objetivo seja alcançado.

O rapaz promete a Priapo o sacrifício de animais de rebanho, vinho e uma caminhada em torno do seu santuário. Vimos que, nos parágrafos anteriores da obra, Encólpio recebera ajuda de uma feiticeira charlatã, e, agora, procurava, de maneira solitária, a ajuda de um deus através da religião votiva. A prática votiva ou religião privada, embora também possua caráter individualista e intimista, pode ser realizada sem um agente mágico, com o simples contrato entre o devoto e a divindade.

Este trecho do *Satyricon* nos permite analisar lado a lado a prática votiva e a prática da feitiçaria, uma vez que, em seguida, as mulheres que guardam o templo de Priapo se revelarão como bruxas.

No encerramento das falas de Encólpio, temos a primeira descrição de Proselenos:

> *133 (CXXXIII) Dum haec ago curaque sollerti deposito meo caveo, intravit delubrum anus laceratis crinibus nigraque veste deformis, extraque vestibulum me iniecta manu duxit. <. . .>*

> [...] Enquanto fazia estas súplicas e cuidava de encontrar um tratamento eficaz para meu arquivo-morto, entrou no santuário aquela velha toda descabelada e feia, com um vestido negro, e, agarrando-me pela mão, conduziu-me para fora da varanda do templo.[306]

Petrônio segue a tradição latina firmada por Horácio, uma vez que Proselenos é descrita como uma mulher velha, feia, descabelada, e com vestes negras. A aparência da sacerdotisa de Priapo se assemelha claramente à Canídia, Sagana e Veia, as bruxas horacianas criadas ainda no século I a.C. Ericto também possui essas mesmas características físicas, porém é retratada no contexto do estilo épico, sendo mais difícil fazermos a mesma aproximação.

Segue-se então o diálogo entre Proselenos, a sacerdotisa de Priapo, e Encólpio.

---

[305] Bianchet, 2004.
[306] Idem.

> *[CXXXIV] PROSELENOS ANVS AD ENCOLPIVM: "Quae striges comederunt nervos tuos, aut quod purgamentum nocte calcasti trivio aut cadaver? Nec a puero quidem te vindicasti, sed mollis, debilis, lassus, tanquam caballus in clivo et operam et sudorem perdidisti. Nec contentus ipse peccare, mihi deos iratos excitasti".*
>
> 134 (CXXXIV) A VELHA PROSELENOS PARA ENCÓLPIO. 'Que feiticeiras comeram seus nervos, ou em que imundície você pisou de noite, ao passar por uma encruzilhada, ou em que cadáver? Nem mesmo pelo garoto você pôde ser libertado, mas mole, impotente, derrubado, tal como um cavalo subindo a ladeira, você perdeu não só sua principal atividade, mas também sua capacidade de transpirar. E, não satisfeito em você mesmo cometer uma falha, ainda despertou a ira dos deuses contra mim'.[307]

Proselenos cogita a hipótese de que o rapaz fora vítima de uma maldição, seja por um feitiço lançado contra ele ou por descuido, ao passar por uma encruzilhada ou pisar em um cadáver. De qualquer modo, a velha culpa Encólpio por provocar a ira dos deuses. Ela o conduz para dentro do santuário e o agride:

> *Ac me iterum in cellam sacerdotis nihil recusantem perduxit impulitque super lectum, et harundinem ab ostio rapuit iterumque nihil respondentem mulcavit. Ac nisi primo ictu harundo quassata impetum verberantis minuisset, forsitan etiam brachia mea caputque fregisset. Ingemui ego utique propter mascarpionem, lacrimisque ubertim manantibus obscuratum dextra caput super pulvinum inclinavi. Nec minus illa fletu confusa altera parte lectuli sedit aetatisque longae moram tremulis vocibus coepit accusare, donec intervenit sacerdos: "Quid vos, inquit, in cellam meam tanquam ante recens bustum venistis? Vtique die feriarum, quo etiam lugentes rident."*
>
> E ela me conduziu novamente para a capela da sacerdotisa, sem qualquer recusa de minha parte, lançou-me contra uma cama, arrebatou da porta um bastão e bateu em mim, que, pela segunda vez, nada respondi. E, se o bastão, quebrado no primeiro golpe, não tivesse reduzido a violência da carrasca, talvez ela tivesse partido em pedaços meus braços e minha cabeça. Eu gemi com toda força, porque a velha ficou manuseando meu pênis e, com as lágrimas manando em abundância, inclinei minha cabeça tampada pela mão direita sobre uma almofada. E ela, não menos abatida por meu gemido, sentou-se do outro lado da cama e, com voz trêmula, ficou acusando-se de já ter vivido demais, até que a sacerdotisa interveio e disse: 'Por que vocês vieram para minha capela, como se estivessem diante de um túmulo ainda fresco? / Sem contar que isso num dia de festa, em que até mesmo os que estão de luto se alegram'.[308]

Proselenos abusa fisicamente de Encólpio, e, enquanto ela reclama da vida, a sacerdotisa de Priapo se aproxima. Segue um diálogo entre as duas velhas sobre a situação do jovem visitante, que termina com um poema declamado por Enótia:

---

[307] Bianchet, 2004.
[308] Idem.

PROSELENOS AD OENOTHEAN SACERDOTEM PRIAPI: "O, inquit, Oenothea, hunc adulescentem quem vides, malo astro natus est; nam neque puero neque puellae bona sua vendere potest. Nunquam tu hominem tam infelicem vidisti: lorum in aqua, non inguina habet. Ad summam, qualem putas esse, qui de Circes toro sine voluptate surrexit?" His auditis Oenothea inter utrumque consedit, motoque diutius capite: "Istum, inquit, morbum sola sum quae emendare scio. Et ne putetis perplexe agere, rogo ut adulescentulus tuus mecum nocte dormiat, nisi illud tam rigidum reddidero quam cornu:

Quicquid in orbe vides, paret mihi. Florida tellus,
cum volo, spissatis arescit languida sucis,
cum volo, fundit opes, scopulique atque horrida saxa
Niliacas iaculantur aquas. Mihi pontus inertes
submittit fluctus, zephyrique tacentia ponunt
ante meos sua flabra pedes. Mihi flumina parent
Hyrcanaeque tigres et iussi stare dracones.
Quid leviora loquor? Lunae descendit imago
carminibus deducta meis, trepidusque furentes
flectere Phoebus equos revoluto cogitur orbe.
Tantum dicta valent. Taurorum flamma quiescit
virgineis extincta sacris, Phoebeia Circe
carminibus magicis socios mutavit Vlixis,
Proteus esse solet quicquid libet. Hic ego callens
artibus Idaeos frutices in gurgite sistam,
et rursus fluvios in summo vertice ponam."

PROSELENOS PARA ENÓTIA, SACERDOTISA DE PRIAPO. / Ela disse: 'O' Enótia, este rapaz que você está vendo nasceu sob uma estrela ruim, pois ele não consegue fazer valer seus nobres dons nem com menino, nem com menina. / Você nunca viu um homem tão desgraçado: um pedaço de couro na água, não tem pênis. / Só para você ter uma ideia, quem foi que já se levantou da cama de Circe sem a satisfação plena de seu prazer?' Ouvindo isto, Enótia sentou-se entre nós dois e, depois de balançar a cabeça durante bastante tempo, disse: 'Eu sou a única que consegue curar esta doença. E, para que vocês não pensem que estou agindo de forma equivocada, peço que seu rapazinho durma comigo esta noite, senão, não poderei devolver isto tão duro quanto um chifre:

/Tudo que se vê no mundo está submetido a minhas ordens. A terra florida,
quando eu quero, sugada sua seiva, torna-se seca e sem energia;
quando eu quero, ela desperdiça suas riquezas e rochedos e ásperos penedos
se atiram nas águas do Nilo. A mim, o mar submete
suas tímidas ondas e os ventos colocam seu silencioso
sopro diante de meus pés. A minhas ordens estão submetidos os rios
e foi sob meu comando que os tigres da Hircânia e os dragões se imobilizaram.
Por que estou falando de coisas tão sem importância? A imagem da lua desce,
atraída pelo som de minha voz, e o apressado sol,
fazendo a meia-volta, é obrigado a volver seus desvairados cavalos.
Minhas palavras valem muito. A impetuosidade dos touros se abranda;
aplacada por sacrifícios de virgens, Circe, filha de Febo,
modificou os companheiros de Ulisses com suas fórmulas mágicas;
Proteu costuma ser o que deseja. Eu, bastante conhecedora dessas habilidades,
posso colocar as ramagens do monte Ida em um turbilhão de água
e, inversamente, instalar rios no cume de uma montanha'.[309]

[309] Bianchet, 2004.

Enótia, autointitulada feiticeira, compara seu conhecimento ao de Circe, a poderosa bruxa mitológica grega e acrescenta: “posso colocar as ramagens do monte Ida em um turbilhão de água e, inversamente, instalar rios no cume de uma montanha”.

Como dissemos anteriormente, a prosa ficcional latina é constituída de poemas que interceptam a narrativa principal com a finalidade de provocar o riso. O poema declamado por Enótia cumpre exatamente a função de adicionar comicidade à cena. Em toda a tradição literária romana, especialmente em Ovídio, Lucano e Sêneca, as bruxas se apresentam, ou são apresentadas pelo narrador de forma pomposa, empolada, e, sobretudo, grave. O poema de Enótia zomba explicitamente das bruxas épicas e trágicas.

A narrativa prossegue expondo as ações bizarras de Enótia:

> [CXXXV] lnhorrui ego tam fabulosa pollicitatione conterritus, anumque inspicere diligentius coepi.
>
> *"Ergo, exclamat Oenothea, imperio parete!" detersisque curiose manibus inclinavit se in lectulum ac me semel iterumque basiavit. <. . .>*
>
> *Oenothea mensam veterem posuit in medio altari, quam vivis implevit carbonibus, et camellam etiam vetustate ruptam pice temperata refecit. Tum clavum, qui detrahentem secutus cum camella lignea fuerat, fumoso parieti reddidit. Mox incincta quadrato pallio cucumam ingentem foco apposuit, simulque pannum de carnario detulit furca, in quo faba erat ad usum reposita et sincipitis vetustissima particula mille plagis dolata. Vt soluit ergo licio pannum, partem leguminis super mensam effudit iussitque me diligenter purgare. Servio ego imperio, granaque sordidissimis putaminibus vestita curiosa manu segrego. At illa inertiam meam accusans improba tollit, dentibusque folliculos pariter spoliat, atque in terram veluti muscarum imagines despuit.*
>
> 135 (CXXXV) Eu fiquei todo arrepiado, apavorado com tão fabulosa promessa, e olhei para a velha muito atentamente.
>
> Enótia exclamou: ‘Então, submetam-se a minha ordem!’ E, limpando cuidadosamente suas mãos, ela se inclinou sobre o pequeno leito e me beijou repetidas vezes.
>
> / Enótia colocou no meio do altar uma mesa velha, a qual ela encheu de carvões ardendo em brasa, e consertou uma gamela quebrada de tão velha com uma liga de resina. Então, ela recolocou na parede enfumaçada o prego que tinha vindo junto, quando ela puxou a gamela de madeira. / Imediatamente após, envolvida em um manto quadrado, ela pôs um enorme caldeirão diante da lareira destinada a sacrifícios e, simultaneamente, retirou de cima do defumador de carnes, com um gancho, uma sacola, na qual tinham sido guardados grãos para consumo próprio / e um pequeno pedaço de cabeça de porco, já muitíssimo velha, perfurada por inúmeros golpes de faca. / Então, quando ela soltou o cordão da sacola, derramou sobre a mesa uma porção de favas e ordenou que eu diligentemente as limpasse. Eu obedeci a sua ordem e debulhei cuidadosamente os grãos revestidos das mais imundas cascas. Mas ela, percebendo minha preguiça, retirou os grãos mal debulhados e, com os dentes, arrancou de uma só vez as cascas e as cuspiu no chão, como se fossem imitações de moscas.[310]

[310] Bianchet, 2004.

O relato feito por Encólpio sobre a casa das bruxas nos permite afirmar que a sacerdotisa vivia em condições precárias:

> *Mirabar equidem paupertatis ingenium singularumque rerum quasdam artes:*
>
> *Non Indum fulgebat ebur, quod inhaeserat auro,*
> *nec iam calcato radiabat marmore terra*
> *muneribus delusa suis, sed crate saligna*
> *impositum Cereris vacuae nemus et nova terrae*
> *pocula, quae facili vilis rota finxerat actu.*
> *Hinc molli stillae lacus et de caudice lento*
> *vimineae lances maculataque testa Lyaeo.*
> *At paries circa palea satiatus inani*
> *fortuitoque luto clavos numerabat agrestis,*
> *et viridi iunco gracilis pendebat harundo.*
> *Praeterea quae fumoso suspensa tigillo*
> *conservabat opes humilis casa, mitia sorba*
> *inter odoratas pendebat texta coronas*
> *et thymbrae veteres et passis uva racemis:*
> *qualis in Actaea quondam fuit hospita terra,*
> *digna sacris Hecales, quam Musa loquentibus annis*
> *Baccineas veteres mirando tradidit aevo.*
>
> Quanto a mim, eu estava maravilhado com o talento da pobreza e com algumas de suas extraordinárias habilidades:
>
> Ali não luzia o marfim indiano, que se equipara ao ouro,
> e o chão, lograd o em seus recursos, não apresentava
> o brilho comum do mármore, mas, o bosque da tranqüila Ceres
> tinha sido forrado com grades de vimes entrelaçados e havia maravilhosos vasos
> de terra, que uma roda comum moldara com seu lento movimento.
> Depois, uma bacia para a suave gota d'água e, pendurados a
> um tronco de árvore maleável, travessas de vime e uma jarra suja dedicada a Baco.
> E, em toda a volta, uma parede rústica, construída com uma palha oca
> e esparsa argila, segurava alguns pregos
> e uma delgada haste pendia do verde junco.
> Além disso, esta humilde cabana, protegida por um teto enfumaçado,
> preservava suas riquezas naturais: sorvas maduras,
> dispostas em meio a coroas de flores, pendiam de lá,
> além de velhas segurelhas e uma videira com seus cachos à mostra:
> aqui a sacerdotisa é hospitaleira, tal como foi Hécale para Teseu em solo ateniense,
> digna da mesma veneração dedicada a esta, cuja hospitalidade uma Musa
> registrou em versos, para que se admire sua existência.[311]

Seguem-se vários acontecimentos anedóticos na cozinha da cabana, uma vez que Enótia parece ser desastrada e distraída. Neste interim, o rapaz, ao ficar sozinho nos aposentos da bruxa, acaba matando um dos gansos sagrados que eram criados no templo para sacrifício. Ele esconde o ganso morto atrás da cama e aguarda o retorno da velha. Ao retornar para a cozinha, a velha percebe os gansos mortos e se irrita com o rapaz, soltando um grito estridente.[312]

[311] Bianchet, 2004.
[312] O trecho na íntegra encontra-se no apêndice da tese e pode ser consultado em latim e português.

Depois de se mostrar irada, Enótia perdoa seu hóspede quando ele oferece duas moedas de ouro para reparar os danos contra os gansos:

> *[CXXXVII] At illa complosis manibus: "Scelerate, inquit, etiam loqueris? Nescis quam magnum flagitium admiseris: occidisti Priapi delicias, anserem omnibus matronis acceptissimum. Itaque ne te putes nihil egisse; si magistratus hoc scierint, ibis in crucem. Polluisti sanguine domicilium meum ante hunc diem inviolatum, fecistique ut me, quisquis voluerit inimicus, sacerdotio pellat.*
>
> *— Rogo, inquam, noli clamare: ego tibi pro ansere struthocamelum reddam." Dum haec me stupente in lectulo sedet anserisque fatum complorat, interim Proselenos cum impensa sacrificii venit, visoque ansere occiso sciscitata causam tristitiae, et ipsa flere vehementius coepit meique misereri, tanquam patrem meum, non publicum anserem, occidissem. Itaque taedio fatigatus: "Rogo, inquam, expiare manus pretio licet? <. . .>si vos provocassem, etiam si homicidium fecissem. Ecce duos aureos pono, unde possitis et deos et anseres emere.". Quos ut vidit Oenothea: "Ignosce, inquit, adulescens, sollicita sum tua causa. Amoris est hoc argumentum, non malignitatis. Itaque dabimus operam, ne quis sciat. Tu modo deos roga, ut illi facto tuo ignoscant."*
>
> 137 (CXXXVII) E ela, batendo as mãos uma contra a outra, disse: 'Seu criminoso, você ainda está conversando? Você desconhece a amplitude da desonra que praticou: você matou o prazer favorito de Priapo, o ganso mais estimado de todas as senhoras casadas. E assim, para que você não fique pensando que não fez nada demais, saiba que, se os magistrados descobrirem isto, você irá parar na cruz. Você profanou com sangue meu domicílio, respeitado até o dia de hoje, e fez com que qualquer inimigo meu que queira possa afastar-me do sacerdócio'.
>
> / Eu disse: 'Por favor, não chore: eu recompensarei você pela perda do ganso com uma avestruz'. Enquanto ela permanecia sentada sobre a pequena cama sob meu olhar de espanto, nesse meio tempo chegou Proselenos com o material do sacrifício e, depois de ver o ganso morto, perguntando o motivo da tristeza, ela também chorou muito impetuosamente e ficou com pena de mim, como se eu tivesse matado meu próprio pai, não um ganso qualquer. E assim, eu, cansado daquele aborrecimento, disse: 'Por favor, vocês não podem permitir que eu purifique minhas mãos, pagando um preço por isso? Por acaso eu provoquei vocês, ou cheguei a cometer um homicídio? Eis aqui! Eu estou colocando na mesa de vocês duas moedas de ouro, com as quais vocês podem comprar não só gansos, mas também deuses'. Quando Enótia viu as moedas, disse: 'Perdoe-me, meu jovem, eu estou preocupada com sua situação. Esta é uma prova de amor, não de maldade. Por isso, nós nos empenharemos para que ninguém descubra nada. Quanto a você, apenas rogue aos deuses, para que eles perdoem sua atitude'.[313]

O trecho acima é importante para entendermos a personalidade das feiticeiras. Assim como em Horácio, as bruxas de Petrônio são pobres, e ao mesmo tempo ávidas por dinheiro.

> *<. . .> Infra manus meas camellam vini posuit et cum digitos pariter extensos porris apioque lustrasset, avellanas nuces cum precatione mersit in vinum. Et sive in summum redierant, sive subsderant, ex hoc coniecturam ducebat. Nec me fallebat inanes scilicet ac sine medulla ventosas nuces in summo umore consistere, graves autem et plenas integro fructu ad ima deferri. Recluso pectore extraxit fortissimum iecur et inde mihi futura praedixit. Immo, ne quod vestigium sceleris superesset, totum*

[313] Bianchet, 2004.

> *anserem laceratum verubus confixit, epulasque etiam lautas paulo ante, ut ipsa dicebat, perituro paravit. Volabant inter haec potiones meracae.*
>
> / Abaixo de minhas mãos, ela colocou uma gamela de vinho e, depois de purificar meus dedos, estendidos por igual, com alho-poró e salsinha, mergulhou avelãs no vinho, fazendo imprecações. E, observando se as avelãs tinham voltado para cima, ou se tinham submergido, ela ia fazendo seus prognósticos. Mas ela não me enganava, pois é evidente que nozes ocas e cheias de vento, sem polpa, posicionam-se na superfície de um líquido; as pesadas, por outro lado, e repletas de seu fruto intacto, arrastam-se para o fundo. Depois de abrir o peito do ganso, ela arrancou o fígado ainda em ótimo estado e a partir dele previu meu futuro. Como se não bastasse, para que não restasse qualquer vestígio do crime, ela colocou todo o ganso esquartejado em espetos e preparou uma refeição até atraente para quem há pouco tempo atrás, usando suas próprias palavras, estava condenado à morte. Copos e mais copos de vinho puro transitavam entre elas.[314]

O ganso sagrado de Priapo acaba servindo de refeição para Encólpio e suas anfitriãs. Notamos a dessacralização dos animais que antes serviriam de vítimas para um culto solene e oficial. No entanto, antes de ser servido à mesa, Enótia faz previsões utilizando-se das vísceras do ganso, lendo o futuro do rapaz no fígado da ave: "Depois de abrir o peito do ganso, ela arrancou o fígado ainda em ótimo estado e a partir dele previu meu futuro". A ação de prever o futuro a partir da leitura das vísceras dos animais chama-se *haruspicina*. Esta prática oracular está intrinsecamente ligada às tradições religiosas romanas, mostrando-se muito antiga e bastante difundida no mundo mediterrâneo de forma geral. Nas liturgias, o papel da realização da *haruspicina* cabia aos sacerdotes e às sacerdotisas.

Notamos também a opinião crítica de Encólpio em relação à leitura das avelãs feita pela sacerdotisa: "Mas ela não me enganava, pois é evidente que nozes ocas e cheias de vento, sem polpa, posicionam-se na superfície de um líquido; as pesadas, por outro lado, e repletas de seu fruto intacto, arrastam-se para o fundo". Com seu olhar cético, o protagonista questiona as habilidades mágicas de Enótia.

Chega o momento do ritual de cura, no qual Encólpio será abusado sexualmente pelas bruxas:

> *[CXXXVIII] Profert Oenothea scorteum fascinum, quod ut oleo et minuto pipere atque urticae trito circumdedit semine, paulatim coepit inserere ano meo. Hoc crudelissima anus spargit subinde umore femina mea. Nasturcii sucum cum habrotono miscet, perfusisque inguinibus meis, viridis urticae fascem comprehendit, omniaque infra umbilicum coepit lenta manu caedere. <. . .> Aniculae quamvis solutae mero ac libidine essent, eandem viam tentant et per aliquot vicos secutae fugientem "Prende furem!" clamant. Evasi tamen omnibus digitis inter praecipitem decursum cruentatis. <. . .>*

[314] Bianchet, 2004.

> 138 (CXXXVIII) Enótia trouxe um pênis ereto de couro, que ela, logo que lambuzou com azeite, um pouco de pimenta e semente triturada de urtiga, lentamente introduziu em meu ânus. Depois, a crudelíssima velha cobriu minhas coxas com este líquido. Ela misturou suco de mastruz com absinto e, depois de verter essa mistura sobre meus órgãos genitais, apanhou um feixe de urtiga verde e castigou vagarosamente todas as partes do umbigo para baixo. As velhinhas, por mais que estivessem sob o efeito do vinho e da sacanagem, tentavam trilhar o mesmo caminho que eu e, perseguindo-me por algumas ruas, gritavam: 'Prenda o ladrão!' Eu consegui escapar, no entanto, com todos os dedos feridos em carne viva durante a impiedosa descida.[315]

Neste suposto ritual mágico, temos a utilização das Leis Simpáticas como em outros casos analisados. O objeto em forma de pênis feito de couro obviamente é a representação do órgão masculino, mas nele serão acrescentadas pimenta e semente de urtiga trituradas. Essas ervas são indiscutivelmente estimulantes tanto para o paladar quanto para a pele. Notemos a presença de outra Lei mágica que seria a atuação de opostos. Uma vez que Encólpio sofre com sua genitália flácida e está temporariamente incapaz de ter uma relação, o herói é então violado pelas bruxas através de um órgão masculino artificial. As ervas picantes e urticantes também atuam simbolicamente da mesma maneira, pois têm a função de estimular e fazer com que o membro viril saia do estado de inércia.

A segunda fase do ritual consiste na preparação de um líquido contendo mastruz e algo semelhante ao absinto. O mastruz, herbácea semelhante à menta e hortelã, também possui propriedades estimulantes. O absinto, muito popularizado e consumido por artistas, escritores e boêmios do século XIX de nossa era, como sabemos, é feito de uma erva chamada Artemísia, (no Brasil chamada comumente de Losna) amplamente utilizada na medicina popular.

Finalmente, Enótia realiza a terceira etapa do ritual, derramando a mistura na genitália de Encólpio e dando-lhe uma surra com ramos de urtiga verde. O feitiço consiste em aplicar substâncias urticantes, abrasivas e estimulantes nas partes íntimas do rapaz.

A respeito das consequências do rito mágico, não podemos afirmar sua eficácia devido à falta de conteúdo dos manuscritos. Depois da cena de bruxaria no capítulo 138, há várias lacunas no texto latino, não sendo possível conjecturarmos sobre a habilidade das bruxas em curar o protagonista.

Após a fuga da cabana de Enótia, temos apenas alguns fragmentos que tratam sobre Críside e um monólogo lamurioso de Encólpio. Em seguida, temos o início do capítulo 139, ao que parece ser mais uma fala do herói totalmente descontextualizada, como podemos conferir na tradução de Bianchet (2004), na qual os asteriscos sinalizam a ausência do texto original:

---

[315] Bianchet, 2004.

> Críside, que se aborreceu com sua sorte anterior, resolveu persegui-lo, mesmo colocando sua cabeça em risco.
> *
> 'O que tiveram Ariadne, ou Leda, que pudesse ser comparado a esta beleza? O que Helena poderia contrapor a ela? E Vênus? O próprio Páris, árbitro das deusas que se entregam aos prazeres, se a tivesse visto, durante a comparação, com seus olhos tão insolentes, teria sacrificado por ela tanto Helena, quanto as deusas. Se fosse possível ao menos beijá-la, ao menos abraçar aquele seu peito celestial e divino, talvez este corpo restituísse suas forças e seus membros adormecidos, acho eu, por um sortilégio recobrariam os sentidos. Mas suas ofensas não me cansam: por que fui chicoteado? Não sei; por que fui expulso? Acho que faz parte do jogo. Ah! Se ela pelo menos fizesse as pazes comigo!'
> *
> CXXXIX. Eu cheguei a bambear minha cama, por causa da constante fricção sobre ela, como se ela fosse a imagem de meu amor.[316]
> *

Portanto não há indícios de que o rito tenha sido eficaz, sabemos apenas que a habilidade das bruxas é duvidosa, assim como os métodos utilizados. Sobre a composição desse ritual mágico de cura, observamos que não há nenhum tipo de encantamento escrito ou falado, apenas ritos manuais. O espaço escolhido para o feitiço são os aposentos da sacerdotisa de Priapo e tudo é feito no horário próximo ao meio-dia, como fica claro no seguinte trecho:

> *(CXXXVI) (...) ecce tres anseres sacri qui, ut puto, medio die solebant ab anu diaria exigere, impetum in me faciunt foedoque ac veluti rabioso stridore circumsistunt trepidantem.*

> (CXXXVI) Mas eis que três gansos sagrados que, assim acho, costumavam cobrar da velha sua ração diária ao meio-dia, tomaram-me de assalto e, com seu estridor horrível, bem como raivoso, pararam em redor de mim, que comecei a tremer.[317]

Todas as ações mágicas realizadas pelas bruxas podem ser entendidas como simples atos de violência, pois Encólpio, sentindo-se vilipendiado, foge e consegue escapar das feiticeiras pelas ruas, enquanto elas o seguem chamando-o de ladrão. Nesse trecho, Petrônio expõe lado a lado duas situações distintas entre a prática religiosa (a promessa feita por Encólpio a Priapo) e a prática mágica privada e obscura.

Podemos destacar alguns pontos importantes nos excertos analisados. Primeiramente, o texto revela uma forte mistura entre práticas religiosas, magia e elementos da sátira milesiana, caracterizando a obra como uma crítica mordaz às superstições, à feitiçaria e às instituições religiosas da época. Petrônio utiliza a caricatura das bruxas e seus rituais de forma humorística

[316] Bianchet, 2004.
[317] Idem.

e exagerada, muitas vezes zombando da credulidade popular e das próprias figuras de autoridade religiosa, como as sacerdotisas de Priapo.

A narrativa evidencia a distinção entre a religiosidade votiva, que é uma prática individual e intimista, e a feitiçaria, que é apresentada como uma atividade de caráter duvidoso, muitas vezes associada à astúcia e à busca por interesses materiais, como visto na descrição das bruxas que demonstram uma forte inclinação por dinheiro. Além disso, as habilidades mágicas de todas as bruxas são questionáveis.

Outro aspecto importante é a crítica social implícita na obra. Petrônio retrata as bruxas como figuras pobres, desajeitadas e até mesmo desmazeladas, o que reforça a ideia de que a magia e o charlatanismo eram, muitas vezes, contravenções realizadas por pessoas marginalizadas ou de baixa condição social. Da mesma forma, o autor expõe a credulidade e a vulnerabilidade dos personagens, como Encólpio, que busca desesperadamente uma cura para sua impotência. Ele recorre tanto a rituais mágicos quanto à religião votiva e orações, mostrando a coexistência de diferentes ferramentas para a resolução dos infortúnios humanos.

Por fim, a obra também reflete uma visão cínica e satírica da sociedade romana, especialmente das classes mais baixas e das práticas populares, ridicularizadas por Petrônio. Essa abordagem serve como uma crítica às superstições e às instituições religiosas, ao mesmo tempo em que revela aspectos profundos da cultura e das tensões sociais, além de oferecer uma visão humorística e irônica da vida cotidiana.

4.11. *Metamorfoses* – Apuleio

Apuleio nasceu por volta de 125 d.C. em Madaura (a atual Mdaourouch), na África, hoje um território próximo à Argélia. De uma família próspera, completou seus estudos em Cartago, o centro da vida cultural da província, e depois em Atenas, onde pôde desenvolver melhor seus interesses filosóficos[318].

Dado o completo silêncio de seus contemporâneos, obtemos tudo o que sabemos sobre a cronologia e biografia de Apuleio a partir das obras do próprio autor. Seu primeiro nome é desconhecido; alguns manuscritos o apresentam como Lúcio, mas há grandes chances de que apenas adotaram o nome do protagonista-narrador de seu romance.

Como resultado do casamento com Pudentilla, mãe de um de seus amigos, Apuleio, em 158, foi acusado de praticar feitiçaria e, em Sábrata, uma província africana, teve que se defender em um processo movido pelos parentes de sua esposa. Evidências do julgamento sobrevivem na *Apologia*, que, juntamente com a *Florida*, consiste na principal fonte sobre a vida do escritor. A *Apologia*, igualmente relevante para nosso estudo sobre a repressão das práticas de bruxaria (ou o que foi considerado bruxaria), constitui uma versão reelaborada do discurso que Apuleio proferiu em sua própria defesa e que, aparentemente, garantiu sua absolvição.

Passou os últimos anos de sua vida em Cartago, exercendo cargos públicos e se reafirmando como orador famoso e valioso. As informações sobre ele não vão além de 170 d.C., motivo pelo qual a datação de sua morte varia entre os anos 170 e 180. Uma estátua foi erguida em sua homenagem por seus concidadãos com a seguinte dedicatória gravada na base: "Ao filósofo platônico, os cidadãos de Madaura".

As obras sobreviventes incluem o *Metamorphoseon Libri*, um romance em onze livros conhecido desde a Antiguidade sob o título *Asinus Aureus*, "O Asno de Ouro"; a *Apologia*, também chamada *De Magia* (mencionada sob este título nos manuscritos que a transmitem); *Florida*, "Seleção de Flores", uma coleção de vinte e três passagens oratórias; os tratados filosóficos *De Pia tone et eius Dogmate* (em dois livros), e *De Deo Socratis* e *De Mundo*.

O apelido de "filósofo platônico" (do platonismo médio, do século I a.C.) parece, antes de tudo, a expressão de sua vida intelectual eclética. Ele é um representante do ciclo cultural chamado de Segunda Sofística, na qual as performances de retóricos famosos aumentaram enormemente e as diversas observâncias religiosas foram maciçamente penetradas pelo

[318] Conte, 1999.

irracional, na forma de misticismo ascético ou simples superstição. Como tal, Apuleio compartilha em suas obras os vários aspectos desse fenômeno: curiosidade pelo mundo da natureza, ansiedade e tensão em relação ao oculto, iniciação nos cultos de mistérios e a carreira de um brilhante conferencista itinerante, que domina tanto o grego quanto o latim.

As obras de Apuleio estão repletas da cultura popular, além do conhecimento acadêmico, e nelas se pode facilmente reconhecer os ecos não apenas do pensamento platônico e filosófico em geral, mas também de concepções religiosas isíacas e até gnósticas e judaicas.

Juntamente com o *Satyricon,* de Petrônio, a obra de Apuleio representa os únicos exemplos de romances antigos em latim, sendo as *Metamorfoses* a única em que a data e o título sobreviveram intactos, bem como a certeza de sua autoria (diferentemente de Petrônio).

A *Apologia* fornece aos historiadores o *terminus post quem* sobre a bibliografia do autor. Dado o tom da acusação atenta a cada detalhe da vida privada de Apuleio, presume-se que a existência de um romance como as *Metamorfoses*, cujos episódios estão conectados à magia de várias maneiras, não teria sido ignorada. Devemos concluir, portanto, que, na época do julgamento, o romance ainda não havia se tornado conhecido do público, mesmo que parte dele já tivesse sido escrita.[319]

O título preservado pelos manuscritos, *Metamorfoses*, logo competiu com o título sob o qual a obra foi referida por Agostinho (em *De Civitate Dei* 18. 18): *Asinus Aureus*, no qual é incerto se o adjetivo deve ser interpretado como uma referência à apreciação da qualidade do texto ou à cor dourada do animal.

Apuleio (120 d.C. – 170-180 d.C.), em suas *Metamorfoses* ou *O burro de ouro*, seguindo o mesmo estilo narrativo de *Satyricon*, conta as aventuras pitorescas de um homem, Lúcio, que foi transformado em asno por meio da bruxaria. Nessa obra, temos várias personagens femininas associadas à feitiçaria: Méroe e Pântia são descritas como bruxas cruéis e criminosas que cometeram assassinatos utilizando magia; Pânfila é descrita como uma matrona feiticeira da Tessália e senhora de Fótis, amante de Lúcio. Pânfila e Fótis possuem papel importante para a narrativa central por serem responsáveis pela transformação de Lúcio em burro. Há também dois homens feiticeiros que aparecem nas histórias: um mago egípcio necromante e um adivinho charlatão.

Por ser uma obra extensa, extraímos os trechos em que há descrição de atos ou de agentes mágicos. Para ajudar a situar o leitor sobre o contexto narrativo, inserimos títulos que servem como sinopse antes dos excertos. Segue a análise dos trechos selecionados.

---

[319] Conte, 1999.

(I) Encontro do protagonista com dois viajantes (Livro I, 2-3). Lúcio escuta dois amigos conversando entre si e pede a eles que compartilhem suas histórias fantásticas sobre bruxas.

> *[2] Ac dum ausculto quid sermonibus agitarent, alter exserto cachinno: "Parce" inquit "in verba ista haec tam absurda tamque immania mentiendo." Isto accepto sititor alioquin novitatis: "Immo vero" inquam "impertite sermonem non quidem curiosum sed qui velim scire vel cuncta vel certe plurima; simul iugi quod insurgimus aspritudinem fabularum lepida iucunditas levigabit." [3] At ille qui coeperat: "Ne" inquit "istud mendacium tam verum est quam siqui velit dicere magico susurramine amnes agiles reverti, mare pigrum conligari, ventos inanimes exspirare, solem inhiberi, lunam despumari, stellas evelli, diem tolli, noctem teneri." Tunc ego in verba fidentior: "Heus tu" inquam "qui sermonem ieceras priorem, ne pigeat te vel taedeat reliqua pertexere", et ad alium: "Tu vero crassis auribus et obstinato corde respuis quae forsitan vere perhibeantur. Minus hercule calles pravissimis opinionibus ea putari mendacia quae vel auditu nova vel visu rudia vel certe supra captum cogitationis ardua videantur; quae si paulo accuratius exploraris, non modo compertu evidentia verum etiam factu facilia senties.*

> E logo escutei os diálogos movimentados deles. Foi quando um disse, soltando uma gargalhada: — Poupe-me dessas suas mentiras tão absurdas e tão espantosas... Assim que ouvi isso, eu, de resto um sedento por novidades, disse: — Nem pense nisso! Compartilhem comigo essa conversa interessante – não que eu seja curioso, mas é que eu gosto de saber senão de tudo, pelo menos do máximo que conseguir; além do mais, o prazer proporcionado por histórias encantadoras aliviará a dificuldade do monte que estamos subindo. [3] Aquele outro, por sua vez, que tinha falado antes de mim, disse: — Pois sim! Essa mentirada é tão verdade quanto dizer que, se alguém pronunciar sussurrantes palavras mágicas, as ágeis tropas recuam, o mar se recolhe preguiçoso, os ventos exalam inanimados o último suspiro, o sol fica retido, a lua deixa de crescer, as estrelas desaparecem, o dia é suprimido, a noite perdura. Eu, então, bastante seguro do que falava, disse: — Ei, você que puxou a conversa! Não se sinta ofendido nem aborrecido de tecer em detalhes os acontecimentos restantes. Quanto a você, saiba que está fazendo vistas grossas e ouvido de mercador para relatos que talvez correspondam à verdade. Puxa vida! Você, com suas opiniões totalmente destorcidas, demonstra ter um conhecimento muito raso dessa matéria, ao pensar que pareçam mentiras as coisas novas que ouve ou inusitadas que vê, ou por certo, difíceis de aceitar as que estão acima de sua capacidade de entendimento. Saiba que se você as explorar um pouco mais cuidadosamente, perceberá que se tratam de evidências não só possíveis de comprovar, mas também fáceis de acontecer.[320]

No terceiro parágrafo, ocorre a primeira menção sobre magia na obra: “Pois sim! Essa mentirada é tão verdade quanto dizer que, se alguém pronunciar sussurrantes palavras mágicas, as ágeis tropas recuam, o mar se recolhe preguiçoso, os ventos exalam inanimados o último suspiro, o sol fica retido, a lua deixa de crescer, as estrelas desaparecem, o dia é suprimido, a noite perdura”. O interlocutor, cético, refuta a veracidade de tais fenômenos. O outro

[320] Tradução de BIANCHET, Sandra Braga. **As metamorfoses de um Burro de Ouro**. Curitiba: Editora Appris, 2020.

companheiro prossegue com a história, na voz de seu amigo Sócrates, que se assemelha a um conto de terror:

(II) História sobre a bruxa Méroe contada a Aristômenes por Sócrates (Livro I, 7-19)

> *"Me miserum" infit "qui dum voluptatem gladiatorii spectaculi satis famigerabilis consector in has aerumnas incidi. Nam, ut scis optime, secundum quaestum Macedoniam profectus, dum mense decimo ibidem attentus nummatior revortor, modico prius quam Larissam accederem, per transitum spectaculum obiturus in quadam avia et lacunosa convalli a vastissimis latronibus obsessus atque omnibus privatus tandem evado, et utpote ultime adfectus ad quandam cauponam Meroen, anum sed admodum scitulam, devorto, eique causas et peregrinationis diuturnae et domuitionis anxiae et spoliationis [diuturnae et dum] miserae refero; quae me nimis quam humane tractare adorta cenae gratae atque gratuitae ac mox urigine percita cubili suo adplicat. Et statim miser, ut cum illa adquievi, ab unico congressu annosam ac pestilentem con<suetudinem> contraho et ipsas etiam lacinias quas boni latrones contegendo mihi concesserant in eam contuli, operulas etiam quas adhuc vegetus saccariam faciens merebam, quoad me ad istam faciem quam paulo ante vidisti bona uxor et mala fortuna perduxit."[8] "Pol quidem tu dignus" inquam "es extrema sustinere, si quid est tamen novissimo extremius, qui voluptatem Veneriam et scortum scorteum Lari et liberis praetulisti." At ille digitum a pollice proximum ori suo admovens et in stuporem attonitus "Tace, tace" inquit et circumspiciens tutamenta sermonis: "Parce" inquit "in feminam divinam, nequam tibi lingua intemperante noxam contrahas." "Ain tandem?" inquam. "Potens illa et regina caupona quid mulieris est?" "Saga" inquit "et divina, potens caelum deponere, terram suspendere, fontes durare, montes diluere, manes sublimare, deos infimare, sidera exstinguere, Tartarum ipsum inluminare."*

> Coitado de mim! Eu, que só queria acompanhar uma festa bastante famosa de espetáculo de gladiadores, acabei caindo nessas desventuras... Como você bem sabe, fui à Macedônia para trabalhar e, depois de quase dez meses negociando lá, retornei mais endinheirado. Um pouco antes de me aproximar de Larissa, a caminho do espetáculo, quando passava por um vale fechado, esburacado e no meio do nada, fui sitiado por um sem-número de ladrões. Escapei, mas me levaram tudo. Extremamente debilitado, como era de se esperar, acabei indo parar na hospedaria de uma tal de Méroe, uma mulher já velha, mas até que atraente, e contei a ela minha história: a longa viagem, a angustiante saudade de casa, o triste assalto. No começo ela me tratou de uma maneira infinita e desinteressadamente generosa, com uma refeição gratificante e de graça. Mas, logo depois, invadida pelo fogo do desejo, me levou direto para sua cama. E aí já era... Foi só esse pobre coitado aqui dormir lá uma vez para contrair a doença de querer ficar agarrado na velha. Entreguei a ela até mesmo as roupas do corpo que os bondosos ladrões tinham deixado que eu continuasse usando; e dava a ela até o salarinho que ganhava carregando sacos, enquanto ainda tinha força. Foi assim que cheguei ao estado lastimável em que você me viu há pouco: com uma boa esposa e uma má sorte. [8]— Puxa vida! – disse eu. Você realmente é digno de suportar o pior dos mundos – isso só se existir algo pior do que o que você tem passado nos últimos tempos... Você preferiu a satisfação sexual e a vagabunda das vagabundas a seu lar e filhos! Ele, por sua vez, levando o dedo indicador à boca e congelado de medo, disse: 'cale a boca, cale a boca!', e, olhando em volta e se certificando de que era seguro falar, completou: — Cuidado com essa sua língua tagarela! Vai acabar atraindo uma vil punição contra você mesmo... Ela tem poderes divinos...— Você está falando sério?! – disse eu. – Que tipo de mulher é essa poderosa e famosa rainha taberneira? — Uma feiticeira com poderes divinos, poderosa a ponto de fazer descer o céu, suspender a terra, petrificar as fontes, dissolver os montes,

> emergir os Manes, submergir os deuses, extinguir os astros, até mesmo iluminar o Tártaro.[321]

Méroe é apresentada e nomeada como uma feiticeira. Não há dúvidas sobre a eficácia de sua magia: "(...) com poderes divinos, poderosa a ponto de fazer descer o céu, suspender a terra, petrificar as fontes, dissolver os montes, emergir os Manes, submergir os deuses, extinguir os astros, até mesmo iluminar o Tártaro". Novamente, suas ações se encaixam no lugar-comum literário da descrição das feiticeiras épicas.

Analisemos a seguinte descrição sobre Méroe dada pelo viajante: "Extremamente debilitado, como era de se esperar, acabei indo parar na hospedaria de uma tal de Méroe, uma mulher já velha, mas até que atraente, e contei a ela minha história (...)". Méroe é considerada pelo interlocutor uma mulher velha, porém atraente. Temos então mais uma variação da figura da feiticeira: apesar de estar fora do ideal de juventude greco-romano, ela se mantém desejável aos olhos masculinos. Além disso, nos deixa suspeitas sobre o uso das artes mágicas para seduzir os homens, como fica evidente nas seguintes afirmações de sua vítima: "Mas, logo depois, invadida pelo fogo do desejo, me levou direto para sua cama. E aí já era... Foi só esse pobre coitado aqui dormir lá uma vez para contrair a doença de querer ficar agarrado na velha. Entreguei a ela até mesmo as roupas do corpo (...)". Méroe parece utilizar sua sedução para manipular e extorquir financeiramente seus amantes.

Após a interrupção de Aristômenes, Sócrates continua:

> *"Oro te" inquam "aulaeum tragicum dimoveto et siparium scaenicum complicato et cedo verbis communibus." "Vis" inquit "unum vel alterum, immo plurima eius audire facta? Nam ut se ament afflictim non modo incolae verum etiam Indi vel Aethiopes utrique vel ipsi Anticthones, folia sunt artis et nugae merae. Sed quod in conspectu plurium perpetravit, audi. [9] Amatorem suum, quod in aliam temerasset, unico verbo mutavit in feram castorem, quod ea bestia captivitatis metuens ab insequentibus se praecisione genitalium liberat, ut illi quoque simile [quod venerem habuit in aliam] proveniret. Cauponem quoque vicinum atque ob id aemulum deformavit in ranam, et nunc senex ille dolium innatans vini sui adventores pristinos in faece submissus officiosis roncis raucus appellat. Alium de foro, quod adversus eam locutus esset, in arietem deformavit, et nunc aries ille causas agit. Eadem amatoris sui uxorem, quod in eam dicacule probrum dixerat iam in sarcina praegnationis obsaepto utero et repigrato fetu perpetua praegnatione damnavit, et ut cuncti numerant, iam octo annorum onere misella illa velut elephantum paritura distenditur.*
>
> — Por favor, pode ir fechando a cortina da tragédia e recolhendo o pano de fundo do cenário da comédia! Eu vou adiante nessa conversa só se você falar coisa com coisa. — Você quer me ouvir contar uma de suas façanhas, talvez duas, ou pode ser um monte delas? A verdade é que, fazer com que a amem enlouquecidamente não só os

[321] Bianchet, 2020.

> habitantes daqui, mas também os indianos, ou os etíopes, ou os próprios antípodas, tanto faz, isso é o bê-á-bá de sua técnica, é só aquecimento. Mas ouça isto que ela fez na frente de várias pessoas: [9] Um amante seu, que rompeu com ela por causa de outra mulher, com uma só palavra ela transformou em castor selvagem, um animal que, ao temer ser capturado por predadores, se livra de suas genitálias, cortando-as em pedaços, para que com ele ocorresse a mesma coisa. Um taberneiro vizinho e por isso, concorrente, ela desfigurou em rã, e agora o velho, que fica nadando dentro de um barril de vinho, mergulhado na borra, cumprimenta com roucos e gentis coaxos os antigos fregueses. Um outro lá do fórum, porque é possível que tenha mencionado algo contra ela, desfigurou em carneiro, e agora um carneiro move processos. Também a esposa de seu amante, que estava grávida, porque tinha sarcasticamente espalhado algo sobre a lascívia dela, condenou a uma eterna gravidez, ao obstruir o colo do útero e retardar o nascimento do bebê. O pessoal calcula que já se passaram oito anos e a pobrezinha continua a ser torturada pelo fardo em constante distensão, como se estivesse prestes a parir um elefante![322]

Segundo o relato de Sócrates, a bruxa foi capaz de prejudicar uma cidade inteira:

> *[10] Quae cum subinde ac multi nocerentur, publicitus indignatio percrebuit statutumque ut in eam die altera severissime saxorum iaculationibus vindicaretur. Quod consilium virtutibus cantionum antevortit et ut illa Medea unius dieculae a Creone impetratis indutiis totam eius domum filiamque cum ipso sene flammis coronalibus deusserat, sic haec devotionibus sepulchralibus in scrobem procuratis, ut mihi temulenta narravit proxime, cunctos in suis sibi domibus tacita numinum violentia clausit, ut toto biduo non claustra perfringi, non fores evelli, non denique parietes ipsi quiverint perforari, quoad mutua hortatione consone clamitarent quam sanctissime deierantes sese neque ei manus admolituros, et si quis aliud cogitarit salutare laturos subsidium. Et sic illa propitiata totam civitatem absolvit. At vero coetus illius auctorem nocte intempesta cum tota domo, id est parietibus et ipso solo et omni fundamento, ut erat, clausa ad centesimum lapidem in aliam civitatem summo vertice montis exasperati sitam et ob id ad aquas sterilem transtulit. Et quoniam densa inhabitantium aedificia locum novo hospiti non dabant, ante portam proiecta domo discessit."*
>
> [10] Uma vez que não foram só essas, mas muitas outras as pessoas sucessivamente prejudicadas, espalhou-se uma indignação pública e irrestrita contra ela, de modo que foi condenada à sentença mais rigorosa que havia: apedrejamento, e já no dia seguinte. Mas ela reverteu essa situação com a força de suas artes mágicas. Tal como a famosa Medeia, a quem bastou um único dia de indulto concedido por Creonte para, com chamas de uma coroa, reduzir tudo a cinzas – o palácio, o velho rei e sua filha –, também a ela um dia foi o bastante. Depois de entrar num túmulo e realizar os ritos sepulcrais prévios – como um dia, bêbada, me contou que fazia –, ela trancou todo mundo em suas próprias casas, com a violência secreta das divindades invocadas. Eles ficaram dois dias inteiros sem conseguir destravar as fechaduras, ou tirar as portas, nem mesmo fazer buracos nas paredes, até o ponto em que, em mútua e uníssona exortação, todos, aos gritos, juraram, usando termos da mais alta inviolabilidade, que iriam manter as mãos longe dela e que, se alguém chegasse a pensar nisso, eles atuariam como sua tropa de reforço protetora. Foi só assim que ela se deu por satisfeita e soltou toda a cidade. Mas o autor daquela assembleia, numa noite tempestuosa, com sua casa inteira – incluindo aí alicerces, paredes e piso –, do jeito que estava, ainda trancada, ela transportou para uma região mais ou menos a umas cem cidades daqui, localizada no ponto mais alto de um monte escarpado e, por essa razão, desprovida de

[322] Bianchet, 2020.

> água. E porque as casas dos habitantes cobriam tudo e não davam espaço para o novo morador, ela se livrou da casa ali mesmo, no portão de entrada da cidade.[323]

(III) Aristômenes, maravilhado e espantado com a história, aconselha Sócrates a dormir para prosseguir viagem no dia seguinte:

> *[11] "Mira" inquam "nec minus saeva, mi Socrates, memoras. Denique mihi quoque non parvam incussisti sollicitudinem, immo vero formidinem, iniecto non scrupulo sed lancea, ne quo numinis ministerio similiter usa sermones istos nostros anus illa cognoscat. Itaque maturius quieti nos reponamus et somno levata lassitudine noctis antelucio aufugiamus istinc quam pote longissime." Haec adhuc me suadente insolita vinolentia ac diuturna fatigatione pertentatus bonus Socrates iam sopitus stertebat altius. Ego vero adducta fore pessulisque firmatis grabatulo etiam pone cardinem supposito et probe adgesto super eum me recipio. Ac primum prae metu aliquantisper vigilo, dein circa tertiam ferme vigiliam paululum coniveo.*
>
> [11] Foi então que eu disse:— Essas histórias que você estava contando, meu amigo Sócrates, são bárbaras – repletas de maravilhas e de selvageria! Em resumo, você implantou também em mim uma preocupação nada desprezível... Para dizer a verdade, estou mesmo é apavorado, espetado que fui pela ponta não de uma pedra afiada, mas pela de uma lança. E se a velha, ao fazer trabalho parecido, vier a saber dessa nossa conversa? Pois então vamos ficar bem quietos o quanto antes e, depois de uma boa noite de sono reparador, antes do dia amanhecer, vamos fugir daqui para bem longe, o mais longe que conseguirmos. Eu estava ainda tentando persuadi-lo disso e já o bom Sócrates roncava alto e claro, dominado pelo sono e invadido pela quantidade não costumeira de vinho que bebera e pelo esgotamento do dia exaustivo que tivera. Eu mesmo só fui me deitar depois de fechar a porta, trancar a fechadura e ainda habilidosamente apoiar minha cama atrás da dobradiça. No início fiquei um pouco de tempo acordado por causa do medo, mas lá pela meia noite, uma hora da manhã, fechei os olhos.[324]

Naquela noite, Méroe e Pântia entram em cena e aterrorizam o sono de Aristômenes e Sócrates.

> *Commodum quieveram, et repente impulsu maiore quam ut latrones crederes ianuae reserantur immo vero fractis et evolsis funditus cardinibus prosternuntur. Grabatus alioquin breviculus et uno pede mutilus ac putris impetus tanti violentia prosternitur, me quoque evolutum atque excussum humi recidens in inversum cooperit ac tegit. [12] Tunc ego sensi naturalitus quosdam affectus in contrarium provenire. Nam ut lacrimae saepicule de gaudio prodeunt, ita et in illo nimio pavore risum nequivi continere de Aristomene testudo factus. Ac dum in fimum deiectus obliquo aspectu quid rei sit grabatuli sollertia munitus opperior, video mulieres duas altioris aetatis; lucernam lucidam gerebat una, spongiam et nudum gladium altera. Hoc habitu Socratem bene quietum circumstetere. Infit illa cum gladio: "Hic est, soror Panthia, carus Endymion, hic Catamitus meus, qui diebus ac noctibus inlusit aetatulam meam, hic qui meis amoribus subterhabitis non solum me diffamat probris verum etiam fugam instruit. At ego scilicet Ulixi astu deserta vice Calypsonis aeternam solitudinem flebo." Et porrecta dextera meque Panthiae suae demonstrato: "At hic bonus" inquit "consiliator Aristomenes, qui fugae huius auctor fuit et nunc morti proximus iam humi prostratus grabattulo subcubans iacet et haec omnia conspicit, impune se laturum meas contumelias putat. Faxo eum sero, immo statim, immo vero iam nunc, ut et*

[323] Bianchet, 2020.
[324] Idem.

praecedentis dicacitatis et instantis curiositatis paeniteat."[13] Haec ego ut accepi, sudore frigido miser perfluo, tremore viscera quatior, ut grabattulus etiam succussu meo inquietus super dorsum meum palpitando saltaret. At bona Panthia: "Quin igitur", inquit "soror, hunc primum bacchatim discerpimus vel membris eius destinatis virilia desecamus?" Ad haec Meroe - sic enim reapse nomen eius tunc fabulis Socratis convenire sentiebam -: "Immo" ait "supersit hic saltem qui miselli huius corpus parvo contumulet humo," et capite Socratis in alterum dimoto latus per iugulum sinistrum capulo tenus gladium totum ei demergit et sanguinis eruptionem utriculo admoto excipit diligenter, ut nulla stilla compareret usquam. Haec ego meis oculis aspexi. Nam etiam, ne quid demutaret, credo, a victimae religione, immissa dextera per vulnus illud ad viscera penitus cor miseri contubernalis mei Meroe bona scrutata protulit, cum ille impetu teli praesecata gula vocem immo stridorem incertum per vulnus effunderet et spiritum rebulliret. Quod vulnus, qua maxime patebat, spongia offulciens Panthia: "Heus tu" inquit "spongia, cave in mari nata per fluvium transeas." His editis abeunt <et una> remoto grabattulo varicus super faciem meam residentes vesicam exonerant, quoad me urinae spurcissimae madore perluerent. [14] Commodum limen evaserant, et fores ad pristinum statum integrae resurgunt: cardines ad foramina residunt, <ad> postes [ad] repagula redeunt, ad claustra pessuli recurrunt. At ego, ut eram, etiam nunc humi proiectus inanimis nudus et frigidus et lotio perlutus, quasi recens utero matris editus, immo vero semimortuus, verum etiam ipse mihi supervivens et postumus vel certe destinatae iam cruci candidatus : "Quid" inquam "me fiet, ubi iste iugulatus mane paruerit? Cui videbor veri similia dicere proferens vera? "Proclamares saltem suppetiatum, si resistere vir tantus mulieri nequibas. Sub oculis tuis homo iugulatur, et siles? Cur autem te simile latrocinium non peremit? Cur saeva crudelitas vel propter indicium sceleris arbitro pepercit? Ergo, quoniam evasisti mortem, nunc illo redi." Haec identidem mecum replicabam, et nox ibat in diem. Optimum itaque factu visum est anteluculo furtim evadere et viam licet trepido vestigio capessere. Sumo sarcinulam meam, subdita clavi pessulos reduco; at illae probae et fideles ianuae, quae sua sponte reseratae nocte fuerant, vix tandem et aegerrime tunc clavis suae crebra immissione patefiunt.

Tinha eu tirado uma soneca tranquila, quando, de repente, com uma batida forte demais para eu pensar que eram ladrões, a porta se abriu, ou melhor, a porta se espatifou, os gonzos quebrados e arrancados na base. Também minha cama, que além de ser curtinha e de pé quebrado, ainda por cima estava podre, se espatifou, tamanha a violência da batida. Voamos pelos ares, mas eu, depois de dar um giro, caí no chão primeiro e fui completamente coberto pelos pedaços de cama que vieram em seguida. [12] Naquele momento, percebi que algumas reações acontecem naturalmente e ao contrário do que se espera, como, por exemplo, quando surgem lágrimas em um momento de alegria, e isso até com certa frequência. Assim também aconteceu comigo: eu, Aristômenes, naquele momento de pavor extremo, não fui capaz de conter o riso, ao perceber que tinha sido transformado em tartaruga! E enquanto aguardava para descobrir o que se passava, ali lançado na lama, mas ardilosamente protegido pelos pedaços do catre, olhei de soslaio e vi duas mulheres mais velhas, uma carregando uma lâmpada de azeite acesa, a outra uma esponja e uma espada à mostra. Foi com esse armamento que elas cercaram Sócrates, que estava em repouso absoluto. A que estava com a espada foi a primeira a falar. Ela disse:— Minha querida irmã Pântia! Aqui está ele, meu precioso Endímion, é ele o meu Ganimedes, que por dias e noites aproveitou de mim e de minha juventude, mas que agora, além de pisar nesse amor, me difama e ainda por cima arquiteta fugir. E eu, por causa da astúcia desse Ulisses, evidentemente farei o papel de Calipso, a chorar a eterna solidão. Em seguida, estendeu a mão em minha direção, me mostrou para Pântia e disse: E ainda tem esse bom conselheiro Aristômenes, o instigador da fuga. Aqui jaz o autor, mais perto da morte do que nunca, já prostrado por terra, deitado sob os pedaços do catre, vendo tudo isso, e acha que vai se safar impunemente das ofensas feitas a mim! Irei executá-lo mais tarde... Pensando melhor, daqui a pouco... Pensando melhor ainda, neste exato momento e sem demora, para que ele se arrependa de sua mordacidade de antes e de sua curiosidade de agora...[13] Quando digeri essas palavras, um suor congelante percorreu meu pobre corpo, provocando um terremoto em minhas vísceras, de forma

> que até o catre, agitado por minha tremedeira, não parou de sacudir, palpitando sobre meu casco. A bondosa Pântia, por outro lado, disse:— Verdade! Então, irmã, que tal despedaçarmos esse daí primeiro, como fazem as Bacantes, ou amarrarmos os membros dele e picarmos seu pênis em pedacinhos? Mas Méroe – percebi que era ela, pois correspondia exatamente à figura com esse nome nas histórias recentes de Sócrates – a essas sugestões respondeu:— Melhor não... Que reste pelo menos este para cobrir com um pouco de terra o túmulo desse pobre corpo, coitadinho...Em seguida, depois de virar a cabeça de Sócrates para o outro lado, ela enterrou no pescoço dele a espada inteira, bem fundo, até o punho, pelo lado esquerdo, e recolheu cuidadosamente, com um pequeno odre, o sangue que jorrava, sem perder nem uma gota sequer. Isso eu vi com meus próprios olhos. Na verdade, para que aquilo não fosse em nada diferente, acho eu, de um sacrifício religioso, a bondosa escrutinadora Méroe enfiou a mão direita por dentro da ferida até as vísceras mais profundas e arrancou o coração do pobre coitado do meu companheiro, ao que ele, mesmo com a garganta gravemente ferida pela violência da arma, exalou pela ferida um suspiro, ou, melhor dizendo, um ruído incerto, e não deu mais sinal de vida. Pântia, preenchendo o enorme buraco aberto da ferida com a esponja, disse:— Oh, esponja no mar nascida! Não atravesse pelo rio! Ao final da exclamação, elas se foram, não sem antes remover o catre, abaixar as pernas, mirando em mim, e fazer jorrar jatos de urina sobre minha cara, até que me inundaram com aquele líquido mais do que imundo. [14] Saíram calmamente pela entrada principal e, em seguida, a porta, em perfeito estado, voltou ao lugar de antes – batente, guarnição, trinco, dobradiças – tudo fixo e funcionando. Quanto a mim, como estava fiquei, ainda espalhado no chão, desmaiado, nu, morrendo de frio e abundantemente banhado em urina, parecendo um recém-nascido que acabou de sair do útero da mãe; ou, melhor dizendo, estava mesmo era como um morto-vivo, sobrevivente de mim mesmo e último da fila, muito provavelmente candidato à cruz, que já devia estar separada para mim. Foi então que eu disse: — O que vai acontecer comigo, quando esse sujeito degolado estiver à vista de todos pela manhã? Quem vai achar que estou dizendo a verdade, se eu contar a verdade? Eles dirão: 'Você poderia pelo menos gritar para pedir ajuda, se, mesmo sendo esse tamanho de homem, não dava conta de enfrentar a mulher... Um homem é degolado debaixo de seus olhos e você continua calado? Ora, por que motivo homicídio semelhante não atingiu você também? Por que motivo a crueldade em pessoa poupou a testemunha ocular do crime, pronta para denunciá-lo? Portanto, considerando que você se safou da morte, volte agora mesmo para junto dela!'.[325]

Logo em seguida, o contador de histórias adverte que toda essa cena de terror não passou de um pesadelo. De manhã, estão todos vivos e a única prova real do ocorrido é que Aristômenes acorda encharcado de urina. Os companheiros resolvem prosseguir viagem e, quando param no caminho, a fim de realizarem uma refeição, Aristômenes nota uma mudança drástica e preocupante na aparência de Sócrates.

> *"En" inquam "paratum tibi adest ientaculum", et cum dicto manticam meam humero exuo, caseum cum pane propere ei porrigo, et "Iuxta platanum istam residamus" aio. [19] Quo facto et ipse aliquid indidem sumo eumque avide essitantem aspiciens aliquanto intentiore macie atque pallore buxeo deficientem video. Sic denique eum vitalis color turbaverat ut mihi prae metu, nocturnas etiam Furias illas imaginanti, frustulum panis quod primum sumpseram quamvis admodum modicum mediis faucibus inhaereret ac neque deorsum demeare neque sursum remeare posset. Nam et brevitas ipsa commeantium metum mihi cumulabat. Quis enim de duobus comitum alterum sine alterius noxa peremptum crederet? Verum ille, ut satis detruncaverat cibum, sitire inpatienter coeperat; nam et optimi casei bonam partem avide*

[325] Bianchet, 2020.

devoraverat, et haud ita longe radices platani lenis fluvius in speciem placidae paludis ignavus ibat argento vel vitro aemulus in colorem. "En" inquam "explere latice fontis lacteo." Adsurgit et oppertus paululum pleniorem ripae marginem complicitus in genua adpronat se avidus adfectans poculum. Necdum satis extremis labiis summum aquae rorem attigerat, et iugulo eius vulnus dehiscit in profundum patorem et illa spongia de eo repente devolvitur eamque parvus admodum comitatur cruor. Denique corpus exanimatum in flumen paene cernuat, nisi ego altero eius pede retento vix et aegre ad ripam superiorem adtraxi, ubi defletum pro tempore comitem misellum arenosa humo in amnis vicinia sempiterna contexi. Ipse trepidus et eximie metuens mihi per diversas et avias solitudines aufugi et quasi conscius mihi caedis humanae relicta patria et lare ultroneum exilium amplexus nunc Aetoliam novo contracto matrimonio colo."

E, depois de dizer isso, tirei meu alforje e ofereci a ele sem demora um pedaço de pão com queijo e sugeri: 'Que tal nos sentarmos debaixo desse plátano?'.[19] Feito isso, eu também peguei um pedaço desse mesmo prato e, ao observar Sócrates comendo avidamente sem parar, percebi que ele estava quase desmaiando, com os ossos à mostra, a pele cada vez mais estirada e amarelada, pálido como buxo. Para se ter uma ideia, de tal forma a cor dele ficou fora dos padrões de um ser vivo, que eu, tomado de pavor, imaginando que eram as Fúrias noturnas, fiquei com o primeiro pedacinho de pão que tinha pegado agarrado no meio da garganta e não conseguia nem empurrá-lo para dentro nem regurgitá-lo, ainda que fosse um pedaço de nada. E, para completar, a própria escassez de viajantes aumentava meu medo, pois quem poderia acreditar que de dois companheiros um morreu sem o outro ter culpa nisso? Mas ele, por sua vez, quando terminou de mutilar a comida, ficou com uma sede violenta, pois tinha avidamente devorado também boa parte do ótimo queijo, e não longe das raízes do plátano passava um rio tranquilo, lento, que mais parecia um plácido pântano, comparável em cor à prata e ao vidro.— Vá lá! Acabe de encher a pança com esse líquido leitoso direto na fonte! Ele se levantou lentamente e, depois de aguardar que a margem do rio ficasse um pouquinho mais cheia, se curvou, dobrando os joelhos, e, ávido, dispôs o copo. E ele ainda nem tinha encostado a ponta dos lábios na água, quando a ferida de seu pescoço reabriu, em desmensurada profundidade, e, de repente, expeliu de cima abaixo a conhecida esponja, à qual se seguiu uma quantidade até pequena de sangue derramado. Para completar, o corpo já sem vida teria mergulhado de cabeça no rio, se eu não o tivesse arrastado por um dos pés, apesar da enorme dificuldade, até a parte superior da margem. Foi quando dediquei algum tempo ao luto pela morte de meu pobre companheiro e encobri seu corpo com a sempiterna terra arenosa nas proximidades do rio. Quanto a mim, trêmulo de medo, completamente apavorado e sem saber o que seria de mim, escapuli por diversas regiões desertas e inacessíveis e, me sentindo como que responsável pelo sangue humano derramado, deixei para trás minha pátria e meu lar, abraçando o exílio voluntário. Agora estou morando na Etólia, onde me casei novamente.[326]

(IV) Chegado ao seu destino, inicia-se a aventura de Lúcio na casa de Milão, na Tessália (Livro II, 1)

[1] Ut primum nocte discussa sol novus diem fecit, et somno simul emersus et lectulo, anxius alioquin et nimis cupidus cognoscendi quae rara miraque sunt, reputansque me media Thessaliae loca tenere qua artis magicae nativa cantamina totius orbis consono orbe celebrentur fabulamque illam optimi comitis Aristomenis de situ civitatis huius exortam, suspensus alioquin et voto simul et studio, curiose singula considerabam. Nec fuit in illa civitate quod aspiciens id esse crederem quod esset, sed omnia prorsus ferali murmure in aliam effigiem translata, ut et lapides quos offenderem de homine duratos et aves quas audirem indidem plumatas et arbores

[326] Bianchet, 2020.

quae pomerium ambirent similiter foliatas et fontanos latices de corporibus humanis fluxos crederem; iam statuas et imagines incessuras, parietes locuturos, boves et id genus pecua dicturas praesagium, de ipso vero caelo et iubaris orbe subito venturum oraculum.

[1] Quando os primeiros raios do sol dissiparam a noite e trouxeram um novo dia, larguei de uma só vez o sono e a cama, mais do que ansioso, absolutamente apaixonado pela ideia de ter contatos imediatos com eventos raros e surpreendentes. E levando em consideração que eu estava instalado na região central da Tessália, lugar mundialmente conhecido como a capital dos encantamentos e da arte da magia, e que a história de meu valente companheiro Aristômenes tinha começado numa cidade daquela região, eu ficava observando cada coisa que via com excessiva curiosidade, sufocado que estava pelo desejo e, ao mesmo tempo, pela vontade de aprender. E não houve naquela cidade nada que eu tenha visto e tenha acreditado ser o que era: para dizer a verdade, tudo parecia claramente estar transfigurado e sob efeito de fórmula mágica. Por exemplo: eu acreditava que as pedras contra as quais me chocava eram homens endurecidos, as aves que ouvia cantar eram igualmente pessoas com asas, as árvores que rodeavam o espaço sagrado eram gente coberta de folha e no líquido das fontes fluíam corpos humanos... E não era só isso: as estátuas e imagens pareciam prontas para caminhar em minha direção, as paredes prontas para conversar comigo, os bois, e qualquer outro tipo de rebanho, prontos para realizar um presságio e até mesmo do céu e do escudo estelar um oráculo pronto para surgir de uma hora para outra.

Seu relato sobre o ambiente da Tessália é repleto de impressões fantasiosas e delírios místicos. Tudo naquela terra parece cercado de mistério e animismo. Após se instalar na casa de Milão, Lúcio visita sua tia Birrena e é alertado sobre Pânfila (Livro II, 5- 6):

"deam, o Luci carissime, ut anxie tibi metuo et ut pote pignori meo longe provisum cupio, cave tibi, sed cave fortiter a malis artibus et facinorosis illecebris Pamphiles illius, quae cum Milone isto, quem dicis hospitem, nupta est. Maga primi nominis et omnis carminis sepulcralis magistra creditur, quae surculis et lapillis et id genus frivolis inhalatis omnem istam lucem mundi sideralis imis Tartari et in vetustum chaos submergere novit. Nam simul quemque conspexerit speciosae formae iuvenem, venustate eius sumitur et ilico in eum et oculum et animum detorquet. Serit blanditias, invadit spiritum, amoris profundi pedicis aeternis alligat. Tunc minus morigeros et vilis fastidio in saxa et in pecua et quodvis animal puncto reformat, alios vero prorsus extinguit. Haec tibi trepido et cavenda censeo. Nam et illa uritur perpetuum et tu per aetatem et pulchritudinem capax eius es." Haec mecum Byrrhena satis anxia. [6] At ego curiosus alioquin, ut primum artis magicae semper optatum nomen audivi, tantum a cautela Pamphiles afui ut etiam ultro gestirem tali magisterio me volens ampla cum mercede tradere et prorsus in ipsum barathrum saltu concito praecipitare. Festinus denique et vecors animi manu eius velut catena quadam memet expedio et "Salve" propere addito ad Milonis hospitium perniciter evolo.

Lúcio, meu querido, pela deusa que aqui está, juro que estou profundamente temerosa por você! Gostaria de poder protegê-lo como faria com um filho meu. Tenha cuidado, mas muito cuidado mesmo com as artes perniciosas e os encantos criminosos daquela Pânfila, que é casada com o tal Milão, que você disse ser seu anfitrião. Dizem que ela é a bruxa líder, a mestra em se tratando de feitiço sepulcral. Ela sabe como submergir nas profundezas do Tártaro e no antigo caos toda essa luz do mundo sideral – basta soprar sobre galhos, pedrinhas e outros objetos sem importância. Na verdade, assim

> que ela põe os olhos num rapaz de bela aparência, fica fascinada pela beleza física dele e sem demora concentra nele não só o olhar, mas também o pensamento. Envolve-o com palavras doces, invade seu espírito, prende-o a ela com laços eternos de amor profundo. Então, os menos submissos ou os que ela não quer mais, de quem já enjoou, com uma simples fórmula ela transforma em pedra, boi, ou em qualquer outro animal. Outros ela simplesmente extermina. É por isso que estou apreensiva e acho que você precisa tomar cuidado. O fogo de Pânfila não se apaga nunca e você, nos quesitos idade e beleza, está dentro de seus padrões. Foi isso que Birrena, bastante ansiosa, me disse. [6] Mas eu, irremediavelmente curioso, assim que ouvi a sempre atraente expressão "arte da magia", não me mantive a uma distância segura de Pânfila, mas, pelo contrário, me entreguei por inteiro a essa paixão, com ardente desejo e vontade de cursar essa escola, pagando o preço que fosse, e de mergulhar de cabeça nos infernos, dando um salto mortal, sem pensar nas consequências. Por fim, me livrei das mãos dela, que me prendiam como se fossem algemas, com toda a pressa do mundo e até um pouco perturbado, disse-lhe um "Até logo!" e fui voando, rápido e ligeiro, para a casa de Milão.[327]

Pânfila também é nomeada "bruxa" por Apuleio. Birrena a descreve como uma matrona douta nas artes mágicas, especialmente a necromancia: "Dizem que ela é a bruxa líder, a mestra em se tratando de feitiço sepulcral". Outra característica de Pânfila é a sua libido insaciável. "O fogo de Pânfila não se apaga nunca e você, nos quesitos idade e beleza, está dentro de seus padrões". Nesse aspecto, ela se assemelha à Méroe, dona da estalagem citada no livro I. A diferença é que o autor não nos dá pistas sobre a aparência física da esposa, apenas descreve seus hábitos e seus poderes mágicos.

(V) Ao retornar para a casa de Milão, Lúcio e seus anfitriões falam com naturalidade sobre magia. (Livro II, capítulos 11-12):

> *Diem ceterum lavacro ac dein cenae dedimus. Nam Milonis boni concinnaticiam mensulam rogatus adcubueram, quam pote tutus ab uxoris eius aspectu, Byrrhenae monitorum memor, et perinde in eius faciem oculos meos ac si in Avernum lacum formidans deieceram. Sed adsidue respiciens praeministrantem Photidem inibi recreabar animi, cum ecce iam vesperam lucernam intuens Pamphile: "Quam largus" inquit "imber aderit crastino" et percontanti marito qui comperisset istud respondit sibi lucernam praedicere. Quod dictum ipsius Milo risu secutus: "Grandem" inquit "istam lucernam Sibyllam pascimus, quae cuncta caeli negotia et solem ipsum de specula candelabri contuetur." [12] Ad haec ego subiciens: "Sunt" aio "prima huiusce divinationis experimenta; nec mirum, licet modicum igniculum et manibus humanis laboratum, memorem tamen illius maioris et caelestis ignis velut sui parentis, quid is sit editurus in aetheris vertice divino praesagio et ipsum scire et nobis enuntiare. Nam et Corinthi nunc apud nos passim Chaldaeus quidam hospes miris totam civitatem responsis turbulentat et arcana fatorum stipibus emerendis edicit in vulgum, qui dies copulas nuptiarum adfirmet, qui fundamenta moenium perpetuet, qui negotiatori commodus, qui viatori celebris, qui navigiis opportunus. Mihi denique proventum huius peregrinationis inquirenti multa respondit et oppido mira et satis varia; nunc enim gloriam satis floridam, nunc historiam magnam et incredundam fabulam et libros me futurum."*

[327] Bianchet, 2020.

> O resto do dia foi o bastante para ir tomar banho e jantar. Na verdade, recebi o convite do bom Milão para me juntar a ele e sua esposa em sua bem servida mesinha de jantar, o que aceitei, mas evitei a todo custo trocar olhares com ela, amedrontado pela lembrança das advertências de Birrena – para mim, olhar em seus olhos era o mesmo que me lançar rio Averno abaixo... Mas não tirava os olhos de Fótis, enquanto ela nos servia, e ficava todo animado no mesmo instante. Numa certa altura do jantar, ao observar a lâmpada de azeite acendida no final da tarde, de repente Pânfila disse:— Amanhã o dia será bastante chuvoso. Quando seu marido perguntou de onde tinha conseguido essa informação, ela respondeu que a lâmpada de azeite tinha dado a previsão do tempo. Essa resposta Milão recebeu com uma risada e disse:— Um fenômeno de Sibila essa nossa lâmpada de azeite, que dá conta de observar, do alto de seu candelabro, cada um dos eventos do céu e o próprio sol. [12] A essas palavras, eu disse:— Os primeiros experimentos da arte de fazer previsões são mesmo assim. Não me admira o fato de que uma chamazinha de nada, mesmo que produzida por mãos humanas, mas que mantém traços do fogo celestial maior, evidentemente seu ascendente, possa saber o que irá acontecer no alto do céu e nos antecipar através de um presságio divino. Agora mesmo, lá em Corinto, onde moro, temos entre nós um caldeu que está só de passagem, mas que está agitando toda a cidade com suas respostas incríveis. Basta dar-lhe alguns trocados e ele revela, em público, os segredos dos destinos. Ele consegue determinar qual o melhor dia para se casar, o que garantirá a solidez dos muros da cidade, o que é mais vantajoso para o homem de negócios, quando as estradas estarão mais cheias, que tempo é mais favorável para iniciar uma viagem de navio. Um último exemplo: quando lhe perguntei o que poderia esperar dessa minha viagem, ele respondeu assim: "eventos extremamente incríveis e desmesuradamente mutáveis; sem dúvida, glória brilhante como as rosas, uma história de vida marcante, que será transformada em narrativa de ficção, num livro repleto de fantasias fabulares".[328]

Lúcio não se intimida pelos alertas de sua tia, e, ao contrário, se interessa fervorosamente por seus anfitriões excêntricos, em especial Pânfila, conhecedora dos mais diversos feitiços. O protagonista já havia demonstrado interesse pelo assunto durante as fábulas narradas no livro I. Ao ouvir qualquer relato sobre magia, ele se torna obcecado pela história.

Mesmo demonstrando curiosidade pelo assunto da feitiçaria, Lúcio é afetado pelos conselhos de sua tia, e se sente intimidado na presença de Pânfila, ao mesmo tempo que deseja possuir Fótis, escrava e ajudante da esposa de Milão nas artes mágicas.

Na mesa de jantar, junto a seus anfitriões, que falam abertamente sobre feitiçaria e oráculos, Lúcio demonstra possuir um conhecimento prévio sobre magia e tece comentários sobre os oráculos, explicando a relação metonímica (parte pelo todo) entre a chama de uma vela e o "fogo celestial". Ele ainda comenta sobre um adivinho caldeu de passagem por Corinto, que deixa seus conterrâneos maravilhados com suas proezas.

É interessante notarmos o desprezo de Milão sobre o assunto, especialmente quando comentado por Pânfila. A atitude do marido evidencia não só o seu desinteresse, como também a sua total ignorância sobre as práticas mágicas de sua própria esposa.

---

[328] Bianchet, 2020.

Na noite seguinte, no jantar, Lúcio conversa com Birrena sobre a magia na Tessália e segue-se a narrativa fantástica de Télifron, um dos convivas do banquete (Livro II, 20-23). O primeiro comentário do protagonista nessa conversa introduz o tema central da história de terror, a necromancia:

> *[20] Ad haec ego subiciens: "Vera memoras nec usquam gentium magis me liberum quam hic fuisse credidi. Sed oppido formido caecas et inevitabiles latebras magicae disciplinae. Nam ne mortuorum quidem sepulchra tuta dicuntur sed ex bustis et rogis reliquiae quaedam et cadaverum praesegmina ad exitiabiles viventium fortunas petuntur, et cantatrices anus in ipso momento choragi funebris praepeti celeritate alienam sepulturam antevortunt." His meis addidit alius: "Immo vero istic nec viventibus quidem ullis parcitur. Et nescio qui simile passus ore undique omnifariam deformato truncatus est." Inter haec convivium totum in licentiosos cachinnos effunditur omniumque ora et optutus in unum quempiam angulo secubantem conferuntur. Qui cunctorum obstinatione confusus indigna murmurabundus cum vellet exsurgere, "Immo mi Thelyphron," Byrrhena inquit "et subsiste paulisper et more tuae urbanitatis fabulam illam tuam remetire, ut et filius meus iste Lucius lepidi sermonis tui perfruatur comitate." At ille: "Tu quidem, domina," ait "in officio manes sanctae tuae bonitatis, sed ferenda non est quorundam insolentia." Sic ille commotus. Sed instantia Byrrhenae, quae eum adiuratione suae salutis ingratis cogebant effari, perfecit ut vellet.*

> [20] A esse comentário, eu acrescentei: — É verdade, é verdade... Não me lembro de ter me sentido em nenhum outro lugar mais livre do que me sinto aqui. Mas evidentemente tenho medo dos mistérios obscuros e inevitáveis da ciência da magia. Dizem que aqui nem os sepulcros dos mortos estão seguros, mas alguns restos extraídos de sepulturas e de piras funerárias, além de pedaços de cadáveres, são recolhidos para preparar o destino fatal dos vivos. E, também, as velhas feiticeiras chegam antes no velório dos outros, na hora em que estão arrumando o cadáver, e pegam o que precisam com assustadora rapidez. A essas minhas palavras, um outro convidado acrescentou: — Para dizer a verdade, por essas bandas nem mesmo os vivos são poupados. Teve até um, não sei bem o nome dele, que passou por coisa parecida, pois ficou com o rosto todo deformado, retalhado de todas as maneiras, em todas as partes possíveis...Quando ele mencionou isso, a sala de jantar inteira caiu na risada desenfreadamente e todo mundo voltou o rosto e o olhar atravessado na direção de um sujeito que estava separado do grupo, lá num canto da sala. Ele, revoltado com a inconveniente fixação do olhar de todos em sua pessoa, resmungou qualquer coisa, levantou-se e quis ir embora, mas Birrenalhe disse: — Nem pense nisso, meu amigo Télifron! Fique um pouco mais e compartilhe conosco uma vez mais aquela sua famosa história, daquele jeito espirituoso que só você sabe... Permita que Lúcio, meu querido afilhado, usufrua da deliciosa experiência de acompanhar sua narrativa encantadora. Ele, por sua vez, respondeu assim: — Pelo menos a senhora ainda mantém a classe e se comporta de maneira louvável, mas a insolência de certas pessoas é intolerável! Ele estava visivelmente alterado quando disse isso, mas a insistência de Birrena, que usou como argumento de peso o fato de que aquele era um pedido pessoal dela, acabou por obter dele o aceite para contar sua história.[329]

(VI) Segue o relato macabro de Télifron, sobre sua experiência infeliz ao ser vítima de uma bruxa:

[329] Bianchet, 2020.

[21] Ac sic aggeratis in cumulum stragulis et effultus in cubitum suberectusque [in torum] porrigit dexteram et ad instar oratorum conformat articulum duobusque infimis conclusis digitis ceteros eminens [porrigens] et infesto pollice clementer subrigens infit Thelyphron: "Pupillus ego Mileto profectus ad spectaculum Olympicum, cum haec etiam loca provinciae famigerabilis adire cuperem, peragrata cuncta Thessalia fuscis avibus Larissam accessi. Ac dum singula pererrans tenuato admodum viatico paupertati meae fomenta conquiro, conspicor medio foro procerum quendam senem. Insistebat lapidem claraque voce praedicabat, siqui mortuum servare vellet, de pretio liceretur. Et ad quempiam praetereuntium "Quid hoc" inquam "comperior? Hicine mortui solent aufugere?" "Tace," respondit ille "nam oppido puer et satis peregrinus es meritoque ignoras Thessaliae te consistere, ubi sagae mulieres ora mortuorum passim demorsicant, eaque sunt illis artis magicae supplementa." [22] Contra ego: "Et quae, tu" inquam "dic sodes, custodela ista feralis?" "Iam primum" respondit ille "perpetem noctem eximie vigilandum est exsertis et inconivis oculis semper in cadaver intentis nec acies usquam devertenda, immo ne obliquanda quidem, quippe cum deterrimae versipelles in quodvis animal ore converso latenter adrepant, ut ipsos etiam oculos Solis et Iustitiae facile frustrentur; nam et aves et rursum canes et mures immo vero etiam muscas induunt. Tunc diris cantaminibus somno custodes obruunt. Nec satis quisquam definire poterit quantas latebras nequissimae mulieres pro libidine sua comminiscuntur. Nec tamen huius tam exitiabilis operae merces amplior quam quaterni vel seni ferme offeruntur aurei. Ehem, et quod paene praeterieram, siqui non integrum corpus mane restituerit, quidquid inde decerptum deminutumque fuerit, id omne de facie sua desecto sarcire compellitur." [23] His cognitis animum meum conmasculo et ilico accedens praeconem: "Clamare" inquam "iam desine. Adest custos paratus, cedo praemium." "Mille" inquit "nummum deponentur tibi. Sed heus iuvenis, cave diligenter principum civitatis filii cadaver a malis Harpyiis probe custodias." "Ineptias" inquam "mihi narras et nugas meras. Vides hominem ferreum et insomnem, certe perspicaciorem ipso Lynceo vel Argo et oculeum totum." Vix finieram, et ilico me perducit ad domum quampiam, cuius ipsis foribus obseptis per quandam brevem posticulam intro vocat me et conclave quoddam obseratis luminibus umbrosum <intrans> demonstrat matronam flebilem fusca veste contectam, quam propter adsistens: "Hic" inquit "auctoratus ad custodiam mariti tui fidenter accessit." At illa crinibus antependulis hinc inde dimotis etiam in maerore luculentam proferens faciem meque respectans: "Vide oro" inquit "quam expergite munus obeas." "Sine cura sis", inquam "modo corollarium idoneum compara."

[21] E, assim, depois de fazer um monte com suas mantas, apoiou o cotovelo sobre ele, erguendo um pouco o peitoral, e levantou a mão direita à maneira dos oradores: os dois dedos menores dobrados, os demais à mostra, o polegar exposto, mas em suave declive. Télifron, então, começou a contar: "— Quando eu era um garoto em idade escolar, saí de Mileto e viajei para assistir aos Jogos Olímpicos. Como também queria aproveitar a oportunidade e conhecer outros lugares dessa famosa província, atravessei a Tessália de cabo a rabo, seguindo uns pressentimentos nebulosos, até chegar à cidade de Larissa. Aí, fui logo procurando uma forma de recompor minhas reservas de viagem, já bem diminuídas pelo extenso trajeto percorrido. Foi quando dei de frente, no meio do fórum, com um senhor de aspecto respeitável. Ele estava apoiado sobre uma pedra e anunciava, a plenos pulmões, que, se alguém estivesse disposto a ser o guarda-costas de um morto, viesse até ele para acertarem o valor do pagamento. Eu, então, perguntei a alguém que estava perto de mim: — Que novidade é essa? Por acaso aqui os mortos escapolem? — Boca calada! – respondeu ele. Está na cara que você, um garotinho, e ainda por cima estrangeiro, não sabe o que significa estar na Tessália, o lugar em que as bruxas dão pequenas e espaçadas mordidas no rosto dos mortos e as utilizam como ingredientes em suas receitas mágicas. [22] E eu continuei: — Por favor, me diga, o que faz um sentinela de morto? — Antes de qualquer coisa – respondeu ele – deve ficar a noite inteirinha completamente acordado, com os olhos ininterruptamente arregalados e fixos no cadáver, não pode desviar o olhar para nada, nem de lado ele pode, pois, com toda a certeza, essas mulheres conseguem se transformar em qualquer animal que queiram e se aproximar

> sorrateiramente, de maneira tal que podem facilmente enganar mesmo os olhos do Sol e da Justiça, uma hora sob a pele de aves, outra de cães ou ratos e, pasme, até de moscas. Depois, com seus feitiços agourentos, fazem os vigias desabarem de sono. Ninguém consegue definir com precisão quantos tipos de armadilhas essas mulheres perigosíssimas inventam em benefício de sua própria libido. E, no entanto, o salário por um trabalho de altíssima periculosidade como esse não passa, quase sempre, de quatro a seis moedas de ouro. Nossa! Tem uma coisa que quase me esqueci de mencionar: se, por acaso, de manhã, o corpo do defunto não estiver inteiro, o que quer que seja que tenha sido tirado fora ou que esteja faltando pedaço, ele é obrigado a restituir ao defunto exatamente essa mesma parte, retirando a peça de reposição da própria cara.[23] Mesmo sabendo desses perigos, busquei o machão que havia dentro de mim e fui imediatamente até o pregoeiro anunciar: — Pode parar de gritar. Sentinela a postos, a seu dispor. Vamos discutir a proposta de salário. — Mil sestércios serão reservados para você. Mas, olhe bem, meu jovem, tome muito cuidado com o cadáver do filho de um dos chefes da cidade: olho vivo nas Harpias funestas! Baixar a guarda jamais! — Um monte de bobagens – disse eu –, é isso que você está me falando. Diante de seus olhos está o homem de ferro, insônia é meu nome. Sou mais perspicaz do que Linceu e Argo juntos: sou todo olhos! Mal tinha eu completado minha fala e imediatamente ele me conduziu até uma casa, que estava com a porta principal lacrada. Ele me introduziu, então, por uma portinha bem estreita, num quarto abafado e sem entrada de luz, e me apresentou uma mulher que vestia roupas pretas e estava aos prantos. Aí ele se sentou ao lado dela e disse: — Este aqui é o escolhido. Ele tem perfil para ser a sentinela de seu marido. Ela, por sua vez, afastando para um e outro lados os cabelos que lhe cobriam o belo rosto, apesar de demonstrar estar em profundo pesar, olhou em minha direção e disse: — Por favor, execute sua tarefa com o máximo de empenho possível. — Não se preocupe com isso – disse eu. Preocupe-se apenas em me pagar com uma gratificação à altura dos serviços prestados.[330]

(VII) Eis que a viúva é acusada do assassinato do marido por um velho, e um necromante egípcio é chamado para obter informações do próprio morto. (Livro II, 27-30)

> *"Per fidem vestram," inquit "Quirites, per pietatem publicam perempto civi subsistite et extremum facinus in nefariam scelestamque istam feminam severiter vindicate. Haec enim nec ullus alius miserum adulescentem, sororis meae filium, in adulteri gratiam et ob praedam hereditariam extinxit veneno." Sic ille senior lamentabiles questus singultim instrepebat. Saevire vulgus interdum et facti verisimilitudinem ad criminis credulitatem impelli. Conclamant ignem, requirunt saxa, famulos ad exitium mulieris hortantur. Emeditatis ad haec illa fletibus quamque sanctissime poterat adiurans cuncta numina tantum scelus abnuebat. [28] Ergo igitur senex ille: "Veritatis arbitrium in divinam providentiam reponamus. Zatchlas adest Aegyptius propheta primarius, qui mecum iam dudum grandi praemio pepigit reducere paulisper ab inferis spiritum corpusque istud postliminio mortis animare", et cum dicto iuvenem quempiam linteis amiculis iniectum pedesque palmeis baxeis inductum et adusque deraso capite producit in medium. Huius diu manus deosculatus et ipsa genua contingens: "Miserere," ait "sacerdos, miserere per caelestia sidera per inferna numina per naturalia elementa per nocturna silentia et adyta Coptica et per incrementa Nilotica et arcana Memphitica et sistra Phariaca. Da brevem solis usuram et in aeternum conditis oculis modicam lucem infunde. Non obnitimur <necessitati> nec terrae rem suam denegamus, sed ad ultionis solacium exiguum vitae spatium deprecamur." Propheta sic propitiatus herbulam quampiam ob os corporis et aliam pectori eius imponit. Tunc orientem obversus incrementa solis augusti tacitus imprecatus venerabilis scaenae facie studia praesentium ad miraculum tantum certatim adrexit.*

[330] Bianchet, 2020.

> Cidadãos romanos! Em nome da fé e do respeito público, defendam este cidadão que foi assassinado e punam com severidade essa mulherzinha abominável, essa bandida, por seu homicídio qualificado. Foi ela, ninguém menos do que ela, que matou com veneno esse pobre jovem, filho de minha irmã, para pegar a herança dele e gastar com seu amante! A essa situação, ela, com lágrimas planejadas e jurando da maneira mais sagrada que conseguia, em nome de todos os deuses, reagiu negando ter cometido tamanha atrocidade. [28] Sendo essas as circunstâncias, então, o velho disse: — Coloquemos nas mãos da Divina Providência o juízo final quanto à veracidade dos fatos. Está de passagem em nossa cidade o egípcio Zatclas, um profeta de primeira, que há pouco já acertou comigo o valor, e foi caro, para trazer de volta dos infernos o espírito de meu sobrinho, durante algum tempo, e fazer este corpo retornar à vida após a morte. Dito isso, trouxe para o centro das atenções um jovem, coberto por mantos de linho, calçado com sandálias feitas de buxo e de cabeça totalmente raspada. Depois de beijar longamente as mãos do rapaz e colocar as suas no joelho dele, o velho disse: — Tenha compaixão, sacerdote, tenha compaixão, em nome dos astros celestiais, das divindades infernais, dos elementos da natureza, dos silêncios da noite, dos santuários de Copto, das cheias do Nilo, dos mistérios de Mênfis, dos sistros do Egito. Permita que esses olhos para sempre sepultados para a vida usufruam brevemente do sol! Que eles recebam uma amostra de luz! Não estamos lutando contra a inexorável, nem negamos à terra o que lhe pertence, mas imploramos por um ínfimo espaço de vida, o suficiente para sermos reconfortados pela vingança... Foi assim que o profeta se tornou favorável e começou colocando uma plantinha não sei qual sobre a boca do cadáver e outra sobre o coração. Em seguida, volveu em direção ao oriente e, em silêncio, invocou a presença do majestoso Sol. Com o espetáculo de seu venerável aparato cênico, com certeza ele excitou o gosto dos presentes para aquele milagre de grandes proporções.[29] Lancei-me no meio da multidão e me sentei numa pedra mais elevada bem atrás do caixão, o que permitiu a meus olhos curiosos uma visão privilegiada de cada um dos movimentos que se seguiram: o peito do morto imediatamente inchando, as veias imediatamente pulsando de forma irregular, o corpo imediatamente se inflando de ar. E, então, o cadáver do rapaz se levantou e pediu a palavra: — Digam-me, por favor, por que vocês me trouxeram de novo para apenas alguns instantes de vida, quando eu já estava bebendo das águas do Letes nos pântanos do Estige? Eu imploro, deixe-me voltar já, deixe-me! Permita que eu descanse em paz! Foram essas as palavras que saíram do cadáver, mas o profeta, bastante exaltado, respondeu-lhe: — Por que você não revela para essas pessoas os detalhes de sua morte misteriosa e esclarece todas as dúvidas? Pensa que não posso usar meus encantamentos para invocar as Fúrias? Pensa que eu não posso retorcer seus membros enfraquecidos? O defunto apoiou-se em seu caixão e, aos gemidos, falou assim com as pessoas: — Fui aniquilado pelas artes funestas de minha recente esposa, que me brindou com uma bebida criminosa, e transmiti a um adúltero a propriedade de uma cama que ainda guardava o calor de meu corpo.[331]

Este trecho é de suma importância para nosso trabalho, pois evidencia a variedade de crenças mágicas presentes na Antiguidade. Temos um ritual necromântico realizado diante de um enorme público por um mago egípcio chamado Zatclas:

> Está de passagem em nossa cidade o egípcio Zatclas, um profeta de primeira, que há pouco já acertou comigo o valor, e foi caro, para trazer de volta dos infernos o espírito de meu sobrinho, durante algum tempo, e fazer este corpo retornar à vida após a morte. Dito isso, trouxe para o centro das atenções um jovem, coberto por mantos de linho, calçado com sandálias feitas de buxo e de cabeça totalmente raspada.

[331] Bianchet, 2020.

Zatclas é descrito como um jovem egípcio, usando calçados modestos, mantos de linho e cabelos raspados. Lembremos que ele é chamado pelo velho de "profeta", o que significa que ele pode ser um sacerdote em sua terra natal. No entanto, no contexto cultural greco-romano, ele se torna uma figura exótica, com ares de bruxo, cercado por uma áurea de mistério. Apenas a sua aparência é suficiente para ser identificado como estrangeiro. Além disso, ele cobra caro pelo serviço do oráculo. Tais observações a respeito da associação da prática da necromancia com homens estrangeiros e andarilhos, especialmente orientais, foram apontadas por Ogden (2004) como uma forma de marginalização e distanciamento cultural.

Apuleio descreve parcialmente o rito que faz ressuscitar o morto:

> Foi assim que o profeta se tornou favorável e começou colocando uma plantinha não sei qual sobre a boca do cadáver e outra sobre o coração. Em seguida, volveu em direção ao oriente e, em silêncio, invocou a presença do majestoso Sol. Com o espetáculo de seu venerável aparato cênico, com certeza ele excitou o gosto dos presentes para aquele milagre de grandes proporções.[332]

Os elementos do ritual são bastante singelos comparados a outros descritos na literatura latina: uma erva colocada sobre a boca e sobre o peito do cadáver, e uma invocação silenciosa do deus Sol voltando-se para o Oriente. No entanto, a eficácia do ritual é prontamente comprovada pela multidão presente no cortejo, uma vez que o cadáver ganha vida e conta detalhes sobre o momento de sua morte. Portanto, Zatclas não poderia ser considerado um charlatão, como vimos em outros casos, pois, embora comercialize seus dons, sua mágica se mostra eficaz.

(VIII) A história do velório segue, enquanto o cadáver continua a falar. Telífron descobre que foi vítima de bruxas enquanto vigiava o corpo do marido falecido.

> *Tunc uxor egregia capit praesentem audaciam et mente sacrilega coarguenti marito resistens altercat. Populus aestuat diversa tendentes, hi pessimam feminam viventem statim cum corpore mariti sepeliendam, alii mendacio cadaveris fidem non habendam. [30] Sed hanc cunctationem sequens adulescentis sermo distinxit; nam rursus altius ingemescens: "Dabo," inquit "dabo vobis intemeratae veritatis documenta perlucida et quod prorsus alius nemo cognoverit indicabo." Tunc digito me demonstrans: "Nam cum corporis mei custos hic sagacissimus exsertam mihi teneret vigiliam, cantatrices anus exuviis meis inminentes atque ob id reformatae frustra saepius cum industriam eius fallere nequivissent, postremum iniecta somni nebula eoque in profundam quietem sepulto me nomine ciere non prius desierunt quam dum hebetes artus et membra frigida pigris conatibus ad artis magicae nituntur obsequia. <At> hic utpote vivus quidem sed tantum sopore mortuus, quod eodem mecum vocabulo nuncupatur, ad suum nomen ignarus exsurgit, et in inanimis umbrae*

[332] Bianchet, 2020.

> *modum ultroneus gradiens, quamquam foribus cubiculi diligenter obclusis, per quoddam foramen prosectis naso prius ac mox auribus vicariam pro me lanienam sustinuit. Utque fallaciae reliqua convenirent, ceram in modum prosectarum formatam aurium ei adplicant examussim nasoque ipsius similem comparant. Et nunc adsistit miser hic praemium non industriae sed debilitationis consecutus." His dictis perterritus temptare formam adgredior. Iniecta manu nasum prehendo: sequitur; aures pertracto: deruunt. Ac dum directis digitis et detortis nutibus praesentium denotor, dum risus ebullit, inter pedes circumstantium frigido sudore defluens evado. Nec postea debilis ac sic ridiculus Lari me patrio reddere potui, sed capillis hinc inde laterum deiectis aurium vulnera celavi, nasi vero dedecus linteolo isto pressim adglutinato decenter obtexi."*

> Então, a distinta esposa audaciosa assumiu postura de ataque e começou a rebater as acusações do marido criminosamente, forjando provas. A situação pegou fogo também entre as pessoas, que se dividiram em dois grupos: o dos que defendiam que aquela mulher da pior espécie deveria ser imediatamente enterrada viva com o corpo do marido; e o dos que tendiam a não dar credibilidade à história fictícia do defunto. [30] Mas essa oscilação de opiniões se desfez com a fala seguinte do jovem, que, gemendo mais profundamente e uma vez mais, disse: — Darei... Darei a vocês provas concretas de que falo a mais pura verdade e revelarei detalhes que ninguém, a não ser eu, poderia saber. Ele, então, apontou o dedo para mim e disse: — O fato é que, quando este espertíssimo sentinela de cadáver fazia uma marcação cerrada sobre meu corpo, velhas feiticeiras em busca de despojos entraram no quarto onde estávamos, mas elas estavam metamorfoseadas. Como as várias tentativas de furar o bloqueio dele falharam, por fim, elas lançaram sobre ele uma névoa de sono, sepultando-o no mais profundo estado de letargia. A partir daí elas não deixaram de me invocar pelo nome, até que minhas articulações duras e meus membros gelados, relutante e vagarosamente, se firmaram e se submeteram à arte da magia. Mas – e ninguém contava com esta – o vivo que lá estava igual a morto, por causa da névoa soporífera, este indivíduo aqui, tem o mesmo nome que eu e, por isso, levantou-se, sem saber de nada, ao ouvir o chamado; saiu andando, livre e espontaneamente, como sombra de desalmado; e, então, com as portas do quartinho cuidadosamente trancadas, elas cortaram fora, com uma abertura qualquer, primeiro o nariz e, logo depois, as orelhas – dele, que fez as vezes de morto, e levou a mutilação em meu lugar. E para que as outras partes do feitiço estivessem exatamente conforme o protocolo, elas moldaram cera no mesmo formato das orelhas que foram extraídas e fizeram um implante nele. Com o nariz, fizeram a mesma coisa: fizeram uma prótese de cera. E agora aqui está o pobre coitado, sentado na minha frente, exibindo não o prêmio por assiduidade, mas a mutilação que lhe coube.[333]

(VIII) Lúcio narra as aventuras na casa de Milão e a conversa com Fótis sobre feitiçaria (Livro III, 15-19)

Depois de Lúcio ter sido vítima de uma troça feita por todos da cidade e ter descoberto que ele não havia matado três homens, mas sim, golpeado odres de vinho, Fótis começa a contar-lhe o que sua dona a obriga a fazer para realizar seus feitiços. A história de Fótis é a primeira narrativa de um ritual completo. Até o momento vimos a menção sobre a capacidade das bruxas em realizar atos mágicos, como os crimes de Méroe e Pântia no livro I, e as bruxas ladras de cadáveres no livro II, mas sem detalhes sobre os rituais. Agora Fótis conta como

[333] Bianchet, 2020.

Pânfila foi capaz de materializar odres de cabras animadas, os quais viriam a atacar Lúcio na noite dos supostos “assassinatos”.

> *Iam scies omnem domus nostrae statum, iam scies erae meae miranda secreta, quibus obaudiunt manes, turbantur sidera, coguntur numina, serviunt elementa. Nec umquam magis artis huius violentia nititur quam cum scitulae formulae iuvenem quempiam libenter aspexit, quod quidem ei solet crebriter evenire. [16] Nunc etiam adulescentem quendam Boeotium summe decorum efflictim deperit totasque artis manus machinas omnes ardenter exercet. Audivi vesperi, meis his, inquam, auribus audivi, quod non celerius sol caelo ruisset noctique ad exercendas inlecebras magiae maturius cessisset, ipsi soli nubilam caliginem et perpetuas tenebras comminantem. Hunc iuvenem, cum e balneis rediret ipsa, tonstrinae residentem hesterna die forte conspexit ac me capillos eius, qui iam caede cultorum desecti humi iacebant, clanculo praecipit auferre. Quos me sedulo furtimque colligentem tonsor invenit, et quod alioquin publicitus maleficae disciplinae perinfames sumus, adreptam inclementer increpat: "Tune, ultima, non cessas subinde lectorum iuvenum capillamenta surripere? Quod scelus nisi tandem desines, magistratibus te constanter obiciam." Et verbum facto secutus immissa manu scrutatus e mediis papillis meis iam capillos absconditos iratus abripit. Quo gesto graviter adfecta mecumque reputans dominae meae mores, quod huius modi repulsa satis acriter commoveri meque verberare saevissime consuevit, iam de fuga consilium tenebam, sed istud quidem tui contemplatione abieci statim. [17] Verum cum tristis inde discederem ne prorsus vacuis manibus redirem, conspicor quendam forficulis attondentem caprinos utres; quos cum probe constrictos inflatosque et iam pendentis cernerem, capillos eorum humi iacentes flavos ac per hoc illi Boeotio iuveni consimiles plusculos aufero eosque dominae meae dissimulata veritate trado. Sic noctis initio, priusquam cena te reciperes, Pamphile mea iam vecors animi tectum scandulare conscendit, quod altrinsecus aedium patore perflabili nudatum, ad omnes orientales ceterosque <plerosque> aspectus pervium, maxime his artibus suis commodatum secreto colit. Priusque apparatu solito instruit feralem officinam, omne genus aromatis et ignorabiliter lamminis litteratis et infelicium navium durantibus damnis <repletam>, defletorum, sepultorum etiam, cadaverum expositis multis admodum membris; hic nares et digiti, illic carnosi clavi pendentium, alibi trucidatorum servatus cruor et extorta dentibus ferarum trunca calvaria. [18] Tunc decantatis spirantibus fibris libat vario latice, nunc rore fontano, nunc lacte vaccino, nunc melle montano, libat et mulsa. Sic illos capillos in mutuos nexus obditos atque nodatos cum multis odoribus dat vivis carbonibus adolendos. Tunc protinus inexpugnabili magicae disciplinae potestate et caeca numinum coactorum violentia illa corpora, quorum fumabant stridentes capilli, spiritum mutuantur humanum et sentiunt et audiunt et ambulant et, qua nidor suarum ducebat exuviarum, veniunt et pro illo iuvene Boeotio aditum gestientes fores insiliunt: cum ecce crapula madens et improvidae noctis deceptus caligine audacter mucrone destricto in insani modum Aiacis armatus, non ut ille vivis pecoribus infestus tota laniavit armenta, sed longe <tu> fortius qui tres inflatos caprinos utres exanimasti, ut ego te prostratis hostibus sine macula sanguinis non homicidam nunc sed utricidam amplecterer."*

> Você já, já ficará sabendo qual é a característica principal de nossa casa e quais são os segredos admiráveis de minha dona. Por causa deles, os Manes a obedecem, os astros se turvam, as divindades são coagidas, os elementos são seus escravos... E a força de sua arte não se evidencia em nenhuma outra situação de maneira mais extrema do que quando ela volta o olhar e o interesse para um jovem bonito e elegante, o que costuma acontecer com certa frequência...[16] Agora mesmo ela está perdidamente apaixonada por um jovem maravilhosamente lindo lá da Beócia e tem colocado fervorosamente em prática todos os recursos, todo o arsenal dessa arte que esteja a seu alcance. Ontem, com estes ouvidos que são meus, eu digo e afirmo que a ouvi ameaçando até o sol de que, se ele não se apressasse em sair fora do céu e não cedesse rapidamente lugar à noite, para que ela colocasse em prática seus truques

> mágicos, ela iria cobri-lo com um nevoeiro de fumaça negra e condená-lo às trevas eternas. Ontem, ao voltar da casa de banhos, coincidentemente ela viu esse jovem sentado na cadeira do barbeiro e teve a brilhante ideia de me mandar pegar despistadamente os cabelos dele, os já cortados, que estavam espalhados pelo chão. E lá fui eu recolher os cabelos dele, com todo o cuidado e às escondidas... Mas o barbeiro me pegou com a mão na massa e, porque corre solta pela cidade nossa má reputação de usuárias de métodos maléficos, ele me agarrou sem piedade e gritou assim comigo: 'Será que você, sua vagabunda, não vai parar de ficar pegando escondido os restos de cabelo dos rapazes que estão na sua mira? Pois agora já chega: ou você desiste dessa safadeza, ou eu vou denunciar você agora mesmo aos magistrados!'. E ele não ficou só nas palavras, mas partiu para cima de mim, com raiva, meteu as mãos em meus seios, explorando a área minuciosamente, até encontrar os cabelos que eu tinha escondido, e pegá-los de mim. Essa atitude dele me deixou muitíssimo abalada, porque eu conheço bem os costumes de minha senhora. Ela, em situações semelhantes, em que a coisa deu para trás, está acostumada a se irritar energicamente comigo e a me surrar com violência máxima. Então, eu já tinha tomado a decisão de fugir, mas logo depois pensei em você e acabei deixando isso para lá. [17] Contudo, quando eu estava me afastando de lá, triste, voltando para casa de mãos vazias, vi alguém, com a tesoura, tosquiando odres de cabra. Quando percebi que eles estavam bem amarrados, inflados e já pendurados, passei a mão num monte de pelos que estavam espalhados no chão e que eram loiros, bastante parecidos com os do jovem da Beócia, e foi isso que levei para minha senhora, escondendo dela a verdade. Assim, no início da noite, antes de você voltar do jantar, minha querida Pânfila, já tomada de insanidade, trepou no telhado, na parte coberta por ripas – o lugar perfeito para frequentar secretamente e praticar essas suas artes: a entrada é por dentro da casa, é ao ar livre e se volta para o oriente e para as demais direções. E a primeira coisa que ela fez foi preparar seu laboratório fatal com o instrumental de costume: todo tipo de erva aromática, lâminas com letras ininteligíveis, destroços cruéis de navios condenados, mais e mais membros de cadáveres frescos, ou mesmo de sepultados – narizes, dedos, músculos dependurados, sangue de trucidados, crânios com marcas de dentes de animais selvagens – tudo isso em exposição e à disposição.[18] Depois, ela repetiu fórmulas mágicas sobre entranhas e fez libações, usando diversos líquidos – leite, água da fonte, mel da montanha, vinho doce. Em seguida, ela pegou aqueles cabelos, trançou-os com as ervas aromáticas e amarrou, formando uma coisa só, e deixou queimando em carvão em brasa. Então, imediatamente, com o poder imbatível de seus conhecimentos de magia e a violência cega das divindades invocadas, aquela substância – os cabelos que queimavam, produzindo fumaça e fazendo um barulho estridente – aquilo tomou corpo e ganhou vida, se transformou em gente de verdade – que sente, ouve, caminha. E eles vieram para onde o cheiro de suas peles os conduzia e, no lugar do jovem da Beócia, foram eles que se atiraram contra a porta, forçando a entrada. Foi nessa hora que você apareceu, depois de ter bebido todas, e, com o inesperado nevoeiro cerrado daquela noite, acabou sendo ludibriado e deu uma de Ájax: sacou audaciosa e insanamente sua espada e saiu trucidando não rebanhos inteiros e enfrentando animais vivos e ameaçadores, como ele, mas coisa muito pior: três odres de cabra inflados. E por que você nocauteou seus adversários sem derramar uma gota de sangue, eu quero agora abraçar você, meu homi..., não, não, quero dizer, meu odricida!".[334]

(IX) Lúcio pede a Fótis que lhe mostre como Pânfila é capaz de se metamorfosear usando feitiçaria.

> *[19] Adrisi lepido sermoni Photidis et in vicem cavillatus: "Ergo igitur iam et ipse possum" inquam "mihi primam virtutis adoriam ad exemplum duodeni laboris*

[334] Bianchet, 2020.

Herculei numerare vel trigemino corpori Geryonis vel triplici formae Cerberi totidem peremptos utres coaequando. Sed ut ex animo tibi volens omne delictum quo me tantis angoribus inplicasti remittam, praesta quod summis votis expostulo, et dominam tuam, cum aliquid huius divinae disciplinae molitur, ostende. Cum deos invocat, <vel> certe cum reformatur, videam; sum namque coram magicae noscendae ardentissimus cupitor. Quamquam mihi nec ipsa tu videare rerum <istarum> rudis vel expers. Scio istud et plane sentio, cum semper alioquin spretorem matronalium amplexuum sic tuis istis micantibus oculis et rubentibus bucculis et renidentibus crinibus et hiantibus osculis et flagrantibus papillis in servilem modum addictum atque mancipatum teneas volentem. Iam denique nec larem requiro nec domuitionem paro et nocte ista nihil antepono."

[19] Respondi a esse relato de Fótis com um sorriso e ironizei de volta. Eu disse a ela:— Já que é assim, posso incluir minha primeira medalha em reconhecimento pela força na mesma lista dos doze trabalhos de Hércules, ou melhor, na lista tríplice: três corpos de Gerião, três cabeças de Cérbero, três odres aniquilados. Mas, para eu poder perdoar você, do fundo do meu coração, por esse erro, que me provocou tantos tormentos, basta você me ajudar a realizar meu maior desejo, que é este: mostre-me sua senhora colocando em prática o conhecimento divino que ela possui. Quero vê-la invocando os deuses, ou talvez se metamorfoseando. É que eu sou um amante fervoroso de magia e quero ardentemente conhecer, frente a frente, essa arte. E de mais a mais você não me parece nem inexperiente, nem desconhecedora desses assuntos. Eu gostaria muito – respondeu ela – de intermediar a realização desse seu desejo, meu Lúcio, mas ela está sempre na defensiva e, por isso, costuma executar atividades secretas dessa natureza sempre sozinha, escondida de tudo e de todos. Mas, por ser um pedido seu, vou considerar como prioridade máxima – acima do perigo que vou correr, e vou conseguir achar um momento oportuno para isso. Mas tem uma condição: guarde silêncio absoluto em relação a assunto tão importante, como você me prometeu no início.[335]

(X) Lúcio presencia Pânfila se transformando em pássaro (Livro III, 21-22).

[21] Ad hunc modum transactis voluptarie paucis noctibus quadam die percita Photis ac satis trepida me accurrit indicatque dominam suam, quod nihil etiam tunc in suos amores ceteris artibus promoveret, nocte proxima in avem sese plumaturam atque ad suum cupitum sic devolaturam; proin memet ad rei tantae speculam caute praepararem. Iamque circa primam noctis vigiliam ad illud superius cubiculum suspenso et insono vestigio me perducit ipsa perque rimam ostiorum quampiam iubet arbitrari, quae sic gesta sunt. Iam primum omnibus laciniis se devestit Pamphile et arcula quadam reclusa pyxides plusculas inde depromit, de quis unius operculo remoto atque indidem egesta unguedine diuque palmulis suis adfricta ab imis unguibus sese totam adusque summos capillos perlinit multumque cum lucerna secreto conlocuta membra tremulo succussu quatit. Quis leniter fluctuantibus promicant molles plumulae, crescunt et fortes pinnulae, duratur nasus incurvus, coguntur ungues adunci. Fit bubo Pamphile. Sic edito stridore querulo iam sui periclitabunda paulatim terra resultat, mox in altum sublimata forinsecus totis alis evolat. [22] Et illa quidem magicis suis artibus volens reformatur, at ego nullo decantatus carmine praesentis tantum facti stupore defixus quidvis aliud magis videbar esse quam Lucius: sic exterminatus animi attonitus in amentiam vigilans somniabar; defrictis adeo diu pupulis an vigilarem scire quaerebam. Tandem denique reversus ad sensum praesentium adrepta manu Photidis et admota meis luminibus: "Patere, oro te," inquam "dum dictat occasio, magno et singulari me adfectionis tuae fructu perfrui et impertire nobis unctulum indidem per istas tuas pupillas, mea mellitula, tuumque mancipium inremunerabili beneficio sic tibi perpetuo pignera ac iam perfice ut meae Veneri Cupido pinnatus adsistam tibi." "Ain?" inquit "Vulpinaris,

[335] Bianchet, 2020

amasio, meque sponte asceam cruribus meis inlidere compellis? Sic inermem vix a lupulis conservo Thessalis; hunc alitem factum ubi quaeram, videbo quando?"

[21] Certo dia, passadas algumas noites em que vivemos prazeres dessa mesma natureza, Fótis correu até mim, bastante entusiasmada e muito agitada, e revelou-me que sua senhora, porque nada, técnica nenhuma que tinha empregado, estava adiantando para ficar com seu amor, tinha resolvido que naquela noite iria se transformar em ave e voar até seu objeto de desejo. Eu deveria, por isso, me preparar cautelosamente para assistir a um evento tão importante. E logo na primeira vigília, mais ou menos quando a noite caiu, ela me guiou até o tal quartinho no andar superior, pé ante pé, sem fazer barulho, e me mandou testemunhar, pela greta da porta, o que iria acontecer, que foi assim: primeiro Pânfila tirou toda a roupa e depois pegou vários potinhos em um pequeno baú que estava trancado; ela escolheu um deles, removeu a tampa, retirou todo o creme de lá de dentro, esfregou longamente em suas mãos e, então, espalhou em todo o corpo, das unhas dos pés até os cabelos; em seguida, conversou com uma lâmpada de azeite por muito tempo e em segredo e começou a balançar o corpo, numa mistura de chacoalho, sacudidela e treme-treme. Lentamente seus membros passaram a flutuar e leves plumas cintilaram primeiro, depois penas fortes também cresceram, o nariz ficou duro e recurvado, as unhas se juntaram e assumiram forma adunca. Pânfila fez-se coruja!? Assim, depois de emitir um estridente som lamurioso, já testando sua força, gradativamente saltou repetidas vezes sobre a terra e, pouco depois, ergueu-se para o alto e ganhou o céu, voando a plenas asas. [22] Ela tinha se metamorfoseado no que queria com suas artes mágicas de verdade, mas mesmo eu, sem ter sido agraciado com nenhuma fórmula, fiquei imobilizado, maravilhado com a dimensão do que tinha acontecido ali na minha frente... Parecia que eu era qualquer coisa, menos Lúcio. Fiquei assim, de coração disparado, atordoado, enlouquecido, pensando que estava sonhando acordado... Cheguei a esfregar longamente meus olhos para saber se estava mesmo acordado. Quando finalmente recobrei o senso de realidade, agarrei a mão de Fótis, trouxe-a para junto de meus olhos e disse:— Por favor, a hora é esta!!! Deixe-me usufruir do grande e único fruto de seu sentimento por mim e compartilhe comigo o creme daí de dentro, por esses seus olhos, meu docinho, e então eu serei para sempre seu escravo, se você fizer esse favor impagável para mim! Realize agora meu desejo de ficar sentado aos pés de minha Vênus e torne-me seu Cupido de asas![336]

Quando Lúcio assiste Pânfila se transformar em pássaro, é descrito um ritual mágico completo, com todos os elementos constituintes propostos por Mauss.

(XI) Lúcio narra o fatídico ritual que o transformou em burro (Livro III, 23-26)

[23] "At mihi scelus istud depellant caelites" inquam "ut ego, quamvis ipsius aquilae sublimis volatibus toto caelo pervius et supremi Iovis nuntius vel laetus armiger, tamen non ad meum nidulum post illam pinnarum dignitatem subinde devolem. Adiuro per dulcem istum capilli tui nodulum, quo meum vinxisti spiritum, me nullam aliam meae Photidi malle. Tunc etiam istud meis cogitationibus occurrit, cum semel avem talem perunctus induero, domus omnis procul me vitare debere. Quam pulchro enim quamque festivo matronae perfruentur amatore bubone. Quid quod istas nocturnas aves, cum penetraverint larem quempiam, solliciter prehensas foribus videmus adfigi, ut, quod infaustis volatibus familiae minantur exitium, suis luant cruciatibus? Sed, quod sciscitari praene praeterivi, quo dicto factove rursum exutis

[336] Bianchet, 2020.

pinnulis illis ad meum redibo Lucium?" "Bono animo es, quod ad huius rei curam pertinet" ait. "Nam mihi domina singula monstravit, quae possunt rursus in facies hominum tales figuras reformare. Nec istud factum putes ulla benivolentia, sed ut ei redeunti medela salubri possem subsistere. Specta denique quam parvis quamque futtilibus tanta res procuretur herbusculis; anethi modicum cum lauri foliis immissum rori fontano datur lavacrum et poculum." [24] Haec identidem adseverans summa cum trepidatione inrepit cubiculum et pyxidem depromit arcula. Quam ego amplexus ac deosculatus prius utque mihi prosperis faveret volatibus deprecatus abiectis propere laciniis totis avide manus immersi et haurito plusculo uncto corporis mei membra perfricui. Iamque alternis conatibus libratis brachiis in avem similis gestiebam; nec ullae plumulae nec usquam pinnulae, sed plane pili mei crassantur in setas et cutis tenella duratur in corium et in extimis palmulis perdito numero toti digiti coguntur in singulas ungulas et de spinae meae termino grandis cauda procedit. Iam facies enormis et os prolixum et nares hiantes et labiae pendulae; sic et aures inmodicis horripilant auctibus. Nec ullum miserae reformationis video solacium, nisi quod mihi iam nequeunti tenere Photidem natura crescebat. [25] Ac dum salutis inopia cuncta corporis mei considerans non avem me sed asinum video, querens de facto Photidis sed iam humano gestu simul et voce privatus, quod solum poteram, postrema deiecta labia umidis tamen oculis oblicum respiciens ad illam tacitus expostulabam. Quae ubi primum me talem aspexit, percussit faciem suam manibus infestis et: "Occisa sum misera:" clamavit "me trepidatio simul et festinatio fefellit et pyxidum similitudo decepit. Sed bene, quod facilior reformationis huius medela suppeditat. Nam rosis tantum demorsicatis exibis asinum statimque in meum Lucium postliminio redibis. Atque utinam vesperi de more nobis parassem corollas aliquas, ne moram talem patereris vel noctis unius. Sed primo diluculo remedium festinabitur tibi." [26] Sic illa maerebat, ego vero quamquam perfectus asinus et pro Lucio iumentum sensum tamen retinebam humanum.

Ah, e tem uma coisa que eu quase ia me esquecendo de perguntar: o que preciso falar ou fazer para deixar de ter penas e voltar a ser seu querido Lúcio? — Fique tranquilo! Não se preocupe com isso! – respondeu. Minha senhora me mostrou todos os passos que devo seguir para fazer o caminho de volta da metamorfose e devolver a forma humana a esses seres. Mas não vá você pensar que ela fez isso por pura bondade... É que ela precisa de mim para poder usar o antídoto certo quando voltar. E nem precisa de tanta coisa complicada assim para reverter uma situação tão importante. Veja como são bobinhas e sem importância as ervas que uso: uma pequena quantidade de aneto, misturado a folhas de louro, água da fonte, e pronto! – tenho um banho e uma poção! [24] Depois de me provar isso de diversas outras maneiras, ela entrou no quartinho toda apreensiva e saiu de lá com uma caixinha, de onde tirou um pequeno recipiente, que abracei e beijei, antes de pedir a ele que me favorecesse com um voo próspero. Logo na sequência, tirei todas as roupas aceleradamente e mergulhei minhas mãos, com avidez, bem fundo no recipiente, para pegar o máximo de creme que conseguisse, e esfregar em todos os membros de meu corpo. E imediatamente comecei a gesticular como se ave já fosse, tentando me equilibrar e alternar os movimentos dos braços. Mas, nada de pena, nadinha, nem penugem apareceu em mim... No lugar disso, meus pelos engrossaram, e eu ganhei uma crina; minha pele macia e delicada endureceu até virar couro; dedos e unhas dos pés e das mãos condensaram-se numa coisa chamada cascos; e um rabo grande brotou da base de minha coluna... Então eu fiquei assim, com uma cara agigantada, uma boca enorme, umas narinas arreganhadas e uns lábios dependurados. E assim também aconteceu com as orelhas, que aumentaram de maneira impressionante e ainda ficaram peludas. Só tive uma única compensação em tão infeliz metamorfose: o que já era grande por natureza cresceu ainda mais. Pena que Fótis estava fora de meu alcance...[25] E ao me ver burro e não ave – era isso que o exame de cada parte de meu corpo me dizia, veio a vontade de reclamar com Fótis sobre o ocorrido, mas já me faltava, além do aspecto humano, também a voz. A única coisa que consegui fazer foi lhe lançar um olhar de reprovação, atravessado e úmido, fazendo bico com o beiço inferior caído. Logo que ela me viu daquele jeito, bateu no próprio rosto com mãos hostis e exclamou: Estou perdida! Coitada de mim! A agitação e a pressa me induziram ao erro, e a semelhança dos recipientes me enganou.

> Mas tudo bem! O antídoto para essa metamorfose é muito fácil, tem à disposição em todo lugar. É só você, na pele de burro, mastigar rosas que voltará imediatamente a ser meu Lúcio, com todos os direitos e privilégios de antes. Pena que justo hoje não preparei algumas coroas para nós, como costumava fazer, senão você não iria ter de aguentar isso nem por uma única noite... Mas, ao romper do dia, o remédio será providenciado para você sem demora. [26] Ela ficou se lamentando assim, e eu lá, embora um autêntico e perfeito burro, ex-Lúcio, agora jumento, no entanto ainda mantinha a inteligência humana.[337]

Sugerimos que o experimento malsucedido de Lúcio ao usar magia constitui uma paródia do feitiço perfeitamente executado por Pânfila. Comparando os dois rituais, temos as seguintes equivalências:

> (...) primeiro Pânfila tirou toda a roupa e depois pegou vários potinhos em um pequeno baú que estava trancado; ela escolheu um deles, removeu a tampa, retirou todo o creme de lá de dentro, esfregou longamente em suas mãos e, então, espalhou em todo o corpo, das unhas dos pés até os cabelos; em seguida, conversou com uma lâmpada de azeite por muito tempo e em segredo e começou a balançar o corpo, numa mistura de chacoalho, sacudidela e treme-treme. Lentamente seus membros passaram a flutuar e leves plumas cintilaram primeiro, depois penas fortes também cresceram, o nariz ficou duro e recurvado, as unhas se juntaram e assumiram forma adunca. Pânfila fez-se coruja!?[338]

> [24] Depois de me provar isso de diversas outras maneiras, ela entrou no quartinho toda apreensiva e saiu de lá com uma caixinha, de onde tirou um pequeno recipiente, que abracei e beijei, antes de pedir a ele que me favorecesse com um voo próspero. Logo na sequência, tirei todas as roupas aceleradamente e mergulhei minhas mãos, com avidez, bem fundo no recipiente, para pegar o máximo de creme que conseguisse, e esfregar em todos os membros de meu corpo. E imediatamente comecei a gesticular como se ave já fosse tentando me equilibrar e alternar os movimentos dos braços. Mas, nada de pena, nadinha, nem penugem apareceu em mim...[339]

Notamos que apenas o uso do creme não é suficiente para que Lúcio se transforme em pássaro. Certamente Pânfila conhece as palavras mágicas para que a metamorfose se concretize da forma correta. Além disso, no feitiço de Pânfila ela utiliza uma lâmpada de azeite e pronuncia algo não apreendido por Lúcio e Fótis.

Para a infelicidade do protagonista, enquanto aguardava amanhecer no estábulo junto aos outros animais, a casa de Milão é assaltada e os ladrões levam consigo um cavalo e dois burros, sendo um deles Lúcio.

Transformado em asno, Lúcio viverá todo tipo de desventuras. Em um dado momento de sua jornada, depois de ter sido levado por assaltantes, ele será vendido para um grupo de

---

[337] Bianchet, 2020.
[338] Idem.
[339] Idem.

pessoas bastante exóticas, que fazem parte de uma seita religiosa e atuam como charlatães. Nesta passagem não há descrição de atos mágicos, mas parece haver a intenção de Apuleio em deixar registrada a atuação dos falsos místicos (Livro VIII, 24):

> *Scitote qualem: cinaedum, calvum quidem sed cincinnis semicanis et pendulis capillatum, unum de triviali popularium faece, qui per plateas et oppida cymbalis et crotalis personantes deamque Syriam circumferentes mendicare compellunt. Is nimio praestinandi studio praeconem rogat cuiatis essem; at ille Cappadocum me et satis forticulum denuntiat. Rursum requirit annos aetatis meae; sed praeco lasciviens: "Mathematicus quidem, qui stellas eius disposuit, quintum ei numeravit annum, sed ipse scilicet melius istud de suis novit professionibus. Quanquam enim prudens crimen Corneliae legis incurram, si civem Romanum pro servo tibi vendidero, quin emis bonum et frugi mancipium, quod te et foris et domi poterit iuvare?" Sed exinde odiosus emptor aliud de alio non desinit quaerere, denique de mansuetudine etiam mea percontatur anxie.*
>
> Conheçam o tipo do sujeito: uma bicha, e, para piorar a situação, uma bicha careca – exceto por alguns fios de cabelo grisalhos dependurados pela cabeça, alguém pertencente ao resto do resto da camada popular, daquelas pessoas que tocam címbalos e algo parecido com castanholas, circulam com a deusa Síria e a obrigam a mendigar. Essa pessoa, que demonstrou um excessivo interesse em me adquirir, perguntou de onde eu era, ao que ele declarou que eu era da Capadócia e que era bem fortinho. Indagou, mais de uma vez, quantos anos eu tinha. O pregoeiro, contudo, respondeu fazendo graça:— Na verdade, o astrólogo que fez o mapa astral dele calculou que tem cinco anos; ele próprio, contudo, evidentemente sabe isso com mais exatidão, pois conhece seu registro civil. De fato, ainda que eu tenha consciência de que estarei cometendo um crime e infringindo a lei Cornélia, se vier a vender a você um cidadão romano como se fosse um escravo, por que você deixaria de querer ser o proprietário de um escravo bom e virtuoso, que poderá lhe ser útil tanto dentro quanto fora de casa?[340]

(XII) Lúcio finalmente terá sua forma humana de volta. Enquanto repousa exausto nas areias da praia, ele experimenta a visão de Ísis, depois de invocá-la veementemente. (Livro XI, 1-7)

> *[1] Circa primam ferme noctis vigiliam experrectus pavore subito, video praemicantis lunae candore nimio completum orbem commodum marinis emergentem fluctibus; nanctusque opacae noctis silentiosa secreta, certus etiam summatem deam praecipua maiestate pollere resque prorsus humanas ipsius regi providentia, nec tantum pecuina et ferina, verum inanima etiam divino eius luminis numinisque nutu vegetari, ipsa etiam corpora terra caelo marique nunc incrementis consequenter augeri, nunc detrimentis obsequenter imminui, fato scilicet iam meis tot tantisque cladibus satiato et spem salutis, licet tardam, subministrante, augustum specimen deae praesentis statui deprecari; confestimque discussa pigra quiete <laetus et> alacer exsurgo meque protinus purificandi studio marino lavacro trado septiesque summerso fluctibus capite, quod eum numerum praecipue religionibus aptissimum divinus ille Pythagoras prodidit, [laetus et alacer] deam praepotentem lacrimoso vultu sic adprecabar: [2] "Regina caeli, — sive tu Ceres alma frugum parens originalis, quae, repertu laetata filiae, vetustae glandis ferino remoto pabulo, miti commonstrato cibo nunc Eleusiniam glebam percolis, seu tu caelestis Venus, quae primis rerum exordiis sexuum diversitatem generato Amore sociasti et aeterna subole humano genere propagato nunc circumfluo Paphi sacrario coleris, seu Phoebi soror, quae partu*

[340] Bianchet, 2020.

fetarum medelis lenientibus recreato populos tantos educasti praeclarisque nunc veneraris delubris Ephesi, seu nocturnis ululatibus horrenda Proserpina triformi facie larvales impetus comprimens terraeque claustra cohibens lucos diversos inerrans vario cultu propitiaris, — ista luce feminea conlustrans cuncta moenia et udis ignibus nutriens laeta semina et solis ambagibus dispensans incerta lumina, quoquo nomine, quoquo ritu, quaqua facie te fas est invocare: tu meis iam nunc extremis aerumnis subsiste, tu fortunam collapsam adfirma, tu saevis exanclatis casibus pausam pacemque tribue; sit satis laborum, sit satis periculorum. Depelle quadripedis diram faciem, redde me conspectui meorum, redde me meo Lucio, ac si quod offensum numen inexorabili me saevitia premit, mori saltem liceat, si non licet vivere." [3] Ad istum modum fusis precibus et adstructis miseris lamentationibus rursus mihi marcentem animum in eodem illo cubili sopor circumfusus oppressit. Necdum satis conixeram, et ecce pelago medio venerandos diis etiam vultus attollens emergit divina facies; ac dehinc paulatim toto corpore perlucidum simulacrum excusso pelago ante me constitisse visum est. Eius mirandam speciem ad vos etiam referre conitar, si tamen mihi disserendi tribuerit facultatem paupertas oris humani vel ipsum numen eius dapsilem copiam elocutilis facundiae subministraverit. (...)

[1] Mais ou menos por volta da primeira vigília, acordei de repente, assustado, e a primeira coisa que vi foi o brilho intenso da lua cheia, emergindo confortavelmente das ondas do mar. Aproveitei, então, a oportunidade de estar, na calada da noite, em um local retirado e silencioso, além disso, na certeza de que essa deusa soberana de extraordinária majestade, era muito poderosa (resumindo: as questões humanas eram regidas precisamente por sua providência e, além disso, não só os animais – os domésticos e os ferozes –, mas também os seres inanimados ganhavam vida por expressão divina do poder de sua luz e, além disso, as próprias substâncias da terra, do céu e do mar às vezes aumentam em consequência da fase crescente às vezes diminuem em sequência à fase minguante), e porque o destino já devia estar cheio de minhas tantas e tamanhas calamidades e resolveu me dar uma esperança de salvação, ainda que tardia, resolvi, então, dirigir uma prece à majestosa evidência da presença da deusa. Dissipei rapidamente a preguiça ao acordar, me levantei cheio de entusiasmo e fui direto tomar um banho de mar, pois estava preocupado em me purificar, o que fiz mergulhando a cabeça sete vezes nas ondas, porque é o número que o divino Pitágoras indicou ser o mais adequado às práticas religiosas. Então, com o rosto banhado em lágrimas, dirigi a seguinte prece à deusa superpoderosa: [2] — Ó Rainha do céu! Sejais vós Ceres nutriz, mãe primeira dos cereais, que, alegrada pelo reencontro com a filha, suprimistes o costume antigo e selvagem de comer bolotas e mostrastes os alimentos macios, e que agora habitais os campos de Elêusis; sejais vós Vênus celestial, que nos primórdios do mundo unistes os sexos opostos, gerando o Amor, e propagastes o gênero humano, garantindo-lhe descendência eterna, e que agora sois cultuada em Pafos, rodeada de águas; sejais vós a irmã de Febo, que trazeis alívio às dores do parto, com remédios lenitivos, ajudando a formar tantos povos e que agora sois venerada nos magníficos santuários de Éfeso; sejais vós Prosérpina, a que causa arrepios com lamentações noturnas, a de face triforme, que reprimis a impetuosidade dos espectros, bloqueando a passagem para a terra, que andais errante por diversos bosques sagrados e cujo favor é buscado através de vários cultos; ó vós, que iluminais todas as muralhas com essa luz feminina, que nutris as sementes férteis com calor úmido, que distribuís claridade incerta pelas solitárias sinuosidades dos caminhos; ó vós, qualquer que seja vosso nome, qualquer que seja vosso rito, qualquer que seja vossa face, é lícito invocar-vos! Concedei-me vosso apoio, agora que já passei pelas piores provações, confirmai a derrocada da Fortuna e garanti-me o descanso e a paz, depois de ter tolerado circunstâncias desumanas! Basta de desventuras, basta de perigos! Arrancai de mim esta pele, esta cara medonha de quadrúpede, e devolvei-me o aspecto que herdei de meus pais, devolvei-me meu querido Lúcio! E se alguma divindade ofendida está me sobrecarregando com sua inexorável crueldade, que me seja ao menos permitido morrer, se viver não me é permitido...[3] Foi exatamente dessa maneira que me derramei em preces, às quais acrescentei tristes lamentos. Depois disso, um sono profundo tomou conta de meu espírito enfraquecido e me subjugou naquela mesma cama de antes. Eu ainda não

> tinha chegado a dormir o bastante, quando, de repente, do meio do mar, realçando seu semblante digno de veneração até mesmo por parte dos deuses, emergiu um rosto divino. Em seguida, pouco a pouco, de corpo inteiro, aquela imagem completamente luminosa destacou-se do mar e pareceu se posicionar diante de mim. Eu até irei reunir esforços no sentido de deixar registrado para vocês o maravilhoso esplendor da deusa, isso se a pobreza da linguagem humana me conceder a possibilidade de encadear as ideias, ou se a própria divindade dela me suprir de um magnífico, abundante e eloquente dom da palavra. (...)[341]

(XIII) Depois de receber todas as instruções sobre como alcançar a rosa que quebraria o feitiço, o asno se mistura à multidão do festival religioso. (Livro XI, 12-14)

> *[12] Et ecce praesentissimi numinis promissa nobis accedunt beneficia et fata salutemque ipsam meam gerens sacerdos adpropinquat, ad ipsum praescriptum divinae promissionis ornatum dextera proferens sistrum deae, mihi coronam — et hercules coronam consequenter, quod tot ac tantis exanclatis laboribus, tot emensis periculis deae maximae providentia adluctantem mihi saevissime Fortunam superarem. Nec tamen gaudio subitario commotus inclementi me cursu proripui, verens scilicet ne repentino quadripedis impetu religionis quietus turbaretur ordo, sed placido ac prorsus humano gradu cunctabundus paulatim obliquato corpore, sane divinitus decedente populo, sensim inrepo. [13] At sacerdos, ut reapse cognoscere potui, nocturni commonefactus oraculi miratusque congruentiam mandati muneris, confestim restitit et ultro porrecta dextera ob os ipsum meum coronam exhibuit. Tunc ego trepidans, adsiduo cursu micanti corde, coronam, quae rosis amoenis intexta fulgurabat, avido ore susceptam cupidus promissi devoravi. Nec me fefellit caeleste promissum: protinus mihi delabitur deformis et ferina facies. Ac primo quidem squalens pilus defluit, ac dehinc cutis crassa tenuatur, venter obesus residet, pedum plantae per ungulas in digitos exeunt, manus non iam pedes sunt, sed in erecta porriguntur officia, cervix procera cohibetur, os et caput rutundatur, aures enormes repetunt pristinam parvitatem, dentes saxei redeunt ad humanam minutiem, et, quae me potissimum cruciabat ante, cauda nusquam! Populi mirantur, religiosi venerantur tam evidentem maximi numinis potentiam et consimilem nocturnis imaginibus magnificentiam et facilitatem reformationis claraque et consona voce, caelo manus adtendentes, testantur tam inlustre deae beneficium. [14] At ego stupore nimio defixus haerebam, animo meo tam repentinum tamque magnum non capiente Gaudium.*

> [12] E, de repente, não mais do que de repente, juntou-se ao cortejo, em meu benefício, a solução prometida pela divindade superpoderosa, e o sacerdote que transportava meu destino e, mais precisamente, minha salvação se aproximou de mim, mais ou menos como tinha sido prescrito durante a promessa divina, segurando na mão direita o sistro enfeitado da deusa e uma coroa, para mim – puxa vida! – uma coroa, é lógico que era para mim! Depois de tantos e tão desgastantes sofrimentos, depois de atravessar por tantos perigos, com a providência da deusa maior eu poderia superar a Fortuna, que me acossou com crueldade máxima. No entanto, apesar de atingido por súbito e completo contentamento, não corri impiedosamente na frente dele, evidentemente por temer que meu repentino ímpeto de quadrúpede viesse a perturbar a ordem e a paz da cerimônia. Foi, portanto, a passos calmos, exatamente como um ser humano, que eu, hesitante, me insinuei vagarosamente, colocando, pouco a pouco, o corpo de lado, no meio da multidão, que me deu passagem, sem dúvida alguma por inspiração divina. [13] O sacerdote, por outro lado, como de fato pude perceber, lembrou-se do oráculo noturno e, admirado com a conformidade do que estava acontecendo com a missão dada a ele, parou imediatamente de andar, estendeu a mão direita e deixou a coroa precisamente ao alcance de minha boca. Eu, então, trêmulo,

[341] Bianchet, 2020.

> com o coração palpitando, de pulso acelerado, me apropriei, com boca ávida, daquela coroa, trançada com doces rosas, que fulgurava diante de mim, e a devorei, desejoso de ter o que me havia sido prometido. E eu não me enganei com o prometido pelos céus, pois, logo em seguida, o aspecto disforme e feroz começou a se esvair de mim. E o que é melhor: a primeira coisa que saltou fora foi o pelo áspero. Em seguida, a pele grossa se afinou, a pança obesa retraiu-se, das plantas dos pés cresceram dedos, no lugar dos cascos, as mãos já não eram pés e se estendiam para cumprir as funções de quando erguidas, o longo pescoço diminuiu de tamanho, a boca e cabeça retomaram as formas arredondas, as orelhas enormes recuperaram a antiga pequenez, os dentes do tamanho de uma rocha voltaram a ser pequenos como os de um ser humano e, o que antes me atormentava muitíssimo, do rabo, nada em lugar nenhum! As pessoas ficaram admiradas, e os fiéis veneraram tamanha manifestação de poder da divindade maior, a genialidade da semelhança com as visões noturnas e a facilidade da metamorfose. E, assim, com voz clara e em uníssono, de mãos erguidas para o céu, solenemente declararam-se testemunhas de tão iluminado favorecimento da deusa. [14] Eu, por outro lado, imobilizado por desmesurada estupefação, fiquei parado, em silêncio, com meu coração a ponto de explodir de tanta e tão intensa alegria assim de repente.[342]

(XIV) Após retornar à sua forma humana, Lúcio se junta ao culto de Ísis e recebe suas primeiras tarefas como devoto da deusa (Livro XI, 22)

> *(...) quantoque sumptu deberem procurare supplicamentis, ipsumque Mithram illum suum sacerdotem praecipuum divino quodam stellarum consortio, ut aiebat, mihi coniunctum sacrorum ministrum decernit. Quis et ceteris benivolis praeceptis summatis deae recreatus animi necdum satis luce lucida, discussa quiete, protinus ad receptaculum sacerdotis contendo atque eum cubiculo suo commodum prodeuntem prodeuntem continatus saluto.*

> Anunciou, também, o gasto que eu deveria ter com a cerimônia religiosa e destacou seu sacerdote principal, Mitra em pessoa, como ministro responsável por meu ritual sagrado, pois, como dizia, estávamos vinculados por certa conjunção divina de estrelas. De espírito renovado por essa e outras instruções benevolentes da magnífica deusa, mal clareou o dia, dissipei meu sono e marchei imediata e apressadamente rumo ao retiro do sacerdote.[343]

No desfecho das aventuras de Lúcio, não podemos deixar de comentar sobre a divindade que viabiliza o retorno do protagonista à sua forma humana. Segundo Grimal (2009), não obstante as medidas tomadas contra o culto a Ísis desde o início do Império, este fora bastante difundido e posteriormente aceito:

> A imensa mistura de populações provocada pela unidade do Império disseminara os fiéis que, ao instalarem-se no estrangeiro, levaram consigo os deuses. Ísis, a Egípcia, foi introduzida em Roma no templo de Sila e, nessa época, formou-se uma primeira comunidade isíaca que rapidamente se desenvolveu. Em breve se construiu um templo no Campo de Marte, não obstante as medidas tomadas contra ela em diversas ocasiões.

[342] Bianchet, 2020.
[343] Idem.

> Mas desde o início do Império, talvez mesmo desde o reinado de Augusto, Ísis foi definitivamente adotada em Roma.[344]

Embora tenha chegado inicialmente como uma seita oriental ou ritual místico, o culto a Ísis foi gradativamente adotado como religião. Grimal (2009) endossa essa afirmação e descreve algo muito semelhante ao que encontramos nas *Metamorfoses* a respeito dessa importante religião egípcia:

> Muito naturalmente, os primeiros fiéis foram recrutados entre os egípcios estabelecidos na Itália, mas também entre as mulheres, sobretudo escravas libertas, muitas vezes de origem oriental, que eram particularmente sensíveis a tudo aquilo que, no culto da deusa, se prendia com a afetividade. Apreciavam acima de tudo as lentas procissões, os hinos, a música enfeitiçada da flauta e dos sistros, o ritmo dos tamboris, o odor das plantas aromáticas queimadas. E, além disso, havia os sacerdotes, vestidos de linho, cabeça raspada, possuidores de segredos vindos do fundo dos tempos, dominando os demônios e iniciados nos mistérios mais sagrados do universo. Diziam-se inacessíveis às fraquezas humanas; abstinham-se de contatos carnais, de tudo o que tivesse tido uma alma, recusavam os prazeres amorosos e os fiéis, em certos dias, também deviam manter-se puros para terem o direito de se apresentar diante da deusa. Ísis, no entanto, como os mortais, conhecera a dor de perder aquele que amava e todos os anos o chorava antes de reencontrar o seu corpo embalsamado em cedro. Mãe das Dores, acolhia as pecadoras que, junto dela, experimentavam as volúpias da penitência e da redenção[345].

Na última seção da obra (Livro XI), Lúcio conta com detalhes sobre sua iniciação. Fica claro que o culto de Ísis, assim como outros cultos exotéricos, possuem algumas semelhanças com rituais mágicos, embora não sejam categorizados como bruxaria. Possuem, por exemplo, fórmulas mágicas que precisam ser protegidas de olhos curiosos:

> *[22] (...) Et iniecta dextera senex comissimus ducit me protinus ad ipsas fores aedis amplissimae rituque sollemni apertionis celebrato ministerio ac matutino peracto sacrificio de opertis adyti profert quosdam libros litteris ignorabilibus praenotatos, partim figuris cuiusce modi animalium concepti sermonis compendiosa verba suggerentes, partim nodosis et in modum rotae tortuosis capreolatimque condensis apicibus a curiositate profanorum lectione munita. Indidem mihi praedicat, quae forent ad usum teletae necessario praeparanda.*
>
> [22] (...) O ancião, então, me pegou pela mão direita e me conduziu, com toda gentileza, imediatamente, até as portas, precisamente, do templo mais importante, onde, depois de celebrar o rito solene de abertura dos trabalhos e de proceder ao sacrifício matutino, exibiu certos livros, retirados da parte de acesso restrito do santuário, e que traziam anotações com caracteres desconhecidos – algumas forneciam abreviações de expressões formuladas, através de figuras de animais de todos os tipos; outras estavam protegidas por traços nodosos e retorcidos em formato de roda, compactadas e enroscadas em si mesmas, como chifre de cabra, para impedir a leitura por curiosos não iniciados. Foi essa a fonte utilizada pelo sacerdote para me

[344] Grimal, 2009, p. 83.
[345] Idem, p. 84.

> indicar o que seria necessário deixar preparado com antecedência, para uso durante a iniciação.[346]

A descrição dos detalhes do culto de Ísis é longa, e, portanto, selecionamos apenas alguns trechos. Por diversas vezes, Lúcio pausa sua narrativa para nos dizer que alguns ritos são secretos e proibidos aos ouvidos dos não iniciados, razão pela qual é necessário manter sigilo:

> *[23] Quaeras forsitan satis anxie, studiose lector, quid deinde dictum, quid factum; dicerem, si dicere liceret, cognosceres, si liceret audire. Sed parem noxam contraherent et aures et lingua, <ista impiae loquacitatis>, illae temerariae curiositatis. Nec te tamen desiderio forsitan religioso suspensum angore diutino cruciabo. Igitur audi, sed crede, quae vera sunt. Accessi confinium mortis et calcato Proserpinae limine per omnia vectus elementa remeavi, nocte media vidi solem candido coruscantem lumine, deos inferos et deos superos accessi coram et adoravi de proximo. Ecce tibi rettuli, quae, quamvis audita, ignores tamen necesse est. ergo quod solum potest sine piaculo ad profanorum intellegentias enuntiari, referam.*

> [23] Você, talvez, esteja se perguntando com bastante ansiedade, zeloso leitor, o que, em seguida, se disse, o que se fez. Eu diria, se permitido fosse dizer; você tomaria conhecimento, se permitido fosse ouvir. Contudo, cometeriam crime idêntico tanto os ouvidos, quanto a língua, esta por loquacidade, aqueles por audaciosa curiosidade. No entanto, não atormentarei você, que esteja talvez em suspense por causa de desejo religioso com a angústia da espera. Portanto, ouça, mas também creia, pois é tudo verdade. Aproximei-me das raias da morte, pisei a soleira de Prosérpina e fiz o caminho de volta sendo transportado por entre todos os elementos; no meio da noite vi o sol brilhando com sua cândida luz; me aproximei, fiquei de frente com os deuses inferiores e os deuses superiores, adorei-os de perto. E pronto! Fiz o registro daquilo que, apesar de ouvido, forçoso é, no entanto, que você ignore. Sendo assim, irei agora fazer o registro somente daquilo que pode ser divulgado, sem sacrilégio, de acordo com a capacidade de entendimento dos não iniciados.[347]

Embora este estudo não seja sobre religião ou cultos mistéricos, e sim sobre feitiçaria, destacamos os parágrafos finais de *O burro de Ouro* por nos fornecerem dados importantes sobre uma possível ligação biográfica entre Lúcio, o protagonista, e o próprio Apuleio:

> *[30] Hactenus divini somnii suada maiestas, quod usus foret, pronuntiavit. Nec deinceps postposito vel in supinam procrastinationem reiecto negotio, statim sacerdoti meo relatis quae videram, inanimae protinus castimoniae iugum subeo et lege perpetua praescriptis illis decem diebus spontali sobrietate multiplicatis instructum teletae comparo largitus, <omnibus> ex studio pietatis magis quam mensura rerum <mearum> collatis. Nec hercules laborum me sumptuumque quidquam tamen paenituit, quidni? Liberali deum providentia iam stipendiis forensibus bellule fotum. Denique post dies admodum pauculos deus deum magnorum potior et potiorum summus et summorum maximus et maximorum regnator Osiris non*

[346] Bianchet, 2020.
[347] Idem.

> *in alienam quampiam personam reformatus, sed coram suo illo venerando me dignatus adfamine per quietem recipere visus est: quae nunc, incunctanter gloriosa in foro redderem patrocinia, nec extimescerem malevolorum disseminationes, quas studiorum meorum laboriosa doctrina ibidem exciverat. Ac ne sacris suis gregi cetero permixtus deservirem, in collegium me pastophorum suorum immo inter ipsos decurionum quinquennales adlegit. Rursus denique quaqua raso capillo collegii vetustissimi et sub illis Syllae temporibus conditi munia, non obumbrato vel obtecto calvitio, sed quoquoversus obvio, gaudens obibam.*

> [30] Bastou a convincente majestade do sonho divino para me apontar o que viria depois. E eu não adiei ou coloquei esse assunto em segundo plano por preguiça, mas, incontinente corri até meu sacerdote para relatar a visão que tinha tido. Logo em seguida, me submeti à obrigação de me abster de alimentos de origem animal, espontaneamente multiplicando o período de comedimento de dez dias, prescrito na perpétua lei. Comprei em abundância, e paguei, tudo que tinha sido indicado nas instruções da iniciação, mais por dedicação e sentimento de respeito do que à proporção de meus bens. Mas, puxa vida! Não me arrependi de nada – nem da trabalheira, nem dos gastos que tive. E por que não? Por meio da generosa Providência dos deuses, me dei lindamente bem com minha renda proveniente de atividades forenses. Por fim, muito poucos dias depois, o deus mais poderoso entre os grandiosos deuses, supremo entre os poderosos, o maior entre os supremos, o regente dos maiores, Osíris, apareceu para mim em sonhos, não metamorfoseado em alguma outra pessoa qualquer, mas dignou-se a ficar face a face diante de mim, em sua própria veneranda forma, e falou comigo que, agora, Eu deveria, sem hesitar, abandonar a gloriosa defesa de causas no fórum e não recear os boatos de pessoas maldosas, que a laboriosa doutrina de meus estudos provocaria no mesmo instante. E, para que eu servisse a seus mistérios sem ficar misturado aos demais participantes em geral, o deus me escolheu para integrar o colégio de seus Pastóforos, mais especificamente o grupo de decuriões quinquenais. Por fim, uma vez mais, raspei todo o cabelo que tinha na cabeça e, exultante de alegria, sem disfarçar, ou encobrir a calvície, exibindo-a por onde quer que fosse, passei a me dedicar às funções oficiais desse colégio dos mais antigos, fundado nos tempos de Sila.[348]

Se levarmos em consideração juntamente com as *Metamorfoses*, a *Apologia*, que constitui o relato do julgamento do próprio autor, acusado de realizar encantamentos, conjecturamos que ambas as obras oferecem algumas alusões autobiográficas, como nos diz também o estudo de Silva (2012). Em o *Burro de Ouro*, o personagem Lúcio, embora ingênuo e crédulo, parece conhecer vários princípios mágicos, demonstrando ser um entusiasta e admirador da feitiçaria.

Os capítulos finais das *Metamorfoses* nos mostram a magnitude do sincretismo religioso e o acolhimento de seitas orientais em Roma. As feiticeiras, retratadas como figuras de excesso e desordem durante todo o romance, funcionam como contraponto à ordem religiosa restaurada no desfecho do romance, quando a intervenção da deusa Ísis oferece a Lúcio uma transformação definitiva, não apenas corporal, mas espiritual. Desse modo, a magia profana é progressivamente substituída por uma experiência religiosa legitimada.

---

[348] Bianchet, 2020.

Nas *Metamorfoses*, a feitiçaria ocupa um lugar central não apenas como elemento narrativo, mas como recurso simbólico que sustenta a trajetória de transformação do protagonista. Longe de funcionar unicamente como ornamento fantástico ou exótico, especialmente nas fábulas milesianas que se inserem paralelamente à história principal, a magia — sobretudo associada às figuras femininas — revela-se um instrumento ambíguo, capaz de provocar tanto a degradação quanto a redenção.

Conclui-se, portanto, que neste contexto, a feitiçaria não deve ser compreendida apenas como motivo narrativo, mas como chave interpretativa para a compreensão do percurso iniciático do protagonista no culto de Ísis e da crítica moral implícita na obra.

Além disso, a representação da feitiçaria na obra de Apuleio dialoga com concepções culturais e sociais do mundo romano, nas quais as práticas mágicas exerciam fascínio no público leitor, ao mesmo tempo em que eram temidas e marginalizadas.

5. Considerações finais

Retomando os problemas iniciais, a principal proposta desta pesquisa consistiu em investigar as representações da feitiçaria e dos agentes mágicos na literatura latina de forma geral. Terminamos por encontrar uma variedade de rituais e tipos de feiticeiros descritos nos textos entre o século I a.C. e II d.C. E, de fato, obtivemos matéria para discussões acerca da representação das alteridades, como mulheres e estrangeiros, e a marginalização social na antiguidade. Constatamos também que a feitiçaria se mostra como uma prática real na sociedade romana, atingindo diversas camadas sociais. Há materiais arqueológicos e paleográficos que apontam para o uso de rituais mágicos pela população, tanto em Roma quanto nas províncias do império.

Sobre a composição da imagem da feiticeira, vimos que, na maioria dos textos, os escritores preferem descrever os atos, as características físicas e o comportamento das personagens ao invés de denominá-las 'bruxas'. Por muito tempo, não houve uma palavra em latim usada somente para designar bruxas e feiticeiras, ou, se houve, não foi registrada em testemunhos escritos que chegaram até nós. Sendo assim, o vocábulo utilizado consistiu essencialmente em empréstimos lexicais gregos (como *magus*), pelo menos até o século I d.C., quando Petrônio registra o substantivo *striga* em seu *Satyricon*.

Acreditamos que umas das questões essenciais respondida em nossa pesquisa foi por que coube às mulheres, em especial, o papel de agente mágico na literatura latina. Nos textos literários, os homens foram pouco representados como bruxos ou feiticeiros, embora magos e adivinhos de terras distantes do Lácio tenham povoado o imaginário durante toda a antiguidade clássica romana. Esta foi uma das questões importantes que emergiram ao longo do nosso estudo, mas sem uma resposta objetiva. Podemos apenas supor que a predominância de sujeitos masculinos na classe intelectual romana favoreceu o que Ogden chama de "distanciamento cultural".

Interpretamos, a partir dos textos literários, que a formação da identidade de bruxas e feiticeiras na literatura latina e sua associação ao gênero feminino possui um viés moralizante que visava direcionar o comportamento das mulheres ao recato e submissão, uma vez que as práticas mágicas se mostram socialmente transgressoras. Ao mesmo tempo, o discurso moralizador associado ao gênero feminino orientava os homens a não praticarem feitiçaria, sob o risco de se igualarem às mulheres.

Constatamos, na segunda metade do século I. d.C., três autores diferentes que destacam as práticas mágicas em suas obras. E, acrescentando, foram escritas em um curto espaço de tempo, uma vez que Sêneca, Lucano e Petrônio são contemporâneos. Seguindo apenas essa lógica, é inegável que houve, durante o Principado de Nero, uma produção literária notadamente interessada em descrever rituais mágicos.

Os resultados obtidos em relação à hipótese inicial a partir da análise dos textos geraram várias interpretações. Comecemos por sintetizar a caracterização do agente mágico em Virgílio, em sua Bucólica VIII. Curiosamente, o poema retrata um homem realizando um feitiço amoroso, mais especificamente um pastor. A emulação do *Idílio II* de Teócrito por Virgílio é visível e sugere que a magia representada em sua obra possui forte influência do universo cultural grego. O perfil do agente mágico está dentro das possibilidades apontadas por Mauss, que caracteriza os pastores como feiticeiros em diversas culturas. Portanto, os bruxos da Bucólica VIII realizam proezas, porém, não constituem figuras feias e amedrontadoras.

Observamos, na Bucólica VIII, que o autor retoma a descrição da magia de Teócrito, seu modelo de poesia pastoril. Virgílio trata de algo que ocorria em seu meio, ou seja, práticas mágicas em Roma, ou apenas reproduz um tema literário?

A partir dos epodos de Horácio (XV e XVII) e sua Sátira 1.8, temos uma transformação da imagem das bruxas na tradição literária: elas são descritas como mulheres pobres, velhas, carecas, desdentadas, descabeladas, sujas e criminosas, tendo como personagem principal Canídia. As práticas mágicas também se tornam mais cruéis e sombrias em Horácio, mostrando-se muito diferentes das ações dos pastores da Bucólica VIII, por exemplo.

Quando Virgílio escreve a Eneida (Canto IV), parece ter havido uma mudança em seu modo de retratar os agentes mágicos. Dido contrata os serviços de uma feiticeira de Marselha que se assemelha em alguns aspectos às bruxas de Horácio: ela é velha e possui uma aparência despojada, de cabelos soltos.

Em Ovídio temos primeiramente a caracterização de Dipsas no poema 1.8 de *Amores*. A *Lena* é descrita como uma velha alcoólatra que possui duas pupilas em cada olho, dos quais saem raios fulminantes. Ela é capaz de realizar prodígios dos mais variados, mas sua especialidade são os filtros amorosos. Apesar de horrenda, ela não se mostra como uma bruxa amedrontadora, apenas ridícula. Já nas *Metamorfoses*, temos a descrição de Medeia como uma bruxa extremamente poderosa e assassina. No entanto, seguindo uma tradição mitológica muito antiga, ela não é descrita como uma mulher feia. O que caracteriza a imagem de Medeia como agente mágico é o seu figurino quando ela realiza os feitiços: ao modo das bacantes, ela anda de pés descalços, cabelos soltos, vestes fluidas e seios desnudos.

A peça teatral *Medeia* de Sêneca, registrada algumas décadas após a publicação das *Metamorfoses* de Ovídio, mostra a heroína trágica de maneira muito semelhante à obra ovidiana. Na tragédia, Medeia é descrita como uma mênade (bacante), seminua e de cabelos soltos, mas apenas durante o preparo da poção envenenada.

Lucano certamente inovou ao criar Ericto, feiticeira da sua épica *Farsália*. Ela é mais poderosa e cruel que Medeia (em relação à eficácia e ao alcance de seus poderes) porém não é bela; ao contrário, possui uma aparência assustadora. Após a análise dos poemas sugerimos que a fisionomia de Ericto se assemelha à Canídia de Horácio: ambas são velhas, sujas, marginalizadas e desgrenhadas.

Petrônio parece seguir a tradição literária das sátiras e nos revela bruxas feias, ridículas e pouco assustadoras, semelhantes às de Horácio. Assim como as feiticeiras do poeta do círculo de Mecenas, as magas de *Satyricon* são pobres, sujas, velhas, descabeladas e usam vestes negras. Elas também se mostram desastradas, interesseiras, lascivas e charlatãs, uma vez que nenhum de seus rituais se mostra eficaz.

Petrônio não possui a preocupação em desenvolver detalhes de feitiços, mas antes, em satirizar a bruxaria. Isso aponta para a filtragem representativa que os gêneros literários induzem ao mostrar personagens e práticas.

A obra *Metamorfoses* de Apuleio traz uma variedade de tipos de agentes mágicos. As primeiras bruxas a serem mencionadas, no livro I, são Méroe e Pântia, que aterrorizaram uma cidade inteira com seus feitiços. Temos poucos dados sobre Pântia, mas Méroe é descrita como uma senhora de meia-idade, atraente, promíscua e lasciva. No livro II, surge Pânfila, uma matrona feiticeira, sobre a qual não temos nenhuma descrição física, porém somos informados de seus poderes mágicos. Ela é responsável pela transformação de Lúcio em asno. Também no livro II, narra-se a história de bruxas tessálicas (anônimas) que roubam partes de cadáveres para seus rituais. Também não temos muitas informações sobre elas, apenas de suas ações aterrorizantes. Ainda no livro II das *Metamorfoses*, temos a figura de Zatclas, que, a princípio, parece um charlatão, mas se mostra como um poderoso mago egípcio necromante. Finalmente, no livro VIII encontramos um agente mágico masculino, que é descrito como um estrangeiro oriental, andarilho, charlatão e efeminado. Temos em Apuleio dois exemplos de homens feiticeiros, mas que se encontram em classes marginalizadas, sendo estrangeiros, pobres e andarilhos.

A partir dos textos literários analisados concluímos que não existiu apenas uma caracterização convergente a respeito de bruxos e feiticeiros. Não obstante, chegamos à conclusão de que a cultura greco-romana deixou como herança para o ocidente a representação

das bruxas predominantemente baseadas em Ericto de Lucano somada aos traços das feiticeiras das sátiras romanas, especialmente Canídia, de Horácio. Por outro lado, Medeia, personagem da mitologia grega, representada tanto em Ovídio quanto em Sêneca, destoa do protótipo forjado entre os séculos I a.C. e II d.C. pelos escritores latinos.

Demonstramos que a nossa hipótese sobre a marginalização da feitiçaria e a estigmatização de estrangeiros e mulheres como principais agentes mágicos pode ser confirmada, pelo menos através dos textos latinos.

A respeito da representação da feitiçaria em Roma, o nosso objetivo geral, inferimos que nos textos latinos surgem descrições muito próximas dos rituais mágicos presentes na literatura grega. Apesar de já existirem rituais de magia nas comunidades do Lácio desde períodos recuados, como vimos no encantamento demonstrado por Catão, é inegável a influência literária e cultural helênica na caracterização da magia romana a partir do século I a.C.

Não se podem negar inclusive as semelhanças existentes entre os ritos egípcios encontrados na epigrafia e a representação da magia na ficção romana. Na literatura latina encontramos muitos traços comuns às cenas de feitiçaria egípcia descritas nos papiros mágicos, tais como: (i) o tipo de fórmula empregada nos ritos; (ii) a importância do rito verbal e o uso de palavras específicas; (iii) os tipos de objetos mágicos utilizados; (iv) uso de referências mitológicas nas fórmulas mágicas; (v) o uso de ameaça contra os deuses.

Excetuando os casos em que a hipérbole na construção das cenas de bruxaria surge como estratégia narrativa para as obras e personagens analisados, temos uma fonte abundante de dados sobre práticas reais mescladas ao imaginário coletivo.

Se a magia não era praticada pela população da mesma forma descrita na literatura, pelo menos existiu, por assim dizer, a idealização de uma magia nos moldes gregos pelos poetas.

Em relação aos nossos temas específicos, que são a caracterização da magia e da imagem das feiticeiras (ou feiticeiros) na literatura, ambos em uma relação de interdependência, temos considerações mais complexas. Como já dito, a influência estrangeira, especialmente grega e egípcia, se faz presente nas fórmulas dos rituais. A partir de descrições tão detalhadas e coerentes nos textos literários latinos, tornou-se possível identificar o agente do ritual, as condições do rito (tempo e espaço), os atos (gestos e palavras), e ainda, as propriedades mágicas, ou seja, todas as substâncias e objetos presentes em um feitiço eficaz. Escolhemos a teoria proposta por Mauss, pois o autor propõe estudar a magia e o pensamento mágico como um sistema, considerando a feitiçaria como um conjunto de mecanismos e regras a serem seguidos com o intuito de perpetuar a eficácia e a tradição mágica.

Através da análise dos textos literários, constatamos que os feitiços ricamente elaborados como os que ocorrem em Virgílio (Bucólica VIII; Eneida IV), Ovídio (Metamorfoses, Livro VII), Sêneca e Lucano, dominam o cenário dos ritos mágicos. Os autores acima, que se dedicaram majoritariamente ao estilo pastoril, épico e trágico, se inspiraram em fontes gregas para a criação de suas feiticeiras, mesmo que adicionem inovações e hipérboles e explorem ao máximo a capacidade das bruxas de provocar terror no público e seus leitores.

Já as bruxas satíricas como as de Horácio, Ovídio (*Amores*), Petrônio e Apuleio, certamente com o objetivo de provocar o riso, realizam rituais mais simplificados e às vezes toscos, embora também repletos de símbolos e significados. A evidência da completude desses feitiços está no fato de que foi possível detectar em todos os textos, sejam humorísticos ou não, as categorias que compõem um rito mágico. As feiticeiras das sátiras e das fábulas milesianas de Petrônio e Apuleio também evidenciam a influência grega e oriental em suas práticas, especialmente a necromancia.

A constatação da riqueza de detalhes nos textos literários, sobretudo nos poemas épicos, nos levou a outro questionamento: os escritores e intelectuais no antigo império romano se interessavam por feitiçaria e outros assuntos místicos? A resposta parece ser afirmativa, ao menos a partir do que averiguamos nas fontes teóricas, e, certamente, se levarmos em conta os textos literários, que, como verificamos, apresentam centenas de versos e linhas abordando rituais mágicos e seus agentes. Fora essas constatações, é sabido através de estudos arqueológicos e históricos que a classe popular também realizava ritos simpáticos em seu cotidiano, o que nos leva a crer que a feitiçaria era praticada por todas as camadas sociais.

Finalmente, a adoção de seitas e cultos secretos por escritores que frequentavam as cortes, como Sêneca e Lucano, ou de cidadãos notáveis como Apuleio, nos leva a outro tópico: a sugestão de que alguns imperadores e figuras importantes também estivessem associados às práticas mágicas, e, especialmente, à necromancia. Dentre eles, o imperador Nero surge como vítima do folclore popular, tendo seu nome ligado a rituais necromânticos pelo historiador Plínio. Não podemos negar, no entanto, a presença superlativa da feitiçaria nas obras de Sêneca e Lucano com suas centenas de versos descrevendo somente práticas mágicas. Ambos os escritores, tio e sobrinho, viveram sob a corte de Nero e foram pessoas muito próximas ao imperador. Sobretudo na *Farsália*, fica evidente o lugar de destaque da necromancia no enredo épico. Segundo Ogden (2004) o historiador Tessalo indica Nero como fonte de inspiração para o personagem do general Pompeu na obra de Lucano.

Reconhecemos que a pesquisa também demonstra algumas limitações, uma vez que aborda um tema bastante complexo e de difícil definição. Identificamos algumas lacunas que

dependeriam de estudos mais acurados nas áreas de história, especialmente a respeito do envolvimento da nobreza, dos imperadores, e dos próprios escritores com as práticas mágicas. A existência de cultos mistéricos e a frequente adesão a essas seitas pelos intelectuais da época servem de indício para explicar o desenvolvimento do assunto por poetas e escritores, bem como a riqueza de detalhes ritualísticos que encontramos em seus enredos.

Referências bibliográficas

APULEIO; ROBERTSON, S.; VALLETTE, Paul; LES BELLES LETTRES. **Les metamorphoses**. Paris: Les Belles Lettres, 1945-1965.

APULEIO; BIANCHET, Sandra Braga. **As metamorfoses de um Burro de Ouro**. Curitiba: Editora Appris, 2020.

BAILEY, Michael D. **The A to Z of Witchcraft**. The Scarecrow Press, inc.: Lanham, Toronto, Plymouth. 2009.

BIANCHET, Sandra Maria Gualberto Braga. **Satyricon de Petrônio: Estudo linguístico e tradução**. Trabalho apresentado como um dos requisitos necessários à obtenção do grau de Doutor em Letras (Língua e Literatura Latina) junto à Universidade de São Paulo. São Paulo, 2002.

BORNECQUE, Henri. MORNET, Daniel. **Roma e os romanos**. São Paulo: EPU, Ed. Da Universidade de São Paulo, 1976.

BOYANCÉ, Pierre. Le <mana> dans la religion romaine. *In*: **Études sur la religion romaine**. Rome: École Française de Rome, 1972. pp. 17-26. (Publications de l'École française de Rome, 11).

BURKERT, Walter**. Ancient Mystery Cults**. Massachusetts: Harvard University Press, 1987.

CABECEIRAS, Manuel Rolph de Viveiros. THEML, Neyde (Org.). FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS FILHO DE AMPARO À PESQUISA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. **Linguagens e formas de poder na antiguidade**. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

CAMPOS, Carlos Eduardo da Costa. **Otávio Augusto e as suas redes político-religiosas nos quattuor amplissima collegia sacerdotum romanorum (29 AEC – 14 EC).** 2017. 396f. (Tese de doutorado). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 2017.

CAMPOS, Carlos Eduardo da Costa. **As tabellae defixionum da região do Lácio**. Campo Grande: Ed. UFMS, 2022.

CÂNDIDO, Maria Regina. **Medeia, Mito e Magia: a imagem através do tempo**. Rio de Janeiro: NEA/UERJ. Fábrica do Livro/SENAI, 2006/2007.

CARDOSO, Zélia de Almeida. **A literatura latina**. São Paulo: M. Fontes, 2003.

CARVALHO, Raimundo. **Bucólicas**. Belo Horizonte: Crisálida, 2005.

CATO, Marcus Porcius Cato. **On agriculture**. Translation by William Davis Hooper; revised by Harrison Boyd Ash. Cambridge, Mass: London; Harvard University Press; W. Heinemann, 1934.

CONTE, Gian Biago. **Latin literature:** a history. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1999.

COULANGES, Fustel de. **A cidade antiga**: estudos sobre o culto, o direito, as instituições da Grecia e de Roma. São Paulo: Hemus, 1975.

COUTINHO, Ismael de Lima Coutinho. **Pontos de gramática histórica**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2004.

DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente, 1300-1800:** uma cidade sitiada. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DINTER, M. T. **Anatomizing Civil War**. Michigan: The University of Michigan Press, 2012.

DUPONT, Florence. **Les monstres de Sénèque**. Paris: Editions Belin, 1995.

DUPONT, Florence. **Le théâtre latin**. 2ed. Paris: Armand Colin/Her, 1999.

DUQUE, Guilherme Horst. **Do pé à letra:** Os amores de Ovídio em tradução poética. Dissertação apresentada ao curso de Mestrado em Letras do Programa de Pós-Graduação em Letras do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras. Vitória: Centro de Ciências Humanas e Naturais, 2015.

EURÍPEDES; Eurípides. **Medeia; As bacantes; As troianas**. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1988.

EVANS-PRITCHARD, E. E. **Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

FARIA, Ernesto. **Dicionário Latino-português**. Belo Horizonte: Livraria Garnier, 2003.

FERRAZ, Bento Prado de Almeida; PRADO, Anna Lia Amaral de Almeida. **Odes e Epodos.** São Paulo: M. Fontes, 2003.

FRAZER, James George; DOUGLAS, Mary. **O ramo de ouro**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1982.

FREITAS, Renata Cazarini de; FUNARI, Pedro Paulo. Invocando deuses e clamando por vingança em fontes literárias e epigráficas. In: CORNELLI, Gabriele; CUTINHO, Luciano (org**.). Estudos Clássicos – Percursos**. Volume IV. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2022. p. 281-308. URI:http://hdl.handle.net/10316.2/46076.
DOI:https://doi.org/10.14195/978-989-26-1585-1_12.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu; FEITOSA, Lourdes Conde; SILVA, Glaydson José da. **Amor, desejo e poder na antiguidade: relações de gênero e representações do feminino.** Campinas: Ed. da UNICAMP, 2003.

GAFFIOT, Felix. **Dictionnaire illustre latin français**. Paris: Hachette, 1957.
GLARE, P. G. W. **Oxford Latin Dictionary**. Oxford: Clarendon Press, 1982.

GOMBRICH, Ernst Hans. **A história da arte**. Rio de Janeiro: LTC, 1999.

GOUREVITCH, Danielle. **Le mal d'etre femme:** la femme et la medecine dans la Rome antique.Paris: Les Belles Lettres, 1984.

GOUREVITCH, Danielle; RAEPSAET-CHARLIER, Marie-Thérèse. **La femme dans la Rome antique.** Paris: Hachette Littératures, 2001.

GOUVÊA-JÚNIOR. Márcio Meirelles**. Variae Medeae:** A recepção da fábula de Medeia pela literatura latina. Tese de doutorado defendida junto ao Programa de Pós-graduação em Estudos Literários (POSLIT) da Faculdade de Letras da UFMG em 2013. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2013.

GRAF, Fritz. **La magie dans l'Antiquité greco-romaine. Ideologie et Pratique**. Paris: Les Belles Lettres, 1994.

GRALHA, Júlio. FUNARI, Pedro Paulo Abreu (Org**.). As religiões que o mundo esqueceu:** como egípcios, gregos, celtas, astecas e outros povos cultuavam seus deuses. São Paulo: Contexto, 2009.

GRIMAL, Pierre. **A civilização romana**. Edições 70, Lisboa: 2009.

GRIMAL, Pierre. **Império Romano**. Lisboa: Edições 70, 1999.

GRIMAL, Pierre. **Le lyrisme à Rome**. Paris: Presses Universitaires de France, 1978.

HORACE. **Odes et epodes**. Texte etabli et traduit par François Villeneuve. Paris: Les Belles Lettres, 1954.

HORACE. **Satires**. Texte etabli et traduit par François Villeneuve. Paris: Les Belles Lettres, 1958.

HORÁCIO; SCHEID, José Ewaldo. **Obras seletas**. Canoas: Ed. da ULBRA, 1997.

HORÁCIO; **Obras completas:** odes, epodos, carme secular, satiras e epistolas. Tradução de Elpino Duriense. São Paulo: Ed. Cultura, 1941.

KLOSSOWSKI, Pierre. **Origines eulíuelles et mythiques d'un certain comportement des dames romaines**. Paris: Fata Morgana, 1986.

LEITE, Leni Ribeiro**. A Farsália, de Lucano, como obra historiográfica**. ARTCULTURA. (UFU), v. 21, 2019, p. 59-72.

LOHNER, José Eduardo dos Santos**. A utilização de recursos formais na tragédia Fedra de Sêneca**. Letras Clássicas, n. 3, p. 163-180, 1999.

LUCAN; BOURGERY, A; PONCHONT, Max. **La guerre civile (La Pharsale)**. Paris: Les Belles Lettres, 1948-1962. 2v.
LUCANO. GOUVÊA-JÚNIOR, Márcio Meirelles. **Farsália**. Livro VI. Em fase de elaboração. 2025.

MAGALHÃES. Alexandre Cardoso Nunes. **A poesia de Teócrito e a projeção pastoral**. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Doutor. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2021.

MALINOWSKI, Bronislaw; PEIRANO, Mariza G. S.; DURHAM, Eunice Ribeiro.; FRAZER, James George, Sir. **Argonautas do Pacífico ocidental:** um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia. São Paulo: Ubu, 2018.

MAUSS, Marcel. HUBERT, Henri. **Esboço de uma teoria geral da magia**. São Paulo: Ubu editora, 2018.

NOVAK, Maria da Gloria.; NERI, Maria Luiza. **Poesia lírica latina**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

OGDEN, Daniel. **Magic, Witchcraft, and Ghosts in the Greek and Roman Worlds**: A Source Book. New York: Oxford University Press, 2002.

OGDEN, Daniel. **Greek and Roman Necromancy**. New Jersey: Princeton Uiversity Press, 2004.

OVIDE; CHAMONARD, J. **Les metamorphoses**. Paris: Garnier, 1953.

OVIDE; BORNECQUE, HENRI; LES BELLES LETTRES. **Les amours**. 3e èd. Paris: Les Belles Lettres, 1961.

OVÍDIO; JARDIM-JÚNIOR, David Gomes. **As Metamorfoses**. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1983.

PALS, Daniel L. **Nove teorias da religião**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

PETRÔNIO; BIANCHET, Sandra Braga. **Satyricon**: edição bilíngüe. Belo Horizonte: Crisálida, 2004.

RIBEIRO, Thiago Henrique Pereira. **Coagindo os deuses**: o uso de ameaças e intimidações às divindades do Egito antigo em encantamentos do reino novo (Séculos XVI-XI a.C.). Dissertação defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da UFRRJ em 2018.

RODES, Apolônio de. In: RHODIUS, Apollonius. **Argonautica.** Tradução de R. C. Seaton. London: Harvard University Press, 1912.

SILVA, Semíramis Corsi. C. **Relações de poder em um processo de magia no século II d.C.:** uma análise do discurso Apologia de Apuleio. 2006. Dissertação em História – Pós-Graduação em História, Universidade Estadual Paulista, Franca, 2006.

SILVA, Semíramis Corsi. **Magia e poder no Império Romano**: a apologia de Apuleio. São Paulo: Annablume: FAPESP, 2012.

SILVA, Semíramis Corsi. A magia erótica do Epodo 5 de Horácio: Canídia, Sagana, Véia e Fólia preparam um filtro de amor. *In*: **Gênero e Poder na Antiguidade Clássica**: Perspectiv*as brasileiras*. Marina Regis Cavichioli, Semíramis Corsi Silva e Sarah Fernandes Lino de Azevedo (orgs.). Cachoeirinha, 2024.

SLANEY, Helen. **Seneca: Medea**. New York: Bloomsbury Academic, 2019.

SÉNÈQUE. **Tragédies**. Texte établi et traduit par: François-Régis Chaumartin. Paris: Les Belles Lettres, 1996.

SÊNECA. SOUZA, Ana Alexandra Alves de. **Medeia**. Tradução do Latim, introdução e notas. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013.

TREVIZAM, M. O bosque na Literatura **latina**: respeito ou violações ao sagrado? Codex, Rio de Janeiro, vol. 11, n. 1, p. 1-17, 2023.

TUPET, Anne-Marie. **La magie dans la poesie latine**. Des origines à la fin du régne d'Auguste. Vol. 01. Paris: Les Belles Lettres, 1976.

VASCONCELLOS, Paulo Sérgio de. **Reflexões sobre Medeia**. Língua e Literatura. Revista dos Departamentos de Letras da FFLCH da USP, São Paulo, v. 16, n. 19, p. 147-157, 1991.

VEYNE, Paul. **La elegia erotica romana: el amor, la poesia y el Occidente**. Mexico: Fondo de Cultura Economica, 1991.

VEYNE, Paul. **Humanitas: Romanos e não Romanos**. O Homem Romano. GIARDINA, Andréa ed. Lisboa: Editorial Presença, 1992.

VEYNE, Paul. **A sociedade romana**. Lisboa: Edições 70, 1993.

VEYNE, Paul. **História da vida privada** [coleção dirigida por Philippe Aries e Georges Duby]. v.1. Do Império Romano ao ano mil. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

VIEIRA, Brunno V. G. **Lucano e sua poética do terror: Algumas notas sobre o episódio de Ericto**. Anais XXVIII Semana de Estudos Clássicos: O Feio e o Torpe na Antiguidade e sua Recepção. 20 a 25 de junho de 2016. pp. 50-60.

VIRGILE. **Énéide**. Livres I-VI. Texte établi par Henri Goelzer et traduit par André Bellessort. Paris: Les Belles Lettres, 1948.

VIRGILE. **Bucoliques**. Texte établi et traduit par E. de Saint-Denis. Paris: Les Belles Lettres, 1949.

VIRGÍLIO. NUNES, Carlos Alberto. **Eneida**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1983.

ANEXO — Textos

Ecogla VIII – Vergilius

Pastorum musam Damonis et Alphesiboei,[349]
immemor herbarum quos est mirata iuuenca
certantis, quorum stupefactae carmine lynces,
et mutata suos requierunt flumina cursus,
Damonis musam dicemus et Alphesiboei.
Tu mihi seu magni superas iam saxa Timaui,
siue oram Illyrici legis aequoris, en erit umquam
ille dies, mihi cum liceat tua dicere facta?
En erit, ut liceat totum mihi ferre per orbem
sola Sophocleo tua carmina digna coturno?
A te principium; tibi desinet: accipe iussis
carmina coepta tuis, atque hanc sine tempora circum
inter uictricis hederam tibi serpere laurus.
Frigida uix caelo noctis decesserat umbra,
cum ros in tenera pecori gratissimus herba,
incumbens tereti Damon sic coepit oliuae:
"Nascere, praeque diem ueniens age, Lucifer, almum,
coniugis indigno Nysae deceptus amore
dum queror, et diuos, quamquam nil testibus illis
profeci, extrema moriens tamen adloquor hora.

Incipe Maenalios mecum, mea tibia, uersus.

Maenalus argutumque nemus pinosque loquentis
semper habet; semper pastorum ille audit amores
Panaque, qui primus calamos non passus inertis.

[349] VIRGILE. **Bucoliques**. Texte établi et traduit par E. de Saint-Denis. Paris: Les Belles Lettres, 1949.

Incipe Maenalios mecum, mea tibia, uersus.

Mopso Nysa datur: quid non speremus amantes?
Iungentur iam grypes equis, aeuoque sequenti
cum canibus timidi ueniet ad pocula dammae.

Incipe Maenalios mecum, mea tibia, uersus.

Mopse, nouas incide faces: tibi ducitur uxor;
sparge, marite, nuces: tibi deserit Hesperus Oetam.

Incipe Maenalios mecum, mea tibia, uersus.

O digno coniuncta uiro, dum despicis omnis,
dumque tibi est odio mea fistula dumque capellae
hirsutumque supercilium promissaque barba,
nec curare deum credis mortalia quemquam!

Incipe Maenalios mecum, mea tibia, uersus.

Saepibus in nostris paruam te roscida mala
(dux ego uester eram) uidi cum matre legentem;
alter ab undecimo tum me iam acceperat annus;
iam fragilis poteram a terra contingere ramos:
ut uidi, ut perii, ut me malus abstulit error!

Incipe Maenalios mecum, mea tibia, uersus.

Nunc scio quid sit Amor: duris in cautibus illum
aut Tmaros aut Rhodope aut extremi Garamantes
nec generis nostri puerum nec sanguinis edunt.
Incipe Maenalios mecum, mea tibia, uersus.
Saeuos Amor docuit natorum sanguine matrem

commaculare manus; crudelis tu quoque, mater:
crudelis mater magis, an puer improbus ille?
Improbus ille puer; crudelis tu quoque, mater.

Incipe Maenalios mecum, mea tibia, uersus.

Nunc et ouis ultro fugiat lupus; aurea durae
mala ferant quercus, narcisso floreat alnus,
pinguia corticibus sudent electra myricae,
certent et cycnis ululae, sit Tityrus Orpheus,
Orpheus in siluis, inter delphinas Arion.

Incipe Maenalios mecum, mea tibia, uersus.

Omnia uel medium fiat mare. Viuite, siluae:
praeceps aerii specula de montis in undas
deferar; extremum hoc munus morientis habeto.

Desine Maenalios, iam desine, tibia, uersus."
Haec Damon. Vos, quae responderit Alphesiboeus,
ducite, Pierides: non omnia possumus omnes.
"Effer aquam, et molli cinge haec altaria uitta,
uerbenasque adole pinguis et mascula tura,
coniugis ut magicis sanos auertere sacris
experiar sensus: nihil hic nisi carmina desunt.

Ducite ab urbe domum, mea carmina, ducite Daphnim.

Carmina uel caelo possunt deducere lunam;
caminibus Circe socios mutauit Vlixi;
frigidus in pratis cantando rumpitur anguis.
Ducite ab urbe domum, mea carmina, ducite Daphnim.
Terna tibi haec primum triplici diuersa colore
licia circumdo, terque haec altaria circum

effigiem duco: numero deus impare gaudet.

Ducite ab urbe domum, mea carmina, ducite Daphnim.

Necte tribus nodis ternos, Amarylli, colores;
necte, Amarylli, modo et "Veneris" dic "uincula necto".

Ducite ab urbe domum, mea carmina, ducite Daphnim.

Limus ut hic durescit, et haec ut cera liquescit
uno eodemque igni, sic nostro Daphnis amore.
Sparge molam et fragilis incende bitumine laurus.
Daphnis me malus urit; ego hanc in Daphnide laurum.

Ducite ab urbe domum, mea carmina, ducite Daphnim.
Talis amor Daphnim, qualis cum fessa iuuencum
per nemora atque altos quaerendo bucula lucos,
propter aquae riuom, uiridi procumbit in ulua
perdita, nec serae meminit decedere nocti,
talis amor teneat, nec sit mihi cura mederi.

Ducite ab urbe domum, mea carmina, ducite Daphnim.

Has olim exuuias mihi perfidus ille reliquit,
pignora cara sui; quae nunc ego limine in ipso,
terra, tibi mando: debent haec pignora Daphnim.

Ducite ab urbe domum, mea carmina, ducite Daphnim.

Has herbas atque haec Ponto mihi lecta uenena
ipse dedit Moeris (nascuntur pluruma Ponto);
his ego saepe lupum fieri et se condere siluis
Moerim, saepe animas imis excire sepulcris,
atque satas alio uidi traducere messis.

Ducite ab urbe domum, mea carmina, ducite Daphnim.

Fer cineres, Amarylli, foras, riuoque fluenti
transque caput iace, nec respexeris. His ego Daphnim
adgrediar; nihil ille deos, nil carmina curat.

Ducite ab urbe domum, mea carmina, ducite Daphnim.

Aspice: corripuit tremulis altaria flammis
sponte sua, dum ferre moror, cinis ipse. Bonum sit!
Nescio quid certe est, et Hylax in limine latrat.
Credimus? an qui amant ipsi sibi somnia fingunt?
Parcite, ab urbe uenit, iam parcite, carmina, Daphnis."

Tradução

Bucólica VIII – Virgílio

[Alf] “Traze água e cinge o altar com fita maleável,[350]
queima grassa verbena e um incenso forte,
pois, com um ritual, perverter o juízo
do amado tentarei. Só me faltam encantos.

Encantos meus, trazei da cidade o meu Dáfnis.
Encanto pode até tirar lua do céu,
com cantos mudou Circe os parceiros de Ulisses;
cantando arrebentou no prado a fria cobra.

Encantos meus, trazei da cidade o meu Dáfinis.
Primeiro, com os três laços de cores tríplices
te circundo e, em torno ao altar, por três vezes,
conduzo tua efígie: ao deus apraz o ímpar.

Encantos meus, trazei da cidade o meu Dáfinis.
Ata, Amarílis, três nós no terno de cores;
e, Amarílis, dize: “ato os laços de Vênus”.

Encantos meus, trazei da cidade o meu Dáfinis.
como limo endurece e cera liquefaz-se
sob mesmo fogo, assim Dáfnis no meu amor.
Frágil louro em betume acende e esparge o farro.
Dáfnis cruel me queima; e eu louros em Dáfnis.

Encantos meus, trazei da cidade o meu Dáfnis.
Tome a Dáfnis o amor, como à rês que, cansada
da busca ao touro em meio a bosques e pastagens,

[350] Tradução de CARVALHO, Raimundo. **Bucólicas**. Belo Horizonte: Crisálida, 2005.

junto à beira do rio, em verde ulva deita-se,
perdida, nem lembrando o avanço da noite:
que o tome tal amor, não me preocuparei.

Encantos meus, trazei da cidade o meu Dáfnis.
O pérfido deixou-me estas coisas, um dia,
como um caro penhor; sob umbral as deponho
em ti, terra; que tal penhor me traga Dáfnis.

Encantos meus, trazei da cidade o meu Dáfnis.
As plantas com veneno encontradas no Ponto,
o próprio Méris deu-me (o Ponto é cheio delas);
Méris, eu vi, mudar-se em lobo selva adentro,
as almas evocar do fundo dos sepulcros,
transpor de um campo a outro a messe semeada.
Encantos meus, trazei da cidade o meu Dáfnis.
Leva, Amarílis, cinza e lance-a no riacho,
para trás da cabeça e sem olhar. A Dáfnis,
de encantos descuidado, atingirei com isto.

Encantos meus, trazei da cidade o meu Dáfnis.
Vê: sem querer encheu o altar de chamas trêmulas
a mesma cinza que eu levava. Isto é bom!
Não sei bem quem será, Hílax ladra no umbral.
É verdade? Ou quem ama inventa os próprios sonhos?
Chega de encantos já, vem da cidade Dáfnis."

***Aeneid*, IV – Vergilius**

'inveni, germana, viam (gratare sorori) [351]
quae mihi reddat eum vel eo me solvat amantem.
Oceani finem iuxta solemque cadentem
ultimus Aethiopum locus est, ubi maximus Atlas
axem umero torquet stellis ardentibus aptum:
hinc mihi Massylae gentis monstrata sacerdos,
Hesperidum templi custos, epulasque draconi
quae dabat et sacros servabat in arbore ramos,
spargens umida mella soporiferumque papaver.
haec se carminibus promittit solvere mentes
quas velit, ast aliis duras immittere curas,
sistere aquam fluviis et vertere sidera retro,
nocturnosque movet Manis: mugire videbis
sub pedibus terram et descendere montibus ornos.
testor, cara, deos et te, germana, tuumque
dulce caput, magicas invitam accingier artis.
tu secreta pyram tecto interiore sub auras
erige, et arma viri thalamo quae fixa reliquit
impius exuviasque omnis lectumque iugalem,
quo perii, super imponas: abolere nefandi
cuncta viri monimenta iuvat monstratque sacerdos.'
haec effata silet, pallor simul occupat ora.
non tamen Anna novis praetexere funera sacris
germanam credit, nec tantos mente furores
concipit aut graviora timet quam morte Sychaei.
ergo iussa parat.
At regina, pyra penetrali in sede sub auras
erecta ingenti taedis atque ilice secta,
intenditque locum sertis et fronde coronat

[351] VIRGILE. **Énéide**. Livres I-VI. Texte etabli par Henri Goelzer et traduit par André Bellessort. Paris: Les Belles Lettres, 1948.

funerea; super exuvias ensemque relictum
effigiemque toro locat haud ignara futuri.
stant arae circum et crinis effusa sacerdos
ter centum tonat ore deos, Erebumque Chaosque
tergeminamque Hecaten, tria virginis ora Dianae.
sparserat et latices simulatos fontis Averni,
falcibus et messae ad lunam quaeruntur aenis
pubentes herbae nigri cum lacte veneni;
quaeritur et nascentis equi de fronte revulsus
et matri praereptus amor.
ipsa mola manibusque piis altaria iuxta
unum exuta pedem vinclis, in veste recincta,
testatur moritura deos et conscia fati
sidera; tum, si quod non aequo foedere amantis
curae numen habet iustumque memorque, precatur.

Tradução

***Eneida*, Canto IV (excerto, v.478-521)**

Os parabéns, cara irmã! Descobri o remédio mais fácil[352]
de conquistá-lo ou curar-me da louca paixão que lhe voto.
Lá para o fim do Oceano e do curso do sol, no ponente,
entre os etíopes últimos há um lugar onde o Atlante
máximo faz sobre os ombros girar o edifício estrelado.
Recomendada, me veio de lá uma velha massília,
sacerdotisa do altar das Hespéridas, guarda dos ramos
sacros, que tem a incumbência de dar ao dragão alimentos
com dormideiras e mel preparados, calmante de preço.
Essa mulher com seus carmes promete sarar os tormentos
do peito amante, ou deixá-lo num pronto de amor tresvariado,
deter o curso dos rios e os astros forçar de tornada,
Sabe evocar dos sepulcros os manes noturnos; a terra
geme a seus pés, ouvirás; das montanhas os olmos despencam.
O testemunho dos deuses invoco, de tua cabeça,
querida irmã, de que contra a vontade a tais artes recorro.
Secretamente levanta no pátio de casa, ao ar livre,
pira para isso adequada, e sobre ela deponhas as armas
desse infiel e os despojos deixados por ele no quarto,
junto do leito fatal. Abolir ora intento os nefandos
rastros desse homem. Tal foi o mandado da maga vidente.
Tendo isso dito, calou-se. As feições de palor se tingiram.
Ana de nada suspeita nem crê que os aprestos funéreos
graves intentos encubram da irmã, nem transtornos mais sérios
dos ocorridos na morte do esposo Siqueu, já faz muito.
As ordens dadas, cumpriu-as.
Mas a Rainha, tão logo no pátio, ao ar livre, elevou-se
pira adequada, com achas de pinho e azinheira decora
lodo o recinto, com ramos funéreos, vistosas guirlandas.

[352] Tradução de NUNES, Carlos Alberto. **Eneida**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1983.

No alto da pira o seu leito coloca, a roupagem, a espada,
e mais a efígie de Eneias; bem sabe o futuro que a espera.
Vários altares a pira rodeiam; a maga, os cabelos
soltos, evoca três vezes as cem divindades do Érebo,
o Caos, a tríplice Hécate, Diana também de três faces.
Líquido asperge, alegando ser água das fontes do Averno,
bem como o sumo violento de certas plantinhas lanudas,
com podadeiras de cobre cortadas em noite de lua.
A isso ela o hipómane ajunta, arrancado de um potro à nascença,
antes de a mãe o apanhar.
Dido em pessoa, descalço um dos pés, desatadas as vestes,
nas mãos piedosas a mola ritual, junto às aras se posta,
para evocar as deidades e os astros cientes de tudo.
Caso haja um deus vingador dos amantes traídos, invoca
sua justiça e depreca-lhe a ajuda no transe postremo.

Epodon Liber; V – Horatius

'At o deorum quidquid in caelo regit[353]
terras et humanum genus,
quid iste fert tumultus aut quid omnium
uoltus in unum me truces?
per liberos te, si uocata partubus
Lucina ueris adfuit,
per hoc inane purpurae decus precor,
per inprobaturum haec Iouem,
quid ut nouerca me intueris aut uti
petita ferro belua?'
ut haec trementi questus ore constitit
insignibus raptis puer,
inpube corpus, quale posset inpia
mollire Thracum pectora:
Canidia, breuibus illigata uiperis
crinis et incomptum caput,
iubet sepulcris caprificos erutas,
iubet cupressos funebris
et uncta turpis oua ranae Sanguine
plumamque nocturnae strigis
herbasque, quas Iolcos atque Hiberia
mittit uenenorum ferax,
et ossa ab ore rapta ieiunae canis
flammis aduri Colchicis.
at expedita Sagana, per totam domum
spargens Auernalis aquas,
horret capillis ut marinus asperis
echinus aut Laurens aper.
abacta nulla Veia conscientia
ligonibus duris humum

[353] HORACE. **Odes et epodes**. Texte etabli et traduit par François Villeneuve. Paris: Les Belles Lettres, 1954.

exhauriebat, ingemens laboribus,
quo posset infossus puer
longo die bis terque mutatae dapis
inemori spectaculo,
cum promineret ore, quantum exstant aqua
suspensa mento corpora;
exsucta uti medulla et aridum iecur
amoris esset poculum,
interminato cum semel fixae cibo
intabuissent pupulae.
non defuisse masculae libidinis
Ariminensem Foliam
et otiosa credidit Neapolis
et omne uicinum oppidum,
quae sidera excantata uoce Thessala
lunamque caelo deripit.
hic inresectum saeua dente liuido
Canidia rodens pollicem
quid dixit aut quid tacuit? 'o rebus meis
non infideles arbitrae,
Nox et Diana, quae silentium regis,
arcana cum fiunt sacra,
nunc, nunc adeste, nunc in hostilis domos
iram atque numen uertite.
formidulosis cum latent siluis ferae
dulci sopore languidae,
senem, quod omnes rideant, adulterum
latrent Suburanae canes
nardo perunctum, quale non perfectius
meae laborarint manus.
quid accidit? cur dira barbarae minus
uenena Medeae ualent,
quibus Superbam fugit ulta paelicem,
magni Creontis filiam,

cum palla, tabo munus imbutum, nouam
incendio nuptam abstulit?
atqui nec herba nec latens in asperis
radix fefellit me locis.
indormit unctis omnium cubilibus
obliuione paelicum?
a, a, solutus ambulat ueneficae
scientioris carmine.
non usitatis, Vare, potionibus,
o multa fleturum caput,
ad me recurres nec uocata mens tua
Marsis redibit uocibus.
maius parabo, maius infundam tibi
fastidienti poculum
priusque caelum Sidet inferius mari
tellure porrecta super
quam non amore sic meo flagres uti
bitumen atris ignibus.'
sub haec puer iam non, ut ante, mollibus
lenire uerbis inpias,
sed dubius unde rumperet silentium,
misit Thyesteas preces:
'uenena maga non fas nefasque, non ualent
conuertere humanam uicem.
diris agam uos: dira detestatio
nulla expiatur uictima.
quin, ubi perire iussus exspirauero,
nocturnus occurram Furor
petamque uoltus umbra curuis unguibus,
quae uis deorum est Manium,
et inquietis adsidens praecordiis
pauore somnos auferam.
uos turba uicatim hinc et hinc saxis petens
contundet obscaenas anus;

post insepulta membra different lupi
et Esquilinae alites
neque hoc parentes, heu mihi superstites,
effugerit spectaculum.

Tradução

Epodo V – Horácio

Mas, por todos os deuses,[354]
que governam do alto do céu a terra e o gênero humano,
que significa este tumulto?
Que significam estes olhares cruéis
de vós todas, fitos em mim só?
Em nome dos teus filhos, se é que Lucina
[te assistiu em algum parto verdadeiro,
Em nome desta púrpura
ornamento inútil para ti que a não respeitas,
Em nome de Júpiter
que detesta estas ações,
porque me olhas com olhos de madrasta
ou como fera atingida por flecha?
Enquanto o menino com voz trêmula
se queixava nestes termos,
em pé e despojado de suas insígnias,
criança ainda delicada,
que poderia ter enternecido
os corações mais desalmados dos trácios,
Canídia desgrenhada,
com o cabelo enlaçado com pequenas víboras,
manda pôr no fogo mágico:
figueiras brabas arrancadas das sepulturas,
ramos de ciprestes fúnebres.
ovos untados com sangue de torpe sapo,
penas de noturna coruja,
e ossos arrancados das fauces de esfomeada cadela...
Entretanto, Sagana

[354] Tradução de SCHEID, José Ewaldo. **Obras seletas**. Canoas: Ed. da ULBRA, 1997.

de manga arregaçada,
borrifa a casa com água do lago Averno
e inspira horror por seus cabelos eriçados
à maneira de ouriço marinho
ou de javali perseguido.
Véia, insensível a qualquer remorso,
abria uma cova com pesado enxadão,
soltando gemido com esforço
onde o menino fosse enterrado vivo
e morresse de fome
à vista da comida
renovada duas ou três vezes
no decurso do dia interminável...
sobressaindo com o rosto
tanto quanto a cabeça do nadador se eleva acima das águas,
para que sua medula ressequida
e seu fígado mirrado
servissem para a composição de um filtro de amor...
E acreditou a curiosa Nápoles,
acreditaram as cidades vizinhas
que não faltou a Folia de Arimino
que arranca dos céus com a sua voz téssala
a lua e os astros evocados por suas feitiçarias.
Então a cruel Canídia,
roendo com dente amarelo
a unha do polegar não cortada,
que foi que disse? E que meditou então?
“Fiéis testemunhas de minhas obras,
ó Noite e ó Diana,
que mantendes o silêncio,
quando se celebram os nossos sagrados mistérios,
é tempo já, aparecei agora!
voltai agora contra os meus inimigos
a vossa cólera e o vosso poder!

Enquanto as temíveis feras, escondidas nas matas,
ladrem as cadelas de Subura
atrás daquele adúltero velho,
ungido de essência, qual minhas mãos jamais prepararam melhor,
e que todos se riam dele, sem parar.
No entanto, o que está acontecendo?
por que nada podem esses venenos terríveis da bárbara Medeia
com os quais se vingou da soberba rival,
da filha do poderoso Creonte,
quando o manto, dádiva impregnada deste veneno,
consumiu pelo fogo a noiva recente?
Todavia não houve erva, nem raiz mais escondida
nos quais íngremes lugares
que me escapasse!
E ele dorme sossegado
no leito embebido com o esquecimento
de todas as suas amantes!
Ah! Uma feiticeira mais hábil do que eu
o salvou por seus feitiços!
Ó Varo,
cabeça voltada às lágrimas,
hás de voltar a mim,
forçado por filtros até hoje não conhecidos
nem a tua mente,
atraída por meus venenos,
há de voltar ao juízo,
nem que seja por feitiços dos marsos,
Vou preparar-te e servir-te um elixir mais poderoso,
que triunfará dos teus desdéns.
E os céus antes afundarão no mar
e a terra se erguerá acima dos céus antes
de tu não arderes por mim,
como o betume arde em negras labaredas!”
Ouvindo estas palavras,

o menino não mais tenta abrandar estas fúrias
com meigas súplicas,
mas, incerto de como romperia o silêncio,
lançou estas imprecações, dignas de Tiestes:
Os vossos feitiços
podem transformar a justiça mais poderosa em injustiça
mas não podem inverter o castigo humano
eu vos perseguirei com minhas maldições...
Ouvi mais ainda:
quando eu tiver morrido,
depois de me condenardes,
aparecerei qual fúria noturna,
e meu fantasma
vos rasgará o rosto com unhas recurvadas:
este é o poder dos Manes.
Sentar-me-ei sobre o vosso peito ofegante,
tirando-vos o sono por meio do terror!
A gentalha vos há de correr a pedradas,
de rua em rua... à esquerda e à direita...
e vos despedaçará, bruxas imundas!
Depois os lobos e os abutres do monte Esquilino
hão de dilacerar os vossos membros insepultos
E meus pais, ah! sobreviventes a mim,
assistirão a este espetáculo.

Epodon Liber; XVII – Horatius

'Iam iam efficaci do manus scientiae,[355]
supplex et oro regna per Proserpinae,
per et Dianae non mouenda numina,
per atque libros carminum ualentium
refixa caelo deuocare sidera,
Canidia: parce uocibus tandem sacris
citumque retro solue, solue turbinem.
mouit nepotem Telephus Nereium,
in quem superbus ordinarat agmina
Mysorum et in quem tela acuta torserat.
unxere matres Iliae additum feris
alitibus atque canibus homicidam Hectorem,
postquam relictis moenibus rex procidit
heu peruicacis ad pedes Achillei.
saetosa duris exuere pellibus
laboriosi remiges Vlixei
uolente Circa membra; tunc mens et sonus
relapsus atque notus in uoltus honor.
dedi satis superque poenarum tibi,
amata nautis multum et institoribus.
fugit iuuentas et uerecundus color
reliquit ossa pelle amicta lurida,
tuis capillus albus est odoribus,
nullum a labore me reclinat otium;
urget diem nox et dies noctem neque est
leuare tenta spiritu praecordia.
ergo negatum uincor ut credam miser,
Sabella pectus increpare carmina
caputque Marsa dissilire nenia.
quid amplius uis? o mare et terra, ardeo,

[355] HORACE. **Odes et epodes**. Texte etabli et traduit par François Villeneuve. Paris: Les Belles Lettres, 1954.

quantum neque atro delibutus Hercules
Nessi cruore nec Sicana feruida
uirens in Aetna flamma; tu, donec cinis
iniuriosis aridus uentis ferar,
cales uenenis officina Colchicis.
quae finis aut quod me manet stipendium?
effare; iussas cum fide poenas luam,
paratus expiare, seu poposceris
centum iuuencos siue mendaci lyra
uoles sonare: "tu pudica, tu proba
perambulabis astra sidus aureum."
infamis Helenae Castor offensus uice
fraterque magni Castoris, uicti prece,
adempta uati reddidere lumina:
et tu, potes nam, solue me dementia,
o nec paternis obsoleta sordibus
neque in sepulcris pauperum prudens anus
nouendialis dissipare pulueres.
tibi hospitale pectus et purae manus
tuosque uenter Pactumeius et tuo
cruore rubros obstetrix pannos lauit,
utcumque fortis exsilis puerpera.'
'quid obseratis auribus fundis preces?
non saxa nudis surdiora nauitis
Neptunus alto tundit hibernus salo.
inultus ut tu riseris Cotytia
uolgata, sacrum liberi Cupidinis,
et Esquilini pontifex uenefici
inpune ut Vrbem nomine inpleris meo?
quid proderat ditasse Paelignas anus
uelociusue miscuisse toxicum?
sed tardiora fata te uotis manent:
ingrata misero uita ducenda est in hoc,
nouis ut usque suppetas laboribus.

optat quietem Pelopis infidi pater,
egens benignae Tantalus semper dapis,
optat Prometheus obligatus aliti,
optat supremo collocare Sisyphus
in monte saxum; sed uetant leges Iouis.
uoles modo altis desilire turribus,
frustraque uincla gutturi innectes tuo
modo ense pectus Norico recludere
fastidiosa tristis aegrimonia.
uectabor umeris tunc ego inimicis eques
meaeque terra cedet insolentiae.
an quae mouere cereas imagines,
ut ipse nosti curiosus, et polo
deripere lunam uocibus possim meis,
possim crematos excitare mortuos
desiderique temperare pocula,
plorem artis in te nil agentis exitus?'

Tradução

Epodo XVII – Horácio

Canídia, eu cedo enfim, e as mãos entrego[356]
Vencido os conjuros.
Humilde, eu te suplico pelo horrendo
Trono de Prosérpina;
Por Diana também, tremendo nume;
Pelos mágicos versos
Que podem despenhar dos céus os astros,
Que nunca mais profiras
Místicas vozes de fatais encantos,
Que abandones de todo
A veloz roda de infernais feitiços.
Pôde Télefo humilde,
Do grande Aquiles acalmar a sanha
Contra quem mui soberbo
Comandara esquadrões, e agudas lanças
Arremessara ousado.
Embalsamaram as troianas damas
De Heitor o frio corpo,
De Heitor que dera a morte a mil guerreiros
Que destinado fora
A ser vil pasto de mastins raivosos,
De esfaimados abutres;
Depois que o velho Príamo prostrado
Em terra viu chorando.
Os companheiros de Ulisses
(Enternecida Circe)
De javalis cerdosos depuseram

[356] Tradução de DURIENSE, Elpino. **Obras completas**: odes, epodos, carme secular, satiras e epistolas. São Paulo: Ed. Cultura, 1941.

A medonha figura.
Recobrara de novo a voz, o gesto
E o rosto que perderam.
Assaz punido estou Canídia, amada
Até dos nautas duros,
Findou ligeira a minha mocidade,
E macilenta pele
Cobre os ossos do rosto onde algum tempo
A púrpura brilhara.
De teus perfumes mágicos à força
Já me alveja o cabelo.
Não tem pausa desgraças que me oprimem.
Volve-se o dia, e noite,
E não posso com um férvido suspiro
Desafogar o peito.
Tinha negado teu poder, mas vejo,
E miserável creio
Que os magos versos, e as canções têm força
De agrilhoar vontades,
De enlouquecer de todo: Ó terra, Ó! mares!
Ah! suspende a vingança,
Que mais queres de mim? Eis-me abrasado.
De Nezo o sangue impuro,
Menos as veias inflamou de Alcides,
Do Etna as labaredas
Menos ardor no peito me causaram
Complexo de venenos,
Quais Coleos não produz, tu só desejas
Que a cinzas reduzido,
Ludíbrio seja enfim do solto vento?
Que prêmios me destinas?
Dize, dize, cruel, que pronto, humilde,
À pena me sujeito.
De touros cento o sacrifício queres?

Já contente os dessangro.
Queres que o nome teu pelo universo
Espalhe ao som da lira?
Direi, que és pura, cândida, inocente,
Que em astro transformada,
Giras no espaço do fulgente Olimpo
Os dois irmãos de Elena
(Infamada com sátiras atrozes,)
Às súplicas cedendo,
Deram de novo ao desgraçado vate
A vista que perdera.
Eu te conjuro pelo sangue ilustre
Que te gira nas veias,
Que não desfeches contra mim teus golpes,
Da loucura me livra
Já que, velha prudente, nunca imitas
Infames feiticeiras,
Que vão tirar dos túmulos dos pobres
As cinzas taciturnas,
Depois do nono dia em que pagaram
Tributo a Libitina.
Tens meigo coração, as mãos tens puras;
És mãe terna, e fecunda;
Depois de dar à luz penhores de alma,
Surges forte, e robusta.
[Canídia] Para que ínvias súplicas inúteis
A cerrados ouvidos?
As duras pedras que no mar negrejam,
Quando Netuno irado
Com as turvas ondas se enfurece, e berra,
Nunca foram tão surdas
Aos lastimosos lúgubres gemidos,
Dos náufragos, que expiram.
Deves acaso escarnecer impune

Os sagrados mistérios,
A que preside Amor? Foste creado
Pontífice supremo
Dos profundos, e mágicos segredos?
E depois que teus versos
Me tornaram a fábula do povo,
Morrerei não vingada?
Embora com mil dádivas procures,
Mais mil poderosas magas,
Que mais sutil veneno te preparem
Ó socorros baldados!
Será mais tarda a morte, que teus votos,
Viverás desgraçado.
Teus dias crescerão, porque se aumentem
As mágoas com teus dias.

Sermonum, Liber I;VIII – Horatius

Olim truncus eram ficulnus, inutile lignum,[357]
cum faber, incertus scamnum faceretne Priapum,
maluit esse deum. deus inde ego, furum auiumque
maxima formido; nam fures dextra coercet
obscaenoque ruber porrectus ab inguine palus,
ast inportunas uolucres in uertice harundo
terret fixa uetatque nouis considere in hortis.
huc prius angustis eiecta cadauera cellis
conseruus uili portanda locabat in arca;
hoc miserae plebi stabat commune sepulcrum;
Pantolabo scurrae Nomentanoque nepoti
mille pedes in fronte, trecentos cippus in agrum
hic dabat, heredes monumentum ne sequeretur.
nunc licet Esquiliis habitare salubribus atque
aggere in aprico spatiari, quo modo tristes
albis informem spectabant ossibus agrum,
cum mihi non tantum furesque feraeque suetae
hunc uexare locum curae sunt atque labori
quantum carminibus quae uersant atque uenenis
humanos animos: has nullo perdere possum
nec prohibere modo, simul ac uaga luna decorum
protulit os, quin ossa legant herbasque nocentis.
uidi egomet nigra succinctam uadere palla
Canidiam pedibus nudis passoque capillo,
cum Sagana maiore ululantem: pallor utrasque
fecerat horrendas adspectu. scalpere terram
unguibus et pullam diuellere mordicus agnam
coeperunt; cruor in fossam confusus, ut inde
manis elicerent animas responsa daturas.
lanea et effigies erat altera cerea: maior

[357] HORACE. **Satires**. Texte etabli et traduit par François Villeneuve. Paris: Les Belles Lettres, 1958.

lanea, quae poenis conpesceret inferiorem;
cerea suppliciter stabat, seruilibus ut quae
iam peritura modis. Hecaten uocat altera, saeuam
altera Tisiphonen: serpentes atque uideres
infernas errare canes Lunamque rubentem,
ne foret his testis, post magna latere sepulcra.
mentior at siquid, merdis caput inquiner albis
coruorum atque in me ueniat mictum atque cacatum
Iulius et fragilis Pediatia furque Voranus.
singula quid memorem, quo pacto alterna loquentes
umbrae cum Sagana resonarint triste et acutum
utque lupi barbam uariae cum dente colubrae
abdiderint furtim terris et imagine cerea
largior arserit ignis et ut non testis inultus
horruerim uoces furiarum et facta duarum?
nam, displosa sonat quantum uesica, pepedi
diffissa nate ficus; at illae currere in urbem.
Canidiae dentis, altum Saganae caliendrum
excidere atque herbas atque incantata lacertis
uincula cum magno risuque iocoque uideres.

Tradução

Sátira 1.8 – Horácio

Antes eu era apenas um tronco de figueira[358],
um lenho inútil,
quando um carpinteiro tomou uma das alternativas:
ou fazer de mim um simples banco,
ou então uma estátua de Priapo.
Preferiu fazer de mim um deus.
Desde então eu sou um deus,
o terror máximo para os ladrões e para as aves nocivas.
Com a cana no topete,
espanto pardais e pássaros atrevidos,
impeço que façam estragos em hortas e jardins novos.
Neste lugar fui colocado,
um escravo trazia outrora e amontoava aqui
os cadáveres de seus companheiros e co-servos
em caixões improvisados.
Este era o cemitério comum para o povo sem recursos.
Aqui viriam parar o truão Pantolabo e o esbanjador Nomentano.
Mil pés de frente e trezentos de fundo:
com a inscrição H.M.H.N.S.
Agora é permitido morar com saúde no Esquilino
passear despreocupado em campo aberto.
Mas há pouco se via com tristeza
este campo coberto e deformado com ossos brancos...
Não me preocupam aqui somente
ladrões e feras
acostumados a assaltarem este lugar,
mas preocupam-me também as bruxas
que transtornam os espíritos humanos

[358] Tradução de SCHEID, José Ewaldo. **Obras seletas**. Canoas: Ed. da ULBRA, 1997.

com encantamentos e elixires peçonhentos.
A estas bruxas eu não consigo espantar...
Tão logo a vaga lua ostenta a sua face prateada,
não consigo impedir que as bruxas venham aqui
colher ossos e ervas venenosas.
Eu pessoalmente vi a Canídia
aparecer aqui envolta em manto negro,
de pés descalços,
de cabelos desgrenhados,
uivando com a irmã mais velha, Sagana,
sua palidez dava-lhe um aspecto horrendo.
Começaram ambas a escavar o chão com as unhas,
e a dilacerar com os dentes uma negra ovelhinha.
Derramaram o sangue quente numa cova,
para chamarem do outro mundo as almas dos defuntos,
obrigando-as a profetizarem...
Havia ali uma efígie de lã e outra efígie de cera:
A efígie de lã era maior, destinada a infligir castigos à mais fraca.
A menor estava aí em atitude suplicante,
como alguém que já estivesse diante da morte.
Uma das bruxas chamava por Hécate
a outra chamava por Tísifone.
Começaram então a andar de cá para lá...
Podia-se ver como a lua enrubescia de vergonha,
procurando não ser testemunha de cenas tão horríveis,
e escondendo-se atrás dos túmulos mais altos.
Não estou mentindo: e se estiver mentindo,
peço que venham os corvos
e me sujem a cabeça com seu excremento branco...
Se achas que tudo é mentira,
que venham o Júlio, o mulheril Pediácio e o ladrão Vorano
que venham, digo, e mijem e caguem sobre mim...
Não preciso entrar em pormenores:
como por exemplo, as sombras dialogavam com Sagana,

como emitiam sons tristes e lúgubres,
como escondiam secretamente debaixo da terra:
a barba de um lobo
ao lado de um dente de colorida víbora,
como a boneca de cera aumentava as chamas do fogo.
Não preciso dizer como fiquei horrorizado
diante das vociferações das Fúrias
e diante das ações destas duas bruxas...
Mas por fim consegui vingar-me:
Mais alto do que o estrondo de uma bexiga que explode,
meu ventre deu um tiro,
rachando-me o tronco de figueira
lá onde as costas perdem seu honrado nome...
As bruxas se mandaram para a cidade,
Canídia perdeu a dentadura,
Sagana perdeu a peruca,
perdeu as ervas enfeitiçadas e os vínculos dos encantamentos...
Se assistisses àquele espetáculo,
não cairias em gargalhadas e zombarias?

Amores; Liber I, VIII – Ovidius

Est quaedam—quicumque volet cognoscere lenam, [359]
audiat!—est quaedam nomine Dipsas anus.
ex re nomen habet—nigri non illa parentem
Memnonis in roseis sobria vidit equis.
illa magas artes Aeaeaque carmina novit
inque caput liquidas arte recurvat aquas;
scit bene, quid gramen, quid torto concita rhombo
licia, quid valeat virus amantis equae.
cum voluit, toto glomerantur nubila caelo;
cum voluit, puro fulget in orbe dies.
sanguine, siqua fides, stillantia sidera vidi;
purpureus Lunae sanguine vultus erat.
hanc ego nocturnas versam volitare per umbras
suspicor et pluma corpus anile tegi.
suspicor, et fama est. oculis quoque pupula duplex
fulminat, et gemino lumen ab orbe venit.
evocat antiquis proavos atavosque sepulcris
et solidam longo carmine findit humum.
Haec sibi proposuit thalamos temerare pudicos;
nec tamen eloquio lingua nocente caret.
fors me sermoni testem dedit; illa monebat
talia—me duplices occuluere fores:
'scis here te, mea lux, iuveni placuisse beato?
haesit et in vultu constitit usque tuo.
et cur non placeas? nulli tua forma secunda est;
me miseram, dignus corpore cultus abest!
tam felix esses quam formosissima, vellem —
non ego, te facta divite, pauper ero.
stella tibi oppositi nocuit contraria Martis.

[359] OVIDE; BORNECQUE, HENRI. **Les amours**. 3e èd. Paris: Les Belles Lettres, 1961.

Mars abiit; signo nunc Venus apta suo.
prosit ut adveniens, en adspice! dives amator
te cupiit; curae, quid tibi desit, habet.
est etiam facies, qua se tibi conparet, illi;
si te non emptam vellet, emendus erat.'
Erubuit. 'decet alba quidem pudor ora, sed iste,
si simules, prodest; verus obesse solet.
cum bene deiectis gremium spectabis ocellis,
quantum quisque ferat, respiciendus erit.
forsitan inmundae Tatio regnante Sabinae
noluerint habiles pluribus esse viris;
nunc Mars externis animos exercet in armis,
at Venus Aeneae regnat in urbe sui.
ludunt formosae; casta est, quam nemo rogavit—
aut, si rusticitas non vetat, ipsa rogat.
has quoque, quae frontis rugas in vertice portant,
excute; de rugis crimina multa cadent.
Penelope iuvenum vires temptabat in arcu;
qui latus argueret, corneus arcus erat.
labitur occulte fallitque volubilis aetas,
ut celer admissis labitur amnis aquis.
aera nitent usu, vestis bona quaerit haberi,
canescunt turpi tecta relicta situ—
forma, nisi admittas, nullo exercente senescit.
nec satis effectus unus et alter habent;
certior e multis nec tam invidiosa rapina est.
plena venit canis de grege praeda lupis.
Ecce, quid iste tuus praeter nova carmina vates
donat? amatoris milia multa leges.
ipse deus vatum palla spectabilis aurea
tractat inauratae consona fila lyrae.
qui dabit, ille tibi magno sit maior Homero;
crede mihi, res est ingeniosa dare.
nec tu, siquis erit capitis mercede redemptus,

despice; gypsati crimen inane pedis.
nec te decipiant veteres circum atria cerae.
tolle tuos tecum, pauper amator, avos!
qui, quia pulcher erit, poscet sine munere noctem,
quod det, amatorem flagitet ante suum!
Parcius exigito pretium, dum retia tendis,
ne fugiant; captos legibus ure tuis!
nec nocuit simulatus amor; sine, credat amari,
et cave ne gratis hic tibi constet amor!
saepe nega noctes. capitis modo finge dolorem,
et modo, quae causas praebeat, Isis erit.
mox recipe, ut nullum patiendi colligat usum,
neve relentescat saepe repulsus amor.
surda sit oranti tua ianua, laxa ferenti;
audiat exclusi verba receptus amans;
et, quasi laesa prior, nonnumquam irascere laeso —
vanescit culpa culpa repensa tua.
sed numquam dederis spatiosum tempus in iram:
saepe simultates ira morata facit.
quin etiam discant oculi lacrimare coacti,
et faciant udas illa vel ille genas;
nec, siquem falles, tu periurare timeto —
commodat in lusus numina surda Venus.
servus et ad partes sollers ancilla parentur,
qui doceant, apte quid tibi possit emi;
et sibi pauca rogent—multos si pauca rogabunt,
postmodo de stipula grandis acervus erit.
et soror et mater, nutrix quoque carpat amantem;
fit cito per multas praeda petita manus.
cum te deficient poscendi munera causae,
natalem libo testificare tuum!
Ne securus amet nullo rivale, caveto;
non bene, si tollas proelia, durat amor.
ille viri videat toto vestigia lecto

factaque lascivis livida colla notis.
munera praecipue videat, quae miserit alter.
si dederit nemo, Sacra roganda Via est.
cum multa abstuleris, ut non tamen omnia donet,
quod numquam reddas, commodet, ipsa roga!
lingua iuvet mentemque tegat—blandire noceque;
inpia sub dulci melle venena latent.
Haec si praestiteris usu mihi cognita longo,
nec tulerint voces ventus et aura meas,
saepe mihi dices vivae bene, saepe rogabis,
ut mea defunctae molliter ossa cubent.'
Vox erat in cursu, cum me mea prodidit umbra,
at nostrae vix se continuere manus,
quin albam raramque comam lacrimosaque vino
lumina rugosas distraherentque genas.
di tibi dent nullosque Lares inopemque senectam,
et longas hiemes perpetuamque sitim!

Tradução

***Amores;* 1.8 – Ovídio**

Existe (quem quiser saber de alcoviteira[360]
ouça) uma velha cujo nome é Dípsade.
Tem nome do que é: jamais viu sóbria a mãe
do negro Mêmnon nos corcéis rosados.
Ela aprendeu encantos e as artes de Eeia,
com a qual faz voltar a água à fonte.
Bem sabe que erva e quais os fios agitados
por fuso usar; e o sumo de égua em cio.
Quando quer, nuvens se aglomeram em todo o céu;
quando quer, raia o dia ao puro orbe.
Sangue, se podes crer, eu vi pingar de estrelas;
e a face lunar rubra como o sangue.
Transformada suspeito que voe por sombras
da noite, o corpo velho envolto em penas;
suspeito e é o que se diz; pupilas duplas fulgem
nos olhos, brota luz das gêmeas órbitas.
Evoca bisavós, tataravós dos túmulos
e a dura terra fende com seu canto.
A si mesma dispôs a violar leitos castos,
mas não falta palavra má à língua.
Testemunha me fez o acaso; ela assim
aconselhava (a porta me ocultava):
"Sabes, minha luz, que um jovem ontem encantaste?
Imóvel, não tirou de ti os olhos.
E a quem tu não encantas? Mais bela não há.
Ai de mim, falta ao corpo trato digno!
Quisera fosses tão ditosa quanto bela,
se enriqueceres não ficarei pobre.

[360] Tradução de Duque, Guilherme Horst. **Do pé à letra: Os amores de Ovídio em tradução poética**. Dissertação. UFES, 2015.

Prejudicou-te a estrela contrária de Marte,
Marte se foi; tens Vênus favorável.
Chegando te é propícia, veja! Um amante rico
te desejou: o inquieta o que te falta.
De uma beleza párea à tua a dele é.
Não te comprando, o próprio era comprável."
Corou. "Pudor convém, de fato, à alva face;
o fingido te ajuda, o vero estorva.
Quando com olhos baixos olhares pro colo,
deves, conforme o que ele traz, fitá-lo.
Talvez, Tácio reinando, não quisessem as tolas
Sabinas se entregar a homens múltiplos,
Marte hoje incita em armas externas os ânimos,
reina Vênus na urbe de seu filho.
Festejam as belas: casta é quem ninguém buscou;
ou, se a rudeza o deixa, ela busca.
Também a estas, que na fronte levam rugas,
perscruta: caem das rugas muitos crimes.
No arco a força dos jovens tentava Penélope;
pra provar-lhes o flanco, era córneo.
Oculto, o tempo alígero corre e se vai,
com cavalos sem freio corre o ano.
Bronze, ao uso, reluz; quer dono a boa veste,
caduca a casa abandonada ao mofo:
a beleza, se o vetas, sem uso, envelhece;
não são bastantes um ou dois amantes.
Mais certo e menos odioso é roubar muitos,
de um rebanho vem presa aos lobos brancos.
Vê, o que além de novos cantos o teu vate
te dá? Mil coisas colherás do amante.
O próprio deus dos vates, belo em áureo manto,
toca da lira as cordas harmoniosas.
Seja maior que Homero quem te dá presentes;
creia-me, dar presente é uma arte.

Nem tu de quem pagou pela própria cabeça
desdenhes: vão é o pé marcado a giz.
Nem te enganem no átrio as ceras ancestrais:
vai-te com teus avós, amante pobre.
Um, por ser belo, exige noite sem pagar?
O que dará, inquere o amante antes.
Cobra um preço menor enquanto a rede estendes,
pra que não fuja, e com tuas leis abrasa-o.
Não é mau falso amor, deixa-o crer que é amado,
cuida que não te saia a noite grátis.
Rejeita noites; ora dores de cabeça,
ora Ísis dará ocasião.
Recebe-o logo, pra que não se adapte à mágoa,
nem esfrie um amor assaz negado.
Seja surda ao clamor a porta e frouxa à oferta,
ouça o acolhido a fala do enxotado.
E, como se ofendida, ira-te antes dele;
rebatida por ti, a queixa some.
Mas nunca deixes que se demore a tua ira,
uma ira constante leva ao ódio.
Aprendam ainda os olhos a chorar coagidos,
tornem-se úmidas as tuas bochechas.
Tampouco temas, neste engodo, perjurar:
pros jogos Vênus faz os deuses surdos.
Hábeis preparem-se ao papel o servo e serva,
que o instruam sobre o que comprar pra ti
peçam pra si um pouco; se a muitos pedirem,
logo haverá do pouco um grande acervo.
Irmã, mãe e nutriz explorem ainda o amante:
à presa abatem muitas mãos mais rápido.
Se faltarem motivos pra pedir presentes,
com um bolo indique o teu aniversário.
Cuida que ele não ame sem rivais, seguro:
o amor não dura muito sem contendas.

Que ele veja no leito vestígios de outros
e o pescoço marcado de lascívia.
Veja, acima de tudo, os presentes do outro.
Se não os houver, recorre à Via Sacra.
Depois de muito lhe tomar, pra que não dê
tudo, pede emprestado e não devolvas.
Que a língua a ajude e encubra a razão; fere e afaga:
ímpios venenos sob o mel se escondem.
Se tais coisas guardares, sei de longa prática,
e o vento não levar a minha fala,
eu viva, amiúde me bendirás; rogarás,
eu morta, que descansem em paz meus ossos.”
Falava, quando a minha sombra me entregou,
mas por pouco contive as minhas mãos
de lhe arrancarem a rala coma alva, os úmidos
olhos ébrios e as rugas da sua face.
Que os deuses lar nenhum te deem; velhice pobre
tenhas, inverno longo e eterna sede.

***Metamorphoses;* Liber VII: Medea – Ovidius**

Iamque fretum Minyae Pagasaea puppe secabant, [361]
perpetuaque trahens inopem sub nocte senectam
Phineus visus erat, iuvenesque Aquilone creati
virgineas volucres miseri senis ore fugarant,
multaque perpessi claro sub Iasone tandem
contigerant rapidas limosi Phasidos undas.
dumque adeunt regem Phrixeaque vellera poscunt
lexque datur Minyis magnorum horrenda laborum,
concipit interea validos Aeetias ignes
et luctata diu, postquam ratione furorem
vincere non poterat, 'frustra, Medea, repugnas:
nescio quis deus obstat,' ait, 'mirumque, nisi hoc est,
aut aliquid certe simile huic, quod amare vocatur.
nam cur iussa patris nimium mihi dura videntur?
sunt quoque dura nimis! cur, quem modo denique vidi,
ne pereat, timeo? quae tanti causa timoris?
excute virgineo conceptas pectore flammas,
si potes, infelix! si possem, sanior essem!
sed trahit invitam nova vis, aliudque cupido,
mens aliud suadet: video meliora proboque,
deteriora sequor. quid in hospite, regia virgo,
ureris et thalamos alieni concipis orbis?
haec quoque terra potest, quod ames, dare. vivat an ille
occidat, in dis est. vivat tamen! idque precari
vel sine amore licet: quid enim commisit Iason?
quem, nisi crudelem, non tangat Iasonis aetas
et genus et virtus? quem non, ut cetera desint,
ore movere potest? certe mea pectora movit.
at nisi opem tulero, taurorum adflabitur ore
concurretque suae segeti, tellure creatis

[361] OVIDE; CHAMONARD, J. **Les metamorphoses**. Paris: Garnier, 1953.

hostibus, aut avido dabitur fera praeda draconi.
hoc ego si patiar, tum me de tigride natam,
tum ferrum et scopulos gestare in corde fatebor!
cur non et specto pereuntem oculosque videndo
conscelero? cur non tauros exhortor in illum
terrigenasque feros insopitumque draconem?
di meliora velint! quamquam non ista precanda,
sed facienda mihi.—prodamne ego regna parentis,
atque ope nescio quis servabitur advena nostra,
ut per me sospes sine me det lintea ventis
virque sit alterius, poenae Medea relinquar?
si facere hoc aliamve potest praeponere nobis,
occidat ingratus! sed non is vultus in illo,
non ea nobilitas animo est, ea gratia formae,
ut timeam fraudem meritique oblivia nostri.
et dabit ante fidem, cogamque in foedera testes
esse deos. quid tuta times? accingere et omnem
pelle moram: tibi se semper debebit Iason,
te face sollemni iunget sibi perque Pelasgas
servatrix urbes matrum celebrabere turba.
ergo ego germanam fratremque patremque deosque
et natale solum ventis ablata relinquam?
nempe pater saevus, nempe est mea barbara tellus,
frater adhuc infans; stant mecum vota sororis,
maximus intra me deus est! non magna relinquam,
magna sequar: titulum servatae pubis Achivae
notitiamque soli melioris et oppida, quorum
hic quoque fama viget, cultusque artesque locorum,
quemque ego cum rebus, quas totus possidet orbis,
Aesoniden mutasse velim, quo coniuge felix
et dis cara ferar et vertice sidera tangam.
quid, quod nescio qui mediis concurrere in undis
dicuntur montes ratibusque inimica Charybdis
nunc sorbere fretum, nunc reddere, cinctaque saevis

Scylla rapax canibus Siculo latrare profundo?
nempe tenens, quod amo, gremioque in Iasonis haerens
per freta longa ferar; nihil illum amplexa verebor
aut, siquid metuam, metuam de coniuge solo.—
coniugiumne putas speciosaque nomina culpae
inponis, Medea, tuae?—quin adspice, quantum
adgrediare nefas, et, dum licet, effuge crimen!'
dixit, et ante oculos rectum pietasque pudorque
constiterant, et victa dabat iam terga Cupido.
Ibat ad antiquas Hecates Perseidos aras,
quas nemus umbrosum secretaque silva tegebat,
et iam fortis erat, pulsusque recesserat ardor,
cum videt Aesoniden exstinctaque flamma reluxit.
erubuere genae, totoque recanduit ore,
utque solet ventis alimenta adsumere, quaeque
parva sub inducta latuit scintilla favilla
crescere et in veteres agitata resurgere vires,
sic iam lenis amor, iam quem languere putares,
ut vidit iuvenem, specie praesentis inarsit.
et casu solito formosior Aesone natus
illa luce fuit: posses ignoscere amanti.
spectat et in vultu veluti tum denique viso
lumina fixa tenet nec se mortalia demens
ora videre putat nec se declinat ab illo;
ut vero coepitque loqui dextramque prehendit
hospes et auxilium submissa voce rogavit
promisitque torum, lacrimis ait illa profusis:
'quid faciam, video: nec me ignorantia veri
decipiet, sed amor. servabere munere nostro,
servatus promissa dato!' per sacra triformis
ille deae lucoque foret quod numen in illo
perque patrem soceri cernentem cuncta futuri
eventusque suos et tanta pericula iurat:
creditus accepit cantatas protinus herbas

edidicitque usum laetusque in tecta recessit.
Postera depulerat stellas Aurora micantes:
conveniunt populi sacrum Mavortis in arvum
consistuntque iugis; medio rex ipse resedit
agmine purpureus sceptroque insignis eburno.
ecce adamanteis Vulcanum naribus efflant
aeripedes tauri, tactaeque vaporibus herbae
ardent, utque solent pleni resonare camini,
aut ubi terrena silices fornace soluti
concipiunt ignem liquidarum adspergine aquarum,
pectora sic intus clausas volventia flammas
gutturaque usta sonant; tamen illis Aesone natus
obvius it. vertere truces venientis ad ora
terribiles vultus praefixaque cornua ferro
pulvereumque solum pede pulsavere bisulco
fumificisque locum mugitibus inpleverunt.
deriguere metu Minyae; subit ille nec ignes
sentit anhelatos (tantum medicamina possunt!)
pendulaque audaci mulcet palearia dextra
suppositosque iugo pondus grave cogit aratri
ducere et insuetum ferro proscindere campum:
mirantur Colchi, Minyae clamoribus augent
adiciuntque animos. galea tum sumit aena
vipereos dentes et aratos spargit in agros.
semina mollit humus valido praetincta veneno,
et crescunt fiuntque sati nova corpora dentes,
utque hominis speciem materna sumit in alvo
perque suos intus numeros conponitur infans
nec nisi maturus communes exit in auras,
sic, ubi visceribus gravidae telluris imago
effecta est hominis, feto consurgit in arvo,
quodque magis mirum est, simul edita concutit arma.
quos ubi viderunt praeacutae cuspidis hastas
in caput Haemonii iuvenis torquere parantis,

demisere metu vultumque animumque Pelasgi;
ipsa quoque extimuit, quae tutum fecerat illum.
utque peti vidit iuvenem tot ab hostibus unum,
palluit et subito sine sanguine frigida sedit,
neve parum valeant a se data gramina, carmen
auxiliare canit secretasque advocat artes.
ille gravem medios silicem iaculatus in hostes
a se depulsum Martem convertit in ipsos:
terrigenae pereunt per mutua vulnera fratres
civilique cadunt acie. gratantur Achivi
victoremque tenent avidisque amplexibus haerent.
tu quoque victorem conplecti, barbara, velles:
obstitit incepto pudor, at conplexa fuisses,
sed te, ne faceres, tenuit reverentia famae.
quod licet, adfectu tacito laetaris agisque
carminibus grates et dis auctoribus horum.
    Pervigilem superest herbis sopire draconem,
qui crista linguisque tribus praesignis et uncis
dentibus horrendus custos erat arboris aureae.
hunc postquam sparsit Lethaei gramine suci
verbaque ter dixit placidos facientia somnos,
quae mare turbatum, quae concita flumina sistunt,
somnus in ignotos oculos sibi venit, et auro
heros Aesonius potitur spolioque superbus
muneris auctorem secum, spolia altera, portans
victor Iolciacos tetigit cum coniuge portus.
    Haemoniae matres pro gnatis dona receptis
grandaevique ferunt patres congestaque flamma
tura liquefaciunt, inductaque cornibus aurum
victima vota cadit, sed abest gratantibus Aeson
iam propior leto fessusque senilibus annis,
cum sic Aesonides: 'o cui debere salutem
confiteor, coniunx, quamquam mihi cuncta dedisti
excessitque fidem meritorum summa tuorum,

si tamen hoc possunt (quid enim non carmina possunt?)
deme meis annis et demptos adde parenti!'
nec tenuit lacrimas: mota est pietate rogantis,
dissimilemque animum subiit Aeeta relictus;
nec tamen adfectus talis confessa 'quod' inquit
'excidit ore tuo, coniunx, scelus? ergo ego cuiquam
posse tuae videor spatium transcribere vitae?
nec sinat hoc Hecate, nec tu petis aequa; sed isto,
quod petis, experiar maius dare munus, Iason.
arte mea soceri longum temptabimus aevum,
non annis revocare tuis, modo diva triformis
adiuvet et praesens ingentibus adnuat ausis.'
Tres aberant noctes, ut cornua tota coirent
efficerentque orbem; postquam plenissima fulsit
ac solida terras spectavit imagine luna,
egreditur tectis vestes induta recinctas,
nuda pedem, nudos umeris infusa capillos,
fertque vagos mediae per muta silentia noctis
incomitata gradus: homines volucresque ferasque
solverat alta quies, nullo cum murmure saepes,
inmotaeque silent frondes, silet umidus aer,
sidera sola micant: ad quae sua bracchia tendens
ter se convertit, ter sumptis flumine crinem
inroravit aquis ternisque ululatibus ora
solvit et in dura submisso poplite terra
'Nox' ait 'arcanis fidissima, quaeque diurnis
aurea cum luna succeditis ignibus astra,
tuque, triceps Hecate, quae coeptis conscia nostris
adiutrixque venis cantusque artisque magorum,
quaeque magos, Tellus, pollentibus instruis herbis,
auraeque et venti montesque amnesque lacusque,
dique omnes nemorum, dique omnes noctis adeste,
quorum ope, cum volui, ripis mirantibus amnes
in fontes rediere suos, concussaque sisto,

stantia concutio cantu freta, nubila pello
nubilaque induco, ventos abigoque vocoque,
vipereas rumpo verbis et carmine fauces,
vivaque saxa sua convulsaque robora terra
et silvas moveo iubeoque tremescere montis
et mugire solum manesque exire sepulcris!
te quoque, Luna, traho, quamvis Temesaea labores
aera tuos minuant; currus quoque carmine nostro
pallet avi, pallet nostris Aurora venenis!
vos mihi taurorum flammas hebetastis et unco
inpatiens oneris collum pressistis aratro,
vos serpentigenis in se fera bella dedistis
custodemque rudem somni sopistis et aurum
vindice decepto Graias misistis in urbes:
nunc opus est sucis, per quos renovata senectus
in florem redeat primosque recolligat annos,
et dabitis. neque enim micuerunt sidera frustra,
nec frustra volucrum tractus cervice draconum
currus adest.' aderat demissus ab aethere currus.
quo simul adscendit frenataque colla draconum
permulsit manibusque leves agitavit habenas,
sublimis rapitur subiectaque Thessala Tempe
despicit et certis regionibus adplicat angues:
et quas Ossa tulit, quas altum Pelion herbas,
Othrysque Pindusque et Pindo maior Olympus,
perspicit et placitas partim radice revellit,
partim succidit curvamine falcis aenae.
multa quoque Apidani placuerunt gramina ripis,
multa quoque Amphrysi, neque eras inmunis, Enipeu;
nec non Peneos nec non Spercheides undae
contribuere aliquid iuncosaque litora Boebes;
carpsit et Euboica vivax Anthedone gramen,
nondum mutato vulgatum corpore Glauci.

Et iam nona dies curru pennisque draconum

nonaque nox omnes lustrantem viderat agros,
cum rediit; neque erant tacti nisi odore dracones,
et tamen annosae pellem posuere senectae.
constitit adveniens citra limenque foresque
et tantum caelo tegitur refugitque viriles
contactus, statuitque aras de caespite binas,
dexteriore Hecates, ast laeva parte Iuventae.
has ubi verbenis silvaque incinxit agresti,
haud procul egesta scrobibus tellure duabus
sacra facit cultrosque in guttura velleris atri
conicit et patulas perfundit sanguine fossas;
tum super invergens liquidi carchesia mellis
alteraque invergens tepidi carchesia lactis,
verba simul fudit terrenaque numina civit
umbrarumque rogat rapta cum coniuge regem,
ne properent artus anima fraudare senili.
    Quos ubi placavit precibusque et murmure longo,
Aesonis effetum proferri corpus ad auras
iussit et in plenos resolutum carmine somnos
exanimi similem stratis porrexit in herbis.
hinc procul Aesoniden, procul hinc iubet ire ministros
et monet arcanis oculos removere profanos.
diffugiunt iussi; passis Medea capillis
bacchantum ritu flagrantis circuit aras
multifidasque faces in fossa sanguinis atra
tinguit et infectas geminis accendit in aris
terque senem flamma, ter aqua, ter sulphure lustrat.
    Interea validum posito medicamen aeno
fervet et exsultat spumisque tumentibus albet.
illic Haemonia radices valle resectas
seminaque floresque et sucos incoquit atros;
adicit extremo lapides Oriente petitos
et quas Oceani refluum mare lavit harenas;
addit et exceptas luna pernocte pruinas

et strigis infamis ipsis cum carnibus alas
inque virum soliti vultus mutare ferinos
ambigui prosecta lupi; nec defuit illis
squamea Cinyphii tenuis membrana chelydri
vivacisque iecur cervi; quibus insuper addit
ova caputque novem cornicis saecula passae.
his et mille aliis postquam sine nomine rebus
propositum instruxit mortali barbara maius,
arenti ramo iampridem mitis olivae
omnia confudit summisque inmiscuit ima.
ecce vetus calido versatus stipes aeno
fit viridis primo nec longo tempore frondes
induit et subito gravidis oneratur olivis:
at quacumque cavo spumas eiecit aeno
ignis et in terram guttae cecidere calentes,
vernat humus, floresque et mollia pabula surgunt.
quae simul ac vidit, stricto Medea recludit
ense senis iugulum veteremque exire cruorem
passa replet sucis; quos postquam conbibit Aeson
aut ore acceptos aut vulnere, barba comaeque
canitie posita nigrum rapuere colorem,
pulsa fugit macies, abeunt pallorque situsque,
adiectoque cavae supplentur corpore rugae,
membraque luxuriant: Aeson miratur et olim
ante quater denos hunc se reminiscitur annos.
    Viderat ex alto tanti miracula monstri
Liber et admonitus, iuvenes nutricibus annos
posse suis reddi, capit hoc a Colchide munus.
    Neve doli cessent, odium cum coniuge falsum
Phasias adsimulat Peliaeque ad limina supplex
confugit; atque illam, quoniam gravis ipse senecta est,
excipiunt natae; quas tempore callida parvo
Colchis amicitiae mendacis imagine cepit,
dumque refert inter meritorum maxima demptos

Aesonis esse situs atque hac in parte moratur,
spes est virginibus Pelia subiecta creatis,
arte suum parili revirescere posse parentem,
idque petunt pretiumque iubent sine fine pacisci.
illa brevi spatio silet et dubitare videtur
suspenditque animos ficta gravitate rogantum.
mox ubi pollicita est, 'quo sit fiducia maior
muneris huius' ait, 'qui vestri maximus aevo est
dux gregis inter oves, agnus medicamine fiet.'
protinus innumeris effetus laniger annis
attrahitur flexo circum cava tempora cornu;
cuius ut Haemonio marcentia guttura cultro
fodit et exiguo maculavit sanguine ferrum,
membra simul pecudis validosque venefica sucos
mergit in aere cavo: minuunt ea corporis artus
cornuaque exurunt nec non cum cornibus annos,
et tener auditur medio balatus aeno:
nec mora, balatum mirantibus exsilit agnus
lascivitque fuga lactantiaque ubera quaerit.
    Obstipuere satae Pelia, promissaque postquam
exhibuere fidem, tum vero inpensius instant.
ter iuga Phoebus equis in Hibero flumine mersis
dempserat et quarta radiantia nocte micabant
sidera, cum rapido fallax Aeetias igni
imponit purum laticem et sine viribus herbas.
iamque neci similis resoluto corpore regem
et cum rege suo custodes somnus habebat,
quem dederant cantus magicaeque potentia linguae;
intrarant iussae cum Colchide limina natae
ambierantque torum: 'quid nunc dubitatis inertes?
stringite' ait 'gladios veteremque haurite crurorem,
ut repleam vacuas iuvenali sanguine venas!
in manibus vestris vita est aetasque parentis:
si pietas ulla est nec spes agitatis inanis,

officium praestate patri telisque senectam
exigite, et saniem coniecto emittite ferro!'
his, ut quaeque pia est, hortatibus inpia prima est
et, ne sit scelerata, facit scelus: haud tamen ictus
ulla suos spectare potest, oculosque reflectunt,
caecaque dant saevis aversae vulnera dextris.
ille cruore fluens, cubito tamen adlevat artus,
semilacerque toro temptat consurgere, et inter
tot medius gladios pallentia bracchia tendens
'quid facitis, gnatae? quid vos in fata parentis
armat?' ait: cecidere illis animique manusque;
plura locuturo cum verbis guttura Colchis
abstulit et calidis laniatum mersit in undis.
Quod nisi pennatis serpentibus isset in auras,
non exempta foret poenae: fugit alta superque
Pelion umbrosum, Philyreia tecta, superque
Othryn et eventu veteris loca nota Cerambi:
hic ope nympharum sublatus in aera pennis,
cum gravis infuso tellus foret obruta ponto,
Deucalioneas effugit inobrutus undas.
Aeoliam Pitanen a laeva parte relinquit
factaque de saxo longi simulacra draconis
Idaeumque nemus, quo nati furta, iuvencum,
occuluit Liber falsi sub imagine cervi,
quaque pater Corythi parva tumulatus harena est,
et quos Maera novo latratu terruit agros,
Eurypylique urbem, qua Coae cornua matres
gesserunt tum, cum discederet Herculis agmen,
Phoebeamque Rhodon et Ialysios Telchinas,
quorum oculos ipso vitiantes omnia visu
Iuppiter exosus fraternis subdidit undis;
transit et antiquae Cartheia moenia Ceae,
qua pater Alcidamas placidam de corpore natae
miraturus erat nasci potuisse columbam.

inde lacus Hyries videt et Cycneia Tempe,
quae subitus celebravit olor: nam Phylius illic
imperio pueri volucrisque ferumque leonem
tradiderat domitos; taurum quoque vincere iussus
vicerat et spreto totiens iratus amore
praemia poscenti taurum suprema negabat;
ille indignatus 'cupies dare' dixit et alto
desiluit saxo; cuncti cecidisse putabant:
factus olor niveis pendebat in aere pennis;
at genetrix Hyrie, servati nescia, flendo
delicuit stagnumque suo de nomine fecit.
adiacet his Pleuron, in qua trepidantibus alis
Ophias effugit natorum vulnera Combe;
inde Calaureae Letoidos adspicit arva
in volucrem versi cum coniuge conscia regis.
dextera Cyllene est, in qua cum matre Menephron
concubiturus erat saevarum more ferarum;
Cephison procul hinc deflentem fata nepotis
respicit in tumidam phocen ab Apolline versi
Eumelique domum lugentis in aere natum.
    Tandem vipereis Ephyren Pirenida pennis
contigit: hic aevo veteres mortalia primo
corpora vulgarunt pluvialibus edita fungis.
sed postquam Colchis arsit nova nupta venenis
flagrantemque domum regis mare vidit utrumque,
sanguine natorum perfunditur inpius ensis,
ultaque se male mater Iasonis effugit arma.
hinc Titaniacis ablata draconibus intrat
Palladias arces, quae te, iustissima Phene,
teque, senex Peripha, pariter videre volantes
innixamque novis neptem Polypemonis alis.
excipit hanc Aegeus facto damnandus in uno,
nec satis hospitium est, thalami quoque foedere iungit.
    Iamque aderat Theseus, proles ignara parenti,

qui virtute sua bimarem pacaverat Isthmon:
huius in exitium miscet Medea, quod olim
attulerat secum Scythicis aconiton ab oris.
illud Echidnaeae memorant e dentibus ortum
esse canis: specus est tenebroso caecus hiatu,
est via declivis, per quam Tirynthius heros
restantem contraque diem radiosque micantes
obliquantem oculos nexis adamante catenis
Cerberon abstraxit, rabida qui concitus ira
inplevit pariter ternis latratibus auras
et sparsit virides spumis albentibus agros;
has concresse putant nactasque alimenta feracis
fecundique soli vires cepisse nocendi;
quae quia nascuntur dura vivacia caute,
agrestes aconita vocant. ea coniugis astu
ipse parens Aegeus nato porrexit ut hosti.
sumpserat ignara Theseus data pocula dextra,
cum pater in capulo gladii cognovit eburno
signa sui generis facinusque excussit ab ore.
effugit illa necem nebulis per carmina motis;

Tradução

Metamorfoses – Livro VII (excerto) – Medeia

Já os descendentes de Mínias cortavam o mar com o navio que zarpara de Pagasa[362]. Levando, em uma noite perpétua, uma velhice desamparada, Fineu fora visitado, e os jovens filhos de Aquilão haviam expulsado as aves com cabeça de mulher de junto do desventurado ancião e, após muitas provações, chegaram afinal, sob o comando do insigne Jasão, às águas rápidas do lamacento Fásis. Enquanto vão até o rei e reclamam o velocino de Frixo, sendo-lhes imposta uma série de grandes trabalhos, em número amedrontador, a filha de Eete inflama-se de paixão violenta, e, depois de lutar por muito tempo, não podendo vencer a paixão com o raciocínio, disse consigo mesma: "Em vão resistes, Medéia. Não sei que deus te contraria; dificilmente não seria isso, ou alguma coisa semelhante àquilo que se chama amar. Por que, com efeito, as ordens de meu pai me parecem tão duras? E que realmente são duras. Por que temo a morte de alguém que vi há pouco pela primeira vez? Qual a causa de tanto medo? Apaga essas chamas que se acenderam em teu coração virginal, se podes, desventurada. Se pudesse, eu seria mais sensata. Malgrado meu, porém, sucumbo sob uma força nova. A paixão me incita a uma coisa, a razão me aconselha outra. Vejo o bem e o aprovo, mas sou arrastada pelo mal. Por que te apaixonaste por um forasteiro, virgem real, e concebes um casamento em um mundo estranho? Também esta terra pode oferecer-te um amor. Está na mão dos deuses decidir se esse homem viverá ou morrerá. Que viva, porém. Não posso suplicar tal coisa sem manifestar o amor. Que crime, realmente, cometeu Jasão? Quem, que não for cruel, não se sensibilizará com a juventude, a estirpe e o valor de Jasão? Quem, se tudo o mais lhe faltasse, não se comoveria com a sua beleza? Meu coração se comoveu, não há dúvida. Se, porém, eu não o ajudar, será consumido pelo fogo dos touros e enfrentará o ataque dos inimigos que surgirão da terra cultivada ou tornar-se-á, como um animal, presa do voraz dragão. Quanto a mim, se admitir tal coisa, terei de confessar que fui gerada por um tigre, e que trago ferro e pedra no coração. Por que não esperar que ele morra, e, vendo tal coisa, conspurcar meus olhos? Por que não incitar contra ele os touros, as feras nascidas da terra e o dragão insone? Oxalá seja mais favorável a vontade dos deuses! Mas não é a prece que me convém, e sim a ação. Destruirei o reino de meu pai e contribuirei para ajudar um homem que não sei quem é, a fim de que, salvo por mim, sem mim

[362] Tradução de JARDIM-JÚNIOR, David Gomes. **As Metamorfoses**. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1983.

ele viaje, para se tornar esposo de outra, enquanto Medeia ficará abandonada ao castigo? Se fizer tal coisa, se pode preferir a mim uma outra, que morra o ingrato. Nem sua fisionomia, porém, nem a nobreza de seu espírito, e a simpatia aliada à beleza, nada há que me faça recear a perfídia ou o esquecimento da nossa ajuda. Ele antes prometerá solenemente e eu invocarei para nosso pato o testemunho dos deuses. Por que tens medo? Prepara-te e não te retardes! Será a ti, a quem sempre deverá, que Jasão se unirá pelo matrimônio e, nas cidades dos pelasgos, serás celebrada pela multidão das matronas como salvadora. Então, eu, levada à mercê dos ventos, abandonarei a irmã, o irmão, o pai, os deuses e a terra natal? De fato, meu pai é cruel, minha terra é bárbara, meu irmão ainda é uma criancinha, e minha irmã concorda comigo: o maior dos deuses está dentro de mim. Não abandonarei grande coisa, e muito grande é o que buscarei: o mérito de salvar a juventude grega, o conhecimento de uma terra melhor, de cidades cuja fama até agora vive, da cultura e das artes daquele país, e, finalmente, aquele por quem eu daria todas as riquezas do mundo, o filho de Easão, o esposo com o qual me considerarei feliz e cara aos deuses e capaz de tocar os astros com a cabeça. Que importa o que se diz a respeito de não sei que montanhas que se erguem no meio do mar, de Caribde, inimiga dos navios que ora engole as ondas, ora as rejeita, da voraz Sila, com sua cintura de cães ferozes, ladrando nas profundezas do mar da Sicília? Certamente, tendo quem amo, apertada de encontro ao peito de Jasão, deixar-me-ei levar bem longe pelo mar. Nada temerei, quando o tiver em meus braços; ou, se tiver algum temor, esse temor se referirá somente ao meu esposo. Imaginas o casamento; não será um nome especioso com que encobres tua culpa, Medéia? Vê, ao contrário, quanto te aproximas do ilícito, e foge do crime, enquanto é possível". Disse; e, diante de seus olhos, ergueram-se a honra, o amor à família e o pudor, e Cupido, vencido, já fugia.Ela se dirigiu aos antigos altares de Hécate, filha de Perses, protegidos por um bosque umbroso e pela recôndita floresta. E já se sentia forte, e o ardor, repelido, recuava, quando viu o filho de Easão, e a chama extinta reacendeu-se. As faces enrubesceram, sentiu o rosto queimar. Como, alimentada pelo vento, costuma a pequena fagulha escondida nas cinzas crescer, e a chama agitada espalhar-se de novo com a sua força anterior, assim o amor já calmo, e que se acreditaria já definhando, de novo se abrasou à vista do jovem, sedutor pela presença. E fez o acaso que o filho de Easão estava ainda mais belo naquele dia: podia-se perdoar a amante. Ela o contempla, e fixa o olhar naquele rosto que via afinal, e, insensata, não concebe que esteja vendo o rosto de um mortal, e não pode de ele afastar os olhos. E, quando o forasteiro falou e, segurando a mão direita, implorou sua ajuda com humildade, e prometeu casamento, ela responde, desfeita em lágrimas: "Sei o que devo fazer; não é a ignorância da verdade que me engana, mas o amor. Tudo farei para salvar-te; salvo, cumpre tuas promessas". Jasão jura, pelos altares da deusa tríplice, pela

divindade que pudesse habitar aquele bosque, pelo deus que gerou seu futuro sogro e que tudo vê, pelo êxito de sua missão e pelos muitos perigos enfrentados. Tendo se feito acreditar, recebe sem demora as ervas encantadas, aprende como usá-las e volta alegre para casa. A aurora, no dia seguinte, expulsara as estrelas cintilantes; o povo se reúne no campo sagrado de Marte e se acomoda nas elevações. O próprio rei assenta-se no meio de seus guardas, vestido de púrpura, com o cetro de marfim, insígnia da realeza. Eis que os touros de pés de bronze, soprando fogo pelas narinas duríssimas, e ardem as terras tocadas por seu hálito. E, como costumam chiar as fornalhas das forjas, quando estão repletas, ou quando, em um forno de terra, a pedra calcária que se dissolve inflama-se ao contato com a água, assim rugem no peito dos touros as chamas cativas e, saindo, ressoam nas gargantas que queimam. No entanto, o filho de Easão os enfrenta. Ferozes, vendo-o aproximar-se, voltam para ele as horríveis cabeças e os chifres com pontas de ferro, levantam a poeira do chão com as patas bipartidas, e enchem o local com seus mugidos, e de fumaça. Os descendentes de Mínias ficam hirtos de medo. Jasão, porém, investe, sem sentir o bafo ígneo — tanto podem as ervas mágicas — e com a mão direita, audaciosamente, acaricia a papada dos touros, e, impondo-lhes o jugo, os faz puxar o pesado arado e fender com a relha o soldo não cultivado do campo. Pasmam os habitantes da Cólchida; com suas aclamações, os descendentes de Mínias estimulam e aumentam o ardor do mancebo. Este coloca, então, em um capacete de bronze, os dentes do dragão e os semeia na terra arada. A terra amoleceu aquelas sementes antes impregnadas de um forte veneno, e os dentes semeados germinam e tornam-se corpos. E, do mesmo modo que a criança assume a forma humana no ventre materno, em que se faz a composição de suas diversas partes, e não sai para o ar comum senão depois de maduro, assim também, à medida que se forma, nas entranhas da terra grávida, a imagem de um homem, está se ergue no campo semeado, e, o que é mais admirável, maneja ao mesmo tempo a arma nascida com ela. Os pelasgos se amedrontaram e baixaram a cabeça, desanimados, quando viram os aparecidos se prepararem para lançar na cabeça do herói da Hemônia os dardos de pontas afiadas. Também se apavorou aquela que lhe dera toda a segurança, e, ao ver o jovem exposto sozinho a tantos perigos, empalideceu, e exangue e fria, de súbito, teve de sentar-se. E receando que as ervas que dera não valessem bastante, recorre a um encantamento e apela para sua arte secreta. Jasão atirou uma pesada pedra no meio dos inimigos e afastou de si a fúria belicosa deles, que se voltou de uns contra os outros. Os irmãos terrígenos perecem ferindo-se mutuamente. Tombam em uma guerra civil. Os gregos felicitam o vencedor, que abraçam entusiasticamente. E tu, também, bárbara, desejas abraçar o vencedor; impede-o o pudor. Tê-lo-ias apertado nos braços, mas o que te fez abster-se foi o temor dos comentários públicos. E lícito, porém, regozijar-te intimamente e renderes graças aos encantamentos e aos deuses que

te inspiraram. Resta adormecer com as ervas mágicas o dragão sempre vigilante, que, notável pela crista, pela língua tríplice e pelos dentes recurvados, era o horrendo guardião da árvore onde se encontrava o velocino de ouro. Depois de espalhar sobre ele o suco de uma erva soporífica e por três vezes ter pronunciado palavras que induzem a um sono profundo, que tranquiliza o mar agitado e o curso impetuoso dos rios, e de ter o sono fechado pela primeira vez aqueles olhos, o herói, filho de Easão, apodera-se do velocino de ouro. Orgulhoso com esse troféu, levando consigo outra presa, a autora do seu triunfo, o vencedor chega, com a esposa, ao porto de Iolco.

Easão

As matronas da Hemônia, os idosos chefes de família, gratos pelo regresso de seus filhos, levam oferendas, derretem no fogo o incenso acumulado, e a vítima com os chifres pintados de ouro representam seus votos. A essas manifestações de graças falta, contudo, a voz de Easão, já bem próximo da morte, curvado sob o peso dos anos. Disse, então, seu filho: "Ó minha esposa, a quem confesso dever a salvação, embora tudo me tenhas dado e que seja inacreditável a soma dos benefícios que te devo, se podes tal coisa — pois o que não podem os teus encantamentos? — tira alguns dos meus anos e ajunta os que tirares aos de meu pai". E não pode conter as lágrimas. Medéia comoveu-se com o amor filial do marido, e veio à mente a lembrança de Eete abandonado. Sem confessar, no entanto, o que a afeta, responde: "Que desejo criminoso saiu dos teus lábios, meu esposo? Achas que sou capaz de transferir para outro uma parte da tua vida? Hécate tal não permita. E o que pedes não é justo. Vou procurar, todavia, ser contigo mais generosa ainda do que pedes, Jasão. Com a minha arte, tentarei remoçar a avançada velhice de meu sogro, sem os teus anos; possa, tão somente, ajudar-me a deusa tríplice e, com sua presença, aprovar a ingente tarefa a que vou me atrever". Faltavam três noites para que a Lua completasse o seu ciclo. Depois que ela apareceu bem cheia e contemplou a Terra sem que nenhuma sombra a obscurecesse, Medéia sai de casa, trazendo uma veste sem cinto, descalça, de ombros nus, sobre os quais caíam os cabelos soltos; caminha só, com passos incertos, na calada da noite. Um sono profundo dominava os homens, as aves e os animais selvagens; nenhum murmúrio nas sebes, calam-se as frondes imóveis, cala-se o úmido ar. Somente os astros cintilam. Estendendo para eles os braços, três vezes ela se voltou, três vezes molhou os cabelos com a água que apanhara no rio; três vezes abriu a boca, para lançar gritos agudos, depois, ajoelhando-se, na terra dura, exclama: "O Noite, fidelíssima confidente dos segredos, e vós que, com a Lua,

sucedeis ao clarão do dia, ó astros, e tu, Hécate de três cabeças, que conheces os meus intuitos e que trazes tua ajuda aos encantamentos e às artes dos mágicos, e tu, Terra, que forneces aos mágicos ervas poderosas; brisas e ventos, montes, rios e lagos, todos os deuses dos bosques, todos os deuses da noite, favorecei-me! Vós, com cuja ajuda, quando eu quis, os rios voltaram às suas nascentes, para espanto das margens; graças a quem, acalmo, com meus encantamentos, as ondas agitadas e agito as ondas calmas, espalho as nuvens e as reúno, expulso os ventos e os chamo; sufoco as fauces das víboras com minhas palavras mágicas; animo os rochedos, os carvalhos e as florestas arrancadas do chão e os ponho em movimento, mando que os montes estremeçam e o solo mugir, e os mortos saírem dos sepulcros. Também a ti, Lua, tu, também, Lua, também te arrasto, apesar do que fazem os bronzes de Temese para diminuir teu sofrimento. Meus encantamentos empalidecem mesmo o brilho do carro de meu avô, Aurora empalidece com os meus venenos. Para mim, tornastes inofensivas as chamas dos touros, impuseste-lhes no dorso rebelde a todo jugo o peso do arado de relha recurvada. Fizestes com que os nascidos da serpente lutassem uns contra os outros, adormecestes o guardião imune ao sono e, uma vez enganado, trouxestes o ouro às cidades gregas. Agora, careço de sucos que remocem a velhice levando-a à flor da idade e lhes devolvendo os primeiros anos. E vós os dareis. Não é à toa, com efeito, que os astros se agitam e que um carro tirado por dragões alados se acha aqui, perto de mim". Havia, com efeito, junto dela, um carro descido do céu. Logo que subiu acariciou o pescoço dos dragões atrelados e pegou as leves rédeas, foi levada às alturas, e avista, embaixo, o vale de Tempe, na Tessália, e encaminha os dragões para uma região determinada. Examina com cuidado as ervas que nascem no Ossa, no alto Pélio, no Otris, no Pindo e no Olimpo maior que o Pindo, e, das raízes escolhidas, arranca uma parte com as raízes e outra parte corta com a lâmina de uma foice de bronze. Escolheu muita coisa entre as ervas das margens do Apidano, e muita nas do Anfriso, e tu também, Enipeu, não foste deixado de lado; e o Peneu e as águas do Espérquio deram a sua contribuição, assim como as margens do Beba, cobertas de junco. Também colheu, em Antedon, na Eubéia, a erva vivificante, não célebre ainda pela mudança do corpo de GIauco. E já o nono dia e a nona noite a tinham visto percorrendo os campos, graças ao carro e às asas dos dragões, quando voltou. Os dragões só tinham sido tocados pelo odor das plantas, e, no entanto, a sua pele rejuvenesceu muitos anos. Parou, ao chegar, diante da soleira da porta, não tendo acima da cabeça senão o céu, e foge de todo contato com um homem. Levantou dois altares de terra coberta de relva, o da direita para Hécate e o da esquerda para Juventa. Depois de colocar em torno ramos e folhagens agrestes, fez um sacrifício, perto dali, em duas covas abertas na terra, e enfia a faca no pescoço de um carneiro preto e espalha o sangue nas fossas abertas. Depois, enquanto derramava em cima

copos de vinho e depois copos de bronze cheios de leite tépido, ao mesmo tempo pronúncia palavras mágicas, invoca as divindades da Terra e implora ao deus dos mortos e à esposa que raptou que não se apressem a retirar a alma do corpo do velho. Quando os tornou propícios com preces e prolongados murmúrios, mandou levar para o ar livre o corpo combalido de Easão, e depois de tê-lo mergulhado em um sono profundo, com os seus encantamentos, deitou-o na relva, parecendo um morto. Ordena que se afaste o filho de Easão, ordena que se afastem os servos, saindo daquele lugar que deve ficar oculto aos olhos profanos. Eles se dispersam, como lhes fora ordenado. Medéia, de cabelos soltos, à moda das bacantes, caminha em torno dos altares, onde crepitam as chamas, toma as tochas, que mergulha na fossa negra de sangue e, uma vez impregnadas, as acende nos dois altares. Três vezes purifica o velho com as chamas, três vezes com a água, três vezes com o enxofre. Enquanto isso, um filtro poderoso, colocado no caldeirão de bronze, ferve e referve, e sua superfície se embranquece com a espuma. Ali, Medéia cozinha as raízes colhidas no vale da Hemônia, sementes de flores e sucos azedos. Ajunta pedras apanhadas no Extremo Oriente e areia lavada pelo refluxo da maré do Oceano; acrescenta orvalho recolhido em uma noite de plenilúnio, as amaldiçoadas asas de uma estrige com a própria carne, e as entranhas de um lobisomem que costuma mudar em humana a sua forma ferina; não faltou a membrana escamosa da cobra anfíbia de Cinipes, nem um fígado do longevo veado, aos quais acrescenta o bico e a cabeça de uma gralha que passara pela prova de nove séculos. Depois de ter, por meio dessas coisas e de mil outras sem nome, se preparado para levar a cabo uma façanha além da capacidade de um mortal, a bárbara, mexeu tudo, de alto a baixo, com o ramo de há muito seco de uma oliveira. Eis que o velho galho agitado no caldeirão fervente, primeiro enverdece, logo depois se cobre de folhas e, de súbito, fica carregado de azeitonas maduras. E, em toda parte em que o fogo expulsa a espuma para fora do caldeirão, e gotas ferventes caem no chão, a terra, como na primavera, se cobre de flores e de verdes pastagens. Logo que viu tal coisa, Medéia, desembainhando uma espada, corta o pescoço do velho, e, depois de deixar escorrer o sangue antigo, enche-o com os sucos. Mal Easão os absorvera, pela boca ou pelo ferimento, a barba e o cabelo, de brancos que eram se tornam negros. Expulsa, foge a magreza, desaparecem a lividez e a decrepitude, os sulcos das rugas se enchem de nova carnadura e os membros se revigoram. Easão admira-se, e se revê tal como era há muito tempo, como era há quarenta anos.

Pélias

Sem deixar de lado os seus ardis, Medéia finge um desentendimento com o esposo e se apresenta, suplicante, à porta de Pélias. Estando ele abatido sob o peso da velhice, são suas filhas que a recebem. A astuciosa filha da Cólchida tudo faz para, em pouco tempo, conquistar-lhes a confiança, por meio de uma amizade fingida, e, quando relata, como um de seus maiores méritos, o fato de ter feito desaparecer a decrepitude de Easão, demora-se nessa parte, e insinua no coração das filhas de Pélias a esperança de que um recurso semelhante pudesse rejuvenescer seu pai. E não tardam a pedir, e pedem a Medéia que ela mesma estabeleça o prêmio, sem limites. Ela fica em silêncio por algum tempo e parece hesitar, deixando em suspenso o espírito das suplicantes, por uma fingida reflexão. Não tarda, porém, a prometer: "Para que tenhais mais confiança em meu favor, o carneiro mais velho que houver em vossos rebanhos será transformado em cordeiro com os meus filtros". E trazido logo para junto dela um carneiro lanoso, abatido pela extrema velhice, de chifres recurvados em torno das têmporas fundas; Medéia corta o flácido pescoço com uma faca da Hemônia, cujo ferro se manchou apenas com um pouquinho de sangue, depois coloca no caldeirão de bronze, misturados, o corpo do carneiro e os sucos revigorantes: diminuem as proporções do corpo, destroem-se os chifres, e, com os chifres, os anos; ouve-se um fraco balido no meio do caldeirão de bronze. Sem demora, diante das mulheres já admiradas com o balido, sai um cordeiro, que foge pulando, à procura de ubres repletos de leite. Pasmam as filhas de Pélias; e, depois de ter a promessa cumprida provado a sinceridade, pedem realmente com mais insistência. Por três vezes Febo retirara o jugo dos cavalos que haviam mergulhado no rio da Ibéria, e os astros cintilavam com todo o seu brilho, no decorrer da quarta noite, quando a pérfida filha de Eetes leva ao fogo ardente água pura e ervas sem virtude. E já, semelhante à morte, o sono se apossara do rei, relaxando o corpo, e, com o rei, os de seus guardas, graças aos encantamentos e ao poder das palavras mágicas. Convidadas por Medéia, as filhas do rei transpuseram o limiar do aposento e se aproximaram do leito. "Por que hesitais, inertes?", pergunta Medéia. "Desembainhai as espadas e derramai esse sangue velho, a fim de que as veias possam se encher de sangue jovem. Está em vossas mãos a vida e a idade de vosso pai. Se tendes amor filial, se a esperança não vos é uma vã cogitação, prestai esse favor a vosso pai, expulsai a velhice à força das armas e fazei correr com o ferro o sangue enfraquecido". Aquela cujo amor filial era maior foi a que primeiro se deixou convencer e, para não ser criminosa, cometeu um crime. Nenhuma, entretanto, teve coragem de olhar, enquanto feria, e, cegamente, com o rosto virado, é que golpeiam, com as ferozes destras. Ele, esvaindo-se em sangue, ergue-se, no entanto, apoiado ao cotovelo, e, semi mutilado, tenta

levantar-se e, no meio de tantas espadas, estende os braços exangues: “Que fazeis, minhas filhas? O que vos incita contra a vida de vosso pai?” Elas perdem o ânimo e a força. Pélias quis ainda falar, mas Medéia lhe cortou a palavra juntamente com o pescoço, e mergulhou seu corpo na água fervendo. Se não tivesse sumido aos ares com seus dragões alados, não teria escapado ao castigo. Foge, bem no alto, acima do Pélio umbroso, morada de Filira, acima do Otrin e dos locais celebrizados pelas aventuras do velho Cerambo, que, com a ajuda das ninfas, elevado com asas no ar, quando a terra firme estava coberta pelas águas do mar, escapou de se afogar no dilúvio de Deucaiião. Do lado esquerdo, ela deixou Pitane, na Etólia e os rochedos que se estendem parecendo um dragão; o bosque do Ida, onde Líber ocultou o furto de seu filho, um novilho, na falsa aparência de um veado. Passou por onde o pai de Corito foi enterrado sob um pouco de areia; pelos campos onde Mera lançou o terror com seus ladridos singulares e pela cidade de Euripilo, onde as matronas de Cos traziam chifres quando se afastou o cortejo de Hércules; pela terra de Febo, Rodes e pelos telquinos, entre os quais Ialísio, a quem Júpiter, indignado, mergulhando-os nas ondas fraternas, fechou os olhos, que trazia a desgraça a quem os visse. Passou sobre as muralhas de Cartéia, na antiga Cea, onde o pai Alcidamas veria, com espanto, do corpo de sua filha nascer uma delicada pomba. Vê, depois, o lago Hirie e Tempe, a terra de Cicno, celebrizada pelo cisne que ali apareceu de súbito. Ali, com efeito, filio, obedecendo ao menino, trouxera aprisionados aves e um leão feroz. Mandado vencer ainda um touro, ele vencera, mas, irritado por ver seu amor recusado tantas vezes, acabou recusando o touro, que Cicno reclamava como recompensa final. Indignado, Cicno exclamou: “Arrepender-te-ás de não dares”, e atirou-se do alto do rochedo. Todos acharam que ia morrer: transformado em cisne, pairou no ar sustentado pelas asas cor de neve. Sua mãe, Híria, porém, sem saber que ele se salvara, desfez-se em pranto e tornou-se um lago que tem o seu nome. Perto dali fica Plauron, onde, batendo as asas trementes, Combe, filha de Ofio, fugiu dos ataques dos filhos. Avistou, depois, os campos de Calaúria, consagrados a Apolo, que assistiram à transformação em aves do rei e da rainha. A direita, fica Cilene, onde Menefron teve comércio carnal com a própria mãe, à feição dos animais selvagens. Mais distante, vê Cefise, chorando a sorte do neto transformado por Apolo em uma grande foca, e a morada de Eumelo, chorando o filho desaparecido no ar.Finalmente, levada pelas asas dos dragões, Medéia chegou a Efire, onde se encontra a fonte de Pirene. Ali, nos tempos mais antigos, conta-se, nasceram os mortais, saídos de cogumelos brotados com a chuva. Depois, porém, que a nova esposa foi vitimada pelos venenos da Cólchida, que ambos os mares viram o incêndio do palácio real, que a sacrílega espada se banhou no sangue dos filhos, a mãe, vingada tão atrozmente, fugiu das armas de Jasão. De lá, levada pelos dragões do filho do Titã, entrou na cidadela de Palas, que te viu,

justíssima Fene, e tu, velho Perifa, voando juntos, e viu a neta de Polipemone sustentada por asas recém-surgidas. Egeu acolheu-a — a única coisa que nele merece censura — e não se limitou a dar hospitalidade: uniu-se a ela pelo casamento.

Teseu

Já regressara Teseu, filho ainda desconhecido pelo pai, que, pelo seu valor, pacificara o istmo entre os dois mares. Para matá-lo, Medéia prepara uma bebida com o acônito que outrora trouxera das plagas citas. Segundo se diz, esse veneno saiu dos dentes do cão nascido de Ecdinéa. Há uma caverna escura de cuja tenebrosa abertura parte uma ladeira pela qual o herói de Titinto, um dia, apesar de sua resistência, com os olhos afastados da luz e dos raios brilhantes do Sol, arrastou Cérbero, preso a cadeias mais sólidas que o ferro, e que, incitado por uma ira furiosa, encheu os ares com seus tríplices e simultâneos latidos e espalhou pelos campos verdejantes sua espuma esbranquiçada. Essa, dizem, solidificou-se e, encontrando alimento em um solo rico e feraz, adquiriu virtudes nocivas. E, crescendo vivaz no duro chão rochoso, os camponeses a chamam de “acônito”. Foi esse veneno que, por malícia da esposa, Egeu, sendo pai, ofereceu ao filho, como a um inimigo. Ignorando o perigo, Teseu erguera a taça oferecida, quando seu pai notou, nos copos de marfim da espada, o emblema de sua estirpe, e evitou que o crime se consumasse. Medéia escapou da morte graças a uma nuvem que formou com os seus encantamentos. O pai, embora se alegrando ao ver o filho são e salvo, fica atônito ao constatar quão perto andou de cometer um crime abominável. Acende o fogo dos altares, cumula os deuses de oferendas, e os machados ferem o pescoço musculoso dos novilhos. Jamais, segundo dizem, brilhou um dia mais celebrado pelos atenienses. Os próceres e o vulgo reúnem-se em festins. E entoam este canto, inspirados pelo vinho: “Tu, grande Teseu, és admirado em Maratona, regada pelo sangue do touro de Creta; se os agricultores de Cromiona cultivam o campo em segurança, devem-te isso. Graças a ti, a terra de Epidauro viu cair o filho de Vulcano portador da clava; as margens do Cefiso viram cair o selvagem Procusto, e Elêusis, santuário de Ceres, viu a morte de Cercione. Pereceu aquele Sine que usou tão mal a sua grande força, capaz de vergar os troncos e que trazia do alto até a terra os pinheiros para espedaçar as suas vítimas. Estende-se agora segura a estrada que se dirige a Alcatoé de muralhas construídas por Lelex, vencido Cirão; a terra e o mar negam asilo aos ossos dispersos do salteador, que, dizem, depois de atirados de cá para lá, por muito tempo, transformaram-se em rochedo, aos quais ficou o nome de Cirão. Se enumerássemos o número de teus anos e de teus títulos, teus feitos

sobrepujariam os anos. Por ti, ó valorosíssimo, rendemos publicamente graças aos deuses, e erguemos as nossas taças". O palácio real ressoa com as aclamações do povo e com as preces da entusiástica multidão: em toda a cidade, não houve lugar onde houvesse tristeza.

***Medea* – Seneca**

Nutrix Pauet animus, horret: magna pernicies adest.[363]
immane quantum augescit et semet dolor
accendit ipse uimque praeteritam integrat.
uidi furentem saepe et aggressam deos,
caelum trahentem: maius his, maius parat
Medea monstrum. namque ut attonito gradu
euasit et penetrale funestum attigit,
totas opes effundit et quidquid diu
etiam ipsa timuit promit atque omnem explicat
turbam malorum, arcana secreta abdita,
et triste laeua comparans sacrum manu
pestes uocat quascumque feruentis creat
harena Libyae quasque perpetua niue
Taurus coercet frigore Arctoo rigens,
et omne monstrum. tracta magicis cantibus
squamifera latebris turba desertis adest.
hic saeua serpens corpus immensum trahit
trifidamque linguam exertat et quaerit quibus
mortifera ueniat: carmine audito stupet
tumidumque nodis corpus aggestis plicat
cogitque in orbes. 'Parua sunt' inquit 'mala
et uile telum est, ima quod tellus creat:
caelo petam uenena. iam iam tempus est
aliquid mouere fraude uulgari altius.
huc ille uasti more torrentis patens
descendat anguis, cuius immensos duae,
maior minorque, sentiunt nodos ferae
(maior Pelasgis apta, Sidoniis minor),
pressasque tandem soluat Ophiuchus manus
uirusque fundat; adsit ad cantus meos

[363] SÉNÈQUE. **Tragédies**. Texte établi et traduit par: François-Régis Chaumartin. Paris: Les Belles Lettres, 1996.

lacessere ausus gemina Python numina,
et Hydra et omnis redeat Herculea manu
succisa serpens caede se reparans sua.
tu quoque relictis peruigil Colchis ades,
sopite primum cantibus, serpens, meis.'
Postquam euocauit omne serpentum genus,
congerit in unum frugis infaustae mala:
quaecumque generat inuius saxis Eryx,
quae fert opertis hieme perpetua iugis
sparsus cruore Caucasus Promethei,
et quis sagittas diuites Arabes linunt
pharetraque pugnax Medus aut Parthi leues,
aut quos sub axe frigido sucos legunt
lucis Suebae nobiles Hyrcaniis;
quodcumque tellus uere nidifico creat
aut rigida cum iam bruma decussit decus
nemorum et niuali cuncta constrinxit gelu,
quodcumque gramen flore mortifero uiret,
dirusue tortis sucus in radicibus
causas nocendi gignit, attrectat manu.
Haemonius illas contulit pestes Athos,
has Pindus ingens, illa Pangaei iugis
teneram cruenta falce deposuit comam;
has aluit altum gurgitem Tigris premens,
Danuuius illas, has per arentis plagas
tepidis Hydaspes gemmifer currens aquis,
nomenque terris qui dedit Baetis suis
Hesperia pulsans maria languenti uado.
haec passa ferrum est, dum parat Phoebus diem,
illius alta nocte succisus frutex;
at huius ungue secta cantato seges.
Mortifera carpit gramina ac serpentium
saniem exprimit miscetque et obscenas aues
maestique cor bubonis et raucae strigis

exsecta uiuae uiscera. haec scelerum artifex
discreta ponit: his rapax uis ignium,
his gelida pigri frigoris glacies inest.
addit uenenis uerba non illis minus
metuenda.++Sonuit ecce uesano gradu
canitque. mundus uocibus primis tremit.
Medea Comprecor uulgus silentum uosque ferales deos
et Chaos caecum atque opacam Ditis umbrosi domum,
Tartari ripis ligatos squalidae Mortis specus.
supplicis, animae, remissis currite ad thalamos nouos:
rota resistat membra torquens, tangat Ixion humum,
Tantalus securus undas hauriat Pirenidas,
[grauior uni poena sedeat coniugis socero mei]
lubricus per saxa retro Sisyphum soluat lapis.
uos quoque, urnis quas foratis inritus ludit labor,
Danaides, coite: uestras hic dies quaerit manus.++
nunc meis uocata sacris, noctium sidus, ueni
pessimos induta uultus, fronte non una minax.
Tibi more gentis uinculo soluens comam
secreta nudo nemora lustraui pede
et euocaui nubibus siccis aquas
egique ad imum maria, et Oceanus graues
interius undas aestibus uictis dedit,
pariterque mundus lege confusa aetheris
et solem et astra uidit et uetitum mare
tetigistis, ursae. temporum flexi uices:
aestiua tellus horruit cantu meo,
coacta messem uidit hibernam Ceres;
uiolenta Phasis uertit in fontem uada
et Hister, in tot ora diuisus, truces
compressit undas omnibus ripis piger;
sonuere fluctus, tumuit insanum mare
tacente uento; nemoris antiqui domus
amisit umbras uocis imperio meae.++

die relicto Phoebus in medio stetit,
Hyadesque nostris cantibus motae labant:
adesse sacris tempus est, Phoebe, tuis.
Tibi haec cruenta serta texuntur manu,
nouena quae serpens ligat,
tibi haec Typhoeus membra quae discors tulit,
qui regna concussit Iouis.
uectoris istic perfidi sanguis inest,
quem Nessus expirans dedit.
Oetaeus isto cinere defecit rogus,
qui uirus Herculeum bibit.
piae sororis, impiae matris, facem
ultricis Althaeae uides.
reliquit istas inuio plumas specu
Harpyia, dum Zeten fugit.
his adice pinnas sauciae Stymphalidos
Lernaea passae spicula.++
sonuistis, arae, tripodas agnosco meos
fauente commotos dea.
Video Triuiae currus agiles,
non quos pleno lucida uultu
pernox agitat,
sed quos facie lurida maesta,
cum Thessalicis uexata minis
caelum freno propiore legit.
sic face tristem pallida lucem
funde per auras,
horrore nouo terre populos
inque auxilium, Dictynna, tuum
pretiosa sonent aera Corinthi.
Tibi sanguineo caespite sacrum
sollemne damus,
tibi de medio rapta sepulcro
fax nocturnos sustulit ignes,

tibi mota caput flexa uoces
ceruice dedi,
tibi funereo de more iacens
passos cingit uitta capillos,
tibi iactatur tristis Stygia
ramus ab unda,
tibi nudato pectore maenas
sacro feriam bracchia cultro.
manet noster sanguis ad aras:
assuesce, manus, stringere ferrum
carosque pati posse cruores++
sacrum laticem percussa dedi.
Quodsi nimium saepe uocari
quereris uotis, ignosce, precor:
causa uocandi, Persei, tuos
saepius arcus
una atque eadem est semper, Iason.
Tu nunc uestes tinge Creusae,
quas cum primum sumpserit, imas
urat serpens flamma medullas.
Ignis fuluo clusus in auro
latet obscurus, quem mihi caeli
qui furta luit uiscere feto
dedit et docuit condere uires
arte, Prometheus; dedit et tenui
sulphure tectos Mulciber ignes,
et uiuacis fulgura flammae
de cognato Phaethonte tuli.
habeo mediae dona Chimaerae,
habeo flammas usto tauri
gutture raptas,
quas permixto felle Medusae
tacitum iussi seruare malum.
Adde uenenis stimulos, Hecate,

donisque meis semina flammae
condita serua:
fallant uisus tactusque ferant,
meet in pectus uenasque calor,
stillent artus ossaque fument
uincatque suas flagrante coma
noua nupta faces.
Vota tenentur: ter latratus
audax Hecate dedit et sacros
edidit ignes face luctifera.
Peracta uis est omnis: huc gnatos uoca,
pretiosa per quos dona nubenti feram.
Ite, ite, nati, matris infaustae genus,
placate uobis munere et multa prece
dominam ac nouercam. uadite et celeres domum
referte gressus, ultimo amplexu ut fruar.

Tradução

***Medeia* – Quarto episódio – Sêneca**

[Entra a ama]
AMA

A minha alma alvoraça-se e horroriza-se: uma grande[364]
[catástrofe se aproxima.
É assustador ver como cresce a angústia desta mulher e
[como se inflama
a si própria e recupera a energia de outrora.
Vi-a muitas vezes a enfurecer-se e a atacar os deuses,
fazendo baixar o céu: um horror maior do que estes,
um horror maior está a ser preparado por Medeia.
[Quando se afastou
com um andar desvairado e chegou ao seu funesto refúgio,
serviu-se de todos os seus recursos, exibindo aquilo que
até ela própria por muito tempo temera e desenrolando todo
o acervo de malefícios — mistérios, segredos, coisas ocultas.
E, preparando um ritual sinistro com a mão esquerda,
invoca as pragas, todas as que a areia
da ardente Líbia origina e que o Tauro, enregelado
com o frio do Árctico, encerra numa neve eterna,
e todos os monstros. Atraída pelos cantos de magia,
uma multidão de répteis deixa o covil e aproxima-se.
Uma aterradora serpente arrasta para aqui o corpo imenso,
mostra a língua trifurcada e procura perceber para quem
se vai tornar mortífera: ao ouvir os cantos, fica paralisada,
enrosca o corpo entumescido com um amontoado de nós
e enrola-os em espirais. "Ínfimos são os males", diz ela,
"e vis as armas que as profundezas da terra produzem:

[364] Tradução de SOUZA, Ana Alexandra Alves de. **Medeia**. Tradução do Latim, introdução e notas. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013.

procurarei venenos vindos do céu. Agora, agora é tempo
de preparar algo mais sublime do que um sortilégio
habitual! Que desça aqui a famosa serpente que
se estende como uma enorme torrente cujos imensos
anéis sentem as duas Ursas, a Maior e a Menor,
(a Maior é útil aos Pelasgos; aos Sidónios, a Menor);
que o Ofiúco alivie, por fim, a pressão das suas mãos
e deixe o veneno espalhar-se; que, aos meus cantos,
venha Píton que ousou atacar os gémeos divinos;
e que regresse a Hidra e todas as serpentes que eram cortadas
pela mão de Hércules e renasciam da sua própria destruição.
E tu, deixa a Cólquida e aproxima-te de mim, serpente
sempre vigilante, adormecida pela primeira vez graças
[aos meus encantamentos."
Depois de invocar todo o género de serpentes,
reúne os malefícios das ervas malfazejas num só montão:
todos os que o inacessível Érice gera nos seus penhascos,
todos os que o Cáucaso, aspergido com o sangue de
Prometeu, produz, nos seus cimos envoltos em
[brancura permanente;
todas as plantas com que untam as setas os opulentos Árabes,
os Medos, com seus arcos belicosos, ou os ágeis Partos;
ou todas as seivas que, sob um clima gélido, as nobres
mulheres suevas recolhem nas florestas da Hircânia;
tudo o que a terra produz na primavera cheia de ninhos,
ou quando o frio rigoroso sacode o atavio
dos bosques e envolve tudo num gelo glacial;
todas as ervas que florescem com flores letais,
toda a seiva medonha que, nas suas raízes retorcidas,
gera meios para matar, tudo isso ela manuseia.
Algumas destas pestíferas plantas vêm da montanha do
[Atos da Hemónia,
outras do imenso Pindo; nos cimos do Pangeu, aquela
entregou a folhagem macia à foice ensanguentada;

a estas alimentou-as o Tigre, ao estreitar o seu leito profundo;
àquelas, o Danúbio; a estas, o Hidaspes de águas quentes,
que corre por regiões ressequidas, levando gemas;
àquelas, o Bétis, que deu nome ao seu território,
desaguando nos mares da Hespéria, com as suas águas
[indolentes.
Uma submeteu-se ao ferro, enquanto Febo preparava o dia;
daquela outra foi a haste cortada a altas horas da noite;
mas o caule desta foi unha gadanha que o cortou.
Ela colhe as ervas mortíferas, espreme
o veneno das serpentes e mistura, com aves agoirentas,
o coração de um bufo aziago e as vísceras de uma
[rouca estrige,
extirpadas enquanto estava viva. A artífice de delitos
separa-os por ordem: umas têm a força voraz do fogo,
outras contêm o glacial gelo de um frio entorpecedor.
Junta aos venenos palavras não menos temíveis
do que aqueles. Ouçam, é o seu andar tresloucado que ressoa
e as suas canções! O universo estremece às suas primeiras
[palavras.

[Medeia entra]

MEDEIA

Suplico à multidão de almas silentes e a vós, deuses infernais,
ao tenebroso Caos e à negra morada do sombrio Dite,
às cavernas da esquálida Morte, confinadas às margens
do Tártaro. Almas, dispensados os suplícios, corram,
[céleres, para o novo casamento:
detenha-se a roda que retorce os membros de Ixíon,
[toque ele o chão;
sacie-se Tântalo, sem sobressaltos, nas águas de Pirene;
[mantenha-se o castigo — mais severo ainda — apenas

[para o sogro de meu marido,]
que a rocha, deslizando para trás entre os penedos,
[derrube Sísifo.
Vós também, de quem zomba o esforço gasto em vão
[com as vasilhas crivadas de furos,
filhas de Dánao, vinde em grupo: este dia precisa das
[vossas mãos.
Convidada para os meus rituais, vem agora, astro nocturno,
trazendo um aspecto horrível, ameaçando com cada
[uma das tuas faces.
Para ti, soltando o laço dos cabelos, conforme o costume
do meu povo, percorri os bosques recônditos
de pés descalços e fiz jorrar água de nuvens secas,
e empurrei o mar para os seus abismos: o Oceano produziu
forte ondulação nas suas profundezas, vencidas as marés.
Subverteram-se as leis do firmamento; e o mundo viu,
ao mesmo tempo, o sol e os astros; e vós, Ursas, tocastes
no mar proibido. Alterei a ordem das estações:
no Verão a terra arrepiou-se com o meu canto
e Ceres foi obrigada a assistir a uma colheita no Inverno.
O Fásis fez refluir o seu impetuoso caudal até à nascente,
e o Histro, que se ramifica em tão numerosas
embocaduras, conteve as águas ameaçadoras, deslizando
[serenamente em todos os seus canais.
As vagas ressoaram, o mar enfurecido intumesceu,
ainda que não se ouvisse o vento. A morada do antigo
bosque perdeu a sua sombra por ordem da minha voz.
Ao abandonar o dia, Febo parou em pleno curso,
e as Híades vacilam, perturbadas pelos meus cantos.
É altura, Febo, de celebrar os teus rituais.
São para ti estas grinaldas que mãos ensanguentadas
entretecem (nove serpentes as enlaçam),
para ti estes membros que pertenciam ao rebelde
Tifeu, o qual abalou o reino de Júpiter.

Aqui está o sangue do pérfido barqueiro,
que Nesso me ofereceu ao expirar.
A pira do Eta, que bebeu o veneno de Hércules,
ficou reduzida a esta cinza.
Eis o facho da piedosa irmã e da desnaturada mãe,
a vingadora Alteia.
A Harpia deixou para trás estas penas numa gruta
sem acesso, enquanto fugia de Zetes.
Acrescenta-lhes as penas de uma ave ferida do Estinfalo,
vítima das setas de Lerna.
Altares, ressoastes; reconheço o estremecer das minhas
trípodes, quando a deusa se mostra favorável.
Estou a ver o carro veloz de Trívia,
não aquele que ela impele pela noite fora,
luminosa em toda a sua face,
mas o que ela impele, lívida, com expressão consternada,
quando, atormentada pelas ameaças tessálicas,
atravessa o céu com rédeas mais curtas.
Assim, com um facho pálido, espalha pelos ares
uma luz sombria, aterroriza os povos
com uma nova ameaça e em teu auxílio, Dictina,
vibrem os preciosos bronzes de Corinto.
Para ti, num altar de erva ensanguentada, fazemos
um sacrifício ritual;
para ti, arrebatado do meio de uma pira fúnebre,
o archote desencadeia fogos nocturnos; para ti,
movendo a cabeça e flectindo o pescoço, eu proferi
fórmulas; para ti, colocada segundo o costume fúnebre,
uma faixa cinge os meus cabelos soltos;
para ti brando este ramo sinistro,
vindo das águas do Estige;
para ti, com o peito nu, como uma Ménade,
golpearei os braços com uma faca sagrada.
Jorre o meu sangue sobre o altar.

Acostuma-te, mão, a desembainhar a espada
e a conseguir suportar as golfadas do teu próprio sangue:
lacerando-me, ofereci o sagrado líquido.
Mas, se te queixares de seres invocada demasiadas vezes
pelas minhas preces, perdoa-me, eu te imploro.
Filha de Perses, a razão por que invoco
tão amiúde o teu arco
é só uma e sempre a mesma: Jasão.
Tu, tinge agora as vestes de Creúsa,
e, assim que ela as vestir, a chama
serpenteando queime-lhe os ossos até à medula.
Fechado num ouro fulvo, dissimulado,
esconde-se o fogo que me deu
aquele que, com o fígado sempre refeito, expiou
o que aos céus roubou e me ensinou a ocultar com arte
o poder do fogo, Prometeu. Mulcíbero também me
deu o fogo coberto com um ténue manto de enxofre
e foram relâmpagos de chama inextinguível
que recebi do meu parente Faetonte.
Tenho dádivas tiradas do meio do corpo da Quimera,
tenho chamas arrancadas às goelas
igníferas do touro,
que misturei com o fel de Medusa,
ordenando que mantivessem escondido o seu malefício.
Reforça os meus venenos, Hécate, e preserva
as sementes das chamas ocultas nas minhas dádivas:
passem despercebidas à vista e ao tacto sejam
insensíveis, penetre o calor no peito e nas veias,
liquefaçam-se os membros e fumeguem os ossos,
e com a cabeleireira a arder sobressaia
sobre os fachos nupciais a nova noiva.
As minhas preces foram ouvidas: três vezes ladrou
a feroz Hécate e cuspiu fogos
sagrados o seu facho sinistro.

A poderosa mistura está acabada. Chama para aqui
as crianças, para, por seu intermédio, eu entregar
[à nubente as preciosas oferendas.

Entram os filhos de Medeia

***Pharsalia i;* Liber VI – Lucanus**

hac ubi damnata fatis tellure locarunt[365]
castra duces, cunctos belli praesaga futuri
mens agitat, summique grauem discriminis horam
aduentare palam est, propius iam fata moueri.
degeneres trepidant animi peioraque uersant;
ad dubios pauci praesumpto robore casus
spemque metumque ferunt. turbae sed mixtus inerti
Sextus erat, Magno proles indigna parente,
cui mox Scyllaeis exul grassatus in undis
polluit aequoreos Siculus pirata triumphos.
qui stimulante metu fati praenoscere cursus,
inpatiensque morae uenturisque omnibus aeger,
non tripodas Deli, non Pythia consulit antra,
nec quaesisse libet primis quid frugibus altrix
aere Iouis Dodona sonet, quis noscere fibra
fata queat, quis prodat aues, quis fulgura caeli
seruet et Assyria scrutetur sidera cura,
aut siquid tacitum sed fas erat. ille supernis
detestanda deis saeuorum arcana magorum
nouerat et tristis sacris feralibus aras,
umbrarum Ditisque fidem, miseroque liquebat
scire parum superos. uanum saeuumque furorem
adiuuat ipse locus uicinaque moenia castris
Haemonidum, ficti quas nulla licentia monstri
transierit, quarum quidquid non creditur ars est.
Thessala quin etiam tellus herbasque nocentes
rupibus ingenuit sensuraque saxa canentes
arcanum ferale magos. ibi plurima surgunt
uim factura deis, et terris hospita Colchis
legit in Haemoniis quas non aduexerat herbas.

[365] LUCAN; BOURGERY, A; PONCHONT, Max. **La guerre civile. (La Pharsale)**. Paris: Les Belles Lettres, 1948-1962. 2v.

inpia tot populis, tot surdas gentibus aures
caelicolum dirae conuertunt carmina gentis.
una per aetherios exit uox illa recessus
uerbaque ad inuitum perfert cogentia numen,
quod non cura poli caelique uolubilis umquam
auocat. infandum tetigit cum sidera murmur,
tum, Babylon Persea licet secretaque Memphis
omne uetustorum soluat penetrale magorum,
abducet superos alienis Thessalis aris.
carmine Thessalidum dura in praecordia fluxit
non fatis adductus amor, flammisque seueri
inlicitis arsere senes. nec noxia tantum
pocula proficiunt aut cum turgentia suco
frontis amaturae subducunt pignora fetae:
mens hausti nulla sanie polluta ueneni
excantata perit. quos non concordia mixti
alligat ulla tori blandaeque potentia formae
traxerunt torti magica uertigine fili.
cessauere uices rerum, dilataque longa
haesit nocte dies. legi non paruit aether,
torpuit et praeceps audito carmine mundus,
axibus et rapidis inpulsos Iuppiter urguens
miratur non ire polos. nunc omnia conplent
imbribus et calido praeducunt nubila Phoebo,
et tonat ignaro caelum Ioue: uocibus isdem
umentis late nebulas nimbosque solutis
excussere comis. uentis cessantibus aequor
intumuit, rursus uetitum sentire procellas
conticuit turbante Noto; puppemque ferentes
in uentum tumuere sinus. de rupe pependit
abscisa fixus torrens, amnisque cucurrit
non qua pronus erat. Nilum non extulit aestas,
Maeander derexit aquas, Rhodanumque morantem
praecipitauit Arar. summisso uertice montes

explicuere iugum, nubes suspexit Olympus,
solibus et nullis Scythicae, cum bruma rigeret,
dimaduere niues. inpulsam sidere Tethyn
reppulit Haemonium defenso litore carmen.
terra quoque inmoti concussit ponderis axes,
et medium uergens titubauit nisus in orbem.
tantae molis onus percussum uoce recessit
perspectumque dedit circum labentis Olympi.
omne potens animal leti genitumque nocere
et pauet Haemonias et mortibus instruit artes.
has auidae tigres et nobilis ira leonum
ore fouent blando; gelidos his explicat orbes
inque pruinoso coluber distenditur aruo;
uiperei coeunt abrupto corpore nodi,
humanoque cadit serpens adflata ueneno.
quis labor hic superis cantus herbasque sequendi
spernendique timor? cuius commercia pacti
obstrictos habuere deos? parere necesse est,
an iuuat? ignota tantum pietate merentur,
an tacitis ualuere minis? hoc iuris in omnis
est illis superos, an habent haec carmina certum
imperiosa deum, qui mundum cogere quidquid
cogitur ipse potest? illis et sidera primum
praecipiti deducta polo, Phoebeque serena
non aliter diris uerborum obsessa uenenis
palluit et nigris terrenisque ignibus arsit,
quam si fraterna prohiberet imagine tellus
insereretque suas flammis caelestibus umbras;
et patitur tantos cantu depressa labores
donec suppositas propior despumet in herbas.
    hos scelerum ritus, haec dirae crimina gentis
effera damnarat nimiae pietatis Erictho
inque *nouos* ritus pollutam duxerat artem.
illi namque nefas urbis summittere tecto

aut laribus ferale caput, desertaque busta
incolit et tumulos expulsis obtinet umbris
grata deis Erebi. coetus audire silentum,
nosse domos Stygias arcanaque Ditis operti
non superi, non uita uetat. tenet ora profanae
foeda situ macies, caeloque ignota sereno
terribilis Stygio facies pallore grauatur
inpexis onerata comis: si nimbus et atrae
sidera subducunt nubes, tunc Thessala nudis
egreditur bustis nocturnaque fulmina captat.
semina fecundae segetis calcata perussit
et non letiferas spirando perdidit auras.
nec superos orat nec cantu supplice numen
auxiliare uocat nec fibras illa litantis
nouit: funereas aris inponere flammas
gaudet et accenso rapuit quae tura sepulchro.
omne nefas superi prima iam uoce precantis
concedunt carmenque timent audire secundum.
uiuentis animas et adhuc sua membra regentis
infodit busto, fatis debentibus annos
mors inuita subit; peruersa funera pompa
rettulit a tumulis, fugere cadauera letum.
fumantis iuuenum cineres ardentiaque ossa
e mediis rapit illa rogis ipsamque parentes
quam tenuere facem, nigroque uolantia fumo
feralis fragmenta tori uestesque fluentis
colligit in cineres et olentis membra fauillas.
ast, ubi seruantur saxis, quibus intimus umor
ducitur, et tracta durescunt tabe medullae
corpora, tunc omnis auide desaeuit in artus
inmergitque manus oculis gaudetque gelatos
effodisse orbes et siccae pallida rodit
excrementa manus. laqueum nodosque nocentis
ore suo rupit, pendentia corpora carpsit

abrasitque cruces percussaque uiscera nimbis
uolsit et incoctas admisso sole medullas.
insertum manibus chalybem nigramque per artus
stintis tabi saniem uirusque coactum
sustulit et neruo morsus retinente pependit.
et, quodcumque iacet nuda tellure cadauer,
ante feras uolucresque sedet; nec carpere membra
uolt ferro manibusque suis, morsusque luporum
expectat siccis raptura e faucibus artus.
nec cessant a caede manus, si sanguine uiuo
est opus, erumpat iugulo qui primus aperto,
[nec refugit caedes, uiuum si sacra cruorem]
extaque funereae poscunt trepidantia mensae.
uolnere sic uentris, non qua natura uocabat,
extrahitur partus calidis ponendus in aris;
et quotiens saeuis opus est ac fortibus umbris
ipsa facit manes. hominum mors omnis in usu est.
illa genae florem primaeuo corpore uolsit,
illa comam laeua morienti abscidit ephebo.
saepe etiam caris cognato in funere dira
Thessalis incubuit membris atque oscula figens
truncauitque caput conpressaque dentibus ora
laxauit siccoque haerentem gutture linguam
praemordens gelidis infudit murmura labris
arcanumque nefas Stygias mandauit ad umbras.
    hanc ut fama loci Pompeio prodidit, alta
nocte poli, Titan medium quo tempore ducit
sub nostra tellure diem, deserta per arua
carpit iter. fidi scelerum suetique ministri
effractos circum tumulos ac busta uagati
conspexere procul praerupta in caute sedentem,
qua iuga deuexus Pharsalica porrigit Haemus.
illa magis magicisque deis incognita uerba
temptabat carmenque nouos fingebat in usus.

namque timens, ne Mars alium uagus iret in orbem
Emathis et tellus tam multa caede careret,
pollutos cantu dirisque uenefica sucis
conspersos uetuit transmittere bella Philippos,
tot mortes habitura suas usuraque mundi
sanguine: caesorum truncare cadauera regum
sperat et Hesperiae cineres auertere gentis
ossaque nobilium tantosque adquirere manes.
hic ardor solusque labor, quid corpore Magni
proiecto rapiat, quos Caesaris inuolet artus.
quam prior adfatur Pompei ignaua propago.
'o decus Haemonidum, populis quae pandere fata
quaeque suo uentura potes deuertere cursu,
te precor ut certum liceat mihi noscere finem
quem belli fortuna paret. non ultima turbae
pars ego Romanae, Magni clarissima proles,
uel dominus rerum uel tanti funeris heres.
mens dubiis perculsa pauet rursusque parata est
certos ferre metus: hoc casibus eripe iuris,
ne subiti caecique ruant. uel numina torque
uel tu parce deis et manibus exprime uerum.
Elysias resera sedes ipsamque uocatam,
quos petat e nobis, Mortem mihi coge fateri.
non humilis labor est: dignum, quod quaerere cures
uel tibi, quo tanti praeponderet alea fati.'
inpia laetatur uulgato nomine famae
Thessalis, et contra 'si fata minora moueres,
pronum erat, o iuuenis, quos uelles' inquit 'in actus
inuitos praebere deos. conceditur arti,
unam cum radiis presserunt sidera mortem,
inseruisse moras; et, quamuis fecerit omnis
stella senem, medios herbis abrumpimus annos.
at, simul a prima descendit origine mundi
causarum series, atque omnia fata laborant

si quicquam mutare uelis, unoque sub ictu
stat genus humanum, tum, Thessala turba fatemur,
plus Fortuna potest. sed, si praenoscere casus
contentus, facilesque aditus multique patebunt
ad uerum: tellus nobis aetherque chaosque
aequoraque et campi Rhodopaeaque saxa loquentur.
sed pronum, cum tanta nouae sit copia mortis,
Emathiis unum campis attollere corpus,
ut modo defuncti tepidique cadaueris ora
plena uoce sonent, nec membris sole perustis
auribus incertum feralis strideat umbra.'
dixerat, et noctis geminatis arte tenebris
maestum tecta caput squalenti nube pererrat
corpora caesorum tumulis proiecta negatis.
continuo fugere lupi, fugere reuolsis
unguibus inpastae uolucres, dum Thessala uatem
eligit et gelidas leto scrutata medullas
pulmonis rigidi stantis sine uolnere fibras
inuenit et uocem defuncto in corpore quaerit.
fata peremptorum pendent iam multa uirorum,
quem superis reuocasse uelit. si tollere totas
temptasset campis acies et reddere bello,
cessissent leges Erebi, monstroque potenti
extractus Stygio populus pugnasset Auerno.
electum tandem traiecto gutture corpus
ducit, et inserto laqueis feralibus unco
per scopulos miserum trahitur per saxa cadauer
uicturum, montisque caui, quem tristis Erictho
damnarat sacris, alta sub rupe locatur.
haud procul a Ditis caecis depressa cauernis
in praeceps subsedit humus, quam pallida pronis
urguet silua comis et nullo uertice caelum
suspiciens Phoebo non peruia taxus opacat.
marcentes intus tenebrae pallensque sub antris

longa nocte situs numquam nisi carmine factum
lumen habet. non Taenariis sic faucibus aer
sedit iners, maestum mundi confine latentis
ac nostri, quo non metuant admittere manes
Tartarei reges. nam, quamuis Thessala uates
uim faciat fatis, dubium est, quod traxerit illuc
aspiciat Stygias an quod descenderit umbras.
discolor et uario furialis cultus amictu
induitur, uoltusque aperitur crine remoto,
et coma uipereis substringitur horrida sertis.
ut pauidos iuuenis comites ipsumque trementem
conspicit exanimi defixum lumina uoltu,
'ponite' ait 'trepida conceptos mente timores:
iam noua, iam uera reddetur uita figura,
ut quamuis pauidi possint audire loquentem.
si uero Stygiosque lacus ripamque sonantem
ignibus ostendam, si me praebente uideri
Eumenides possint uillosaque colla colubris
Cerberus excutiens et uincti terga gigantes,
quis timor, ignaui, metuentis cernere manes?'
    pectora tum primum feruenti sanguine supplet
uolneribus laxata nouis taboque medullas
abluit et uirus large lunare ministrat.
huc quidquid fetu genuit natura sinistro
miscetur: non spuma canum quibus unda timori est,
uiscera non lyncis, non durae nodus hyaenae
defuit et cerui pastae serpente medullae,
non puppem retinens Euro tendente rudentis
in mediis echenais aquis oculique draconum
quaeque sonant feta tepefacta sub alite saxa,
non Arabum uolucer serpens innataque rubris
aequoribus custos pretiosae uipera conchae
aut uiuentis adhuc Libyci membrana cerastae
aut cinis Eoa positi phoenicis in ara.

quo postquam uiles et habentis nomina pestis
contulit, infando saturatas carmine frondis
et, quibus os dirum nascentibus inspuit, herbas
addidit et quidquid mundo dedit ipsa ueneni.
tum uox Lethaeos cunctis pollentior herbis
excantare deos confundit murmura primum
dissona et humanae multum discordia linguae.
latratus habet illa canum gemitusque luporum,
quod trepidus bubo, quod strix nocturna queruntur,
quod strident ululantque ferae, quod sibilat anguis;
exprimit et planctus inlisae cautibus undae
siluarumque sonum fractaeque tonitrua nubis:
tot rerum uox una fuit. mox cetera cantu
explicat Haemonio penetratque in Tartara lingua.
'Eumenides Stygiumque nefas Poenaeque nocentum
et Chaos innumeros auidum confundere mundos
et rector terrae, quem longa in saecula torquet
mors dilata deum; Styx et quos nulla meretur
Thessalis Elysios; caelum matremque perosa
Persephone, nostraeque Hecates pars ultima, per quam
manibus et mihi sunt tacitae commercia linguae,
ianitor et sedis laxae, qui uiscera saeuo
spargis nostra cani, repetitaque fila sorores
tracturae, tuque o flagrantis portitor undae,
iam lassate senex ad me redeuntibus umbris,
exaudite preces. si uos satis ore nefando
pollutoque uoco, si numquam haec carmina fibris
humanis ieiuna cano, si pectora plena
saepe deo laui calido prosecta cerebro,
si quisquis uestris caput extaque lancibus infans
inposuit uicturus erat, parete precanti.
non in Tartareo latitantem poscimus antro
adsuetamque diu tenebris, modo luce fugata
descendentem animam; primo pallentis hiatu

haeret adhuc Orci, licet has exaudiat herbas,
ad manes uentura semel. ducis omnia nato
Pompeiana canat nostri modo militis umbra,
si bene de uobis ciuilia bella merentur.'
haec ubi fata caput spumantiaque ora leuauit,
aspicit astantem proiecti corporis umbram,
exanimis artus inuisaque claustra timentem
carceris antiqui. pauet ire in pectus apertum
uisceraque et ruptas letali uolnere fibras.
a miser, extremum cui mortis munus inique
eripitur, non posse mori. miratur Erictho
has fatis licuisse moras, irataque morti
uerberat inmotum uiuo serpente cadauer,
perque cauas terrae, quas egit carmine, rimas
manibus inlatrat regnique silentia rumpit.
'Tisiphone uocisque meae secura Megaera,
non agitis saeuis Erebi per inane flagellis
infelicem animam? iam uos ego nomine uero
eliciam Stygiasque canes in luce superna
destituam; per busta sequar per funera custos,
expellam tumulis, abigam uos omnibus urnis.
teque deis, ad quos alio procedere uoltu
ficta soles, Hecate pallenti tabida forma,
ostendam faciemque Erebi mutare uetabo.
eloquar inmenso terrae sub pondere quae te
contineant, Hennaea, dapes, quo foedere maestum
regem noctis ames, quae te contagia passam
noluerit reuocare Ceres. tibi, pessime mundi
arbiter, inmittam ruptis Titana cauernis,
et subito feriere die. paretis, an ille
conpellandus erit, quo numquam terra uocato
non concussa tremit, qui Gorgona cernit apertam
uerberibusque suis trepidam castigat Erinyn,
indespecta tenet uobis qui Tartara, cuius

uos estis superi, Stygias qui perierat undas?'
protinus astrictus caluit cruor atraque fouit
uolnera et in uenas extremaque membra cucurrit.
percussae gelido trepidant sub pectore fibrae,
et noua desuetis subrepens uita medullis
miscetur morti. tunc omnis palpitat artus,
tenduntur nerui; nec se tellure cadauer
paulatim per membra leuat, terraque repulsum est
erectumque semel. distento lumina rictu
nudantur. nondum facies uiuentis in illo,
iam morientis erat: remanet pallorque rigorque,
et stupet inlatus mundo. set murmure nullo
ora astricta sonant: uox illi linguaque tantum
responsura datur. 'dic' inquit Thessala 'magna,
quod iubeo, mercede mihi; nam uera locutum
inmunem toto mundi praestabimus aeuo
artibus Haemoniis: tali tua membra sepulchro,
talibus exuram Stygio cum carmine siluis,
ut nullos cantata magos exaudiat umbra.
sit tanti uixisse iterum: nec uerba nec herbae
audebunt longae somnum tibi soluere Lethes
a me morte data. tripodas uatesque deorum
sors obscura decet: certus discedat, ab umbris
quisquis uera petit duraeque oracula mortis
fortis adit. ne parce, precor: da nomina rebus,
da loca; da uocem qua mecum fata loquantur.'
addidit et carmen, quo, quidquid consulit, umbram
scire dedit. maestum fletu manante cadauer
'tristia non equidem Parcarum stamina' dixit
'aspexi tacitae reuocatus ab aggere ripae;
quod tamen e cunctis mihi noscere contigit umbris
effera Romanos agitat discordia manes
inpiaque infernam ruperunt arma quietem;
Elysias Latii sedes ac Tartara maesta

diuersi liquere duces. quid fata pararent
hi fecere palam. tristis felicibus umbris
uoltus erat: uidi Decios natumque patremque,
lustrales bellis animas, flentemque Camillum
et Curios, Sullam de te, Fortuna, querentem;
deplorat Libycis perituram Scipio terris
infaustam subolem; maior Carthaginis hostis
non seruituri maeret Cato fata nepotis:
solum te, consul depulsis prime tyrannis
Brute, pias inter gaudentem uidimus umbras.
abruptis Catilina minax fractisque catenis
exultat Mariique truces nudique Cethegi;
uidi ego laetantis, popularia nomina, Drusos
legibus inmodicos ausosque ingentia Gracchos;
aeternis chalybis nodis et carcere Ditis
constrictae plausere manus, camposque piorum
poscit turba nocens. regni possessor inertis
pallentis aperit sedes, abruptaque saxa
asperat et durum uinclis adamanta, paratque
poenam uictori. refer haec solacia tecum,
o iuuenis, placido manes patremque domumque
expectare sinu regnique in parte serena
Pompeis seruare locum. nec gloria paruae
sollicitet uitae: ueniet quae misceat omnis
hora duces. properate mori, magnoque superbi
quamuis e paruis animo descendite bustis
et Romanorum manes calcate deorum.
quem tumulum Nili, quem Thybridis adluat unda
quaeritur, et ducibus tantum de funere pugna est.
tu fatum ne quaere tuum: cognoscere Parcae
me reticente dabunt; tibi certior omnia uates
ipse canet Siculis genitor Pompeius in aruis,
ille quoque incertus quo te uocet, unde repellat,
quas iubeat uitare plagas, quae sidera mundi.

Europam, miseri, Libyamque Asiamque timete:
distribuit tumulos uestris fortuna triumphis.
o miseranda domus, toto nil orbe uidebis
tutius Emathia.' sic postquam fata peregit,
stat uoltu maestus tacito mortemque reposcit.
carminibus magicis opus est herbisque, cadauer
ut cadat, et nequeunt animam sibi reddere fata
consumpto iam iure semel. tunc robore multo
extruit illa rogum; uenit defunctus ad ignes.
accensa iuuenem positum strue liquit Erictho
tandem passa mori, Sextoque ad castra parentis
it comes; et caelo lucis ducente colorem,
dum ferrent tutos intra tentoria gressus,
iussa tenere diem densas nox praestitit umbras.

Tradução

***Farsália;* Canto VI (excerto) – Lucano**

Quando, naquele chão maldito, os generais[366]
puseram seus quartéis, prevendo adiante a guerra,
a mente a todos turba. Eis que chega a hora grave
do derradeiro risco – o Fado se aproxima.
Tremem as almas vis e as piores coisas pensam.
Uns poucos, com valor perante a dúbia sina,
medo e esperança têm. Porém, na turba inerte
estava Sexto – u'a prole indigna de seu pai,
Magno, de quem, depois, no mar de Cila errando,
o síciulo pirata estragou os triunfos.
Por medo estimulado a perscrutar o Fado,
impaciente co' o atraso e enfermo co' o porvir,
a Pítia não consulta, ou a trípode em Delos.
Não deseja buscar o que Dodona soou
no bronze jóveo, ou a quem pode saber
na entranha o Fado, a quem augure, a quem no céu
observe os raios e, co' assírio zelo, os astros;
ou um segredo qualquer – mas lícito. Os arcanos
do sevos magos, detestados pelos deuses,
ele aprendera, e o triste altar dos sacrifícios,
a fé nas sombras e em Plutão. Claro é p'ra o mísero
que sabem pouco os céus. Ao sevo e vão furor
ajudam o lugar e as muralhas hemônias
vizinhas, que nenhum prodígio fabuloso
podia ultrapassar na arte do que é incrível.
A Tessália, ainda mais produz ervas nocivas
sobre os rochedos, e, em suas pedras, magos ouvem
os segredos ferais. Nascem coisas ali

[366] Traduzido por GOUVÊA-JÚNIOR. Márcio Meirelles. **Farsália**. Livro VI. Em fase de elaboração. 2025.

que aos deuses forçam – estrangeira em terra hemônia,
a colca ali colheu ervas que não levara.
O ímpio canto da cruel gente atrai os ouvidos
dos deuses surdos para os povos e as nações.
Só aquela voz chega aos recôncavos etéreos
e leva a fala imposta ao descontente deus
que não descuida do eixo e das voltas do céu.
Quando o murmúrio infame alcançou as estrelas,
então, embora a Babilônia, a Pérsia e Mênfis
os penetrais de antigos magos patenteassem,
da ara estranha, a Tessália os deuses afastou.
Co' encantos da Tessália, ao duro cor afluiu
um amor que não do Fado. Arderam graves velhos
na chama ilícita. As poções daninhas não
funcionam tanto, nem o inchaço retirado
co' a água, da fronte, garantindo o amor à cria.
Não corrompida por veneno algum sorvido,
morreu a alma encantada. Aqueles, que a Concórdia
e a beleza não prendem ao tálamo, os fios
em dança mágica torcidos arrastaram.
Cessou o devir de tudo. Alongando-se a noite,
deteve o dia; às leis o éter não acatou
e, ouvindo o encanto, o mundo, afoito entorpeceu,
e Júpiter, que empurra os polos no eixo rápido,
vê que não vão. Agora, as nuvens enchem tudo
de chuva e se antepõem ao quente Febo. O céu,
sem que Júpiter saiba atroa; co' essas vozes
dissiparam-se a névoa e os encomados nimbos.
Cessando o vento, o mar se inchou, e, por sua vez,
proibido de sentir as procelas, calou-se,
turbando-o o Noto. As velas, naus levando ao vento,
inflaram-se. Pendeu de uma rocha partida
a cachoeira parada, e águas p'ra trás correram.
O verão não verteu o Nilo; endireitou

o Meandro as águas; atirou-se o Arar ao Ródano.
Montes, o alto perdendo, os cumes desprenderam;
o Olimpo viu debaixo as nuvens e, sem sol,
embora o inverno, derreteu-se a neve cita.
O encantamento hemônio, a praia defendendo,
afastou Tétis, empurrada por u'a estrela.
A terra sacudiu o eixo do peso imóvel,
e o esforço por manter-se no orbe vacilou.
Golpeada pela voz, retrocedeu a massa
que foi vista librando a circundar o Olimpo.
Todo animal letal, p'ra o malfazer nascido,
teme a arte hemônia e ajuda as mortes. Tigres ávidos
e a nobre fúria dos leões, co' a boca mansa
acariciam-na. Por ela, os anéis frios
abre a cobra e se estende em um campo com geada.
Os nós da víbora, rompido o corpo, ajuntam-se
e a serpe por veneno humano cai soprada.
Que esforço é, para os céus, servir a encantos e, ervas
temendo, os desprezar? Prendeu que pacto os deuses?
Gostam de obedecer ou necessitam dele?
Por piedade insabida, eles tanto o merecem
ou vale a muda ameaça? A todos deuses manda,
ou esse canto impera sobre um certo deus
que obriga o mundo, ao que ele mesmo é constrangido?
Ele primeiro fez as estrelas descerem
do céu pendente. A mansa Fêbea, obsedada
pelos venenos do esconjuro, empaleceu
e, co' os terrenos fogos negros, se queimou,
qual se a imagem fraterna a terra lhe vedasse
e, co' as chamas do céu, inserisse as suas sombras;
e, caída por encanto, aguenta tanto esforço
até que perto espuma as ervas sotopostas.

ERICTO

Tais ritos criminais, cantos da dira gente,
Ericto por demais piedosos condenara.
e aplicara a arte impura a novos ritos, pois
para ela é crime entrar em casa ou lar da urbe
a cabeça feral. Mora em tumbas vazias,
obtém os túmulos as sombras expelindo.
É grata aos deuses infernais. Ouvir os mudos,
conhecer as mansões estígias e os arcanos
não lhe impedem os céus nem a vida. Da ímpia
tem podre o magro rosto, ínscio do céu sereno,
marcado pela palidez do Estige horrendo.
Sua cabeleira é desgrenhada: se atras nuvens
tampam os rostos, a tessália, então, das tumbas
desnudas sai e vai colher raios noturnos.
Queimou na fértil messe as sementes pisadas
e, expirando, estragou os ares não mortíferos.
Não reza aos céus ou chama um deus com cantos súplices,
e não conhece as vísceras propiciatórias.
Alegra-se por pôr nas aras chamas fúnebres
e em tumbas pega o incenso aceso. À prima fala
de seu rogo já os céus todos crimes concedem-lhe,
temendo ouvir segundo encanto. Induz ao túmulo
vivas almas que ainda os membros seus conduzem
e, anos devendo ao Fado, a ínvita morte chega.
Pervertendo o ritual, afastou dos sepulcros
os funerais, e à morte os corpos escaparam.
Em meio às piras, pega as brasas fumegantes;
ossos quentes de um moço, as tochas dos parentes,
de um leito fúnebre, os pedaços que revoavam
no fumo negro; as vestimentas desmanchadas
entre as cinzas e a brasa, a reacender os membros.
Quando, nas pedras, põe-se um corpo e extrai-se a linfa,

e da medula o podre sai, ele endurece.
Ela, então, se ira avidamente contra os membros,
nos olhos mete a mão e de arrancar se alegra
os globos frios. Rói pálidos excrementos
de uma mão seca. Com sua boca, rompe os laços
e os nós mortais, e colhe os corpos pendurados.
Raspa as cruzes e apanha as vísceras batidas
pela chuva, e no sol as entranhas queimadas.
O aço enfiado nas mãos e o atro podre do pus
que sai dos membros, co' o veneno, recolheu
e, no nervo retido, a mordida pendeu.
Junto a qualquer corpo que jaza em terra nua,
antes das feras e aves fica. Com suas mãos,
não quer cortar a ferro os membros, e as mordidas
de um lobo espera, p'ra os tomar das fauces secas.
Não cessam de matar as mãos: se vivo sangue
é preciso, que irrompa o primeiro da gorja.
Não foge à morte, se os rituais um vivo cruor
e as funerárias essas pendem órgãos trépidos.
Por ferida no ventre, e não por onde chama
a natureza, extrai e queima na ara o feto.
Quando precisa das mais fortes e cruéis sombras,
faz ela os manes. Usa todas mortes de homens.
Ela arrancou a flor da face a um corpo jovem
e, co' a canhota, a um moribundo efebo a coma.
Amiúde, se velando um querido parente,
a tessália inclinou-se aos membros, e o beijando,
destroncou a cabeça. Apertando-a co' os dentes,
abriu a boca; e a língua seca na garganta
remordendo, infundiu um murmurar nos lábios,
mandando à sombra estígia um segredo nefasto.

[Ericto vê o destino de Pompeu]

Quando a fama local revelou-a a Pompeu,
noite alta, na hora em que o Titã conduz debaixo
da terra o meio dia, ele, através dos ermos,
toma rumo. De Ericto, os serviçais dos crime
vagando em volta de quebradas sepulturas,
a viram assentada em u'a rocha distante,
onde, a correr p'ra baixo, o Hemo alarga a Farsália.
Palavras não sabidas por magos e deuses
ela ensaiava e achava um novo uso p'ra o encanto.
Pois, temendo que Marte errante a alhures fosse
e que, de u'a tal matança, a Hemácia se privasse,

manchado pelo encanto e rociado de extratos,
ela a Filipos proibiu mudar a guerra
p'ra tantas mortes ter por suas e servir-se
do cruor do mundo. Espera os corpos dos reis mortos
cortar e revirar cinzas da gente hespéria,
e conseguir ossos e tantos manes nobres.
Só um ardor e o labor: pegar de Magno o corpo
jogado e se atirar sobre os membros de César.

[Indagação de Sexto quanto ao futuro da guerra]

A ignava prole de Pompeu primeiro diz:
"Ó glória hemônia, que o destino abrir consegues
aos povos e desviar o curso do porvir.
Peço me deixes conhecer que fim p'ra guerra
a Fortuna prepara. Eu, da plebe romana
parte ínfima não sou. Nobre filho de Magno,
dono das coisas e senhor de tantas mortes.
Minha alma incerta freme, e outra vez está pronta
para temer. Tira o direito aos infortúnios
de caírem súbitos e cegos. Verga os deuses
ou os poupa tu, e arranca a verdade dos manes.

Abre a elísia mansão. Chamando a própria morte,
obriga-a a me dizer por qual de nós procura.
Grande é o esforço, digno até de ti. Pergunta-lhe
de que lado cairão os dados do destino".
A ímpia tessália, satisfeita co' o renome,
responde: "Se Fados menores procurasses,
seria fácil, moço, aos atos que desejas
os deuses obrigar. Concede-se à minha arte,
quando co' os raios u'a só morte os astros calcam,
criar demoras. E, embora um velho estrelas façam,
co' ervas lhe tirarei a metade dos anos.
Como a série, porém, das coisas vem da origem
do mundo, e todo Fado sofre se desejas
algo mudar, e a raça humana se submete
a u' único golpe, então – tessálios confessamo-nos –,
pode a Fortuna mais. Porém, se te contentas
em conhecer o acaso, abrir-se-ão à verdade
muitos caminhos, que dirão p'ra nós a terra,
o éter, o caos, o mar e os rochedos do Ródope.
Mas é fácil, pois há tantas mortes recentes,
no campo emácio recolher um corpo só,
p'ra que da boca do cadáver ainda morno
plena ressoe a voz, e, co' os membros ao sol,
aos ouvidos atroe o incerto a sombra fúnebre".

[O ritual mágico]

Disse e, após redobrar com sua arte o breu da noite,
co' atra nuvem cobrindo a cabeça infeliz,
vaga entre os corpos estendidos sem sepulcro.
Logo fugiram lobos e aves esfomeadas,
as garras recolhendo. Enquanto escolhe um vate
a tessália, escrutando as medulas geladas,
encontra as fibras de um pulmão sem chaga e rígido,

e busca u'a voz no corpo morto. Muitos Fados
de finados varões dependem de a quem ela
aos vivos quer chamar. Se intentasse levar
todas tropas ao campo e as devolver à guerra,
deixá-lo-iam as leis do Érebo, e lutaria
co' o prodígio, do Averno o povo retirado.
Depois de atar a gorja, leva o corpo eleito.
Fincando um gancho no sinistro laço, arrasta
nas penas o infeliz cadáver destinado
a viver, e o depõe sob u'a gruta no monte
que a triste Ericto condenara aos sacrifícios.

Não longe da caverna escura de Plutão,
presa no abismo fica u'a terra. Escura mata
copada a oprime e, sem mirar o céu acima,
um teixo, a Febo impenetrável, a ensombrece.
Nas débeis trevas, sob a grota, escurecido
pela noite, o lugar, a não ser por encanto,
nunca tem luz. Assim, no Tênaro não fica
o ar tão parado – triste fim do mundo oculto
e do nosso, para onde os reis tartáreos não
temem enviar os manes. Pois, embora a bruxa
tessália force o fado, incerto é que olhe a sombra
estígia, ou por de lá trazê-la ou lá descer.
Com variegado manto, igual às Fúrias veste-se.
Afastado o cabelo, aparece seu rosto;
e prende a horrível coma u'a grinalda de cobras.
Ao ver tremer o moço e os companheiros pávidos
e exânimes, co' o olhar preso no chão, falou:
"Afastai o temor nascido na alma trépida.
Já nova vida voltará com vera forma
para que, embora temerosos, o ouvir possam.
Se eu vero mostro o lago estígio e as crepitantes
margens de fogo, se, eu presente, dão-se a ver

Eumênides, gigantes presos pelas costas,
e a juba de serpentes sacudindo, o Cérbero,
por que temeis olhar, ó vis, os manes tímidos”?

Então, primeiro, onde de sangue quente o peito
é aberto por novas feridas, limpa o pus
e aplica uma poção lunar. Mistura ali
tudo o que em parto esquerdo a natura criou.
Não faltam babas de um raivoso cão, nem vísceras
de um lince ou vértebras de u’a hiena, nem tutano
de cervos por cobra nutridos, nem a rêmora
que prende a popa em meio às águas, quando os cabos
o Euro retesa, nem os olhos de um dragão,
nem as pedras que soam chocadas por aves,
nem a árabe serpente alada, ou a nascida
no mar vermelho, ou a guardiã da rara concha,
nem de u’a cerasta líbia ainda vivente a pele,
nem, de um altar do oriente, os despojos da Fênix.
Após mesclar pestes comuns e as que têm nome,
juntou, de infame encanto impregnadas, madeiras,
as ervas que, ao nascer, co’ a boca ela apanhara,
e os venenos que ao mundo ela mesma havia dado.
Então, a voz, mais forte do que todas ervas
p'ra invocar os leteus, primeiro, une murmúrios
dissonantes, e muito à língua humana estranhos.
Ela tem o ladrar dos cães, o uivo dos lobos,
os pios da coruja e do trépido mocho,
o estridular de u’a fera e o sibilo das cobras;
exprime o pranto da onda ao quebrar-se na rocha,
o soar das matas e o trovão da rota nuvem –
tudo de uma só vez. Logo, co’ o canto hemônio,
expõe o resto e, com sua língua, entra no Tártaro:
“Ó punição, ó estígio nefas, vós, ó Eumênides,
ó caos que anseias por fundir mundos inúmeros,

retor da terra, a quem dói a morte dos deuses,
ó Estige, ó Elísio, que as tessálias não merecem,
ó Perséfone, odiosa ao céu e à mãe, ó parte
última de Hécate, por quem se dá entre mim
e os manes o comércio entre as línguas secretas;
porteiro da mansão, atiras nossas vísceras
ao sevo cão, ó irmãs que repuxais os fios,
e ó tu, barqueiro da água em chamas, ó ancião
já fatigado de trazer p'ra mim as sombras,
ouvi meus rogos. Se com voz nefanda e impura
bastante invoco-vos, se canto nunca inane
de carne humana eu canto, se do deus, amiúde,
o peito enchi e lavei as vísceras com cérebros,
se o menino, que pôs a cabeça e as entranhas
em vosso prato, viveria, obedecei-me.
Não pedimos uma alma oculta no antro tártaro,
há muito afeita ao breu; mas uma que, fugindo
há pouco à luz, desceu e, na primeira fenda
do Orco detém-se e, embora as ervas ouça, aos manes
vai-se u'a vez só. Que a sombra do nosso soldado
há pouco feita conte as coisas de Pompeu
ao filho, se as guerras civis vos são benquistas".

Disse e ergueu a cabeça e a boca que espumava.
Olha p'ra sombra em pé junto ao corpo estendido,
temendo os membros dessangrados e a odiosa
prisão antiga. Teme entrar no peito aberto,
nas vísceras, por corte assassino rompidas.
Ah, pobre, a quem se toma iníquo o extremo dom
da morte, sem poder morrer. Pasma-se Ericto
de o Fado assim tardar. Irada pela morte,
co' u'a cobra viva chicoteia o corpo imóvel.
Pelos buracos que na terra fez o encanto,
ladra aos manes e rompe o silêncio do reino:

“Tisífone e Megera, à minha voz imunes,
não moveis pelo inane Érebo, com chicotes,
a alma infeliz? Vos chamarei co’ o vero nome
e as cadelas do Estige eu deixarei à luz
do dia. Vigilante, irei por entre as tumbas
e vos expulsarei das urnas e dos túmulos.
E tu, que aos deuses soeis, fingida, co’ outro rosto
avançar, Hécate, co’ a forma podre e pálida
mostrarei, sem deixar mudar a face do Érebo.
Falarei do manjar que te prende, ó Heneia,
sob o peso da terra; e do trato de amares
o rei da noite; ou do contato que, ao sofreres,
Ceres não quis te reclamar. Ó pior dos árbitros
do mundo, meterei a Titana em tuas fendas
e a luz te ferirá. Atendereis, senão
será chamado aquele que, ao ser invocado,
a terra treme, que contempla ao claro a Górgona,
que com chicotes pune a Erínia e habita o Tártaro,
por vós não visto, p’ra quem sois os deuses súperos
e falsamente jura pela água do Estige”.
Logo o cruor coagulado aqueceu as feridas,
pelas veias correndo ao extremo dos membros.
Tremem no peito frio as fibras sacudidas
e a nova vida, se inserindo nas medulas,
mescla-se à morte. Então, todas juntas palpitam.
Tesam-se os nervos. Não se eleva o corpo aos poucos,
membro a membro do chão. Repulso pela terra,
de pronto ergueu-se. Abrindo, os olhos se desnudam.
Nele, ainda não tem o aspecto de um vivente,
mas já o de um morto. A rigidez e o palor ficam.
Pasma, trazido ao mundo. E, sem murmúrio, a boca
fechada, soa. A voz e a língua lhe são dadas
só p’ra resposta: “Por favor”, fala a tessália,
“dize o que ordeno; pois, se a verdade contares,

pelo tempo do mundo imune eu te farei
à arte da Hemônia. Queimar-te-ei co' o encanto estígio

em tumba e lenhas tais que a tua sombra encantada
não ouça os magos. Seja assim por reviveres.
Palavras e ervas não ousarão desprender
de ti o sonho leteu quando à morte eu te der.
Convém às trípodes e aos vates dos celícolas
a sorte obscura: ensine certo quem às sombras
pede a verdade e para o oráculo da morte
valente vai. Peço: não poupes. Diz das coisas
os nomes e o lugar – dá a voz que o fado diga-me".
E um encanto ajuntou p'ra que a sombra soubesse
o que se lhe indagava. O cadáver, chorando,
disse: "Das Parcas eu não vi, decerto, os fios,
rechamado que sou da atingida ribeira.
Isso me faz saber sobre todas as sombras.
Feroz discórdia agita os manes dos romanos.
Irromperam no quieto inferno as ímpias armas;
uns generais, a sede elísia, outros, o Tártaro
triste deixaram. O que o Fado preparara
eles deixaram claro. Os bem aventurados
tinham o rosto triste. Os Décios vi – pai e filho –,
almas lustrais da guerra, os Cúrios e Camilo,
e Sula, a se queixar, ó Fortuna, de ti;
Cipião deplora a prole infausta que na Líbia
há de morrer; Catão, o imigo de Cartago
chora a sina do neto indisposto a servir:
só tu, cônsul primeiro expulsa a tirania,
ó Bruto, vimos te alegrares entre as sombras;
Catilina, minaz, quebradas as correntes,
exulta, e os Mários truculentos, e os Cetegos;
alegres Drusos vi, populares e imódicos
co' as leis, os Gracos, que afoitaram grandes feitos;

aplaudiram as mãos presas pelo aço eterno
no cárcere de Dite; e os campos dos piedosos
reclama a turba malfazeja. O detentor
do reino inerte abre as mansões, encrespa as rochas
e apronta o ferro dos grilhões p'ra castigar
o vencedor. Leva contigo o alívio, ó jovem,
de que, no manso seio, os manes por teu pai
e a casa esperam, e no quieto reino guardam
um lugar dos Pompeus. Que não te inquiete a glória
de u'a curta vida. Hora virá que a todos mescle.
Apressai em morrer e, orgulhosos, descei,
co' ânimo forte, embora a uma pequena tumba,
e os manes dos deuses romanos pisoteai.
Que tumba o Nilo, ou qual o Tibre banha indaga-se.
Por um só funeral lutam os generais.
Não indagues tua sina: as Parcas ta dirão
se eu me calar. Teu próprio pai, Pompeu, mais certo
que todos vates, cantá-lo-á nos campos sículos
sem saber onde te chamar, de onde afastar-te,
que regiões evitar, ou dos astros do céu.
Desgraçados, temei a Europa, a Líbia e a Ásia.
Distribuiu a Fortuna em tumbas vossos feitos.
Ó triste casa, no orbe nada mais seguro
verás que a Emacia". Após assim vaticinar,
de pé, co' o rosto triste e mudo, pede a morte.

[Ericto queima o cadáver]

Ervas e encantos são precisos p'ra que o corpo
caia. O Fado não pode a alma recuperar,
u'a só vez gasto o jus. Então, com muita lenha,
ela ergue u'a pira. Vem o defunto p'ras chamas.
Na pilha acesa, Ericto, põe o moço, e, enfim,
deixa-o morrer. Vai p'ra os quartéis do pai com Sexto.

E, quando o céu ganhou a cor da luz, a noite,
enquanto às tendas vão seguros, ordenada
a segurar o dia, aprestou densas sombras. 830

***Satyricon Liber* (excerto) – Petronius**

Trimalquião narra uma fábula milesiana

[LXIII] Attonitis[367] admiratione universis: "Salvo, inquit, tuo sermone, Trimalchio, si qua fides est, ut mihi pili inhorruerunt, quia scio Niceronem nihil nugarum narrare: immo certus est et minime linguosus. Nam et ipse vobis rem horribilem narrabo. Asinus in tegulis. "Cum adhuc capillatus essem, nam a puero vitam Chiam gessi, ipsimi nostri delicatus decessit, mehercules margaritum, <sacritus> et omnium numerum. Cum ergo illum mater misella plangeret et nos tum plures in tristimonio essemus, subito <stridere> strigae coeperunt; putares canem leporem persequi. Habebamus tunc hominem Cappadocem, longum, valde audaculum et qui valebat: poterat bovem iratum tollere. Hic audacter stricto gladio extra ostium procucurrit, involuta sinistra manu curiose, et mulierem tanquam hoc loco — salvum sit, quod tango! — mediam traiecit. Audimus gemitum, et — plane non mentiar — ipsas non vidimus. Baro autem noster introversus se proiecit in lectum, et corpus totum lividum habebat quasi flagellis caesus, quia scilicet illum tetigerat mala manus. Nos cluso ostio redimus iterum ad officium, sed dum mater amplexaret corpus filii sui, tangit et videt manuciolum de stramentis factum. Non cor habebat, non intestina, non quicquam: scilicet iam puerum strigae involaverant et supposuerant stramenticium vavatonem. Rogo vos, oportet credatis, sunt mulieres plussciae, sunt Nocturnae, et quod sursum est, deorsum faciunt. Ceterum baro ille longus post hoc factum nunquam coloris sui fuit, immo post paucos dies freneticus periit."

[LXIV] Miramur nos et pariter credimus, osculatique mensam rogamus Nocturnas, ut suis se teneant, dum redimus a cena.

Tradução

LXIII. Enquanto[368] todos estavam paralisados pelo espanto, Trimalquião disse: 'Eu dou crédito a sua palavra, se alguém duvida que haja verdade no que você contou, pois eu fiquei todo arrepiado, porque eu sei que Nicerote não fica contando lorotas por aí. Muito pelo contrário, ele é de confiança e não é tagarela. E agora eu também contarei uma história horripilante para

[367] Texto em latim extraído de BIANCHET, Sandra Braga. **Satyricon**: edição bilíngüe. Belo Horizonte: Crisálida, 2004.
[368] Tradução de BIANCHET, Sandra Braga. **Satyricon**: edição bilíngüe. Belo Horizonte: Crisálida, 2004.

vocês, tão inacreditável como um asno no telhado. Quando eu ainda tinha cabelos compridos, pois desde criança levei uma vida mansa, o queridinho do senhor de nossa casa morreu, por Hércules, ele era uma pérola, + perfeito + * em todos os sentidos. Então, quando sua pobre mãezinha chorava por ele e muitos de nós também compartilhavam de sua tristeza, subitamente, bruxas começaram a fazer um barulho estridente; a gente podia pensar que era um cachorro perseguindo uma lebre. Naquela época, nós tínhamos um homem da Capadócia, alto, muito corajoso e que era forte: conseguia carregar um touro bravo. Ele corajosamente avançou para fora, espada em punho, com a mão esquerda cuidadosamente protegida, e atravessou uma daquelas mulheres bem no meio, como se fosse neste lugar aqui – que o meu que eu estou mostrando esteja a salvo! – Nós ouvimos um gemido, mas – é claro que eu não vou mentir – ver as bruxas nós não vimos. Porém, nosso corajoso imbecil, acuado, projetou-se sobre uma cama e seu corpo estava todo da cor de chumbo, como se tivesse sido ferido por chicotadas, evidentemente porque uma mão funesta tinha tocado nele. Nós, com a porta fechada, retomamos novamente nossas obrigações, mas, no momento em que a mãe quis abraçar o corpo de seu filho, ela tocou e viu um feixe de palha. Não tinha coração, nem intestino, nem nada: é claro que as bruxas já se tinham apoderado do menino e posto em seu lugar um boneco de palha. Por favor, vocês precisam acreditar em mim, existem mulheres que sabem demais, existem feiticeiras que agem nas trevas e, o que está em cima, elas põem abaixo. De resto, aquele imbecil grandalhão, depois do acontecido, jamais recuperou sua cor, muito pelo contrário, poucos dias depois, morreu debatendo-se'.

LXIV. Nós ficamos assombrados e igualmente acreditamos e, beijando a mesa, pedimos às feiticeiras que ficassem em casa, até que nós voltássemos do jantar.

Críside entrega uma carta de Circe para Encólpio

129 (CXXIX) "Vt intellexit Chrysis perlegisse me totum convicium: "Solent, inquit, haec fieri, et praecipue in hac civitate, in qua mulieres etiam lunam deducunt. <. . .> Itaque huius quoque rei cura agetur. Rescribe modo blandius dominae, animumque eius candida humanitate restitue. Verum enim fatendum: ex qua hora iniuriam accepit, apud se non est". Libenter quidem parui ancillae, verbaque codicillis talia imposui:

Tradução

Quando Críside percebeu que eu havia lido do princípio ao fim todo esse insulto, disse: 'Isto costuma acontecer, principalmente nesta cidade, onde as mulheres fazem descer até a lua do céu... Assim, é a cura deste seu mal que está em jogo. Apenas escreva de volta a minha dona muito docemente e devolva a ela a razão de viver, num sincero ato humanitário. Você deve confessar a verdade: desde aquela hora em que recebeu de você a ofensa, ela não está normal'. Com prazer eu me submeti às ordens da escrava e coloquei na carta as seguintes palavras: [...]

Encólpio encontra-se com Críside e uma velha no bosque para tentar curar sua enfermidade

131 (CXXXI) Postero die, cum sine offensa corporis animique consurrexissem, in eundem platanona descendi, etiam si locum inauspicatum timebam, coepique inter arbores ducem itineris expectare Chrysidem. Nec diu spatiatus consederam, ubi hesterno die fueram, cum illa intervenit comitem aniculam trahens. Atque ut me consalutavit: "Quid est, inquit, fastose, ecquid bonam mentem habere coepisti?" Illa de sinu licium prolulit varii coloris filis intortum, cervicemque vinxit meam. Mox turbatum sputo pulverem medio sustulit digito, frontemque repugnantis signavit. <. . .>
Hoc peracto carmine ter me iussit expuere terque lapillos conicere in sinum, quos ipsa praecantatos purpura involuerat, admotisque manibus temptare coepit inguinum vires. Dicto citius nervi paruerunt imperio, manusque aniculae ingenti motu repleverunt. At illa gaudio exultans: "Vides, inquit, Chrysis mea, vides, quod aliis leporem excitavi?"

Tradução

131 (CXXXI)

No dia seguinte, como eu me levantei intacto de corpo e alma, dirigi-me àquela mesma plantação de plátanos, ainda que estivesse com receio de que fosse um lugar mal agourado, e resolvi esperar que Críside me servisse como guia do caminho por entre as árvores. Depois de caminhar por algum tempo, fiquei parado no lugar onde estivera no dia anterior, quando ela apareceu, trazendo uma velha em sua companhia. E, logo que me cumprimentou, disse: 'Como

é que é, magnífico, você está com mais disposição hoje? Ela retirou de seu seio um cordão retorcido com fios de cores variadas e amarrou em meu pescoço. Logo depois, com o dedo médio, pegou um pouco de poeira misturada com cuspe e fez um sinal em minha testa, apesar de minha resistência... Terminada esta fórmula mágica, ela ordenou que eu cuspisse três vezes e arremessasse três vezes em meu peito umas pedrinhas que, previamente encantadas, ela própria envolvera em um tecido cor de púrpura e, aproximando suas mãos de meu membro viril, testou as forças dele. Pronunciado o comando, meus nervos obedeceram muito prontamente e encheram as mãos da velha com seu enorme levante. E ela, pulando de alegria, disse: 'Você está vendo, minha querida Críside, você está vendo que eu despertei uma lebre para as outras?'

Encólpio busca auxílio no templo de Priapo

133 (CXXXIII)

<. . .> positoque in limine genu sic deprecatus sum numen aversum:

Nympharum Bacchique comes, quem pulcra Dione
divitibus silvis numen dedit, inclita paret
cui Lesbos viridisque Thasos, quem Lydus adorat
septifluus, templumque tuis imponit Hypaepis:
huc aedes et Bacchi tutor Dryadumque voluptas,
et timidas admitte preces. Non sanguine tristi
perfusus venio, non templis impius hostis
admovi dextram, sed inops et rebus egenis
attritus facinus non toto corpore feci.
Quisquis peccat inops, minor est reus. Hac prece, quaeso,
exonera mentem culpaeque ignosce minori,
et quandoque mihi fortunae arriserit hora,
non sine honore tuum patiar decus. Ibit ad aras,
Sancte, tuas hircus, pecoris pater; ibit ad aras
corniger et querulae fetus suis, hostia lactens.
Spumabit pateris hornus liquor, et ter ovantem

circa delubrum gressum feret ebria pubes."

Dum haec ago curaque sollerti deposito meo caveo, intravit delubrum anus laceratis crinibus nigraque veste deformis, extraque vestibulum me iniecta manu duxit. <. . .>

Tradução

133 (CXXXIII)

. . . e, ajoelhado na soleira da porta, supliquei à divindade inimiga da seguinte maneira:

Companheiro das Ninfas e de Baco, a quem a bela Dione
deu o poder de comandar as ricas florestas, a cujas ordens a célebre
Lesbos se submete, e também a verdejante Tasos,
a quem o rio de sete braços da Líbia adora e, em Hipepa, dedica um templo:
aproxime-se de mim, você que é protetor de Baco e prazer das Driades,
e receba minhas tímidas súplicas. Eu não venho coberto de sangue criminoso,
nem direciono minha mão direita a seus templos, como um inimigo ímpio,
mas, fraco e massacrado pela falta de forças,
cometi um atentado contra uma parte de meu corpo.
Qualquer um que, sem recursos, comete um erro é menos acusado.
Por esta súplica, peço-lhe, alivie minha mente e perdoe minha pequena falha,
e, quando, algum dia, o momento de sorte vier a me favorecer,
prestarei as devidas homenagens a sua glória. Irá até seus altares,
venerável divindade, um bode, o chefe do rebanho, irá até seus altares
um cornígero e uma vítima lactente, o filhote de uma ruidosa porca.
O vinho da estação espumará nas páteras e, festejando a vitória três vezes,
minha mocidade ébria caminhará em volta de seu santuário'.

[...] Enquanto fazia estas súplicas e cuidava de encontrar um tratamento eficaz para meu arquivo-morto, entrou no santuário aquela velha toda descabelada e feia, com um vestido negro, e, agarrando-me pela mão, conduziu-me para fora da varanda do templo.

Segue-se o diálogo entre Proselenos, a sacerdotisa de Priapo e Encólpio no templo

[CXXXIV] PROSELENOS ANVS AD ENCOLPIVM: "Quae striges comederunt nervos tuos, aut quod purgamentum nocte calcasti trivio aut cadaver? Nec a puero quidem te vindicasti, sed mollis, debilis, lassus, tanquam caballus in clivo et operam et sudorem perdidisti. Nec contentus ipse peccare, mihi deos iratos excitasti".

Ac me iterum in cellam sacerdotis nihil recusantem perduxit impulitque super lectum, et harundinem ab ostio rapuit iterumque nihil respondentem mulcavit. Ac nisi primo ictu harundo quassata impetum verberantis minuisset, forsitan etiam brachia mea caputque fregisset. Ingemui ego utique propter mascarpionem, lacrimisque ubertim manantibus obscuratum dextra caput super pulvinum inclinavi. Nec minus illa fletu confusa altera parte lectuli sedit aetatisque longae moram tremulis vocibus coepit accusare, donec intervenit sacerdos: "Quid vos, inquit, in cellam meam tanquam ante recens bustum venistis? Vtique die feriarum, quo etiam lugentes rident." PROSELENOS AD OENOTHEAN SACERDOTEM PRIAPI: "O, inquit, Oenothea, hunc adulescentem quem vides, malo astro natus est; nam neque puero neque puellae bona sua vendere potest. Nunquam tu hominem tam infelicem vidisti: lorum in aqua, non inguina habet. Ad summam, qualem putas esse, qui de Circes toro sine voluptate surrexit?" His auditis Oenothea inter utrumque consedit, motoque diutius capite: "Istum, inquit, morbum sola sum quae emendare scio. Et ne putetis perplexe agere, rogo ut adulescentulus tuus mecum nocte dormiat, nisi illud tam rigidum reddidero quam cornu:

Quicquid in orbe vides, paret mihi. Florida tellus,
cum volo, spissatis arescit languida sucis,
cum volo, fundit opes, scopulique atque horrida saxa
Niliacas iaculantur aquas. Mihi pontus inertes
submittit fluctus, zephyrique tacentia ponunt
ante meos sua flabra pedes. Mihi flumina parent
Hyrcanaeque tigres et iussi stare dracones.
Quid leviora loquor? Lunae descendit imago
carminibus deducta meis, trepidusque furentes
flectere Phoebus equos revoluto cogitur orbe.
Tantum dicta valent. Taurorum flamma quiescit
virgineis extincta sacris, Phoebeia Circe

carminibus magicis socios mutavit Vlixis,
Proteus esse solet quicquid libet. Hic ego callens
artibus Idaeos frutices in gurgite sistam,
et rursus fluvios in summo vertice ponam."

Tradução

134 (CXXXIV) A VELHA PROSELENOS PARA ENCÓLPIO.

'Que feiticeiras comeram seus nervos, ou em que imundície você pisou de noite, ao passar por uma encruzilhada, ou em que cadáver? Nem mesmo pelo garoto você pôde ser libertado, mas mole, impotente, derrubado, tal como um cavalo subindo a ladeira, você perdeu não só sua principal atividade, mas também sua capacidade de transpirar. E, não satisfeito em você mesmo cometer uma falha, ainda despertou a ira dos deuses contra mim'.

E ela me conduziu novamente para a capela da sacerdotisa, sem qualquer recusa de minha parte, lançou-me contra uma cama, arrebatou da porta um bastão e bateu em mim, que, pela segunda vez, nada respondi. E, se o bastão, quebrado no primeiro golpe, não tivesse reduzido a violência da carrasca, talvez ela tivesse partido em pedaços meus braços e minha cabeça. Eu gemi com toda força, porque a velha ficou manuseando meu pênis e, com as lágrimas manando em abundância, inclinei minha cabeça tampada pela mão direita sobre uma almofada. E ela, não menos abatida por meu gemido, sentou-se do outro lado da cama e, com voz trêmula, ficou acusando-se de já ter vivido demais, até que a sacerdotisa interveio e disse: 'Por que vocês vieram para minha capela, como se estivessem diante de um túmulo ainda fresco? / Sem contar que isso num dia de festa, em que até mesmo os que estão de luto se alegram'.

PROSELENOS PARA ENÓTIA, SACERDOTISA DE PRIAPO. / Ela disse: 'O' Enótia, este rapaz que você está vendo nasceu sob uma estrela ruim, pois ele não consegue fazer valer seus nobres dons nem com menino, nem com menina. / Você nunca viu um homem tão desgraçado: um pedaço de couro na água, não tem pênis. / Só para você ter uma ideia, quem foi que já se levantou da cama de Circe sem a satisfação plena de seu prazer?' Ouvindo isto, Enótia sentou-se entre nós dois e, depois de balançar a cabeça durante bastante tempo, disse: 'Eu sou a única que consegue curar esta doença. E, para que vocês não pensem que estou agindo de forma

equivocada, peço que seu rapazinho durma comigo esta noite, senão, não poderei devolver isto tão duro quanto um chifre:

Tudo que se vê no mundo está submetido a minhas ordens. A terra florida,
quando eu quero, sugada sua seiva, torna-se seca e sem energia;
quando eu quero, ela desperdiça suas riquezas e rochedos e ásperos penedos
se atiram nas águas do Nilo. A mim, o mar submete
suas tímidas ondas e os ventos colocam seu silencioso
sopro diante de meus pés. A minhas ordens estão submetidos os rios
e foi sob meu comando que os tigres da Hircânia e os dragões se imobilizaram.
Por que estou falando de coisas tão sem importância? A imagem da lua desce,
atraída pelo som de minha voz, e o apressado sol,
fazendo a meia-volta, é obrigado a volver seus desvairados cavalos.

Minhas palavras valem muito. A impetuosidade dos touros se abranda;
aplacada por sacrifícios de virgens, Circe, filha de Febo,
modificou os companheiros de Ulisses com suas fórmulas mágicas;
Proteu costuma ser o que deseja. Eu, bastante conhecedora dessas habilidades,
posso colocar as ramagens do monte Ida em um turbilhão de água
e, inversamente, instalar rios no cume de uma montanha'.

Encólpio concorda em se submeter à cura pela sacerdotisa e permanece com ela na cabana

[CXXXV] lnhorrui ego tam fabulosa pollicitatione conterritus, anumque inspicere diligentius coepi.

"Ergo, exclamat Oenothea, imperio parete!" detersisque curiose manibus inclinavit se in lectulum ac me semel iterumque basiavit. <. . .>

Oenothea mensam veterem posuit in medio altari, quam vivis implevit carbonibus, et camellam etiam vetustate ruptam pice temperata refecit. Tum clavum, qui detrahentem secutus cum camella lignea fuerat, fumoso parieti reddidit. Mox incincta quadrato pallio cucumam ingentem foco apposuit, simulque pannum de carnario detulit furca, in quo faba erat ad usum reposita et

sincipitis vetustissima particula mille plagis dolata. Vt soluit ergo licio pannum, partem leguminis super mensam effudit iussitque me diligenter purgare. Servio ego imperio, granaque sordidissimis putaminibus vestita curiosa manu segrego. At illa inertiam meam accusans improba tollit, dentibusque folliculos pariter spoliat, atque in terram veluti muscarum imagines despuit.

Mirabar equidem paupertatis ingenium singularumque rerum quasdam artes:

Non Indum fulgebat ebur, quod inhaeserat auro,
nec iam calcato radiabat marmore terra
muneribus delusa suis, sed crate saligna
impositum Cereris vacuae nemus et nova terrae
pocula, quae facili vilis rota finxerat actu.
Hinc molli stillae lacus et de caudice lento
vimineae lances maculataque testa Lyaeo.
At paries circa palea satiatus inani
fortuitoque luto clavos numerabat agrestis,
et viridi iunco gracilis pendebat harundo.
Praeterea quae fumoso suspensa tigillo
conservabat opes humilis casa, mitia sorba
inter odoratas pendebat texta coronas
et thymbrae veteres et passis uva racemis:
qualis in Actaea quondam fuit hospita terra,
digna sacris Hecales, quam Musa loquentibus annis
Baccineas veteres mirando tradidit aevo.

Tradução

135 (CXXXV) Eu fiquei todo arrepiado, apavorado com tão fabulosa promessa, e olhei para a velha muito atentamente.

Enótia exclamou: 'Então, submetam-se a minha ordem!' E, limpando cuidadosamente suas mãos, ela se inclinou sobre o pequeno leito e me beijou repetidas vezes.

/ Enótia colocou no meio do altar uma mesa velha, a qual ela encheu de carvões ardendo em brasa, e consertou uma gamela quebrada de tão velha com uma liga de resina. Então, ela recolocou na parede enfumaçada o prego que tinha vindo junto, quando ela puxou a gamela de madeira. / Imediatamente após, envolvida em um manto quadrado, ela pôs um enorme caldeirão diante da lareira destinada a sacrifícios e, simultaneamente, retirou de cima do defumador de carnes, com um gancho, uma sacola, na qual tinham sido guardados grãos para consumo próprio / e um pequeno pedaço de cabeça de porco, já muitíssimo velha, perfurada por inúmeros golpes de faca. / Então, quando ela soltou o cordão da sacola, derramou sobre a mesa uma porção de favas e ordenou que eu diligentemente as limpasse. Eu obedeci a sua ordem e debulhei cuidadosamente os grãos revestidos das mais imundas cascas. Mas ela, percebendo minha preguiça, retirou os grãos mal debulhados e, com os dentes, arrancou de uma só vez as cascas e as cuspiu no chão, como se fossem imitações de moscas.

Quanto a mim, eu estava maravilhado com o talento da pobreza e com algumas de suas extraordinárias habilidades:

Ali não luzia o marfim indiano, que se equipara ao ouro,
e o chão, logrado em seus recursos, não apresentava
o brilho comum do mármore, mas, o bosque da tranqüila Ceres
tinha sido forrado com grades de vimes entrelaçados e havia maravilhosos vasos
de terra, que uma roda comum moldara com seu lento movimento.
Depois, uma bacia para a suave gota d'água e, pendurados a
um tronco de árvore maleável, travessas de vime e uma jarra suja dedicada a Baco.
E, em toda a volta, uma parede rústica, construída com uma palha oca
e esparsa argila, segurava alguns pregos
e uma delgada haste pendia do verde junco.
Além disso, esta humilde cabana, protegida por um teto enfumaçado,
preservava suas riquezas naturais: sorvas maduras,
dispostas em meio a coroas de flores, pendiam de lá,
além de velhas segurelhas e uma videira com seus cachos à mostra:
aqui a sacerdotisa é hospitaleira, tal como foi Hécale para Teseu em solo ateniense,
digna da mesma veneração dedicada a esta, cuja hospitalidade uma Musa
registrou em versos, para que se admire sua existência

Encólpio mata um dos gansos sagrados

[CXXXVI] Dum illa carnis etiam paululum delibat et dum coaequale natalium suorum sinciput in carnarium furca reponit, fracta est putris sella, quae staturae altitudinem adiecerat, anumque pondere suo deiectam super foculum mittit. Frangitur ergo cervix cucumulae ignemque modo convalescentem restinguit. Vexat cubitum ipsa stipite ardenti faciemque totam excitato cinere pertundit. Consurrexi equidem turbatus anumque non sine meo risu erexi; statimque, ne res aliqua sacrificium moraretur, ad reficiendum ignem in viciniam cucurrit. Itaque ad casae ostiolum processi cum ecce tres anseres sacri qui, ut puto, medio die solebant ab anu diaria exigere, impetum in me faciunt foedoque ac veluti rabioso stridore circumsistunt trepidantem. Atque alius tunicam meam lacerat, alius vincula calcumentorum resoluit ac trahit; unus etiam, dux ac magister saevitiae, non dubitavit crus meum serrato vexare morsu. Oblitus itaque nugarum, pedem mensulae extorsi coepique pugnacissimum animal armata elidere manu. Nec satiatus defunctorio ictu, morte me anseris vindicavi:

Tales Herculea Stymphalidas arte coactas
ad coelum fugisse reor, peneque fluentes
Harpyias, cum Phineo maduere veneno
fallaces epulae. Tremuit perterritus aether
planctibus insolitis, confusaque regia coeli <. . .>

Iam reliqui revolutam passimque per totum effusam pavimentum collegerant fabam, orbatique, ut existimo, duce redierant in templum, cum ego praeda simul atque vindicta gaudens post lectum occisum anserem mitto, vulnusque cruris haud altum aceto diluo. Deinde convicium verens, abeundi formavi consilium, collectoque cultu meo ire extra casam coepi. Necdum liberaveram cellulae limen, cum animadverto Oenotheam cum testo ignis pleno venientem. Reduxi igitur gradum proiectaque veste, tanquam expectarem morantem, in aditu steti. Collocavit illa ignem cassis harundinibus collectum, ingestisque super pluribus lignis excusare coepit moram, quod amica se non dimisisset tribus nisi potionibus e lege siccatis." Quid porro tu, inquit, me absente fecisti, aut ubi est faba?" Ego, qui putaveram me rem laude etiam dignam fecisse, ordine illi totum proelium eui, et ne diutius tristis esset, iacturae pensionem anserem obtuli. Quem anus ut vidit, tam magnum aeque clamorem sustulit, ut putares iterum anseres limen intrasse. Confusus itaque et novitate facinoris attonitus, quaerebam quid excanduisset, aut quare anseris potius quam mei misereretur.

Tradução

136 (CXXXVI)

Enquanto ela ainda saboreava um pedacinho da carne e recolocava no defumador, com seu gancho, aquela meia cabeça de porco, que parecia ser tão velha quanto quem a segurava, a cadeira apodrecida, que ela usara para elevar sua estatura, se quebrou e lançou sobre um pequeno braseiro aquela velha, derrubada por seu próprio peso. Quebrou-se, então, a base do pequeno caldeirão e apagou o fogo que há bem pouco começara a aumentar. / Ela ainda sacudiu seu cotovelo, para retirar um carvão ardendo em brasa, e cobriu todo seu rosto com a cinza por ela levantada. Eu me pus de pé, evidentemente perturbado, e levantei a velha, não sem dar uma risada; /e, imediatamente, para que nenhum outro incidente detivesse o sacrifício, ela correu para a vizinhança, a fim de reacender o fogo. / E assim, eu me dirigi à pequena porta de entrada da cabana.
/ Mas eis que três gansos sagrados / que, assim acho, costumavam cobrar da velha sua ração diária ao meio-dia, / tomaram-me de assalto e, com seu estridor horrível, bem como raivoso, pararam em redor de mim, que comecei a tremer. E enquanto um despedaçava minha roupa, o outro desamarrava o cadarço de meus sapatos e os arrastava; além disso tudo, o terceiro, comandante e maestro da violência, não hesitou em atacar minha perna com seus dentes, que mais pareciam uma serra. E assim, esquecendo-me de meus problemas menores, arranquei o pé da mesa pequena e esmaguei aquele violentíssimo animal a mão armada. E, não satisfeito com uma ligeira pancada, me vinguei do ganso com sua morte:

Acho que foi assim que as aves do Estinfalo, impelidas pela habilidade
de Hércules, voaram para o céu e foi quase assim que voaram as rápidas Harpias,
quando seu insidioso banquete para Fineu estava embebido
em veneno. A atmosfera, aterrorizada por insólitos prantos,
estremeceu e, tomada pela desordem, também a realeza do céu.
. . . . . .

/ Os outros gansos já tinham recolhido os grãos que rolaram e se espalharam daqui e dali por todo o chão e, privados, assim penso, de seu comandante, tinham voltado para o templo, quando eu, feliz ao mesmo tempo com a presa e com a vingança, lancei o ganso morto por trás da cama e banhei em vinagre a ferida não profunda de minha perna. Em seguida, com medo de ser

repreendido, tomei a decisão de ir embora e, depois de reunir meus pertences, saí da cabana. Eu ainda não tinha ficado livre nem da soleira da porta do quartinho, quando vi Enótia chegando com um vaso de argila cheio de fogo. Então, eu reduzi o passo e, deixando cair meu manto, fiquei parado na porta de entrada, como se estivesse esperando alguém que ficou para trás. Ela colocou o fogo conseguido em bastões ocos e, depois de lançá-los sobre uma quantidade maior de madeira, desculpou-se pela demora, pois sua amiga não a tinha deixado ir embora, enquanto não esvaziasse os três copos de bebida, como de regra. Então, ela disse: 'Mas o que você fez na minha ausência? Onde estão os grãos?' Eu, que achava ter feito uma coisa digna de elogio, expus a ela todo o combate, na ordem em que os fatos aconteceram e, para que ela não ficasse triste por muito mais tempo, ofereci um outro ganso como indenização pelo prejuízo. Quando a velha viu o ganso morto, igualmente soltou um grito tão grande, que se poderia pensar que os gansos estavam entrando novamente pela porta. Assim, confuso e assombrado com sua reação inesperada a meu ato, queria saber por que ela se irritara, ou por que ela tinha mais pena do ganso do que de mim.

Enótia culpa Encólpio pela morte dos gansos sagrados, mas acaba aceitando suas desculpas mediante pagamento

[CXXXVII] At illa complosis manibus: "Scelerate, inquit, etiam loqueris? Nescis quam magnum flagitium admiseris: occidisti Priapi delicias, anserem omnibus matronis acceptissimum. Itaque ne te putes nihil egisse; si magistratus hoc scierint, ibis in crucem. Polluisti sanguine domicilium meum ante hunc diem inviolatum, fecistique ut me, quisquis voluerit inimicus, sacerdotio pellat.

— Rogo, inquam, noli clamare: ego tibi pro ansere struthocamelum reddam." Dum haec me stupente in lectulo sedet anserisque fatum complorat, interim Proselenos cum impensa sacrificii venit, visoque ansere occiso sciscitata causam tristitiae, et ipsa flere vehementius coepit meique misereri, tanquam patrem meum, non publicum anserem, occidissem. Itaque taedio fatigatus: "Rogo, inquam, expiare manus pretio licet? <. . .>si vos provocassem, etiam si homicidium fecissem. Ecce duos aureos pono, unde possitis et deos et anseres emere.". Quos ut vidit Oenothea: "Ignosce, inquit, adulescens, sollicita sum tua causa. Amoris est hoc argumentum, non malignitatis. Itaque dabimus operam, ne quis sciat. Tu modo deos roga, ut illi facto tuo ignoscant."

Quisquis habet nummos, secura naviget aura
fortunamque suo temperet arbitrio.
Vxorem ducat Danaen ipsumque licebit
Acrisium iubeat credere quod Danaen.
Carmina componat, declamet, concrepet omnes
et peragat causas sitque Catone prior.
Iurisconsultus 'parret, non parret' habeto,
atque esto quicquid Servius et Labeo.
Multa loquor: quod vis, nummis praesentibus opta,
et veniet. Clausum possidet arca Iovem.
<. . .> Infra manus meas camellam vini posuit et cum digitos pariter extensos porris apioque lustrasset, avellanas nuces cum precatione mersit in vinum. Et sive in summum redierant, sive subsderant, ex hoc coniecturam ducebat. Nec me fallebat inanes scilicet ac sine medulla ventosas nuces in summo umore consistere, graves autem et plenas integro fructu ad ima deferri. Recluso pectore extraxit fortissimum iecur et inde mihi futura praedixit. Immo, ne quod vestigium sceleris superesset, totum anserem laceratum verubus confixit, epulasque etiam lautas paulo ante, ut ipsa dicebat, perituro paravit. Volabant inter haec potiones meracae.

Tradução

137 (CXXXVII)

E ela, batendo as mãos uma contra a outra, disse: 'Seu criminoso, você ainda está conversando? Você desconhece a amplitude da desonra que praticou: você matou o prazer favorito de Priapo, o ganso mais estimado de todas as senhoras casadas. E assim, para que você não fique pensando que não fez nada demais, saiba que, se os magistrados descobrirem isto, você irá parar na cruz. Você profanou com sangue meu domicílio, respeitado até o dia de hoje, e fez com que qualquer inimigo meu que queira possa afastar-me do sacerdócio'.

/ Eu disse: 'Por favor, não chore: eu recompensarei você pela perda do ganso com uma avestruz'.

Enquanto ela permanecia sentada sobre a pequena cama sob meu olhar de espanto, nesse meio tempo chegou Proselenos com o material do sacrifício e, depois de ver o ganso morto,

perguntando o motivo da tristeza, ela também chorou muito impetuosamente e ficou com pena de mim, como se eu tivesse matado meu próprio pai, não um ganso qualquer. E assim, eu, cansado daquele aborrecimento, disse: 'Por favor, vocês não podem permitir que eu purifique minhas mãos, pagando um preço por isso?... Por acaso eu provoquei vocês, ou cheguei a cometer um homicídio? Eis aqui! Eu estou colocando na mesa de vocês duas moedas de ouro, com as quais vocês podem comprar não só gansos, mas também deuses'. Quando Enótia viu as moedas, disse: 'Perdoe-me, meu jovem, eu estou preocupada com sua situação. Esta é uma prova de amor, não de maldade. Por isso, nós nos empenharemos para que ninguém descubra nada. Quanto a você, apenas rogue aos deuses, para que eles perdoem sua atitude'.

Quem tem dinheiro pode navegar sob brisa segura
e temperar seu destino com sua própria vontade.
Pode casar-se com Dânae e ter o direito de ordenar
ao próprio Acrísio que acredite em Dânae.
Pode escrever poemas, declamar, tocar todos bem no fundo,
ganhar todas as causas e ser superior a Catão.
Como jurisconsulto, pode impor seu 'é evidente, não é evidente'
e ser tudo que Sérvio e Labeão foram.
Resumindo: o que você quer, peça com dinheiro vivo,
que chegará até você. Seu cofre mantém Júpiter preso a você.

/ Abaixo de minhas mãos, ela colocou uma gamela de vinho e, depois de purificar meus dedos, estendidos por igual, com alho-porro e salsinha, mergulhou avelãs no vinho, fazendo imprecações. E, observando se as avelãs tinham voltado para cima, ou se tinham submergido, ela ia fazendo seus prognósticos. Mas ela não me enganava, pois é evidente que nozes ocas e cheias de vento, sem polpa, posicionam-se na superfície de um líquido; as pesadas, por outro lado, e repletas de seu fruto intacto, arrastam-se para o fundo.

Depois de abrir o peito do ganso, ela arrancou o fígado ainda em ótimo estado e a partir dele previu meu futuro. Como se não bastasse, para que não restasse qualquer vestígio do crime, ela colocou todo o ganso esquartejado em espetos e preparou uma refeição até atraente para quem há pouco tempo atrás, usando suas próprias palavras, estava condenado à morte. Copos e mais copos de vinho puro transitavam entre elas.

As bruxas realizam o suposto ritual e abusam de Polieno

[CXXXVIII] Profert Oenothea scorteum fascinum, quod ut oleo et minuto pipere atque urticae trito circumdedit semine, paulatim coepit inserere ano meo. Hoc crudelissima anus spargit subinde umore femina mea. Nasturcii sucum cum habrotono miscet, perfusisque inguinibus meis, viridis urticae fascem comprehendit, omniaque infra umbilicum coepit lenta manu caedere. <. . .>
Aniculae quamvis solutae mero ac libidine essent, eandem viam tentant et per aliquot vicos secutae fugientem "Prende furem!" clamant. Evasi tamen omnibus digitis inter praecipitem decursum cruentatis. <. . .>

"Chrysis, quae priorem fortunam tuam oderat, hanc vel cum periculo capitis persequi destinat". <. . .>

"Quid huic formae aut Ariadne habuit aut Leda simile? Quid contra hanc Helene, quid Venus posset? Ipse Paris, dearum libidinantium iudex, si hanc in comparatione vidisset tam petulantibus oculis, et Helenen huic donasset et deas. Saltem si permitteretur osculum capere, si illud caeleste ac divinum pectus amplecti, forsitan rediret hoc corpus ad vires et resipiscerent partes veneficio, credo, sopitae. Nec me contumeliae lassant: quod verberatus sum, nescio; quod eiectus sum, lusum puto. Modo redire in gratiam liceat".

Tradução

138 (CXXXVIII)

Enótia trouxe um pênis ereto de couro, que ela, logo que lambuzou com azeite, um pouco de pimenta e semente triturada de urtiga, lentamente introduziu em meu ânus.

Depois, a crudelíssima velha cobriu minhas coxas com este líquido.

Ela misturou suco de mastruz com absinto e, depois de verter essa mistura sobre meus órgãos genitais, apanhou um feixe de urtiga verde e castigou vagarosamente todas as partes do umbigo para baixo.

As velhinhas, por mais que estivessem sob o efeito do vinho e da sacanagem, tentavam trilhar o mesmo caminho que eu e, perseguindo-me por algumas ruas, gritavam: 'Prenda o ladrão!'

Eu consegui escapar, no entanto, com todos os dedos feridos em carne viva durante a impiedosa descida.

***Metamorfoses* (excerto) – Apuleio**

Lúcio escuta dois amigos viajantes conversando entre si e pede a eles que compartilhem com ele as histórias fantásticas (Livro I, 2-3)

[2] Ac[369] dum ausculto quid sermonibus agitarent, alter exserto cachinno: "Parce" inquit "in verba ista haec tam absurda tamque immania mentiendo." Isto accepto sititor alioquin novitatis: "Immo vero" inquam "impertite sermonem non quidem curiosum sed qui velim scire vel cuncta vel certe plurima; simul iugi quod insurgimus aspritudinem fabularum lepida iucunditas levigabit."

[3] At ille qui coeperat: "Ne" inquit "istud mendacium tam verum est quam siqui velit dicere magico susurramine amnes agiles reverti, mare pigrum conligari, ventos inanimes exspirare, solem inhiberi, lunam despumari, stellas evelli, diem tolli, noctem teneri." Tunc ego in verba fidentior: "Heus tu" inquam "qui sermonem ieceras priorem, ne pigeat te vel taedeat reliqua pertexere", et ad alium: "Tu vero crassis auribus et obstinato corde respuis quae forsitan vere perhibeantur. Minus hercule calles pravissimis opinionibus ea putari mendacia quae vel auditu nova vel visu rudia vel certe supra captum cogitationis ardua videantur; quae si paulo accuratius exploraris, non modo compertu evidentia verum etiam factu facilia senties.

Tradução

E logo escutei os diálogos movimentados deles. Foi quando um disse, soltando uma gargalhada[370]: — Poupe-me dessas suas mentiras tão absurdas e tão espantosas... Assim que ouvi isso, eu, de resto um sedento por novidades, disse: — Nem pense nisso! Compartilhem comigo essa conversa interessante – não que eu seja curioso, mas é que eu gosto de saber senão de tudo, pelo menos do máximo que conseguir; além do mais, o prazer proporcionado por histórias encantadoras aliviará a dificuldade do monte que estamos subindo. [3] Aquele outro, por sua vez, que tinha falado antes de mim, disse: — Pois sim! Essa mentirada é tão verdade quanto dizer que, se alguém pronunciar sussurrantes palavras mágicas, as ágeis tropas recuam,

[369] APULEIO; ROBERTSON, S.; VALLETTE, Paul. **Les metamorphoses**. Paris: Les Belles Lettres, 1945-1965.
[370] Tradução de BIANCHET, Sandra Braga. **As metamorfoses de um Burro de Ouro**. Curitiba: Editora Appris, 2020.

o mar se recolhe preguiçoso, os ventos exalam inanimados o último suspiro, o sol fica retido, a lua deixa de crescer, as estrelas desaparecem, o dia é suprimido, a noite perdura. Eu, então, bastante seguro do que falava, disse: — Ei, você que puxou a conversa! Não se sinta ofendido nem aborrecido de tecer em detalhes os acontecimentos restantes. Quanto a você, saiba que está fazendo vistas grossas e ouvido de mercador para relatos que talvez correspondam à verdade. Puxa vida! Você, com suas opiniões totalmente destorcidas, demonstra ter um conhecimento muito raso dessa matéria, ao pensar que pareçam mentiras as coisas novas que ouve ou inusitadas que vê, ou por certo, difíceis de aceitar as que estão acima de sua capacidade de entendimento. Saiba que se você as explorar um pouco mais cuidadosamente, perceberá que se trata de evidências não só possíveis de comprovar, mas também fáceis de acontecer.

Narração sobre a bruxa Méroe (Livro I, 7-19)

"Me miserum" infit "qui dum voluptatem gladiatorii spectaculi satis famigerabilis consector in has aerumnas incidi. Nam, ut scis optime, secundum quaestum Macedoniam profectus, dum mense decimo ibidem attentus nummatior revortor, modico prius quam Larissam accederem, per transitum spectaculum obiturus in quadam avia et lacunosa convalli a vastissimis latronibus obsessus atque omnibus privatus tandem evado, et utpote ultime adfectus ad quandam cauponam Meroen, anum sed admodum scitulam, devorto, eique causas et peregrinationis diuturnae et domuitionis anxiae et spoliationis [diuturnae et dum] miserae refero; quae me nimis quam humane tractare adorta cenae gratae atque gratuitae ac mox urigine percita cubili suo adplicat. Et statim miser, ut cum illa adquievi, ab unico congressu annosam ac pestilentem con<suetudinem> contraho et ipsas etiam lacinias quas boni latrones contegendo mihi concesserant in eam contuli, operulas etiam quas adhuc vegetus saccariam faciens merebam, quoad me ad istam faciem quam paulo ante vidisti bona uxor et mala fortuna perduxit." [8] "Pol quidem tu dignus" inquam "es extrema sustinere, si quid est tamen novissimo extremius, qui voluptatem Veneriam et scortum scorteum Lari et liberis praetulisti." At ille digitum a pollice proximum ori suo admovens et in stuporem attonitus "Tace, tace" inquit et circumspiciens tutamenta sermonis: "Parce" inquit "in feminam divinam, nequam tibi lingua intemperante noxam contrahas." "Ain tandem?" inquam. "Potens illa et regina caupona quid mulieris est?" "Saga" inquit "et divina, potens caelum deponere, terram suspendere, fontes durare, montes diluere, manes sublimare, deos infimare, sidera exstinguere, Tartarum ipsum inluminare." "Oro te" inquam "aulaeum tragicum dimoveto et siparium scaenicum complicato et cedo verbis

communibus." "Vis" inquit "unum vel alterum, immo plurima eius audire facta? Nam ut se ament afflictim non modo incolae verum etiam Indi vel Aethiopes utrique vel ipsi Anticthones, folia sunt artis et nugae merae. Sed quod in conspectu plurium perpetravit, audi. [9] Amatorem suum, quod in aliam temerasset, unico verbo mutavit in feram castorem, quod ea bestia captivitatis metuens ab insequentibus se praecisione genitalium liberat, ut illi quoque simile [quod venerem habuit in aliam] proveniret. Cauponem quoque vicinum atque ob id aemulum deformavit in ranam, et nunc senex ille dolium innatans vini sui adventores pristinos in faece submissus officiosis roncis raucus appellat. Alium de foro, quod adversus eam locutus esset, in arietem deformavit, et nunc aries ille causas agit. Eadem amatoris sui uxorem, quod in eam dicacule probrum dixerat iam in sarcina praegnationis obsaepto utero et repigrato fetu perpetua praegnatione damnavit, et ut cuncti numerant, iam octo annorum onere misella illa velut elephantum paritura distenditur. [10] Quae cum subinde ac multi nocerentur, publicitus indignatio percrebuit statutumque ut in eam die altera severissime saxorum iaculationibus vindicaretur. Quod consilium virtutibus cantionum antevortit et ut illa Medea unius dieculae a Creone impetratis indutiis totam eius domum filiamque cum ipso sene flammis coronalibus deusserat, sic haec devotionibus sepulchralibus in scrobem procuratis, ut mihi temulenta narravit proxime, cunctos in suis sibi domibus tacita numinum violentia clausit, ut toto biduo non claustra perfringi, non fores evelli, non denique parietes ipsi quiverint perforari, quoad mutua hortatione consone clamitarent quam sanctissime deierantes sese neque ei manus admolituros, et si quis aliud cogitarit salutare laturos subsidium. Et sic illa propitiata totam civitatem absolvit. At vero coetus illius auctorem nocte intempesta cum tota domo, id est parietibus et ipso solo et omni fundamento, ut erat, clausa ad centesimum lapidem in aliam civitatem summo vertice montis exasperati sitam et ob id ad aquas sterilem transtulit. Et quoniam densa inhabitantium aedificia locum novo hospiti non dabant, ante portam proiecta domo discessit." [11] "Mira" inquam "nec minus saeva, mi Socrates, memoras. Denique mihi quoque non parvam incussisti sollicitudinem, immo vero formidinem, iniecto non scrupulo sed lancea, ne quo numinis ministerio similiter usa sermones istos nostros anus illa cognoscat. Itaque maturius quieti nos reponamus et somno levata lassitudine noctis antelucio aufugiamus istinc quam pote longissime." Haec adhuc me suadente insolita vinolentia ac diuturna fatigatione pertentatus bonus Socrates iam sopitus stertebat altius. Ego vero adducta fore pessulisque firmatis grabatulo etiam pone cardinem supposito et probe adgesto super eum me recipio. Ac primum prae metu aliquantisper vigilo, dein circa tertiam ferme vigiliam paululum coniveo. Commodum quieveram, et repente impulsu maiore quam ut latrones crederes ianuae reserantur immo vero fractis et evolsis funditus cardinibus prosternuntur. Grabatus alioquin

breviculus et uno pede mutilus ac putris impetus tanti violentia prosternitur, me quoque evolutum atque excussum humi recidens in inversum cooperit ac tegit. [12] Tunc ego sensi naturalitus quosdam affectus in contrarium provenire. Nam ut lacrimae saepicule de gaudio prodeunt, ita et in illo nimio pavore risum nequivi continere de Aristomene testudo factus. Ac dum in fimum deiectus obliquo aspectu quid rei sit grabatuli sollertia munitus opperior, video mulieres duas altioris aetatis; lucernam lucidam gerebat una, spongiam et nudum gladium altera. Hoc habitu Socratem bene quietum circumstetere. Infit illa cum gladio: "Hic est, soror Panthia, carus Endymion, hic Catamitus meus, qui diebus ac noctibus inlusit aetatulam meam, hic qui meis amoribus subterhabitis non solum me diffamat probris verum etiam fugam instruit. At ego scilicet Ulixi astu deserta vice Calypsonis aeternam solitudinem flebo." Et porrecta dextera meque Panthiae suae demonstrato: "At hic bonus" inquit "consiliator Aristomenes, qui fugae huius auctor fuit et nunc morti proximus iam humi prostratus grabattulo subcubans iacet et haec omnia conspicit, impune se laturum meas contumelias putat. Faxo eum sero, immo statim, immo vero iam nunc, ut et praecedentis dicacitatis et instantis curiositatis paeniteat." [13] Haec ego ut accepi, sudore frigido miser perfluo, tremore viscera quatior, ut grabattulus etiam succussu meo inquietus super dorsum meum palpitando saltaret. At bona Panthia: "Quin igitur", inquit "soror, hunc primum bacchatim discerpimus vel membris eius destinatis virilia desecamus?" Ad haec Meroe - sic enim reapse nomen eius tunc fabulis Socratis convenire sentiebam -: "Immo" ait "supersit hic saltem qui miselli huius corpus parvo contumulet humo," et capite Socratis in alterum dimoto latus per iugulum sinistrum capulo tenus gladium totum ei demergit et sanguinis eruptionem utriculo admoto excipit diligenter, ut nulla stilla compareret usquam. Haec ego meis oculis aspexi. Nam etiam, ne quid demutaret, credo, a victimae religione, immissa dextera per vulnus illud ad viscera penitus cor miseri contubernalis mei Meroe bona scrutata protulit, cum ille impetu teli praesecata gula vocem immo stridorem incertum per vulnus effunderet et spiritum rebulliret. Quod vulnus, qua maxime patebat, spongia offulciens Panthia: "Heus tu" inquit "spongia, cave in mari nata per fluvium transeas." His editis abeunt <et una> remoto grabattulo varicus super faciem meam residentes vesicam exonerant, quoad me urinae spurcissimae madore perluerent. [14] Commodum limen evaserant, et fores ad pristinum statum integrae resurgunt: cardines ad foramina residunt, <ad> postes [ad] repagula redeunt, ad claustra pessuli recurrunt. At ego, ut eram, etiam nunc humi proiectus inanimis nudus et frigidus et lotio perlutus, quasi recens utero matris editus, immo vero semimortuus, verum etiam ipse mihi supervivens et postumus vel certe destinatae iam cruci candidatus : "Quid" inquam "me fiet, ubi iste iugulatus mane paruerit? Cui videbor veri similia dicere proferens vera? "Proclamares saltem suppetiatum, si resistere vir tantus mulieri nequibas.

Sub oculis tuis homo iugulatur, et siles? Cur autem te simile latrocinium non peremit? Cur saeva crudelitas vel propter indicium sceleris arbitro pepercit? Ergo, quoniam evasisti mortem, nunc illo redi."

Tradução

Coitado de mim! Eu, que só queria acompanhar uma festa bastante famosa de espetáculo de gladiadores, acabei caindo nessas desventuras... Como você bem sabe, fui à Macedônia para trabalhar e, depois de quase dez meses negociando lá, retornei mais endinheirado. Um pouco antes de me aproximar de Larissa, a caminho do espetáculo, quando passava por um vale fechado, esburacado e no meio do nada, fui sitiado por um sem-número de ladrões. Escapei, mas me levaram tudo. Extremamente debilitado, como era de se esperar, acabei indo parar na hospedaria de uma tal de Méroe, uma mulher já velha, mas até que atraente, e contei a ela minha história: a longa viagem, a angustiante saudade de casa, o triste assalto. No começo ela me tratou de uma maneira infinita e desinteressadamente generosa, com uma refeição gratificante e de graça. Mas, logo depois, invadida pelo fogo do desejo, me levou direto para sua cama. E aí já era... Foi só esse pobre coitado aqui dormir lá uma vez para contrair a doença de querer ficar agarrado na velha. Entreguei a ela até mesmo as roupas do corpo que os bondosos ladrões tinham deixado que eu continuasse usando; e dava a ela até o salarinho que ganhava carregando sacos, enquanto ainda tinha força. Foi assim que cheguei ao estado lastimável em que você me viu há pouco: com uma boa esposa e uma má sorte.[8]— Puxa vida! – disse eu. Você realmente é digno de suportar o pior dos mundos – isso só se existir algo pior do que o que você tem passado nos últimos tempos... Você preferiu a satisfação sexual e a vagabunda das vagabundas a seu lar e filhos! Ele, por sua vez, levando o dedo indicador à boca e congelado de medo, disse: ‘cale a boca, cale a boca!’, e, olhando em volta e se certificando de que era seguro falar, completou: — Cuidado com essa sua língua tagarela! Vai acabar atraindo uma vil punição contra você mesmo... Ela tem poderes divinos...— Você está falando sério?! – disse eu. – Que tipo de mulher é essa poderosa e famosa rainha taberneira? — Uma feiticeira com poderes divinos, poderosa a ponto de fazer descer o céu, suspender a terra, petrificar as fontes, dissolver os montes, emergir os Manes, submergir os deuses, extinguir os astros, até mesmo iluminar o Tártaro. — Por favor, pode ir fechando a cortina da tragédia e recolhendo o pano de fundo do cenário da comédia! Eu vou adiante nessa conversa só se você falar coisa com coisa. — Você quer me ouvir contar uma de suas façanhas, talvez duas, ou pode ser um monte delas? A verdade é que, fazer com que a amem enlouquecidamente não só os habitantes daqui, mas também os

indianos, ou os etíopes, ou os próprios antípodas, tanto faz, isso é o bê-á-bá de sua técnica, é só aquecimento. Mas ouça isto que ela fez na frente de várias pessoas: [9] Um amante seu, que rompeu com ela por causa de outra mulher, com uma só palavra ela transformou em castor selvagem, um animal que, ao temer ser capturado por predadores, se livra de suas genitálias, cortando-as em pedaços, para que com ele ocorresse a mesma coisa. Um taberneiro vizinho e por isso, concorrente, ela desfigurou em rã, e agora o velho, que fica nadando dentro de um barril de vinho, mergulhado na borra, cumprimenta com roucos e gentis coaxos os antigos fregueses. Um outro lá do fórum, porque é possível que tenha mencionado algo contra ela, desfigurou em carneiro, e agora um carneiro move processos. Também a esposa de seu amante, que estava grávida, porque tinha sarcasticamente espalhado algo sobre a lascívia dela, condenou a uma eterna gravidez, ao obstruir o colo do útero e retardar o nascimento do bebê. O pessoal calcula que já se passaram oito anos e a pobrezinha continua a ser torturada pelo fardo em constante distensão, como se estivesse prestes a parir um elefante! [10] Uma vez que não foram só essas, mas muitas outras as pessoas sucessivamente prejudicadas, espalhou-se uma indignação pública e irrestrita contra ela, de modo que foi condenada à sentença mais rigorosa que havia: apedrejamento, e já no dia seguinte. Mas ela reverteu essa situação com a força de suas artes mágicas. Tal como a famosa Medeia, a quem bastou um único dia de indulto concedido por Creonte para, com chamas de uma coroa, reduzir tudo a cinzas – o palácio, o velho rei e sua filha –, também a ela um dia foi o bastante. Depois de entrar num túmulo e realizar os ritos sepulcrais prévios – como um dia, bêbada, me contou que fazia –, ela trancou todo mundo em suas próprias casas, com a violência secreta das divindades invocadas. Eles ficaram dois dias inteiros sem conseguir destravar as fechaduras, ou tirar as portas, nem mesmo fazer buracos nas paredes, até o ponto em que, em mútua e uníssona exortação, todos, aos gritos, juraram, usando termos da mais alta inviolabilidade, que iriam manter as mãos longe dela e que, se alguém chegasse a pensar nisso, eles atuariam como sua tropa de reforço protetora. Foi só assim que ela se deu por satisfeita e soltou toda a cidade. Mas o autor daquela assembleia, numa noite tempestuosa, com sua casa inteira – incluindo aí alicerces, paredes e piso –, do jeito que estava, ainda trancada, ela transportou para uma região mais ou menos a umas cem cidades daqui, localizada no ponto mais alto de um monte escarpado e, por essa razão, desprovida de água. E porque as casas dos habitantes cobriam tudo e não davam espaço para o novo morador, ela se livrou da casa ali mesmo, no portão de entrada da cidade. [11] Foi então que eu disse:— Essas histórias que você estava contando, meu amigo Sócrates, são bárbaras – repletas de maravilhas e de selvageria! Em resumo, você implantou também em mim uma preocupação nada desprezível... Para dizer a verdade, estou mesmo é apavorado, espetado que fui pela ponta

não de uma pedra afiada, mas pela de uma lança. E se a velha, ao fazer trabalho parecido, vier a saber dessa nossa conversa? Pois então vamos ficar bem quietos o quanto antes e, depois de uma boa noite de sono reparador, antes do dia amanhecer, vamos fugir daqui para bem longe, o mais longe que conseguirmos. Eu estava ainda tentando persuadi-lo disso e já o bom Sócrates roncava alto e claro, dominado pelo sono e invadido pela quantidade não costumeira de vinho que bebera e pelo esgotamento do dia exaustivo que tivera. Eu mesmo só fui me deitar depois de fechar a porta, trancar a fechadura e ainda habilidosamente apoiar minha cama atrás da dobradiça. No início fiquei um pouco de tempo acordado por causa do medo, mas lá pela meia noite, uma hora da manhã, fechei os olhos. Tinha eu tirado uma soneca tranquila, quando, de repente, com uma batida forte demais para eu pensar que eram ladrões, a porta se abriu, ou melhor, a porta se espatifou, os gonzos quebrados e arrancados na base. Também minha cama, que além de ser curtinha e de pé quebrado, ainda por cima estava podre, se espatifou, tamanha a violência da batida. Voamos pelos ares, mas eu, depois de dar um giro, caí no chão primeiro e fui completamente coberto pelos pedaços de cama que vieram em seguida. [12] Naquele momento, percebi que algumas reações acontecem naturalmente e ao contrário do que se espera, como, por exemplo, quando surgem lágrimas em um momento de alegria, e isso até com certa frequência. Assim também aconteceu comigo: eu, Aristômenes, naquele momento de pavor extremo, não fui capaz de conter o riso, ao perceber que tinha sido transformado em tartaruga! E enquanto aguardava para descobrir o que se passava, ali lançado na lama, mas ardilosamente protegido pelos pedaços do catre, olhei de soslaio e vi duas mulheres mais velhas, uma carregando uma lâmpada de azeite acesa, a outra uma esponja e uma espada à mostra. Foi com esse armamento que elas cercaram Sócrates, que estava em repouso absoluto. A que estava com a espada foi a primeira a falar. Ela disse:— Minha querida irmã Pântia! Aqui está ele, meu precioso Endímion, é ele o meu Ganimedes, que por dias e noites aproveitou de mim e de minha juventude, mas que agora, além de pisar nesse amor, me difama e ainda por cima arquiteta fugir. E eu, por causa da astúcia desse Ulisses, evidentemente farei o papel de Calipso, a chorar a eterna solidão.Em seguida, estendeu a mão em minha direção, me mostrou para Pântia e disse: E ainda tem esse bom conselheiro Aristômenes, o instigador da fuga. Aqui jaz o autor, mais perto da morte do que nunca, já prostrado por terra, deitado sob os pedaços do catre, vendo tudo isso, e acha que vai se safar impunemente das ofensas feitas a mim! Irei executá-lo mais tarde... Pensando melhor, daqui a pouco... Pensando melhor ainda, neste exato momento e sem demora, para que ele se arrependa de sua mordacidade de antes e de sua curiosidade de agora... [13] Quando digeri essas palavras, um suor congelante percorreu meu pobre corpo, provocando um terremoto em minhas vísceras, de forma que até o catre, agitado por minha tremedeira, não

parou de sacudir, palpitando sobre meu casco. A bondosa Pântia, por outro lado, disse:— Verdade! Então, irmã, que tal despedaçarmos esse daí primeiro, como fazem as Bacantes, ou amarrarmos os membros dele e picarmos seu pênis em pedacinhos? Mas Méroe – percebi que era ela, pois correspondia exatamente à figura com esse nome nas histórias recentes de Sócrates – a essas sugestões respondeu:— Melhor não... Que reste pelo menos este para cobrir com um pouco de terra o túmulo desse pobre corpo, coitadinho...Em seguida, depois de virar a cabeça de Sócrates para o outro lado, ela enterrou no pescoço dele a espada inteira, bem fundo, até o punho, pelo lado esquerdo, e recolheu cuidadosamente, com um pequeno odre, o sangue que jorrava, sem perder nem uma gota sequer. Isso eu vi com meus próprios olhos. Na verdade, para que aquilo não fosse em nada diferente, acho eu, de um sacrifício religioso, a bondosa escrutinadora Méroe enfiou a mão direita por dentro da ferida até as vísceras mais profundas e arrancou o coração do pobre coitado do meu companheiro, ao que ele, mesmo com a garganta gravemente ferida pela violência da arma, exalou pela ferida um suspiro, ou, melhor dizendo, um ruído incerto, e não deu mais sinal de vida. Pântia, preenchendo o enorme buraco aberto da ferida com a esponja, disse:— Oh, esponja no mar nascida! Não atravesse pelo rio! Ao final da exclamação, elas se foram, não sem antes remover o catre, abaixar as pernas, mirando em mim, e fazer jorrar jatos de urina sobre minha cara, até que me inundaram com aquele líquido mais do que imundo. [14] Saíram calmamente pela entrada principal e, em seguida, a porta, em perfeito estado, voltou ao lugar de antes – batente, guarnição, trinco, dobradiças – tudo fixo e funcionando. Quanto a mim, como estava fiquei, ainda espalhado no chão, desmaiado, nu, morrendo de frio e abundantemente banhado em urina, parecendo um recém-nascido que acabou de sair do útero da mãe; ou, melhor dizendo, estava mesmo era como um morto-vivo, sobrevivente de mim mesmo e último da fila, muito provavelmente candidato à cruz, que já devia estar separada para mim. Foi então que eu disse: — O que vai acontecer comigo, quando esse sujeito degolado estiver à vista de todos pela manhã? Quem vai achar que estou dizendo a verdade, se eu contar a verdade? Eles dirão: ‘Você poderia pelo menos gritar para pedir ajuda, se, mesmo sendo esse tamanho de homem, não dava conta de enfrentar a mulher... Um homem é degolado debaixo de seus olhos e você continua calado? Ora, por que motivo homicídio semelhante não atingiu você também? Por que motivo a crueldade em pessoa poupou a testemunha ocular do crime, pronta para denunciá-lo? Portanto, considerando que você se safou da morte, volte agora mesmo para junto dela!’.

Depois de se darem conta de que tudo não passara de um sonho, os companheiros resolvem prosseguir viagem, e Lúcio nota uma mudança preocupante na aparência de Sócrates

"En" inquam "paratum tibi adest ientaculum", et cum dicto manticam meam humero exuo, caseum cum pane propere ei porrigo, et "Iuxta platanum istam residamus" aio. [19] Quo facto et ipse aliquid indidem sumo eumque avide essitantem aspiciens aliquanto intentiore macie atque pallore buxeo deficientem video. Sic denique eum vitalis color turbaverat ut mihi prae metu, nocturnas etiam Furias illas imaginanti, frustulum panis quod primum sumpseram quamvis admodum modicum mediis faucibus inhaereret ac neque deorsum demeare neque sursum remeare posset. Nam et brevitas ipsa commeantium metum mihi cumulabat. Quis enim de duobus comitum alterum sine alterius noxa peremptum crederet? Verum ille, ut satis detruncaverat cibum, sitire inpatienter coeperat; nam et optimi casei bonam partem avide devoraverat, et haud ita longe radices platani lenis fluvius in speciem placidae paludis ignavus ibat argento vel vitro aemulus in colorem. "En" inquam "explere latice fontis lacteo." Adsurgit et oppertus paululum pleniorem ripae marginem complicitus in genua adpronat se avidus adfectans poculum. Necdum satis extremis labiis summum aquae rorem attigerat, et iugulo eius vulnus dehiscit in profundum patorem et illa spongia de eo repente devolvitur eamque parvus admodum comitatur cruor. Denique corpus exanimatum in flumen paene cernuat, nisi ego altero eius pede retento vix et aegre ad ripam superiorem adtraxi, ubi defletum pro tempore comitem misellum arenosa humo in amnis vicinia sempiterna contexi. Ipse trepidus et eximie metuens mihi per diversas et avias solitudines aufugi et quasi conscius mihi caedis humanae relicta patria et lare ultroneum exilium amplexus nunc Aetoliam novo contracto matrimonio colo."

Tradução

E, depois de dizer isso, tirei meu alforje e ofereci a ele sem demora um pedaço de pão com queijo e sugeri: ‘Que tal nos sentarmos debaixo desse plátano?’. [19] Feito isso, eu também peguei um pedaço desse mesmo prato e, ao observar Sócrates comendo avidamente sem parar, percebi que ele estava quase desmaiando, com os ossos à mostra, a pele cada vez mais estirada e amarelada, pálido como buxo. Para se ter uma ideia, de tal forma a cor dele ficou fora dos padrões de um ser vivo, que eu, tomado de pavor, imaginando que eram as Fúrias noturnas, fiquei com o primeiro pedacinho de pão que tinha pegado agarrado no meio da garganta e não conseguia nem empurrá-lo para dentro nem regurgitá-lo, ainda que fosse um pedaço de nada. E, para completar, a própria escassez de viajantes aumentava meu medo, pois quem poderia

acreditar que de dois companheiros um morreu sem o outro ter culpa nisso? Mas ele, por sua vez, quando terminou de mutilar a comida, ficou com uma sede violenta, pois tinha avidamente devorado também boa parte do ótimo queijo, e não longe das raízes do plátano passava um rio tranquilo, lento, que mais parecia um plácido pântano, comparável em cor à prata e ao vidro.— Vá lá! Acabe de encher a pança com esse líquido leitoso direto na fonte! Ele se levantou lentamente e, depois de aguardar que a margem do rio ficasse um pouquinho mais cheia, se curvou, dobrando os joelhos, e, ávido, dispôs o copo. E ele ainda nem tinha encostado a ponta dos lábios na água, quando a ferida de seu pescoço reabriu, em desmensurada profundidade, e, de repente, expeliu de cima abaixo a conhecida esponja, à qual se seguiu uma quantidade até pequena de sangue derramado. Para completar, o corpo já sem vida teria mergulhado de cabeça no rio, se eu não o tivesse arrastado por um dos pés, apesar da enorme dificuldade, até a parte superior da margem. Foi quando dediquei algum tempo ao luto pela morte de meu pobre companheiro e encobri seu corpo com a sempiterna terra arenosa nas proximidades do rio. Quanto a mim, trêmulo de medo, completamente apavorado e sem saber o que seria de mim, escapuli por diversas regiões desertas e inacessíveis e, me sentindo como que responsável pelo sangue humano derramado, deixei para trás minha pátria e meu lar, abraçando o exílio voluntário. Agora estou morando na Etólia, onde me casei novamente.

Chegado ao seu destino, começa a aventura de Lúcio na casa de Milo, na Tessália (Livro II, 1)

[1] Ut primum nocte discussa sol novus diem fecit, et somno simul emersus et lectulo, anxius alioquin et nimis cupidus cognoscendi quae rara miraque sunt, reputansque me media Thessaliae loca tenere qua artis magicae nativa cantamina totius orbis consono orbe celebrentur fabulamque illam optimi comitis Aristomenis de situ civitatis huius exortam, suspensus alioquin et voto simul et studio, curiose singula considerabam. Nec fuit in illa civitate quod aspiciens id esse crederem quod esset, sed omnia prorsus ferali murmure in aliam effigiem translata, ut et lapides quos offenderem de homine duratos et aves quas audirem indidem plumatas et arbores quae pomerium ambirent similiter foliatas et fontanos latices de corporibus humanis fluxos crederem; iam statuas et imagines incessuras, parietes locuturos, boves et id genus pecua dicturas praesagium, de ipso vero caelo et iubaris orbe subito venturum oraculum.

Tradução

[1] Quando os primeiros raios do sol dissiparam a noite e trouxeram um novo dia, larguei de uma só vez o sono e a cama, mais do que ansioso, absolutamente apaixonado pela ideia de ter contatos imediatos com eventos raros e surpreendentes. E levando em consideração que eu estava instalado na região central da Tessália, lugar mundialmente conhecido como a capital dos encantamentos e da arte da magia, e que a história de meu valente companheiro Aristômenes tinha começado numa cidade daquela região, eu ficava observando cada coisa que via com excessiva curiosidade, sufocado que estava pelo desejo e, ao mesmo tempo, pela vontade de aprender. E não houve naquela cidade nada que eu tenha visto e tenha acreditado ser o que era: para dizer a verdade, tudo parecia claramente estar transfigurado e sob efeito de fórmula mágica. Por exemplo: eu acreditava que as pedras contra as quais me chocava eram homens endurecidos, as aves que ouvia cantar eram igualmente pessoas com asas, as árvores que rodeavam o espaço sagrado eram gente coberta de folha e no líquido das fontes fluíam corpos humanos... E não era só isso: as estátuas e imagens pareciam prontas para caminhar em minha direção, as paredes prontas para conversar comigo, os bois, e qualquer outro tipo de rebanho, prontos para realizar um presságio e até mesmo do céu e do escudo estelar um oráculo pronto para surgir de uma hora para outra.

Após se instalar na casa de Milão, Lúcio visita sua tia Birrena e é alertado sobre Pânfila (Livro II, 5-6)

(...) "deam, o Luci carissime, ut anxie tibi metuo et ut pote pignori meo longe provisum cupio, cave tibi, sed cave fortiter a malis artibus et facinorosis illecebris Pamphiles illius, quae cum Milone isto, quem dicis hospitem, nupta est. Maga primi nominis et omnis carminis sepulcralis magistra creditur, quae surculis et lapillis et id genus frivolis inhalatis omnem istam lucem mundi sideralis imis Tartari et in vetustum chaos submergere novit. Nam simul quemque conspexerit speciosae formae iuvenem, venustate eius sumitur et ilico in eum et oculum et animum detorquet. Serit blanditias, invadit spiritum, amoris profundi pedicis aeternis alligat. Tunc minus morigeros et vilis fastidio in saxa et in pecua et quodvis animal puncto reformat, alios vero prorsus extinguit. Haec tibi trepido et cavenda censeo. Nam et illa uritur perpetuum et tu per aetatem et pulchritudinem capax eius es." Haec mecum Byrrhena satis anxia. [6] At ego curiosus alioquin, ut primum artis magicae semper optatum nomen audivi, tantum a cautela

Pamphiles afui ut etiam ultro gestirem tali magisterio me volens ampla cum mercede tradere et prorsus in ipsum barathrum saltu concito praecipitare. Festinus denique et vecors animi manu eius velut catena quadam memet expedio et "Salve" propere addito ad Milonis hospitium perniciter evolo. Ac dum amenti similis celero vestigium, "Age," inquam, "o Luci, evigila et tecum esto. Habes exoptatam occasionem, et voto diutino poteris fabulis miris explere pectus. Aufer formidines pueriles, comminus cum re ipsa naviter congredere, et a nexu quidem venerio hospitis tuae tempera et probi Milonis genialem torum religiosus suspice, verum enimvero Photis famula petatur enixe. Nam et forma scitula et moribus ludicra et prorsus argutula est. Vesperi quoque cum somno concederes, et in cubiculo te deduxit comiter et blande lectulo collocavit et satis amanter cooperuit et osculato tuo capite quam invita discederet vultu prodidit, denique saepe retrorsa respiciens substitit. Quod bonum felix et faustum itaque, licet salutare non erit, Photis illa temptetur."

Tradução

Lúcio, meu querido, pela deusa que aqui está, juro que estou profundamente temerosa por você! Gostaria de poder protegê-lo como faria com um filho meu. Tenha cuidado, mas muito cuidado mesmo com as artes perniciosas e os encantos criminosos daquela Pânfila, que é casada com o tal Milão, que você disse ser seu anfitrião. Dizem que ela é a bruxa líder, a mestra em se tratando de feitiço sepulcral. Ela sabe como submergir nas profundezas do Tártaro e no antigo caos toda essa luz do mundo sideral – basta soprar sobre galhos, pedrinhas e outros objetos sem importância. Na verdade, assim que ela põe os olhos num rapaz de bela aparência, fica fascinada pela beleza física dele e sem demora concentra nele não só o olhar, mas também o pensamento. Envolve-o com palavras doces, invade seu espírito, prende-o a ela com laços eternos de amor profundo. Então, os menos submissos ou os que ela não quer mais, de quem já enjoou, com uma simples fórmula ela transforma em pedra, boi, ou em qualquer outro animal. Outros ela simplesmente extermina. É por isso que estou apreensiva e acho que você precisa tomar cuidado. O fogo de Pânfila não se apaga nunca e você, nos quesitos idade e beleza, está dentro de seus padrões. Foi isso que Birrena, bastante ansiosa, me disse. [6] Mas eu, irremediavelmente curioso, assim que ouvi a sempre atraente expressão “arte da magia”, não me mantive a uma distância segura de Pânfila, mas, pelo contrário, me entreguei por inteiro a essa paixão, com ardente desejo e vontade de cursar essa escola, pagando o preço que fosse, e de mergulhar de cabeça nos infernos, dando um salto mortal, sem pensar nas consequências. Por fim, me livrei

das mãos dela, que me prendiam como se fossem algemas, com toda a pressa do mundo e até um pouco perturbado, disse-lhe um “Até logo!” e fui voando, rápido e ligeiro, para a casa de Milão. E, enquanto acelerava o passo, parecendo um maluco, disse a mim mesmo: — Vamos lá, Lúcio! Fique em constante estado de alerta e não perca o foco! Você está com a faca e o queijo na mão, a hora é essa: você vai poder cumprir com a promessa, que já dura há muito tempo, de preencher sua vida com histórias maravilhosas. Deixe para trás os espantalhos de sua infância e enfrente de peito aberto essa situação, mas de plano traçado! Antes de qualquer coisa, abstenha-se de ter relação sexual com a esposa de Milão, seu bom anfitrião: mantenha uma posição de respeito total e irrestrito em relação ao quarto do casal. Sem dúvida a melhor estratégia é você atacar a escrava Fótis com toda sua força, pois ela é até bonitinha, é engraçada e, sem meias palavras, é bem apimentada.

Ao retornar para a casa de seus Milão, Lúcio e seus anfitriões falam sobre magia. (Livro II, 11-12)

Diem ceterum lavacro ac dein cenae dedimus. Nam Milonis boni concinnaticiam mensulam rogatus adcubueram, quam pote tutus ab uxoris eius aspectu, Byrrhenae monitorum memor, et perinde in eius faciem oculos meos ac si in Avernum lacum formidans deieceram. Sed adsidue respiciens praeministrantem Photidem inibi recreabar animi, cum ecce iam vesperam lucernam intuens Pamphile: "Quam largus" inquit "imber aderit crastino" et percontanti marito qui comperisset istud respondit sibi lucernam praedicere. Quod dictum ipsius Milo risu secutus: "Grandem" inquit "istam lucernam Sibyllam pascimus, quae cuncta caeli negotia et solem ipsum de specula candelabri contuetur." [12] Ad haec ego subiciens: "Sunt" aio "prima huiusce divinationis experimenta; nec mirum, licet modicum igniculum et manibus humanis laboratum, memorem tamen illius maioris et caelestis ignis velut sui parentis, quid is sit editurus in aetheris vertice divino praesagio et ipsum scire et nobis enuntiare. Nam et Corinthi nunc apud nos passim Chaldaeus quidam hospes miris totam civitatem responsis turbulentat et arcana fatorum stipibus emerendis edicit in vulgum, qui dies copulas nuptiarum adfirmet, qui fundamenta moenium perpetuet, qui negotiatori commodus, qui viatori celebris, qui navigiis opportunus. Mihi denique proventum huius peregrinationis inquirenti multa respondit et oppido mira et satis varia; nunc enim gloriam satis floridam, nunc historiam magnam et incredundam fabulam et libros me futurum."

Tradução

O resto do dia foi o bastante para ir tomar banho e jantar. Na verdade, recebi o convite do bom Milão para me juntar a ele e sua esposa em sua bem servida mesinha de jantar, o que aceitei, mas evitei a todo custo trocar olhares com ela, amedrontado pela lembrança das advertências de Birrena – para mim, olhar em seus olhos era o mesmo que me lançar rio Averno abaixo... Mas não tirava os olhos de Fótis, enquanto ela nos servia, e ficava todo animado no mesmo instante. Numa certa altura do jantar, ao observar a lâmpada de azeite acendida no final da tarde, de repente Pânfila disse:— Amanhã o dia será bastante chuvoso. Quando seu marido perguntou de onde tinha conseguido essa informação, ela respondeu que a lâmpada de azeite tinha dado a previsão do tempo. Essa resposta Milão recebeu com uma risada e disse:— Um fenômeno de Sibila essa nossa lâmpada de azeite, que dá conta de observar, do alto de seu candelabro, cada um dos eventos do céu e o próprio sol. [12] A essas palavras, eu disse:— Os primeiros experimentos da arte de fazer previsões são mesmo assim. Não me admira o fato de que uma chamazinha de nada, mesmo que produzida por mãos humanas, mas que mantém traços do fogo celestial maior, evidentemente seu ascendente, possa saber o que irá acontecer no alto do céu e nos antecipar através de um presságio divino. Agora mesmo, lá em Corinto, onde moro, temos entre nós um caldeu que está só de passagem, mas que está agitando toda a cidade com suas respostas incríveis. Basta dar-lhe alguns trocados e ele revela, em público, os segredos dos destinos. Ele consegue determinar qual o melhor dia para se casar, o que garantirá a solidez dos muros da cidade, o que é mais vantajoso para o homem de negócios, quando as estradas estarão mais cheias, que tempo é mais favorável para iniciar uma viagem de navio. Um último exemplo: quando lhe perguntei o que poderia esperar dessa minha viagem, ele respondeu assim: “eventos extremamente incríveis e desmesuradamente mutáveis; sem dúvida, glória brilhante como as rosas, uma história de vida marcante, que será transformada em narrativa de ficção, num livro repleto de fantasias fabulares”.

Na noite seguinte, durante o jantar, Lúcio conversa com Birrena sobre magia na Tessália e segue-se a narrativa fantástica sobre bruxas de Télifron, um dos convivas do banquete (Livro II, 20 a 23)

[20] Ad haec ego subiciens: "Vera memoras nec usquam gentium magis me liberum quam hic fuisse credidi. Sed oppido formido caecas et inevitabiles latebras magicae disciplinae. Nam ne mortuorum quidem sepulchra tuta dicuntur sed ex bustis et rogis reliquiae quaedam et

cadaverum praesegmina ad exitiabiles viventium fortunas petuntur, et cantatrices anus in ipso momento choragi funebris praepeti celeritate alienam sepulturam antevortunt." His meis addidit alius: "Immo vero istic nec viventibus quidem ullis parcitur. Et nescio qui simile passus ore undique omnifariam deformato truncatus est." Inter haec convivium totum in licentiosos cachinnos effunditur omniumque ora et optutus in unum quempiam angulo secubantem conferuntur. Qui cunctorum obstinatione confusus indigna murmurabundus cum vellet exsurgere, "Immo mi Thelyphron," Byrrhena inquit "et subsiste paulisper et more tuae urbanitatis fabulam illam tuam remetire, ut et filius meus iste Lucius lepidi sermonis tui perfruatur comitate." At ille: "Tu quidem, domina," ait "in officio manes sanctae tuae bonitatis, sed ferenda non est quorundam insolentia." Sic ille commotus. Sed instantia Byrrhenae, quae eum adiuratione suae salutis ingratis cogebant effari, perfecit ut vellet. [21] Ac sic aggeratis in cumulum stragulis et effultus in cubitum suberectusque [in torum] porrigit dexteram et ad instar oratorum conformat articulum duobusque infimis conclusis digitis ceteros eminens [porrigens] et infesto pollice clementer subrigens infit Thelyphron: "Pupillus ego Mileto profectus ad spectaculum Olympicum, cum haec etiam loca provinciae famigerabilis adire cuperem, peragrata cuncta Thessalia fuscis avibus Larissam accessi. Ac dum singula pererrans tenuato admodum viatico paupertati meae fomenta conquiro, conspicor medio foro procerum quendam senem. Insistebat lapidem claraque voce praedicabat, siqui mortuum servare vellet, de pretio liceretur. Et ad quempiam praetereuntium "Quid hoc" inquam "comperior? Hicine mortui solent aufugere?" "Tace," respondit ille "nam oppido puer et satis peregrinus es meritoque ignoras Thessaliae te consistere, ubi sagae mulieres ora mortuorum passim demorsicant, eaque sunt illis artis magicae supplementa." [22] Contra ego: "Et quae, tu" inquam "dic sodes, custodela ista feralis?" "Iam primum" respondit ille "perpetem noctem eximie vigilandum est exsertis et inconivis oculis semper in cadaver intentis nec acies usquam devertenda, immo ne obliquanda quidem, quippe cum deterrimae versipelles in quodvis animal ore converso latenter adrepant, ut ipsos etiam oculos Solis et Iustitiae facile frustrentur; nam et aves et rursum canes et mures immo vero etiam muscas induunt. Tunc diris cantaminibus somno custodes obruunt. Nec satis quisquam definire poterit quantas latebras nequissimae mulieres pro libidine sua comminiscuntur. Nec tamen huius tam exitiabilis operae merces amplior quam quaterni vel seni ferme offeruntur aurei. Ehem, et quod paene praeterieram, siqui non integrum corpus mane restituerit, quidquid inde decerptum deminutumque fuerit, id omne de facie sua desecto sarcire compellitur." [23] His cognitis animum meum conmasculo et ilico accedens praeconem: "Clamare" inquam "iam desine. Adest custos paratus, cedo praemium." "Mille" inquit "nummum deponentur tibi. Sed heus iuvenis, cave diligenter principum civitatis filii cadaver a

malis Harpyiis probe custodias." "Ineptias" inquam "mihi narras et nugas meras. Vides hominem ferreum et insomnem, certe perspicaciorem ipso Lynceo vel Argo et oculeum totum." Vix finieram, et ilico me perducit ad domum quampiam, cuius ipsis foribus obseptis per quandam brevem posticulam intro vocat me et conclave quoddam obseratis luminibus umbrosum <intrans> demonstrat matronam flebilem fusca veste contectam, quam propter adsistens: "Hic" inquit "auctoratus ad custodiam mariti tui fidenter accessit." At illa crinibus antependulis hinc inde dimotis etiam in maerore luculentam proferens faciem meque respectans: "Vide oro" inquit "quam expergite munus obeas." "Sine cura sis", inquam "modo corollarium idoneum compara."

Tradução

[20] A esse comentário, eu acrescentei: — É verdade, é verdade... Não me lembro de ter me sentido em nenhum outro lugar mais livre do que me sinto aqui. Mas evidentemente tenho medo dos mistérios obscuros e inevitáveis da ciência da magia. Dizem que aqui nem os sepulcros dos mortos estão seguros, mas alguns restos extraídos de sepulturas e de piras funerárias, além de pedaços de cadáveres, são recolhidos para preparar o destino fatal dos vivos. E, também, as velhas feiticeiras chegam antes no velório dos outros, na hora em que estão arrumando o cadáver, e pegam o que precisam com assustadora rapidez. A essas minhas palavras, um outro convidado acrescentou: — Para dizer a verdade, por essas bandas nem mesmo os vivos são poupados. Teve até um, não sei bem o nome dele, que passou por coisa parecida, pois ficou com o rosto todo deformado, retalhado de todas as maneiras, em todas as partes possíveis...Quando ele mencionou isso, a sala de jantar inteira caiu na risada desenfreadamente e todo mundo voltou o rosto e o olhar atravessado na direção de um sujeito que estava separado do grupo, lá num canto da sala. Ele, revoltado com a inconveniente fixação do olhar de todos em sua pessoa, resmungou qualquer coisa, levantou-se e quis ir embora, mas Birrenalhe disse: — Nem pense nisso, meu amigo Télifron! Fique um pouco mais e compartilhe conosco uma vez mais aquela sua famosa história, daquele jeito espirituoso que só você sabe... Permita que Lúcio, meu querido afilhado, usufrua da deliciosa experiência de acompanhar sua narrativa encantadora. Ele, por sua vez, respondeu assim: — Pelo menos a senhora ainda mantém a classe e se comporta de maneira louvável, mas a insolência de certas pessoas é intolerável! Ele estava visivelmente alterado quando disse isso, mas a insistência de Birrena, que usou como argumento de peso o fato de que aquele era um pedido pessoal dela, acabou por obter dele o

aceite para contar sua história. [21] E, assim, depois de fazer um monte com suas mantas, apoiou o cotovelo sobre ele, erguendo um pouco o peitoral, e levantou a mão direita à maneira dos oradores: os dois dedos menores dobrados, os demais à mostra, o polegar exposto, mas em suave declive. Télifron, então, começou a contar: "— Quando eu era um garoto em idade escolar, saí de Mileto e viajei para assistir aos Jogos Olímpicos. Como também queria aproveitar a oportunidade e conhecer outros lugares dessa famosa província, atravessei a Tessália de cabo a rabo, seguindo uns pressentimentos nebulosos, até chegar à cidade de Larissa. Aí, fui logo procurando uma forma de recompor minhas reservas de viagem, já bem diminuídas pelo extenso trajeto percorrido. Foi quando dei de frente, no meio do fórum, com um senhor de aspecto respeitável. Ele estava apoiado sobre uma pedra e anunciava, a plenos pulmões, que, se alguém estivesse disposto a ser o guarda-costas de um morto, viesse até ele para acertarem o valor do pagamento. Eu, então, perguntei a alguém que estava perto de mim: — Que novidade é essa? Por acaso aqui os mortos escapolem? — Boca calada! – respondeu ele. Está na cara que você, um garotinho, e ainda por cima estrangeiro, não sabe o que significa estar na Tessália, o lugar em que as bruxas dão pequenas e espaçadas mordidas no rosto dos mortos e as utilizam como ingredientes em suas receitas mágicas. [22] E eu continuei: — Por favor, me diga, o que faz um sentinela de morto? — Antes de qualquer coisa – respondeu ele – deve ficar a noite inteirinha completamente acordado, com os olhos ininterruptamente arregalados e fixos no cadáver, não pode desviar o olhar para nada, nem de lado ele pode, pois, com toda a certeza, essas mulheres conseguem se transformar em qualquer animal que queiram e se aproximar sorrateiramente, de maneira tal que podem facilmente enganar mesmo os olhos do Sol e da Justiça, uma hora sob a pele de aves, outra de cães ou ratos e, pasme, até de moscas. Depois, com seus feitiços agourentos, fazem os vigias desabarem de sono. Ninguém consegue definir com precisão quantos tipos de armadilhas essas mulheres perigosíssimas inventam em benefício de sua própria libido. E, no entanto, o salário por um trabalho de altíssima periculosidade como esse não passa, quase sempre, de quatro a seis moedas de ouro. Nossa! Tem uma coisa que quase me esqueci de mencionar: se, por acaso, de manhã, o corpo do defunto não estiver inteiro, o que quer que seja que tenha sido tirado fora ou que esteja faltando pedaço, ele é obrigado a restituir ao defunto exatamente essa mesma parte, retirando a peça de reposição da própria cara. [23] Mesmo sabendo desses perigos, busquei o machão que havia dentro de mim e fui imediatamente até o pregoeiro anunciar: — Pode parar de gritar. Sentinela a postos, a seu dispor. Vamos discutir a proposta de salário. — Mil sestércios serão reservados para você. Mas, olhe bem, meu jovem, tome muito cuidado com o cadáver do filho de um dos chefes da cidade: olho vivo nas Harpias funestas! Baixar a guarda jamais! — Um monte de bobagens –

disse eu –, é isso que você está me falando. Diante de seus olhos está o homem de ferro, insônia é meu nome. Sou mais perspicaz do que Linceu e Argo juntos: sou todo olhos! Mal tinha eu completado minha fala e imediatamente ele me conduziu até uma casa, que estava com a porta principal lacrada. Ele me introduziu, então, por uma portinha bem estreita, num quarto abafado e sem entrada de luz, e me apresentou uma mulher que vestia roupas pretas e estava aos prantos. Aí ele se sentou ao lado dela e disse: — Este aqui é o escolhido. Ele tem perfil para ser o sentinela de seu marido. Ela, por sua vez, afastando para um e outro lados os cabelos que lhe cobriam o belo rosto, apesar de demonstrar estar em profundo pesar, olhou em minha direção e disse: — Por favor, execute sua tarefa com o máximo de empenho possível. — Não se preocupe com isso – disse eu. Preocupe-se apenas em me pagar com uma gratificação à altura dos serviços prestados.

Eis que a viúva é acusada pelo assassinato do marido por um velho, e segue-se o desfecho da anedota (Livro II, 27 a 30)

[27] (...) "Per fidem vestram," inquit "Quirites, per pietatem publicam perempto civi subsistite et extremum facinus in nefariam scelestamque istam feminam severiter vindicate. Haec enim nec ullus alius miserum adulescentem, sororis meae filium, in adulteri gratiam et ob praedam hereditariam extinxit veneno." Sic ille senior lamentabiles questus singultim instrepebat. Saevire vulgus interdum et facti verisimilitudinem ad criminis credulitatem impelli. Conclamant ignem, requirunt saxa, famulos ad exitium mulieris hortantur. Emeditatis ad haec illa fletibus quamque sanctissime poterat adiurans cuncta numina tantum scelus abnuebat. [28] Ergo igitur senex ille: "Veritatis arbitrium in divinam providentiam reponamus. Zatchlas adest Aegyptius propheta primarius, qui mecum iam dudum grandi praemio pepigit reducere paulisper ab inferis spiritum corpusque istud postliminio mortis animare", et cum dicto iuvenem quempiam linteis amiculis iniectum pedesque palmeis baxeis inductum et adusque deraso capite producit in medium. Huius diu manus deosculatus et ipsa genua contingens: "Miserere," ait "sacerdos, miserere per caelestia sidera per inferna numina per naturalia elementa per nocturna silentia et adyta Coptica et per incrementa Nilotica et arcana Memphitica et sistra Phariaca. Da brevem solis usuram et in aeternum conditis oculis modicam lucem infunde. Non obnitimur <necessitati> nec terrae rem suam denegamus, sed ad ultionis solacium exiguum vitae spatium deprecamur." Propheta sic propitiatus herbulam quampiam ob os corporis et aliam pectori eius imponit. Tunc orientem obversus incrementa solis augusti tacitus imprecatus venerabilis

scaenae facie studia praesentium ad miraculum tantum certatim adrexit. [29] Immitto me turbae socium et pone ipsum lectulum editiorem quendam lapidem insistens cuncta curiosis oculis arbitrabar. Iam tumore pectus extolli, iam salebris vena pulsari, iam spiritu corpus impleri; et adsurgit cadaver et profatur adulescens: "Quid, oro, me post Lethea pocula iam Stygiis paludibus innatantem ad momentariae vitae reducitis officia? Desine iam, precor, desine ac me in meam quietem permitte." Haec audita vox de corpore, sed aliquanto propheta commotior: "Quin refers" ait "populo singula tuaeque mortis illuminas arcana? An non putas devotionibus meis posse Diras invocari, posse tibi membra lassa torqueri?" Suscipit ille de lectulo et imo cum gemitu populum sic adorat: "Malis novae nuptae peremptus artibus et addictus noxio poculo torum tepentem adultero mancipavi." Tunc uxor egregia capit praesentem audaciam et mente sacrilega coarguenti marito resistens altercat. Populus aestuat diversa tendentes, hi pessimam feminam viventem statim cum corpore mariti sepeliendam, alii mendacio cadaveris fidem non habendam. [30] Sed hanc cunctationem sequens adulescentis sermo distinxit; nam rursus altius ingemescens: "Dabo," inquit "dabo vobis intemeratae veritatis documenta perlucida et quod prorsus alius nemo cognoverit indicabo." Tunc digito me demonstrans: "Nam cum corporis mei custos hic sagacissimus exsertam mihi teneret vigiliam, cantatrices anus exuviis meis inminentes atque ob id reformatae frustra saepius cum industriam eius fallere nequivissent, postremum iniecta somni nebula eoque in profundam quietem sepulto me nomine ciere non prius desierunt quam dum hebetes artus et membra frigida pigris conatibus ad artis magicae nituntur obsequia. <At> hic utpote vivus quidem sed tantum sopore mortuus, quod eodem mecum vocabulo nuncupatur, ad suum nomen ignarus exsurgit, et in inanimis umbrae modum ultroneus gradiens, quamquam foribus cubiculi diligenter obclusis, per quoddam foramen prosectis naso prius ac mox auribus vicariam pro me lanienam sustinuit. Utque fallaciae reliqua convenirent, ceram in modum prosectarum formatam aurium ei adplicant examussim nasoque ipsius similem comparant. Et nunc adsistit miser hic praemium non industriae sed debilitationis consecutus." His dictis perterritus temptare formam adgredior. Iniecta manu nasum prehendo: sequitur; aures pertracto: deruunt. Ac dum directis digitis et detortis nutibus praesentium denotor, dum risus ebullit, inter pedes circumstantium frigido sudore defluens evado. Nec postea debilis ac sic ridiculus Lari me patrio reddere potui, sed capillis hinc inde laterum deiectis aurium vulnera celavi, nasi vero dedecus linteolo isto pressim adglutinato decenter obtexi."

Tradução

[27] (...) Cidadãos romanos! Em nome da fé e do respeito público, defendam este cidadão que foi assassinado e punam com severidade essa mulherzinha abominável, essa bandida, por seu homicídio qualificado. Foi ela, ninguém menos do que ela, que matou com veneno esse pobre jovem, filho de minha irmã, para pegar a herança dele e gastar com seu amante! Era assim que o velho, entre soluços e gemidos, fazia estardalhaço com sua denúncia. O povo, nesse meio tempo, ia se enchendo de cólera, impelido a dar crédito à versão de que tinha sido crime por causa da verossimilhança do fato. As pessoas começaram a gritar por tochas, pegar pedras, incitar escravos a linchar a mulher até a morte. A essa situação, ela, com lágrimas planejadas e jurando da maneira mais sagrada que conseguia, em nome de todos os deuses, reagiu negando ter cometido tamanha atrocidade. [28] Sendo essas as circunstâncias, então, o velho disse: — Coloquemos nas mãos da Divina Providência o juízo final quanto à veracidade dos fatos. Está de passagem em nossa cidade o egípcio Zatclas, um profeta de primeira, que há pouco já acertou comigo o valor, e foi caro, para trazer de volta dos infernos o espírito de meu sobrinho, durante algum tempo, e fazer este corpo retornar à vida após a morte. Dito isso, trouxe para o centro das atenções um jovem, coberto por mantos de linho, calçado com sandálias feitas de buxo e de cabeça totalmente raspada. Depois de beijar longamente as mãos do rapaz e colocar as suas no joelho dele, o velho disse: — Tenha compaixão, sacerdote, tenha compaixão, em nome dos astros celestiais, das divindades infernais, dos elementos da natureza, dos silêncios da noite, dos santuários de Copto, das cheias do Nilo, dos mistérios de Mênfis, dos sistros do Egito. Permita que esses olhos para sempre sepultados para a vida usufruam brevemente do sol! Que eles recebam uma amostra de luz! Não estamos lutando contra a inexorável, nem negamos à terra o que lhe pertence, mas imploramos por um ínfimo espaço de vida, o suficiente para sermos reconfortados pela vingança... Foi assim que o profeta se tornou favorável e começou colocando uma plantinha não sei qual sobre a boca do cadáver e outra sobre o coração. Em seguida, volveu em direção ao oriente e, em silêncio, invocou a presença do majestoso Sol. Com o espetáculo de seu venerável aparato cênico, com certeza ele excitou o gosto dos presentes para aquele milagre de grandes proporções. [29] Lancei-me no meio da multidão e me sentei numa pedra mais elevada bem atrás do caixão, o que permitiu a meus olhos curiosos uma visão privilegiada de cada um dos movimentos que se seguiram: o peito do morto imediatamente inchando, as veias imediatamente pulsando de forma irregular, o corpo imediatamente se inflando de ar. E, então, o cadáver do rapaz se levantou e pediu a palavra: — Digam-me, por favor, por que vocês me trouxeram de novo para apenas alguns instantes de

vida, quando eu já estava bebendo das águas do Letes nos pântanos do Estige? Eu imploro, deixe-me voltar já, deixe-me! Permita que eu descanse em paz! Foram essas as palavras que saíram do cadáver, mas o profeta, bastante exaltado, respondeu-lhe: — Por que você não revela para essas pessoas os detalhes de sua morte misteriosa e esclarece todas as dúvidas? Pensa que não posso usar meus encantamentos para invocar as Fúrias? Pensa que eu não posso retorcer seus membros enfraquecidos? O defunto apoiou-se em seu caixão e, aos gemidos, falou assim com as pessoas: — Fui aniquilado pelas artes funestas de minha recente esposa, que me brindou com uma bebida criminosa, e transmiti a um adúltero a propriedade de uma cama que ainda guardava o calor de meu corpo. Então, a distinta esposa audaciosa assumiu postura de ataque e começou a rebater as acusações do marido criminosamente, forjando provas. A situação pegou fogo também entre as pessoas, que se dividiram em dois grupos: o dos que defendiam que aquela mulher da pior espécie deveria ser imediatamente enterrada viva com o corpo do marido; e o dos que tendiam a não dar credibilidade à história fictícia do defunto. [30] Mas essa oscilação de opiniões se desfez com a fala seguinte do jovem, que, gemendo mais profundamente e uma vez mais, disse: — Darei... Darei a vocês provas concretas de que falo a mais pura verdade e revelarei detalhes que ninguém, a não ser eu, poderia saber. Ele, então, apontou o dedo para mim e disse: — O fato é que, quando este espertíssimo sentinela de cadáver fazia uma marcação cerrada sobre meu corpo, velhas feiticeiras em busca de despojos entraram no quarto onde estávamos, mas elas estavam metamorfoseadas. Como as várias tentativas de furar o bloqueio dele falharam, por fim, elas lançaram sobre ele uma névoa de sono, sepultando-o no mais profundo estado de letargia. A partir daí elas não deixaram de me invocar pelo nome, até que minhas articulações duras e meus membros gelados, relutante e vagarosamente, se firmaram e se submeteram à arte da magia. Mas – e ninguém contava com esta – o vivo que lá estava igual a morto, por causa da névoa soporífera, este indivíduo aqui, tem o mesmo nome que eu e, por isso, levantou-se, sem saber de nada, ao ouvir o chamado; saiu andando, livre e espontaneamente, como sombra de desalmado; e, então, com as portas do quartinho cuidadosamente trancadas, elas cortaram fora, com uma abertura qualquer, primeiro o nariz e, logo depois, as orelhas – dele, que fez as vezes de morto, e levou a mutilação em meu lugar. E para que as outras partes do feitiço estivessem exatamente conforme o protocolo, elas moldaram cera no mesmo formato das orelhas que foram extraídas e fizeram um implante nele. Com o nariz, fizeram a mesma coisa: fizeram uma prótese de cera. E agora aqui está o pobre coitado, sentado na minha frente, exibindo não o prêmio por assiduidade, mas a mutilação que lhe coube.

Lúcio narra as aventuras na casa de Milão e conversa com Fótis sobre feitiçaria e as práticas mágicas de Pânfila (Livro III, 15 a 18)

Iam scies omnem domus nostrae statum, iam scies erae meae miranda secreta, quibus obaudiunt manes, turbantur sidera, coguntur numina, serviunt elementa. Nec umquam magis artis huius violentia nititur quam cum scitulae formulae iuvenem quempiam libenter aspexit, quod quidem ei solet crebriter evenire. [16] Nunc etiam adulescentem quendam Boeotium summe decorum efflictim deperit totasque artis manus machinas omnes ardenter exercet. Audivi vesperi, meis his, inquam, auribus audivi, quod non celerius sol caelo ruisset noctique ad exercendas inlecebras magiae maturius cessisset, ipsi soli nubilam caliginem et perpetuas tenebras comminantem. Hunc iuvenem, cum e balneis rediret ipsa, tonstrinae residentem hesterna die forte conspexit ac me capillos eius, qui iam caede cultorum desecti humi iacebant, clanculo praecipit auferre. Quos me sedulo furtimque colligentem tonsor invenit, et quod alioquin publicitus maleficae disciplinae perinfames sumus, adreptam inclementer increpat: "Tune, ultima, non cessas subinde lectorum iuvenum capillamenta surripere? Quod scelus nisi tandem desines, magistratibus te constanter obiciam." Et verbum facto secutus immissa manu scrutatus e mediis papillis meis iam capillos absconditos iratus abripit. Quo gesto graviter adfecta mecumque reputans dominae meae mores, quod huius modi repulsa satis acriter commoveri meque verberare saevissime consuevit, iam de fuga consilium tenebam, sed istud quidem tui contemplatione abieci statim. [17] Verum cum tristis inde discederem ne prorsus vacuis manibus redirem, conspicor quendam forficulis attondentem caprinos utres; quos cum probe constrictos inflatosque et iam pendentis cernerem, capillos eorum humi iacentes flavos ac per hoc illi Boeotio iuveni consimiles plusculos aufero eosque dominae meae dissimulata veritate trado. Sic noctis initio, priusquam cena te reciperes, Pamphile mea iam vecors animi tectum scandulare conscendit, quod altrinsecus aedium patore perflabili nudatum, ad omnes orientales ceterosque <plerosque> aspectus pervium, maxime his artibus suis commodatum secreto colit. Priusque apparatu solito instruit feralem officinam, omne genus aromatis et ignorabiliter lamminis litteratis et infelicium navium durantibus damnis <repletam>, defletorum, sepultorum etiam, cadaverum expositis multis admodum membris; hic nares et digiti, illic carnosi clavi pendentium, alibi trucidatorum servatus cruor et extorta dentibus ferarum trunca calvaria. [18] Tunc decantatis spirantibus fibris libat vario latice, nunc rore fontano, nunc lacte vaccino, nunc melle montano, libat et mulsa. Sic illos capillos in mutuos nexus obditos atque nodatos cum multis odoribus dat vivis carbonibus adolendos. Tunc protinus inexpugnabili magicae disciplinae potestate et caeca numinum coactorum violentia illa corpora, quorum fumabant

stridentes capilli, spiritum mutuantur humanum et sentiunt et audiunt et ambulant et, qua nidor suarum ducebat exuviarum, veniunt et pro illo iuvene Boeotio aditum gestientes fores insiliunt: cum ecce crapula madens et improvidae noctis deceptus caligine audacter mucrone destricto in insani modum Aiacis armatus, non ut ille vivis pecoribus infestus tota laniavit armenta, sed longe <tu> fortius qui tres inflatos caprinos utres exanimasti, ut ego te prostratis hostibus sine macula sanguinis non homicidam nunc sed utricidam amplecterer."

Tradução

Você já, já ficará sabendo qual é a característica principal de nossa casa e quais são os segredos admiráveis de minha dona. Por causa deles, os Manes a obedecem, os astros se turvam, as divindades são coagidas, os elementos são seus escravos... E a força de sua arte não se evidencia em nenhuma outra situação de maneira mais extrema do que quando ela volta o olhar e o interesse para um jovem bonito e elegante, o que costuma acontecer com certa frequência...[16] Agora mesmo ela está perdidamente apaixonada por um jovem maravilhosamente lindo lá da Beócia e tem colocado fervorosamente em prática todos os recursos, todo o arsenal dessa arte que esteja a seu alcance. Ontem, com estes ouvidos que são meus, eu digo e afirmo que a ouvi ameaçando até o sol de que, se ele não se apressasse em sair fora do céu e não cedesse rapidamente lugar à noite, para que ela colocasse em prática seus truques mágicos, ela iria cobri-lo com um nevoeiro de fumaça negra e condená-lo às trevas eternas. Ontem, ao voltar da casa de banhos, coincidentemente ela viu esse jovem sentado na cadeira do barbeiro e teve a brilhante ideia de me mandar pegar despistadamente os cabelos dele, os já cortados, que estavam espalhados pelo chão. E lá fui eu recolher os cabelos dele, com todo o cuidado e às escondidas... Mas o barbeiro me pegou com a mão na massa e, porque corre solta pela cidade nossa má reputação de usuárias de métodos maléficos, ele me agarrou sem piedade e gritou assim comigo: ‘Será que você, sua vagabunda, não vai parar de ficar pegando escondido os restos de cabelo dos rapazes que estão na sua mira? Pois agora já chega: ou você desiste dessa safadeza, ou eu vou denunciar você agora mesmo aos magistrados!’. E ele não ficou só nas palavras, mas partiu para cima de mim, com raiva, meteu as mãos em meus seios, explorando a área minuciosamente, até encontrar os cabelos que eu tinha escondido, e pegá-los de mim. Essa atitude dele me deixou muitíssimo abalada, porque eu conheço bem os costumes de minha senhora. Ela, em situações semelhantes, em que a coisa deu para trás, está acostumada a se irritar energicamente comigo e a me surrar com violência máxima. Então, eu já tinha tomado a decisão de fugir, mas logo depois pensei em você e acabei deixando isso para lá. [17] Contudo,

quando eu estava me afastando de lá, triste, voltando para casa de mãos vazias, vi alguém, com a tesoura, tosquiando odres de cabra. Quando percebi que eles estavam bem amarrados, inflados e já pendurados, passei a mão num monte de pelos que estavam espalhados no chão e que eram loiros, bastante parecidos com os do jovem da Beócia, e foi isso que levei para minha senhora, escondendo dela a verdade. Assim, no início da noite, antes de você voltar do jantar, minha querida Pânfila, já tomada de insanidade, trepou no telhado, na parte coberta por ripas – o lugar perfeito para frequentar secretamente e praticar essas suas artes: a entrada é por dentro da casa, é ao ar livre e se volta para o oriente e para as demais direções. E a primeira coisa que ela fez foi preparar seu laboratório fatal com o instrumental de costume: todo tipo de erva aromática, lâminas com letras ininteligíveis, destroços cruéis de navios condenados, mais e mais membros de cadáveres frescos, ou mesmo de sepultados – narizes, dedos, músculos dependurados, sangue de trucidados, crânios com marcas de dentes de animais selvagens – tudo isso em exposição e à disposição.[18] Depois, ela repetiu fórmulas mágicas sobre entranhas e fez libações, usando diversos líquidos – leite, água da fonte, mel da montanha, vinho doce. Em seguida, ela pegou aqueles cabelos, trançou-os com as ervas aromáticas e amarrou, formando uma coisa só, e deixou queimando em carvão em brasa. Então, imediatamente, com o poder imbatível de seus conhecimentos de magia e a violência cega das divindades invocadas, aquela substância – os cabelos que queimavam, produzindo fumaça e fazendo um barulho estridente – aquilo tomou corpo e ganhou vida, se transformou em gente de verdade – que sente, ouve, caminha. E eles vieram para onde o cheiro de suas peles os conduzia e, no lugar do jovem da Beócia, foram eles que se atiraram contra a porta, forçando a entrada. Foi nessa hora que você apareceu, depois de ter bebido todas, e, com o inesperado nevoeiro cerrado daquela noite, acabou sendo ludibriado e deu uma de Ájax: sacou audaciosa e insanamente sua espada e saiu trucidando não rebanhos inteiros e enfrentando animais vivos e ameaçadores, como ele, mas coisa muito pior: três odres de cabra inflados. E por que você nocauteou seus adversários sem derramar uma gota de sangue, eu quero agora abraçar você, meu homi..., não, não, quero dizer, meu odricida!”.

Lúcio propõe a Fótis que ela lhe mostre como Pânfila é capaz de se metamorfosear usando feitiçaria.(Livro III, 19)

[19] Adrisi lepido sermoni Photidis et in vicem cavillatus: "Ergo igitur iam et ipse possum" inquam "mihi primam virtutis adoriam ad exemplum duodeni laboris Herculei numerare vel trigemino corpori Geryonis vel triplici formae Cerberi totidem peremptos utres coaequando. Sed ut ex animo tibi volens omne delictum quo me tantis angoribus inplicasti remittam, praesta

quod summis votis expostulo, et dominam tuam, cum aliquid huius divinae disciplinae molitur, ostende. Cum deos invocat, <vel> certe cum reformatur, videam; sum namque coram magicae noscendae ardentissimus cupitor. Quamquam mihi nec ipsa tu videare rerum <istarum> rudis vel expers. Scio istud et plane sentio, cum semper alioquin spretorem matronalium amplexuum sic tuis istis micantibus oculis et rubentibus bucculis et renidentibus crinibus et hiantibus osculis et flagrantibus papillis in servilem modum addictum atque mancipatum teneas volentem. Iam denique nec larem requiro nec domuitionem paro et nocte ista nihil antepono."

Tradução

[19] Respondi a esse relato de Fótis com um sorriso e ironizei de volta. Eu disse a ela:— Já que é assim, posso incluir minha primeira medalha em reconhecimento pela força na mesma lista dos doze trabalhos de Hércules, ou melhor, na lista tríplice: três corpos de Gerião, três cabeças de Cérbero, três odres aniquilados. Mas, para eu poder perdoar você, do fundo do meu coração, por esse erro, que me provocou tantos tormentos, basta você me ajudar a realizar meu maior desejo, que é este: mostre-me sua senhora colocando em prática o conhecimento divino que ela possui. Quero vê-la invocando os deuses, ou talvez se metamorfoseando. É que eu sou um amante fervoroso de magia e quero ardentemente conhecer, frente a frente, essa arte. E de mais a mais você não me parece nem inexperiente, nem desconhecedora desses assuntos. Eu gostaria muito – respondeu ela – de intermediar a realização desse seu desejo, meu Lúcio, mas ela está sempre na defensiva e, por isso, costuma executar atividades secretas dessa natureza sempre sozinha, escondida de tudo e de todos. Mas, por ser um pedido seu, vou considerar como prioridade máxima – acima do perigo que vou correr, e vou conseguir achar um momento oportuno para isso. Mas tem uma condição: guarde silêncio absoluto em relação a assunto tão importante, como você me prometeu no início.

Lúcio presencia Pânfila se transformando em pássaro (Livro III, 21 e 22).

[21] Ad hunc modum transactis voluptarie paucis noctibus quadam die percita Photis ac satis trepida me accurrit indicatque dominam suam, quod nihil etiam tunc in suos amores ceteris artibus promoveret, nocte proxima in avem sese plumaturam atque ad suum cupitum sic devolaturam; proin memet ad rei tantae speculam caute praepararem. Iamque circa primam noctis vigiliam ad illud superius cubiculum suspenso et insono vestigio me perducit ipsa perque

rimam ostiorum quampiam iubet arbitrari, quae sic gesta sunt. Iam primum omnibus laciniis se devestit Pamphile et arcula quadam reclusa pyxides plusculas inde depromit, de quis unius operculo remoto atque indidem egesta unguedine diuque palmulis suis adfricta ab imis unguibus sese totam adusque summos capillos perlinit multumque cum lucerna secreto conlocuta membra tremulo succussu quatit. Quis leniter fluctuantibus promicant molles plumulae, crescunt et fortes pinnulae, duratur nasus incurvus, coguntur ungues adunci. Fit bubo Pamphile. Sic edito stridore querulo iam sui periclitabunda paulatim terra resultat, mox in altum sublimata forinsecus totis alis evolat. [22] Et illa quidem magicis suis artibus volens reformatur, at ego nullo decantatus carmine praesentis tantum facti stupore defixus quidvis aliud magis videbar esse quam Lucius: sic exterminatus animi attonitus in amentiam vigilans somniabar; defrictis adeo diu pupulis an vigilarem scire quaerebam. Tandem denique reversus ad sensum praesentium adrepta manu Photidis et admota meis luminibus: "Patere, oro te," inquam "dum dictat occasio, magno et singulari me adfectionis tuae fructu perfrui et impertire nobis unctulum indidem per istas tuas pupillas, mea mellitula, tuumque mancipium inremunerabili beneficio sic tibi perpetuo pignera ac iam perfice ut meae Veneri Cupido pinnatus adsistam tibi." "Ain?" inquit "Vulpinaris, amasio, meque sponte asceam cruribus meis inlidere compellis? Sic inermem vix a lupulis conservo Thessalis; hunc alitem factum ubi quaeram, videbo quando?"

Tradução

[21] Certo dia, passadas algumas noites em que vivemos prazeres dessa mesma natureza, Fótis correu até mim, bastante entusiasmada e muito agitada, e revelou-me que sua senhora, porque nada, técnica nenhuma que tinha empregado, estava adiantando para ficar com seu amor, tinha resolvido que naquela noite iria se transformar em ave e voar até seu objeto de desejo. Eu deveria, por isso, me preparar cautelosamente para assistir a um evento tão importante. E logo na primeira vigília, mais ou menos quando a noite caiu, ela me guiou até o tal quartinho no andar superior, pé ante pé, sem fazer barulho, e me mandou testemunhar, pela greta da porta, o que iria acontecer, que foi assim: primeiro Pânfila tirou toda a roupa e depois pegou vários potinhos em um pequeno baú que estava trancado; ela escolheu um deles, removeu a tampa, retirou todo o creme de lá de dentro, esfregou longamente em suas mãos e, então, espalhou em todo o corpo, das unhas dos pés até os cabelos; em seguida, conversou com uma lâmpada de azeite por muito tempo e em segredo e começou a balançar o corpo, numa mistura de chacoalho, sacudidela e treme-treme. Lentamente seus membros passaram a flutuar e leves plumas

cintilaram primeiro, depois penas fortes também cresceram, o nariz ficou duro e recurvado, as unhas se juntaram e assumiram forma adunca. Pânfila fez-se coruja!? Assim, depois de emitir um estridente som lamurioso, já testando sua força, gradativamente saltou repetidas vezes sobre a terra e, pouco depois, ergueu-se para o alto e ganhou o céu, voando a plenas asas.[22] Ela tinha se metamorfoseado no que queria com suas artes mágicas de verdade, mas mesmo eu, sem ter sido agraciado com nenhuma fórmula, fiquei imobilizado, maravilhado com a dimensão do que tinha acontecido ali na minha frente... Parecia que eu era qualquer coisa, menos Lúcio. Fiquei assim, de coração disparado, atordoado, enlouquecido, pensando que estava sonhando acordado... Cheguei a esfregar longamente meus olhos para saber se estava mesmo acordado. Quando finalmente recobrei o senso de realidade, agarrei a mão de Fótis, trouxe-a para junto de meus olhos e disse:— Por favor, a hora é esta!!! Deixe-me usufruir do grande e único fruto de seu sentimento por mim e compartilhe comigo o creme daí de dentro, por esses seus olhos, meu docinho, e então eu serei para sempre seu escravo, se você fizer esse favor impagável para mim! Realize agora meu desejo de ficar sentado aos pés de minha Vênus e torne-me seu Cupido de asas!

Lúcio narra o fatídico ritual que o transformou em burro (Livro III, 23 a 26)

[23] "At mihi scelus istud depellant caelites" inquam "ut ego, quamvis ipsius aquilae sublimis volatibus toto caelo pervius et supremi Iovis nuntius vel laetus armiger, tamen non ad meum nidulum post illam pinnarum dignitatem subinde devolem. Adiuro per dulcem istum capilli tui nodulum, quo meum vinxisti spiritum, me nullam aliam meae Photidi malle. Tunc etiam istud meis cogitationibus occurrit, cum semel avem talem perunctus induero, domus omnis procul me vitare debere. Quam pulchro enim quamque festivo matronae perfruentur amatore bubone. Quid quod istas nocturnas aves, cum penetraverint larem quempiam, solliciter prehensas foribus videmus adfigi, ut, quod infaustis volatibus familiae minantur exitium, suis luant cruciatibus? Sed, quod sciscitari praene praeterivi, quo dicto factove rursum exutis pinnulis illis ad meum redibo Lucium?" "Bono animo es, quod ad huius rei curam pertinet" ait. "Nam mihi domina singula monstravit, quae possunt rursus in facies hominum tales figuras reformare. Nec istud factum putes ulla benivolentia, sed ut ei redeunti medela salubri possem subsistere. Specta denique quam parvis quamque futtilibus tanta res procuretur herbusculis; anethi modicum cum lauri foliis immissum rori fontano datur lavacrum et poculum." [24] Haec identidem adseverans summa cum trepidatione inrepit cubiculum et pyxidem depromit arcula. Quam ego amplexus ac deosculatus prius utque mihi prosperis faveret volatibus deprecatus abiectis propere laciniis

totis avide manus immersi et haurito plusculo uncto corporis mei membra perfricui. Iamque alternis conatibus libratis brachiis in avem similis gestiebam; nec ullae plumulae nec usquam pinnulae, sed plane pili mei crassantur in setas et cutis tenella duratur in corium et in extimis palmulis perdito numero toti digiti coguntur in singulas ungulas et de spinae meae termino grandis cauda procedit. Iam facies enormis et os prolixum et nares hiantes et labiae pendulae; sic et aures inmodicis horripilant auctibus. Nec ullum miserae reformationis video solacium, nisi quod mihi iam nequeunti tenere Photidem natura crescebat. [25] Ac dum salutis inopia cuncta corporis mei considerans non avem me sed asinum video, querens de facto Photidis sed iam humano gestu simul et voce privatus, quod solum poteram, postrema deiecta labia umidis tamen oculis oblicum respiciens ad illam tacitus expostulabam. Quae ubi primum me talem aspexit, percussit faciem suam manibus infestis et: "Occisa sum misera:" clamavit "me trepidatio simul et festinatio fefellit et pyxidum similitudo decepit. Sed bene, quod facilior reformationis huius medela suppeditat. Nam rosis tantum demorsicatis exibis asinum statimque in meum Lucium postliminio redibis. Atque utinam vesperi de more nobis parassem corollas aliquas, ne moram talem patereris vel noctis unius. Sed primo diluculo remedium festinabitur tibi." [26] Sic illa maerebat, ego vero quamquam perfectus asinus et pro Lucio iumentum sensum tamen retinebam humanum.

Tradução

[23] Ah, e tem uma coisa que eu quase ia me esquecendo de perguntar: o que preciso falar ou fazer para deixar de ter penas e voltar a ser seu querido Lúcio?— Fique tranquilo! Não se preocupe com isso! – respondeu. Minha senhora me mostrou todos os passos que devo seguir para fazer o caminho de volta da metamorfose e devolver a forma humana a esses seres. Mas não vá você pensar que ela fez isso por pura bondade... É que ela precisa de mim para poder usar o antídoto certo quando voltar. E nem precisa de tanta coisa complicada assim para reverter uma situação tão importante. Veja como são bobinhas e sem importância as ervas que uso: uma pequena quantidade de aneto, misturado a folhas de louro, água da fonte, e pronto! – tenho um banho e uma poção! [24] Depois de me provar isso de diversas outras maneiras, ela entrou no quartinho toda apreensiva e saiu de lá com uma caixinha, de onde tirou um pequeno recipiente, que abracei e beijei, antes de pedir a ele que me favorecesse com um voo próspero. Logo na sequência, tirei todas as roupas aceleradamente e mergulhei minhas mãos, com avidez, bem fundo no recipiente, para pegar o máximo de creme que conseguisse, e esfregar em todos os

membros de meu corpo. E imediatamente comecei a gesticular como se ave já fosse, tentando me equilibrar e alternar os movimentos dos braços. Mas, nada de pena, nadinha, nem penugem apareceu em mim... No lugar disso, meus pelos engrossaram, e eu ganhei uma crina; minha pele macia e delicada endureceu até virar couro; dedos e unhas dos pés e das mãos condensaram-se numa coisa chamada cascos; e um rabo grande brotou da base de minha coluna... Então eu fiquei assim, com uma cara agigantada, uma boca enorme, umas narinas arreganhadas e uns lábios dependurados. E assim também aconteceu com as orelhas, que aumentaram de maneira impressionante e ainda ficaram peludas. Só tive uma única compensação em tão infeliz metamorfose: o que já era grande por natureza cresceu ainda mais. Pena que Fótis estava fora de meu alcance...[25] E ao me ver burro e não ave – era isso que o exame de cada parte de meu corpo me dizia, veio a vontade de reclamar com Fótis sobre o ocorrido, mas já me faltava, além do aspecto humano, também a voz. A única coisa que consegui fazer foi lhe lançar um olhar de reprovação, atravessado e úmido, fazendo bico com o beiço inferior caído. Logo que ela me viu daquele jeito, bateu no próprio rosto com mãos hostis e exclamou: Estou perdida! Coitada de mim! A agitação e a pressa me induziram ao erro, e a semelhança dos recipientes me enganou. Mas tudo bem! O antídoto para essa metamorfose é muito fácil, tem à disposição em todo lugar. É só você, na pele de burro, mastigar rosas que voltará imediatamente a ser meu Lúcio, com todos os direitos e privilégios de antes. Pena que justo hoje não preparei algumas coroas para nós, como costumava fazer, senão você não iria ter de aguentar isso nem por uma única noite... Mas, ao romper do dia, o remédio será providenciado para você sem demora. [26] Ela ficou se lamentando assim, e eu lá, embora um autêntico e perfeito burro, ex-Lúcio, agora jumento, no entanto ainda mantinha a inteligência humana.

Lúcio é vendido como burro de carga para um mago charlatão (Livro VIII, 24)

[24] Ad istum modum praeco ille cachinnos circumstantibus commovebat. Sed illa Fortuna mea saevissima, quam per tot regiones iam fugiens effugere vel praecedentibus malis placare non potui, rursum in me caecos detorsit oculos et emptorem aptissimum duris meis casibus mire repertum obiecit. Scitote qualem: cinaedum, calvum quidem sed cincinnis semicanis et pendulis capillatum, unum de triviali popularium faece, qui per plateas et oppida cymbalis et crotalis personantes deamque Syriam circumferentes mendicare compellunt. Is nimio praestinandi studio praeconem rogat cuiatis essem; at ille Cappadocum me et satis forticulum denuntiat. Rursum requirit annos aetatis meae; sed praeco lasciviens: "Mathematicus quidem, qui stellas

eius disposuit, quintum ei numeravit annum, sed ipse scilicet melius istud de suis novit professionibus. Quanquam enim prudens crimen Corneliae legis incurram, si civem Romanum pro servo tibi vendidero, quin emis bonum et frugi mancipium, quod te et foris et domi poterit iuvare?" Sed exinde odiosus emptor aliud de alio non desinit quaerere, denique de mansuetudine etiam mea percontatur anxie.

Tradução

[24] Era dessa maneira que o pregoeiro provocava gargalhadas em quem estava por perto. Contudo, aquela minha crudelíssima Fortuna, de quem não consegui fugir, mesmo vagando como um fugitivo por tantas regiões, nem ao menos aplacar com as calamidades enfrentadas até então, mais uma vez voltou contra mim seus olhos cegos e lançou diante de mim um comprador admiravelmente selecionado, muitíssimo apropriado a minhas duras circunstâncias Conheçam o tipo do sujeito: uma bicha, e, para piorar a situação, uma bicha careca – exceto por alguns fios de cabelo grisalhos dependurados pela cabeça, alguém pertencente ao resto do resto da camada popular, daquelas pessoas que tocam címbalos e algo parecido com castanholas, circulam com a deusa Síria e a obrigam a mendigar. Essa pessoa, que demonstrou um excessivo interesse em me adquirir, perguntou de onde eu era, ao que ele declarou que eu era da Capadócia e que era bem fortinho. Indagou, mais de uma vez, quantos anos eu tinha. O pregoeiro, contudo, respondeu fazendo graça:— Na verdade, o astrólogo que fez o mapa astral dele calculou que tem cinco anos; ele próprio, contudo, evidentemente sabe isso com mais exatidão, pois conhece seu registro civil. De fato, ainda que eu tenha consciência de que estarei cometendo um crime e infringindo a lei Cornélia, se vier a vender a você um cidadão romano como se fosse um escravo, por que você deixaria de querer ser o proprietário de um escravo bom e virtuoso, que poderá lhe ser útil tanto dentro quanto fora de casa?

Enquanto repousa exausto nas areias da praia, Lúcio experimenta a visão de Ísis e recebe mensagens de auxílio (Livro XI, 1 a 7)

[1] Circa primam ferme noctis vigiliam experrectus pavore subito, video praemicantis lunae candore nimio completum orbem commodum marinis emergentem fluctibus; nanctusque opacae noctis silentiosa secreta, certus etiam summatem deam praecipua maiestate pollere resque prorsus humanas ipsius regi providentia, nec tantum pecuina et ferina, verum inanima

etiam divino eius luminis numinisque nutu vegetari, ipsa etiam corpora terra caelo marique nunc incrementis consequenter augeri, nunc detrimentis obsequenter imminui, fato scilicet iam meis tot tantisque cladibus satiato et spem salutis, licet tardam, subministrante, augustum specimen deae praesentis statui deprecari; confestimque discussa pigra quiete <laetus et> alacer exsurgo meque protinus purificandi studio marino lavacro trado septiesque summerso fluctibus capite, quod eum numerum praecipue religionibus aptissimum divinus ille Pythagoras prodidit, [laetus et alacer] deam praepotentem lacrimoso vultu sic adprecabar: [2] "Regina caeli, — sive tu Ceres alma frugum parens originalis, quae, repertu laetata filiae, vetustae glandis ferino remoto pabulo, miti commonstrato cibo nunc Eleusiniam glebam percolis, seu tu caelestis Venus, quae primis rerum exordiis sexuum diversitatem generato Amore sociasti et aeterna subole humano genere propagato nunc circumfluo Paphi sacrario coleris, seu Phoebi soror, quae partu fetarum medelis lenientibus recreato populos tantos educasti praeclarisque nunc veneraris delubris Ephesi, seu nocturnis ululatibus horrenda Proserpina triformi facie larvales impetus comprimens terraeque claustra cohibens lucos diversos inerrans vario cultu propitiaris, — ista luce feminea conlustrans cuncta moenia et udis ignibus nutriens laeta semina et solis ambagibus dispensans incerta lumina, quoquo nomine, quoquo ritu, quaqua facie te fas est invocare: tu meis iam nunc extremis aerumnis subsiste, tu fortunam collapsam adfirma, tu saevis exanclatis casibus pausam pacemque tribue; sit satis laborum, sit satis periculorum. Depelle quadripedis diram faciem, redde me conspectui meorum, redde me meo Lucio, ac si quod offensum numen inexorabili me saevitia premit, mori saltem liceat, si non licet vivere." [3] Ad istum modum fusis precibus et adstructis miseris lamentationibus rursus mihi marcentem animum in eodem illo cubili sopor circumfusus oppressit. Necdum satis conixeram, et ecce pelago medio venerandos diis etiam vultus attollens emergit divina facies; ac dehinc paulatim toto corpore perlucidum simulacrum excusso pelago ante me constitisse visum est. Eius mirandam speciem ad vos etiam referre conitar, si tamen mihi disserendi tribuerit facultatem paupertas oris humani vel ipsum numen eius dapsilem copiam elocutilis facundiae subministraverit. Iam primum crines uberrimi prolixique et sensim intorti per divina colla passive dispersi molliter defluebant. Corona multiformis variis floribus sublimen destrinxerat verticem, cuius media quidem super frontem plana rotunditas in modum speculi vel immo argumentum lunae candidum lumen emicabat, dextra laevaque sulcis insurgentium viperarum cohibita, spicis etiam Cerialibus desuper porrectis <conspicua. Tunica> multicolor, bysso tenui pertexta, nunc albo candore lucida, nunc croceo flore lutea, nunc roseo rubore flammida et, quae longe longeque etiam meum confutabat optutum, palla nigerrima splendescens atro nitore, quae circumcirca remeans et sub dexterum latus ad umerum laevum recurrens umbonis vicem deiecta parte laciniae

multiplici contabulatione dependula ad ultimas oras nodulis fimbriarum decoriter confluctuabat. [4] Per intextam extremitatem et in ipsa eius planitie stellae dispersae coruscabant earumque media semenstris luna flammeos spirabat ignes. Quaqua tamen insignis illius pallae perfluebat ambitus, individuo nexu corona totis floribus totisque constructa pomis adhaerebat. Nam dextra quidem ferebat aereum crepitaculum, cuius per angustam lamminam in modum baltei recurvatam traiectae mediae paucae virgulae, crispante brachio trigeminos iactus, reddebant argutum sonorem. Laevae vero cymbium dependebat aureum, cuius ansulae, qua parte conspicua est, insurgebat aspis caput extollens arduum cervicibus late tumescentibus. Pedes ambroseos tegebant soleae palmae victricis foliis intextae. Talis ac tanta, spirans Arabiae felicia germina, divina me voce dignata est: [5] "En adsum tuis commota, Luci, precibus, rerum naturae parens, elementorum omnium domina, saeculorum progenies initialis, summa numinum, regina manium, prima caelitum, deorum dearumque facies uniformis, quae caeli luminosa culmina, maris salubria flamina, inferum deplorata silentia nutibus meis dispenso: cuius numen unicum multiformi specie, ritu vario, nomine multiiugo totus veneratus orbis. Inde primigenii Phryges Pessinuntiam deum matrem, hinc autochthones Attici Cecropeiam Minervam, illinc fluctuantes Cyprii Paphiam Venerem, Cretes sagittiferi Dictynnam Dianam, Siculi trilingues Stygiam Proserpinam, Eleusinii vetusti Actaeam Cererem, Iunonem alii, Bellonam alii, Hecatam isti, Rhamnusiam illi, et qui nascentis dei Solis <et occidentis inclinantibus> inlustrantur radiis Aethiopes utrique priscaque doctrina pollentes Aegyptii caerimoniis me propriis percolentes appellant vero nomine reginam Isidem. Adsum tuos miserata casus, adsum favens et propitia. Mitte iam fletus et lamentationes omitte, depelle maerorem; iam tibi providentia mea inlucescit dies salutaris. Ergo igitur imperiis istis meis animum intende sollicitum. Diem, qui dies ex ista nocte nascetur, aeterna mihi nuncupavit religio, quo sedatis hibernis tempestatibus et lenitis maris procellosis fluctibus navigabili iam pelago rudem dedicantes carinam primitias commeatus libant mei sacerdotes. Id sacrum nec sollicita nec profana mente debebis opperiri. [6] Nam meo monitu sacerdos in ipso procinctu pompae roseam manu dextera sistro cohaerentem gestabit coronam. Incunctanter ergo dimotis turbulis alacer continuare pompam mea volentia fretus et de proximo clementer velut manum sacerdotis osculabundus rosis decerptis pessimae mihique iam dudum detestabilis belvae istius corio te protinus exue. Nec quicquam rerum mearum reformides ut arduum. Nam hoc eodem momento, quo tibi venio, simul et ibi praesens, quae sunt sequentia, sacerdoti meo per quietem facienda praecipio. Meo iussu tibi constricti comitatus decedent populi, nec inter hilares caerimonias et festiva spectacula quisquam deformem istam quam geris faciem perhorrescet vel figuram tuam repente mutatam sequius interpretatus aliquis maligne criminabitur. Plane

memineris et penita mente conditum semper tenebis mihi reliqua vitae tuae curricula adusque terminos ultimi spiritus vadata. Nec iniurium, cuius beneficio redieris ad homines, ei totum debere, quod vives. Vives autem beatus, vives in mea tutela gloriosus, et cum spatium saeculi tui permensus ad inferos demearis, ibi quoque in ipso subterraneo semirutundo me, quam vides, Acherontis tenebris interlucentem Stygiisque penetralibus regnantem, campos Elysios incolens ipse, tibi propitiam frequens adorabis. Quodsi sedulis obsequiis et religiosis ministeriis et tenacibus castimoniis numen nostrum promerueris, scies ultra statuta fato tuo spatia vitam quoque tibi prorogare mihi tantum licere." [7] Sic oraculi venerabilis fine prolato numen invictum in se recessit. Nec mora, cum somno protinus absolutus pavore et gaudio ac dein sudore nimio permixtus exsurgo summeque miratus deae potentis tam claram praesentiam, marino rore respersus magnisque imperiis eius intentus monitionis ordinem recolebam. Nec mora, cum noctis atrae fugato nubilo sol exsurgit aureus, et ecce discursu religioso ac prorsus triumphali turbulae complent totas plateas, (...)

Tradução

[1] Mais ou menos por volta da primeira vigília, acordei de repente, assustado, e a primeira coisa que vi foi o brilho intenso da lua cheia, emergindo confortavelmente das ondas do mar. Aproveitei, então, a oportunidade de estar, na calada da noite, em um local retirado e silencioso, além disso, na certeza de que essa deusa soberana de extraordinária majestade, era muito poderosa (resumindo: as questões humanas eram regidas precisamente por sua providência e, além disso, não só os animais – os domésticos e os ferozes –, mas também os seres inanimados ganhavam vida por expressão divina do poder de sua luz e, além disso, as próprias substâncias da terra, do céu e do mar às vezes aumentam em consequência da fase crescente às vezes diminuem em sequência à fase minguante), e porque o destino já devia estar cheio de minhas tantas e tamanhas calamidades e resolveu me dar uma esperança de salvação, ainda que tardia, resolvi, então, dirigir uma prece à majestosa evidência da presença da deusa. Dissipei rapidamente a preguiça ao acordar, me levantei cheio de entusiasmo e fui direto tomar um banho de mar, pois estava preocupado em me purificar, o que fiz mergulhando a cabeça sete vezes nas ondas, porque é o número que o divino Pitágoras indicou ser o mais adequado às práticas religiosas. Então, com o rosto banhado em lágrimas, dirigi a seguinte prece à deusa superpoderosa: [2]— Ó Rainha do céu! Sejais vós Ceres nutriz, mãe primeira dos cereais, que, alegrada pelo reencontro com a filha, suprimistes o costume antigo e selvagem de comer bolotas

e mostrastes os alimentos macios, e que agora habitais os campos de Elêusis; sejais vós Vênus celestial, que nos primórdios do mundo unistes os sexos opostos, gerando o Amor, e propagastes o gênero humano, garantindo-lhe descendência eterna, e que agora sois cultuada em Pafos, rodeada de águas; sejais vós a irmã de Febo, que trazeis alívio às dores do parto, com remédios lenitivos, ajudando a formar tantos povos e que agora sois venerada nos magníficos santuários de Éfeso; sejais vós Prosérpina, a que causa arrepios com lamentações noturnas, a de face triforme, que reprimis a impetuosidade dos espectros, bloqueando a passagem para a terra, que andais errante por diversos bosques sagrados e cujo favor é buscado através de vários cultos; ó vós, que iluminais todas as muralhas com essa luz feminina, que nutris as sementes férteis com calor úmido, que distribuís claridade incerta pelas solitárias sinuosidades dos caminhos; ó vós, qualquer que seja vosso nome, qualquer que seja vosso rito, qualquer que seja vossa face, é lícito invocar-vos! Concedei-me vosso apoio, agora que já passei pelas piores provações, confirmai a derrocada da Fortuna e garanti-me o descanso e a paz, depois de ter tolerado circunstâncias desumanas! Basta de desventuras, basta de perigos! Arrancai de mim esta pele, esta cara medonha de quadrúpede, e devolvei-me o aspecto que herdei de meus pais, devolvei-me meu querido Lúcio! E se alguma divindade ofendida está me sobrecarregando com sua inexorável crueldade, que me seja ao menos permitido morrer, se viver não me é permitido...[3] Foi exatamente dessa maneira que me derramei em preces, às quais acrescentei tristes lamentos. Depois disso, um sono profundo tomou conta de meu espírito enfraquecido e me subjugou naquela mesma cama de antes. Eu ainda não tinha chegado a dormir o bastante, quando, de repente, do meio do mar, realçando seu semblante digno de veneração até mesmo por parte dos deuses, emergiu um rosto divino. Em seguida, pouco a pouco, de corpo inteiro, aquela imagem completamente luminosa destacou-se do mar e pareceu se posicionar diante de mim. Eu até irei reunir esforços no sentido de deixar registrado para vocês o maravilhoso esplendor da deusa, isso se a pobreza da linguagem humana me conceder a possibilidade de encadear as ideias, ou se a própria divindade dela me suprir de um magnífico, abundante e eloquente dom da palavra. Começava pelos cabelos: muito compridos, volumosos e levemente encaracolados, eles se espalhavam suave e confusamente sobre seu colo divino. Uma coroa multiforme, feita com variadas flores, tocava de leve o alto de sua cabeça; precisamente no centro dessa coroa, por sobre a testa, um disco plano, semelhante a um espelho, ou, melhor dizendo, a prova material de que era a lua, irradiava uma brilhante luz branca; as laterais direita e esquerda, que sustentavam o arco, eram de serpentes com as cabeças erguidas; na parte superior, havia, ainda, espigas de Ceres, que se estendiam para diante. A túnica era multicolorida, tecida em linho muito fino e leve, que às vezes se iluminava, exibindo um branco

radiante, às vezes ficava amarela cor de fogo, como a flor de açafrão, às vezes se inflamava, como o vermelho das rosas; e o que me deixou paralisado, com o olhar contemplativo e distante, distante, foi o manto muitíssimo negro, que resplandecia com sombrio brilho e a circundava por inteiro – dava a volta por sob seu braço direito em direção ao ombro esquerdo, e uma das extremidades se lançava para baixo, fazendo as vezes de dobra, com múltiplas pregas dependuradas, que ficavam junto às pontas inferiores, ondulando com formosura em meio aos pequenos nós das franjas.[4] Ao longo da circunferência entrelaçada e na própria superfície do tecido, cintilavam estrelas espalhadas por todos os lados e, no meio delas, uma lua cheia soltava chamas da cor de fogo. Apesar de o contorno daquele manto extraordinário cair suavemente por todo e qualquer lugar, estava fixada a ele uma coroa, feita com todos os tipos de flores e todos os tipos de frutos, intercalados e entrelaçados uns aos outros de uma maneira inseparável. Agora falarei dos acessórios, que eram bem diferentes. De fato, a mão direita da deusa levava um sistro de ouro, feito com uma lâmina estreita, recurvada em formato de cinturão, atravessada na parte central por algumas varinhas, que, ao movimento do braço, por três vezes seguidas, produziam um som agudo. No braço esquerdo, por sua vez, estava pendurada uma taça de ouro em forma de barco, com uma pequena asa, em que se sobressaia, na parte que se podia ver, a cabeça de uma cobra venenosa em elevação ameaçadora, com a parte superior do corpo bastante entumecida. Cobriam seus pés perfumados de ambrosia sandálias entrelaçadas com folhas de palmeira, a árvore da vitória. Foi uma deusa tão grandiosa e tão importante assim, exalando as férteis sementes da Arábia, que se dignou a falar comigo, com sua voz divina.[5] "— Eis-me aqui, Lúcio, movida por suas preces, eu, a mãe da natureza dos seres, senhora de todos os elementos, primogênita dos séculos, divindade suprema, rainha dos Manes, principal deusa celestial, retrato universal dos deuses e deusas; eu, que governo, segundo minha vontade, os luminosos cumes do céu, as salutares brisas do mar, o lamentoso silêncio dos infernos; eu, cuja divindade única todo o orbe venera sob formas multivariadas, ritos diversificados, múltiplos nomes. Por isso, dos Frígios, os primeiros da espécie humana, sou Pessinúncia, a mãe dos deuses; dos atenienses autóctones, sou Minerva de Cécrops; dos Cipriotas, que boiam nas águas do mar, sou Vênus de Pafos; dos Cretenses, que carregam flechas, sou Diana Dictina; dos Sículos, que falam três línguas, sou Prosérpina do Estige; dos Eleusianos arcaicos, sou Ceres da Ática. Uns me chamam de Juno, outros de Belona; aqui de Hécate, acolá de Ramnúsia; e os que são iluminados pelos raios do deus Sol, nascente e poente, ambos os Etíopes e os poderosos Egípcios, com sua civilização antiga, que me cultuam com cerimônias próprias, me chamam por meu verdadeiro nome: Rainha Ísis. Eis-me aqui, compadecida com suas desgraças! Eis-me aqui, favorável e propícia! Pare já com este choro, pare com estes lamentos, expulse a tristeza

profunda. Graças a minha providência, o dia da salvação já começa a brilhar para você! Sendo assim, então, preste bastante atenção nestas minhas instruções. A eterna prática religiosa dedicou a mim o dia que nascerá desta noite, que é quando as tempestades de inverno se abrandam, as ondas revoltas do oceano se acalmam, o mar se torna navegável e meus sacerdotes fazem uma libação a mim, dedicando-me um barco novo para as primícias das viagens. É essa cerimônia sagrada que você deve aguardar, sem se inquietar e com a mente livre de pensamentos profanos. [6] Na verdade, a pedido meu, o sacerdote, ao se preparar para dar início ao cortejo, irá colocar uma coroa aderida ao sistro que estará em sua mão direita. Sendo assim, sem hesitação, abra caminho por entre a pequena multidão de pessoas e, cheio de entusiasmo, junte-se ao cortejo, confiante em minha vontade. Em seguida, aproxime-se docilmente do sacerdote, como se fosse beijar a mão dele, e colha as rosas, para se livrar imediatamente da pele dessa besta péssima, que me é já há muito detestável. E não fique com receio de que qualquer uma de minhas orientações seja difícil. Na verdade, exatamente neste momento, que estou aqui com você, estou igualmente presente também lá, antecipando a meu sacerdote, durante o sono, o que deverá ser feito na sequência. Por ordem minha, as pessoas na aglomeração irão se afastar para você passar, e, em meio a alegres rituais e espetáculos festivos, ninguém ficará apavorado com esse seu aspecto deformado de agora, ou irá interpretar mal sua repentina mudança de forma, incriminando-o por má índole. Com toda a certeza, você deverá se lembrar e ter sempre enraizado, no fundo de sua mente, que todo o restante percurso de sua vida, até o fim do último suspiro, você está penhorado a mim. E isto não é nenhuma ofensa: dedicar-se inteiramente à divindade por cujo intermédio você terá voltado a viver na condição de ser humano. Por outro lado, você viverá feliz, viverá cheio de glória sob minha tutela. E quando você tiver completado o caminho de sua existência e chegar sua hora de descer aos infernos, também aí, exatamente no hemisfério subterrâneo, você irá me ver, como agora, brilhando entre as trevas do Aqueronte e reinando nos santuários do Estige. Ao se tornar habitante dos Campos Elísios, você irá adorar, com assiduidade, a deusa que lhe foi propícia. Em relação a isso, se você propiciar minha divindade com zelosa obediência, servindo-me devotamente e com obstinada pureza de costumes, fique você sabendo que apenas a mim é permitido estender o tempo de vida para além do estabelecido a você pelo destino."[7] Depois de ter sido proferido nesses termos o venerável oráculo, a divindade invencível recolheu-se em si mesma. Sem demora, quando me libertei do sono imediatamente e me levantei, num misto de pavor e alegria, e também suor em demasia, além de altamente maravilhado com tão evidente manifestação da presença da poderosa deusa, resolvi me molhar no orvalho do mar, concentrado nos importantes comandos da deusa, retomando o passo a passo das instruções. Sem demora,

quando o nevoeiro da noite escura se dissipou, e o sol dourado surgiu no horizonte, instantaneamente iniciou-se o vai-e-vem típico de celebração religiosa, totalmente triunfal, e pequenas multidões encheram todas as ruas.

Após ter recebido todas as instruções sobre como alcançar a rosa que quebraria o feitiço, o asno se mistura à multidão do festival religioso. (Livro XI, 12 a 14)

[12] Et ecce praesentissimi numinis promissa nobis accedunt beneficia et fata salutemque ipsam meam gerens sacerdos adpropinquat, ad ipsum praescriptum divinae promissionis ornatum dextera proferens sistrum deae, mihi coronam — et hercules coronam consequenter, quod tot ac tantis exanclatis laboribus, tot emensis periculis deae maximae providentia adluctantem mihi saevissime Fortunam superarem. Nec tamen gaudio subitario commotus inclementi me cursu proripui, verens scilicet ne repentino quadripedis impetu religionis quietus turbaretur ordo, sed placido ac prorsus humano gradu cunctabundus paulatim obliquato corpore, sane divinitus decedente populo, sensim inrepo. [13] At sacerdos, ut reapse cognoscere potui, nocturni commonefactus oraculi miratusque congruentiam mandati muneris, confestim restitit et ultro porrecta dextera ob os ipsum meum coronam exhibuit. Tunc ego trepidans, adsiduo cursu micanti corde, coronam, quae rosis amoenis intexta fulgurabat, avido ore susceptam cupidus promissi devoravi. Nec me fefellit caeleste promissum: protinus mihi delabitur deformis et ferina facies. Ac primo quidem squalens pilus defluit, ac dehinc cutis crassa tenuatur, venter obesus residet, pedum plantae per ungulas in digitos exeunt, manus non iam pedes sunt, sed in erecta porriguntur officia, cervix procera cohibetur, os et caput rutundatur, aures enormes repetunt pristinam parvitatem, dentes saxei redeunt ad humanam minutiem, et, quae me potissimum cruciabat ante, cauda nusquam! Populi mirantur, religiosi venerantur tam evidentem maximi numinis potentiam et consimilem nocturnis imaginibus magnificentiam et facilitatem reformationis claraque et consona voce, caelo manus adtendentes, testantur tam inlustre deae beneficium. [14] At ego stupore nimio defixus haerebam, animo meo tam repentinum tamque magnum non capiente Gaudium.

Tradução

[12] E, de repente, não mais do que de repente, juntou-se ao cortejo, em meu benefício, a solução prometida pela divindade superpoderosa, e o sacerdote que transportava meu destino e, mais precisamente, minha salvação se aproximou de mim, mais ou menos como tinha sido

prescrito durante a promessa divina, segurando na mão direita o sistro enfeitado da deusa e uma coroa, para mim – puxa vida! – uma coroa, é lógico que era para mim! Depois de tantos e tão desgastantes sofrimentos, depois de atravessar por tantos perigos, com a providência da deusa maior eu poderia superar a Fortuna, que me acossou com crueldade máxima. No entanto, apesar de atingido por súbito e completo contentamento, não corri impiedosamente na frente dele, evidentemente por temer que meu repentino ímpeto de quadrúpede viesse a perturbar a ordem e a paz da cerimônia. Foi, portanto, a passos calmos, exatamente como um ser humano, que eu, hesitante, me insinuei vagarosamente, colocando, pouco a pouco, o corpo de lado, no meio da multidão, que me deu passagem, sem dúvida alguma por inspiração divina. [13] O sacerdote, por outro lado, como de fato pude perceber, lembrou-se do oráculo noturno e, admirado com a conformidade do que estava acontecendo com a missão dada a ele, parou imediatamente de andar, estendeu a mão direita e deixou a coroa precisamente ao alcance de minha boca. Eu, então, trêmulo, com o coração palpitando, de pulso acelerado, me apropriei, com boca ávida, daquela coroa, trançada com doces rosas, que fulgurava diante de mim, e a devorei, desejoso de ter o que me havia sido prometido. E eu não me enganei com o prometido pelos céus, pois, logo em seguida, o aspecto disforme e feroz começou a se esvair de mim. E o que é melhor: a primeira coisa que saltou fora foi o pelo áspero. Em seguida, a pele grossa se afinou, a pança obesa retraiu-se, das plantas dos pés cresceram dedos, no lugar dos cascos, as mãos já não eram pés e se estendiam para cumprir as funções de quando erguidas, o longo pescoço diminuiu de tamanho, a boca e cabeça retomaram as formas arredondas, as orelhas enormes recuperaram a antiga pequenez, os dentes do tamanho de uma rocha voltaram a ser pequenos como os de um ser humano e, o que antes me atormentava muitíssimo, do rabo, nada em lugar nenhum! As pessoas ficaram admiradas, e os fiéis veneraram tamanha manifestação de poder da divindade maior, a genialidade da semelhança com as visões noturnas e a facilidade da metamorfose. E, assim, com voz clara e em uníssono, de mãos erguidas para o céu, solenemente declararam-se testemunhas de tão iluminado favorecimento da deusa. [14] Eu, por outro lado, imobilizado por desmesurada estupefação, fiquei parado, em silêncio, com meu coração a ponto de explodir de tanta e tão intensa alegria assim de repente.

Após retornar à sua forma humana, Lúcio se junta ao culto de Ísis e recebe suas primeiras tarefas como devoto da deusa (Livro XI, 22 a 30)

[22] (...) quantoque sumptu deberem procurare supplicamentis, ipsumque Mithram illum suum sacerdotem praecipuum divino quodam stellarum consortio, ut aiebat, mihi coniunctum

sacrorum ministrum decernit. Quis et ceteris benivolis praeceptis summatis deae recreatus animi necdum satis luce lucida, discussa quiete, protinus ad receptaculum sacerdotis contendo atque eum cubiculo suo commodum prodeuntem prodeuntem continatus saluto. [23] Ea protinus naviter et aliquanto liberalius partim ipse, partim per meos socios coemenda procuro. Iamque tempore, ut aiebat sacerdos, id postulante stipatum me religiosa cohorte deducit ad proximas balneas et prius sueto lavacro traditum, praefatus deum veniam, purissime circumrorans abluit, rursumque ad templum reductum, iam duabus diei partibus transactis, ante ipsa deae vestigia constituit secretoque mandatis quibusdam, quae voce meliora sunt, illud plane cunctis arbitris praecepit, decem continuis illis diebus cibariam voluptatem coercerem neque ullum animal essem et invinius essem. Quis venerabili continentia rite servatis, iam dies aderat divino destinatus vadimonio, et sol curvatus intrahebat vesperam. Tum ecce confluunt undique turbae sacrorum ritu vetusto variis quisque me muneribus honorantes. Tunc semotis procul profanis omnibus linteo rudique me contectum amicimine arrepta manu sacerdos deducit ad ipsius sacrarii penetralia. Quaeras forsitan satis anxie, studiose lector, quid deinde dictum, quid factum; dicerem, si dicere liceret, cognosceres, si liceret audire. Sed parem noxam contraherent et aures et lingua, <ista impiae loquacitatis>, illae temerariae curiositatis. Nec te tamen desiderio forsitan religioso suspensum angore diutino cruciabo. Igitur audi, sed crede, quae vera sunt. Accessi confinium mortis et calcato Proserpinae limine per omnia vectus elementa remeavi, nocte media vidi solem candido coruscantem lumine, deos inferos et deos superos accessi coram et adoravi de proximo. Ecce tibi rettuli, quae, quamvis audita, ignores tamen necesse est. ergo quod solum potest sine piaculo ad profanorum intellegentias enuntiari, referam. [24] Mane factum est, et perfectis sollemnibus processi duodecim sacratus stolis, sed effari deo eo nullo vinculo prohibeor, quippe quod tunc temporis videre praesentes plurimi. Namque in ipso aedis sacrae meditullio ante deae simulacrum constitutum tribunal ligneum iussus superstiti byssina quidem sed floride depicta veste conspicuus. Et umeris dependebat pone tergum talorum tenus pretiosa chlamida. Quaqua tamen viseres, colore vario circumnotatis insignibar animalibus; hinc dracones Indici, inde grypes Hyperborei, quos in speciem pinnatae alitis generat mundus alter. Hanc Olympiacam stolam sacrati nuncupant. At manu dextera gerebam flammis adultam facem et caput decore corona cinxerat palmae candidae foliis in modum radiorum prosistentibus. Sic ad instar Solis exornato me et in vicem simulacri constituto, repente velis reductis, in aspectum populus errabat. Exhinc festissimum celebravi natalem sacrorum, et suaves epulae et faceta convivia. Dies etiam tertius pari caerimoniarum ritu celebratus et ientaculum religiosum et teletae legitima consummatio. Paucis dehinc ibidem commoratus diebus inexplicabili voluptate simulacri divini perfruebar, inremunerabili quippe

beneficio pigneratus. Sed tandem deae monitu, licet non plene, tamen pro meo modulo supplicue gratis persolutis, tardam satis domuitionem comparo, vix equidem abruptis ardentissimi desiderii retinaculis. Provolutus denique ante conspectum deae et facie mea diu detersis vestigiis eius, lacrimis obortis, singultu crebro sermonem interficiens et verba devorans aio: [25] "Tu quidem sancta et humani generis sospitatrix perpetua, semper fovendis mortalibus munifica, dulcem matris adfectationem miserorum casibus tribuis. Nec dies nec quies nulla ac ne momentum quidem tenue tuis transcurrit beneficiis otiosum, quin mari terraque protegas homines et depulsis vitae procellis salutarem porrigas dexteram, qua fatorum etiam inextricabiliter contorta retractas licia et Fortunae tempestates mitigas et stellarum noxios meatus cohibes. Te superi colunt, observant inferi, tu rotas orbem, luminas solem, regis mundum, calcas tartarum. Tibi respondent sidera, redeunt tempora, gaudent numina, serviunt elementa. Tuo nutu spirant flamina, nutriunt nubila, germinant semina, crescunt germina. Tuam maiestatem perhorrescunt aves caelo meantes, ferae montibus errantes, serpentes solo latentes, beluae ponto natantes. At ego referendis laudibus tuis exilis ingenio et adhibendis sacrificiis tenuis patrimonio; nec mihi vocis ubertas ad dicenda, quae de tua maiestate sentio, sufficit nec ora mille linguaeque totidem vel indefessi sermonis aeterna series. Ergo quod solum potest religiosus quidem, sed pauper alioquin, efficere curabo: divinos tuos vultus numenque sanctissimum intra pectoris mei secreta conditum perpetuo custodiens imaginabor." Ad istum modum deprecato summo numine complexus Mithram sacerdotem et meum iam parentem colloque eius multis osculis inhaerens veniam postulabam, quod eum condigne tantis beneficiis munerari nequirem. [26] Diu denique gratiarum gerendarum sermone prolixo commoratus, tandem digredior et recta patrium larem revisurus meum post aliquam<?> multum temporis contendo paucosque post diebus deae potentis instinctu raptim constrictis sarcinulis, nave conscensa, Romam versus profectionem dirigo, tutusque prosperitate ventorum ferentium Augusti portum celerrime <pervenio> ac dehinc carpento pervolavi, vesperaque, quam dies insequebatur Iduum Decembrium, sacrosanctam istam civitatem accedo. Nec ullum tam praecipuum mihi exinde studium fuit quam cotidie supplicare summo numini reginae Isidis, quae de templi situ sumpto nomine Campensis summa cum veneratione propitiatur. Eram cultor denique adsiduus, fani quidem advena, religionis autem indigena. Ecce transcurso signifero circulo Sol magnus annum compleverat, et quietem meam rursus interpellat numinis benefici cura pervigilis et rursus teletae, rursus sacrorum commonet. Mirabar, quid rei temptaret, quid pronuntiaret futurum; quidni? <Qui> plenissime iam dudum videbar initiatus. [27] Ac dum religiosum scrupulum partim apud meum sensum disputo, partim sacratorum consiliis examino, novum mirumque plane comperior: deae quidem me tantum sacris imbutum, at magni dei

deumque summi parentis invicti Osiris necdum sacris inlustratum; quanquam enim conexa, immo vero unita ratio numinis religionisque esset, tamen teletae discrimen interesse maximum; prohinc me quoque peti magno etiam deo famulum sentire deberem. Nec diu res in ambiguo stetit. Nam proxuma nocte vidi quendam de sacratis linteis iniectum, qui thyrsos et hederas et tacenda quaedam gerens ad ipsos meos lares collocaret et occupato sedili meo religionis amplae denuntiaret epulas. Is ut agnitionem mihi scilicet certo aliquo sui signo subministraret, sinistri pedis talo paululum reflexo cunctabundo clementer incedebat vestigio. Sublata est ergo post tam manifestam deum voluntatem ambiguitatis tota caligo et ilico deae matutinis perfectis salutationibus summo studio percontabar singulos, ecqui vestigium similis ut somnium. Nec fides afuit. Nam de pastophoris unum conspexi statim praeter indicium pedis cetero etiam statu atque habitu examussim nocturnae imagini congruentem, quem Asinium Marcellum vocitari cognovi postea, reformationis meae <minime> alienum nomen. Nec moratus conveni protinus eum sane nec ipsum futuri sermonis ignarum, quippe iam dudum consimili praecepto sacrorum ministrandorum commonefactum. Nam sibi visus est quiete proxima, dum magno deo coronas exaptat, * * * et de eius ore, quo singulorum fata dictat, audisse mitti sibi Madaurensem, sed admodum pauperem, sui statim sua sacra deberet ministrare; nam et illi studiorum gloriam et ipsi grande compendium sua comparari providentia. [28] Ad istum modum desponsus sacris sumptuum tenuitate contra votum meum retardabar. Nam et viriculas patrimonii peregrinationis adtriverant impensae et erogationes urbicae pristinis illis provincialibus antistabant plurimum. Ergo duritia paupertatis intercedente, quod ait vetus proverbium, inter sacrum ego et saxum positus cruciabar, nec setius tamen identidem numinis premebar instantia. Iamque saepicule non sine magna turbatione stimulatus, postremo iussus, veste ipsa mea quamvis parvula distracta, sufficientem contraxi summulam. Et id ipsum praeceptum fuerat specialiter: "An tu" inquit "si quam rem voluptati struendae moliris, laciniis tuis nequaquam parceres: nunc tantas caerimonias aditurus impaenitendae te pauperiei cunctaris committere?" Ergo igitur cunctis adfatim praeparatis, decem rursus diebus inanimis contentus cibis, insuper etiam deraso capite, principalis dei nocturnis orgiis inlustratus, plena iam fiducia germanae religionis obsequium divinum frequentabam. Quae res summum peregrinationi meae tribuebat solacium nec minus etiam victum uberiorem subministrabat, quidni? Spiritu faventis Eventus quaesticulo forensi nutrito per patrocinia sermonis Romani. [29] Et ecce post pauculum tempus inopinatis et usquequaque mirificis imperiis deum rursus interpellor et cogor tertiam quoque teletam sustinere. Nec levi cura sollicitus, sed oppido suspensus animi mecum ipse cogitationes exercitius agitabam, quorsus nova haec et inaudita se caelestium porrigeret intentio, quid subsicivum, quamvis iteratae iam, traditioni remansisset: "Nimirum perperam vel minus plene

consuluerunt in me sacerdos uterque"; et hercules iam de fide quoque eorum opinari coeptabam sequius. Quo me cogitationis aestu fluctuantem ad instar insaniae percitum sic instruxit nocturna divinatione clemens imago: "Nihil est" inquit "quod numerosa serie religionis, quasi quicquam sit prius omissum terreare. Quin adsidua ista numinum dignatione laetus capesse gaudium et potius exsulta ter futurus, quod alii vel semel vix conceditur, teque de isto numero merito praesume semper beatum. Ceterum futura tibi sacrorum traditio pernecessaria est, si tecum nunc saltem reputaveris exuvias deae, quos in provincia sumpsisti, in eodem fano depositas perseverare nec te Romae diebus sollemnibus vel supplicare iis vel, cum praeceptum fuerit, felici illo amictu illustrari posse. Quid felix itaque ac faustum salutareque sit, animo gaudiali rursum sacris initiare deis magnis auctoribus." [30] Hactenus divini somnii suada maiestas, quod usus foret, pronuntiavit. Nec deinceps postposito vel in supinam procrastinationem reiecto negotio, statim sacerdoti meo relatis quae videram, inanimae protinus castimoniae iugum subeo et lege perpetua praescriptis illis decem diebus spontali sobrietate multiplicatis instructum teletae comparo largitus, <omnibus> ex studio pietatis magis quam mensura rerum <mearum> collatis. Nec hercules laborum me sumptuumque quidquam tamen paenituit, quidni? Liberali deum providentia iam stipendiis forensibus bellule fotum. Denique post dies admodum pauculos deus deum magnorum potior et potiorum summus et summorum maximus et maximorum regnator Osiris non in alienam quampiam personam reformatus, sed coram suo illo venerando me dignatus adfamine per quietem recipere visus est: quae nunc, incunctanter gloriosa in foro redderem patrocinia, nec extimescerem malevolorum disseminationes, quas studiorum meorum laboriosa doctrina ibidem exciverat. Ac ne sacris suis gregi cetero permixtus deservirem, in collegium me pastophorum suorum immo inter ipsos decurionum quinquennales adlegit. Rursus denique quaqua raso capillo collegii vetustissimi et sub illis Syllae temporibus conditi munia, non obumbrato vel obtecto calvitio, sed quoquoversus obvio, gaudens obibam.

Tradução

[...] Anunciou, também, o gasto que eu deveria ter com a cerimônia religiosa e destacou seu sacerdote principal, Mitra em pessoa, como ministro responsável por meu ritual sagrado, pois, como dizia, estávamos vinculados por certa conjunção divina de estrelas. De espírito renovado por essa e outras instruções benevolentes da magnífica deusa, mal clareou o dia, dissipei meu sono e marchei imediata e apressadamente rumo ao retiro do sacerdote. [23] Logo em seguida, cuidei de adquirir, com presteza e bastante generosidade, as coisas que deviam ser compradas

– algumas eu mesmo, outras com a ajuda de meus companheiros. Então, o sacerdote falou que já estava na hora de reunir o grupo e me conduziu, com a coorte de iniciados, até os banhos mais próximos, onde, primeiramente tomei um banho normal, para em seguida, o presidente, com a permissão dos deuses, fazer as abluções, aspergindo a minha volta com o mais puro dos líquidos. Então, fui, uma vez mais, reconduzido para o templo, quando já havia transcorrido dois terços do dia, e o sacerdote me posicionou exatamente diante dos pés da deusa, onde me repassou, em segredo, certas orientações, que é melhor serem transmitidas oralmente. Depois, ele informou abertamente, valendo-se de todo seu poder de decisão, que eu deveria refrear, pelos próximos dez dias, os prazeres da comida, não poderia comer nenhum animal, nem beber nada de vinho, o que respeitei com venerável continência, conforme determina o rito. Então, chegou o dia marcado para meu compromisso divino, e o sol em curva trazia o entardecer. Depois, de repente, não mais do que de repente, confluiu, de todos os lados, uma multidão de iniciados, que, seguindo o ritual antigo, me honraram todos eles com variados presentes. Depois disso, eles afastaram todos os não iniciados, me vestiram com uma túnica de linho nova, e o sacerdote me pegou pela mão e me conduziu exatamente para a parte interna do santuário. Você, talvez, esteja se perguntando com bastante ansiedade, zeloso leitor, o que, em seguida, se disse, o que se fez. Eu diria, se permitido fosse dizer; você tomaria conhecimento, se permitido fosse ouvir. Contudo, cometeriam crime idêntico tanto os ouvidos, quanto a língua, esta por loquacidade, aqueles por audaciosa curiosidade. No entanto, não atormentarei você, que esteja talvez em suspense por causa de desejo religioso com a angústia da espera. Portanto, ouça, mas também creia, pois é tudo verdade. Aproximei-me das raias da morte, pisei a soleira de Prosérpina e fiz o caminho de volta sendo transportado por entre todos os elementos; no meio da noite vi o sol brilhando com sua cândida luz; me aproximei, fiquei de frente com os deuses inferiores e os deuses superiores, adorei-os de perto. E pronto! Fiz o registro daquilo que, apesar de ouvido, forçoso é, no entanto, que você ignore. Sendo assim, irei agora fazer o registro somente daquilo que pode ser divulgado, sem sacrilégio, de acordo com a capacidade de entendimento dos não iniciados.[24] Fez-se manhã, e eu saí, depois de realizadas as cerimônias solenes, consagrado com doze estolas, que, apesar de serem vestes, na verdade, de caráter altamente religioso, não há nada que me impeça de falar sobre elas, mesmo porque, naquela hora, os muitos que estavam presentes puderam vê-las. O fato é que, bem no meio do templo sagrado, diante da estátua da deusa, tinha sido colocada uma plataforma de madeira, onde me mandaram ficar de pé, com um traje de linho muito fino, mas que tinha também pinturas florais, que atraiam a atenção de todos para mim. Dos ombros caía, ao longo das costas até os calcanhares, uma preciosa clâmide. Por onde quer que se olhasse, podia-se ver meus enfeites

de cores variadas, rodeados por figuras de animais: dragões da Índia aqui, grifos dos Hiperbóreos lá, gerados em outro mundo, à semelhança de aladas aves. Os iniciados denominam essa veste de "estola olímpica". Na mão direita, por outro lado, eu estava carregando uma tocha com fogo bastante alto, e uma coroa de palma cândida cingia elegantemente minha cabeça, pois suas folhas se projetavam para frente à maneira de raios. Era assim que eu estava adornado – como se fosse o sol – e parado, fazendo as vezes de estátua, até que, subitamente, as cortinas se retraíram, e o povo, em desordem, entrou para me contemplar. Desse momento em diante, celebrei muito alegremente meu nascimento para os mistérios, com uma refeição leve e em agradável companhia. Foi, ainda, celebrado um terceiro dia de cerimônia com ritual semelhante, e um almoço religioso e a legitimação de minha iniciação. Detive-me, desde então, por mais alguns dias nesse mesmo lugar, usufruindo ao máximo do inexplicável prazer que sentia diante da imagem divina, penhorado por um benefício, sem sombra de dúvida, impagável. Por fim, contudo, a comando da deusa, depois de ter cumprido com todas as obrigações pelas graças alcançadas, mesmo que não completamente, mas na proporção de meus humildes recursos, preparei-me para meu tardio retorno ao lar, rompendo, seguramente a grande custo, os laços do mais ardente desejo de estar sempre junto dela. Fiquei, enfim, prostrado, com a deusa diante de meus olhos, de rosto longamente colado aos pés enxutos dela, e as lágrimas jorraram. Com a voz entrecortada pelos frequentes soluços que me devoravam as palavras, afirmei: [25] — De fato, vós, santa e eterna redentora do gênero humano, sempre generosa ao favorecer aos mortais, concedeis o doce afeto de mãe às infelizes vítimas do acaso. Não se passa nem dia, nem calmaria, nem um segundo sequer alheio a vossos benefícios, sem que protegeis os homens na terra e no mar e estendeis vossa direita salvadora para lhes dissipar os vendavais da vida; sem que desfazeis os fios contorcidos dos destinos, mesmo os que não podem ser desenredados, e acalmeis as tempestades da Fortuna e impedis o curso funesto das estrelas. A vós cultuam os deuses superiores, respeitam os deuses inferiores; vós girais o globo, iluminais o sol, governais o mundo, pisais o Tártaro. A vós respondem os astros, retornam as estações, alegram-se as divindades, sujeitam-se os elementos. As vossas vontades sopram os ventos, conservam-se as nuvens, germinam as sementes, desenvolvem-se os brotos. A Vossa Majestade teme as aves que circulam pelo céu, as feras que erram pelos montes, as serpentes que se escondem no solo, os monstros que nadam no mar. Eu, por outro lado, sou pobre de talento para referenciar vossos méritos e fraco de patrimônio para vos oferecer sacrifícios. Falta-me riqueza vocabular para dizer o que sinto em relação a vossa majestade, e nem mil bocas e outras tantas línguas, ou a eterna sucessão de falas infatigáveis seriam o suficiente. Sendo assim, cuidarei de cumprir, pelo menos, com o único papel ao

alcance de um iniciado, é fato, mas pobre: manterei vosso semblante divino e venerabilíssima santidade guardados nos segredos de meu coração, conservando vossa imagem para sempre dentro de mim. Depois de dirigir minhas súplicas à suprema divindade exatamente dessa maneira, abracei o sacerdote Mitra, que daquele dia em diante era também meu pai, e fiquei agarrado ao pescoço dele, dando-lhe muitos beijos, enquanto lhe pedia desculpas, por não poder recompensá-lo à altura por tão grandes benefícios. [26] Em resumo, detive-me ali, durante muito tempo, estendendo a conversa e os agradecimentos a ele, até que, por fim, saí de lá e marchei direto para casa, para rever minha pátria, meu lar, depois de tanto tempo. Poucos dias depois, por inspiração da poderosa deusa, juntei às pressas minhas poucas bagagens, entrei num navio e parti rumo a Roma. Protegido pela prosperidade dos ventos que me levavam, cheguei muito rapidamente ao porto de Augusto e, de lá, saí voando em uma carruagem de duas rodas, dando entrada nessa sacrossanta cidade na tarde do dia seguinte aos idos de dezembro. Desse momento em diante, nenhuma outra ocupação em particular eu tive, a não ser adorar diariamente a divindade suprema da rainha Ísis, que, por causa da localização de seu templo em Roma, recebeu o nome de Ísis do Campo de Marte, onde é venerada com o mais elevado respeito. Em resumo, eu era um fiel assíduo, estrangeiro no santuário, é fato, mas nativo em relação à religião. De repente, sem que eu me desse por isso, o grandioso Sol completou seu percurso do círculo do zodíaco, e um ano se passou. Foi quando, uma vez mais, o cuidado sempre vigilante da benéfica divindade me interpelou durante o sono e me advertiu que seria preciso, uma vez mais, realizar a iniciação e, uma vez mais, o ritual sagrado. Fiquei admirado com isso, me perguntando o que ela estava tentando fazer, ou que futuro estava preparando para mim. Como assim? Eu me via como mais do que plenamente iniciado já há muito tempo! [27] Enquanto examinava detalhadamente essa questão religiosa, em parte sob meu próprio ponto de vista, em parte discutindo-a com o conselho de iniciados, descobri algo completamente novo e extraordinário. De fato, eu tinha sido introduzido apenas nos mistérios da deusa, mas ainda não tinha sido honrado com a luz sagrada do invicto Osíris, o grandioso deus, o pai supremo dos deuses. O fato é que, apesar de conectadas as divindades, ou, melhor dizendo, era una a natureza delas, bem como a religião, havia, no entanto, uma enorme diferença no que dizia respeito à iniciação. Nessas circunstâncias, era de se supor que eu estava agora sendo convocado como servo do grandioso deus, também. Essa situação não permaneceu ambígua por muito tempo, pois, na noite seguinte, sonhei com certo iniciado, que estava vestido com roupas de linho e carregava tirsos, folhas de hera e certos objetos sobre os quais se deve silenciar, que ele colocou exatamente junto de meus deuses lares, para, em seguida, ocupar meu assento e declarar a abertura do banquete em honra à sublime religião. Ele, evidentemente para me suprir

de uma indicação certa, com que eu pudesse reconhecê-lo, caminhava a passos vacilantes, calmamente, com o calcanhar do pé esquerdo um pouquinho recurvado. Sendo assim, depois de tão grande manifestação da vontade dos deuses, excluiu-se toda e qualquer incerteza e, imediatamente após a conclusão das saudações matutinas à deusa, sondei um por um, com o máximo de atenção, para ver se algum deles dava passos semelhantes aos de meu sonho. E minha intuição não falhou, pois vi, diante de meus olhos, imediatamente, um dos Pastóforos que, além do indício do pé, ainda tinha a altura e a indumentária exata e precisamente de acordo com a imagem noturna. Depois, vim a saber que ele se chamava Asínio Marcelo, um nome estranhamente ligado à metamorfose por que passei. E eu não me detive e fui ter com ele sem pestanejar. Ele, é claro, não ignorava o que eu estava para lhe falar, uma vez que, já há algum tempo, tinha sido advertido, em instrução idêntica, da obrigação de ministrar meus ritos sagrados. Na verdade, ele tinha sonhado, na calmaria da noite anterior, que, enquanto estava ajustando as coroas do grandioso deus, [...] da boca dele, que prescreve os destinos de cada um, ouviu que tinha sido enviado para ele um Madaurense, bastante pobre, mas que, como sacerdote, deveria ministrar a este o ritual sagrado imediatamente, pois, por intermédio de sua Providência, não só ao iniciado estava reservada glória nos estudos, mas também ao sacerdote uma grande quantia em dinheiro.[28] Apesar de ter obtido dessa maneira a promessa de passar pelo ritual sagrado, contra minhas expectativas, por causa da falta de recurso para cobrir os gastos, eu tinha de procrastinar a cerimônia, pois não só as despesas com a viagem tinham estourado meu orçamento, mas também as despesas da cidade grande ultrapassavam muitíssimo as que eu tinha antes nas províncias. Sendo assim, sob o embargo da dura pobreza, como diz o velho ditado, eu estava entre a cruz e a espada, pois que estava sendo não menos pressionado pela incessante insistência da divindade. Por inúmeras vezes eu já tinha sido encorajado a fazê-lo, não sem grande turbulência, até que, por fim, passou a ser uma ordem, e eu tive de me desfazer de minha própria veste, que, apesar de pobrezinha, foi suficiente para reunir uma pequena soma. E foi exatamente essa a instrução em particular que me foi repassada. Ele disse:— Se você estivesse empenhado em resolver alguma questão relativa a seus prazeres, não iria poupar nem as próprias roupas, absolutamente não! Agora que você está prestes a adentrar tão importantes cerimônias, está em dúvida se deve ou não se entregar a uma pobreza que não há de lhe trazer arrependimento? Sendo assim, então, depois de deixar tudo suficientemente organizado, me conformei, uma vez mais, em ingerir alimentos de origem vegetal por dez dias, além de ter, também, raspado a cabeça. Honrado com as luzes dos mistérios noturnos do deus primeiro, passei a frequentar o culto divino de uma religião irmã já com plena confiança. Essa situação representava para mim um consolo máximo, por estar em terras peregrinas, e não

deixava, também, de me suprir com meios de vida mais proveitosos. Como não? Favorecido pela brisa do Sucesso, me alimentei de pequenos processos judiciais, com o suporte da língua de Roma.[29] E, de repente, não mais do que de repente, pouquinho tempo depois, fui interpelado, uma vez mais, pelas inesperadas e sempre admiráveis ordens dos deuses, que me coagiram a passar igualmente por uma terceira iniciação. Uma preocupação, contudo, nada desprezível me deixou em estado de alerta e de espírito extremamente duvidoso, pois que não parava de fazer reflexões, eu comigo mesmo, sobre os objetivos e intenções que teriam levado os deuses celestiais a buscar essa reafirmação nova e sem precedentes, tentando descobrir o que poderia ter sido deixado para trás e que faltava à iniciação, apesar de já ter sido repetida. Seguramente ambos os sacerdotes fizeram algo errado, ou incompleto em mim! Puxa vida! Eu já estava começando a fazer mau julgamento até mesmo da honestidade deles. Era nesse fluxo fervilhante de reflexões que eu me encontrava, agitado e feito louco, quando uma pacífica imagem me deu as seguintes instruções durante uma profecia noturna: — Não há nada por trás dessa longa série de atos religiosos, nem motivo para temer que algo tenha sido negligenciado antes. Pelo contrário! Alegre-se com essa incessante honra dispensada a você pelas divindades e não deixe essa satisfação escapar! Orgulhe-se, é melhor assim! Você está prestes a viver três vezes aquilo que a outros, quando muito, é concedido uma única vez! Presuma que você será sempre feliz – observe este número! De mais a mais a próxima iniciação aos ritos sagrados lhe é inteiramente necessária, se levar em conta, pelo menos, o fato de que, agora, os despojos da deusa, que recebeu na província foram depositados nesse mesmo santuário, que é onde devem continuar. Você não pode usá-los em Roma nem mesmo em dias solenes de celebração e adoração, ou ter a honra de mostrar o brilho dessas suas fecundantes vestes. Assim, para que você seja também fecundante, e tenha saúde e prosperidade, com ânimo em festa, seja iniciado uma vez mais no ritual sagrado aos grandiosos deuses fundadores! [30] Bastou a convincente majestade do sonho divino para me apontar o que viria depois. E eu não adiei ou coloquei esse assunto em segundo plano por preguiça, mas, incontinente corri até meu sacerdote para relatar a visão que tinha tido. Logo em seguida, me submeti à obrigação de me abster de alimentos de origem animal, espontaneamente multiplicando o período de comedimento de dez dias, prescrito na perpétua lei. Comprei em abundância, e paguei, tudo que tinha sido indicado nas instruções da iniciação, mais por dedicação e sentimento de respeito do que à proporção de meus bens. Mas, puxa vida! Não me arrependi de nada – nem da trabalheira, nem dos gastos que tive. E por que não? Por meio da generosa Providência dos deuses, me dei lindamente bem com minha renda proveniente de atividades forenses. Por fim, muito poucos dias depois, o deus mais poderoso entre os grandiosos deuses, supremo entre os poderosos, o maior entre os

supremos, o regente dos maiores, Osíris, apareceu para mim em sonhos, não metamorfoseado em alguma outra pessoa qualquer, mas dignou-se a ficar face a face diante de mim, em sua própria veneranda forma, e falou comigo que, agora, Eu deveria, sem hesitar, abandonar a gloriosa defesa de causas no fórum e não recear os boatos de pessoas maldosas, que a laboriosa doutrina de meus estudos provocaria no mesmo instante. E, para que eu servisse a seus mistérios sem ficar misturado aos demais participantes em geral, o deus me escolheu para integrar o colégio de seus Pastóforos, mais especificamente o grupo de decuriões quinquenais. Por fim, uma vez mais, raspei todo o cabelo que tinha na cabeça e, exultante de alegria, sem disfarçar, ou encobrir a calvície, exibindo-a por onde quer que fosse, passei a me dedicar às funções oficiais desse colégio dos mais antigos, fundado nos tempos de Sila.